P. JOÃO RAVIZZA
(Da Arcádia Romana)

GRAMÁTICA LATINA

NONA EDIÇÃO
31 - 40.000 Exemplares

Acrescida de um compêndio da história da literatura latina

Escolas
Profissionais Salesianas
— NITERÓI —

Ruy Barbosa

Rio, 20 de nov., 918.

Revmo. Sr. Pe. João Ravizza:

Bem que com grande atrazo (perdoe-me V. Revma. esta falta), não commetterei a de deixar de lhe agradecer o exemplar, com que me presenteou, da sua Grammatica da Lingua Latina. E' uma das melhores, que tenho conhecido. Escripta com alta competencia, muita clareza e excellente

methodo, reune, a meu ver, quali-
dades, que a tornam recommen-
davel, não só para os alumnos,
mas tambem para todos os estudio-
sos, sem exceptuar os mestres. Muito
penhorado lhe fica, por ter tido, gra-
ças ao seu mimo, occasião de o
conhecer, o de V. Revma

mto. atto. e obro. servo

Ruy Barbosa

PREFACIO

QUAL é o livro didático que em qualquer disciplina pode constituir o ideal para ser adotado em nossos Ginásios?

Sem medo de qualquer contestação ou objeção séria — com a experiência de quase 40 anos de magistério — e tendo em vista os diversos interesses em jogo, podemos responder: E' o livro ÚNICO e COMPLETO que se entrega ao aluno desde o primeiro ano da matéria até a conclusão do estudo da disciplina. E isso sem distinção de Curso nem tampouco de matéria *principal* ou *secundária*, porque essa distinção diz respeito tão somente à pedagogia didática do livro e porque qualquer disciplina constitue sempre um *quid unum indivisibile*.

Não simpatizamos com os resumos que são a negação de qualquer cultura. Procuramos aplicar esses princípios à nossa GRAMÁTICA LATINA — 9.ª edição.

Com efeito: E' livro *único* e *completo*.

Destina-se esta gramática aos estudantes dos cursos *ginasiais* e *complementares* ou *pre-universitários*. Por ser a mais extensa e completa até agora publicada em língua portuguesa, é a melhor para ser adotada nos *Seminários* em que o curso de latim deve ser feito em seis anos.

Foi escrita tanto para aqueles que *só precisam dos elementos essenciais da língua*, como para aqueles que devem estudá-la a fundo como chave de uma cultura superior filosófica e teológica.

Para alcançar praticamente esta grande finalidade, temos a dizer que são DUAS GRAMÁTICAS num SÓ VOLUME, porque em corpo 10 foi reeditada quase toda a sexta edição da Elementar (já esgotada), arcabouço completo da língua e já de per si uma excelente gramática e em corpo 8 todos os comentários, observações, explicações e notas.

Obedecendo a distribuição da matéria a este critério eminentemente pedagógico, poderá facilmente o professor distinguir o essencial do secundário e escolher de acordo com as necessidades da própria aula. A abundância da matéria nunca pode constituir um empecilho para quem quer que seja — afirmar o contrário seria a negação de todo o bom senso.

Seu excelente método pedagógico proclama-o o grande número de exemplares vendidos.

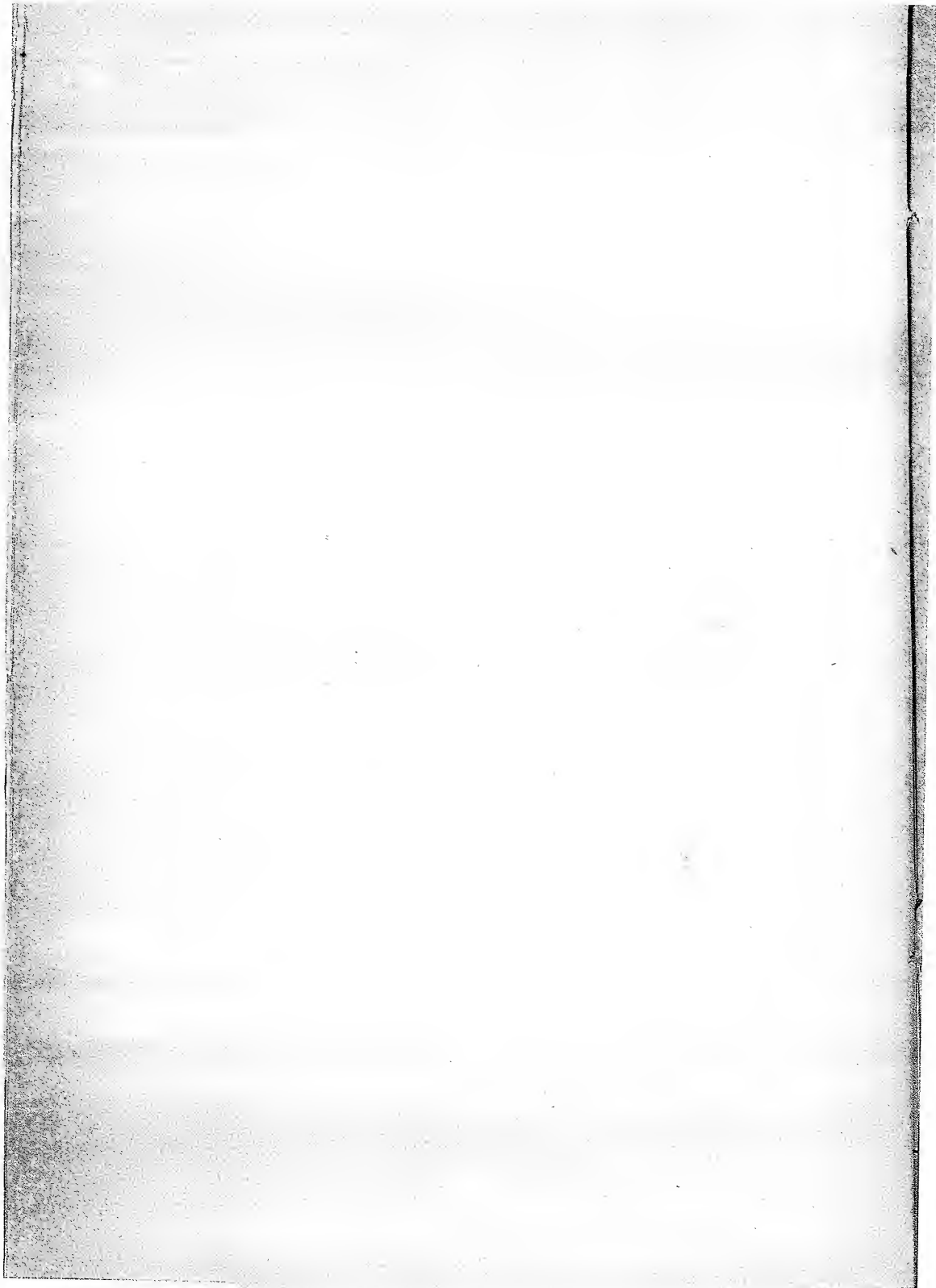
Se o lucro fosse o único ideal da nossa iniciativa, facílimo nos teria sido explorar a boa fé do público, impingindo-lhe um daqueles livros em que a capa berrante e uns atavios tipográficos escondem a pobreza absoluta da matéria que pretendem explanar.

O quanta species... cerebrum non habet! Se a raposinha de Fedro vivesse em nossos dias não aplicaria sua crítica às máscaras de teatro, mas... a não poucos livros didáticos, que infelizmente pululam entre nós.

Não. Não enveredamos por este caminho de conquistas faceis armados tão somente das desinências das cinco declinações e dos esquemas das quatro conjugações, mas preferimos apresentar um *verdadeiro* livro didático, uma boa e completa gramática latina, que aguarda com confiante tranquilidade a crítica *honesta* dos entendidos.

Lorena, 1 de Janeiro de 1940.

P. João Ravizza
(Da Arcádia Romana)

FONOLOGIA E MORFOLOGIA

PRIMEIRA PARTE

FONOLOGIA

CAPITULO I

ALFABETO LATINO. — ESCRITA E PRONÚNCIA

1. — O alfabeto latino tem 24 letras:

A, a	G, g	N, n	T, t
B, b	H, h	O, o	U, u
C, c	I(J), i(j)	P, p	V, v
D, d	K, k	Q, q	X, x
E, e	L, l	R, r	Y, y
F, f	M, m	S, s	Z, z

A forma maiúscula das letras chama-se tambem *uncialis* de *uncia* (0,m024), que era a duodécima parte do *pes* (=cerca de 0,m29). As letras minúsculas só apareceram no quarto século pouco mais ou menos.

As letras maiúsculas se usam como em português. Particularidade do latim era servir-se das maiúsculas nos adjetivos e advérbios derivados de nomes próprios, p. ex.: *res Romana, litterae Latinae, Latine dicere, carmina Vergiliana.*

a) O **j** (*i* consoante) não era usado pelos Romanos na escrita; havia, porem, diferença na pronúncia. A distinção entre *i* e *j* é posterior à idade média. **I** é consoante (*j*) quando precede uma vogal, tanto no princípio como no meio da palavra: *ianua=janua,* porta; *coniuratio=conjuratio,* conjuração; em todos os outros casos é vogal, p. ex.: *ais,* tu dizes, etc.

Exceção. — E' vogal no particípio *iens,* o que vai; no adjetivo positivo *tenuia,* cousas tênues; nos comparativos *tenuior,* mais tênue; *assiduior,* mais assíduo, e nas palavras gregas como *iambus,* jambo, *iaspis,* jaspe.

b) o **k** ficou nas palavras *Kalendae,* o primeiro dia do mês, *Kaeso* (tambem *Caeso*), Cesão, nome romano. Escrevia-se *Karthago* e *Carthago,* Cartago.

c) O **y** só se encontra nas palavras de origem grega, e foi introduzido no alfabeto latino na época de Cícero, p. ex.: *lyra, syllaba, Lysander, Mysia.* No princípio de palavra o **y** é sempre precedido de **h,** que corresponde ao espírito forte da língua grega, p. ex.: *hymnus, hydra.*

d) O **t** originariamente pronunciava-se sempre com o som do *t* português. Foi no período da decadência da língua latina que prevaleceu o uso de pronunciar esta consoante como *ci* antes de *ĭ* (i breve) seguido de vogal, p. ex.: *propitĭus*, propício, pron. *propicius; amicitĭa*, amizade, pron. *amicicia*. Este uso conserva-se tambem no caso vocativo singular dos nomes próprios em *ĭus* da segunda declinação, onde se suprimiu a vogal *e*, depois do *i*, p. ex.: *Horati*, que se pronuncia *Horaci*, Horácio; *Tati*, pron. *Taci*, Tácio; *Munati*, pronuncia-se *Munaci*, Munácio.

Pronuncia-se sempre como em português:

I) Se for seguido de um *ī* (i longo) ou acentuado, p. ex.: *totīus* e *petiĕram*, pron. *totius*, *petieram*.

II) Se for precedido de *s*, *x* ou *t*, p. ex.: *hostia*, *Bruttium*, *mixtio*, *justior*.

III) Nos vocábulos gregos e estrangeiros, p. ex.: *Miltiades*, *Boeotia*, *Aegyptius*.

IV) Na antiga desinência em *ier* do infinito, p. ex.: *patier* por *pati*, *nitier* por *niti*, e em *vitium* gen. pl. de *vitis*, videira, para diferençá-lo talvez de *vitium*, *ii*, n., vício.

CAPITULO II

SONS.

A. — Vogais.

2. — *a)* As vogais latinas são cinco: **a**, **e**, **i**, **o**, **u**. O **y** só se encontra, como vimos, em vocábulos de origem grega.

Quanto ao *esforço* empregado na pronúncia, são vogais **fortes**: **a**, **o**, **u**, e **fracas**: **e**, **i**.

Quanto ao *som*, as mesmas vogais dividem-se em **fechadas**: **a**, **o**, **u**, — e **abertas**: **e**, **i** — e finalmente em **brandas**: **u** e **i**, porque, contrapostas às **ásperas**: **a**, **o**, **e**, formam os ditongos.

b) A fusão de dois sons produz o **ditongo**, que é um som duplo, isto é, igual a duas vogais pronunciadas de uma só vez. A primeira vogal denomina-se *prepositiva*, e a outra *subjuntiva*. Na língua latina o ditongo resulta:

1.º) da união das *vogais ásperas* com *as brandas*.

2.º) das *brandas* entre si.

Observações. — *1)* Os ditongos ae e oe pronunciam-se como e, p. ex.: ae*tas*, poe*na*, =etas, pena.

2) Nas palavras de origem grega, e tambem em muitas de origem latina dois pontos (trema) sobre a vogal *e* indicam que cada vogal de *ae* e *oe* deve ser pronunciada separadamente, p. ex.: *aër; poëta*=*a-er*, *po-eta*.

3) Não é obrigatório o uso do trema. Só se exige quando pode haver confusão entre duas formas, p. ex.: *aëris*, genitivo de *aër*, o ar, e *aeris*, genitivo de *aes*, bronze.

4) Nos ditongos o acento fica sobre a primeira das duas vogais, p. ex.: *āurum*, pronuncia-se *áurum; ēuge*, *éuge; déinde* e não *deínde*.

B. — Consoantes.

3. — *a*) As *consoantes* classificam-se, quanto ao orgão em que se produz a modificação do som por elas representada, em:

I) **guturais : c, (ch), g, (k), q** e **n** antes de **g, c, q** ;
II) **dentais : d, t, (th), n, s** ;
III) **labiais : b, f, m, p, (ph), v** ;
IV) **linguais : r, l.**

b) As consoantes, conforme exigirem ou não o auxílio da vogal para a pronúncia, dividem-se em **mudas** e **semivogais.**

As **guturais : c, (ch), (h), g, (k), q,**
As **dentais : d, t, (th),**
As **labiais : b, f, p, (ph), v.**
} são **mudas**

As mudas subdividem-se em:

I) **brandas : c, (k), q, t, p, f** ;
II) **médias : g, d, b, v** ;
III) **aspiradas : (h), (ch), (ph), (th).**

As **semivogais** são: **l, m, n, r, s, f, v, i(=j)**, que se subdividem em:

I) **líquidas : l, r** ;
II) **nasais : m, n** ;
III) **sibilante : s** ;
IV) **espirantes : f, v, i(=j).**

As consoantes duplas **x** e **z** pertencem às **mudas** e às **semivogais**, sendo **x = cs, gs, qs**, e **z = ds, ts.**

CAPITULO III

DIVISÃO DAS SÍLABAS E QUANTIDADE

A. — Divisão das sílabas.

4. — *a*) A primeira de duas vogais, que não formam ditongo, pertence à sílaba antecedente; a outra, à seguinte, p. ex.: *me-us; ardu-a; pi-us.*

b) Uma consoante entre duas vogais forma sílaba com a segunda, p. ex.: *pa-ter*, pai; *do-le-mus*, nós nos afligimos.

c) Duas ou mais consoantes postas entre duas vogais pertencem à segunda vogal se constituirem um grupo que possa ser inicial de uma palavra latina (*), p. ex.: *pa-tris*, do pai; *ho-spi-tis*, do hóspede; *du-plex;* mas escrever-se-á *scrip-si*, escreví, *am-nis*, rio, *rap-tus*, *per-fec-tus*, etc.

(*) Na lingua latina são possiveis só os seguintes grupos iniciais de palavra:

bl,	cl,	fl,	gl,	pl,	
br,	cr,	fr,	gr,	pr,	tr,
sc,	sp,	st,			
scr,	spl,	spr,	str.		

Dr só se encontra no nome próprio *Drusus*, Druso; *gn* em *gnarus*, que sabe, e raramente em *gnavus*, diligente; *gnatus*, nascido. — *Cn* é abreviação de *Gnaeus*.

Observação. — A consoante dupla x constitue sílaba com a primeira vogal, p. ex.: *vix-i*, viví; *ax-is*, eixo. Encontra-se tambem *vi-xi, a-xis*.

d) De duas consoantes iguais, uma pertence à vogal antecedente e outra à seguinte, p. ex.: *bel-lum*, guerra; *Grac-chus*, Graco.

e) As palavras compostas dividem-se segundo as palavras componentes, p. ex.: *post-ea*, depois destas cousas; *praeter-eo*, passo alem, *dis-tribuĕre*, distribuir.

B. — Quantidade.

5. — Chama-se **quantidade** das sílabas o maior ou menor espaço de tempo empregado na prolação de umas sílabas em relação a outras do vocábulo. As sílabas dividem-se em breves (◡), longas (—) e comuns (⏓), isto é, breves ou longas.

A diferença fundamental destas duas classes de sílabas, breves e longas, consiste em que a longa era considerada como o duplo da breve, ainda que a proporção não fosse sempre absolutamente rigorosa.

A *breve* marca-se com o sinal ◡, p. ex.: *ĕt*.

A *longa* com o sinal —, p. ex.: *audāx*.

A *comum* com o sinal ⏓ ou ⏒, p. ex.: *tenĕ̄brae*.

CAPITULO IV

ACENTUAÇÃO.

6. — Princípios fundamentais:

a) Nenhuma palavra latina, exceto as monossílabas, tem o acento na última sílaba; nas polissílabas nunca passa alem da antepenúltima.

b) A palavra latina dissílaba tem sempre o acento na penúltima sílaba, p. ex.: *dólor, hómo*, etc.

c) Nas polissílabas o acento cai:

I) na penúltima, se esta for longa por natureza ou por posição: *contīngit, adulēscens, adulescēntis, amābam, amabāmus*, etc.

II) na antepenúltima, se a penúltima for breve, p. ex.: *adulescéntĭbus, clamórĭbus*, etc.

Observações. — *I*) Nas poucas palavras que sofrem apóstrofe ou elisão, o acento fica na sílaba primitiva: *abdúc=abdúce; satín'=satísne; vidén'=vidésne*, etc., mas *éffer=éffere; calefác=calefáce*.

2) *Făcio* nos compostos onde se conserva o *a* (p. ex.: *calefacio; satisfacio*, que tambem se escreve *satis facio*) conserva o acento próprio, *satisfácis* e no passivo *satisfít*; assim *satisdó, venundó, pessundó* e outros que originariamente se escreviam *satis do, venum do, pessum do*, etc.

3) Têm o acento, porem, na *penúltima*, ainda que *breve*, os vocativos em *i* dos nomes próprios da segunda declinação, e os genitivos em *ī* em vez de *ii*, nos nomes em *ĭus* e *ĭum* da mesma declinação, porque o *i* final é contração de *ie* ou *ii* e o acento na palavra completa cairia na antepenúltima sílaba. Por ex.: *Vergíli* (de *Vergilie*); *Mercúri* (de *Mercurie*); *ingéni* (de *ingenii*); *impéri* (de *imperii*) etc. Há, todavia, gramáticos que, tanto num caso como no outro, põem o acento na antepenúltima e pronunciam *Vérgĭlī, ímpĕrī, íngĕnī*, etc.

4) Os vocábulos latinizados da língua grega ou de qualquer outra língua estrangeira seguem, quanto ao acento, as regras do latim, p. ex.: *máchĭna* e não *machiná; Alexánder* e não *Aléxander*, etc.

Nos últimos anos da época imperial começaram (especialmente poetas cristãos que latinizaram vozes gregas) a descuidar a quantidade para conservar o acento grego, p. ex.: *ídōlum* em vez de *idólum*, *paráclītus* em lugar de *paraclítus*, etc.

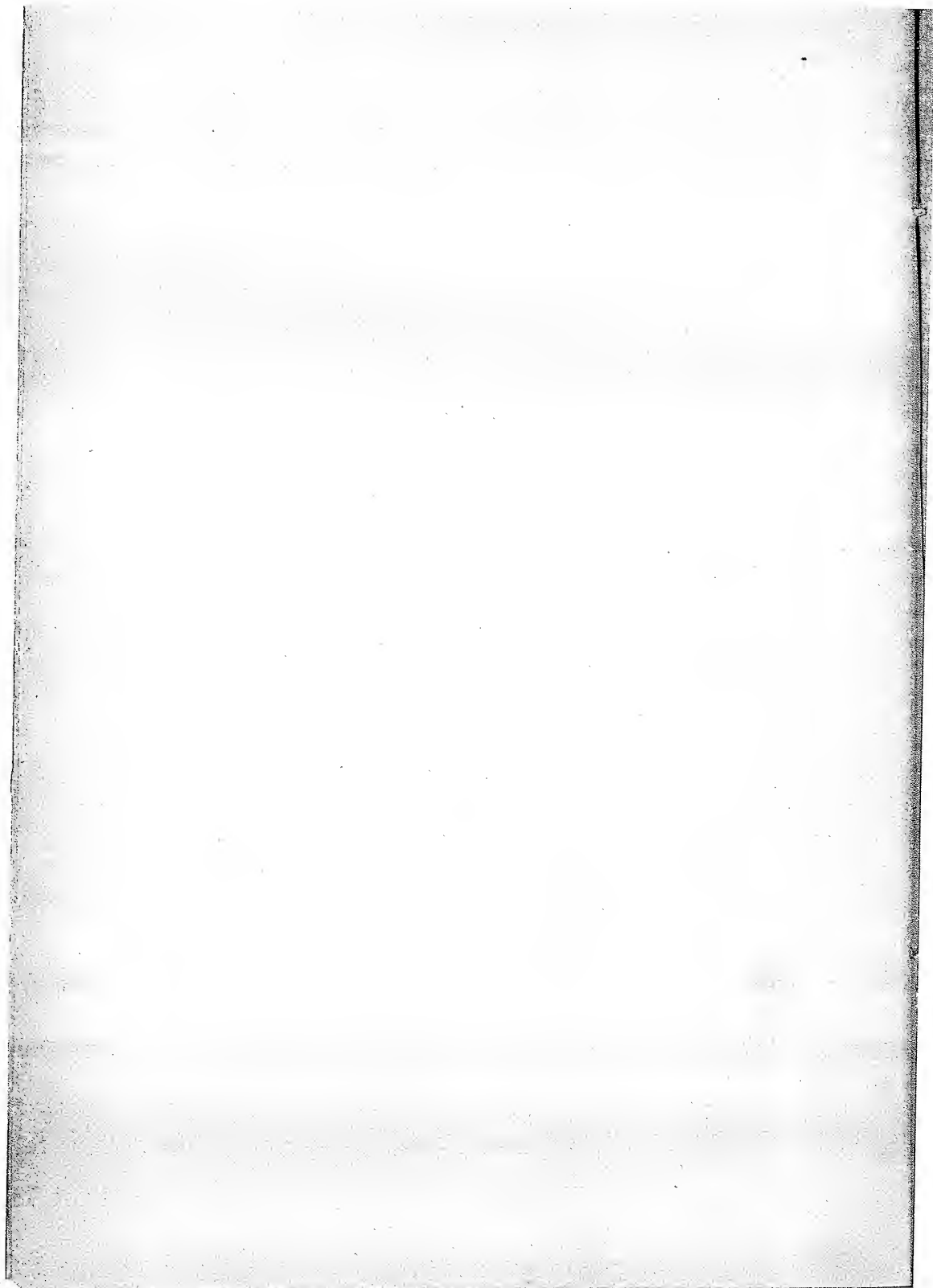
d) As **enclíticas** *que* (e), *ve* (ou), *met, dum, dem, te, pte, tem, ce, ne* (inter.), segundo nota o antigo gramático Sérvio, perdem o acento próprio, mas exigem na última sílaba, quer breve quer longa, o acento da palavra antecedente, p. ex.: de *múnĕră, munerấque*, de *scelestă, scelestấque; pleráque; omniáque; amaréque*.

Os gramáticos modernos, porem, estabeleceram as regras seguintes:

I) se a palavra a que se acrescenta a enclítica tem o acento na *antepenúltima sílaba*, o mesmo acento desloca-se para a última, quer seja breve, quer longa, p. ex.: *scéleră — scelerắque; ómniă — omniắque; hóminĕ — hominĕ́que; hóminēs — hominḗsque*.

II) se a palavra a que se acrescenta a enclítica tem o acento na *penúltima sílaba*, o acento fica na mesma sílaba *se a última for breve*, p. ex.: *sceléstă — sceléstăque; honóre — honórĕque; rósă* (nom. sing.) — *rósăque*. Mas, *se a última for longa*, por natureza ou posição, o acento desloca-se para a última, p. ex.: *rósā* (abl. sing). — *rosā́que; sceléstŭs — scelestŭ́sque*.

Observações. — *1*) Com relação à enclítica *ne*, dizem alguns gramáticos que se fazem ouvir os dois acentos, p. ex.: *hóminesné, pútasné, tántaené*, etc.

2) Não se deve confundir a palavra seguida de enclítica com a palavra igual de significação própria, p. ex.: *itáque = et ita, ítaque = portanto; utrăque = et utra, útrăque = uma e outra; utíque = et ut, útique* = certamente.

SEGUNDA PARTE

MORFOLOGIA

CAPITULO V

PARTES DO DISCURSO — GÊNERO E NÚMERO.

A. — Partes do discurso

7. — As partes do discurso são oito, a saber: *substantivo, adjetivo, pronome* e *verbo*, variaveis; *preposição, advérbio, conjunção* e *interjeição*, invariaveis.

B. — Gênero.

8. — O latim tem três gêneros: *masculino, feminino* e *neutro* (nem masculino nem feminino). O gênero de um substantivo é determinado pela significação da palavra, *gênero natural*, ou pela terminação, *gênero gramatical*. Em geral, observa-se que são *masculinos* os nomes dos seres do sexo masculino, e os das cousas que o uso considera como tais, p. ex.: *poëta*, poeta; *Scytha*, Cita, etc. — *Femininos* os nomes dos seres do sexo feminino, e os das cousas que o uso considera como tais, p. ex.: *mulier*, mulher; *anus*, velha.

Em particular, observa-se:

1) São **masculinos** os nomes de *rios, ventos, meses* (originariamente verdadeiros adjetivos, subentendendo-se *mensis*, mês) p. ex.: *Garumna*, Garumna, (Garona, França); *Tiberis*, Tibre, — *Aquĭlo*, aquilão; *auster*, austro. — *Junius*, Junho; *September*, Setembro.

2) São **femininos** os nomes de *árvores, ilhas, cidades*, p. ex.: *malus*, macieira; — *Sardinia*, Sardenha; — *Lesbos*, Lesbos; — *Cyprus*, Cipro; — *Roma*, Roma.

3) São **neutros** os nomes de frutas (conforme a desinência), as palavras indeclinaveis, como as letras do afabeto, os infinitos dos verbos e todas as partículas, p. ex.: *malum*, maçã; *nefas*, impiedade; *vivĕre* (*turpe*); *ā* (*longum*).

Tambem uma palavra declinavel, citada como voz, é de gênero neutro, p. ex.: *arbŏris est trisyllăbum*. — Neutra tambem é toda uma proposição, p. ex.: *illud ne quid nimis*, aquele famoso provérbio: nada de mais = evitemos os excessos.

Exceções e amplificações. — *a*) Os nomes usados metaforicamente para indicar pessoa, mas que originariamente indicavam cousas ou nomes abstratos, seguem o gênero gramatical ou o da desinência, p. ex.: *mancipium*, (propriedade) e o escravo; *servitium*, a servidão (e) o escravo (tambem no plural); *auxilia*, auxílios (tambem com a significação de *tropas auxiliares*); *opĕrae*, obra (em sentido abstrato e concreto = *operários*).

b) Os rios *Allia, Matrŏna, Sequăna, Lēthē* e *Styx* (gen. *Stygis*) são de gênero feminino.

c) Os nomes dos continentes (terras, paises, reinos, províncias) seguem o gênero gramatical. Excetuam-se: *Aegyptus, Epīrus, Peloponnēsus*, que são femininos; portanto *Pontus*, m: *Latium*, n., etc.

d) São **masculinos** os nomes das seguintes cidades: *Crŏto, Hippo, Narbo, Sulmo, Vesontio, Canōpus, Orchomĕnus*, e todos os plurais em **i**, que originariamente indicavam os habitantes, p. ex.: *Argi* (*orum*), *Coriŏli, Delphi, Vei*, etc. — Os que terminam em **um**, em **a**, **orum**, em **ur**, em **e**, e os indeclinaveis são neutros, p. ex.: *Tuscŭlum, Ilĭum, Leuctra* (*orum*), *Tibur, Tergeste* (tambem — *um*, n.), *Argos*, etc.

e) *Oleaster, stri*, zambujeiro, é masculino; *rōbur, ŏris*, carvalho; *ăcĕr, ĕris*, bordo; *sūber, ĕris* sobreiro, são neutros.

f) Os nomes das peças teatrais são femininos, não obstante a significação e a desinência, pois, fica sempre subentendido: *fabŭla*, peça teatral, p. ex.: *Truculentus*, o Truculento, comédia de Plauto; *Eunūchus*, comédia de Terêncio, *acta est*, representou-se.

9) — Chama-se **comum de dois** o apelativo que, com uma só forma, admite os dois gêneros gramaticais, determinados respetivamente pelo sexo que se quer indicar, p. ex.:

affīnis afim (o, a), parente por afinidade;
artĭfex, artista (o, a);
cīvis, cidadão, cidadã;
cŏmes, companheiro, companheira;
dux, condutor, coudutora;
hēres, herdeiro, herdeira;
hostis, inimigo, inimiga;
infans, menino, menina;
interpres, interprete (o, a);
obses, refém (o, a);
sacerdos, sacerdote, sacerdotisa;
vates, vate, profetisa.

10 — Chamam-se **moveis**, *mobilia*, os substantivos que formam o masculino e o feminino acrescentando-se-lhes uma desinência diversa.

O feminino termina em **a**, **e**; se o masculino terminar em *tor*, tem a desinência *trix*, p. ex.:

domĭnus, senhor,
domĭna, senhora;
filius, filho;
filia, filha;
magister, mestre,
magistra, mestra;
victor, vencedor,
victrix, vencedora;
servus, escravo,
serva, escrava;
rex, rei,
regīna, rainha.

11 — O gênero dos animais segue a desinência, sem distinção do sexo, portanto *corvus*, o corvo, é de gênero masculino; *aquila*, a águia, é de gênero feminino. Estes nomes chamam-se **epicenos ou promíscuos.**

Precisando indicar explicitamente o gênero, acrescenta-se *mās, maris*, ou *mascŭlus, a, um*, para indicar o masculino e *femĭna* para indicar o feminino, p. ex.: *corvus mās* ou *mascŭlus*, o corvo macho; *corvus femĭna*, o corvo fêmea; *aquĭla mas* ou *mascŭla* e *aquĭla femina*.

12 — Observa-se ainda:

a) Alguns indicam o feminino por palavras desconexas:

taurus, touro,
vacca, vaca;
ĕquus, cavalo,
ĕqua, égua;
arĭes, carneiro,
ŏvis, ovelha;
gallus, galo,
gallīna, galinha,
caper, bode,
capra, cabra;
leo, leão,
leaena, leoa.

b) *Bōs, mūs, lĕpus, cănis*, boi, rato, lebre, cão e assim *anguis, serpens*, serpente e *tigris*, tigre, usam-se como masculino, quando não se cousidera o sexo, mas só a espécie de animais; quando, porem, se quer indicar a fêmea, usam-se no gênero feminino.

c) *Grūs* e *sūs*, grou e porco, usam-se ordinariamente como femininos; quando se indica o macho, são considerados de gênero masculino.

C. — Número.

13. — Os números são dois: *singular* e *plural*. Emprega-se o *singular* para significar uma só pessoa ou cousa; o *plural* quando se fala de mais pessoas ou cousas.

CAPITULO VI

PROPOSIÇÃO.

Análise lógica da proposição. (*)

14. — **Proposição** é um complexo de palavras que exprime um juizo e compõe-se logicamente de 1) *sujeito*, de 2) *predicado* e de 3) *complementos*. Por exemplo: a terra é redonda, o poeta ama a glória, a Grécia foi o berço da poesia.

1) **Nominativo.** — A pessoa ou cousa que exerce ou sofre a ação expressa pelo verbo chama-se *sujeito*, e responde à pergunta *quem? que é que é?* — Que é que é redondo? A terra, sujeito. Quem ama a glória? O poeta, sujeito. Qual o berço da poesia? A Grécia, sujeito.

2) **Predicado** é aquilo que se afirma ou se nega do sujeito. O predicado subdivide-se em **verbal** e **nominal**.

O *predicado* é *verbal*, se for um *verbo*, p. ex.: o mestre *ensina*, nós *aprendemos*, em que *ensina* e *aprendemos* são predicados verbais. Praticamente o predicado verbal não apresenta nenhuma dificuldade. Substitue-se à forma verbal portuguesa a correspondente latina.

O *predicado* é *nominal*, se for um *nome* (adjetivo ou substantivo) e une-se ao sujeito por meio do verbo *ser*, chamado verbo de *ligação* ou *unitivo*, p. ex.: a amizade nunca é *molesta*, Deus é *santo*, a terra é *redonda*, a piedade é o *fundamento* de todas as virtudes, os prisioneiros foram *presa* dos soldados, a Grécia foi o *berço* da poesia.

(*) Não entendemos apresentar e muito menos discutir neste lugar as razões pelas quais em nossas escolas se torna, não digo conveniente, mas necessário o estudo da língua latina.

Apesar, porem, de sua indiscutivel utilidade e necessidade, é um fato que a língua latina se tornou o pesadelo dos estudantes, um verdadeiro suplício intelectual para os nossos ginasianos. Quais as razões?

Parece-nos que, entre as muitas, se podem apontar duas de ordem moral e duas de ordem técnica.

AS DE ORDEM MORAL:

1) Os muitos preconceitos e prejuizos contra a mesma língua, p. ex.: não serve para a vida, é dificil, é uma língua morta, etc., são tão futeis que não merecem ser discutidos.

2) Exige, especialmente nos seus inícios, como nenhuma outra língua, toda a **atenção** e **raciocínio** do estudante, e sob este ponto de vista aguça e afina a inteligência, como o estudo das matemáticas. Praticamente é sabido como todo o aluno procura sempre aplicar a lei do menor esforço.

AS DE ORDEM TECNICA:

1) A língua latina apresenta certas dificuldades **reais**, mas facilmente superaveis, que não se encontram, por exemplo, no francês, porque o latim é língua sintética e não analítica como a portuguesa, que para o aluno serve de ponto de partida e de comparação.

2) Não se pode absolutamente iniciar o seu estudo (e esta é a razão principal) sem **ao menos conhecer a análise da proposição.** E' um verdadeiro absurdo querer explicar as declinações sem primeiro explanar a função lógica dos casos latinos, porque, apoderando-se o desânimo ou triunfando qualquer preconceito na inteligência do aluno, ele, na melhor das hipóteses, nunca mais quererá compreender a mecânica de uma língua que algo se afasta das que ele conhece.

Não se insiste suficientemente sobre este ponto tão essencial para o estudo de qualquer língua sintética. Com efeito, como poderá traduzir ou verter se ainda

3) Complementos

GRUPO A

Genitivo. — *1)* **Complemento ou adjunto de especificação ou restritivo.** — E' o que indica a *espécie* de um nome que serve de sujeito, de predicado ou de complemento, p. ex.: a vida *dos agricultores* é feliz, a Grécia foi o berço *da poesia*, amo as flores *do jardim*. *Dos agricultores, da poesia, do jardim* são adjuntos ou complementos de especificação, porque indicam a espécie de vida que é feliz, a espécie de berço de que foi pátria a Grécia, a espécie de flores que eu amo. O complemento de especificação ou restritivo exprime-se com a preposição *de* e suas variações articuladas *do, dos; da, das* e responde à pergunta *de quem? de que?* — O perfume *da rosa* é agradavel.

Dativo. — *2)* **Complemento ou adjunto terminativo ou objeto indireto.** — E' o que denota a pessoa ou cousa que é termo ou fim da ação, a pessoa ou cousa sobre que *recai indiretamente* a ação do verbo transitivo ou intransitivo, p. ex.: o general distribuiu a pilhagem *aos soldados*. Nesta proposição a palavra que completa o significado do verbo *distribuir*, ou melhor a palavra sobre a qual cai indiretamente a ação do mesmo verbo é *pilhagem*, mas o verbo atinge tambem *indiretamente* a outra: *aos soldados*. Mais exemplos: Solão deu ótimas leis *aos Atenienses*, as palavras insolentes desagradam *aos sábios*, obedeço *ao pai*. O complemento terminativo ou objeto indireto exprime-se com a preposição *a* e suas variações articuladas *ao, aos; à, às* e tambem com outras preposições. Responde à pergunta *a quem? a que?*— Deus deu *à rosa* um perfume agradavel.

---

não sabe distinguir entre sujeito, predicado, objeto direto e adjuntos adverbiais? Não é que a língua latina seja dificil: o que falta é **método e paciência**.

A função lógica do caso é a mesma em todas as declinações. Apoderando-se bem deste segredo fundamental, o aluno já estará adiantado, porque as desinências, consideradas sob este ponto de vista, são muito secundárias e se reduzem a um problema mnemônico.

Qual sistema de análise se deve adotar?

Eis um problema sem solução. Parece que os nossos gramáticos em seus trabalhos, aliás bem eleborados, tiveram a preocupação de tornar as cousas mais dificeis do que na realidade o são. Nunca o adágio latino *quot capita tot sententiae* téve tão boa aplicação como no caso presente.

Os mestres teóricos da língua portuguesa por demais se afastaram dos moldes da análise latina, fazendo verdadeira filosofia da linguagem ou aplicando sistemas menos próprios para um idioma neo-latino. Seja como for, é evidente que o latim tem tambem as suas pequenas exigências, que devem ser atendidas, e, portanto, qualquer dos métodos de análise lógica que se estudam nas gramáticas portuguesas, tem que sofrer algumas modificações. Razão por que dos vários sistemas só se pode escolher o material que serve **praticamente** para o estudo da **língua latina**, eliminando-se o que é supérfluo, se bem que sábia e esplendidamente dito. Estamos persuadidos de que até agora não se encontra um método de análise lógica portuguesa que, na sua totalidade, se possa aplicar ao estudo inicial da língua do Lácio, porque certas subtilezas metafísicas não cabem nas inteligências juvenís e tambem porque as duas línguas, derivando uma da outra, têm os seus pontos de contato, mas tambem a sua evolução histórica deu lugar a inúmeras divergências morfológicas e sintáticas.

A análise que **serve praticamente** para o estudo inicial do latim se pode reduzir aos elementos que passamos a expor neste capítulo.

Acusativo. — *3*) **Complemento objetivo** ou **objeto direto.** — E' o termo *que recebe diretamente* a ação expressa pelo verbo transitivo ativo. E' o *paciente* da ação verbal, cujo agente é o sujeito p. ex.: o agricultor cultiva *os campos*, os soldados defendem *a pátria*. Nestes exemplos os termos *campos*, *pátria* recebem diretamente a ação do verbo transitivo *cultivar* e *defender*. Responde à pergunta *quem? o que?* — O poeta ama *a rosa*.

Vocativo. — *4*) **Vocativo** não é complemento e usa-se com *ó* para indicar pessoa ou cousa a que se dirige a palavra, p. ex.: *ó menino*, ama o estudo; *ó rosa*, tu és formosa.

GRUPO B

Ablativo. — *1*) **Complemento agente** ou de **causa eficiente.** — E' o que indica a pessoa (agente) ou cousa (causa eficiente) pela qual é feita uma ação, sendo o sujeito o *recipiente* ou *paciente*. Neste caso o verbo está sempre na voz passiva, p. ex.: a virtude é louvada *por todos*, a terra é iluminada *pelo sol*. Responde à pergunta *por quem? por que?* — Pompeu foi vencido *por Cesar*.

2) — **Complementos circunstanciais ou adjuntos adverbiais de**

a) *Tempo.* — E' o que indica o tempo em que acontece a ação, p. ex.: *no ano passado* visitamos as mais belas cidades da Europa.

b) *Lugar.* — E' o que indica o lugar em que se realiza a ação, p. ex.: Germânico morreu *em Antioquia*, e Catão suicidou-se *em Útica*.

c) *Causa.* — E' o que indica a causa em virtude da qual acontece a ação, p. ex.: *por teu esquecimento* fiz um triste papel; muitos são virtuosos não *pelo amor* da virtude, mas *pelo temor* da pena.

d) *Instrumento.* — E' o que indica o instrumento ou meio com o qual se faz a ação, p. ex.: os touros batem-se *com os chifres*; *com o anzol* apanham-se os peixes.

e) *Companhia.* — E' o que indica a pessoa com a qual se faz a ação, p. ex.: o pai saiu *com o irmão*; Cesar partiu *com todo o exército*.

f) Outros complementos circunstanciais são os seguintes:

de *apreciação*, p. ex.: o palácio foi avaliado *em cinco talentos*.

de *preço*, p. ex.: o rei Átalo comprou um único quadro *por cem talentos*;

de *modo* ou *maneira*, p. ex.: atendei *com diligência* ao estudo das letras;

de *origem*, p. ex.: Marco Túlio Cícero nasceu de *família equestre*;

de *afastamento*, p. ex.: Anibal acampou *a 15 milhas* de Tarento;

de *qualidade*, p. ex.: teu pai é homem *de grande constância*, etc., etc.

15. — Ainda faltam dois elementos importantíssimos na análise da proposição: *atributo* e *aposto*.

Atributo é o *adjetivo* que modifica simplesmente o substantivo, mudando-lhe o conceito, p. ex.: a vida *rústica* é mestra de economia; o *bom* pai e a *boa* mãe dirigem a família; amo os *bons* livros; darei um prêmio aos meninos *diligentes*.

Aposto é o *substantivo* que determina simplesmente outro nome e ambos designam a mesma pessoa ou cousa, p. ex.: Alexandre, *rei* dos Macedônios, levou a guerra a Dario, *rei* dos Persas; morreu Tuliazinha, meu *encanto.*

MODELO DE ANALISE (*)

1) *A terra é redonda.*
Terra, *suj.;* é, *verbo;* redonda, *predicado nom. adjetivo.*
2) *As setas dos Citas eram agudas.*
Setas, *suj.;* dos Citas, *compl. de especificação;* eram, *verbo;* agudas, *pred. nom. adj.*
3) *Os poetas louvam as mesas frugais dos agricultores.*
Poetas, *suj.;* louvam, *verbo;* as mesas, *obj. direto;* frugais, *atr.;* dos agricultores, *compl. de especif.*
4) *A rosa rescende.*
Rosa, *suj.;* rescende, *predicado verbal.*
5) *Os agricultores amam a economia e a modéstia.*
Agricultores, *suj.;* amam, *verbo;* economia e modéstia, *obj. diretos.*
6) *Diana era a deusa das florestas.*
Diana, *suj.;* era, *verbo;* deusa, *predic. nom. substan.;* das florestas, *compl. de especif.*
7) *Os romanos foram os senhores do mundo.*
Romanos. *suj.;* foram, *verbo;* senhores, *predic. nom. substan.;* do mundo, *compl. de especif.*
8) *A tua eloquência, ó Marco Túlio, foi muitas vezes de auxílio aos Romanos.*
Tua, *atr.;* eloquência, *suj.;* ó Marco Túlio, *voc.;* foi, *verbo.;* auxílio, *predic. nom. substan.;* aos Romanos, *compl. terminativo* ou *obj. indireto.*
9) *Os campos e os prados agradam aos filhos e às filhas de família.*
Campos, prados, *suj.;* agradam, *verbo;* aos filhos e às filhas, *compl. term.;* de família, *compl. de especif.*
10) *O Nilo é um rio do fertil Egito.*
Nilo, *suj.;* é, *verbo;* rio, *predic. nom. substan.;* fertil, *atrib.;* do Egito, *compl. de especificação.*
11) *Os poetas latinos celebram o grande poder de Júpiter, rei dos deuses e dos homens.*
Poetas, *suj.;* latinos, *atr.;* celebram, *verbo;* poder, *obj. diret.;* grande, *atr.;* de Júpiter, *compl. de espec.;* rei, *aposto;* dos deuses e dos homens, *compl. de especificação.*
12) *Alexandre, rei dos Macedônios e filho de Felipe, venceu a Dario, rei dos Persas.*
Alexandre, *suj.;* rei, *aposto;* dos Macedônios, *compl. de especif.;* filho, *aposto;* de Felipe, *complem. de especif.;* venceu, *verbo;* Dario, *objeto direto;* rei, *aposto;* dos Persas, *compl. de especif.*
13) *Pompeu foi vencido por Cesar.*
Pompeu, *suj.;* foi vencido, *verbo pass.;* por Cesar, *compl. agente.*
14) *O mundo é governado pela providência de Deus.*
Mundo, *suj.;* é governado, *verbo.;* pela providência, *compl. de causa eficiente;* de Deus, *compl. de especif.*
15) *O Templo de Jano foi fechado por Numa Pompílio, segundo rei dos Romanos.*
Templo. *suj.;* de Jano, *compl. de especif.;* foi fechado, *verbo pass.;* por Numa Pompílio, *compl. agente;* rei, *aposto;* segundo, *atr.;* dos Romanos, *compl. de especif.*
16) *Os Lucanos criavam os meninos nas matas.*
Lucanos, *suj.;* criavam, *verbo;* meninos, *obj. dir.;* nas matas, *adjunto adverbial de lugar.* (**)

(*) Do primeiro livro de Exercícios Latinos: *A Morfologia Latina,* sexta edição.

(**) Para maior desenvolvimento deste sistema de análise, veja nossa brochura: *Propedêutica latina — Noções de análise lógica,* terceira edição.

CAPITULO VII

TEMA — DESINÊNCIA — DECLINAÇÃO.

16. — *a*) As relações lógicas supramencionadas de especificação, de terminação, de agente, de instrumento, etc., exprimem-se em português por meio de preposições: *de* Pedro, *do* filho, *dos* filhos, *ao* filho, *às* filhas; *com* valor; *com* a virtude, etc. Na língua portuguesa temos, outrossim, o artigo, *o* filho, *a* filha. *O latim, ao invés, carece de artigo,* e exprime as relações lógicas do substantivo ou do adjetivo **por meio de modificações na sua parte final.** Razão por que, pela *terminação final* de um adjetivo ou substantivo e *pelo contexto,* se compreende com toda a facilidade a sua função lógica na proposição.

O que fica dito torna-se evidente no seguinte exemplo em que, em português, as diversas relações lógicas do substantivo *filho* se exprimem por meio de preposições e encontramos o artigo:

O filho é bom (*o filho,* sujeito).

Aquele é pai *de* um bom *filho* (*de filho,* compl. de cspecificação).

O pai deu o prêmio (ou um prêmio) *ao filho* (*ao filho,* compl. terminativo ou objeto indireto).

O pai ama o *filho* (*o filho,* objeto direto).

O' filho, ama o pai (*ó filho,* vocativo).

O pai é amado *pelo filho* (*pelo filho,* compl. agente).

Em latim não se encontra o artigo e todas estas relações lógicas de sujeito, de compl. de especificação, de compl. terminativo, etc., se exprimem *modificando o substantivo* **filho** *na sua parte final.*

A cada modificação corresponde uma função lógica bem determinada. Com efeito:

O filho é bom — *fil***ius** *est bonus.*

Aquele é pai *de* um bom *filho* — *fil***i** *boni ille est pater.*

O pai deu o prêmio ou um prêmio *ao filho* — *fil***io** *dedit pater praemium.*

O pai ama *o filho* — *fil***ium** *pater amat.*

O' filho, ama o pai — *fil***i**, *ama patrem.*

O pai é amado *pelo filho* — *a fil***io** *pater amatur.*

b) A parte final variavel de qualquer substantivo ou adjetivo chama-se **desinência**; a outra parte fixa e invariavel chama-se **tema.**

c) **Declinar** significa acrescentar ao *tema* as *desinências* dc cada um dos *casos.*

Em latim há seis **casos** no *singular* e seis no *plural*:

1) Nominativo 2) Genitivo 3) Dativo 4) Acusativo 5) Vocativo 6) Ablativo	**singular**	1) Nominativo 2) Genitivo 3) Dativo 4) Acusativo 5) Vocativo 6) Ablativo	**plural**

1) O **nominativo** é o *caso* do *sujeito*, portanto todo sujeito vai para o caso nominativo ou a idéia lógica de sujeito se exprime sempre pelo *caso nominativo*, p. ex.: *a rosa* rescende — **rosa** *olet*.

2) O **genitivo** é o *caso* do *complemento ou adjunto de especificação* ou *restritivo*, portanto toda idéia lógica do complemento ou adjunto de especificação ou restritivo se exprime sempre pelo *caso genitivo*, p. ex.: o perfume *da rosa* é agradavel —*odor* **rosae** *est suavis*.

3) O **dativo** é o *caso* do *complemento ou adjunto terminativo* ou *objeto indireto*, portanto toda idéia lógica do complemento ou adjunto terminativo ou objeto indireto se exprime sempre pelo *caso dativo*, p. ex.: Deus deu *à rosa* um perfume agradavel = *Deus dedit* **rosae** *odorem suavem*.

4) O **acusativo** é o *caso* do *complemento objetivo ou objeto direto*, portanto toda idéia lógica do complemento objetivo ou objeto direto se exprime sempre pelo *caso acusativo*, p. ex.: o poeta ama *a rosa* = *poeta amat* **rosam**.

5) O **vocativo** é o *caso* que indica pessoa ou cousa a que se dirige a palavra, portanto esta idéia lógica se exprime sempre pelo *caso vocativo*, p. ex.: *ó rosa*, tu és formosa = *pulchra es*, **rosa**.

6) O **ablativo** é o *caso* do complemento agente ou de causa eficiente, de tempo, de lugar, de causa, de instrumento, de companhia, de modo ou maneira, etc.; portanto toda idéia lógica destes diversos complementos se exprime sempre pelo *caso ablativo*, p. ex.: a terra é iluminada *pelo sol* = *terra* **sole** *illustratur*.

Observações. — *1*) O nominativo e o vocativo chamam-se *casos retos*, isto é, independentes; os outros, *casos oblíquos*, isto é, dependentes.

2) **Declinação** significa propriamente *inclinação*. — Declina-se o nome como que inclinando-o da posição reta do nominativo (caso reto) para a oblíqua dos outros casos (casos oblíquos).

17. — As declinações são **cinco** e distinguem-se principalmente pelo *genitivo singular*. — **Explicação:** Os substantivos latinos estão como que divididos em cinco categorias ou classes, que tomam o nome de *declinações*: *primeira* declinação, *segunda*, *terceira*, *quarta* e *quinta* declinação.

Qualquer dicionário latino registra os substantivos do seguinte modo:

1) Dá sempre por extenso o substantivo no caso nominativo sing. (se o substantivo não tiver o número singular, dá o nominativo plural, mas estes não são muitos). Sabe-se que o nominativo é a forma subjetiva (= sujeito).

2) Imediatamente acrescenta a desinência do genitivo singular (ou do genitivo plural, se o substantivo não tiver singular). Não está escrita a palavra *genitivo*, mas não pode haver engano ou dúvida a este respeito, em seguida o gênero abreviado: *m.* = masculino, *f.* = feminino, *n.* = neutro, p. ex.:

Rosa, *rosa, ae,* f.
Senhor, *dominus, i,* m.
Oração, *oratio, onis* (para facilitar, na terceira às vezes se regristram as últimas sílabas, mas fica sempre de pé — que a desinência da terceira declinação é tão somente **IS**), f.
Mão, *manus, us,* f.
Dia, *dies, ei,* m.

Tendo o genitivo em **AE,** o sub. pertence à *primeira decl.*
» » **I** » » *segunda* »
» » **IS** » » *terceira* »
» » **US** » » *quarta* »
» » **EI** » » *quinta* »

Dado o genitivo singular é cousa facílima fazer os outros casos do singular e do plural, pois, em qualquer declinação, basta eliminar a desinência do mesmo genitivo (*ae, i, is, us, ei*) e substituí-la com a desinência do caso que se quer formar. Por exemplo, querendo fazer o acusativo singular do substantivo português *a rosa,* seguirei este processo:

1) Procuro no dicionário o correspondente latino, e encontro o nominativo *rosa,* gen. *rosae.*

2) Pela terminação *ae* do genitivo conheço que o substantivo pertence à primeira declinação.

3) Eliminando-se *ae,* desinência do genitivo singular, terei o tema *ros-.*

4) Acrescento a este tema a desinência do acusativo singular, que na primeira declinação é sempre *-am,* e terei: *ros-am.*

Outro exemplo:

Faça-se o genitivo plural do substantivo português *senhor.*
Na língua latina corresponde o nom. *dominus,* gen. *domini,* da segunda declinação. — Eliminando-se o *-i,* desinência do genitivo da segunda, acho o tema *domin-* — A este tema acrescento a desinência do genitivo plural, que na segunda declinação é sempre *-orum,* e terei: *domin-orum.*

Observação. — Um substantivo nunca pode passar arbitrariamente de uma declinação para outra.

Aplicação prática

Os exercícios práticos que devem preceder imediatamente o estudo da primeira declinação devem obedecer ao seguinte critério:

a) Mandem-se decorar as seguintes regrazinhas de sintaxe que dizem respeito às concordâncias:

1) O *verbo* concorda com o sujeito em pessoa e número.

2) O *predicado nominal adjetivo* concorda *com o sujeito* em gênero, número e caso.
O *predicado nominal substantivo* concorda *com o sujeito* em caso, conservando o gênero e o número que lhe são próprios.

3) O *adjetivo atributo* concorda *com o substantivo a que se refere* em gênero, número, e caso.

4) O *aposto vai para o caso do nome a que se refere,* conservando o gênero e o número que lhe são próprios.

5) O *complemento agente* ou de *causa eficiente vai para o caso ablativo* com *a* ou *ab,* se for pessoa; sem preposição, se for cousa.

b) Complete-se em seguida a análise da proposição acrescentando-se ao substantivo sujeito, compl. de especificação, terminativo, objeto direto, etc. o caso correspondente latino. Ao lado de cada predicado se mande escrever a regra de sintaxe que lhe é própria, conforme se é adjetivo ou substantivo, e o mesmo se faça com o adjetivo atributo, com o substantivo aposto e com os verbos. Por exemplo:

1) *A terra é redonda.*
Terra, suj. sing., *caso nominativo sing.;* é, verbo, ind., terc. pess. do sing.; redonda, *predicado nom., adjetivo, concorda com o nominativo terra em gênero, número e caso.*

2) *Diana era a deusa das florestas.*
Diana, suj. sing.; *nom.;* era, verbo, ind., terc. pess. do sing.; deusa, *pred. nom. substan., concorda com o nominativo Diana em caso, conservando o gênero e o número que lhe são próprios;* das florestas, compl. de especif., plural, *genitivo plural.*

3) *Os agricultores amam a economia e a modéstia.*
Agricultores, suj. plural, *nom. plural;* amam, verbo, ind., terc. pess. do plural; economia, obj. dir. sing., *ac. sing.;* modéstia, obj. dir., sing., *caso ac. sing.*

4) *O Nilo é um rio do fertil Egito.*
Nilo, suj. sing., *nom. sing.;* é, verbo, ind., terc. pess. do sing.; rio, *predic. nom. substan., concorda com o nominativo Nilo em caso, conservando o gênero e o número que lhe são próprios;* fertil, *atributo de Egito e concorda com este substantivo em gênero, número e caso;* do Egito, compl. de especif., sing., *genitivo singular.*

Observação. — Estes exercícios, como os da pág. 20, devem ser numerosos porque os consideramos básicos no estudo da língua latina. Seguindo este nosso critério, cremos que o estudo das declinações não apresentará grandes dificuldades.

§ I

PRIMEIRA DECLINAÇÃO

18. — A primeira declinação tem o nominativo singular em **a** e o genitivo em **ae** ditongo; compreende substantivos de gênero masculino e feminino.

Desinências dos casos da primeira declinação

SINGULAR		PLURAL	
Nom.	ă	Nom.	ae
Gen.	ae	Gen.	ārum
Dat.	ae	Dat.	īs
Ac.	am	Ac.	ās
Voc.	ă	Voc.	ae
Abl.	ā	Abl.	īs

a) **Substantivos de gênero masculino.**

Singular		Plural	
Nom.	poët-**a**, *o poeta.*	Nom.	poët-**ae**, *os poetas.*

Gen.	poët-**ae**, *do poeta.*	Gen.	poët-**ārum**, *dos poetas.*
Dat.	poët-**ae**, *ao poeta.*	Dat.	poët-**is**, *aos poetas.*
Ac.	poët-**am**, *o poeta.*	Ac.	poët-**as**, *os poetas.*
Voc.	poët-**a**, *ó poeta.*	Voc.	poët-**ae**, *ó poetas.*
Abl.	poët-**a**, *do, pelo poeta.*	Abl.	poët-**is**, *dos, pelos poetas.*

Do mesmo modo declinam-se:

Agricŏla, agricŏlae, *o camponês o agricultor*, bibliopōla, bibliopōlae, *o livreiro*, collēga, collēgae, *o companheiro, o colega*, nauta, nautae, *o marinheiro*. scriba, scribae, *o secretário, o escrivão*, scurra, scurrae, *o bobo, o truão, etc.*

b) **Substantivos de gênero feminino.**

	Singular		Plural
Nom.	ros-**a**, *a rosa.*	Nom.	ros-**ae**, *as rosas.*
Gen.	ros-**ae**, *da rosa.*	Gen.	ros-**ārum**, *das rosas.*
Dat.	ros-**ae**, *à rosa.*	Dat.	ros-**is**, *às rosas.*
Ac.	ros-**am**, *a rosa.*	Ac.	ros-**as**, *as rosas.*
Voc.	ros-**a**, *ó rosa.*	Voc.	ros-**ae**, *ó rosas.*
Abl.	ros-**a**, *da, pela rosa.*	Abl.	ros-**is**, *das, pelas rosas.*

Por este declinam-se os seguintes e outros de gênero feminino:

Planta,	plantae,	*a planta;*	via,	viae,	*o caminho;*
praeda,	praedae,	*a presa;*	cura,	curae,	*o cuidado;*
fabŭla,	fabŭlae,	*a fábula;*	casa,	casae,	*a choupana.*

Substantivos que têm o dativo e o ablativo plural em ABUS.

19. — Os substantivos *dea, filia, liberta* no dativo e ablativo plural, alem da forma regular em *is*, têm uma irregular em *ābus*, quando estão unidos ou contrapostos aos correspondentes dativos e ablativos plurais masculinos da segunda declinação *dis, filiis, libertis* (dos nom. *deus, filius, libertus*). Assim se diz **dīs deabusque**, aos deuses e às deusas; **filiis et filiabus**, aos filhos e às filhas; **libertis et libertabus**, aos libertos e às libertas; **non solum filiis sed etiam filiabus**, não só aos filhos mas tambem às filhas.

Estas formas em *ābus* não se usam quando não estão contrapostas ou unidas aos substantivos correspondentes masculinos. Os gramáticos latinos dão tambem *animabus, asinabus, equabus, famulabus*, mas estas formas ou não se encontram nos escritores ou só aparecem no período da decadência.

Observações sobre os casos.

20. — *a*) A antiga desinência do genitivo singular em *as* encontra-se no substantivo *familia*, família, mas só com os substantivos *pater, mater, filius* e *filia;* portanto pode-se dizer tanto *pater familias* como *pater familiae; mater familias* e *mater familiae*, etc. O genitivo *familiae* é usual em Cesar, Lívio e Tácito.

Outra forma arcaica do genitivo singular, que só se encontra nos poetas, termina em *ai*, por ex.: *aulai* por *aulae*, nom. *aula*, f. pátio, palácio, corte.

b) Alguns substantivos que indicam medidas ou moedas, como *amphŏra* e *drachma*, especialmente se unidos com os numerais, têm tambem a desinência **ūm** no genitivo plural em vez de **arum** : portanto *amphŏrum, drachmum* = *amphorarum, drachmarum*.

c) Assim os compostos de *cŏla* e *gĕna*, como *caelicŏla*, habitante do céu; *terrigĕna*, nascido na terra, podem ter o genitivo plural em **ūm**: *caelicŏlum, terrigĕnum;* mas este uso é exclusivamente poético. Os poetas usam tambem no genitivo plural - **ūm** em vez de *arum* na declinação dos nomes gregos ou estrangeiros, p. ex.: *Aeneădum* por *Aeneadarum*, de *Aeneădae*, m., os Troianos, companheiros ou descendentes de Enéias; *Arsacĭdum* por *Arsacidarum*, de *Arsacĭdae*, m., os Ársadas, descendentes de Ársace.

Outras particularidades.

21. — Os seguintes substantivos no plural, alem do significado próprio, têm um significado análogo ou diverso:

cera, cera; plur. *cerae*, taboazinhas enceradas;
copia, abundância; plur. *copiae*, exércitos, tropas;
fortuna, fortuna; pl. *fortunae*, bens de fortuna, riquezas, bens;
gratia, reconhecimento, favor; plur. *gratiae*, agradecimentos;
littera, letra do alfabeto; plur. *litterae*, carta, espístola;
opĕra, obra; plur. *opĕrae*, operários;
vigilia, vigília; plur. *vigiliae*, as sentinelas.

§ II
SEGUNDA DECLINAÇÃO

22. — A segunda declinação termina no nominativo singular em **us, er, ir, um.** Os substantivos terminados em **-us** podem ser masculinos ou femininos. Os que terminam em **-er** são todos masculinos. Há um só que termina em **-ir** : *vir* = varão. Os terminados em **-um** são neutros. O genitivo singular termina sempre em **-ī.**

Desinência dos casos da segunda declinação

SINGULAR		PLURAL	
Nom.	ŭs, ĕr, ĭr, um	Nom.	ī, *neutro* ă
Gen.	ī	Gen.	ōrum
Dat.	ō	Dat.	īs
Ac.	um	Ac.	os, *neutro* ă
Voc.	ĕ, *igual ao nom.*	Voc.	ī, *neutro* ă
Abl.	ō	Abl.	īs

I) SUBSTANTIVOS DE GÊNERO MASCULINO E FEMININO

1) Substantivos masculinos terminados em US.

a) Os substantivos em *us*, quer masculinos quer femininos, têm o vocativo em *e*, exceto *Deus*, Deus; *agnus*, cordeiro; *chorus*, coro, que têm o vocativo igual ao nominativo. Estes vocativos são post-clássicos. A forma clássica do vocativo de *Deus* é *Dive* (de *divus*, *i*, m.).

b) Os substantivos em *ĭus*, sendo **nomes próprios de pessoas,** têm o vocativo singular em *i*, mas os de origem grega em *īus* têm o vocativo regular em *e*, p. ex.: *Darīus*, voc. *Darie;* sendo **nomes comuns** ou **adjetivos** (ainda quando usados como nomes próprios) como: *vicarĭus; egregĭus, impĭus* têm regulamente o vocativo em *e*, exceto: *filĭus*, filho; *genĭus*, gênio, que fazem no vocativo *fili*, *geni;* mas dir-se-á: *Pie*, ó Pio; *Delie*, ó Apolo, dos adjetivos *pius, a, um*, pio; *delius, a, um*, da ilha de Delos.

c) Tambem o adjetivo *meus* no vocativo singular faz *mi*: ó meu filho=*fili mi*.

	Singular		Plural
Nom.	domĭn-**us**, *o senhor.*	Nom.	domĭn-**i**, *os senhores.*
Gen.	domĭn-**i**, *do senhor.*	Gen.	domin-**ōrum**, *dos senhores*
Dat.	domĭn-**o**, *ao senhor.*	Dat.	domĭn-**is**, *aos senhores*
Ac.	domin-**um**, *o senhor.*	Ac.	domin-**os**, *os senhores.*
Voc.	domin-**e**, *ó senhor.*	Voc.	domin-**i**, *ó senhores.*
Abl.	domin-**o**, *do, pelo senhor.*	Abl.	domin-**is** *dos, pelos senhores.*

Por este se declinam os seguintes e outros de gênero masculino:

anŭlus, anŭli, *o anel,*
amīcus, amīci, *o amigo,*
discipŭlus, discipŭli, *o aluno,*
fluvĭus, fluvĭi, *o rio,*
digĭtus, digĭti, *o dedo,*
cervus, cervi, *o veado.*

Deus é irregular em muitos casos e se declina assim:

	Singular		Plural
Nom.	De-**us**, *Deus.*	Nom.	**Dī** ou Dii (rar. **Dei**), *os deuses.*
Gen.	De-**i**, *de Deus.*	Gen.	De-**ōrum** ou **Deum**, *dos deuses.*
Dat.	De-**o**, *a Deus.*	Dat.	**Dīs** ou Diis (rar. **Deis**), *aos deuses.*
Ac.	De-**um**, *Deus.*	Ac.	De-**os**, *os deuses.*
Voc.	De-**us**, *ó Deus.*	Voc.	**Dī** ou Dii (rar. **Dei**), *ó deuses.*
Abl.	De-**o**, *de, por Deus.*	Abl.	**Dīs** ou Diis (rar. **Deis**), *dos, pelos deuses.*

As formas *Dī*, *Dīs*, são as mais usadas na prosa.

2) Substantivos terminados em -ĬUS.

Singular		Plural	
Nom.	filĭ-**us**, *o filho.*	Nom.	filĭ-**i**, *os filhos.*
Gen.	filĭ-**i**, *do filho.*	Gen.	fili-**ōrum**, *dos filhos.*
Dat.	filĭ-**o**, *ao filho.*	Dat.	filĭ-**is**, *aos filhos.*
Ac.	fili-**um**, *o filho.*	Ac.	fili-**os**, *os filhos.*
Voc.	fil-**i**, *ó filho.*	Voc.	filĭ-**i**, *ó filhos.*
Abl.	fili-**o**, *do, pelo filho.*	Abl.	fili-**is**, *dos, pelos filhos.*

Por este declinam-se os nomes próprios:
Antonĭus, Bonifacĭus, Ignatĭus, Ovidĭus, etc., *voc.* o Antoni, o Bonifaci, o Ignati, o Ovidi, etc., *e o nome comum* genĭus.

Mas, como já ficou dito, os substantivos comuns e os adjetivos têm o vocativo singular em **e**, como:

Tabellarius, *voc.* o tabellarie.
Vicarius, o vicarie.
Notarius, o notarie.
Adversarius, o adversarie.
Impius, o impie.
Egregius, o egregie.

3) Substantivos femininos em -US.

Os seguintes substantivos terminados em **-us** são femininos: *humus*, terra; *domus*, a casa, e em geral o nome das árvores, como: *fagus robusta* = faia robusta; *malus parva* = macieira pequena: *platanus grata* = plátano agradavel; *populus alta* = álamo alto. Tambem em português os nomes de plantas são em geral femininos, *a pereira, a macieira.*

Os nomes de frutas, que em latim são neutros e usados quase sempre no plural, em português são de gênero feminino. Assim *pira*, neutro plural de *pirum*, deu *pera; cerăsa*, neutro plural de *cerăsum*, deu *cereja*, etc.

4) Substantivos em -ER, -IR.

23. — Os substantivos em **er** têm o vocativo igual ao nominativo. Nos outros casos do singular e plural alguns conservam o *e*, outros o perdem. Assim, p. ex.: *magister*, no genitivo faz *magistri;* ao passo que *puer* no genitivo faz *puĕri;* conservam-no quando o conservam no genitivo singular, perdem-no quando o perdem no genitivo singular.

Singular		Plural	
Nom.	magīst-**er**, *o mestre.*	Nom.	magīstr-**i**, *os mestres.*
Gen.	magīstr-**i**, *do mestre.*	Gen.	magistr-**ōrum**, *dos mestres.*
Dat.	magīstr-**o**, *ao mestre.*	Dat.	magīstr-**is**, *aos mestres.*
Ac.	magistr-**um**, *o mestre.*	Ac.	magistr-**os**, *os mestres.*
Voc.	magist-**er**, *ó mestre.*	Voc.	magistr-**i**, *ó mestres.*
Abl.	magistr-**o**, *do, pelo mestre.*	Abl.	magistr-**is**, *dos, pelos mestres.*

Assim se declinam os substantivos:

Ager, agri, campo; *aper, apri,* javalí; *liber, libri,* livro; *minister, ministri,* ministro; *colŭber, colŭbri,* serpente, etc.

Singular		Plural	
Nom.	**puer,** *o menino.*	Nom.	puĕr-**i,** *os meninos.*
Gen.	puĕr-**i,** *do menino.*	Gen.	puer-**ōrum,** *dos meninos.*
Dat.	puĕr-**o,** *ao menino.*	Dat.	puĕr-**is,** *aos meninos.*
Ac.	puer-**um,** *o menino.*	Ac.	puer-**os,** *os meninos.*
Voc.	**puer,** *ó menino.*	Voc.	puer-**i,** *ó meninos.*
Abl.	puer-**o,** *do, pelo menino.*	Abl.	puer-**is,** *dos, pelos meninos.*

Assim se declinam os substantivos:

Socer, socĕri, sogro; *gener, genĕri,* genro; *signĭfer, signifĕri,* porta-bandeira, etc.

Declinação de VIR.

O único substantivo terminado no nominativo em **-ir** é o substantivo *vir* que no nominativo e vocativo singular perdeu a desinência *us.* Nos outros casos é regular.

Singular		Plural	
Nom.	**vir,** *o homem.*	Nom.	vir-**i,** *os homens.*
Gen.	vir-**i,** *do homem.*	Gen.	vir-**ōrum,** *dos homens.*
Dat.	vir-**o,** *ao homem.*	Dat.	vir-**is,** *aos homens.*
Ac.	vir-**um,** *o homem.*	Ac.	vir-**os,** *os homens.*
Voc.	**vir,** *ó homem.*	Voc.	vir-**i,** *ó homens.*
Abl.	vir-**o,** *do, pelo homem.*	Abl.	vir-**is,** *dos, pelos homens.*

Por *vir* declinam-se os seus compostos: *duumvir, triumvir, decemvir, quindecimvir.*

2) SUBSTANTIVOS DE GÊNERO NEUTRO

1) Neutros terminados em -UM.

24. — Os substantivos de gênero neutro têm em todas as declinações três casos iguais: *nominativo, acusativo* e *vocativo,* e estes no plural terminam sempre em *-ă.*

Singular		Plural	
Nom.	templ-**um,** *o templo ou a igreja.*	Nom.	templ-**a,** *as igrejas.*
Gen.	templ-**i,** *da igreja.*	Gen.	templ-**orum,** *das igrejas.*
Dat.	templ-**o,** *à igreja.*	Dat.	templ-**is,** *às igrejas.*
Ac.	templ-**um,** *a igreja.*	Ac.	templ-**a,** *as igrejas.*
Voc.	templ-**um,** *ó igreja.*	Voc.	templ-**a,** *ó igrejas.*
Abl.	templ-**o,** *da, pela igreja.*	Abl.	templ-**is,** *das, pelas igrejas.*

Por este se declinam os seguintes e outros de gênero neutro:

consilĭum, consilĭi, *o conselho*,
verbum, verbi, *a palavra*,
oppĭdum, oppĭdi, *o castelo*,
praecēptum, praecēpti, *o preceito*,
vitĭum, vitĭi, *o vício*,
mendacĭum, mendacĭi, *a mentira*,
etc.

2) Neutros em -US.

Embora terminados em *-us*, são de gênero neutro: *virus*, o veneno; *vulgus*, o vulgo; *pelăgus*, o mar. Convem notar:

1.°) *Virus* não tem plural: é substituido por *venena*. Do singular, em boa prosa, apenas se encontram os três casos iguais: nominativo, vocativo e acusativo.

2.°) *Vulgus* não tem plural. No singular é tambem usado como masculino por Cesar, Cornélio Nepos, Salústio, Tito Lívio e Tácito.

3.°) *Pelăgus* é termo poético e em prosa começou a ser empregado só depois de Augusto. Em Lucrécio encontra-se o plural *pelage*, à imitação do grego.

Observações sobre os casos.

25. —*a*) Nos substantivos em *ĭus* ou *ĭum*, os dois *ii* do genitivo singular contraem-se frequentemente em *ī*, p. ex.: *filii=filī; ingenii=ingenī; Antonii=Antonī; Ovidii=Ovidī; imperii=imperī.*

b) A forma contrata em *-ī* é a regular do período clássico. Observe-se, porem, que os adjetivos em *ĭus* terminam sempre o genitivo em *-ĭi*, p. ex.: *proprĭi, egregĭi, impĭi, patrĭi.*

c) Tambem os substantivos desta declinação, que significam pesos, medidas ou moedas, podem ter o genitivo plural em **ūm** em vez de **orum**. Assim, em lugar de *nummorum, sestertiorum, modiorum, digitorum*, (*digĭtus, i*=dedo, quando usado como medida de comprimento=0,m018), encontram-se, particularmente se vêm unidos aos numerais, as formas: *nummum, sestertium, modium, digitum.*

d) Temos igualmente *praefectus fabrum=praefectus fabrorum*, comandante dos operários militares, do gênio militar; *decemvĭrum, triumvĭrum=decemvirorum, triumvirorum; deum=deorum; libĕrum=liberorum; virum=virorum.*

Outras particularidades.

26. — Os seguintes substantivos têm no plural um significado análogo ou diverso do que têm no singular:

auxilium, auxílio: *auxilia*, tropas auxiliares;
bonum, bem: *bona*, bens de fortuna;
castrum, castelo: *castra*, acampamento;
comitium, lugar onde o povo se reunia para deliberar: *comitia*, assembléia do povo;
hortus, jardim; *horti*, jardins públicos, parque;
impedimentum, impedimento; *impedimenta*, bagagens (de um exército);
ludus, jogo, escola: *ludi*, espetáculos, jogos públicos;
rostrum, rostro, bico de pássaro: *rostra*, a tribuna dos oradores.

§ III

TERCEIRA DECLINAÇÃO

27. — A terceira declinação compreende substantivos de várias terminações no nominativo, pertencentes a todos os gêneros.

O genitivo singular termina sempre em **-is.**

O acusativo singular ordinariamente termina em **-em,** alguns nomes terminam em **-im,** outros arbitrariamente em **-em,** ou **-im.**

O ablativo singular ordinariamente termina em **-e**; contudo, os nomes, que fazem **-im** no acusativo e alguns outros, terminam em **-i.**

O genitivo plural termina em **-um,** algumas vezes tambem em **-ium.**

Alguns substantivos neutros terminam os três casos iguais (nom., ac. e voc.) do neutro plural em **-a,** outros em **-ia.**

Desinências dos casos da terceira declinação

	SINGULAR				PLURAL		
	MAS.	FEM.	NEUTRO		MAS.	FEM.	NEUTRO
Nom.	*Tem várias terminações*			Nom.	ēs		ă, às vezes ĭă
Gen.		ĭs		Gen.		um, às vezes ĭum	
Dat.		ī		Dat.		ĭbus	
Ac.	em; às vezes im.		*Igual ao nom.*	Ac.	ēs		ă, às vezes ĭă
Voc.	*Igual ao nominativo*			Voc.	ēs		ă, às vezes ĭă
Abl.	ĕ, às vezes ī, às vezes e *e* i			Abl.		ĭbus	

Declinação dos substantivos masculinos e femininos

28. — Os substantivos masculinos e femininos, que pertencem à terceira declinação, dividem-se em: *1)* **imparissílabos** e *2)* **parissílabos.**

1) **Imparissílabos** são os substantivos que no genitivo singular aumentam de uma ou mais sílabas o número que tinham no nominativo, p. ex.:

lex (1)	gen.	sing.	legis (2), *lei.*
nox (1)	»	»	noctis (2), *noite.*
arbor (2)	»	»	arbŏris (3), *árvore.*
socĭĕtas (4)	»	»	societātis (5), *sociedade.*

Este aumento conserva-se em todos os casos, com exceção do vocativo singular, que é sempre igual ao nominativo.

Os *imparissílabos,* por sua vez, subdividem-se em duas classes:

a) Imparissílabos que antes da desinência **-is** do genitivo singular apresentam uma só consoante — ou mais brevemente: substantivos imparissílabos cujos temas terminam *em uma só consoante,* p. ex.:

lex gen. sing. le*g*-is.
arbor » » arbŏ*r*-is.
sociĕtas » » societā*t*-is.

Desinências dos imparissílabos cujos temas terminam em uma só consoante

SINGULAR		PLURAL	
Nom.	*Várias terminações*	Nom.	es
Gen.	is	Gen.	um
Dat.	i	Dat.	ĭbus
Ac.	em	Ac.	es
Voc.	*Igual ao nominativo*	Voc.	es
Abl.	e	Abl.	ĭbus

Exemplos — **substantivos femininos:**

Singular		Plural	
Nom.	lex, *a lei.*	Nom.	leg-**es**, *as leis.*
Gen.	leg-**is**, *da lei.*	Gen.	leg-**um**, *das leis.*
Dat.	leg-**i**, *à lei.*	Dat.	leg-**ĭbus**, *às leis.*
Ac.	leg-**em**, *a lei.*	Ac.	leg-**es**, *as leis.*
Voc.	lex, *ó lei.*	Voc.	leg-**es**, *ó leis.*
Abl.	leg-**e**, *da, pela lei.*	Abl.	leg-**ibus**, *das, pelas leis.*

Singular		Plural	
Nom.	arbor, *a árvore, a planta.*	Nom.	arbŏr-**es**, *as árvores.*
Gen.	arbŏr-**is**, *da árvore.*	Gen.	arbŏr-**um**, *das árvores.*
Dat.	arbŏr-**i**, *à árvore.*	Dat.	arbor-**ĭbus**, *às árvores.*
Ac.	arbor-**em**, *a árvore.*	Ac.	arbor-**es**, *as árvores.*
Voc.	arbor, *ó árvore.*	Voc.	arbor-**es**, *ó árvores.*
Abl.	arbor-**e**, *da, pela árvore.*	Abl.	arbor-**ibus**, *das, pelas árvores.*

Singular		Plural	
Nom.	sociĕtas, *a sociedade.*	Nom.	societāt-**es**, *as sociedades.*
Gen.	societāt-**is**, *da sociedade.*	Gen.	societāt-**um**, *das sociedades*
Dat.	societat-**i**, *à sociedade.*	Dat.	societat-**ĭbus**, *às sociedades.*
Ac.	societat-**em**, *a sociedade.*	Ac.	societat-**es**, *as sociedades.*
Voc.	sociĕtas, *ó sociedade.*	Voc.	societat-**es**, *ó sociedades.*
Abl.	societat-**e**, *da, pela sociedade.*	Abl.	societat-**ibus**, *das, pelas sociedades.*

Substantivos masculinos:

Singular		Plural	
Nom.	sermo, *o discurso.*	Nom.	sermōn-**es**, *os discursos.*
Gen.	sermōn-**is**, *do discurso.*	Gen.	sermon-**um**, *dos discursos.*

Dat.	sermon-**i**, *ao discurso.*	Dat.	sermon-**ĭbus**, *aos discursos.*
Ac.	sermon-**em**, *o discurso.*	Ac.	sermon-**es**, *os discursos.*
Voc.	sermo, *ó discurso.*	Voc.	sermon-**es**, *ó discursos.*
Abl.	sermon-**e**, *do, pelo discurso.*	Abl.	sermon-**ĭbus**, *dos, pelos discursos.*

	Singular		Plural
Nom.	ordo, *a ordem.*	Nom.	ordĭn-**es**, *as ordens.*
Gen.	ordĭn-**is**, *da ordem.*	Gen.	ordin-**um**, *das ordens.*
Dat.	ordin-**i**, *à ordem.*	Dat.	ordin-**ĭbus**, *às ordens.*
Ac.	ordin-**em**, *a ordem.*	Ac.	ordin-**es**, *as ordens.*
Voc.	ordo, *ó ordem.*	Voc.	ordin-**es**, *ó ordens.*
Abl.	ordin-**e**, *da, pela ordem.*	Abl.	ordin-**ibus**, *das, pelas ordens.*

b) *Imparissílabos* que antes da desinência **-is** do genitivo singular apresentam duas ou mais consoantes — ou mais brevemente: substantivos imparissílabos cujos temas terminam *em duas ou mais consoantes*, p. ex.:

nox	gen.	sing.	no*ct*-is, *noite.*
urbs	»	»	u*rb*-is, *cidade.*
ars	»	»	a*rt*-is, *arte.*

2) **Parissílabos** são os substantivos que no genitivo singular conservam o mesmo número de sílabas que tinham no nominativo singular, p. ex.:

civis (2)	gen.	sing.	civis (2), *cidadão.*
ovis (2)	»	»	ovis (2), *ovelha.*
nubes (2)	»	»	nubis (2), *nuvem.*

Obrervação. — Estes substantivos, em geral, terminam o nominativo singular em *is* ou *es.*

Os *substantivos imparissílabos* da classe *b* (cujos temas terminam em duas ou mais consoantes) e os *parissílabos* admitem as mesmas desinências.

Desinências dos imparissílabos cujos temas terminam em duas ou mais consoantes e dos parissílabos

SINGULAR		PLURAL	
Nom.	*Imp.*: *Várias term.* *Par.*: is *ou* es	Nom.	es
Gen.	is	Gen.	ĭum
Dat.	i	Dat.	ĭbus
Ac.	em	Ac.	es
Voc.	*Igual ao nominativo*	Voc.	es
Abl.	e	Abl.	ĭbus

Exemplos:

	Singular		Plural
Nom.	nox, *a noite.*	Nom.	noct-es, *as noites.*
Gen.	noct-is, *da noite.*	Gen.	noct-ĭum, *das noites.*
Dat.	noct-i, *à noite.*	Dat.	noct-ĭbus, *às noites.*
Ac.	noct-em, *a noite.*	Ac.	noct-es, *as noites.*
Voc.	nox, *ó noite.*	Voc.	noct-es, *ó noites.*
Abl.	noct-e, *da, pela noite.*	Abl.	noct-ibus, *das, pelas noites.*

	Singular		Plural
Nom.	urbs, *a cidade.*	Nom.	urb-es, *as cidades.*
Gen.	urb-is *da cidade.*	Gen.	urb-ĭum, *das cidades.*
Dat.	urb-i, *à cidade.*	Dat.	urb-ĭbus, *às cidades.*
Ac.	urb-em, *a cidade.*	Ac.	urb-es, *as cidades.*
Voc.	urbs, *ó cidade.*	Voc.	urb-es, *ó cidades.*
Abl.	urb-e, *da, pela cidade.*	Abl.	urb-ĭbus, *das, pelas cidades.*

	Singular		Plural
Nom.	ars, *a arte.*	Nom.	art-es, *as artes.*
Gen.	art-is, *da arte.*	Gen.	art-ĭum, *das artes.*
Dat.	art-i, *à arte.*	Dat.	art-ĭbus, *às artes.*
Ac.	art-em, *a arte.*	Ac.	art-es, *as artes.*
Voc.	ars, *ó arte.*	Voc.	art-es, *ó artes.*
Abl.	art-e, *da, pela arte.*	Abl.	art-ĭbus, *das, pelas artes.*

	Singular		Plural
Nom.	civis, *o cidadão.*	Nom.	civ-es, *os cidadãos.*
Gen.	civ-is, *do cidadão.*	Gen.	civ-ĭum, *dos cidadãos.*
Dat.	civ-i, *ao cidadão.*	Dat.	civ-ĭbus, *aos cidadãos.*
Ac.	civ-em, *o cidadão.*	Ac.	civ-es, *os cidadãos.*
Voc.	civis, *ó cidadão.*	Voc.	civ-es, *ó cidadãos.*
Abl.	civ-e, *do, pelo cidadão.*	Abl.	civ-ĭbus, *dos, pelos cidadãos.*

	Singular		Plural
Nom.	ovis, *a ovelha.*	Nom.	ov-es, *as ovelhas.*
Gen.	ov-is, *da ovelha.*	Gen.	ov-ĭum, *das ovelhas.*
Dat.	ov-i, *à ovelha.*	Dat.	ov-ĭbus, *às ovelhas.*
Ac.	ov-em, *a ovelha.*	Ac.	ov-es, *as ovelhas.*
Voc.	ovis, *ó ovelha.*	Voc.	ov-es, *ó ovelhas.*
Abl.	ov-e, *da, pela ovelha.*	Abl.	ov-ĭbus, *das, pelas ovelhas.*

	Singular		Plural
Nom.	nubes, *a nuvem.*	Nom.	nub-es, *as nuvens.*
Gen.	nub-is, *da nuvem.*	Gen.	nub-ĭum, *das nuvens.*

Dat.	nub-**i**, *à nuvem.*	Dat.	nub-**ĭbus**, *às nuvens.*
Ac.	nub-**em**, *a nuvem.*	Ac.	nub-**es**, *as nuvens.*
Voc.	nubes, *ó nuvem.*	Voc.	nub-**es**, *ó nuvens.*
Abl.	nub-**e**, *da, pela nuvem.*	Abl.	nub-**ibus**, *das, pelas nuvens.*

Conclusão. — Comparando-se as desinências dos substantivos imparissílabos e parissílabos resulta que todas as desinências para os casos do singular e plural são iguais, com a única exceção do genitivo plural em que os imparissílabos cujos temas terminam em uma só consoante fazem **-UM** e os imparissílabos cujos temas terminam em duas ou mais consoantes, e os parissílabos fazem **-IUM**.

Exceções :

Os seguintes parassílabos com o nominativo em *-ter* têm nos outros casos um tema abreviado em *-tr* e se declinam como os imparissílabos:

Substantivos do gênero feminino.

	Singular		Plural
Nom.	mater, *a mãe.*	Nom.	matr-**es**, *as mães.*
Gen.	matr-**is**, *da mãe.*	Gen.	matr-**um**, *das mães.*
Dat.	matr-**i**, *à mãe.*	Dat.	matr-**ĭbus**, *às mães.*
Ac.	matr-**em**, *a mãe.*	Ac.	matr-**es**, *as mães.*
Voc.	mater, *ó mãe.*	Voc.	matr-**es**, *ó mães.*
Abl.	matr-**e**, *da, pela mãe.*	Abl.	matr-ĭbus, *das, pelas mães.*

Substantivos de gênero masculino.

	Singular		Plural
Nom.	pater, *o pai.*	Nom.	patr-**es**, *os pais.*
Gen.	patr-**is**, *do pai.*	Gen.	patr-**um**, *dos pais.*
Dat.	patr-**i**, *ao pai.*	Dat.	patr-**ĭbus**, *aos pais.*
Ac.	patr-**em**, *o pai.*	Ac.	patr-**es**, *os pais.*
Voc.	pater, *ó pai.*	Voc.	patr-**es**, *ó pais.*
Abl.	patr-**e**, *do, pelo pai.*	Abl.	patr-**ĭbus**, *dos, pelos pais.*

Do mesmo modo: *frater, fratris,* o irmão; plural: *fratres, fratrum.*

Accipĭter, accipĭtris, gavião; plural: *accipĭtres, accipĭtrum.*

O nome *Juppĭter,* Júpiter, é irregular:

Nom.	Juppĭter, *Júpiter.*
Gen.	Jovis, *de Júpiter.*
Dat.	Jovi, *a Júpiter.*
Ac.	Jovem, *Júpiter.*
Voc.	Juppĭter, *ó Júpiter.*
Abl.	Jove*d, e, por Júpiter.*

OBSERVAÇÕES SOBRE OS CASOS

a) Acusativo singular em -IM e ablativo em -I.

29. — Têm o ac. singular em *-im* e o abl. em *-i*:

1) Os nomes parissílabos de rios terminados em *is*, p. ex.:

Tibĕris, *Tibre*	ac.	**Tiber-im**	abl.	**Tiber-i.**
Tanăis, *Tanais* (*Don*)	»	**Tana-im**	»	**Tana-i.**

2) Os nomes de cidades terminados em *-is* de origem grega ou provenientes de outra língua estrangeira, p. ex.:

Neapŏlis	ac.	**Neapol-im**	abl.	**Neapol-i.**
Amphipŏlis	»	**Amphipol-im**	»	**Amphipol-i.**
Nicopŏlis	»	**Nicopol-im**	»	**Nicopol-i.**
Tripŏlis	»	**Tripol-im**	»	**Tripol-i.**
Sybăris	»	**Sybar-im**	»	**Sybar-i.**

3) Os substantivos:

sitis, *a sede*	ac.	**sit-im**	abl.	**sit-i.**
tussis, *a tosse*	»	**tuss-im**	»	**tuss-i.**
vis, *a força*	»	**v-im**	»	**v-i.**
amussis, f., *o nivel*	»	**amuss-im**	»	**amuss-i.**
buris, *a rabiça do arado*	»	**bur-im**	»	**bur-i.**
ravis, *a rouquidão*	»	**rav-im**	»	**rav-i.**

4) Têm de preferência *im* e *i*, em vez de *em* e *e* os seguintes:

febris, *a febre*	ac.	**febr-im**	abl.	**febr-i.**
puppis, *a popa*	»	**pupp-im**	»	**pupp-i.**
secūris, f., *o machado*	»	**secur-im**	»	**secur-i.**
turris, *a torre*	»	**turr-im**	»	**turr-i.**

5) Outros têm *em* no ac. e no abl. ora *e* ora *i*:

civis, *o cidadão*	ac.	civ-em	abl.	civ-*e* ou civ-**i.**
ignis, *o fogo*	»	ign-em	»	ign-*e* ou ign-**i.**
navis, *a nau*	»	nav-em	»	nav-*e* ou nav-**i.**
classis, *a armada*	»	class-em	»	class-*e* ou class-**i**
ovis, *a ovelha*	»	ov-em	»	ov-*e* ou ov-**i.**
avis, *a ave*	»	av-em	»	av-*e* ou av-**i.**
amnis, *o rio*	»	amn-em	»	amn-*e* ou amn-**i**
anguis, m. *e* f., *a serpente*	»	angu-em	»	angu-*e* ou angu-**i.**

Usa-se sempre *i* na frase: *ferro ignique vastare,* por a ferro e fogo: *aqua et igni interdicĕre alicui,* proibir a alguem o uso da água e do fogo, exilá-lo.

b) Genitivo plural.

30. — *a*) Os parissílabos *juvenis*, o jovem; *canis*, o cão e *panis*, o pão, têm o genitivo plural terminado em **-um** (não *-ium*):

juvenis, gen. plural: *juven-***um.**
canis, gen. plural: *can-***um.**
panis, gen. plural: *pan-***um.**

b) Os nomes parissílabos terminados em *es* (cf. n. 28, *2, parissílabos*, observação, pág. 31) têm o genitivo plural em *ium*, contudo, *sedes, sedis*, f., cadeira, assento, faz *sedum*, preferivel a *sedium* e *vates, vatis*, m. f., adivinho, profetisa, poeta, poetisa, faz *vatum*. Raras vezes encontra-se *vatium*.

c) Têm o genitivo plural em *-ium* os seguintes nomes que derivam de antigos temas terminados em *-i*:

I) *lis, litis*, f., pleito, demanda: gen. plural *litium*.
dos, dotis f. dote: gen. plural *dotium*.
optimates (plural mas.), optimates: gen. plural *optimatium*.
Penates (plural mas.), deuses penates: gen. plural *penatium*.

II) Os nomes de povo terminados em *-ās, -ātis; -īs, -ītis:*
Arpinates, os habitantes de Arpino: gen. plural *Arpinat-***ium.**
Samnites, os Samnitas: gen. plural *Samnit-***ium.**
Quirites, os Quirites: gen. plural *Quirit-***ium.**
Do mesmo modo *nostrates*, as pessoas de nossa terra: gen. plural *nostratium*.

Nos escritores arcaicos encontram-se tambem vestigios destes nomes com o antigo nominativo em *-atis, -itis;* como *Sarsinatis* em Plauto; *Arpinatis* e *Samnitis* em Catão.

III) A semelhança dos temas terminados em *-i*, têm o gen. plural em **-ium,** os seguintes monossílabos:
mās, măris = macho: gen. plural *măr-***ium.**
mūs, mūris, m. e f., = rato: gen. plural *mūr-***ium.**
glīs, glīris = arganaz: gen. plural *glir-***ium.**
vīs, força, plural *vires*: gen. plural *vir-***ium.**
nix, nivis, a neve: plural *nives* = flocos de neve: gen. plural *niv-***ium.**
fauces, fauces: gen. plural *fauc-***ium.**
fraus, fraude, gen. plural *fraudum* e *fraudium*.
renes, os rins: gen. plural *renum* e *renium*.

IV) Os nomes abstratos terminados em *-tas, -tatis*, têm o genitivo plural em *-um*, às vezes tambem em *-ium*. E' frequentíssimo, em todos os escritores o uso de *civitatium* em vez de *civitatum*, de *civitas, civitatis*, f., cidadania, foro ou direito de cidadão, a totalidade dos cidadãos, estado, nação.

V) Notem-se ainda:
parentes, m., os pais: gen. plural *parentum*, mais usado que

parentium. Singular: *parens, parentis*, m. *e* f., pai ou mãe.
mensis, is, m., mês: gen. plural *mensium* e *mensum*.
volucris, is, f., ave: gen. plural *volucrium* e *volucrum*.
apis, is, f., abelha: gen. plural *apium* e *apum*.
cliens, clientis, m., cliente: gen. plural *clientium* e *clientum*.
adulescens, adulescentis, m. e f., adolescente: gen. plural *adulescentium* e *adulescentum*.
laus, laudis, f., louvor: gen. plural *laudium* e *laudum*, etc., etc.

c) **Acusativo plural.**

31. — Os nomes e adjetivos que terminam no gen. plural em *-ium* tinham no período clássico o ac. plural em *-īs*: p. ex.: *civīs, classīs, cohortīs, collīs, hostīs, navīs*, etc. Mais tarde, o *-īs* do ac. plural extendeu-se tambem ao nominativo; isso, porem, mais nos poetas que nos prosadores.

DECLINAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS NEUTROS

32. — a) **Os neutros que terminam o nominativo sing. em: ĕ, ăl, ăr.**

Os substantivos neutros terminados em **ĕ, ăl, ăr** fazem:

a) no abl. singular **-ī.**
b) nos três casos iguais do plural **-ĭă.**
c) no gen. plural **-ĭum.**

Excetuam-se: *nectar, nectăris*, nectar, abl. *nectăre; jubar, jubăris*, esplendor, abl. *jubăre; sal, sălis*, sal (no sing. pode ser masculino e neutro, no plural sempre masculino), abl. *săle*, porque o *a* destes substantivos é breve.

Desinências

SINGULAR				PLURAL	
Nom.	ĕ,	ăl,	ăr	Nom.	ĭă
Gen.		ĭs		Gen.	ĭum
Dat.		ī		Dat.	ĭbus
Ac.	*Igual ao nom.*			Ac.	ĭă
Voc.	*Igual ao nom.*			Voc.	ĭă
Abl.		ī		Abl.	ĭbus

Singular		Plural	
Nom.	cubīl-**e**, *o leito.*	Nom.	cubil-**ĭa**, *os leitos.*
Gen.	cubīl-**is**, *do leito.*	Gen.	cubil-**ĭum**, *dos leitos.*
Dat.	cubil-**i**, *ao leito.*	Dat.	cubil-**ĭbus**, *aos leitos.*
Ac.	cubil-**e**, *o leito.*	Ac.	cubil-**ia**, *os leitos.*
Voc.	cubil-**e**, *ó leito.*	Voc.	cubil-**ia**, *ó leitos.*
Abl.	cubil-**i**, *do, pelo leito.*	Abl.	cubil-**ĭbus**, *dos, pelos leitos*

Singular		Plural	
Nom.	anĭmal, *o animal.*	Nom.	animal-**ĭa**, *os animais.*
Gen.	animāl-**is**, *do animal.*	Gen.	animal-**ĭum**, *dos animais.*
Dat.	animal-**i**, *ao animal.*	Dat.	animal-**ĭbus**, *aos animais.*
Ac.	anĭmal, *o animal.*	Ac.	animal-**ia**, *os animais.*
Voc.	anĭmal, *ó animal.*	Voc.	animal-**ia**, *ó animais.*
Abl.	animal-**ī**, *do, pelo animal.*	Abl.	animal-**ibus**, *dos, pelos animais.*

Singular		Plural	
Nom.	exēmplar, *o exemplar.*	Nom.	exemplar-**ĭa**, *os exemplares.*
Gen.	exemplār-**is**, *do exemplar.*	Gen.	exemplar-**ĭum**, *dos exemplares.*
Dat.	exemplar-**i**, *ao exemplar.*	Dat.	exemplar-**ĭbus**, *aos exemplares.*
Ac.	exemplar, *o exemplar.*	Ac.	exemplar-**ia**, *os exemplares.*
Voc.	exemplar, *ó exemplar.*	Voc.	exemplar-**ia**, *ó exemplares.*
Abl.	exemplar-**i**, *do, pelo exemplar.*	Abl.	exemplar-**ibus**, *dos, pelos exemplares.*

Mais exemplos:

ovīle, ovīlis, *o redil,*
praesēpe, praesēpis, *o curral.*
calcar, calcāris, *a espora,*
tribūnal, tribunālis, *o tribunal.*

b) Os outros substantivos de gênero neutro.

Os outros substantivos de gênero neutro fazem:
a) no ablativo singular **-ĕ.**
b) nos três casos iguais do plural **-ă.**
c) no genitivo plural **-um.**

Desinências

SINGULAR		PLURAL	
Nom.	*Várias terminações.*	Nom.	ă
Gen.	ĭs	Gen.	um
Dat.	ī	Dat.	ĭbus
Ac.	*Igual ao nominativo.*	Ac.	ă
Voc.	*Igual ao nominativo.*	Voc.	ă
Abl.	ĕ	Abl.	ĭbus

Singular		Plural	
Nom.	tempus, *o tempo.*	Nom.	tempŏr-**a**, *os tempos.*
Gen.	tempŏr-**is**, *do tempo.*	Gen.	tempŏr-**um**, *dos tempos.*
Dat.	tempŏr-**i**, *ao tempo.*	Dat.	tempor-**ĭbus**, *aos tempos.*
Ac.	tempus, *o tempo.*	Ac.	tempŏr-**a**, *os tempos.*
Voc.	tempus, *ó tempo.*	Voc.	tempŏr-**a**, *ó tempos.*
Abl.	tempŏr-**e**, *do, pelo tempo.*	Abl.	tempor-**ĭbus**, *dos, pelos tempos.*

Mais exemplos:

litus, litŏris, *a praia*.
flumen, flumĭnis, *o rio*.
caput, capĭtis, *a cabeça*.
lumen, lumĭnis, *a luz*.
nomen, nomĭnis, *o nome*.
agmen, agmĭnis, *o esquadrão*.

Conclusão. — Comparando-se as desinências dos substantivos neutros da letra **a** com as da letra **b**, resulta a diferença de desinências no abl. sing.; nom., ac. e voc. plural e gentivo plural.

Observação. — Cor, cordis, n., *coração*, tem no gen. plural *cordium* (nos escritores esclesiásticos); os, ossis, n., *osso*, gen. plural *ossium*.

c) Substantivos neutros de origem grega, cujo tema termina em MA.

	Singular		Plural
Nom.	thema, *o tema*.	Nom.	themăt-**a**, *os temas*.
Gen.	themăt-**is**, *do tema*.	Gen.	themăt-**um**, *dos tema*.
Dat.	themat-**i**, *ao tema*.	Dat.	themat-**ĭbus**, *aos temas*.
Ac.	thema, *o tema*.	Ac.	themat-**a**, *os temas*.
Voc.	thema, *ó tema*.	Voc.	themat-**a**, *ó temas*.
Abl.	themat-**e**, *do, pelo tema*.	Abl.	themat-**ibus**, *dos, pelos temas*.

Por este declinam-se os seguintes:

Diadēma, diademătis, *o diadema*.
Diplōma, diplomătis, *o diploma*:
Aenīgma, aenigmătis, *o enigma*.
Poëma, poëmătis, *o poema*, etc.

Observações. — *1*) Estes substantivos neutros em **-ma**, de origem grega, no dativo e ablativo plurais fazem de preferência **-is**, em vez de **-ibus**, e no genitivo plural **-orum** em lugar de **-um**, p. ex.: **poëmătis, poëmatorum** melhor que **poëmatĭbus, poëmătum** (cf. n. 49, *b*, pág. 51).

2) No genitivo plural, alem de **-ium**, encontra-se tambem **-orum** em alguns substantivos neutros que indicam festas e solenidades, p. ex.: *bacchanalia*, bacanais, gen. plural *bacchanalium* e *bacchanaliorum*; *sponsalia*, esponsais, gen. plural *sponsalium* e *sponsaliorum* (cf. n. 45, *c*, pág. 48).

Algumas particularidades dos substantivos da 3.ª declinação.

33. — Alguns substantivos têm dois temas ou um tema com duas variantes:

1) **bos**, *m.* e *f.*, o boi, a vaca.
Singular: gen. **bov-is**, dat. **bov-i**, ac. **bov-em**, voc. **bos**, abl. **bov-e**.
Plural: nom., ac. e voc. **bov-es**, gen. **bo-um**, dat. e abl. **bu-bus** e **bo-bus**.

2) **sus**, *m.* e *f.*, o porco, a porca.
Singular: gen. *su-is*, dat. *su-i*, ac. *su-em*, voc. *sus*, abl. *su-e*.
Plural: nom., ac. e voc. *su-es*, gen. *su-um*, dat. e abl. **su-bus**, melhor que **su-ibus**.

3) **caro,** *f.*, a carne;
Singular: gen. **carnis,** dat. *carn-i,* ac. *carn-em,* voc. *caro,* abl. *carn-e.*
Plural: nom., ac. e voc. *carn-es* (pedaços de carne), gen. **carn-ium,** dat. e abl. *carn-ibus.*

4) **iter,** *n.*, a viagem:
Singular: gen. *itinĕr-is,* dat. *itiner-i,* ac. e voc. *iter,* abl. *itiner-e.*
Plural: nom., ac. e voc. *itiner-a,* gen. *itiner-um,* dat. e abl. *itiner-ibus.*

5) jecur, *n.*, o fígado:
Singular: gen. *jecŏris* e *jecinŏris,* dat. *jecŏr-i,* ac. e voc. *jecur,* abl. *jecŏr-e.*
Plural: *jecŏra,* etc. — Raramente se encontram as formas do tema *jecinor* — dativo singular *jecinŏri,* etc. Plural: *jecinŏra,* etc.

6) **senex,** *m.*, o velho:
Singular: gen. *sen-is,* dat. *sen-i,* ac. *sen-em,* voc. *senex,* abl. *sen-e.*
Plural: nom., ac. e voc. *sen-es,* gen. *sen-um,* dat. e abl. *sen-ĭbus.*

7) **supellex,** *f.*, os moveis:
Singular: gen. *supellectĭl-is,* dat. *supellectĭl-i,* ac. *suppellectĭl-em,* voc. *supēllex,* abl. *supellectĭl-e* e *supellectĭl-i.* — Não tem plural.

8) **munus,** *n.*, dom, dever, ofício, tem plural duplo: **munĕra** e **munia.**

34. — Substantivos defectivos

1) **dicio,** *f.*, o poder: *dicionis, dicioni, dicionem, dicione.* Não tem plural. O nominativo *dicio* só se usa no composto *condicio*, condição, pacto.

2) **frux,** *f.*, todo fruto da terra (fig.: vida honrada, honesta). As formas usadas são: sing. ac. *frugem;* plural: *fruges, frugum, frugibus.* O dativo singular *frugi* usa-se como adjetivo indeclinavel = que tem bom procedimento, sábio, econômico (cf. n. 54. *a*, pág. 59).

3) **ops,** *f.*, o auxílio. Singular: *opis, opem, ope.* O plural, com significação de *poder, riqueza,* é completo: *opes, opum, opibus.*

4) **prex,** *f.*, a prece. Singular: abl. *prece.* Plural: *preces, precum, precĭbus.*

5) **vix,** *f.*, vicissitude. No sing. são usados: *vicem, vice;* no plural: *vices, vicibus.*

6) **spons,** *f.*, livre vontade. Só se usa no ablativo quando vem unido aos pronomes possessivos: *meā, tuā, suā, nostrā, vestra*: *mea sponte* = de minha espontânea vontade; *tua sponte,* etc.

7) **fors,** *f.*, a sorte, a fortuna, o acaso. E' raro o nominativo *fors;* frequentíssimo o ablativo *forte* = por acaso. Não se usam os outros casos.

8) **vis,** a força, Sing.: nom. e voc. **vis,** ac. **vim,** abl. **vi.** Plural: nom., ac. e voc. **vires,** gen. **virium,** dat. e abl. **viribus** (cf. n. 29, *3*, pág. 36; n. 30, *c*, *III*, pág. 37).

35. — Vários substantivos neutros só são usados no plural no *nom.* e *ac.*:

1) **os,** *n.*, a boca. Plural: **ora**; *oribus* é raro.
2) **mare,** *n.* o mar. Plural: **maria**; *marium, maribus* são raros.
3) **rus,** *n.*, o campo. Plural: **rura**; não há exemplo do genitivo; encontra-se *ruribus* pela primeira vez em S. Agostinho.
4) **jus,** *n.*, o direito. Plural: **jura**; *jurium, juribus,* raríssimos.

36. — Dos substantivos seguintes, uns conservam no plural um significado análogo ao que têm no singular, outros têm no plural significação diversa:

aedes ou *aedis, is,* o templo,	*aedes, ium,* a casa;
carcer, ĕris, o cárcere,	*carceres,* as barras (de ferro), as cancelas;
facultas, ātis, a faculdade,	*facultates,* bens, riquezas;
finis, is, o fim,	*fines,* confins, território;
naris, is, a narina,	*nares,* o nariz;
ops, opis, o auxílio,	*opes,* o poder, a riqueza;
pars, partis, a parte,	*partes,* partido, papel que se representa no teatro;
sal, salis, o sal,	*sales,* os sais, as argúcias;
sors, sortis, a sorte,	*sortes,* as respostas do oráculo.

§ IV

QUARTA DECLINAÇAO

37. — A quarta declinação tem o genitivo singular terminado em **us,** e compreende substantivos masculinos e femininos terminados em **us,** e neutros em **u.** Estes últimos são indeclinaveis no singular, exceto o genitivo, que pode ser em **ūs** ou **ū**; no plural têm os três casos semelhantes terminados em **ua.**

O dativo e o ablativo plurais terminam em **ibus**; alguns, porem, acabam em **ubus.**

Desinências dos casos da quarta declinação

SINGULAR			PLURAL		
Nom.	**ŭs,**	*neutro* **ū**	Nom.	**ūs,**	*neutro* **ŭă**
Gen.	**ūs,**	» **ūs** ou **ū**	Gen.	**ŭum**	
Dat.	**ŭī**	»	Dat.	**ĭbus,**	**ŭbus**
Ac.	**um**	» **ū**	Ac.	**ūs,**	*neutro* **ŭă**
Voc.	**ŭs**	» **ū**	Voc.	**ūs,**	*neutro* **ŭă**
Abl.	**ū**	» **ū**	Abl.	**ĭbus,**	**ŭbus**

1) Substantivos de gênero masculino.

Singular		Plural	
Nom.	sens-**us,** *o sentido.*	Nom.	sens-**us,** *os sentidos.*
Gen.	sens-**us,** *do sentido.*	Gen.	sens-**ŭum,** *dos sentidos.*
Dat.	sens-**ŭi,** *ao sentido.*	Dat.	sens-**ĭbus,** *aos sentidos.*
Ac.	sens-**um,** *o sentido.*	Ac.	sens-**us,** *os sentidos.*
Voc.	sens-**us,** *ó sentido.*	Voc.	sens-**us,** *ó sentidos.*
Abl.	sens-**u,** *do, pelo sentido.*	Abl.	sens-**ĭbus,** *dos, pelos sentidos.*

Semelhantes a estes são os seguintes e outros muitos de gênero masculino:

fructus, fructus, *o fruto,*	actus, actus, *o ato.*
currus, currus, *o coche,*	ascensus, ascensus, *a subida.*
motus, motus, *o movimento.*	introĭtus, introĭtus, *a entrada, etc.*

JESUS, *nome próprio de nosso Salvador, é irregular; tem o nominativo terminado em* **us**, *o acusativo em* **um** *e os outros casos em* **u**.

Singular			
Nom.	Jes-**us**, *Jesús.*	Ac.	Jes-**um**, *Jesús.*
Gen.	Jes-**u**, *de Jesús.*	Voc.	Jes-**u**, *ó Jesús.*
Dat.	Jes-**u**, *a Jesús.*	Abl.	Jes-**u**, *de, por Jesús.*

2) **Substantivos de gênero feminino.**

Singular		Plural	
Nom.	man-**us**, *a mão.*	Nom.	man-**us**, *as mãos.*
Gen.	man-**us**, *da mão.*	Gen.	man-**ŭum**, *das mãos.*
Dat.	man-**ŭi**, *à mão.*	Dat.	man-**ĭbus**, *às mãos.*
Ac.	man-**um**, *a mão.*	Ac.	man-**us**, *as mãos.*
Voc.	man-**u**, *ó mão.*	Voc.	man-**us**, *ó mãos.*
Abl.	man-**u**, *da, pela mão.*	Abl.	man-**ibus**, *das, pelas mãos.*

Semelhantes a estes são os seguintes e outros de gênero feminino:

anus, anus, *a velha,*	nurus, nurus, *a nora,*
portĭcus, portĭcus, *o pórtico,*	socrus, socrus, *a sogra,* etc.

Declinação do substantivo DOMUS.

Singular		Plural	
Nom.	dom-**us**, *a casa.*	Nom.	dom-**us**, *as casas.*
Gen.	dom-**us**, *da casa.*	Gen.	dom-**uum**, *ou* domōrum, *das casas.*
Dat.	dom-**ŭi** ou domo, *à casa.*	Dat.	dom-**ĭbus**, *às casas.*
Ac.	dom-**um**, *a casa.*	Ac.	dom-**os**, (*raro* domus), *as casas.*
Voc.	dom-**us**, *ó casa.*	Voc.	dom-**us**, *ó casas.*
Abl.	dom-**o**, (*rar.* domu), *da, pela casa.*	Abl.	dom-**ĭbus**, *das, pelas casas.*
Loc.	**domi**, *em casa.*		

Nota. — *Domi* (que é um antigo caso locativo) significa apenas *em casa,* não *da casa,* e se usa com os verbos que indicam *lugar onde*: *domi* = em casa, na pátria; *domum* = para casa; *domo* = da casa, da pátria, isto é, vindo da casa, da pátria.

3) Substantivos de gênero neutro.

Os substantivos neutros em *-u* são raríssimos; *cornu* e *genu* são os mais usados.

	Singular		Plural
Nom.	gen-**u**, *o joelho.*	Nom.	gen-**ŭa**, *os joelhos.*
Gen.	gen-**us** *ou* gen-**u**, *do joelho*	Gen.	gen-**ŭum**, *dos joelhos.*
Dat.	gen-**u**, *ao joelho.*	Dat.	gen-**ĭbus**, *aos joelhos.*
Ac.	gen-**u**, *o joelho.*	Ac.	gen-**ŭa**, *os joelhos.*
Voc.	gen-**u**, *ó joelho.*	Voc.	gen-**ŭa**, *ó joelhos.*
Abl.	gen-**u**, *do, pelo joelho.*	Abl.	gen-**ĭbus**,*dos, pelos joelhos.*

Semelhantes:

cornu, genitivo: cornu *ou* cornus, *corno;*
gelu, u *ou* gelus, *gelo, geada,* etc.

Substantivos terminados em UBUS no dativo e no ablativo plural.

38. — A forma primitiva do dativo e ablativo plurais era em *-ubus*, que em seguida se abrandou em *-ibus*. A forma *ubus* conservou-se em alguns substantivos para distinguí-los das formas iguais de substantivos da terceira declinação, assim temos: *arcŭbus, artŭbus, partŭbus,* dativos e ablativos dos nomes *arcus*, arco; *artus*, membro; *partus*, parto, para distinguí-los de *artĭbus, arcĭbus, partĭbus*, dativos e ablativos de substantivos da terceira declinação: *ars*, arte; *arx*, cume, atalaia; *pars*, parte.

Recebem a mesma desinência outros substantivos cujo elenco vai mais abaixo.

	Singular		Plural
Nom.	arc-**us**, *o arco.*	Nom.	arc-**us**, *os arcos.*
Gen.	arc-**us**, *do arco.*	Gen.	arc-**ŭum**, *dos arcos.*
Dat.	arc-**ui**, *ao arco.*	Dat.	arc-**ŭbus**, *aos arcos.*
Ac.	arc-**um**, *o arco.*	Ac.	arc-**us**, *os arcos.*
Voc.	arc-**us**, *ó arco.*	Voc.	arc-**us**, *ó arcos.*
Abl.	arc-**u**, *do, pelo arco.*	Abl.	arc-**ŭbus**, *dos, pelos arcos.*

Por arcus *declinam-se:*

Artus, artus, m., *o membro.*
Partus, partus, m., *o parto.*
Tribus, tribus, f., *a tribo.*

Lacus, lacus, m., *o lago.*

Specus, specus, m. *e* f., *a caverna.*

Acus, acus, f., *a agulha.*
Quercus, quercus, f., *o carvalho.*
Pecu, pecu *ou* pecus (o sing. não é de uso clássico), n., *o rebanho.*
Veru, veru *ou* verus, n., *o espelo*
Portus, portus, m., *o porto.*
{ **ubus** *ou* **ibus.**

Outras particularidades.

39. — *a*) *Tonĭtrus, us*, m., o trovão, é masculino no singular e neutro no plural: *tonitrŭa*.

b) Os escritores arcaicos, ou os que preferem estas formas, terminam, às vezes, o genitivo singular com a desinência *-i* da segunda em lugar de *-us* da quarta, p. ex.: *tumulti* por *tumultus; quaesti* por *quaestus; sumpti* por *sumptus; senati* por *senatus*, especialmente nas formas *senati consultu, senati sententia;* contudo a forma mais frequente é *senatus consultu, senatus sententia*.

c) Tambem nos bons excritores, em lugar do dativo singular em *ui*, encontra-se a forma contrata em *u*, p. ex.: *magistratu, equitatu* por *magistratui, equitatui*, dos nominativos *magistratus, equitatus*, etc.

d) Muitos substantivos da quarta declinação usam-se quasi exclusivamente seguidos de um genitivo ou de um adjetivo possessivo: *arbitratu meo*=a meu arbítrio; *ductu Caesaris*=sob o comando de Cesar; *hortatu Ciceronis*=por exortação de Cícero; *impulsu Scipionis*=por impulso de Cipião. E' muito frequente o abl. *astu*, na cidade.

e) Vários substantivos, que são ordinariamente da 2.ª declinação, têm o ablativo da 4.ª: *fretum, i*, estreito de mar, abl. *fretu; scitum, i*, decreto popular, abl. *plebis scitu*.

f) De *impetus*, ímpeto, assalto, usam-se os seguintes casos: acusativo sing. *impetum;* abl. *impetu;* o nom. e ac. plural *impetus;* os outros casos suprem-se com o substantivo *incursio, ōnis*, f.

§ V

QUINTA DECLINAÇAO

40. — A quinta declinação tem o genitivo acabado em **ei** e compreende substantivos todos de gênero feminino com o nominativo singular em **es**.

Apenas *dies*, dia, no singular, pode ser masculino ou feminino. E' masculino no sentido de dia, período de tempo de 24 horas; é feminino quando significar em geral *tempo, circunstância, termo, dia determinado, ocasião*, p. ex.: *certa die; constituta* ou *praestituta die; quadam die*. E' tambem feminino depois de *ante, post, ad*, seguidos de um pronome demonstrativo, p. ex.: *ante eam diem*. — No plural é sempre masculino. O seu composto *meridies*, meio dia, é sempre masculino e carece de plural (Cf. n. 44, *a*, pág. 47).

O plural desta declinação só se usa nos substantivos *res* e *dies;* falta na maior parte dos outros, principalmente no genitivo, dativo e ablativo.

Desinências dos casos da quinta declinação

SINGULAR		PLURAL	
Nom.	ēs	Nom.	ēs
Gen.	ĕī *ou* ēī *	Gen.	ērum
Dat.	ĕī *ou* ēī *	Dat.	ēbus
Ac.	em	Ac.	ēs
Voc.	ēs	Voc.	ēs
Abl.	ē	Abl.	ēbus

(*) Por exemplo: *rĕi, fidĕi, spĕi*, porque o *e* é precedido de consoante; mas é sempre longo quando for precedido de vogal, p. ex.: *diēi, faciēi, aciēi*, etc.

1) Substantivos de gênero masculino.

Singular

Nom. di-es, *o dia.*
Gen. di-ēi, *do dia.*
Dat. di-ēi, *ao dia.*
Ac. di-em, *o dia.*
Voc. di-ēs, *ó dia.*
Abl. di-ē, *do, pelo dia.*

Plural

Nom. di-es, *os dias.*
Gen. di-ērum, *dos dias.*
Dat. di-ēbus, *aos dias.*
Ac. di-ēs, *os dias.*
Voc. di-ēs, *ó dias.*
Abl. di-ēbus, *dos, pelos dias.*

2) Substantivos de gênero feminino.

Singular

Nom. r-es, *a cousa.*
Gen. r-ĕi, *da cousa.*
Dat. r-ĕi, *à cousa.*
Ac. r-em, *a cousa.*
Voc. r-es, *ó cousa.*
Abl. r-e, *da, pela cousa.*

Plural

Nom. r-ēs, *as cousas.*
Gen. r-ērum, *das cousas.*
Dat. r-ēbus, *às cousas.*
Ac. r-ēs, *as cousas.*
Voc. r-ēs, *ó cousas.*
Abl. r-ēbus, *das, pelas cousas.*

Mais exemplos:
fides, fidĕi, *a fé,* pernicĭes, perniciēi, *a ruina.*
specĭes, speciēi, *a aparência,* etc.

41. — *a)* Note-se, porem, que só os nomes *dies* e *res* têm todos os casos do plural; alguns substantivos como *acies, spes, effigies,* etc., têm no plural só os casos em *es* (nom., ac. e voc.); os outros nem sequer esses casos têm.

b) No genitivo e dativo encontra-se, às vezes, a forma contrata em *-ē* em lugar de *-ei,* p. ex.: *perniciē* por *perniciēi; fidē* por *fidĕi.*

c) Alguns substantivos terminados em **ies**, como *barbaries, mollities, luxuries, mundities, segnities,* e outros que têm um correspondente em *ia* da primeira declinação, só no singular pertencem a quinta declinação; no plural seguem a primeira.

Esquema geral das declinações

		I	II	III	IV	V
SINGULAR	N.	ă	ŭs; ĕr; ĭr; um	*Várias terminações*	ŭs ū	ēs
	G.	ae	ī	ĭs	ūs ū ūs	ēī ĕī
	D.	ae	ō	ī	ŭī (ū); ū	ēī ĕī
	A.	am	um	em, im	um ū	em
	V.	ă	ĕ, ī; *igual ao nom.*	*igual ao nominativo*	ŭs ū	ēs
	A.	ā	ō	ĕ, ī	ū	ē
PLURAL	N.	ae	ī ă	ēs; ă, ĭă	ūs ŭă	ēs
	G.	ārum	ōrum	ŭm, ĭum	ŭum	ērum
	D.	īs, ābŭs	īs	ĭbŭs	ĭbus, ŭbŭs	ēbŭs
	A.	ās	ōs ă	ēs; ă, ĭă	ūs ŭă	ēs
	V.	ae	ī ă	ēs; ă, ĭă	ūs ŭă	ēs
	A.	īs, ābŭs	īs	ĭbŭs	ĭbŭs, ŭbŭs	ēbŭs

DECLINAÇAO IRREGULAR

§ 1.º — Substantivos indeclinaveis.

42. — Substantivos indeclinaveis são os que têm uma única forma para todos os casos em que são usados:

a) **fas,** n., *a lei divina, o honesto, o lícito.;*
nefas, n., *o ilícito, a impiedade;*
Usam-se só no nominativo, ac. e voc. *Fas est*=é lícito.

b) **pondo,** n., *peso, libra,* antigo ablativo de *pondus, i,* desusado. Antes costumava-se uní-lo à palavra *libra* e significava *do peso*: **corona aurea libram** (=**librae**) **pondo,** *coroa de ouro de uma libra de peso.* Em seguida usou-se isolado e significou *libra;* **auri quinque pondo,** *cinco libras de ouro.*

c) **mane,** n., *de manhã, de madrugada.*

d) **instar,** n., indica igualdade, equivalência, e vai unido ao genitivo: **instar muri,** *à maneira, à guisa de muro;* **villa urbis instar,** *vila à guisa de cidade. Instar* é propriamente um infinito usado substantivamente=*instare,* que significa *ter peso igual.*

e) **semis,** m., que se encontra tambem declinado: gen. *semissis, metade, metade do asse* (*moeda romana*).

f) São tambem indeclinaveis as palavras hebraicas **manna,** n., maná; **Pascha,** n., Páscoa, e os nomes próprios **Bethleem, Jerusalem, Adam, Abram** e **Abraham, Jacob, Isaac, David, Joseph.** Contudo, alguns se podem tambem declinar, p. ex.: **Pascha, ae,** f. ou **Pascha, ătis,** n., **Hjerosolima, orum,** n., **Abram, Abrae** e **Abraham, Abrahae; David, Davĭdis; Adam,** Adae e **Adamus, i; Josephus, i.**

§ 2.º — Casos isolados.

43. — Encontram-se os seguintes casos isolados:

a) **nauci,** genitivo de preço de um arcaico *naucus* ou *naucum.* Usa-se somente unido a *non* nas frases: *non habere nauci,non nauci facere=não valer um caracol.*

b) **venum,** nas frases *venum ire=ser vendido* e *venum dare=vender.*

c) **pessum,** nas frases *pessum ire=arruinar-se* e *pessum dare=arruinar.*

Venum e *pessum* são dois acusativos que fazem as vezes de supinos, cf. a frase: *dare (filiam) nuptum, dar (a filha) em casamento.*

d) **infitĭas,** acusativo plural feminino, constrói-se sempre com *ire,* ir: *infitias ire=negar.*

§ 3.º — Defectivos quanto ao número.

44. — *a)* Dizem-se defectivos os substantivos que têm um só número.

Muitos substantivos empregam-se unicamente no singular por causa do seu significado: a idéia é simples e não pode ser considerada como *múltipla,* p. ex.: meio dia, *meridies;* sangue, *sanguis;* velhice, *senectus.*

Razão por que têm só o singular:

I) Muitos substantivos abstratos: *justitia*, justiça; *industria*, operosidade; *pĭĕtas*, piedade; *scientia*, conhecimentos, etc.
A *ciência*, com significação objetiva, traduz-se em latim por *doctrinae*, *litterae*, *artes*.

II) Substantivos coletivos, como *plebs*, plebe; *vulgus*, vulgo; *proles*, prole; *indoles*, índole, o complexo das qualidades espirituais adquiridas pela educação; *aes alienum*, dívidas; *supellex*, alfaias.

b) Têm só o plural:

I) Muitos nomes de cidades constituidas por algumas ilhas ou aldeias que se uniram: *Athenae, arum*, Atenas; *Syracusae, arum*, Siracusa; *Thebae, arum*, Tebas; *Argi, orum*, Argos; *Veii, Veiorum*, Veios; *Sardes, ium*, Sardes; *Venetiae, arum*, Veneza; *Gades, ium*, Gades (Cadiz).

II) Muitos nomes que pertencem ao calendário e que indicam festas e solenidades: *Kalendae*, o primeiro dia do mês; *Nonae*, o quinto ou sétimo dia do mês; *Ambarvalia*, as festas ambarvais; *Bacchanalia*, as festas bacanais; *Floralia*, as festas florais; *Saturnalia*, as festas saturnais; *Palilia*, as festas palílias (de Pales, deusa dos pastores), etc., etc.

III) Muitos substantivos comuns, por exemplo:
angustiae, arum, desfiladeiro, garganta;
divitiae, arum, riqueza;
indutiae, arum, trégua, armistício;
insidiae, arum, insídias, ciladas;
nuptiae, arum, núpcias;
arma, orum, armas;
castra, orum, acampamento;
majores, um, antepassados;
fruges, um, frutos da terra;
moenia, ium, muralhas.

§ 4.º — Nomes heteróclitos.

45. — *Nomes heteróclitos* são os que no singular seguem uma declinação e no plural outra:

a) **vas, vasis**, *n.*, vaso, no singular segue a terceira declinação, no plural a segunda:

singular: *vas, vasis, vasi, vase.*
plural: *vasa, vasorum, vasis.*

b) **jugĕrum, i**, *n.*, jeira, segue no singular a segunda declinação, no plural a terceira:

singular: *jugĕrum, jugeri, jugero.*
plural: *jugĕra, jugerum, jugeribus.*

c) Os nomes em *alia*, que significam festas, como *Bacchanalia*, *Floralia*, às vezes, têm no genitivo plural a desinência *-orum* da segunda declinação: *Bacchanalia*, gen. *Bacchanaliorum* ou *Bacchanalium* (cf. n. 32, c — pág. 38 — observação 2, pág. 40).

d) **plebs** ou **plebes**, gen. *plebis* e *plebĕi*, dat. *plebi*.

e) **requies, ētis**, da terceira declinação, tem forma dupla no acusativo e ablativo: *requiĕm*, *requie* ou *requiētem*, *requiete*.

§ 5.º — Nomes heterogêneos.

46. — *Nomes heterogêneos* são os que no singular são de um gênero e no plural de outro:

a) **locus, loci**, *m.*, lugar; plural: *loca, locorum, n.*, os lugares. Usa-se *loci, locorum, m.*, para significar *trechos de um livro*.

b) **jocus, joci**, *m.*, gracejo, brincadeira; plural: *joca, jocorum, n.*, ou *joci, jocorum, m.*

c) **carbăsus, i**, *f.*, linho finíssimo; plural: *carbasa, orum, n.*, vela do navio.

d) **caelum, i**, *n.*, céu; plural: *caeli, caelorum, m.*

e) Alguns substantivos neutros da segunda declinação no plural são da primeira:

balneum, i, *n.*, banho; plural: *balnĕae, arum*, f.
epulum, i, *n.*, banquete; plural: *epŭlae, arum*, f.

§ 6.º — Nomes gregos.

Primeira Declinação

Femininos em **-a** (*=grego* **-e**).

47. — *a*) *Substantivos comuns.* Alguns dos substantivos comuns, alem da forma grega: grammatice, es, *gramática;* musice, es, *música;* rhetorice, es, *retórica,* etc., tomam uma forma completamente latina: *grammatica, ae; musica, ae; rhetorica, ae;* outros só têm as formas da declinação grega. *Os nomes próprios* conservam toda a forma latina ou, paralelamente à latina, ainda que raramente, conservam a forma grega do nominativo em *-e*, declinando-se os outros casos à latina, p. ex.: *Helĕna*, gen. *Helĕnae*, dat. *Helĕnae*, ac. *Helĕnam*, voc. *Helĕna*, abl. *Helĕna*. Às vezes, no acusativo encontra-se a desinência grega *-ēn* por *-am* e no ablativo *ē* por *-a*.

Nom. Voc.	epitŏme, *compêndio.*	Niŏba *ou* Niŏbe, *Níobe.*
Gen.	epitŏmes	Niobae *ou* Niobes.
Dat.	epitŏmae	Niobae.
Ac.	epitŏmen	Niobam *ou* Nioben.
Abl.	epitŏmē	Nioba *ou* Niobe.

Masculinos em **-as, -es.**

b) Os *substantivos comuns* declinam-se inteiramente à latina, como *athleta, citharista, bibliopōla* (livreiro).

Muitos conservam o nominativo em *-es* e têm os outros casos regulares.

Os *nomes próprios* de pessoas e de povos conservam a forma grega do nominativo (*as, es*), e declinam-se nos outros casos como em latim.

Nom.	Aenēās	Anchīsēs	sophistēs, *o sofista.*
Gen.	Aeneae	Anchisae	sophistae
Dat.	Aeneae	Anchisae	sophistae
Ac.	Aeneām (ān)	Anchisām (ēn)	sophistām (ēn)
Voc.	Aeneā	Anchisă (1) (ē)	sophistā (ē)
Abl.	Aeneā	Anchisā (ē)	sophistā (ē)

Segunda Declinação

48. — *a)* Alguns nomes seguem inteiramente a declinação latina, p. ex.: Homerus, i, *Homero;* Alexander, dri, *Alexandre;* theatrum, i, *teatro,* etc.

b) Nomes há que no nominativo e acusativo do singular, alem das desinências latinas *us* e *um*, conservam as gregas **os** e **on**, p. ex.: Delus e Delos (*Delos, ilha*), ac.: Delum e Delon; Ilium e Ilion (*Tróia*), ac.: Ilium e Ilion. Assim tambem os neutros em *on* têm o acusativo e o vocativo em *on*, p. ex.: lexicon, i, n., *léxico, dicionário;* ac. e voc.: lexicon. Os outros casos são regulares.

c) Alguns substantivos, alem das formas latinas, conservam as desinências de declinação ática grega, p. ex.: alem de Andrŏgĕus, ei, eo, etc., encontrar-se-á: Nom. Androgĕōs (*Androgeu*); Gen., Dat. Voc., e Abl. Androgĕō; Ac. Androgĕōn — e assim Athos (*o monte Atos*): Gen. Dat. e Abl. Atho; Ac. Athon e Atho.

d) Os substantivos próprios em *-eus* têm o vocativo singular em *eu;* nos outros casos seguem a segunda declinação latina, apresentando às vezes as desinências gregas nos casos genitivo e acusativo.

Nom.	Orphēūs (2), *Orfeu.*	Promethēūs, *Prometeu.*
Gen.	Orphĕī *ou* Orphĕos.	Promethĕi *ou* Promethĕos.
Dat.	Orphĕō	Promethĕo
Ac.	Orphĕum *ou* Orphĕă	Promethĕum *ou* Promethĕă
Voc.	Orphēū	Promethēū
Abl.	Orphĕō	Promethĕo

e) No plural seguem regularmente a declinação latina. Frequentes vezes, porem, especialmente nos títulos dos livros, encontra-se a desinência grega *-ōn* em lugar da latina *-orum*, p. ex.: Georgĭcon libri (*os livros das Geórgicas,* obra de Vergílio) por Georgicorum libri.

---

(1) Raramente *ă*

(2) *Or-pheus,* dissílabo, porque *eu* é ditongo, rar. *Or-phĕ-us,* trissílabo. No vocativo é sempre dissílabo, no genitivo é trissílabo, somente na poesia se encontra *Or-phei,* dissílabo.

TERCEIRA DECLINAÇÃO

49. — *a*) Os substantivos gregos femininos em *is*, genitivo *is*, como *poësis*, poesia; *basis*, base; *haerĕsis*, heresia, têm o acusativo singular em *im* ou *in* e o ablativo em *i*: *poësim* ou *poësin*, *basim*, *haerĕsim*; *poësi*, *basi*, *haerĕsi*; *Neapŏlim* ou *Neapŏlin*.

b) Os nomes gregos em *ma*, como *poëma*, *dogma*, *epigramma*, têm o genitivo plural em *-orum* ao lado da forma regular em *-um*, e o dativo e ablativo em *is* em vez de *ibus*; em resumo: no plural seguem a segunda declinação:

poëma, plural: *poëmăta*, *poëmatorum*, *poëmătis*.
emblema, plural: *emblemăta*, *emblemătorum*, *emblemătis* (cf. n. 32, c — pág. 38 — observação *1*, pág. 40).

c) Alguns nomes de origem grega têm o acusativo singular em *-ă* e o acusativo plural em *-ăs*:

Aër, *ĕris*	ar	ac.	*aëra* (*aërem*);
aether, *ĕris*	eter	»	*aethĕra* (*aethĕrem*);
Pan, *nis*	Pan	»	*Pana*;
Hector, *ŏris*	Heitor	»	*Hectŏra* (*Hectŏrem*);
Pallas, *ădis*	Palas	»	*Pallăda* (*Pallădem*);
Arcădes, *um*	Árcades	»	*Arcădăs* e *Arcădes*;
Crater, *ēris*	taça	»	*cratēras* (*cratēres*);
Macedŏnes, *um*	Macedônios	»	*Macedŏnăs*.

d)Os parissílabos em *-es* declinam-se regularmente como *nubes* (cf. pág. 34), mas frequentes vezes têm o genitivo em *i* em lugar de *is*; *en* no acusativo em vez de *em*, e no vocativo *e* por *es*:

Nom.	Aristīdes	Socrătes
Gen.	Aristīdes *e* Aristīdi	Socrătis *e* Socrăti
Dat.	Aristīdi	Socrăti
Acc.	Aristīdem *e* Aristīden	Socrătem *e* Socrăten
Voc.	Aristīdes *e* Aristīde	Socrătes *e* Socrăte
Abl.	Aristīde	Socrăte

e) Os femininos em *-o* terminam o genitivo em *-us* e os demais casos em *o*, p. ex.: *Didō*, gen. *Didus*, *Dido* — ou tambem gen. *Didōnis*, dat, *Didōni*, ac. *Didonem*, abl. *Didone*; *Sapphō*, gen. *Sapphus*, *Sappho*, etc.

§ 7.º — Nomes compostos.

50. — Há duas espécies de nomes compostos: alguns são compostos de um nome e de um adjetivo, como *respublica* = *res-publica*, *jusjurandum* = *jus-jurandum*; outros de dois substantivos, um dos quais é um genitivo de especificação, p. ex.: *terraemotus* = *terrae-motus*.

a) No primeiro caso, isto é, quando se compõem de um substantivo e de um adjetivo, declinam-se simultaneamente as duas partes componentes:

Singular		Plural	
Nom.	res-publica, *a república*.	Nom.	res-publicae.
Gen.	rei-publicae.	Gen.	rerum-republicarum.

Dat.	rei-publicae.	Dat.	rebus-publicis.
Ac.	rem-publieam.	Ac.	res-publicas,
Voc.	res-publica.	Voc.	res-publicae.
Abl.	re-publica.	Abl.	rebus-publicis.

b) Nos compostos de dois substantivos um em caso nominativo e outro genitivo, declina-se tão somente o em caso nominativo e ficando inalterado o outro de caso genitivo, p. ex.: *terraemotus*, gen. *terraemotus*, o terremoto; *agricultura*, gen. *agriculturae*, a agricultura; *paterfamilias*, gen. *patrisfamilias* pai de família. (Encontra-se tambem na grafia: *pater familias* e *paterfamiliae* e *pater familiae*, cf. n. 20, *a*, pág. 26).

Singular		Plural	
Nom.	terrae-motus, *o terremoto*	Nom.	terrae-motus.
Gen.	terrae-motus.	Gen.	terrae-motuum.
Dat.	terrae-motui.	Dat.	terrae-motibus.
Ac.	terrae-motum.	Ac.	terrae-motus.
Voc.	terrae-motus.	Voc.	terrae-motus.
Abl.	terrae-motu.	Abl.	terrae-motibus.

CAPITULO VIII

DECLINAÇÃO DOS ADJETIVOS

51. — O *nome adjetivo*, chamado tambem simplesmente *adjetivo*, é a parte do discurso que serve para indicar a qualidade ou o número das pessoas ou cousas. Há duas espécies de adjetivos: *qualificativos* e *numerais*.

Na língua latina os adjetivos dividem-se em duas classes: *primeira* e *segunda classe*.

a)Os adjetivos da *primeira classe* recebem as desinências da primeira declinação no feminino e as de segunda no masculino e neutro, p. ex.: *bonus, bona, bonum; pulcher, pulchra, pulchrum.*

b) Os adjetivos da *segunda classe* tomam sempre em todos os gêneros as desinências da terceira declinação, p. ex.: *brevis, breve.*

PRIMEIRA CLASSE DOS ADJETIVOS

52. — Os adjetivos da primeira classe têm três desinências, uma para cada gênero: a primeira em **-us** ou **-er** para o masculino, a segunda em **-a** para o feminino, a terceira em **-um** para o neutro. A terminação em -a segue a primeira declinação, as outras seguem a segunda.

Observação. — Satur, satŭra, satŭrum, *farto, saciado*, é o único adjetivo que tem o nominativo singular em **ur.**

Desinências dos adjetivos da primeira classe.

	masculino	neutro	feminino (1)
SINGULAR	Nom. US *ou* ER	UM	a
	Gen. i		ae
	Dat. o		ae
	Ac. um		am
	Voc. e	*Igual ao nom.*	a
	Abl. o		a
	masculino	**neutro**	**feminino**
PLURAL	Nom. i	a	ae
	Gen. orum		arum
	Dat. is		is
	Ac. os	a	as
	Voc. i	a	ae
	Abl. is		is

Exemplos:

Singular

Nom. bonus, bona, bonum, *bom* e *boa*.
Gen. boni, bonae, boni.
Dat. bono, bonae, bono.
Ac. bonum, bonam, bonum.
Voc. bone, bona, bonum.
Abl. bono, bona, bono.

Plural

Nom. boni, bonae, bona, *bons* e *boas*.
Gen. bonōrum, bonārum, bonōrum.
Dat. bonis.
Ac. bonos, bonas, bona.
Voc. boni, bonae, bona.
Abl. bonis.

Do mesmo modo declinam-se:
Albus, alba, album, *branco* e *branca*.
Dignus, digna, dignum, *digno* e *digna*.
Doctus, docta, doctum, *douto* e *douta*, etc.

Singular

Nom. pulcher, pulchra, pulchrum *belo* e *bela*.
Gen. pulchri, pulchrae, pulchri.
Dat. pulchro, pulchrae, pulchro.
Ac. pulchrum, pulchram, pulchrum.
Voc. pulcher, pulchra, pulchrum.
Abl. pulchro, pulchra, pulchro.

Plural

Nom. pulchri, pulchrae, pulchra, *belos* e *belas*.
Gen. pulchrōrum, pulchrārum, pulchrōrum.
Dat. pulchris.
Ac. pulchros, pulchras, pulchra.
Voc. pulchri, pulchrae, pulchra.
Abl. pulchris.

(1) Praticamente, nos dicionários e nas gramáticas, sempre se coloca a terminação e a declinação do feminino entre o gênero masculino e neutro, p. ex.: bonus, *a*, um.

Do mesmo modo declinam-se:

Sacer, sacra, sacrum, *sagrado* e *sagrada*.
Piger, pigra, pigrum, *preguiçoso* e *preguiçosa*, etc.

Singular		Plural	
Nom.	liber, libĕra, libĕrum.	Nom.	libĕri, libĕrae, libĕra.
Gen.	libĕri, libĕrae, libĕri.	Gen.	liberorum, liberarum, liberorum.
Dat.	libero, liberae, libero.	Dat.	liberis.
Ac.	liberum, liberam, liberum.	Ac.	liberos, liberas, libera.
Voc.	liber, libera, liberum.	Voc.	liberi, liberae, libera,
Abl.	libero, libera, libero.	Abl.	liberis.

Por liber *declinam-se:*

miser, misĕra, misĕrum, *infeliz*.
asper, aspĕra, aspĕrum, *áspero*.
tener, tenĕra, tenĕrum, *tenro*.
pestĭfer, pestifĕra, pestifĕrum, *pestífero*, etc.

Usa-se raramente o masculino singular dos seguintes adjetivos:

— cetĕra, cetĕrum, *o outro, o restante*.
— extĕra, extĕrum, *externo, estrangeiro*.
— postĕra, postĕrum, *o que vem depois, o seguinte*.

Plerīque, pleraeque, plerăque, *a maior parte, os mais*, não tem singular; supre-se-lhe o genitivo plural com plurimorum, plurimarum, plurimorum.

SEGUNDA CLASSE DOS ADJETIVOS

53. — A segunda classe dos adjetivos compreende os adjetivos que seguem a terceira declinação e podem ter:

a) três terminações, como *acer* mas., *acris* fem., *acre* neutro.
b) duas terminações, como *brevis* mas. e fem., *breve*, neutro.
c) uma só terminação, como *felix*, mas. fem. e neutro.
d) adjetivos e particípios terminados em **ns**, como *prudens*, mas., fem. e neutro; *amans*, mas., fem. e neutro.

Estas quatro categorias de adjetivos declinam-se como os temas em **-i** da terceira declinação, tendo portanto o abl. singular em **i**, os casos neutros do plural em **ia**, o genitivo plural em **ium**.

***a)* Adjetivos com três terminações**
1) **ER** para o masculino.
2) **IS** para o feminino.
3) **E** para o neutro.

Os adjetivos deste grupo têm sempre as seguintes desinências:

SINGULAR				PLURAL		
	m.	f.	n.		m. f.	n.
Nom.	ER,	IS,	E	Nom.	es	ia
Gen.		is		Gen.	ium	
Dat.		i		Dat.	ibus	
Ac.	em (*m.* e *f.*)		e	Ac.	es	ia
Voc.	*Igual ao nom.*			Voc.	es	ia
Abl.		i		Abl.	ibus	

Exemplos:

	Singular		Plural
Nom.	acer, acris, acre, *agudo* e *aguda.*	Nom.	acres, acres, acria, *agudos* e *agudas,*
Gen.	acris, acris, acris,	Gen.	acrĭum, acrĭum, acrĭum.
Dat.	acri, acri, acri.	Dat.	acrĭbus, acrĭbus, acrĭbus.
Ac.	acrem, acrem, acre.	Ac.	acres, acres, acria.
Voc.	acer, acris, acre.	Voc.	acres, acres, acria.
Abl.	acri, acri, acri.	Abl.	acribus, acribus, acribus.

Os adjetivos com três terminações são treze:

acer,	acris,	acre,	*agudo;*
alăcer,	alăcris,	alăcre,	*pronto, experto;*
volŭcer,	volŭcris,	volŭcre,	*alado;*
celĕber,	celĕbris,	celĕbre,	*frequentado;*
salūber,	salūbris,	salūbre,	*salubre;*
puter,	putris,	putre.	*mole;*
campester,	campestris,	campestre,	*campestre;*
equester,	equestris,	equestre,	*equestre;*
paluster,	palustris,	palustre,	*palustre;*
pedester,	pedestris,	pedestre,	*pedestre;*
silvester,	silvestris,	silvestre,	*silvestre;*
terrester,	terrestris,	terrestre,	*terrestre;*
celer,	celĕris,	celĕre,	*rápido, veloz.*

Alguns dêstes adjetivos com três terminações, às vezes, no masculino, têm a desinência *is* em lugar de *er*, p. ex.: *salubris annus* (Cícero); *collis silvestris* (Cesar); *terrestris exercitus, equestris tumultus* (Lívio); *alacris Dares, Aeneas* (Vergílio).

b) **Adjetivos com duas terminações** { 1) **IS** para o masculino e feminino. 2) **E** para o neùtro.

Os adjetivos deste grupo têm sempre as seguintes desinências:

	SINGULAR m. f.	n.		PLURAL m. f.	n.
Nom.	IS	E	Nom.	es	ia
Gen.	is		Gen.	ium	
Dat.	i		Dat.	ibus	
Ac.	em (*m.* e *f.*)	e	Ac.	es	ia
Voc.	*Igual ao nom.*		Voc.	es	ia
Abl.	i		Abl.	ibus	

Exemplos:

Singular

Nom. brevis, breve, *breve*.
Gen. brevis.
Dat. brevi.
Ac. brevem, breve.
Voc. brevis, breve.
Abl. brevi.

Plural

Nom. breves, brevĭa, *breves*.
Gen. brevĭum.
Dat. brevĭbus.
Ac. breves, brevĭa.
Voc. breves, brevĭa.
Abl. brevĭbus.

Singular

Nom. omnis, omne, *todo* e *toda*, *tudo*.
Gen. omnis.
Dat. omni.
Ac. omnem, omne.
Voc. omnis, omne.
Abl. omni.

Plural

Nom. omnes, omnĭa, *todos* e *todas*, *tudo*.
Gen. omnĭum.
Dat. omnĭbus.
Ac. omnes, omnĭa.
Voc. omnes, omnĭa.
Abl. omnibus.

Do mesmo modo declinam-se:

Dulcis, dulce, *doce*.
Simĭlis, simĭle, *semelhante*.
Rudis, rude, *tosco*, *rústico*.
Debĭlis, debĭle, *debil*, etc.

c) **Adjetivos com uma só terminação—X** para todos os gêneros.

Os adjetivos deste grupo têm sempre as seguintes desinências:

	SINGULAR m. f.	n.		PLURAL m. f.	n.
Nom.	X		Nom.	es	ia
Gen.	is		Gen.	ium	
Dat.	i		Dat.	ibus	
Ac.	em (*m.* e *f.*)	x	Ac.	es	ia
Voc.	*Igual ao nomin.*		Voc.	es	ia
Abl.	i		Abl.	ibus	

Exemplos:

	Singular		Plural
Nom.	felix, *feliz.*	Nom.	felices, felicia, *felizes.*
Gen.	felīcis.	Gen.	felicĭum.
Dat.	felīci.	Dat.	felicĭbus.
Ac.	felīcem, felix.	Ac.	felīces, felicĭa.
Voc.	felix.	Voc.	felīces, felicĭa.
Abl.	felīci.	Abl.	felicĭbus.

	Singular		Plural
Nom.	velox, *veloz.*	Nom.	velōces, velocĭa, *velozes.*
Gen.	velōcis.	Gen.	velocĭum.
Dat.	velōci.	Dat.	velocĭbus.
Ac.	velōcem, velox.	Ac.	velōces, velocĭa.
Voc.	velox.	Voc.	velōces, velocĭa.
Abl.	velōci.	Abl.	velocĭbus.

Do mesmo modo declinam-se:

Audax, audācis, *audaz.*
Ferox, ferōcis, *feroz.*
Fallax, fallācis, *enganador.*
Loquax, loquācis, *palrador.*
Rapax, rapācis, *rapace,* etc.

Observações. — *1)* Os adjetivos com uma ou duas terminações, p. ex.: felix, *feliz;* martialis, *marcial;* juvenalis, *juvenil,* etc., terminam o ablativo tanto em *e* como em *i;* em *i* quando adjetivos: *felici, martiali, juvenali,* mas dir-se-á: *Felice, Martiale, Juvenale,* etc., porque são substantivos.

2) Os nomes dos meses, originariamente verdadeiros adjetivos, concordam em gênero, numero e caso com o substantivo a que se referem, e os da segunda classe (September, October, November, December e Aprilis) terminam o ablativo singular em *i,* p. ex.: Kalendis Januariis, *primeiro de Janeiro;* Kalendis, Nonis, Idibus Septembribus, *em 1, em 5 ,em 13 de Setembro;* mense Aprili, mense Septembri, *no mês de Abril, em Setembro,* e tambem simplesmente: Aprili, Septembri, *em Abril, em Setembro,* etc.

Nota. — Alguns adjetivos de uma só terminação têm o ablativo em *-e* (os com asterisco tambem em *-i*) e o genitivo plural em *-um* e carecem dos três casos neutros do plural. — Quase todos são adjetivos substantivados.

* ales, ĭtis, (poético), *alado;*
caelebs, ĭbis, *solteiro;*
* degĕner, ĕris, *degenerado, vil;*
deses, ĭdis, *ocioso;*
dives, ĭtis, *rico;*
* immĕmor, ŏris, *esquecido;*
impos, impŏtis, *que não é senhor de;*
impūbes, ĕris, *impúbere;*
* inops, ŏpis, *pobre;*
* memor, ŏris, *que se lembra;*
partĭceps, cĭpis, *participante;*
pauper, ĕris, *pobre;*
* cicur, ŭris, *domado, manso;*
compos, ŏtis, *que é senhor de; que goza de;*
princeps, ĭpis, *o primeiro (em relação ao tempo, ao lugar);*
quadrŭpes, pĕdis, *quadrúpede;*
reses, ĭdis, *preguiçoso;*
sospes, ĭtis, *são e salvo;*
superstes, stĭtis, *supérstite;*
supplex, ĭcis, *suplicante;*
teres, ĕtis, *redondo;*
* uber, ĕris, *fecundo;*
versicŏlor, ōris, *furtacor;*
* vigil, gĭlis, *atento, vigilante.*

Particularidades avulsas:

Anceps, cipĭtis, *duvidoso;*	ancipite (-*i*)	ancipitĭa	ancipĭtum
dis (*m. f.*) dite (*n.*), *rico;*	diti	—	ditĭum
locŭples, plētis, *rico;*	locuplēte (-*i*)	locupletĭa	locupletĭum (-um)
praeceps, cipĭtis, *precipitado, precipitoso;*	praecipĭte (-*i*)	praecipitĭa	praecipĭtum
vetus, tĕris, *antigo.*	vetĕre (-*i*)	vetĕra	vetĕrum

d) **Adjetivos e particípios terminados em NS** — uma só terminação para os três gêneros.

Os adjetivos deste grupo têm sempre as seguintes desinências:

SINGULAR	m. f.	n.	PLURAL	m. f.		n.
Nom.	NS		Nom.	es		ia
Gen.	is		Gen.		ium	
Dat.	i		Dat.		ibus	
Ac.	em (*m.* e *f.*)	ns	Ac.	es		ia
Voc.	*Igual ao nom.*		Vod.	es		ia
Abl.	i		Abl.		ibus	

Exemplos:

Singular		Plural	
Nom.	prudens, *prudente.*	Nom.	prudēntes, prudentĭa, *prudentes.*
Gen.	prudēntis.	Gen.	prudentĭum.
Dat.	prudēnti.	Dat.	prudentĭbus.
Ac.	prudēntem, prudens.	Ac.	prudēntes, prudentĭa.
Voc.	prudens.	Voc.	prudēntes, prudentĭa.
Abl.	prudēnti.	Abl.	prudentĭbus.

Singular		Plural	
Nom.	amans, *amante, o que ama*	Nom.	amāntes, amantĭa.
Gen.	amāntis.	Gen.	amantĭum.
Dat.	amānti.	Dat.	amantĭbus.
Ac.	amantem, amans.	Ac.	amāntes, amantia.
Voc.	amans.	Voc.	amāntes, amantĭa.
Abl.	amānti.	Abl.	amantĭbus.

Por estes declinam-se os outros particípios e adjetivos que terminam em **ans** *ou* **ens**, *como:*

Laudans, laudantis, *o que louva.*
Docens, docentis, *ensinante, docente, o que ensina.*
Audĭens, audientis, *o que ouve*, etc.

Observações. — *1*) Os particípios em *ns* têm o ablativo em *e* quando particípios e substantivos; em *i* quando adjetivos. Dir-se-á pois: *ardente domo*, ardendo a casa; *ardenti studio*, com zelo ardente; *fervente aqua*, enquanto a água ferve; *ferventi agua*, com água a ferver; *a sapiente*, por um sábio; *a sapienti viro*, por um homem sábio.

2) Estes mesmos particípios no genitivo plural terminam em *um* e *ium*: em *um*, se forem usados como substantivos, p. ex.: *sapientum est spernĕre divitias*, é próprio dos sábios desprezar as riquezas; em *ĭum*, quando particípios e adjetivos, p. ex.: *inflammare animos audientĭum*, acender os ânimos dos que ouvem (=dos ouvintes); *sapientium virorum est spernere divitias*, é próprio dos homens sábios desprezar as riquezas.

Adjetivos indeclinaveis e defectivos.

54. — Tambem entre os adjetivos encontram-se os indeclinaveis e os defectivos:

a) INDECLINAVEIS:

Frugi, que tem bom procedimento, prudente. Propriamente é o dativo de *frux* e significaria: para vantagem, para utilidade (cf. n. 34, 2, pág. 41).

Necesse, necessário, une-se com *esse* ou *habere*.

Nequam, que não vale cousa alguma, malvado.

Macte, que propriamente é vocativo de um arcaico *mactus* e significa: sê glorificado, abençoado; quase sempre com um ablativo: *macte animo*, ânimo! coragem! *Macte virtute*, bravo! (propriamente: sê feliz pelo teu valor).

b) DEFECTIVOS são uns poucos adjetivos, que, indicando números, pela mesma significação que lhes é própria, têm só o plural, p. ex.: *pauci, plerique, complures, singŭli, bini, supĕri, infĕri*, etc.

De *exlex*, sem lei, independente, alem do nominativo, encontra-se tambem o acusativo *exlēgem*; de *exspes*, sem esperança, desesperado, só o nominativo.

DOS GRAUS POSITIVO, COMPARATIVO E SUPERLATIVO

55. — *a*) Os adjetivos qualificativos têm três graus diferentes: positivo, comparativo e superlativo. O positivo significa qual é a cousa, como **sanctus**, *santo*. O comparativo exprime um confronto e aumenta a significação do positivo, **sanctĭor**, *mais santo*. O superlativo significa a qualidade da cousa em grau sumo, como **sanctissĭmus**, *santíssimo, o mais santo*.

b) O **comparativo** forma-se substituindo-se à desinência do genitivo singular masculino (**i** nos adjetivos da primeira classe e **is** nos da segunda) a terminação **-ĭor** para o masculino e feminino e **-ĭus** para o neutro.

O **superlativo** forma-se substituindo-se à mesma desinência do mesmo caso a terminação **-issĭmus, a, um.** Por exemplo:

Nom. s. *clarus*, g. s. m. *clari* — comp. m. f. **clarior** — n. **clarius.**

Superl. **clarissimus, a, um.**

Aptus, apti — comp. **aptior, aptius** — superl. **aptissimus, a, um.**

Gravis, gravis — comp. **gravior, gravius** — super. **gravissimus, a, um.**

Mitis, mitis — comp. **mitior, mitius** — superl. **mitissimus, a, um.**

Prudens, prudentis — comp. **prudentior, prudentius** — superl. **prudentissimus, a, um.**

c) Os comparativos declinam-se como os adjetivos da 2.ª classe e têm o ablativo em *-e* (preferivel à forma em *-i*) o plural neutro em *-a*, e o genitivo plural em *-um;* os superlativos declinam-se como os adjetivos da primeira classe.

Todo comparativo e superlativo latino tem sempre as seguintes desinências.

Comparativo

SINGULAR			PLURAL		
	m. f.	n.		m. f.	n.
Nom.	(sanct)-ĭor	(sanct)-ĭus	Nom.	(sanct)-iōr-es	(sanct)iōr-a
Gen.	(sanct)-iōr-is		Gen.	(sanct)-iōr-um	
Dat.	(sanct)-iōr-i		Dat.	(sanct)-ior-ĭbus	
Ac.	(sanct)-iōr-em	(sanct)-ĭus	Ac.	(sanct)-iōr-es	(sanct)-iōr-a
Voc.	(sanct)-ĭor	(sanct)-ĭus	Voc.	(sanct)-iōr-es	(sanct)-iōr-a
Abl.	(sanct)-iōr-e (-i)		Abl.	(sanct)-ior-ĭbus	

Observação. — Por este exemplo vê-se como na declinação do comparativo entram sempre três elementos a saber: *1*) o tema do adjetivo positivo, que colocamos entre parêntesis, *2*) o sufixo *-ior*, que indica o grau comparativo, *3*) o elemento desinência.

Superlativo

SINGULAR				PLURAL			
	m.	f.	n.		m.	f.	n.
Nom.	(sanct-issĭm-us	a	um	Nom.	(sanct)-issĭm-i	ae	a
Gen.	(sanct)-issĭm-i	ae	i	Gen.	(sanct)-issim-ōrum	arum	ōrum
Dat.	(sanct)-issĭm-o	ae	o	Dat.	(sanct)-issĭm-is	is	is
Ac.	(sanct)-issĭm-um	am	um	Ac.	(sanct)-issĭm-os	as	a
Voc.	(sanct)-issĭm-e	a	um	Voc.	(sanct)-issĭm-i	ae	a
Abl.	(sanct)-issĭm-o	a	o	Abl.	(sant)-issĭm-is	is	is

Observação. — Por este exemplo vê-se tambem como na declinação do superlativo entram os três elementos supramencionados: *1*) tema do adjetivo positivo, que colocamos entre parêntesis, *2*) o sufixo do superlativo, *3*) o elemento desinência.

Particularidades na formação dos comparativos e dos superlativos

56. — *a*) Os positivos terminados em er têm o comparativo regular, mas formam o superlativo acrescentando-se-lhes **rimus** no nominativo singular masculino, como *pulcher, pulchrior, pulcherrĭmus; acer, acrior, acerrĭmus; asper, asperior, asperrimus,* etc.

b) Há seis adjetivos em **ilis**, a saber: **facĭlis, difficĭlis, gracĭlis, humĭlis, simĭlis** e **dissimĭlis** que têm o comparativo regular, mas formam o superlativo mudando a desinência **ilis** em **illĭmus**;

Positivo	Comparativo	Superlativo
facĭlis, e	*facilior, ius*	**facillĭmus, a, um;**
difficĭlis, e	*difficilior, ius*	**difficillĭmus, a, um;**
gracĭlis, e	*gracilior, ius*	**gracillĭmus, a, um;**
humĭlis, e	*humilior, ius*	**humillĭmus, a, um;**
simĭlis, e	*similior, ius*	**simillĭmus, a, um;**
dissimĭlis, e	*dissimilior, ius*	**dissimillĭmus, a, um.**

Os outros formam o superlativo regularmente: **nobilis,** *nobilissimus;* **amabilis,** *amabilissimus;* **utilis,** *utilissimus,* etc.

Observação. — **Imbecillis** ou **imbecillus** faz tanto **imbecillimus** como **imbecillissimus.**

c) Os adjetivos em que a desinência *us* é precedida de vogal, como **idonĕus, noxĭus,** etc., têm o comparativo e superlativo perifrástico, empregando-se com eles o advérbio **magis** para o comparativo, *magis idoneus, a, um;* e **maxime** para o superlativo, *maxime idoneus, a, um.* Contudo, os que terminam em *quus* são em tudo regulares; *antiquus, antiquior, antiquissimus,* porque o *u,* que segue ao *q,* não tem valor de vogal. Como tambem são regulares todos os adjetivos que terminam em *-uis,* p. ex.: *pinguis,* gordo: *tenuis,* tênue; *pinguior, tenuior; pinguissimus, tenuissimus.*

Mais exemplos: *regius, varius, noxius, vacuus, dubius, exiguus, perspicuus, adversarius, contrarius, industrius,* etc.

Observação. — Alguns adjetivos em **uus** formam, não na linguagem clássica, um ou outro grau de comparação regularmente, p. ex.: assiduus, *assíduo,* assiduior, assiduissimus; pius, *piedoso,* superlativo piissimus, forma reprovada por Cícero como estranha à língua latina. Depois da idade de Augusto, piissimus tornou-se a forma regular.

Encontra-se tambem pientissimus, como de piens; strenuus, *valoroso,* strenuior, strenuissimus; exiguus, *pequeno,* exiguior e exiguissimus; vacuus, *vazio,* superlativo vacuissimus.

d) Os adjetivos compostos dos verbos **facio, dico, volo,** e que terminam o nominativo singular em **-fĭcus, -dĭcus, -vŏlus,** como *magnifĭcus, maledĭcus, benevŏlus* e outros, formam o comparativo em **entior, entius** e o superlativo em **entissimus, a, um** como **magnificentiŏr, magnificentissĭmus; maledicentiŏr, maledicentissĭmus; benevolentiŏr, benevolentissĭmus.** — *Egenus* faz **egentior** no comparativo e **egentissimus** no superlativo; *providus,* faz **providentior, providentissimus.**

e) **Dives,** *rico,* tem o comparativo **ditĭor** ou **divitĭor,** *mais rico,* e o superlativo **ditissĭmus** ou **divitissĭmus,** *riquíssimo.*

f) O adjetivo **maturus,** *maduro,* tem o superlativo **maturissimus** e **maturrimus; prosperus** (tambem *prosper, a, um*) faz sempre **prosperior** e **prosperrimus.**

g) Do adjetivo poético e indeclinavel **potis, pote,** *que pode, capaz de,* forma-se o comparativo **potior,** *melhor,* e o superlativo **potissimus,** *o melhor, o principal.*

h) De **ocys,** *rápido,* adjetivo antiquado e de origem grega, forma-se o comparativo **ocior,** *mais rápido* e **ocissimus,** *rapidíssimo.* — Do desusado **deter,** *mau,* **deterior,** *pior,* **deterrimus,** *péssimo.*

i) Os dois adjetivos indeclinaveis **frugi,** *que tem bom procedimento, sóbrio, econômico,* e **nequam,** *malvado, mau,* (Cf. n. 54, *a*, pág. 59), têm **frugalior, frugalissimus** (o positivo *frugalis* não é clássico) e **nequior, nequissimus.**

j) Muitas vezes o positivo torna-se superlativo antepondo-se-lhe a partícula **per** ou **prae**; assim dizemos: **perdifficĭlis,** *dificílimo;* **praeāltus,** *altíssimo,* etc.

Comparativos e superlativos irregulares.

57. — I. Os quatro adjetivos *bonus, malus, magnus,* e *parvus* têm o comparativo e o superlativo irregulares do seguinte modo:

Positivo	Comparativo		Superlativo		
m.	f.	n.	m.	f.	n.
Bonus;	melĭor,	melĭus;	optĭmus,	a,	um.
Malus;	pejor,	pejus;	pessĭmus,	a,	um.
Magnus;	major,	majus;	maxĭmus,	a,	um.
Parvus;	minor,	minus;	minĭmus,	a,	um.

II. **Multus, a, um,** tem o comparativo **plus, pluris,** e o superlativo **plurĭmus, a, um.** *Plus* no singular só tem o gênero neutro e três casos: nom., ac. e genitivo.

No nom. e ac. usa-se:

a) como substantivo e quase sempre com um genitivo partitivo, p. ex.: *plus animi in eo quam fidei erat,* havia nele mais coragem do que fidelidade.

b) como advérbio, p. ex.: *nequeo plus facere,* não posso fazer mais.

O genitivo *pluris* usa-se exclusivamente nos complementos de apreciação e de preço, p. ex.: *pluris facĕre,* estimar mais.

Plures no plural se declina regularmente e pode ser tanto substantivo como adjetivo:

	m. f.		n.
Nom.	plures,		plura (*rar.* pluria).
Gen.		plurium.	
Dat.		pluribus.	
Ac.	plures,		plura (*rar.* pluria).
Abl.		pluribus.	

Como *plures* se declina o seu composto **complures,** *muitos.*

III. Têm o superlativo irregular os seguintes:

Dexter, dexterĭor, dextĭmus, colocado a direita, dextro, direito.

Extĕrus, exterĭor, extrēmus, e raramente *extĭmus,* exterior, externo, extremo.

Infĕrus, inferĭor, infĭmus e *imus,* inferior, ínfimo.

Postĕrus, posterĭor, postrēmus ou *postŭmus,* o que vem depois, o seguinte, posterior, último.

Supĕrus, superĭor, suprēmus e *summus,* superior, supremo, o mais alto.

IV. Da preposição **citra** (aquem) derivam-se o comparativo *citerior*, citerior, e o superlativo *citĭmus* (raro).

Da preposição **prae**, *prior*, o primeiro (de dois), *primus*, o
» » primeiro entre muitos.
» » **intra**, *interior*, *intĭmus*.
» » **prope**, *propior*, mais próximo; *proximus*, o mais próximo.
» » **ultra**, *ulterior*, *ultimus*.
» » **ante**, *anterior*, carece de superlativo.

V. Há alguns adjetivos que têm só o comparativo, outros que só têm o superlativo. As formas que faltam substituem-se por sinônimos.

adulescens, *jovem* (*orçando pelos vinte anos*)	adulescentior.	
juvenis, *jovem* (*orçando pelos trinta anos*)	junior.	
senex, *idoso*, *velho*	senior.	
propinquus, *próximo*	propinquior.	
alăcer, *pronto*, *experto*	alacrior.	
longinquus, *afastado*	longinquior.	
credibilis, *crivel*	credibilior.	
probabilis, *provavel*	probabilior.	
novus, *novo*	(recentior),	novissimus.
vetus, *gen.* vetĕris, *antigo*	(vetustior),	veterrimus.
falsus, *falso*		falsissimus.
sacer, *sagrado*	(sanctior),	sacerrimus *ou* sanctissimus.
inclĭtus, *célebre*, etc.		inclitissimus.

VI. Não têm comparativo nem superlativo por indicarem uma qualidade ou um estado não susceptiveis de aumento e de diminuição, os seguintes adjetivos:

aurĕus, *áureo;* — marmorĕus, *marmóreo;*
aenĕus, *brônzeo;* — latinus, *latino.*
ferrĕus, *férreo;* — romanus, *romano;*
lignĕus, *lígneo;* — vivus, *vivo;*
claudus, *coxo*, etc.

Todavia, se tambem destes adjetivos fosse preciso formar o grau comparativo, bastaria juntar o advérbio *magis* para o comparativo e *maxime* para o superlativo, p. ex.: *magis romanus*, *maxime romanus*, etc.

VII. Para evitar encontros de sons menos harmoniosos, alguns adjetivos formam o comparativo e superlativo perifrástico com **magis** e **maxime**, p. ex.: mirus, *maravilhoso;* ferus, *feroz;* rudis, *rude;* trux, *cruel;* degĕner, degenĕris, *degenerado;* inops, ŏpis, *pobre;* praeceps, cipĭtis, *precipitoso*, etc.

Observação. — Às vezes usa-se o circunlóquio com **magis** e **maxime** ou com **valde**, **admŏdum**, **praecipue** tambem com os adjetivos que têm as formas regulares do comparativo e superlativo, p. ex.: *valde doctus*, *admodum doctus*, *praecipue doctus* em lugar de *doctior*, *doctissimus*, etc.

Comparativo e superlativo dos advérbios.

58. — Os advérbios de modo têm comparativo e superlativo. O comparativo é em ĭus como o neutro do comparativo correspondente. O superlativo é em **issĭme** ou em **ĭme**:

longus	longe	longius	longissime.
ornatus	ornate	ornatius	ornatissime.
miser	misĕre	miserius	miserrime.
acer	acrĭter	acrius	acerrime.
fortis	fortĭter	fortius	fortissime.
bonus	bene	melius	optime.
malus	male	pejus	pessime.
magnus	magnopĕre	magis	maxime.
multus	multum	plus	plurimum
	paulum / non multum	minus	minime.

DOS GRAUS COMPARATIVO E SUPERLATIVO

PARTE SINTATICA (1)

Comparativo

59. — *a)* Há três espécies de comparativos: de **igualdade**, **de inferioridade** e de **superioridade**.

1) O comparativo de **igualdade** forma-se com: *non minus... quam*; *tam... quam*; *pariter... ac*; *aeque... atque, ac.*

Por exemplo: Caio é *tão* diligente *como* Paulo

Caius est	*non minus*	diligens	*quam*	Paulus,
	tam	diligens	*quam*	Paulus,
	pariter	diligens	*ac*	Paulus,
	aeque	diligens	*ac*	Paulus,
	aeque	diligens	*atque*	Paulus.

2) O comparativo de **inferioridade** forma-se antependo-se ao adjetivo do primeiro termo o advérbio *minus* (menos) e o segundo termo da comparação pode-se pôr no ablativo ou no mesmo caso do primeiro precedido da partícula *quam* (do que, que). Por exemplo: Caio é *menos* diligente do que Paulo, Caius est *minus* diligens *Paulo* ou *quam Paulus*.

3) O comparativo de **superioridade** forma-se:

1) Fazendo comparativo o adjetivo positivo do primeiro termo da comparação.

2) O segundo termo da comparação pode-se pôr no ablativo sem preposição, se o caso do primeito termo for nominativo ou acusativo, ou no mesmo caso do primeiro termo precedido da partícula comparativa *quam* (=que, do que). Por exemplo: Caio é *mais diligente que Paulo*, Caius est *diligentior Paulo* ou *quam Paulus*.

b) Quando se comparam duas qualidades do mesmo objeto para se exprimir que ele possue uma das duas num grau superior ao da outra, ambos os adjetivos se põem no comparativo com *quam* depois do primeiro adjetivo, p. ex.: pestilentia fuit *minacior quam perniciosior*, a pestilêneia foi *mais ameaçadora que funesta*; non *acrior quam pertinacior* impetus, ímpeto não *mais vecmente do que teimoso*.

(1) O estudo acerca deste ponto da gramática eneontrar-se-á completamente desenvolvido na *Terceira Parte* (sintaxe): *Comparativo e Superlativo*. (cf. n. 306 — 319). A aplicação prática da parte morfológica, que diz respeito aos graus de comparação, é quase impossivel sem a parte sintática correspondente.

Ou tambem ambos os adjetivos se põem no positivo com *magis quam*, p. ex.: conselho *mais util que honesto*, consilium *utilius quam honestius* ou consilium *magis utile quam honestum*. Esta segunda construção é a única possivel com os adjetivos que carecem da forma *-ior* para a formação do comparativo.

c) O advérbio português «muito» antes do comparativo se traduz por *multo*, p. ex.: *muito* mais sábio, *multo* doctior.

d) Quando não se exprime o segundo termo da comparação, o comparativo indica um aumento ou uma diminuição do positivo e em português se traduz com *um tanto, pouco, muito*, etc., p. ex.: senectus est natura *loquacior*, a velhice é por natureza *um pouco* palradora; Themistocles *liberius* vivebat, Temístocles vivia *muito livremente*.

Superlativo.

60. — *a*) O superlativo latino compreende tanto o superlativo *absoluto*, como o superlativo *relativo* da língua portuguesa:

clarissimus = { celebérrimo, *superlativo absoluto*. / o mais célebre, *superlativo relativo*. }

O termo de comparação no superlativo relativo exprime-se em latim com o *genitivo partitivo* ou com o *ablativo* acompanhado das preposições, *e, ex; de*, p. ex.: Varro foi *o mais sábio* de todos os Romanos.

Varro fuit { *Romanorum omnium* / *ex* (*e, de*) *Romanis omnibus* } eruditissimus.

b-I) Quando o superlativo seguido de um genitivo plural é ao mesmo tempo predicado de um sujeito, pode tomar o gênero do genitivo ou do sujeito: *o Indo é o maior de todos os rios*, **Indus est omnium fluminum maximus** ou **maximum.**

II) Se o sujeito, porem, for um substantivo abstrato, o superlativo segue o gênero do substantivo que está em genitivo: **virtus est omnium bonorum maximum,** *a virtude é o maior de todos os bens*. — Tambem se o superlativo preceder, este deve absolutamente seguir o gênero do seu genitivo: **maximum omnium Italiae fluminum est Padus.**

c) O superlativo pode ser reforçado:

I) com *vel*, mesmo, até: vel maximus, *mesmo o maior*.

II) com *quam*, o mais possivel: quam maximus, *o maior possivel*.

III) com *longe* ou *multo*, muitíssimo: longe maximus, *muitíssimo maior*.

IV) com *unus, unus omnium* ou somente *omnium*, único entre todos: unus omnium justissimus, *o mais justo entre todos*.

d) Frequentes vezes em português se exprime uma qualidade com o adjetivo positivo precedido de *muito , grande, grandemente, muitíssimo*, etc., neste caso o latim exige sempre o superlativo, p. ex.: *muito bonito, pulcherrimus*; o meu grande amigo Catão, Cato *amicissimus* meus.

e) Não se traduzem em latim os pronomes demonstrativos *o, a; os, as*, equivalentes a *aquele, aquela, aqueles, aquelas*, quando seguidos de um genitivo, p. ex.: as invenções da necessidade são mais antigas que *as do prazer*, inventa necessitatis antiquiora sunt quam voluptatis; a casa de António é maior que *a de Cesar*, domus Antonii major est quam Caesaris. Muitas vezes, porem, nesses casos, repete-se o substantivo, p. ex.: domus Antonii major est quam *domus* Caesaris.

ADJETIVOS NUMERAIS

61. — Adjetivos *numerais* chamam-se os que indicam a quantidade dos objetos e a ordem em que os objetos estão dispostos, e dividem-se em **cardinais** ou *números fundamentais*, que respondem à pergunta: *quantos?* **ordinais,** que respondem à pergunta: *qual na ordem?* o décimo? o vigésimo? **distributivos,** que respondem à pergunta: *quantos por vez? quantos para cada um?*

Algarismos arábicos	1. CARDINAIS	2. ORDINAIS
1	unus, -a, -um	primus, -a, -um
2	duo, duae, duo	secundus, -a, -um alter, -a, -um
3	tres, tria	tertĭus, -a, -um
4	quattuor	quartus, -a, -um
5	quinque	quintus, -a, -um
6	sex	sextus, -a, -um
7	septem	septĭmus, -a, -um
8	octo	octavus, -a, -um
9	novem	nonus, -a, -um
10	decem	decĭmus, -a, -um
11	undĕcim	undecĭmus
12	duodĕcim	duodecĭmus
13	tredĕcim	tertius decimus
14	quattuordĕcim	quartus decimus
15	quindĕcim	quintus decimus
16	se(x)dĕcim (*decem et sex*)	sextus decimus
17	septemdĕcim (*decem et septem*)	septimus decimus
18	duodevingīnti (*decem et octo* ou *octodĕcim*)	duodevicesĭmus octavus decimus
19	undevigīnti (*decem et novem* ou *novemdĕcim*)	undevicesĭmus nonus decimus
20	vigīnti	vicesĭmus
21	unus, -a, -um et viginti *ou* viginti unus	unus et vicesimus *ou* vicesimus primus
22	duo et viginti *ou* viginti duo	alter et vicesimus *ou* vicesĭmus alter
23	viginti, tres, tria	tertius et vicesimus *ou* vicesimus tertius
24	viginti quattuor	quartus et vicesimus *ou* vicesimus quartus
28	duodetrigīnta	duodetricesĭmus
29	undetrigīnta	undetricesĭmus
30	trigīnta	tricesĭmus
40	quadragīnta	quadragesĭmus
50	quinquagīnta	quinquagesĭmus
60	sexagīnta	sexagesĭmus
70	septuagīnta	septuagesĭmus
80	octogīnta	octogesĭmus
90	nonagīnta	nonagesĭmus
100	centum	centesĭmus
101	centum (et) unus	centesimus (et) primus

3. DISTRIBUTIVOS	4. ADVÉRBIOS NUMERAIS
singŭli, -ae, -a, *um a um, um para cada um*	semel, *uma vez*
bini, -ae, -a	bis, *duas vezes*
terni, -ae, -a (*trini, ae, a*)	ter, *três vezes*
quatērni, -ae, -a,	quater
quīni, -ae, -a	quinquĭes
seni, -ae, -a	sexĭes
septēni, -ae, -a	septĭes
octōni, -ae, -a	octĭes
novēni, -ae, -a	novĭes
deni, -ae, -a	decĭes
undēni	undecĭes
duodēni	duodecĭes
terni deni	ter decĭes
quatērni deni	quater decĭes
quīni deni	quinquĭes decĭes (quindecĭes)
seni deni	sexĭes decĭes (sedecĭes)
septēni deni	septĭes decĭes
duodevicēni (octōni deni)	duodevicĭes (octĭes decĭes)
undevicēni (novēni deni)	undevicĭes (novĭes decĭes)
vicēni	vicĭes
singŭli (et vicēni *ou* vicēni singuli	semel et vicĭes *ou* vicĭes (et) semel
bini (et) vicēni *ou* vicēni bini	bis et vicĭes *ou* vicĭes (et) bis
vicēni terni	ter et vicĭes *ou* vicĭes (et) ter
vicēni quatērni	quater et vicĭes *ou* vicĭes (et) quater
duodetricēni	duodetricĭes
undetricēni	undetricĭes
tricēni	tricĭes
quadragēni	quadragĭes
quinquagēni	quinquagĭes
sexagēni	sexagĭes
septuagēni	septuagĭes
octogēni	octogĭes
nonagēni	nonagĭes
centēni	centĭes
centēni singŭli	centĭes semel

ESQUEMA DOS ADJETIVOS

Algarismos arábicos	1. CARDINAIS	2. ORDINAIS
102	centum (et) duo	centesimus (et) alter
200	ducēnti, -ae, -a	ducentesĭmus, -a, -um
300	trecēnti, -ae, -a	trecentesĭmus
400	quadringēnti, -ae, -a	quadringentesĭmus
500	quingēnti, -ae, -a	quingentesĭmus
600	sescēnti, -ae, -a	sescentesĭmus
700	septingēnti, -ae, -a	septingentesĭmus
800	octingenti,-ae,-a	octingentesimus
900	nongēnti, -ae, -a	nongentesĭmus
1000	mille	millesĭmus
2000	duo milĭa	bis millesĭmus
3000	tria milia	ter millesĭmus
5000	quinque milĭa	quinquĭes millesĭmus
10000	decem milĭa	decĭes millesĭmus
100000	centum milĭa	centĭes millesĭmus
1000000	decĭes centēna milĭa (=10×100.000)	decĭes centĭes millesĭmus
2000000	vicĭes centēna milĭa	vicĭes centĭes millesĭmus

1) **Adjetivos numerais cardinais.**

62. — *a*) Só os três primeiros destes adjetivos são declinaveis, e declinam-se assim:

	Singular		Plural
Nom.	unus, una, unum, *um* e *uma*	Nom.	uni, unae, una.
Gen.	unīus.	Gen.	unōrum, unārum, unōrum
Dat.	uni	Dat.	unis.
Ac.	unum, unam, unum.	Ac.	unos, unas, una.
Abl.	uno, una, uno.	Abl.	unis.

O plural de *unus, a, um,* usa-se só com os nomes que no plural têm sentido diverso do que têm no singular, p. ex.: *unae litterae,* uma carta; *una castra,* um acampamento ou com os substantivos que carecem do singular p. ex.: *una moenia,* uma muralha ou quando *uni* equivale a *somente,* p. ex.: *uni homines,* somente os homens.

Os adjetivos seguintes declinam-se como unus:

totus, tota, totum, *todo.*
solus, sola, solum, *so.*
nullus, nulla, nullum, *nenhum.*
ullus, ulla, ullum, *algum.*

NUMERAIS (*continuação*)

3. DISTRIBUTIVOS	4. ADVERBIOS NUMERAIS
centēni bini	centĭes bis
ducēni, -ae, -a	ducentĭes
trecēni	trecentĭes
quadringēni	quadringentĭes
quingēni	quingentĭes
sescēni	sescentĭes
septingēni	septingentĭes
octingēni	octingentĭes
nongēni	nongentĭes
singŭla milĭa	millĭes (milĭes)
bina milĭa	bis millĭes
terna milia	ter millĭes
quĭna milĭa	quinquĭes millĭes
dena milĭa	decĭes millĭes
centēna milĭa	centĭes millĭes
decĭes centēna milĭa	decĭes centĭes millĭes
vicĭes centēna milĭa	vicĭes centĭes millĭes

b) Declinação de *duo* e de *tres:*

Nom.	duo, duae, duo, *dois, duas.*	Nom.	tres tria, *três.*
Gen.	duōrum, duārum, duōrum,	Gen.	trium.
Dat.	duōbus, duābus, duōbus.	Dat.	tribus.
Ac.	duos, duas, duo.	Ac.	tres, tria.
Voc.	duo, duae, duo.	Voc.	tres, tria.
Abl.	duobus, duabus, duobus.	Abl.	tribus.

Observações. — *1*) Como *duo* declina-se *ambo, ambae, ambo,* ambos.
2) Em lugar do genitivo *duorum* encontra-se tambem *duum* e o acusativo masculino *duo* por *duos*.
3) Tambem o acusativo masculino de *ambo* tem dupla forma: *ambo* e *ambos*.

c) Os outros adjetivos numerais cardinais desde *quatro* até *cem* são indeclinaveis, p. ex.: *quattuor,* quatro; *quinque,* cinco; *sex,* seis; *triginta,* trinta; *quadraginta,* quarenta; *octoginta,* oitenta; *nonaginta,* noventa.

Depois de cem dir-se-á *centum* (*et*) *unus, centum quinquaginta,*, etc., até duzentos que é declinavel: *ducenti, ducentae, ducenta* e assim *trecenti, ae, a,* até *mille.* O genitivo plural das centenas termina, muitas vezes em *um* em vez de *orum,* p. ex.: *ducentum* por *ducentorum.* Esta regra aplica-se especialmente aos distributivos; mas diz-se sempre *singulorum.*

O número cardinal *sescenti,* seiscentos, é tambem usado pelos latinos para indicar um número grande, indefinito.

Regra. — Os números declinaveis concordam com o substantivo a que se referem em gênero, número e caso: duo adulescentes, tria templa, ducenti milites, mas dir-se-á:

Nom. una et viginti naves,
Gen. unius et viginti navium,
Dat. uni et viginti navibus,
Ac. unam et viginti naves,
Abl. una et viginti navibus.

porque *unus, a, um* é declinavel e *viginti* indeclinavel.

63. — Com relação a *mille* observa-se:

a) **Mille** é adjetivo indeclinavel.

Nom. *mille milites.*
Gen. *mille militum.*
Dat. *mille militibus.*
Ac. *mille milites.*
Abl. *mille militibus.*

Com 1000 soldados, cum mille militibus.
Com 1400 soldados, cum mille et quadringentis militibus.

b) **Milia** (milheiro, milhar; plural de *mille*) é substantivo neutro declinavel: *milĭa, milĭum, milĭbus,* p. ex.:

Nom. unum et viginti milĭa.
Gen. unius et viginti milĭum.
Dat. uni et viginti milĭbus.
Ac. unum et viginti milĭa.
Abl. uno et viginti milĭbus.

c) **Regra.** — *Milia* exige em genitivo os objetos enumerados:

Nom.	duo	milia	militum.
Gen.	duorum	milium	militum.
Dat.	duobus	milibus	militum.
Ac.	duo	milia	militum.
Abl.	duobus	milibus	militum.

Se o genitivo partitivo, porem, não estiver imediatamente unido a *milia,* não dependerá dele na construção, p. ex.: 2500 *cavaleiros* pode-se traduzir de diferentes modos:

I) duo milĭa equitum (et) quingenti (*tambem*: equitum duo milĭa (et) quingenti).

II) duo milĭa (et) quingenti equites (*tambem*: equites duo milĭa (et) quingenti).

Note-se ainda:

1) Em cada dezena os dois últimos números podem-se formar com uma expressão em forma de subtração:

undeviginti = 19.
duodeviginti = 18.
undetriginta = 29.
duodetriginta = 28.

2) Nos números compostos de dezenas e unidades, as unidades precedem a dezena com *et* ou a seguem sem *et*: *tres et viginti* ou *viginti tres*.

3) De 100 a 999, o maior precede e os menores seguem ordinariamente sem *et*: *trecenti triginta* =330.

4) De 1000 para cima quase sempre precede o número menor com *et*, p. ex.: *quinque et mille* 1005; *viginti et tria milia*, 3020; *centum et duo milia*, 2100.

Mas, se aos milhares se unirem as centenas e dezenas, em regra, o número maior precede o menor: milhares, centenas, dezenas e unidades, p. ex.: *tria milia* (*et*) *centum octoginta sex*, 3186.

5) Os adjetivos numerais e quantitativos, quando indicam uma parte de um todo, exigem o genitivo partitivo ou o ablativo precedido das preposições *ex* ou *de*. —Esta construção é a regular para *unus, a, um*, p. ex.: unus ex (de) septem sapientibus, *um dos sete sabios*. (Cf. n. 269, *a*; obs. *1*, *2*).

2) Adjetivos numerais ordinais.

64. — *a*) Os adjetivos numerais ordinais formam-se (menos os dois primeiros) dos cardinais correspondentes, e declinam-se como os adjetivos da primeira classe, p. ex.: primus, a, um, *primeiro, a;* secundus, a, um, *segundo, a;* tertius, a, um, *terceiro, a;* quartus, a, um, *quarto, a*, etc.

b) Com relação a *primus* e *secundus*, note-se que *primus* significa primeiro entre três ou mais de três; mas, se a comparação se limita somente a duas pessoas ou cousas, em lugar de *primus*, usa-se *prior* (cf. n. 57, IV, pag. 62) e em lugar de *secundus*, *alter*.

c) Nas combinações com *um* usa-se mais frequentemente *unus* que *primus*: *unus et vicesimus*, em vez de *vicesimus primus; unus et quinquagesimus*, em vez de *quinguagesimus primus*. Nas combinações com *dois* emprega-se ordinariamente *alter* em lugar de *secundus: alter et quinquagesimus*, em lugar de *quinquagesimus secundus*.

d) Os ordinais de 13 a 17 exprimem-se fazendo preceder o número menor sem *et*: *tertius decimus, quartus decimus*, etc.

De 20 a 29, em regra, precede o número que exprime as dezenas sem *et*, p. ex.: *quadragesimus septimus;* ou une-se o menor ao maior com *et*, p. ex.: *septimus et quadragesimus*. — Tambem na união das centenas com números menores quase sempre precede o maior com ou sem *et*, p. ex.: *centesimus* (*et*) *quadragesimus quartus; ducentesimus septimus*.

Alem de mil, o maior precede o menor sempre sem *et*, p. ex.: *millesimus octingentesimus quinquagesimus septimus*.

e) Os milhares se exprimem por meio do advérbio numeral correspondente, p. ex.: *bis, ter, quater*, etc.: *bis millesimus, ter millesimus, quater millesimus*, etc.

f) Tambem com os números ordinais, os dois últimos números podem-se formar com uma expressão em forma de subtração, p. ex.: *duodevicesimus, duodetricesimus*.

3) Adjetivos numerais distributivos.

65. — *a*) Os adjetivos numerais distributivos usam-se para indicar que um número é tomado vez por vez, p. ex.: *bini reges creabantur*, cada vez elegiam-se dois reis; ou quando o número se refere a cada indivíduo, p. ex.: *Caesar et Ariovistus denos equites adduxerunt*, Cesar e Ariovisto levaram *cada um dez cavaleiros*. Dizendo-se *decem equites* significaria que foram levados pelos dois dez cavaleiros. Os distributivos declinam-se como os adjetivos da primeira classe e têm só o plural, p. ex.: singŭli, singŭlae, singŭla, *um a um;* bini, binae, bina, *dois a dois*, etc.

b) Na união das unidades com as dezenas, o número menor pode preceder ou seguir o maior: antes de vinte geralmente precede: *quaterni deni;* depois de vinte geralmente segue: *viceni singuli;* precedendo o menor, é facultativo o uso do *et* p. ex.: *bina* (*et*) *quadragena*. Se houver as centenas, o número maior precede o menor sem *et*, p. ex.: *centeni quadrageni quini*.

4) Advérbios numerais.

66. — Os advérbios numerais até 19 exprimem-se fazendo preceder o número menor sem *et*, p. ex.: *quater decies*.

De 2I a 99 precede o maior, mais frequentemente sem *et*: *quadragies* (*et*) *sexies;* mas, se o menor precede o maior, deve-se sempre usar *et*, p. ex.: *sexies et qudragies*, porque sem *et*, o número menor multiplica o maior: *sexies quadragies* =6x40=240 vezes.

As centenas precedem, as mais das vezes, sem *et*, p. ex.: *centies semel*.

Números fracionários.

67. — Os números fracionários se exprimem com o substantivo *pars, partis*, f., no modo seguinte:

a) *Se o numerador for a unidade*, dir-se-á por ex.: um meio (½)=dimidia pars; 1/3=tertia pars; 1/4=quarta pars, etc.

b) *Se o numerador for superior à unidade*, exprimir-se-á com o número cardinal, e o denominador com o ordinal, subentendendo-se o substantivo *partes*, p. ex.: 2|5=duae quintae (subentendido *partes*); 4/6=quattuor sextae ;3/7=tres septimae, etc.

c) *Se o denominador superar o numerador de uma só unidade*, suprime-se o denominador e só se indicam as partes expressas pelo numerador, p. ex.: 2/3=duae partes; 4/5=quattuor partes; 7/8=septem partes, etc.

Observação. — Às frases: «são quatro horas e meia» corresponde em latim *quarta semis hora est;* cinco pés e meio, *quinque semis pedes*.;— *Semis* é indeclinavel, cf. n. 42, *e*, pág. 47. Como estas se traduzem frases analogas.

CAPITULO IX

Declinação dos pronomes.

Pronome é a palavra que faz as vezes de um nome e concorda com ele em gênero e número.

Há seis espécies de pronomes: I) pessoal; II) possessivo; III) demonstrativo; IV) relativo; V) interrogativo; VI) indefinito.

68. — I) Pronomes pessoais.

DA PRIMEIRA PESSOA.

Singular

Nom.	ego, *eu.*
Gen.	mei, *de mim.*
Dat.	mihi, *a mim, me.*
Ac.	me, *me.*
Abl.	me, *de mim, por mim.*

DA SEGUNDA PESSOA.

Singular

Nom.	tu, *tu.*
Gen.	tui, *de ti.*
Dat.	tibi, *a ti, te.*
Ac.	te, *te.*
Voc.	tu, *ó tu.*
Abl.	te, *de ti, por ti.*

Plural		Plural	
Nom.	nos, *nós*.	Nom.	vos, *vós*.
Gen.	nostrum *ou* nostri, *de nós*.	Gen.	vestrum *ou* vestri, *de vós*.
Dat.	nobis, *a nós, nos*.	Dat.	vobis, *a vós, vos*.
Ac.	nos, *nos*.	Ac.	vos, *vos*.
		Voc.	vos, *ó vós*.
Abl.	nobis, *de nós, por nós*.	Abl.	vobis, *de vós, por vós*.

Cumpre observar:

a) Em lugar de *mihi* encontra-se, especialmente na poesia, a forma contrata *mi*. (Cf. n. 22, *1*, 1, *c*, pág. 26).

b) Os genitivos *nostrum, vestrum; nostri, vestri* não se podem usar indiferentemente. *Nostrum* e *vestrum* são genitivos partitivos e significam *entre nós, entre vós; unus nostrum* = um de nós, um entre nós.—*Nostri* e *vestri* significam simplesmente *de nós, de vós; miserere nostri* = tende piedade de nós.

c) A preposição *cum*, que exige o ablativo, sempre se pospõe ao pronome pessoal: *comigo, contigo, consigo, conosco, convosco* = **mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum.**

d) Para reforçar o pronome pessoal acrescenta-se-lhe, às vezes, exceto o nominativo sing. *tu* e os genitivos plurais *nostrum, vestrum*, a partícula *met*: *egomet, temet, memet, tibimet*. Às vezes acrescenta-se tambem *ipse*: *egometipse, nosmetipsi vobismetipsis, semetipsum*. O pronome *ipse* pode-se escrever tanto junto como separado do pronome pessoal reforçado. O pronome *tu* reforça-se com a enclítica *te: tute*. Às vezes redobra-se o ac. singular: *meme, tete*, especialmente *sese*, p. ex.: *inter sése, téte, méme*. O acento fica sobre o primeira sílaba.

Pronome reflexivo da terceira pessoa.

Singular e plural

Gen.	sui, *de si; dele, dela; deles, delas*.
Dat.	sibi, *a si, se, para si; lhe, lhes; a ele, a ela; a eles, a elas*.
Ac.	se, *se; o, a; os, as*.
Abl.	se, *de si, por si; por ele, por ela; por eles, por elas*.

O pronome reflexivo só se usa como complemento e carece de nominativo, porque o nominativo é o caso do sujeito. Serve para todos os gêneros e para todos os números.

II) Pronomes possessivos.

69. — Os pronomes possessivos formam-se dos pronomes pessoais. Há um para cada pessoa e para cada número; o da terceira pessoa, como o pronome, serve para o singular e para o plural.

São os seguintes:

meus, mea, meum, *meu, minha*.
tuus, tua, tuum, *teu, tua*.
suus, sua, suum, *seu, sua*.
noster, nostra, nostrum, *nosso, nossa*.
vester, vestra, vestrum, *vosso, vossa*.

a) Os três primeiros declinam-se como *bonus, bona, bonum* (pag. 51), exceto *meus*, que no vocativo singular masculino faz *mi* em logar de *mie*, da forma arcaica *mius*. (Cf. n. 22, *1*, 1, *c*, pág. 26).

b) *Noster* e *vester* declinam-se como *pulcher* (pag. 53); *tuus, suus* e *vester* não têm vocativo.

c) As formas dos pronomes ou adjetivos possessivos, especialmente no acusativo plural neutro (nunca no genitivo plural), podem-se reforçar com o sufixo **-met**: *meámet, suámet, suómet, tuísmet*, etc.

O sufixo reforçativo **-pte** só se usa no ablativo singular: *suópte, meápte, tuópte.*

	Singular		Plural
Nom.	meus, mea, meum, *meu, minha.*	Nom.	mei, meae, mea, *meus, minhas.*
Gen.	mei, meae, mei.	Gen.	meōrum, meārum, meōrum.
Dat.	meo, meae, meo.	Dat.	meis.
Ac.	meum, meam, meum.	Ac.	meos, meas, mea.
Voc.	mi, mea, meum.	Voc.	mei, meae, mea.
Abl.	meo, mea, meo.	Abl.	meis.

	Singular		Plural
Nom.	tuus, tua, tuum, *teu, tua.*	Nom.	tui, tuae, tua, *teus, tuas.*
Gen.	tui, tuae, tui.	Gen.	tuōrum, tuārum, tuōrum.
Dat.	tuo, tuae, tuo.	Dat.	tuis.
Ac.	tuum, tuam, tuum,	Ac.	tuos, tuas, tua.
Abl.	tuo, tua, tuo.	Abl.	tuis.

	Singular		Plural
Nom.	suus, sua, suum, *seu, sua.*	Nom.	sui, suae, sua, *seus, suas.*
Gen.	sui, suae, sui.	Gen.	suorum, suārum, suōrum.
Dat.	suo, suae, suo.	Dat.	suis.
Ac.	suum, suam, suum.	Ac.	suos, suas, sua.
Abl.	suo, sua, suo.	Abl.	suis.

	Singular		Plural
Nom.	noster, nostra, nostrum, *nosso, nossa.*	Nom.	nostri, nostrae, nostra, *nossos, nossas.*
Gen.	nostri, nostrae, nostri.	Gen.	nostrōrum, nostrārum, nostrōrum.
Dat.	nostro, nostrae, nostro.	Dat.	nostris.
Ac.	nostrum, nostram, nostrum.	Ac.	nostros, nostras, nostra.
Voc.	noster, nostra, nostrum.	Voc.	nostri, nostrae, nostra.
Abl.	nostro, nostra, nostro.	Abl.	nostris.

	Singular		Plural
Nom.	vester, vestra, vestrum, *vosso, vossa.*	Nom.	vestri, vestrae, vestra. *vossos, vossas.*
Gen.	vestri, vestrae, vestri.	Gen.	vestrōrum, vestrārum, vestrōrum.
Dat.	vestro, vestrae, vestro.	Dat.	vestris.
Ac.	vestrum, vestram, vestrum.	Ac.	vestros, vestras, vestra.
Abl.	vestro, vestra, vestro.	Abl.	vestris.

d) Dos pronomes possessivos *noster* e *vester* derivam-se dois adjetivos de uma só terminação: nostras, ātis, *do nosso país;* e vestras, ātis, *do vosso país*:

	Singular		Plural
Nom.	nostras, *do nosso país.*	Nom.	nostrates, nostratia, *os do nosso país.*
Gen.	nostrātis.	Gen.	nostratium (nostratum*).
Dat.	nostrati.	Dat.	nostratibus.
Ac.	nostratem, nostras.	Ac.	nostrates, nostratia.
Voc.	nostras.	Voc.	nostrates, nostratia.
Abl.	nostrate *ou* nostrati.	Abl.	nostratibus.

Por nostras se declina vestras, ātis, *do vosso país.*

III) Pronomes demonstrativos.

70. — Os pronomes demonstrativos são:

hic, haec, hoc, *este, esta, isto.*
ille, illa, illud, *aquele, aquela, aquilo.*
ipse, ipsa, ipsum, *ele próprio, ela própria; o mesmo, a mesma, aquilo mesmo.*
iste, ista, istud, *esse, essa, isso; este, esta, isto.*
is, ea, id, *ele, ela; aquele, aquela ,o que.*
idem, eădem, idem, *o mesmo, a mesma, aquilo mesmo.*

Notas. — *a)* O genitivo singular dos pronomes ou adjetivos demonstrativos termina sempre em *-ius*, e o dativo em *i.*

b) Hic e *iste* indicam um objeto presente e próximo; *ille* e *is* um objeto que está ausente ou afastado.

c) Ipse significa *eu mesmo em pessoa, eu próprio: tu mesmo em pessoa, ele mesmo em pessoa,* conforme se referir à primeira, à segunda ou à terceira pessoa e pode-se unir a qualquer espécie de pronomes, p. ex.: ego *ipse,* eu *próprio;* tu *ipse,* tu *mesmo em pessoa;* is *ipse,* ele *próprio em pessoa;* virtus *ipsa, a própria* virtude.

Não se devem confundir *idem* e *ipse.* Ipse faz sobressair a pessoa ou cousa, mencionada ou não, a que se acrescenta: *eu, tu, ele mesmo em pessoa; justamente; até,* p. ex.: homo ille est *virtus ipsa,* aquele homem é *a própria virtude; ipsa virtus* contemnitur, despreza-se

(*) Cf. n. 30, *c, II,* pág. 37.

até a virtude; natali *ipso die,* justa, exatamente no dia natalício.
Idem, ao invés, indica identidade da pessoa ou da cousa já mencionada, p. ex.: *idem rex,* o mesmo rei, o rei já mencionado e não outro; homo ille *easdem virtutes* possĭdet, quas hic, aquele homem possue *as mesmas virtudes* deste.

d) Às vezes, para aumentar o valor demonstrativo de *hic* acrescenta-se aos seus casos, especialmente aos terminados em *s*, a partícula demonstrativa *ce,* p. ex.: *hujusce, hosce, hisce.* Esta partícula encontra-se tambem nos outros casos dando as seguintes formas: *hice, haece, hoce, huice, hunce, hance, hoce, hace,*e no plural neutro *haece.*

Observação. — Quando este pronome for seguido da enclítica interrogativa **ne**, a partícula ce muda-se em cĭ, p. ex.: *hicine, huncine, hocine, hoscine,* etc.

e) Às vezes *idem* se traduz por *tambem, ao mesmo tempo, alem disso,* p. ex.: musici erant quondam *iidem poëtae,* os músicos uma vez eram *tambem poetas.*

Regra. — Os seis pronomes demonstrativos hic, ille, ipse, iste, is e idem usam-se como **pronomes**, quando vêm sós e como **adjetivos** (*adjetivos pronominais demonstrativos*), quando acompanham um substantivo. Usados como *pronomes* concordam em *gênero* e *número* com o substantivo a que se referem; o *caso* depende da função lógica que exercem na proposição. Se forem adjetivos prominais, concordam em *gênero, número* e *caso* com o substantivo.

	Singular		Plural
Nom.	hic, hacc, hoc, *este, esta, isto.*	Nom.	hi, hae, haec, *estes, estas.*
Gen.	hujus.	Gen.	horum, harum, horum.
Dat.	huic.	Dat.	his.
Ac.	hunc, hanc, hoc.	Ac.	hos, has, hacc.
Abl.	hoc, hac, hoc.	Abl.	his.

	Singular		Plural
Nom.	ille, illa, illud, *aquele, aquela, aquilo.*	Nom.	illi, illac, illa, *aqueles, aquelas.*
Gen.	illīus.	Gen.	illōrum, illārum, illōrum.
Dat.	illi.	Dat.	illis.
Ac.	illum, illam, illud.	Ac.	illos, illas, illa.
Abl.	illo, illa, illo.	Abl.	illis.

	Singular		Plural
Nom.	ipse, ipsa, ipsum, *o mesmo, a mesma.*	Nom.	ipsi, ipsae, ipsa, *os mesmos, as mesmas.*
Gen.	ipsīus.	Gen.	ipsōrum, ipsārum, ipsōrum.
Dat.	ipsi.	Dat.	ipsis.
Ac.	ipsum, ipsam, ipsum.	Ac.	ipsos, ipsas, ipsa.
Abl.	ipso, ipsa, ipso.	Abl.	ipsis.

Observações. — *1)* Nos poetas cómicos encontra-se *ipsus* por *ipse*, com o superlativo *ipsissimus*.
2) Raras vezes com *ipse* se encontra o sufixo reforçativo *-met*: *ipsémet*.

	Singular		Plural
Nom.	iste, ista, istud, *esse, essa, isso; este, esta, isto.*	Nom.	isti, istae, ista, *esses, essas; estes, estas.*
Gen.	istīus.	Gen.	istōrum, istārum, istōrum.
Dat.	isti.	Dat.	istis.
Ac.	istum, istam, istud.	Ac.	istos, istas, ista.
Abl.	isto, ista, isto.	Abl.	istis.

Observações. — *1)* De *iste* e de *ille* encontram-se no nominativo, acusativo e ablativo singular tambem as formas seguintes:

Nom.	m. istic	f. istaec	n.	istoc,	istuc.
	illic	illaec		illoc,	illuc.
Ac.	istunc	istanc		istoc,	istuc.
	illunc	illanc		illoc,	illuc.
Abl.	istoc	istac		istoc.	
	illoc	illac		illoc.	

e no latim arcaico encontram-se tambem as formas reforçadas por **ce**, e às vezes por ne, p. ex.: *illasce, istasce, illicine* (ille-ce-ne), *isticine* (iste-ce-ne).
2) Em Vergílio, em lugar de *illi* no dativo singular e no nominativo plural, encontra-se *olli* de *ollus* arcaico; em Cícero *olla* (ac. n.) e *ollos*.
3) Em Plauto, Lucrécio e Varrão encontram-se os genitivos *illi, isti, ipsi*, e o feminino *illae*.

	Singular		Plural
Nom.	is, ea, id, *ele, ela; aquele, aquela, o que.*	Nom.	ii, eae, ea, *eles, elas; aqueles, aquelas, as cousas que*
Gen.	ejus.	Gen.	eōrum, eārum, eōrum.
Dat.	ei.	Dat.	iis *ou* eis.
Ac.	eum, eam, id.	Ac.	eos, eas, ea.
Abl.	eo, ea, eo.	Abl.	iis *ou* eis.

Encontra-se tambem o nominativo plural masculino *ei*. As formas mais usadas tanto no nominativo como no dativo e ablativo plurais são as com dois *ii*: *ii* e *iis*.

	Singular		Plural
Nom.	idem, eădem, idem, *o mesmo, a mesma.*	Nom.	iidem, eaedem, eădem, *os mesmos, as mesmas.*
Gen.	ejūsdem.	Gen.	eorūndem, earūndem, eorūndem.
Dat.	eīdem.	Dat.	iīsdem *ou* eīsdem.
Ac.	eūndem, eāndem, idem.	Ac.	eōsdem, eāsdem, eădem.
Abl.	eōdem, eādem, eōdem.	Abl.	iīsdem *ou* eīsdem.

Observações. — *1)* Idem (por is-dem) é composto de is, ea, id, e do monossílabo intensivo invariavel *dem*. A consoante *m* final de is, ea, id, antes de *d*, torna-se *n*: *eundem, eorundem* por *eumdem, eorumdem*.
2) Em lugar de *iidem* e *iisdem* no nominativo, dativo e ablativo plurais, encontram-se tambem, especialmente na poesia e nas inscrições, as fòrmas contratas *īdem* e *īsdem*, p. ex.: *isdem consulibus*.

IV) Pronomes relativos.

71. — O pronome relativo serve para unir duas proposições, representando na segunda um nome ou pronome expresso na primeira. Se o *antecedente* for determinado, o pronome relativo chama-se *definito*, tal é *qui, quae, quod;* se o *antecedente* for indeterminado, o pronome relativa chama-se *indefinito*, tais são *quisquis, quicumque*, cf. n. 76, *j, V; g, II* e observação, pág. 80.

	Singular		Plural
Nom.	qui, quae, quod, *o qual, a qual, que.*	Nom.	qui, quae, quae, *os quais, as quais, que.*
Gen.	cujus, *do qual, da qual, do que, da que, cujo, cuja.*	Gen.	quorum, quarum, quorum, *dos quais, das quais, dos que, das que, cujos, cujas.*
Dat.	cui, *ao qual, à qual, ao que, a que.*	Dat.	quibus *ou* queis, *aos quais, às quais, a que.*
Ac.	quem, quam, quod, *o qual, a qual, que.*	Ac.	quos, quas, quae, *os quais, as quais, que.*
Abl.	quo, qua, quo, *do qual, pelo qual; da qual, pela qual; pelo que.*	Abl.	quibus *ou* queis, *dos quais, pelos quais; das quais, pelas quais; dos, pelos que.*

Observações. — *1*) Assim como se diz *mecum, tecum,* assim tambem *quocum* (tambem *quicum*), *quacum, quibuscum,* melhor que *cum quo, cum qua, cum quibus.*

2) Em lugar de *quibus* os poetas usam, às vezes, *queis* ou *quīs.*

3) Note-se o ablativo singular arcaico *quī* (m., f. e n.), tomado adverbialmente com o sentido de: em que, porque, com que, para, p. ex.: *Aristides in tanta paupertate decessit, ut qui efferretur, vix reliquĕrit,* Aristides morreu em tanta pobreza que deixou apenas com que ser enterrado.

QUOD, cousa que, o que.

	Singular		Plural
Nom.	quod, *cousa que, o que.*	Nom.	quae, *cousas que, o que.*
Gen.	cujus rei, *da qual cousa.*	Gen.	quarum rerum, *das quais cousas.*
Dat.	cui rei, *à qual cousa.*	Dat.	quibus rebus, *às quais cousas.*
Ac.	quod, *que.*	Ac.	quae, *cousas que.*
Abl.	qua re, *pela qual cousa, pelo que.*	Abl.	quibus rebus, *pelas quais cousas.*

72. — V) Pronomes interrogativos.

	Singular		Plural
Nom.	quis, qui; quae: quid, quod, *quem? que cousa? que?*	Nom.	qui, quae, quae, *quais? que?*

Gen.	cujus, *de quem?*	Gen.	quorum, quarum, quorum, *de quais?*
Dat.	cui, *a quem?*	Dat.	quibus *ou* queis, *a quais?*
Ac.	quem; quam; quid, quod, *quem?*	Ac.	quos, quas, quae, *quais?*
Abl.	quo, qua, quo, *de quem? por quem?*	Abl.	quibus *ou* queis, *de quais? por quais?*

Observações. — *1)* O latim na interrogação usa *quis?* e *qui?* para o masculino, *quae?* para o feminino e *quid?* e *quod?* para o neutro. —**Qui** e **quod** são adjetivos: *qui homo* est? *que homem* é ele? *quod iter? que caminho?* **quis** e **quid** pronomes: *quis* est rex? *quem* é o rei? *quid* est republica? *que* é a república?

Contudo, encontra-se tambem: *quis vir?* qual homem? em lugar de *qui vir?* — *Quis poēta clarior Homero?* qual o poeta mais célebre que Homero? E tambem: *Quis est haec mulier?* em lugar de *quae est haec mulĭer?* quem é esta mulher?

2) Qui, quae, quod, adjetivo, declina-se inteiramente como o relativo.

3) O pronome interrogativo neutro *quid,* sendo sempre substantivo e nunca adjetivo, exige, se seguido de um substantivo, o genitivo partitivo, p. ex.: quid *consilii* cepisti? que determinação tomaste? mas dir-se-á: *quod consilium* cepisti? qual determinação tomaste? porque *quid* pronome quer o genitivo *consilii* e *quod,* sendo adjetivo, concorda com o nome a que se refere em gênero, número e caso.

4) No genitivo, dativo e ablativo a clareza e o uso aconselham que se prefira o nome **res** precedido de **quae** no caso correspondente.

Gen.	cujus rei?
Dat.	cui rei?
Abl.	qua re?

Do mesmo modo no plural: *quarum rerum? quibus rebus?*

5) O ablativo arcaico *quī* (cf. n. 71, observação *3*, pág. 78) usa-se tambem com o valor de: como, de que modo (com interrogação ou sem ela), p. ex.: *qui possum?* como posso? — *qui* (=*quomŏdo*) *fit?* de que modo acontece? — *nescīmus qui factum sit,* não sabemos como tenha acontecido. — *Cum quo ou quicum* loquĕris? com quem falas? *Quicum* venisti? com quem vieste?

73. — Nas interrogações, quando se fala de duas pessoas, em lugar de *quis,* usa-se *uter? utra? utrum?* qual dos dois? Pelo que, *uter* une-se aos *comparativos, quis* aos *superlativos,* p. ex.: ex doubus *uter dignior?* qual dos dois é o mais digno? — Ex plurimis *quis dignissimus?* entre os muitos quem é o mais digno?

Singular		Plural	
Nom.	uter, utra, utrum? *qual dos dois?*	Nom.	utri, utrae, utra.
Gen.	utrīus.	Gen.	utrōrum, utrārum, utrōrum.
Dat.	utri.	Dat.	utris.
Ac.	utrum, utram, utrum.	Ac.	utros, utras, utra.
Abl.	utro, utra, utro.	Abl.	utris.

O plural de *uter, utra, utrum* usa-se com dois nomes no plural, p. ex.: utri vicerunt? *quais venceram?* (os Gregos ou os Persas?)

74. — Os seguintes interrogativos compostos usam-se com a mesma construção e com o mesmo valor de *quis:*

Quisnam, quinam; quaenam; quidnam, quodnam (o mesmo que *quis,* mas com certa ênfase: quem pois?) que? qual? quem?

Algumas vezes na eomposição o *quis* eneontra-se depois da partíeula que eom ele forma o eomposto, p. ex.: *ecquis, ecqui; ecquae* e *ecqua; ecquid, ecquod,* por ventura alguem ? aeaso alguem ? e quem ?

Numquis, numqui; numquae, numqua; numquid, numquod, por ventura alguem ? aeaso algum, alguma, alguma cousa ?

75. — Nas proposições interrogativas usam-se tambem os adjetivos pronominais: *qualis ?* qual ? de que sorte ? de que natureza ? e *quantus ?* quão grande ?

Qualis interroga sobre natureza e qualidade, p. ex.: *qualis* vietus ? que (qualidade de) alimento ? *qualis* est istorum oratio ? que tal (=de que natureza) é o discurso destes ?

Quantus interroga sobre grandeza, p. ex.: *quanta* urbs ? quanto é grande a eidade ? Ii fuerunt certe oratores; *quanti* autem et *quales* tu videbis, eles eertamente foram oradores, euja grandeza e euja sorte hás de vêr.

VI) Pronomes indefinitos.

76. — Os pronomes indefinitos são:

a) Os compostos de uter, utra, utrum:

utervis, utrăvis, utrumvis,
uterlĭbet, utralĭbet, utrumlĭbet
utereumque, utracumque, utrumeumque,
{ qual dos dois quiserdes, qual dos dois vos aprouver qualquer dos dois.

uterque, utrăque, utrumque, *um e outro.*
neuter, neutra, neutrum, *nenhum dos dois.*
alterŭter, alterŭtra, alterŭtrum, *um ou outro dos dois.*

	Singular		Plural
Nom.	uterque, utrăque, utrumque, *um e outro.*	Nom.	utrīque, utraeque, utrăque.
Gen.	utriusque.	Gen.	utrorumque, utrarumque, utrorumque.
Dat.	utrīque.	Dat.	utrisque.
Ac.	utrumque, utramque, utrumque.	Ac.	utrōsque, utrāsque, utrăque.
Abl.	utrōque, utrāque, utrōque.	Abl.	utrisque.

Como *uterque* declinam-se *utervis, uterlĭbet* e *utercumque.*

Observação. — O plural deste pronome usa-se quando se refere a substantivos que só admitem este número, p. ex.: *utrăque castra,* um e outro acampamento; ou quando se opõem dois grupos de pessoas ou cousas, p. ex.: *utrique profecti sunt,* uns e outros partiram.

	Singular		Plural
Nom.	neuter, neutra, neutrum, *nenhum dos dois.*	Nom.	neutri, neutrae, neutra.
Gen.	neutrīus.	Gen.	neutrōrum, neutrārum, neutrōrum.
Dat.	neutri.	Dat.	neutris.

Ac.	neutrum, neutram, neutrum.	Ac.	neutros, neutras, neutra.
Abl.	neutro, neutra, neutro.	Abl.	neutris.

Em alterŭter, *um ou outro dos dois*, podem-se declinar tanto separadamente as duas partes componentes: *alter* e *uter*, como conservar invariavel a primeira e declinar só a segunda, p. ex.: gen. *alterīus utrīus* ou *alterutrīus*; dat. *altĕri utri* ou *alterŭtri*, etc.

b) Alter, altĕra, altĕrum, *outro, segundo* (*falando-se de dois*).

Singular		Plural	
Nom.	alter, altĕra, altĕrum.	Nom.	altĕri, altĕrae, altĕra.
Gen.	alterīus (1)	Gen.	alterōrum, alterārum, alterōrum.
Dat.	altĕri.	Dat.	altĕris.
Ac.	altĕrum, altĕram, altĕrum.	Ac.	altĕros, altĕras, altĕra.
Abl.	altĕro, altĕra, altĕro.	Abl.	altĕris.

c) Alĭus, alĭa, alĭud, *outro, diverso* (*falando-se de vários*).

Singular		Plural	
Nom.	alĭus, alĭa, alĭud.	Nom.	alĭi, alĭae, alĭa.
Gen.	alīus.	Gen.	aliōrum, aliārum, aliōrum
Dat.	alĭi.	Dat.	alĭis.
Ac.	alĭum, alĭam, alĭud.	Ac.	alĭos, alĭas, alĭa.
Abl.	alĭo, alĭa, alĭo.	Abl.	alĭis.

Observação. — E' raro o genitivo *alīus*; em seu lugar encontra-se *alterīus*.

d) Unus, *um*; totus, *todo*; solus, *só*; nullus, *nenhum*; ullus, *algum*; ceteri, *os demais, os outros* (cf. n. 52, pág. 52, quasi no fim do n.: Usa-se raramente, etc., pág. 54; n. 62, *a*, pág. 68).

e) Nonnullus, a, um *ou* non nullus, a, um, *algum, alguma, alguem*, declina-se como unus, a, um (cf. n. 62, *a*, pág. 68).

f) Os compostos de *quis*, isto é:

I) *Quisque, quaeque, quodque* e *quidque*, cada um, cada uma, cada qual.

II) *Unusquisque, unaquaeque, unumquodque* e *unumquidque*, cada um, cada uma, cada qual.

III) *Quisquam, quodquam* e *quidquam* (sem feminino e sem plural), alguem, algum. Usa-se nas proposições negativas e dubitativas p. ex.: *tyrannus nec quemquam amat nec ab ullo* (ou: *a quoquam*) *amatur*, o tirano não ama ninguem, nem é amado por alguem; *tyranni nec ullos amant nec ab ullis amantur*, os tiranos, etc.

IV) *Quispĭam, quaepĭam, quodpĭam* e *quidpĭam*, alguem; algum, alguma, carece de plural e usa-se nas proposições afirmativas, p. ex.: *si cuipiam pecuniam fortuna adēmit*, etc., se a fortuna tirou o dinheiro a alguem, etc.

V) *Quisquis* (m. *e* f.,) *quidquid* ou *quicquid*, quem quer que seja, o que quer que seja.

(1) A pronúncia *alterĭus*, a única possivel no hexámetro datílico, suplantou tambem na prosa a pronúncia gramaticalmente exata *alterīus*, que se baseia na quantidade da penúltima silaba: *ī* longo.

Singular

I) Nom. quisque, quaeque, quodque *ou* quidque, *cada um, cada uma.*
Gen. cujūsque.
Dat. cuīque.
Ac. quemque, quamque, quodque *ou* quidque.
Abl. quoque, quaque, quoque.

Plural

Nom. quique, quaeque, quaeque.
Gen. quorūmque, quarūmque, quorūmque.
Dat. quibūsque.
Ac. quosque, quasque, quaeque.
Abl. quibūsque.

Singular

II) Nom. unusquīsque, unaquaeque, unumquodque *ou* unumquidque, *cada um, cada uma.*
Gen. uniuscujūsque.
Dat. unicuīque.
Ac. unumquēmque, unamquāmque, unumquōdque *ou* unumquīdque.
Abl. unoquōque, unaquāque, unoquōque.

Carece de plural

Singular

III) Nom. quisquam, quodquam *ou* quidquam, *algum, alguém.*
Gen. cujūsquam.
Dat. cuīquam.
Ac. quemquam, quodquam *ou* quidquam.
Abl. quoquam.

Carece de plural

O *feminino* quaequam *não é usado; mas em lugar de* quaequam, *alguma vez, encontra-se* ulla *e no plural* ulli, ullae, ulla.

Singular

IV) Nom. quispiam, quaepiam, quodpiam *ou* quidpiam, *alguem; algum, alguma.*
Gen. cujuspiam.
Dat. cuipiam, etc.

Carece de plural.

V) *Quisquis* (m. e f.), neutro *quidquid* ou *quicquid*, quem quer que seja, o que quer que seja, usa-se só:

1) no nominativo singular, quase sempre como substantivo: *quisquis es*, quem quer que sejas.

2) No ablativo singular: *quoquo modo*, como quer que seja; *quoquo tempore, quoquo consilio*, etc.

3) Tambem *quidquid*, nom e ac. neutro, usa-se sempre como substantivo.

g) Os compostos de *qui*, isto é:

I) *Quidam, quaedam, quoddam* e *quiddam*, um certo, uma certa; algum, alguma, alguem.

II) *Quicumque, quaecumque, quodcumque* e *quidcumque*, quem quer que, qualquer que, quem quer que seja, o que quer que seja.

III) *Quivis, quaevis, quodvis* e *quidvis*, quem quer, qualquer.

IV) *Quilĭbet, quaelĭbet, quodlĭbet* e *quidlĭbet*, todo aquele que, qualquer que seja.

	Singular	Plural
I)	Nom. quidam, quaedam, quoddam *ou* quiddam, *um certo, uma certa*, etc.	Nom. quidam, quaedam, quaedam, *certos, certas, etc.*
	Gen. cujūsdam.	Gen. quorūndam, quarūndam, quorūndam.
	Dat. cuīdam.	Dat. quibūsdam *ou* queīsdam.
	Ac. quendam, quandam, quoddam *ou* quiddam.	Ac. quosdam, quasdam quaedam.
	Abl. quodam, quadam, quodam.	Abl. quibūsdam *ou* queīsdam.

	Singular		Singular
II)	Nom. quicūmque, quaecūmque, quodcūmque, *ou* quidcumque, *quem quer que, qualquer que, quem quer que seja, o que quer que seja.*	*III*)	Nom. quivis, quaevis, quodvis *ou* quidvis, *quem quer, qualquer.*
	Gen. cujuscūmque.		Gen. cujusvis.
	Dat. cuicūmque, *etc.*		Dat. cuivis, *etc.*

	Singular
IV)	Nom. quilĭbet, quaelĭbet, quodlĭbet *ou* quidlĭbet, *qualquer que seja, todo aquele que, qualquer.*
	Gen. cujuslĭbet.
	Dat. cuilĭbet, *etc.*

Observação.— *Quicumque* e *quisquis* (cf. n. 71, pág. 78) são pronomes relativos indefinitos, e, como tais, estando numa proposição, referem-se a um substantivo de uma outra, p. ex.: *is servus dicitur, quisquis servit*, chama-se servo (*aquele*) todo aquele que serve; *quodcumque hoc verbum est, meum est*, seja qual for esta palavra, ela é minha.

h) *Alĭquis, alĭqua, alĭquod* e *alĭquid* composto de *quis* e do prefixo *ali*.

Singular	Plural
Nom. alĭquis, alĭqua, alĭquod *ou* alĭquid, *algum, alguma, alguem; alguma cousa.*	Nom. alĭqui, alĭquae, alĭqua, *alguns, algumas; algumas cousas.*
Gen. alicūjus, *de algum, de alguma, de alguem; de alguma cousa.*	Gen. aliquōrum, aliquārum, aliquōrum, *de alguns, de algumas; de algumas cousas.*
Dat. alicŭi, *a algum, a alguma, a alguem; a alguma cousa.*	Dat. aliquĭbus, *a alguns, a algumas; a algumas cousas.*
Ac. alĭquem, alĭquam, alĭquod *ou* alĭquid, *algum, alguma, alguem; alguma cousa.*	Ac. alĭquos, alĭquas, alĭqua, *alguns, algumas; algumas cousas.*
Abl. alĭquo, alĭqua, alĭquo, *de, por algum; de, por alguma; de, por alguem; por alguma cousa.*	Abl. aliquĭbus, *de, por alguns; de, por algumas; por algumas cousas.*

Observação. — *1*) Tambem em *aliquis, aliqua, aliquod* e *aliquid* o *quis* encontra-se depois da partícula que se lhe junta.

2) Depois das conjuções *si*, se; *nisi*, senão; *ne*, para que não; *cum*, quando, depois da partícula interrogativa *num*, do pronome relativo *qui, quae, quod* e depois dos advérbios relativos *quo, quanto, ubi, unde, quomŏdo*, etc., em lugar de aliquis, aliqua, aliquid (aliquod) usa-se *quis* (*qui*), *qua* e *quae*, *quid* e *quod*, p. ex.: *si aliquis* = *si quis; nisi aliquis* = *nisi quis; ne aliquis* = *ne quis; num aliquis* = *num quis* etc.; *num quis venit?* veio acaso alguem? *num quid vis?* queres acaso alguma cousa? *si quis putat*, se alguem julga; *si quid in te peccavi, ignosce*, se te ofendí em alguma cousa, perdoa-me; *si quis rex*, se algum rei (*si cujus, si cui*, etc); *si qua civitas*, se alguma cidade; *num quae te vexat cura?* talvez te atormenta alguma inquietação? O mesmo diga-se dos advérbios *aliquando*, alguma vez; *alicŭbi*, em algum lugar; *alicunde*, de qualquer lugar, p. ex.: *si aliquando* = *si quando; ne aliquando* = *ne quando; si alicŭbi* = *sicŭbi; ne alicŭbi;* = *necŭbi; si alicunde* = *sicunde; ne alicunde* = *necunde.*

i) O pronome indefinito negativo *nemo*, ninguem.

Nom. nemo, *nimguem.*
Gen. nullīus.
Dat. nulli *e* nemĭni.
Ac. nemĭnem.
Abl. nullo.

Com os adjetivos que indicam pessoa, no nominativo e acusativo, em regra, usa-se *nemo* e não *nullus*, p. ex.: *nemo Romanus, nemo doctus, nemo Arpinas*, e não *nullus Romanus, nullus doctus*, etc. Esta particularidade de *nemo* com os adjetivos substantivados, encontra-se até com os próprios substantivos, p. ex.: nemo civis, *nenhum cidadão;* nemo discipulus, *nenhum discípulo*, e encontra-se tambem: *nemo homo.*

77. — *a*) Nihil (poético **nil**), *nada*. E' substantivo neutro indeclinavel. Os demais casos suprem-se com *nulla res:*

Nom. nihil, *nada.*
Gen. *nullīus rei.*
Dat. *nulli rei.*
Ac. nihil.
Abl. *nulla re.*

b) Nihĭlum, *nada, cousa nenhuma*, é substantivo neutro. Só se encontra o caso genitivo usado no complemento de apreciação: nihili facere, *reputar por cousa nenhuma, desprezar* e os casos acusativo e ablativo precedidos de preposições: ex nihilo, pro nihilo, ad nihilum, p. ex.: ad nihilum redigĕre, *reduzir a nada, aniquilar;* pro nihilo aliquid putare, ducere, habere, *não fazer cabedal de, reputar por cousa nenhuma, desprezar.*

c) Tantus, *tanto, tão grande;* quantus, *quanto, quão grande.*

78. — São tambem pronomes indefinitos:

a) Qualiscumque, qualecumque, *qualquer que, qualquer que seja, todo aquele que.*

b) Quantuscumque, quantacumque, quantumcumque, *quão grande que seja, tão grande quanto possa ser.*

79. — Merecem tambem atenção os pronomes correlativos: *talis — qualis; tantus — quantus; tot — quot*: quales in republica principes, tales reliqui solent esse cives, *num estado quais são os primeiros cidadãos, tais costumam ser os demais;* tanta erat multitudo, quantam capit urbs nostra, *grande quanto pode comportar a nossa cidade, era a multidão;* quot homines, tot sententiae, *tantos homens, tantos pareceres.*

CAPITULO X

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS.

80. — No verbo devem-se considerar:

a) As *vozes.*
b) Os *tempos.*
c) Os *modos.*
d) Os *números* e *pessoas.*

a) Vozes

As vozes do verbo são *três*: 1) *voz ativa*, 2) *voz passiva* e 3) *voz depoente.*

1) Na *voz ativa* a ação verbal é praticada pelo sujeito, isto é, o sujeito é o **agente** da *ação verbal.* O verbo ativo divide-se em *transitivo* e *intransitivo*:

Transitivo é o verbo ativo cuja ação passa diretamente (*transit*) do sujeito, que é o seu *agente*, para um **objeto,** que é o seu **paciente,** e *rege o acusativo*, p. ex.: *amo patriam*, amo a pátria; *legi librum*, li o livro.

Verbo *intransitivo* é o verbo ativo cuja ação fica no sujeito e que, tendo sentido completo em si, não exige nenhum complemento e *não rege o acusativo*, p. ex.: *dormio*, durmo; *curro*, corro; *nemini noceo*, não prejudico a ninguem.

2) Na *voz passiva* a ação verbal é recebida pelo sujeito, isto é, o sujeito é o **recipiente** ou **paciente** da *ação verbal*, p. ex.: *filius amatur a parentibus*, o filho é amado pelos pais.

Os verbos *transitivos* podem-se apassivar em todas as pessoas de todos os tempos e modos, os *intransitivos* podem-se apassivar tão somente na terceira pessoa do singular, p. ex.: *pugnatur*, combate-se; *pugnabĭtur*, combater-se-á.

Observação. — A *voz reflexa* portuguesa, que exprime a ação verbal praticada e recebida pelo mesmo sujeito, quase sempre substitue-se em latim com a voz passiva, p. ex.: eu me exercito, *exerceor*; lavo-me, *lavor*.

3) *Voz depoente*, especial da língua latina, é a que tem *forma passiva*, mas *significação ativa*, porque o sujeito é o *agente*. Tambem os verbos depoentes dividem-se em *transitivos*, p. ex.: *imĭtor exemplum patris*, imito o exemplo do pai, e *intransitivos*, p. ex.: *morior*, morro. Alguns têm significação reflexa, p. ex.: *nitor*, eu me esforço; *vescor*, eu me alimento.

b) Tempos.

Os tempos em latim são *seis*:

1) presente	1) *presente*.
3) passados	2) *pretérito imperfeito*. 3) *pretérito perfeito*. 4) *pretérito mais que perfeito*.
2) futuros	5) *futuro imperfeito*. 6) *futuro perfeito*.

Observação. — O pretérito perfeito latino corresponde ao nosso *pretérito perfeito* simples e *composto*, p. ex.: *amavi patriam*, amei e tenho amado a pátria.

c) Modos.

O latim tem *três* modos *finitos* ou *pessoais*: 1) o *indicativo*, 2) o *subjuntivo*, 3) o *imperativo*, e *quatro* modos *indefinitos* ou *impessoais* ou *nomes verbais*: 1) o *infinito*, 2) o *particípio* (*), 3) o *gerúndio* e 4) o *supino*.

Observações. — *1)* O gerúndio, nome verbal que só se encontra na voz ativa, e o supino ativo são formas especiais, que, em alguns casos, substituem o infinito português.

2) O latim não tem, como o português, o modo condicional com formas próprias. Ao nosso *condicional presente* corresponde, conforme os diversos casos sintáticos, o presente ou imperfeito do subjuntivo; ao nosso *condicional passado* o perfeito ou mais que perfeito do subjuntivo. Algumas vezes, com alguns verbos, o próprio indicativo latino supre o condicional português.

d) Números e pessoas.

O verbo latino tem *dois números*: *singular* e *plural* e *três pessoas* como em português.

(*) No particípio entendemos tambem incluir o *gerundivo* porque este nome verbal corresponde ao *particípio futuro passivo*.

QUADRO GERAL DOS MODOS — TEMPOS E VOZES

No verbo devemos considerar:

- Os *modos* finitos ou pessoais
  - indicativo 1) (*voz ativa e passiva*) — 6 tempos
    - presente
    - pretérito imperf.
    - futuro imperf.
    - pretérito perfeito
    - pret. m. que perf.
    - futuro perfeito
  - subjuntivo 2) (*voz ativa e passiva* — 4 tempos
    - presente
    - pretérito imperf.
    - pretérito perf.
    - pret. m. que. perf.
  - imperativo 3) (*voz ativa e passiva*) — 2 tempos
    - presente
    - futuro
- Os *modos* indefinitos ou impessoais ou nomes verbais
  - infinito 1) (*voz ativa e passiva*) — 3 tempos
    - presente
    - perfeito
    - futuro
  - 2) participio — 3 tempos (Declinam-se)
    - presente (*só na voz ativa*)
    - perfeito (*só na voz passiva*)
    - futuro (*voz ativa e passiva* [= *gerundivo*]).
  - 3) gerúndio (*só se encontra na voz ativa*). Declina-se.
  - 4) supino (*voz ativa e passiva*). Invariavel.

Conjugações

81. — As conjugações em latim são quatro e distinguem-se pela terminação da segunda pessoa do presente do indicativo e pela do infinito presente.

A *primeira conjugação* na segunda pessoa do presente do indicativo termina em as e no infinito em āre, como *amo, amas, amāre*.

A *segunda conjugação* na segunda pessoa do presente do indicativo termina em es e no infinito em ēre longo, como *lacĕo, laces, lacēre*.

A *terceira conjugação* na segunda pessoa do presente do indicativo termina em is e no infinito em ĕre breve: *lego, legis, legĕre*.

A *quarta conjugação* na segunda pessoa do presente do indicativo termina em is e no infinito em īre longo: *audĭo, audis, audīre*.

Conjugação do verbo ESSE, *ser*.

82. — O verbo **esse**, *ser*, é irregular na conjugação, mas costuma-se colocar antes de qualquer outro, porque, como em português, é verbo auxiliar, isto é, serve para a conjugação dos verbos na voz passiva e nas conjugações perifrásticas ativa e passiva.

O verbo ESSE = *ser*

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Presente	*S.* sum, *eu sou.* es est *P.* sŭmus ēstis sunt	sim, *eu seja.* sis sit sīmus sītis sint
Pretérito imperfeito	*S.* ĕram, *eu era.* ĕras ĕrat *P.* ĕrāmus ĕrātis ĕrat	ēssem, *eu fosse.* ēsses ēsset ēssēmus ēssētis ēssent
Futuro imperfeito	*S.* ĕro, *eu serei.* ĕris ĕrit *P.* ĕrĭmus ĕrĭtis ĕrunt	
Pretérito perfeito	*S.* fui, *eu fui* e *tenho sido* fuīsti fŭit *P.* fuĭmus fuīstis fuĕrunt *ou* fuēre	fuĕrim, *eu tenha sido.* fuĕris fuĕrit fuerĭmus fuerĭtis fuĕrint
Pretérito m. q. perf.	*S.* fuĕram, *eu fora* e *tinha sido.* fuĕras fuĕrat *P.* fuerāmus fuerātis fuĕrant	fuīssem, *eu tivesse sido.* fuīsses fuīsset fuissēmus fuissētis fuīssent
Futuro perfeito	*S.* fuĕro, *eu terei sido.* fuĕris fuĕrit *P.* fuerĭmus fuerĭtis fuĕrint	

IMPERATIVO

Presente

S. 2.ª p. es, *sê.*
P. 2.ª p. este, *sede.*

Futuro

S. 2.ª p. esto, *sê.*
3.ª p. esto, *seja.*
P. 2.ª p. estōte, *sede.*
3.ª p. sunto, *sejam.*

Infinito

Pres. esse, imp.: *ser,* pess.: *ser eu, seres tu,* etc.

Perf. fuīsse, imp.: *ter sido,* pes.: *ter eu, teres tu sido,* etc.

Fut. futūrum, am, um esse *ou somente* fore, *haver ou ter de ser — haver eu, haveres tu de ser,* etc.

Futūros, as, a esse ou *somente* fore, *haver ou ter de ser — havermos nós, haverdes vós de ser,* etc.

Com um particípio ou gerundivo deve-se sempre usar fore, *e nunca* futurum esse: laudatum fore, laudandum fore. *Da mesma raiz* fore, *forma-se um imperfeito do subjuntivo:* forem, fores, foret, forent, *equivalente a* essem *ou a* futurus essem.

Particípio futuro

Futūrus, futūra, futūrum, *havendo* ou *tendo de ser; o que há de ser.*

O *verbo* esse *não tem particípio presente. Encontra-se somente nos dois compostos* absum *e* praesum *que fazem* absens, praesens. Futurus *é tambem adjetivo:* res futurae, *as cousas futuras.*

Observações. — *1*) A raiz do verbo *esse* é es (cf. es-*t*, es-*se*, etc.): donde as vozes *sum*, *sim*, *sumus*, etc. derivam de es-*u-m*, es-*i-m*, es-*u-mus*, etc.; e as de *eram*, *ero*, etc. derivam por rotacismo de es-*a-m*, es-*o*, etc.

2) A raiz de *fu-i*, *fu-isse-m*, *fu-turus*, etc, é **fu**, que se encontra tambem no arcaico *fu-am*, *fu-as*, *fu-ant*, em lugar de *sim*, *sis*, *sit*, *sint*.

3) No imperfeito do subjuntivo ao lado das formas comuns *essem*, *esses*, etc. encontram-se tambem (*forem*, raro), **fores**, **foret...**, **forent** (não *forēmus*, *forētis*).

4) Formas arcaicas são tambem as do subjuntivo presente: **siem**, **sies**, **siet** e **sient** por *sim*, *sis*, *sit*, *sint*.

Conjugam-se como **sum** os seus compostos:

Absum, abes, abfŭi, abēsse, *estar ausente*.

Adsum, ades, adfŭi *ou* affŭi, adesse, *estar presente*.

Desum, dees, defŭi, deesse, *faltar*, *desfalecer*.

Insum, ines, *estar em*, *achar-se em*. — Os pretéritos perf. e m. q. perf. são pouco usados. Suprem-se com *fui in...fueram in..*

Intĕrsum, intĕres, interfŭi, interesse, *estar entre*, *assistir*.

Obsum, obes, obfŭi, obesse, *prejudicar*.

Praesum, praees, praefŭi, praeesse, *presidir*.

Prosum, prodes, profŭi, prodesse, *ser util*. — *Prosum* insere um *d* eufônico nas formas que começam com *e*, p. ex.: *pro-d-est*. Imperfeito do indicativo: *prodĕram*, *prodĕras*, etc. Imperfeito do subjuntivo: *prodessem*, *prodesses*, etc. Futuro imperfeito: *prodĕro*, *prodĕris*, etc. Imperativo: *prodes*, *prodeste; prodesto*, *prodestote*.

Subsum, subes, subesse, *estar debaixo*. — Tambem os pretéritos perf. e m. q. perf. de *subsum* não são usados. Suprem-se com *fui sub*, *fueram sub*.

Supērsum, supĕres, superfŭi, superesse, *exceder*, *superar*, *restar*, *sobreviver*.

Verbo POSSUM, POTUI, POSSE, *poder*.

83. — O verbo *possum* é composto do adjetivo indeclinavel **pote** = *que pode, capaz de...* e **sum** : pot(e)-sum (potis sum em poesia) = potsum = possum.

As modificações dos dois componentes de *possum* (pot-sum) são as seguintes:

a) O *t* de pot, ante de *s*, assimila-se e torna-se *s*, p. ex.: *possum* em lugar de potsum; *possim* em vez de potsim, etc.

b) Oblitera-se o *f* em todas as formas do passado, que começam por esta mesma consoante, p. ex.: *potŭi* por potfui (*); *potuĕram* por potfueram, etc.

c) Conserva-se o *t* antes da vogal *e*, p. ex.: potes, potĕram, etc.

d) O infinito *potesse* e o imperfeito do subjuntivo *potessem* contraem-se respetivamente em *posse* e *possem*.

e) O particípio deste verbo *potens*, só se usa como adjetivo (poderoso).

(*) Propriamente o perfeito *potui* deriva-se do antiquado *poteo*, *potere*, verbo que se encontra no dialeto osco.

O verbo POSSE = *poder*

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	
Presente	*S.* pos-sum, *eu posso.* pot-es pot-est *P.* pos-sŭmus pot-estis pos-sunt	pos-sim, *eu possa.* pos-sis pos-sit pos-simus pos-sitis pos-sint	Carece dos **imperativos.**
Pretérito imperfeito	*S.* pot-ĕram, *eu podia.* pot-ĕras pot-ĕrat *P.* pot-erāmus pot-erātis pot-ĕrant	possem, *eu pudesse.* posses posset possēmus possētis possent	**Infinito** **Inf. pres.:** posse Imp.: *poder.* Pess.: *poder eu, poderes tu,* etc. **Inf. perf.:** potuisse Imp.: *ter podido,* etc. Pess.: *ter eu, teres tu podido,* etc.
Futuro imperfeito	*S.* pot-ĕro, *eu poderei.* pot-ĕris pot-ĕrit *P.* pot-erĭmus pot-erĭtis pot-ĕrunt		
Pretérito perfeito	*S.* potŭi, *eu pude* e *tenho podido.* potuisti potŭit *P.* potuĭmus potuistis potuērunt	potuĕrim, *eu tenha podido* potuĕris potuĕrit potuerĭmus potuerĭtis potuĕrint	Carece dos **particípios**
Pretérito m. q. perf.	*S.* potuĕram, *eu pudera* e *tinha podido* potuĕras potuĕrat *P.* potuerāmus potuerātis potuĕrant	potuissem, *eu tivesse podido* potuisses potuisset potuissēmus potuissētis potuissent	**Posse** substitue o infinito futuro de que carece, p. ex.: os conjurados esperam assenhorear-se de toda a Gália, *conjurati se totius Galliae potiri posse sperant;* Cesar esperava que teria podido concluir a empresa sem combater, *Caesar in eam spem venerat (=sperabat) sine pugna rem se conficere posse.*
Futuro perfeito	*S.* potuĕro, *eu terei podido.* potuĕris potuĕrit *P.* potuerĭmus potuerĭtis potuĕrint		

FORMAÇÃO DOS TEMPOS (*)

VOZ ATIVA

84. — Para se conjugar um verbo latino cumpre conhecer quatro formas, que servem para formar os outros tempos. Essas formas fundamentais são as que o dicionário fornece, isto é:

1) O *presente do indicativo.*
2) O *perfeito do indicativo.*
3) O *supino.*
4) O *infinito presente.*

A estas quatro formas dá-se o nome de **tempos primitivos** ou **principais**; os demais derivam destes e chamam-se **tempos derivados.**

1) PRESENTE DO INDICATIVO

85. — *1)* Todos os **indicativos presentes** da voz ativa têm sempre estas desinências:

Primeira: **o, as, at, āmus, ātis, ant.**
Segunda: **ĕo, es, et, ēmus, ētis, ent.**
Terceira: **o, is, it, ĭmus, ĭtis, unt** (**).
Quarta: **o, is, īmus, ītis, ĭunt** (com um só **i**).

2) Regra para formar os tempos que derivam do presente — Na primeira, terceira e quarta conjugação tira-se a vogal final

---

(*) Esta nossa formação verbal só obedece ao princípio de *ensinar praticamente aos alunos a conjugar qualquer verbo latino.* No apêndice: *Pequenas notas filológicas sobre as declinações e o verbo latino,* diremos algo da teoria cientificamente exata.

Aconselhamos a seguir na explicação a ordem seguinte: *perfeito* e seus tempos derivados, *supino, infinito* e *presente* (letras b. d. e, f, a. c), proceder-se-á assim do mais facil para o mais dificil.

Escrevam-se no quadro negro os tempos principais de quatro verbos, um de cada conjugação.

Para prender logo a atenção dos alunos recorra-se aos verbos irregulares do capitulo XI (listas verbais, n. 118, 119, 120, 121).

Tome-se, por exemplo, o perfeito do indicativo e conjugue-se este tempo nas quatro conjugações, mostrando como as desinências são as mesmas e a formação igual para todos os verbos.

Em seguida tira-se a desinência *i* do perfeito dos quatro verbos, e *contemporaneamente* acrescentam-se as desinências dos tempos que se formam do perfeito. Siga-se o mesmo processo com os tempos formados do supino, infinito e presente.

(**) Os verbos em *io* desta conjugação perdem o *i* temático antes de outro *i* da desinência em todos os tempos derivados do presente e do infinito. Portanto as desinências indicadas servem tambem para estes verbos, mas terminam a terceira do plural em **ĭunt** (cf. n. 107, pág. 107).

-o, na segunda as duas vogais finais -eo e acrescentam-se à parte que fica invariavel (tema) as diversas desinências, conforme o tempo que se quer formar.

3) Do presente formam-se os tempos seguintes:

a) O *presente do subjuntivo* — Na *primeira* acrescemtam-se: **em, es, et, ēmus, ētis, ent.**

Na *segunda:* **ĕam, ĕas, ĕat, eāmus, eātis, ĕant.**

Na *terceira e quarta:* **am, as, at, āmus, ātis, ant.**

b) O *imperfeito do indicativo* — Na *primeira* acrescentam-se: **ābam, ābas, ābat, abāmus, abātis, ābant.**

Na *segunda, terceira e quarta:* **ēbam, ēbas, ēbat, ebāmus, ebātis, ēbant.**

c) O *futuro imperf. do indic.* — Na *primeira* acrescentam-se: **ābo, ābis, ābit, abĭmus, abĭtis, ābunt.**

Na *segunda:* **ēbo, ēbis, ēbit, ebĭmus, ebĭtis, ēbunt.**

Na *terceira e quarta:* **am, es, et, ēmus, ētis, ent.**

d) O *particípio pres. ativo* — Na *primeira* acrescenta-se: **ans, āntis,** etc. — (Declina-se como *amans, amāntis,* pág. 58).

Na *segunda, terceira e quarta:* **ens, ēntis,** etc. — (Declina-se como *prudens, ēntis,* pág. 58).

e) O *gerundivo.* (=part. fut. pass.):— Na *primeira* acrescenta-se: **āndus, ānda, āndum.** — (Declina-se como *bonus, bona, bonum,* pág. 53).

Na *segunda, terceira e quarta:* **ēndus, ēnda, ēndum.** — (Declina-se como *bonus, bona, bonum,* pág. 53).

f) O *gerúndio.* — Na *primeira* acrescentam-se: **āndi, āndo, āndum, āndo.**

— Na *segunda, terceira e quarta:* **ēndi, ēndo, endum, ēndo.**

2) PERFEITO DO INDICATIVO

86. — *1*) Todos os *perfeitos do indicativo* da conjugação latina têm sempre as seguintes desinências: **i, īsti, it, ĭmus, īstis, ērunt** ou **ēre.**

2) *Regra para formar os tempos que derivam do perfeito.* — Em todas as conjugações tira-se a desinência **-i** e acrescentam-se à parte que fica invariavel (tema) as diversas desinências ,conforme o tempo que se quer formar.

3) Do **perfeito do indicativo** formam-se os tempos seguintes:

a) O *mais que perfeito do indicativo.* — Acrescentam-se sempre estas desinências: **ĕram, ĕras, ĕrat, erāmus, erātis, ĕrant.**

b) O *futuro perfeito do indicativo.* — Acrescentam-se sempre estas desinências: **ĕro, ĕris, ĕrit, erĭmus, erĭtis, ĕrint.**

c) O *perfeito do subjuntivo.* — Acrescentam-se sempre estas desinências: **ĕrim, ĕris, ĕrit, erĭmus, erĭtis, ĕrint.**

d) O *mais que perfeito do subjuntivo.* — Acrescentam-se sempre estas desinências: **īssem, īsses, īsset, issēmus, issētis, īssent.**

e) O *infinito perfeito.* — Acrescenta-se sempre **īsse,** que é invariavel.

3) SUPINO

87. — *1)* Do supino, na *voz ativa,* mudando-se o **um** em **ūrus, ūra, ūrum,** forma-se o *particípio futuro ativo* (*). (Declina-se como *bonus, a, um,* pág. 53).

2) Na *voz passiva* forma-se o *participio perfeito passivo,* mudando-se **um** em **us, a, um.** (Declina-se como *bonus, a, um,* pág. 53).

4) INFINITO PRESENTE

88. — Do **infinito presente** formam-se os tempos seguintes:

1) Na *voz ativa:*

a) A *segunda pessoa do singular do imperativo presente ativo,* omitindo-se sempre a silaba final **re** do infinito. (As demais pessoas do presente e todo o futuro formam-se de acordo com as desinências da *observação* primeira a este mesmo número, pág. 94).

b) O *imperfeito do subjuntivo ativo,* acrescentando-se ao infinito as seguintes desinências: **m, s, t, mus, tis, nt.**

2) Na *voz passiva:*

a) O *infinito presente passivo,* mudando-se a desinência **re** do ativo em **rī** nos verbos da *primeira, segunda* e *quarta* conjugação, e a terminação **ĕre** dos verbos da *terceira* conjugação em **ī** (Cf. n. 92, *1,* pág. 97).

(*) Em alguns verbos, porem, este particípio futuro não se forma do supino irregular que lhes é próprio, mas do regular que deveriam ter, por exemplo:

Pres.	Juvo, 1,	*ajudo*	Sup. jutum	Part. fut. ativo:	juvaturus
»	Seco, 1,	*corto*	» sectum	» » »	secaturus
»	Sono, 1,	*sôo*	» sonĭtum	» » »	sonaturus, etc.

b) A *segunda pessoa do singular do presente do imperativo*, que é sempre igual ao infinito presente ativo. (As demais pessoas do presente e todo o futuro formam-se de acordo com as desinências do *Imperativo passivo* n. 91, *b*, pág. 96).

Observações:

Primeira.

Desinências do imperativo ativo:

Presente

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação	4.ª conjugação
2.ª p. s. a	e	e	i
2.ª p. p. āte	ēte	ĭte	īte

Futuro

2.ª p. s. āto	ēto	ĭto	īto
3.ª p. s. āto	ēto	ĭto	īto
2.ª p. p. atōte	etōte	itōte	itōte
3.ª p. p. ānto	ēnto	ūnto (*)	iūnto

Segunda.

O *infinito futuro ativo* é igual ao *particípio futuro ativo* (cf. supino, n. 87, *1*, pág. 93) *em caso acusativo* singular e plural, mais esse (invariavel).

VOS PASSIVA

INDICATIVO E SUBJUNTIVO

Regra A

89. — A formação da primeira pessoa do *presente, imperfeito* e *futuro imperfeito do indicativo;* do *presente* e *imperfeito do subjuntivo*, obedece à seguinte regra:

Tomando-se por base a voz ativa, acrescenta-se **r** aos tempos que terminam em **o**, e troca-se o **m** em **r** nos tempos que terminam em **m**.

(*) Nos verbos em *io*: **iūnto**.

a) Desinências de todos os *presentes passivos do indicativo* das 4 conjugações latinas:

	1	2	3	4
voz ativa:	**o**	**eo**	**o**	**o**
voz passiva:	**or**	**ĕor**	**or**	**or**
	āris	**ēris**	**ĕris** (*)	**īris**
	ātur	**ētur**	**ĭtur**	**ītur**
	āmur	**ēmur**	**ĭmur**	**īmur**
	amĭni	**emĭni**	**imĭni**	**imĭni**
	āntur	**ēntur**	**ūntur** (*)	**iūntur**

b) Desinências de todos os *imperfeitos passivos do indicativo* das 4 conjugações latinas:

	1	2-3-4
voz ativa:	**ābam**	**ēbam**
voz passiva:	**ābar**	**ēbar**
	abāris	**ebāris**
	abātur	**ebātur**
	abāmur	**ebāmur**
	abamĭni	**ebamĭni**
	abāntur	**ebāntur**

c) Desinências de todos os *futuros imperfeitos passivos* das 4 conjugações latinas:

	1	2	3-4
voz ativa:	**ābo**	**ēbo**	**am**
voz passiva:	**ābor**	**ēbor**	**ar**
	abĕris	**ebĕris**	**ēris**
	abĭtur	**ebĭtur**	**ētur**
	abĭmur	**ebĭmur**	**ēmur**
	abimĭni	**ebimĭni**	**emĭni**
	abūntur	**ebūntur**	**ēntur**

d) Desinências de todos os *presentes passivos do subjuntivo* das 4 conjugações latinas:

	1	2	3-4
voz ativa:	em	ĕam	am
voz passiva:	er	ĕar	ar
	ēris	eāris	āris
	ētur	eātur	ātur
	ēmur	eāmur	āmur
	emĭni	eamĭni	amĭni
	ēntur	eāntur	āntur

(*) Tambem antes do *ĕ* da desinência *ĕris*, os verbos em *io* perdem o *i* temático, portanto dir-se-á *cap-ĕris* e não *capiĕris*. — Os mesmos verbos na terceira pessoa do plural terminam em **iūntur** em lugar de *untur*.

e) Desinência de todos os *imperfeitos passivos do subjuntivo* das 4 conjugações latinas:

	1-2-3-4
voz ativa:	**rem**
voz passiva:	**rer** **rēris** **rētur** **rēmur** **remĭni** **rēntur**

Regra B

90. — *a)* O *perfeito do indicativo* e os *seus derivados* formam-se com o particípio perfeito passivo e o verbo auxiliar *esse*, do seguinte modo:

Perf. do indic.	=**part. perf.+sum**	ou **fui**	Conjugado em todos os números e pessoas
M. que perf. do indic.	=**part. perf.+eram**	ou **fuĕram**	
Fut. perf. do indic.	=**part. perf.+ero**	ou **fuĕro**	
Perfeito do subj.	=**part. perf.+sim**	ou **fuĕrim**	
M. que perf. do subj.	=**part. perf.+essem**	ou **fuissem.**	

b) O *infinito perfeito,* que na voz ativa, forma-se do perfeito do indicativo, na passiva é igual ao *particípio perfeito passivo em caso acusativo,* singular e plural, mais **esse** ou **fuisse** (invariaveis). Cf. n. 92, *2*, pág. 97.

IMPERATIVO

91. — *a)* A segunda pessoa do singular do presente do imperativo é sempre igual ao infinito presente ativo. Cf. n. 88, *2*, *b*, pág. 93).

b) Desinências do imperativo passivo:

Presente

1.ª conjugação		2.ª conjugação	3.ª conjugação	4.ª conjugação
2.ª p. s.	āre	ēre	ĕre	īre
2.ª p. p.	amĭni	emĭni	imĭni	imĭni

Futuro

2.ª p. s.	**ātor**	**ētor**	**ĭtor**	**ītor**
3.ª p. s.	**ātor**	**ētor**	**ĭtor**	**ītor**
2.ª p. p.	**abimĭni**	**ebimĭni**	**emĭni** (*)	**iemĭni**
3.ª p. p.	**āntor**	**ēntor**	**ūntor** (*)	**iūntor**

(*) Nos verbos em *io*: **iemĭni, iūntor.**

INFINITO

92. — *1)* O *infinito presente passivo* forma-se mudando a desinência **re** do ativo em **ri** nos verbos da *primeira, segunda e quarta* conjugação, e a terminação **ĕre** dos verbos da terceira conjugação, em **i.** (Cf. n. 88, *2, a,* pág. 93).

	1	2	3	4
voz ativa:	re	re	ĕre	re
voz passiva:	ri	ri	i	ri

2) O *infinito perfeito passivo* é igual ao *particípio perfeito passivo* (cf. n. 87, *2,* pág. 93) *em caso acusativo,* singular e plural, mais **esse** ou **fuisse** (invariaveis). (Cf. n. 90, *b,* pág. 96).

1		2	
um, am, um **os, as, a**	esse ou **fuisse**	**um, am, um** **os, as a**	esse ou **fuisse**
3		**4**	
um, am, um **os, as, a**	esse ou **fuisse**	**um, am, um** **os, as, a**	esse ou **fuisse**

3) O *infinito futuro passivo* é sempre igual ao *supino ativo* mais **iri,** invariavel.

1	2	3	4
um iri	**um iri**	**um iri**	**um iri**

PARTICIPIO

93. — *1) Particípio futuro passivo* ou *gerundivo* cf. n. 85, *3, e,* pág. 91 e n. 94, pág. 97.

2) Particípio perfeito passivo cf. n. 87, *2,* pág. 93.

GERUNDIVO

94. — *Gerundivo* ou *particípio futuro passivo* cf. n. 85, *3, e,* pág. 91 e também n. 93, *1,* pág. 97.

SUPINO

95. — O supino passivo forma-se eliminando o **m** do supino ativo.

	1	2	3	4
voz ativa:	**um**	**um**	**um**	**um**
voz passiva:	**u**	**u**	**u**	**u**

96. — VOZ ATIVA

amāre = *amar*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
Presente	S. am-o am-as am-at P. am-āmus am-ātis am-ant	*amo*	am-em am-es am-et am-ēmus am-ētis am-ent	*ame*
Pretérito imperfeito	S. am-ābam am-ābas am-ābat P. am-abāmus am-abātis am-ābant	*amava*	amāre-m amāre-s amāre-t amarē-mus amarē-tis amāre-nt	*amasse*
Futuro imperfeito	S. am-ābo am-ābis am-ābit P. am-abĭmus am-abĭtis am-ābunt	*amarei*		
Pretérito perfeito	S. amāv-i amav-īsti amāv-it P. amav-īmus amav-īstis [ēre amav-ērunt *ou*	*amei e tenho amado*	amav-ĕrim amav-ĕris amva-ĕrit amav-erĭmus amav-erĭtis amav-ĕrint	*tenha amado*
Pret. m. q. perfeito	S. amav-ĕram amav-ĕras amav-ĕrat P. amav-erāmus amav-erātis amav-ĕrant	*amara e tinha amado*	amav-īssem amav-īsses amav-īsset amav-issēmus amav-issētis amav-īssent	*tivesse amado*
Futuro perfeito	S. amav-ĕro amav-ĕris amav-ĕrit P. amav-erĭmus amav-erĭtis amav-ĕrint	*terei amado*		

IMPERATIVO

Presente

S. 2ª. p. ama, *ama.*
P. 2ª. p. am-āte, *amai.*

Futuro

S. 2ª. p. am-āto, *ama.*
3.ª p. am-āto, *ame.*
P. 2ª. p. am-atōte, *amai.*
3ª. p. am-ānto, *amem.*

Infinito

Pres. am-āre,
imp.: *amar*
pess.: *amar eu,* etc.
Perf. amav-īsse,
imp.: *ter amado.*
pess.: *ter eu amado,* etc.

Fut. amat-ūrum, am, um; amat-uros, as, a { esse, *haver* ou *ter de amar.*

Particípio

Pres. am-ans, āntis, *amando.*
Fut. amat-ūrus, a, um, *havendo* ou *tendo de amar.*

Gerúndio

Gen. am-āndi, *de amar.*
Dat. am-āndo, *a amar.*
Ac. am-āndum, *a, para amar.*
Abl. am-āndo, *amando.*

O infinito amāre corresponde ao *nominativo.*

Supino

amāt-um, *a, para amar.*

conjugação

97. — VOZ PASSIVA

amāri = *ser amado*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO		IMPERATIVO
Presente	S. am-or am-āris *ou* am-āre am-ātur P. am-āmur am-amĭni am-āntur	*sou amado*	am-er m-ēris *ou* am-ēre am-ētur am-ēmur am-emĭni am-ēntur	*seja amado*	**Presente** S. 2ª. p. amāre, *sê tu amado.* P. 2ª. p. am-amĭni, *sede vós amados.* **Futuro**
Pretérito imperfeito	S. am-ābar am-abāris *ou* am-abāre am-abātur P. am-abāmur am-abamĭni am-abāntur	*era amado*	amā-rer ama-rēris ama-rētur ama-rēmur ama-remĭni ama-rēntur	*fosse amado*	S. 2ª. p. am-ātor, *sê tu amado.* 3ª. p. am-ātor, *seja ele amado.* P. 2ª. p. am-abimĭni, *sede vós amados.* 3.ª p. am-āntor, *sejam eles amados.*
Futuro imperfeito	S. am-ābor am-abĕris *ou* am-abĕre am-abĭtur P. am-abĭmur am-abimĭni am-abūntur	*serei amado*			**Infinito** *Pres.* amā-ri, imp.: *ser amado.* pess.: *ser eu, seres tu amado,* etc.
Pretérito perfeito	S. amāt-us, a, um sum *ou* fui es *ou* fuisti est *ou* fuit P. amāt-i, ae, a sumus *ou* fuimus estis *ou* fuistis sunt *ou* fuerunt	*fui e tenho sido am.*	amāt-us, a, um sim *ou* fuerim sis *ou* fueris sit *ou* fuerit amāt-i, ae, a simus *ou* fuerimus sitis *ou* fueritis sint *ou* fuerint	*tenha sido amado*	*Perf.* amāt-um, am, um; amāt-os, as, a } esse *ou* fuisse imp.: *ter sido amado.* pess.: *ter eu sido amado,* etc. *Fut.* amāt-um iri *haver de ser amado.*
Pret. m. q. perf.	S. amāt-us, a, um eram *ou* fueram eras *ou* fueras erat *ou* fuerat P. amāt-i, ae, a eramus *ou* fueramus eratis *ou* fueratis erant *ou* fuerant	*fora e tinha sido am.*	amāt-us, a, um essem *ou* fuissem esses *ou* fuisses esset *ou* fuisset amāt-i, ae, a essemus *ou* fuissemus essetis *ou* fuissetis essent *ou* fuissent	*tivesse sido amado*	**Particípio** *Perf.* amāt-us, a, um, *amado* ou *tendo sido amado.* *Fut.* am-āndus, a, um, *havendo de ser amado.*
Futuro perfeito	S. amāt-us, a, um ero *ou* fuero eris *ou* fueris erit *ou* fuerit P. amāt-i, ae, a erimus *ou* fuerimus eritis *ou* fueritis erunt *ou* fuerint	*terei sido amado*			**Supino** amāt-u, *de ser, para ser amado.*

98. — VOZ ATIVA

Delēre = *destruir*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
Presente	S. del-ĕo del-es del-et P. del-ēmus del-ētis del-ent	*destruo*	del-ĕam del-ĕas del-ĕat del-eāmus del-eātis del-ĕant	*destrua*
Pretérito imperfeito	S. del-ēbam del-ēbas del-ēbat P. del-ebāmus del-ebātis del-ēbant	*destruía*	delēre-m delēre-s delēre-t delerē-mus delerē-tis delēre-nt	*destruísse*
Futuro imperfeito	S. del-ēbo del-ēbis del-ēbit P. del-ebĭmus del-ebĭtis del-ēbunt	*destruirei*		
Pretérito perfeito	S. delēv-i delev-īsti delēv-it P. delev-īmus delev-īstis delev-ērunt *ou* ēre	*destruí e tenho destruído*	delev-ĕrim delv-ĕris delev-ĕrit delev-erĭmus delev-erĭtis delev-ĕrint	*tenha destruído*
Pret. mais que perfeito	S. delev-ĕram delev-ĕras delev-ĕrat P. delev-erāmus delev-erātis delev-ĕrant	*destruíra e tinha destruído*	delev-īssem delev-īsses delev-īsset delev-issēmus delev-issētis delev-īssent	*tivesse destruído*
Futuro perfeito	S. delev-ĕro delev-ĕris delev-ĕrit P. delev-erĭmus delev-erĭtis delev-ĕrint	*terei destruído*		

IMPERATIVO

Presente

S. 2ª. p. dele, *destrói*.
P. 2ª. p. del-ēte, *destruí*.

Futuro

S. 2ª. p. del-ēto, *destrói*.
3ª. p. del-ēto, *destrua*.
P. 2ª. p. del-ētote, *destruí*
3ª. p. del-ēnto, *destruam*.

Infinito

Pres. del-ēre,
imp.: *destruir*.
pess.: *destruir eu*, etc.
Perf. delev-īsse,
imp.: *ter destruído*.
pess.: *ter eu, teres tu destruído*, etc.

Fut. delet-ūrum, am, um; delet-ūros, as, a — esse, *haver ou ter de destruir*

Particípio

Pres. del-ens, ēntis, *destruindo*.
Fut. delet-ūrus, a, um *havendo* ou *tendo de destruir*.

Gerúndio

Gen. del-ēndi, *de destruir*.
Dat. del-ēndo, *a destruir*.
Ac. del-ēndum, *a, para destruir*.
Abl. del-ēndo, *destruindo*.

O infinito delēre, corresponde ao *nominativo*.

Supino

delēt-um, *a, para destruir*.

99. — VOZ PASSIVA

Delēre = *ser destruido*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO		IMPERATIVO
Presente	S. del-ĕor del-ēris del-ētur P. del-ēmur del-emĭni del-ēntur	*sou destruido*	del-ĕar del-eāris del-eātur del-eāmur del-eamĭni del-eāntur	*seja destruido*	**Presente** S. 2.ª p. delēre, *se tu destruido.* P. 2.ª p. del-emĭni, *sede vós destruidos.*
Pretérito imperfeito	S. del-ēbar del-ebāris del-ebātur P. del-ebāmur del-ebamĭni del-ebāntur	*era destruido*	delē-rer dele-rēris dele-rētur dele-rēmur dele-remĭni dele-rēntur	*fosse destruido*	**Futuro** S. 2.ª p. del-ētor, *se tu destruido.* 3.ª p. del-etor, *seja ele destruido.* P. 2.ª p. del-ebimĭni *sede vós destruidos.* 3.ª p. del-ēntor, *sejam eles destruidos.*
Futuro imperfeito	S. del-ēbor del-ebĕris del-ebĭtur P. del-ebĭmur del-ebimĭni del-ebūntur	*serei destruido*			**Infinito** *Pres.* delē-ri. imp.: *ser destruido.* pess.: *ser eu, seres tu destr.*, etc.
Pretérito perfeito	S. delēt-us, a, um sum *ou* fui es *ou* fuisti est *ou* fuit P. delēt-i, ae, a sumus *ou* fuimus estis *ou* fuistis sunt *ou* fuerunt	*fui e tenho sido destruido*	delēt-us, a, um sim *ou* fuerim sis *ou* fueris sit *ou* fuerit delēt-i, ae, a simus *ou* fuerimus sitis *ou* fueritis sint *ou* fuerint	*tenha sido destr.*	*Perf.* delēt-um, am, um; delēt-os, as, a } esse *ou* fuisse imper.: *ter sido destruido.* pess.: *ter eu, teres tu sido destruido*, etc.
Pret. mais q. perfeito	S. delēt-us, a, um eram *ou* fueram eras *ou* fueras erat *ou* fuerat P. delēt-i, ae, a eramus *ou* fueramus eratis *ou* fueratis erant *ou* fuerant	*fora e tinha sido destruido*	delēt-us, a, um essem *ou* fuissem esses *ou* fuisses esset *ou* fuisset delēt-i, ae, a essemus *ou* fuissemus essetis *ou* fuissetis essent *ou* fuissent	*tivesse sido destr.*	*Fut.* delēt-um iri, *haver de ser destruido.* **Particípio** *Perf.* delēt-us, a, um, *destruido* ou *tendo sido destruido.* *Fut.* del-ēndus, a, um, *havendo de ser destruido.*
Futuro perfeito	S. delēt-us, a, um ero *ou* fuero eris *ou* fueris erit *ou* fuerit P. delēt-i, ae, a erimus *ou* fuerimus eritis *ou* fueritis erunt *ou* fuerint	*terei sido destruido*			**Supino** delēt-u, *de ser, para ser destruido.*

Terceira

100. — VOZ ATIVA

Legĕre = *lêr*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO		IMPERATIVO
Presente	S. leg-o leg-is leg-it P. leg-ĭmus leg-ĭtis leg-unt	*leio*	leg-am leg-as leg-at leg-āmus leg-ātis leg-ant	*leia*	**Presente** S. 2.ª p. lege, *lê*. P. 2.ª p. leg-ĭte, *lede*. **Futuro**
Pretérito imperfeito	S. leg-ēbam leg-ēbas leg-ēbat P. leg-ebāmus leg-ebātis leg-ēbant	*lia*	legĕre-m legĕre-s legĕre-t legerē-mus legerē-tis legĕre-nt	*lesse*	S. 2.ª p. leg-ĭto, *lê*. 3ª. p. leg-ĭto, *leia*. P. 2ª. p. leg-itōte, *lede* 3ª. p. leg-ūnto, *leiam*. **Infinito**
Futuro imperfeito	S. leg-am leg-es leg-et P. leg-ēmus leg-ētis leg-ent	*lerei*			*Pres.* leg-ĕre, imp.: *ler*. pess.: *ler eu, leres tu*, etc. *Perf.* leg-īsse, imp.: *ter lido*. pess.: *ter eu, teres tu lido*, etc. *Futuro* lect-urum, am, um; lect-ūros, as, a { esse, *haver ou ter de ler*
Pretérito perfeito	S. leg-i leg-īsti leg-it P. leg-ĭmus leg-īstis leg-ērunt *ou* ēre	*li e tenho lido*	leg-ĕrim leg-ĕris leg-ĕrit leg-erĭmus leg-erĭtis leg-ĕrint	*tenha lido*	**Particípio** *Pres.* leg-ens, ēntis, *lendo*. *Fut.* lect-ūrus, a, um, *havendo ou tendo de ler*.
Pretérito mais que perf.	S. leg-ĕram leg-ĕras leg-ĕrat P. leg-erāmus leg-erātis leg-ĕrant	*lera e tinha lido*	leg-īssem leg-īsses leg-īsset leg-issēmus leg-issētis leg-īssent	*tivesse lido*	**Gerúndio** Gen. leg-ēndi, *de ler*. Dat. leg-ēndo, *a ler*. Ac. leg-ēndum, *a, para ler*.
Futuro perfeito	S. leg-ĕro leg-ĕris leg-ĕrit P. leg-erĭmus leg-erĭtis leg-ĕrint	*terei lido*			Abl. leg-ēndo, *lendo*. O infinito legĕre corresp. ao *nominativo*. **Supino** lect-um, *a, para ler*.

conjugação

101. — VOZ PASSIVA

Legi = *ser lido*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO		IMPERATIVO
Presente	S. leg-or leg-ĕris leg-ĭtur P. leg-ĭmur leg-imĭni leg-ŭntur	*sou lido*	leg-ar leg-āris leg-ātur leg-āmur leg-amĭni leg-āntur	*seja lido*	**Presente** S. 2.ª p. legĕre, *sê tu lido*. P. 2.ª p. leg-imĭni, *sede vós lidos*.
Pret. imperfeito	S. leg-ēbar leg-ebāris leg-ebātur P. leg-ebāmur leg-ebamĭni leg-ebāntur	*era lido*	legĕ-rer lege-rēris lege-rētur lege-rēmur lege-remĭni lege-rēntur	*fosse lido*	**Futuro** S. 2.ª p. leg-ĭtor, *sê tu lido*. 3.ª p. leg-ĭtor, *seja ele lido*. P. 2.ª p. leg-emĭni, *sede vós lidos*. 3.ª p. leg-ŭntor, *sejam eles lidos*.
Futuro imperfeito	S. leg-ar leg-ēris leg-ētur P. leg-ēmur leg-emĭni leg-ēntur	*serei lido*			**Infinito** *Pres.* leg-i. imp.: *ser lido*. pess.: *ser eu, seres tu lido*, etc. *Perf.* lect-um, esse am, um; ou lect-os, as, a fuisse
Pretérito perfeito	S. lect-us, a, um sum *ou* fui es *ou* fuisti est *ou* fuit P. lect-i, ae, a sumus *ou* fuimus estis *ou* fuistis sunt *ou* fuerunt	*fui e tenho sido lido*	lect-us, a, um sim *ou* fuerim sis *ou* fueris sit *ou* fuerit lect-i, ae, a simus *ou* fuerimus sitis *ou* fueritis sint *ou* fuerint	*tenha sido lido*	imp.: *ter sido lido*. pes.: *ter eu, teres tu sido lido*, etc. *Fut.* lect-um iri, *haver de ser lido*.
Pret. mais que perf.	S. lect-us, a, um eram *ou* fueram eras *ou* fueras erat *ou* fuerat P. lect-i, ae, a eramus *ou* fueramus eratis *ou* fueratis erant *ou* fuerant	*fora e tinha sido lido*	lect-us, a, um essem *ou* fuissem esses *ou* fuisses esset *ou* fuisset lect-i, ae, a essemus *ou* fuissemus essetis *ou* fuissetis essent *ou* fuissent	*tivesse sido lido*	**Particípio** *Perf.* lect-us, a, um, *lido* ou *tendo sido lido*. *Fut.* leg-ēndus, a, um, *havendo de ser lido*.
Futuro perfeito	S. lect-us, a, um ero *ou* fuero eris *ou* fueris erit *ou* fuerit P. lect-i, ae, a erimus *ou* fuerimus eritis *ou* fueritis erunt *ou* fuerint	*terei sido lido*			**Supino** lect-u, *de ser, para ser lido*.

102. — VOZ ATIVA

Quarta

Audīre = *ouvir*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
Presente	S. audĭ-o aud-is aud-it P. aud-īmus aud-ītis aud-ĭunt	*ouço*	audĭ-am audĭ-as audĭ-at audi-āmus audi-ātis audĭ-ant	*ouça*
Pretérito imperfeito	S. audi-ēbam audi-ēbas audi-ēbat P. audi-ebāmus audi-ebātis audi-ēbant	*ouvia*	audire-m audire-s audīre-t audirē-mus audirē-tis audīre-nt	*ouvisse*
Futuro imperfeito	S. audĭ-am audĭ-es audĭ-et P. audi-ēmus audi-ētis audĭ-ent	*ouvirei*		
Pretérito perfeito	S. audīv-i audiv-īsti audīv-it P. audiv-ĭmus audiv-īstis audiv-ērunt *ou* ēre	*ouvi e tenho ouvido*	audiv-ĕrim audiv-ĕris audiv-ĕrit audiv-erĭmus audiv-erĭtis audiv-ĕrint	*tenha ouvido*
Pret. mais que perf.	S. audiv-ĕram audiv-ĕras audiv-ĕrat P. audiv-erāmus audiv-erātis audiv-ĕrant	*ouvira e tinha ouvido*	audiv-īssem audiv-īsses audiv-īsset audiv-issēmus audiv-issētis audiv-īssent	*tivesse ouvido*
Futuro perfeito	S. audiv-ĕro audiv-ĕris audiv-ĕrit P. audiv-erĭmus audiv-erĭtis audiv-ĕrint	*terei ouvido*		

IMPERATIVO

Presente

S. 2.ª p. audi, *ouve*.
P. 2.ª p. aud-īte, *ouví*.

Futuro

S. 2.ª p. aud-īto, *ouve*.
3.ª p. aud-īto, *ouça*.
P. 2.ª p. aud-idōte, *ouví*.
3.ª p. aud-iūnto, *ouçam*.

Infinito

Pres. aud-īre,
imp.: *ouvir*.
pess.: *ouvir eu, ouvires tu*, etc.
Perf. audiv-īsse.
imp.: *ter ouvido*.
pess.: *ter eu ouvido*, etc.

Fut. audit-ūrum, am, um; audit-ūros, as, a — esse, *haver ou ter de ouvir*

Particípio

Pres. audĭ-ens, ēntis, *ouvindo*.
Fut. audit-ūrus, a, um, *havendo* ou *tendo de ouvir*.

Gerúndio

Gen. audi-ēndi, *de ouvir*.
Dat. audi-ēndo, *a ouvir*.
Ac. audi-ēndum, *a, para ouvir*.
Abl. audi-ēndo, *ouvindo*.

O infinito **audīre** corresp. ao *nom.*

Supino

audīt-um, *a, para ouvir*.

conjugação

103. — VOZ PASSIVA

Audīre = *ser ouvido*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
Presente	S. audĭ-or aud-īris aud-ītur P. aud-īmur aud-imĭni aud-iūntur	*sou ouvido*	audĭ-ar audi-āris audi-ātur audi-āmur audi-amĭni audi-āntur	*seja ouvido*
Pretérito imperfeito	S. audi-ēbar audi-ebāris audi-ebātur P. audi-ebāmur audi-ebamĭni audi-ebāntur	*era ouvido*	audī-rer audi-rēris audi-rētur audi-rēmur audi-remĭni audi-rēntur	*fosse ouvido*
Futuro imperfeito	S. audĭ-ar audi-ēris audi-ētur P. audi-ēmur audi-emĭni audi-ēntur	*serei ouvido*		
Pretérito perfeito	S. audīt-us, a, um sum *ou* fui es *ou* fuisti est *ou* fuit P. audīt-i, ae, a sumus *ou* fuimus estis *ou* fuistis sunt *ou* fuerunt	*fui e tenho sido ouvido*	audīt-us, a, um sim *ou* fuerim sis *ou* fueris sit *ou* fuerit audīt-i, ae, a simus *ou* fuerimus sitis *ou* fueritis sint *ou* fuerint	*tenha sido ouvido*
Pret. mais que perf.	S. audīt-us, a, um eram *ou* fueram eras *ou* fueras erat *ou* fuerat P. audīt-i, ae, a eramus *ou* fuera-(mus eratis *ou* fueratis erant *ou* fuerant	*fora e tinha sido ouvido*	audīt-us, a, um essem *ou* fuissem esses *ou* fuisses esset *ou* duisset audīt-i, ae, a essemus *ou* fuissemus essetis *ou* fuissetis essent *ou* fuissent	*tivesse sido ouvido*
Futuro perfeito	S. audīt-us, a, um ero *ou* fuero eris *ou* fueris erit *ou* fuerit P. audī-ti, ae, a erimus *ou* fuerimus eritis *ou* fueritis erunt *ou* fuerint	*terei sido ouvido*		

IMPERATIVO

Presente

S. 2.ª p. audīre, *sê tu ouvido*.
P. 2.ª p. aud-imĭni, *sede vós ouvidos*.

Futuro

S. 2.ª p. aud-ītor, *sê tu ouvido*.
3.ª p. aud-ītor, *seja ele ouvido*.
P. 2.ª p. audie-mĭni, *sede vós ouvidos*.
3.ª p. aud-iūntor, *sejam eles ouvidos*.

Infinito

Pres. audī-ri,
imp.: *ser ouvido.*
pess.: *ser eu, seres tu ouvido,* etc.

Perf. audīt-um, am, um; audīt-os, as, a { esse *ou* fuisse
imp.: *ter sido ouvido*.
pess.: *ter eu, teres tu sido ouvido,* etc.

Fut. audīt-um iri, *haver de ser ouvido.*

Particípio

Perf. audīt-us, a, um, *ouvido* ou *tendo sido ouvido*.
Fut. audi-ēndus, a, um, *havendo de ser ouvido*.

Supino

audīt-u, *de ser, para ser ouvido*.

Observações sobre algumas formas temporais da voz ativa.

104. — *a*) No perfeito em **avi** da primeira conjugação e nos seus tempos derivados, podem-se omitir as sílabas *ve* e *vi*, se forem seguidas de *r* ou *s*, p. ex.: *amarunt* por *amaverunt; amastis* por *amavistis; amāram* por *amaveram; amasse* por *amavisse*, etc.

b) A mesma regra aplica-se aos perfeitos em **ēvi** dos verbos da segunda e terceira conjugação e a todos os tempos que eles formam, p. ex.: *flestis* por *flevistis*, chorastes; *flerunt* por *fleverunt*, choraram; *delēram* por *delevĕram*, destruira; *consuēram* por *consuevĕram*, estava acostumado, de *consuesco; decresse* por *decrevisse*, ter decretado, de *decerno*, etc. Assim tambem com os perfeitos **novi** de *nosco*, conheço, e **movi** de *moveo*, movo, com os seus compostos: *nosti* por *novisti, nosse* por *novisse;* mas sempre *novero* no futuro perfeito em lugar de *noro; commosse* por *commovisse*.

c) Nos perfeitos em **ivi**, e nos seus derivados, pode-se omitir o *v*, p. ex.: *audiērunt* por *audiverunt*, ouviram; *quaesiĕrant* por *quaesivĕrant*, tinham procurado, de *quaero;* e se, omitindo-se o *v*, se encontrarem *dois i* (ii), podem-se contrair num só **i**, p. ex.: *audisti* por *audiisti* de *audivisti; petisse* por *petiisse* de *petivisse*, ter pedido, de *peto*.

d) No perfeito indicativo ativo, terceira pessoa do plural, pode-se usar a terminação **ēre** em lugar de **ērunt**, p. ex.: *amavēre* por *amaverunt*. Neste caso, porem, não se pode omitir a silaba ve e dizer *amare* por *amavēre*.

e) A forma do imperativo futuro indica um mandado que se deve executar no futuro e usa-se especialmente nas disposições legais, p. ex.: *cras venito*, vem amanhã. (Cf. n. 373, *b*).

Os verbos **scio** e **memĭni** têm só o imperativo futuro: *scito, scitote; memento, mementote*.

f) Nos quatro verbos **dicĕre**, *dizer;* **ducĕre**, *levar;* **facĕre**, *fazer;* **ferre**, *levar, trazer*, suprime-se o e final do presente do imperativo, segunda pessoa do singular, e fazem: *dic, duc, fac, fer*.

Conserva-se o e nos compostos de *facio*, em que este verbo se muda em *ficio*: **conficio**, *cónfĭce;* **efficio**, *éffĭce*. Diz-se, porem, *addúc* de **adducĕre** ; *edúc* de **educĕre** ; *subdúc* de **subducĕre** ; mas, *éffer* de **effērre** ; *áffer* de **affērre** ; *confer* de **confērre** ; *benedíc* de **benedicĕre** ; *calefác* de **calefacĕre** (cf. n. 6, *c*, observação *1*, pág. 12; n. 120, verbo n. 87; n. 130, observações *1, 2, 3*.

g) O **infinito futuro ativo** forma-se com ou sem esse, **mais frequentemente sem** *esse*.

Observações sobre algumas formas temporais da voz passiva.

105. — *a*) A segunda pessoa do singular, no periodo clássico, termina regularmente em *re*, p. ex.: *amabāre, delebāre*, por *amabāris, delebāris*, mas raramente se encontra a segunda pessoa do indicativo presente em **re** em lugar de **ris**, porque a forma em **re** (*amāre* = *amāris, delēre* = *delēris*) confundir-se-ia com o infinito presente ativo.

b) Nas formas *amatum esse, amandum esse*, muitas vezes subentende-se o auxiliar *esse*, p. ex.: *creio ter sido ouvido* = *me auditum puto*.

c) Às vezes o gerundivo (ou particípio futuro passivo) dos verbos da terceira e quarta conjugação termina em *-undus*, forma arcaica, p. ex.: *potiundus* por *potiendus*, de *potior*, apodero-me. Esta desinência é a única nos gerundivos *oriundus* de *orior*, levantar-se, originar-se e *eundus* de *eo*, ir; nas frases *in jure dicundo* em lugar de *dicendo* (*jus dicere* = julgar); *accusare* ou *damnare de repetundis* ou *repetundarum*, em lugar de *repetendis pecuniis* ou *repetendarum pecuniarum*, acusar ou condenar alguem por concussão, de *repĕto*, pedir uma segunda vez.

d) Raramente se usa o infinito futuro passivo. Prefere-se um circunlóquio com *fore ut* e o *subjuntivo*, p. ex.: Catilina esperava que seria criado consul, *Catilina sperabat fore ut consul crearetur*.

Formas arcaicas.

106. — As formas que seguem são arcaicas, e portanto não se devem imitar. Encontram-se nos escritores, particularmente nos poetas:

a) Às vezes o subjuntivo presente termina em **im, is, it**, especialmente no verbo *edo*, como: subjuntivo presente: *edim, edis, edit* por *edam, edas, edat*, e no verbo *do* e nos seus compostos: *duim, duint*, por *dem, dent*, p. ex.: *Dī duint, Dī te perduint* (= *perdant*).

b) O infinito presente passivo termina, às vezes, em **ier**, em lugar de **i**, p. ex.: *amarier, scribier, admittier, patier, spargier, defungier* (cf. n. 1, *d, IV*, pág. 9).

c) O imperfeito e o futuro indicativo ativo e passivo da quarta conjugação terminam, às vezes, em **ibam, ibar** em lugar de **iebam, iebar**, e em **ibo, ibor** por **iam, iar**, p. ex.: *audibam* por *audiebam; largibar* por *largiebar*, de *largiri; audibo* por *audiam, opperībor* por *opperiar*, de *opperiri*, aguardar.

d) O imperativo futuro passivo e depoente da segunda e terceira pessoa do singular terminava antigamente em **-mĭno**, p. ex.: *praefamino* por *praefator*, de *praefari*, dizer antes; *progredimino* por *progreditor* de *pragredior*, avançar; e por analogia os gramáticos nos dão a outra terminação em **-minor** para a segunda pessoa do plural, p. ex.: *amaminor* por *amabimini; moneminor* por *monebimini*, forma esta que carece de qualquer autoridade.

e) Às vezes, o futuro perfeito termina em **-asso** e **-esso** em lugar de **-avero** e **uero**, p. ex.: *levasso* por *levavero; prohibesso* por *prohibuero;* e assim tambem *faxo* por *fecero; capso* por *cepero; jusso* por *jussero*, de *jubeo*, mando. Com o mesmo critério se encontram formados alguns perfeitos do subjuntivo, p. ex.: *levassim, prohibessim, faxim*, etc. Note-se ainda o perfeito subjuntivo *ausim, ausis, ausit* em lugar de *ausus sim*, de *audeo*, ousar, síncope de *auserim*, de um perfeito arcaico *ausi*.

f) Notem-se, enfim, algumas contrações ou síncopes nos vários modos do perfeito: *dixti* por *dixisti; scripsti* por *scripsisti; dixe* por *dixisse; accestis* por *accessistis* de *accedo; surrexe* por *surrexisse* de *surgo; intellexti* por *intellexisti; intellexes* por *intellexisses; surpuerat* por *surripuerat* de *surripio; exstinxem* por *exstinxissem*, etc.

VERBOS DA TERCEIRA CONJUGAÇÃO EM IO

107. — Seguem a terceira conjugação tambem alguns verbos em **io**, que, nos tempos derivados do *presente* e do *infinito*, perdem o **i** antes de outro **i** ou de ĕ (breve) da desinência (2.ª pessoa do singular do presente do indicativo passivo).

Eis os poucos verbos que estão sujeitos a esta exceção: (*)

capio, tomo,
cupio, desejo,
facio, faço, (afficio, conficio, etc),
fodio, cavo, (effodio, perfodio, etc.),
fugio, fujo, (confugio, aufugio, etc.),
jacio, lanço, atiro, (adjicio, conjicio, etc.),
(*lacio*), atraio, (illicio, pellicio, etc.),
pario, dou à luz,
quatio, bato, (percutio, concutio, etc.),
rapio, arrebato, (arripio, corripio, etc.),
sapio, tenho juizo, (desipio, etc.),
specio, olho, (aspicio, conspicio, despicio, etc.):

e os depoentes:

gradior, caminho, ando, (ingredior, progredior, etc.),
morior, morro,
patior, sofro, (perpetior, etc.).

(*) Os tempos principais destes verbos e a significação dos seus compostos se encontram na lista dos **Verbos irregulares — Terceira conjugação n. 120**.

Verbos da terceira

108. — VOZ ATIVA

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
Presente	S. capĭ-o, *eu prendo* cap-is cap-it P. cap-ĭmus cap-ĭtis capĭ-unt	capĭ-am capĭ-as capĭ-at capi-āmus capi-ātis capĭ-ant	**Presente** S. 2.ª p. cape. P. 2.ª p. cap-ĭte.
Pretérito imperfeito	S. capi-ēbam capi-ēbas capi-ēbat P. capi-ebāmus capi-ebātis capi-ēbant	capĕre-m capĕre-s capĕre-t caperē-mus caperē-tis capere-nt	**Futuro** S. 2.ª p. cap-ĭto. 3.ª p. cap-ĭto P. 2.ª p. cap-itōte. 3.ª p. capi-ūnto.
Futuro imperfeito	S. capĭ-am capĭ-es capĭ-et P. capi-ēmus capi-ētis capĭ-ent		**Infinito** *Pres.* cap-ĕre. *Perf.* cep-īsse. *Fut.* capt-ūrum, am, um; os, as, a esse.
Pretérito perfeito	S. cep-i cep-isti cep-it P. cep-ĭmus cep-īstis cep-ērunt *ou* ēre	cep-ĕrim cep-ĕris cep-ĕrit cep-erĭmus cep-erĭtis cep-ĕrint	**Particípio** *Pres.* capĭ-ens *Fut.* capt-ūrus, a, um.
Pret. mais que perf.	S. cep-ĕram cep-ĕras cep-ĕrat P. cep-erāmus cep-erātis cep-ĕrant	cep-īssem cep-īsses cep-īsset cep-issēmus cep-issētis cep-īssent	**Gerúndio** Gen. capi-ĕndi. Dat. capi-endo. Ac. capi-ĕndum. Abl. capi-ĕndo.
Futuro perfeito	S. cep-ĕro cep-ĕris cep-ĕrit P. cep-erĭmus cep-erĭtis cep-ĕrint		**Supino** capt-um.

conjugação em IO

109. — VOZ PASSIVA

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO
Presente	S. capĭ-or, *eu sou preso* cap-ĕris cap-ĭtur P. cap-ĭmur cap-imĭni capi-ŭntur	capĭ-ar capi-āris capi-ātur capi-āmur capi-amĭni capi-āntur	**Presente** S. 2.ª p. capĕre. P. 2.ª p. cap-imĭni.
Pretérito imperfeito	S. capi-ēbar capi-ebāris capi-ebātur P. capi-ebāmur capi-ebamĭni capi-ebāntur	capĕ-rer cape-rēris cape-rētur cape-rēmur cape-remĭni cape-rēntur	**Futuro** S. 2.ª p. cap-ĭtor. 3.ª p. cap-ĭtor. P. 2.ª p. capi-emĭni. 3.ª p. capi-ŭntor.
Futuro imperfeito	S. capĭ-ar capi-ēris capi-ētur P. capi-ēmur capi-emĭni capi-ēntur		**Infinito** *Pres.* capi. *Perf.* capt-um, am, um; os, as, a esse *ou* fuisse. *Fut.* capt-um iri.
Pretérito perfeito	S. capt-us sum *ou* fui, etc. capt-us es capt-us est P. capt-i sumus capt-i estis capt-i sunt	capt-us sim *ou* fuerim, capt-us sis etc. capt-us sit capt-i simus capt-i sitis capt-i sint	**Particípio** *Perf.* capt-us, a, um. *Fut.* capi-ēndus, a, um.
Pret. mais que perf.	S. capt-us eram *ou* fueram, capt-us eras etc. capt-us erat P. capt-i erāmus capt-i erātis capt-i erant	capt-us essem *ou* fuis- capt-us esses [sem, etc. capt-us esset capt-i essēmus capt-i essētis capt-i essent	**Supino** capt-u.
Futuro perfeito	S. capt-us ero *ou* fuero, capt-us eris etc. capt-us erit P. capt-i erĭmus capt-i erĭtis capt-i erunt		

CONJUGAÇÃO

dos verbos depoentes.

110. — Chama-se **depoente** o verbo que tem a terminação **or** *como os passivos* e conjuga-se inteiramente como eles, mas tem *significação ativa*, porque o sujeito é o agente. Tambem os verbos depoentes dividem-se em *transitivos*, p. ex.: imĭtor exemplum patris, e *intransitivos*, p. ex.: morĭor, *morro*. Alguns têm significação reflexa, p. ex.: nitor, *eu me esforço;* vescor, *eu me alimento.*

a — *I*) O *particípio futuro passivo* ou *gerundivo* ou o *adjetivo verbal* destes verbos tem significação passiva: *imitandus*, que deve ser imitado. Por este motivo, esta forma verbal só se encontra com os verbos transitivos. Os intransitivos só têm o gerundivo com a terminação em *dum* (gênero neutro) unido com o verbo *esse*, p. ex.: moriendum est, *deve-se morrer.*

II) Tambem o *supino passivo* conserva sua significação passiva: *imitatu*, de ser, para ser imitado.

b) Os verbos depoentes conservam da voz ativa:

I) o **particípio presente:** imĭtans;

II) o **particípio futuro:** imitaturus (donde o infinito futuro: *imitaturum, am, um; os, as, a esse*);

III) o **gerúndio:** imitandi, imitando, etc.;

IV) o **supino:** imitatum (*pass.* imitatu).

c) O *particípio perfeito* dos verbos depoentes tem significação ativa: imitatus, *tendo imitado.*

Observação. — Por exceção, os seguintes particípios perfeitos, alem da significação ativa, têm a correspondente passiva:

adeptus (de *adipiscor, ĕris*), conseguido, tendo conseguido;
comitatus (de *comĭtor, āris*), acompanhado, tendo acompanhado;
complexus (de *complector, ĕris*), abraçado, tendo abraçado;
confessus (de *confitĕor, ēris*), confessado, tendo confessado;
dimensus (de *dimetĭor, īris*), medido, tendo medido;
ementitus (de *ementĭor, īris*), falso, mentiroso, tendo mentido;
expertus (de *experĭor, īris*), experimentado, tendo experimentado;
interpretatus (de *interprĕtor, āris*), interpretado, tendo interpretado;
meditatus (de *medĭtor, āris*), meditado, tendo meditado;
mensus (de *metĭor, īris*), medido, tendo medido;
pactus (de *paciscor, ĕris*), pactuado, tendo pactuado;
partitus (de *partĭor, īris*), dividido, tendo dividido;
populatus (de *popŭlor, āris*), assolado, tendo assolado;
sortitus (de *sortĭor, īris*, sorteado, tendo sorteado;
ultus (de *ulciscor, ĕris*), punido, tendo punido.

Mas estes particípios de significação passiva nunca se usam em união com o verbo *esse* para formar um verdadeiro tempo passivo, p. ex.: *comitatus*, acompanhando; mas não se pode dizer: *comitatus est*, foi acompanhado.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO DEPOENTE

111. — Imitāri = *imitar*

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Presente	S. imĭtor, *imito* imitāris *ou* tāre imitātur P. imitāmur imitamĭni imitāntur	imĭter, *imite* imitēris *ou* tēre imitētur imitēmur imitemĭni imitēntur
Pretérito imperf.	S. imitābar, *imitava* imitabāris *ou* bāre imitabātur P. imitabāmur imitabamĭni imitabāntur	imitārer, *imitasse* imitarēris *ou* rēre imitarētur imitarēmur imitaremĭni imitarēntur
Futuro imperf.	S. imitābor, *imitarei* imitabĕris *ou* bĕre imitabĭtur P. imitabĭmur imitabimĭni imitabūntur	
Pretérito perfeito	S. imitātus, a, um sum *ou* fui *imitei e tenho imit.* P. imitāti, ae, a sumus *ou* fuimus, etc.	imitātus, a, um, sim *ou* fuerim *tenha imitado.* imitāti, ae, a simus *ou* fuerimus, etc.
Pret. mais que perf.	S. imitātus, a, um eram *ou* fueram *imitara e tinha imitado.* P. imitāti, ae, a eramus *ou* fueramus, etc.	imitātus, a, um essem *ou* fuissem *tivesse imitado* imitāti, ac, a essemus *ou* fuissemus, etc.
Futuro perfeito	S. imitātus, a, um ero *ou* fuero *terei imitado.* P. imitāti, ae, a erimus *ou* fuerimus, etc.	

IMPERATIVO

Presente

S. 2.ª p. imitāre, *imita.*
P. 2.ª p. imitamĭni, *imitai.*

Futuro

S. 2.ª p. imitātor, *imita.*
3.ª p. imitātor, *imite.*
P. 2.ª p. imitabimĭni, *imitai.*
3.ª p. imitāntor, *imitem.*

Infinito

Pres. Imitari,
imp.: *imitar.*
pess.: *imitar eu, imitares tu,* etc.
Perf. Imitatum, am, um; os, as, a esse *ou* fuisse.
imp.: *ter imitado.*
pess.: *ter eu, teres tu imitado,* etc.
Fut. Imitaturum, am, um; os, as, a esse, *haver* ou *ter de imitar.*

Particípio

Pers. Imĭtans, antis, *imitando o que imita.*
Perf. Imitatus, a, um, *tendo imitado.*
Fut. ativo: Imitaturus, a, um, *havendo* ou *tendo de imitar.*
passivo: Imitandus, a, um *havendo* ou *tendo de ser imitado.*

Gerúndio

Gen. Imitandi, *de imitar.*
Dat. Imitando, *a imitar, imitando.*
Ac. Imitandum, *a, para imitar.*
Abl. Imitando, *imitando.*
O *infinito* corresp. ao nom.: imitari = *o imitar.*

Supino

Ativo: Imitatum, *a, para imitar.*
Passivo: Imitatu, *de ser, para ser imitado.*

SEGUNDA CONJUGAÇÃO DEPOENTE

112. — Merēri = *merecer*

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Presente	S. merĕor, *mereço* merēris *ou* ēre merētur P. merēmur meremĭni merēntur	merĕar, *mereça* mereāris *ou* āre mereātur mereāmur mereamĭni mereāntur
Pretérito imperfeito	S. marēbar, *merecia* merebāris *ou* bāre merebātur P. merebāmur merebamĭni merebāntur	merērer, *merecesse* mererēris *ou* mere-rēre mererētur mererēmur mereremīni mererēntur
Futuro imperfeito	S. merēbor, *merecerei.* merebĕris *ou* bĕre merebĭtur P. merebĭmur merebimĭni merebūntur	
Pretérito perfeito	S. merĭtus, a, um sum *ou* fui *merecí e tenho mer.* P. merĭti, ae, a sumus *ou* fuimus, etc.	merĭtus, a, um sim *ou* fuerim *tenha merecido.* merĭti, ae, a simus *ou* fuerimus, etc.
Pret. mais que perfeito	S. merĭtus, a, um eram *ou* fueram *merecera e tinha me-recido.* P. merĭti, ae, a eramus *ou* fuera-mus, etc.	merĭtus, a, um essem *ou* fuissem *tivesse merecido.* merĭti, ae, a essemus *ou* fuisse-mus, etc.
Futuro perfeito	S. merĭtus, a, um ero *ou* fuero *terei merecido.* P. merĭti, ae, a, erimus *ou* fuerimus, etc.	

IMPERATIVO

Presente

S. 2.ª p. merēre, *merece.*
P. 2.ª p. meremĭni, *merecei.*

Futuro

S. 2.ª p. merētor, *merece.*
3.ª p. merētor, *mereça.*
P. 2.ª p. merebimĭni, *merecei.*
3.ª p. merēntor, *mereçam.*

Infinito

Pres. Mereri,
imp.: *merecer.*
pess.: *merecer eu, mereceres tu,* etc.
Perf. Meritum, am, um; os, as, a esse *ou* fuisse.
imp.: *ter merecido.*
pess.: *ter eu, teres tu merecido,* etc.
Fut. Meriturum, am, um; os as, a esse, *haver* ou *ter de merecer.*

Particípio

Pres. Merens, entis, *merecendo, o que merece.*
Perf. Meritus, a, um, *tendo merecido.*
Fut. ativo: Meriturus, a, um, *havendo* ou *tendo de merecer.*
passivo: Merendus, a, um, *havendo* ou *tendo de ser merecido.*

Gerúndio

Gen. Merendi, *de merecer.*
Dat. Merendo, *a merecer, merecendo.*
Ac. Merendum, *a, para merecer.*
Abl. Merendo, *merecendo.*
O *infinito* corresponde ao nom.: mereri = *o merecer*

Supino

Ativo: Meritum, *a, para merecer.*
Passivo: Meritu, *de ser, para ser merecido.*

TERCEIRA CONJUGAÇÃO DEPOENTE

113. — Fungi = *cumprir*

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Presente	S. fungor, *cumpro* fungĕris *ou* ĕre fungĭtur P. fungĭmur fungimĭni fungūntur	fungar, *cumpra* fungāris *ou* āre fungātur fungāmur fungamĭni fungāntur
Pretérito imperfeito	S. fungēbar, *cumpria* fungebāris *ou* bāre fungebātur P. fungebāmur fungebamĭni fungebāntur	fungĕrer, *cumprisse* fungerēris *ou* ēre fungerētur fungerēmur fungeremĭni fungerēntur
Futuro imperfeito	S. fungar, *cumprirei* fungēris *ou* ēre fungētur P. fungēmur fungemĭni fungēntur	
Pretérito perfeito	S. functus, a, um — sum *ou* fui *cumprí e t. cump.* P. functi, ae, a sumus *ou* fuimus, etc.	functus, a, um sim *ou* fuerim *tenha cumprido* functi, ae, a simus *ou* fuerimus, etc.
Pret. mais que perf.	S. functus, a, um eram *ou* fueram *cumprira e t. cump.* P. functi, ae, a eramus *ou* fueramus, etc.	functus, a, um essem *ou* fuissem *tivesse cumprido* functi, ae, a essemus *ou* fuissemus, etc.
Futuro perfeito	S. functus, a, um ero *ou* fuero *terei cumprido* P. functi, ae, a erimus *ou* fuerimus, etc.	

IMPERATIVO

Presente

S. 2.ª p. fungĕre, *cumpre.*
P. 2.ª p. fungimĭni, *cumprí.*

Futuro

S. 2.ª p. fungĭtor, *cumpre.*
3.ª p. fungĭtor, *cumpra.*
P. 2.ª p. fungemĭni, *cumprí.*
3.ª p. fungūntor, *cumpram.*

Infinito

Pres. Fungi.
imp.: *cumprir.*
pess.: *cumprir eu, cumprires tu*, etc.
Perf. Functum, am, um; os, as, a esse *ou* fuisse.
imp.: *ter cumprido.*
pess.: *ter eu, teres tu cumprido*, etc.
Fut. Functurum, am, um; os, as, a esse, *haver* ou *ter de cumprir.*

Particípio

Pres. Fungens, entis, *cumprindo, o que cumpre.*
Perf. Functus, a, um, *tendo cumprido.*
Fut. ativo: Functurus, a, um, *havendo* ou *tendo de cumprir.*
passivo: Fungendus, a, um, *havendo* ou *tendo de ser cumprido.*

Gerúndio

Gen. Fungendi, *de cumprir.*
Dat. Fungendo, *a cumprir, cumprindo.*
Ac. Fungendum, *a, para cumprir.*
Abl. Fungendo, *cumprindo.*
O *infinito* corresponde ao nom.: fungi = *o cumprir.*

Supino

Ativo: Functum, *a, para cumprir.*
Passivo: Functu, *de ser, para ser cumprido.*

QUARTA CONJUGAÇÃO DEPOENTE

114. — Partīri = *partir*

<table>
<tr><th></th><th>INDICATIVO</th><th>SUBJUNTIVO</th><th>IMPERATIVO</th></tr>
<tr><td>Presente</td><td>S. partĭor, parto
partīris ou īre
partītur
P. partīmur
partimĭni
partiūntur</td><td>partĭar, parta
partiāris ou āre
partiātur
partiāmur
partiamĭni
partiāntur</td><td rowspan="6">Presente
S. 2.ª p. partīre, parte.
P. 2.ª p. partimĭni, partí.
Futuro
S. 2.ª p. partītor, parte.
3.ª p. partītor, parta.
P. 2.ª p. partiemĭni, partí.
3.ª p. partiūntor, partam.
Infinito
Pres. Partiri.
imp.: partir.
pess.: partir eu, partires tu, etc.
Perf. Partitum, am, um; os, as, a esse ou fuisse,
imp.: ter partido.
pess.: ter eu, teres tu partido, etc.
Fut. Partiturum, am, um; os, as, a esse, haver ou ter de partir.
Particípio
Pres. Partĭens, entis, partindo, o que parte.
Perf. Partitus, a, um, tendo partido.
Fut. ativo Partiturus, a, um, havendo ou tendo de partir.
passivo: Partiendus, a, um, havendo ou tendo de ser partido.
Gerúndio
Gen. Partiendi, de partir.
Dat. Partiendo, a partir, partindo.
Ac. Partiendum, a, para partir.
Abl. Partiendo, partindo.
O infinito corresp. ao nom.: partiri = o partir.
Supino
Ativo: Partitum, a, para partir
Passivo: Partitu, de ser, para ser partido.</td></tr>
<tr><td>Pretérito imperfeito</td><td>S. partiēbar, partia
partiebāris ou bāre
partiebātur
P. partiebāmur
partiebamĭni
partiebāntur</td><td>partīrer, partisse
partirēris ou ēre
partirētur
partirēmur
partiremĭni
partirēntur</td></tr>
<tr><td>Futuro imperfeito</td><td>S. partĭar, partirei
partiēris ou ēre
partiētur
P. partiēmur
partiemĭni
partiēntur</td><td></td></tr>
<tr><td>Pretérito perfeito</td><td>S. partītus, a, um
sum ou fui
partí e tenho part.
P. partīti, ae, a
sumus ou fuimus
etc.</td><td>partītus, a, um
sim ou fuerim
tenha partido
partīti, ae, a
simus ou fuerimus,
etc.</td></tr>
<tr><td>Pret. mais que perf.</td><td>S. partītus, a, um
eram ou fueram
partira e tinha part.
P. partīti, ae, a
eramus ou fueramus, etc.</td><td>partītus, a, um
essem ou fuissem
tivesse partido
partīti, ae, a
essemus ou fuissemus, etc.</td></tr>
<tr><td>Futuro perfeito</td><td>S. partītus, a, um
ero ou fuero
terei partido
P. partīti, ae, a
erimus ou fuerimus,
etc.</td><td></td></tr>
</table>

CONJUGAÇÃO

dos verbos semidepoentes

115. — Tem a língua latina tambem quatro verbos semidepoentes, assim chamados porque nos tempos que se formam do perfeito seguem a forma passiva (depoente):

audeo, es, ausus sum, audēre, *ousar;*
gaudeo, es, gavīsus sum, gaudēre, *alegrar-se;*
soleo, es, solĭtus sum, solēre, *costumar;*
fido, is, fisus sum, fidĕre, *confiar,* com os seus compostos:
 confīdo, is, confīsus sum, confidĕre, *confiar.*
 diffīdo, is, diffīsus sum, diffidĕre, *desconfiar.*

Modo indicativo	**Modo subjuntivo**
Presente: audeo, es, *ouso* (*como* deleo)	audeam
Pret. imperf.: audebam	auderem
Fut. imperf.: audebo	....
Pret. perf.: ausus sum (es, est)	ausus sim (sis, sit)
Pret. m. q. perf.: ausus eram (era, erat)	ausus essem (esses, esset)
Fut. perf.: ausus ero (eris, erit)	....

Modo imperativo

Presente

S. aude — *P.* audete

Futuro

S. audeto — *P.* audetote
» audeto — » audento

Infinito

Presente: audere
Perfeito: ausum, am, um esse
Futuro: ausurum, am, um esse

Particípio

Presente: audens
Perfeito: ausus, a, um
Futuro: ausurus
Gerúndio: audendi, etc.
Supino: ausum (ausu).

Por este conjugam-se *gaudeo, soleo; fido* e os seus compostos *confīdo* e *diffīdo* seguem a terceira conjugação. (Cf. n. 126).

116. — Esquema comparativo dos nomes verbais.

	Verbo ativo	Verbo passivo	Verbo depoente
Inf.:	*Pres.*: amare	amari	imitari
	Perf.: amavisse	amatum esse	imitatum esse
	Fut.: amaturum esse	amatum iri	imitaturum esse
Part.:	*Pres.*: amans	....	imitans
	Perf.:..............	amatus	imitatus
	Fut.: amaturus	amandus	imitaturus (*ativo*) imitandus (*passivo*)
Gernúdio:	amandi	....	imitandi
Supino:	amatum	amatu	imitatum (*ativo*) imitatu (*passivo*)

Conjugação perifrástica.

117. — Unindo-se o particípio futuro ativo (p. ex.: *amaturus*) e o passivo (*amandus*) de um verbo com as várias formas do auxiliar *esse*, forma-se uma nova conjugação que, por ser um circunlóquio, se chama *perifrástica*. Comparando-se entre si as duas línguas, vê-se que o latim, para formar a conjugação perifrástica, serve-se do verbo *esse* e do particípio futuro ativo para a conjugação perifrástica ativa, e do mesmo verbo *esse* com o particípio futuro passivo para a conjugação perifrástica passiva. — O português, ao invés, serve-se dos verbos auxiliares *haver* e *ter*, seguidos da preposição *de* regendo o *infinito* do verbo que se pretende conjugar, tanto na voz ativa como na passiva, p. ex.: *amaturus, a, um sum, es,* etc. eu *hei* ou *tenho de amar, tu has* ou *tens de amar*, etc.; *amandus, a, um sum, es,* etc., *eu hei* ou *tenho de ser amado, tu has* ou *tens de ser amado*, etc.

A) CONJUGAÇÃO PERIFRASTICA ATIVA

Indicativo

Presente

S. *Amaturus, a, um*	*sum,*	eu hei (1)	*ou* tenho (2)	de amar
	es,	tu has	*ou* tens	
	est,	ele ha	*ou* tem	
P. *Amaturi, ae, a*	*sumus,*	nós havemos	*ou* temos	
	estis,	vós haveis	*ou* tendes	
	sunt,	eles hão	*ou* têm	

(1) Conjugação promissiva em português.
(2) Conjugação obrigatória: tenho de, tenho que, devo amar. — *Amaturus sum, eram, etc.*, corresponde tambem a: *eu estou, estava para amar*, etc.

PRETÉRITO IMPERFEITO

S. *Amatu-rus, a, um*	*eram,*	eu havia	*ou*	tinha
	eras,	tu havias	*ou*	tinhas
	erat,	ele havia	*ou*	tinha
P. *Amatu-ri, ae, a*	*eramus,*	nós havíamos	*ou*	tínhamos
	eratis,	vós havieis	*ou*	tinheis
	erant,	eles haviam	*ou*	tinham

de amar

FUTURO IMPERFEITO E PERFEITO

S. *Amatu-rus, a, um*	*ero,* e *fuero,*	eu haverei	*ou*	terei
	eris, e *fueris,*	tu haverás	*ou*	terás
	erit, e *fuerit,*	ele haverá	*ou*	terá
P. *Amatu-ri, ae, a*	*erimus,* e *fuerimus,*	nós haveremos	*ou*	teremos
	eritis, e *fueritis*	vós havereis	*ou*	tereis
	erunt, e *fuerint*	eles haverão	*ou*	terão

de amar

PRETÉRITO PERFEITO

S. *Amatu-rus, a, um*	*fui,*	eu houve	*ou*	tive
	fuisti,	tu houveste	*ou*	tiveste
	fuit,	ele houve	*ou*	teve
P. *Amatu-ri, ae, a*	*fuimus,*	nós houvemos	*ou*	tivemos
	fuistis,	vós houvestes	*ou*	tivestes
	fuerunt ou *fuere,*	eles houveram	*ou*	tiveram

de amar

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

S. *Amatu-rus, a, um*	*fueram,*	eu houvera	*ou*	tivera
	fueras,	tu houveras	*ou*	tiveras
	fuerat,	ele houvera	*ou*	tivera
P. *Amatu-ri, ae, a*	*fueramus,*	nós houvéramos	*ou*	tivéramos
	fueratis,	vós houvereis	*ou*	tivereis
	fuerant,	eles houveram	*ou*	tiveram

de amar

Subjuntivo

PRESENTE E PRETÉRITO PERFEITO

S. *Amatu-rus, a, um*	*sim,* e *fuerim,*	eu haja	*ou*	tenha
	sis e *fueris,*	tu hajas	*ou*	tenhas
	sit e *fuerit,*	ele haja	*ou*	tenha
P. *Amatu-ri, ae, a*	*simus* e *fuerimus*	nós hajamos	*ou*	tenhamos
	sitis e *fueritis,*	vós hajais	*ou*	tenhais
	sint e *fuerint,*	eles hajam	*ou*	tenham

de amar

PRETÉRITO IMPERFEITO

S. *Amaturus, a, um*	*essem,* *esses,* *esset,*	eu houvesse tu houvesses ele houvesse	*ou* tivesse *ou* tivesses *ou* tivesse } de amar
P. *Amaturi, ae, a*	*essemus,* *essetis,* *essent,*	nós houvéssemos vós houvesseis eles houvessem	*ou* tivéssemos *ou* tivesseis *ou* tivessem

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

S. *Amaturus, a, um*	*fuissem,* *fuisses,* *fuisset,*	eu houvera tu houveras ele houvera	*ou* tivera *ou* tiveras *ou* tivera } de amar
P. *Amaturi, ae, a*	*fuissemus,* *fuissetis,* *fuissent,*	nós houvéramos vós houvereis eles houveram	*ou* tivéramos *ou* tivereis *ou* tiveram

Infinito

PRESENTE

S. *Amaturum, am, um* / P. *Amaturos, as, a* } *esse:* { (*impessoal*) haver *ou* ter de amar; (*pessoal*) haver *ou* ter eu, haveres *ou* teres tu, haver *ou* ter ele de amar, etc.

PERFEITO

S. *Amaturum, am, um* / P. *Amaturos, as, a* } *fuisse:* { (*impessoal*) haver de ter amado; (*pessoal*) haver eu, haveres tu, haver ele de ter amado, etc.

B) CONJUGAÇÃO PERIFRASTICA PASSIVA

Indicativo

PRESENTE

Amandus sum, eu hei *ou* tenho de ser amado, etc.

PRETÉRITO IMPERFEITO

Amandus eram, eu havia *ou* tinha de ser amado, etc.

FUTURO IMPERFEITO E PERFEITO

Amandus ero e *fuero,* eu haverei *ou* terei de ser amado, etc.

PRETÉRITO PERFEITO

Amandus fui, eu houve *ou* tive de ser amado, etc.

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

Amandus fueram, eu houvera *ou* tivera de ser amado, etc.

Subjuntivo

PRESENTE E PRETÉRITO PERFEITO

Amandus sim e *fuerim*, eu haja *ou* tenha de ser amado, etc.

PRETÉRITO IMPERFEITO

Amandus essem, eu houvesse *ou* tivesse de ser amado, etc.

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

Amandus fuissem, eu houvera *ou* tivera de ser amado, etc.

Infinito

PRESENTE

Amandum, am, um esse: (*impessoal*) haver *ou* ter de ser amado; (*pessoal*) haver *ou* ter eu, haveres *ou* teres tu, haver *ou* ter ele de ser amado, etc.

PERFEITO

Amandum, am, um fuisse: (*impessoal*) haver de ter sido *ou* dever ter sido amado; (*pessoal*) haver eu de ter *ou* dever eu ter sido amado, etc.

CAPITULO XI

VERBOS IRREGULARES

Os verbos irregulares dividem-se em quatro classes:

§ I.º verbos que têm o pretérito perfeito e o supino irregulares;
§ II.º verbos irregulares propriamente ditos;
§ III.º verbos defectivos, isto é, incompletos;
§ IV.º verbos impessoais.

§ I

Verbos que têm o perfeito e o supino irregulares.

118. — PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

1. **Crĕpo, as, crepŭi, crepĭtum, crepāre,** *estalar.*
   Incrĕpo, as, increpŭi, increpĭtum, increpāre, *repreender.*
2. **Cŭbo, as, cubŭi, cubĭtum, cubāre,** *estar deitado, repousar.*
   Accŭbo, as, accubŭi, accubĭtum, accubāre, *deitar-se.*
3. **Do, as, dĕdi, dătum, dăre,** *dar.*
   Circumdo, as, circumdĕdi, circumdătum, circumdăre, *rodear.*
   Pessundo *ou* pessumdo, as, pessumdĕdi, pessumdătum, pessŭmdăre, *arruinar* (cf. n. 6, *c*, observação *2*, pág. 12).

Os compostos dissílabos pertencem à terceira conjugação, e tem **dĭdi, dĭtum** *no pretérito perfeito do indicativo e no supino* (cf. n. 120, verbo n. 53, pág. 122), p. ex.:
Ab-do, is, ab-dĭdi, ab-dĭtum, ab-dĕre, *apartar, ocultar*.
Con-do, is, con-dĭdi, con-dĭtum, con-dĕre, *estabelecer, fundar*.

4. **Domo, as, domŭi, domĭtum, domāre,** *domar*.
5. **Explĭco, as, explicāvi, explicātum, explicāre.** Explĭco, as, explicŭi, explicĭtum, explicāre, *abrir, desdobrar, explicar (próprio e figurado)*.
6. **Juvo, as, jūvi, jūtum,** (*part. fut.* juvaturus, cf. nota ao n. 87, pág. 93), **juvāre,** *ajudar*.
Impessoal: juvat = *agrada*.
Adjŭvo, as, adjūvi, adjūtum, adjuvāre, *ajudar, auxiliar*.
7. **Lavo, as, lavi (lavavi), lautum (lavatum), lavāre,** *lavar, banhar-se*.
Lautus, particípio, corresponde a *lavado, banhado*.
Lautus, adjetivo, corresponde a *lauto, puro, esplêndido*.
Lautum, supino, forma-se de *lav(i)tum*.
Part. fut. at.: *lavaturus*.
Os compostos de lavo *pertencem à terceira conjugação:*
Ablŭo, is, ablŭi, ablūtum, abluĕre, *lavar*.
8. **Mico, as, micŭi, micāre,** *brilhar, faiscar*.
Emĭco, as, emicŭi, (*part. fut.* emicaturus), emicāre, *resplandecer*.
9. **Poto, as, potavi, potum (potātum),** (*part. fut.* poturus), **potāre,** *beber muito e por prazer*.

Observações. — *1)* O particípio *potus* (menos bem *potatus* de *potatum*), alem da significação passiva (a cousa que foi bebida, *aquae potae*) tem tambem valor ativo: que bebeu: *bene potus*, que bebeu muito, bêbado. Diga-se o mesmo de *juratus* (de juro, as, āvi, ātum, āre, *jurar*) que foi jurado e que jurou.

2) Ao invés, os dois particípios *cenatus* (de ceno, as, āvi, ātum, āre, *jantar*) e *pransus* (de prandeo, es, prandi, pransum, prandēre, *almoçar*) têm só significação ativa: *cenatus*, que já jantou; *pransus*, que já almoçou.

10. **Sĕco, as, secŭi, sectum,** (*part. fut.* secaturus, cf. nota ao n. 87, pág. 93), **secāre,** *cortar*.
11. **Sŏno, as, sonŭi, sonĭtum,** (*part. fut.* sonaturus, cf. nota ao n. 87, pág. 93), **sonāre,** *soar*.
12. **Sto, as, steti, statum, stare,** *estar em pé*.
Circumsto, as, circumstĕti, circumstāre, *estar ao redor*.
Antisto, as, antistĕti, antistāre, *estar em primeiro lugar; adiantar; superar*.
Os compostos dissílabos tem o perfeito em **stĭti.** *Alguns terminam o particípio em* **staturus, a, um.**
Praesto, as, praestĭti, (praestĭtum, praestātum), (*part. fut.* praestaturus, praestĭtus), praestāre, *superar*. Praestat (*impessoal*), *é melhor*.
Consto, as, constĭti, (constĭtum, constātum), constaturus, constāre, *constar*.
Insto, as, instĭti, instaturus, instāre, *perseguir*.
Resto, as, restĭti, restāre, *parar, restar*. Restat ut... = *resta estabelecido que...*
Disto, as, distāre, *distar*.
13. **Tŏno, as, tonŭi, tonĭtum, tonāre,** *trovejar*. Attonĭtus = *como atordoado pelo raio, atônito*.
Impessoal: Tonat, tonŭit, tonare.
14. **Veto, as, vetŭi, vetĭtum, vetāre,** *proibir*.

119. — SEGUNDA CONJUGAÇÃO

15. **Abŏlĕo, es, abolēvi, abolĭtum, abolēre,** *abolir, riscar*.
16. **Algeo, es, alsi, algēre,** *ter frio*.
17. **Ardeo, es, arsi, arsum, ardēre,** *arder*.
18. **Augeo, es, auxi, auctum, augēre,** *aumentar*.
19. **Caveo, es, cavi, cautum, cavēre,** *acautelar-se, guardar-se de, tomar cuidado*.

20. **Censeo, es, censŭi, censum, censēre,** *recensear, julgar.*
21. **Ciĕo, es, civi, cĭtum, ciēre,** *mover, agitar.*
   Os compostos de ciĕo *pertencem à quarta conjugação.*
   Accio, is, accīvi, accītum, accīre, *mandar vir, convidar.*
   Concio, is, concīvi, concītum, concīre, *mover, por em movimento, excitar.*
   Excio, is, excīvi, excītum, excīre, *chamar, despertar.*
   As formas concītum *e* excītum *raramente se usam.*
22. **Doceo, es, docŭi, doctum, docēre,** *ensinar.*
23. **Faveo, is, favi, fautum, favēre,** *favorecer.*
24. **Ferveo, es, fervi (ferbui), fervēre,** *ferver, estar quente.*
25. **Foveo, es, fovi, fotum, fovēre,** *aquentar, fomentar.*
26. **Fulgeo, es, fulsi, fulgēre,** *luzir, resplandecer.*
27. **Hăbeo, habes, habŭi, habĭtum, habēre,** *ter, estimar.*
   Ad-hĭbeo, adhĭbes, adhibŭi, adhibĭtum, adhibēre, *empregar.*
   Pro-hĭbeo, prohĭbes, prohibŭi, prohibĭtum, prohibēre, *proibir.*
   Debeo, es, debŭi, debĭtum, debēre, *dever, ser devedor.*
   Prae-beo, es, praebŭi, praebĭtum, praebēre, *oferecer, mostrar.*
28. **Haereo, es, haesi, haesum, haerēre,** *estar pegado.* Haesi = *estou imovel, preso, detido.*
   Cohaerĕo, es, cohaesi, cohaesum, cohaerēre, *estar intimamente unido.*
   Inhaerĕo, es, inhaesi, inhaesum, inhaerēre, *estar fixo, preso, aderente.*
   Adhaerĕo, es, etc., etc., *aderir.*
29. **Indulgeo, es, indulsi, indultum, indulgēre,** *ser benévolo, perdoar.*
30. **Jubeo, es, jussi, jussum, jubēre,** *mandar.*
31. **Luceo, es, luxi, lucēre,** *resplandecer.*
32. **Lugeo, es, luxi, luctum, lugēre,** *chorar.*
33. **Măneo, es, mansi, mansum, manēre,** *ficar.*
   Permăneo, permănes, etc., *permanecer.*
   Remăneo, remănes, etc., *ficar, parar.*
34. **Misceo, es, miscŭi, mixtum, miscēre,** *misturar.*
35. **Mŏneo, es, monŭi, monĭtum, monēre,** *advertir.*
   Ad-mŏneo, admŏnes, admonŭi, admonĭtum, admonēre, *admoestar.*
36. **Mordeo, es, momōrdi, morsum, mordēre,** *morder.*
37. **Mŏveo, es, mōvi, mōtum, movēre,** *mover.*
   Permŏveo, permŏves, permōvi, permōtum, permovēre, *mover.*
   Commŏveo, commŏves, commōvi, commōtum, commovēre, *comover.*
38. **Pendeo, es, pependi, (pensum), pendēre,** *pender, pesar.*
   Os compostos não tem perfeito, supino, nem particípio perfeito passivo.
   Impendeo, es, impendēre, *ameaçar, estar iminente.*
   Dependeo, es, dependēre, *pender, depender.*
39. **Permulceo, es, permulsi, permulsum, permulcēre,** *acariciar, recrear, acalmar.* O *simples* mulceo *não é usado.*
40. **Prandeo, es, prandi, pransum, prandēre,** *almoçar.*
41. **Rīdeo, es, risi, risum, ridēre,** *rir,* verbo intr. Usado, porem, transititivamente = *mofar, escarnecer.*
   Inrīdeo, es, inrīsi, inrīsum, inridēre, *escarnecer, mofar.*
   Derīdeo, es, etc., *escarnecer, zombar.*
   Subrīdeo, es, etc., *sorrir.*
42. **Sĕdeo, es, sedi, sessum, sedēre,** *assentar-se, estar, residir.*
   Obsĭdeo, obsĭdes, obsēdi, obsessum, obsidēre, *por-se diante, cercar, bloquear, investir.*

   Possĭdeo, possĭdes, possēdi, possessum, possidēre, *possuir.*

   Deve-se distinguir entre possĭdeo, es, possidēre, *da 2ª. conjugação, e* possīdo, possidĕre, *da terceira, que significa tomar posse de uma cousa, ocupar* (cf. *consīdo,* verbo n. 73, pág. 123).
43. **Spondeo, es, spopondi, sponsum, spondēre,** *prometer, garantir.*
   Respondeo, es, respondi, responsum, respondēre, *responder.*

44. **Suadeo, es, suāsi, suāsum, suadēre,** *aconselhar.*
Persuādeo, es, persuāsi, persuāsum, persuadēre, *persuadir, aconselhar com resultado.*

45. **Tergeo, es, tersi, tersum, tergēre,** *alimpar.*
Abstergeo, es, abstersi, abstersum, abstergēre, *enxugar.*

46. **Tondeo, es, (totondi), tonsum, tondēre,** *tosquiar.*

47. **Torqueo, es, torsi, tortum, torquēre,** *torcer, torturar.*
Contorqueo, es, contorsi, contortum, contorquēre, *torcer com força.*
Detorqueo, es, detorsi, detortum, detorquēre, *arredar de, desviar de.*
Extorqueo, es, extorsi, extortum, extorquēre, *arrancar de, extorquir.*
Retorqueo, es, retorsi, retortum, retorquēre, *voltar, retorquir.*

48. **Torreo, es, torrŭi, tostum, torrēre,** *queimar, tostar, torrar.*

49. **Turgeo, es, tursi, turgēre,** *estar cheio de, estar inchado.*

50. **Urgeo, es, ursi, urgēre,** *apertar, insistir.*

51. **Video, es, vidi, visum, vidēre,** *ver.*
Videor, ēris, visus sum, vidēri, *parecer.*
Invĭdeo, invĭdes, invīdi, invīsum, invidēre, *invejar.*
Pro-vĭdeo, provĭdes, provīdi, provīsum, providēre, *prover, prever.*

52. **Voveo, es, vōvi, vōtum, vovēre,** *fazer voto.*
Devŏveo, devŏves, devōvi, devōtum, devovēre, *votar, dedicar, consagrar.*

120. — TERCEIRA CONJUGAÇÃO

53. **Abdo, is, abdĭdi, abdĭtum, abdĕre,** *ocultar.*
Condo, is, condĭdi, condĭtum, condĕre, *compor, fundar.*
Credo, is, credĭdi, credĭtum, credĕre, *crer, confiar.*
Dedo, is, dedĭdi, dedĭtum, dedĕre, *entregar, abandonar.*
Edo, is, edĭdi, edĭtum, edĕre, *por fora, fazer sair, publicar (uma obra), editar.*
Reddo, is, reddĭdi, reddĭtum, reddĕre, *dar, restituir, tornar, traduzir, verter.*
Trado, is, tradĭdi, tradĭtum, tradĕre, *entregar, confiar.*
Perdo, is, perdĭdi, perdĭtum, perdĕre, *arruinar, perder.*
Vendo (*de* venum do *ou* venumdo *ou* venundo, as, dĕdi, dătum, dăre — cf. n. 6, *c*, observação *2*, pág. 12), is, vendĭdi, vendĭtum, vendĕre, *vender,* (cf. n. 118, verbo n. 3, pág. 119).

54. **Acŭo, is, acŭi, acūtum, acuĕre,** *aguçar.*

55. **Adnŭo, is, adnŭi, adnuĕre,** *anuir.*
Abnŭo, is, abnŭi, abnuĕre, *negar, recusar.*

56. **Afflīgo, is, afflixi, afflictum, affligĕre,** *abater, afligir.*
O simples fligo *não é usado.*
Conflīgo, is, conflixi, conflictum, confligĕre, *combater.*
Proflīgo, as, profligavi, profligatum, profligāre, *derrotar, desbaratar.*

57. **Ago, is, ēgi, actum, agĕre,** *impelir, fazer.*
Circum-ăgo, circumăgis, circumēgi, circumactum, circumagĕre, *conduzir ao redor.*
Per-ăgo, perăgis, perēgi, peractum, peragĕre, *executar.*
Ab-ĭgo, abĭgis, abēgi, abactum, abigĕre, *enxotar.*
Sub-ĭgo, subĭgis, subēgi, subactum, subigĕre, *submeter.*
Cōgo, (*de* co-ăgo), cogis, coēgi, coactum, cogĕre, *recolher, constranger.*
Dēgo, is, degĕre, *passar (o tempo).*

Observação. — Os imperativos *age, agite* usam-se frequentes vezes como interjeições. Cf. n. 152, *b*, pág. 162.

58. **Alo, is, alŭi, altum, alĕre,** *alimentar.*

59. **Antecello, is, (praestĭti), (praestātum), antecellĕre,** *ilustrar-se, superar.*
Excello, is, (praestĭti), (praestātum), excellĕre, *sobrepujar, exceder.*

60. **Argŭo, is, argŭi, argūtum (accusatum), arguĕre,** *provar, acusar.*
Coargŭo, is, coargŭi, (convictum), coarguĕre, *revelar, convencer de culpa.*
Redargŭo, is, redargŭi, (refutatum), redarguĕre, *confutar.*

Observação. — O particípio *argutus* só se usa como adjetivo: astucioso, astuto, sagaz, fino. Ao nosso *acusado* correspondem os particípios *accusātus, insimulātus*.

61. **Aspĭcio, is, aspexi, aspectum, aspicĕre,** *olhar*.
Conspĭcio, is, conspexi, conspectum, conspicĕre, *lobrigar, divisar*.
Despĭcio, is, despexi, despectum, despicĕre, *desprezar*.
Perspĭcio, is, perspexi, perspectum, perspicĕre, *examinar*.
Prospĭcio, is, prospexi, prospectum, prospicĕre, *olhar ante si, prover*.
62. **Bĭbo, is, bĭbi, potum, bibĕre,** *beber*.
Imbĭbo, is, imbĭbi, imbibĕre, *embeber*.
Com-, e-, per-bĭbo, *beber inteiramente, embeber-se, impregnar-se*, como o simples.
63. **Cădo, is, cecĭdi, casum, cadĕre,** *cair*.
Incĭdo, is, incĭdi, incasurus, incidĕre, *cair em, encontrar, topar*.
Occĭdo, is, occĭdi, occāsum, occidĕre, *morrer, por-se (com respeito aos astros)*. *Não se deve confundir com* occīdo, is, occīdi, occīsum, occidĕre, *matar, composto de* ob *e* caedo, is, cecīdi, caesum, caedĕre, *cortar*. Cf. verbo n. 64, pág. 123.
Recĭdo, is, recĭdi, recasurus, recidĕre, *recair*.
Con-, re-, pro-cĭdo, etc., *cair para diante, de bruços, prostrar-se*, como o simples.
64. **Caedo, is, cecīdi, caesum, caedĕre,** *cortar*.
Incīdo, is, incīdi, incīsum, incidĕre, *gravar, burilar*.
Occīdo, is, occīdi, occīsum, occidĕre, *matar* (cf. verbo n. 63).
Prae-, suc-, con-, abs-cīdo, *separar cortando, cortar com um instrumento*, como o simples.
65. **Căno, is, cecĭni, cantum (cantatum), canĕre,** *cantar*.
Concĭno, is, concinŭi, concentum, concinĕre, *cantar ou tocar juntamente*.
66. **Căpio, is, cēpi, captum, capĕre,** *tomar*.
Accĭpio, accĭpis, accēpi, acceptum, accipĕre, *receber*.
Decĭpio, decĭpis, decēpi, deceptum, decipĕre, *enganar*.
Excĭpio, excĭpis, excēpi, exceptum, excipĕre, *acolher, tomar, excetuar*.
Praecĭpio, praecĭpis, praecēpi, praeceptum, praecipĕre, *mandar*.
Recĭpio, recĭpis, recēpi, receptum, recipĕre, *retomar, retirar-se*.
Suscĭpio, suscĭpis, suscēpi, susceptum, suscipĕre, *empreender*.
Incĭpio, incĭpis, **coepi**, inceptum, incipĕre, *começar*.
67. **Carpo, is, carpsi, carptum, carpĕre,** *pastar, apanhar*.
Decerpo, is, decerpsi, decerptum, decerpĕre, *colher*.
68. **Cēdo, is, cessi, cessum, cedĕre,** *retirar-se, ceder*.
Accēdo, is, accessi, accessum, accedĕre, *aproximar-se*.
Decēdo, is, decessi, decessum, decedĕre, *partir, retirar-se*.
Excēdo, is, excessi, escessum, excedĕre, *sair, exceder*.
Pro-, con-, re-, suc-cedo, *ir de baixo, aproximar-se de, suceder*, como o simples.
69. **Cerno, is, crevi, cretum, cernĕre,** *separar, distinguir, ver claramente. O perfeito* crevi *em prosa é raro*.
Decerno, is, decrēvi, decrētum, decernĕre, *decretar*.
Secerno, is, secrēvi, secrētum, secernĕre, *separar*.
70. **Cingo, is, cinxi, cinctum, cingĕre,** *cingir*.
71. **Claudo, is, clausi, clausum, claudĕre,** *fechar*.
Interclūdo, is, interclūsi, interclūsum, intercludĕre, *interceptar*.
Ex-, con-, prae-, re-clūdo, *abrir, descobrir, como* intercludo.
72. **Cŏlo, is, colŭi, cultum, colĕre,** *cultivar, honrar*.
Excŏlo, is, excolŭi, excultum, excolĕre, *trabalhar com cuidado, aperfeiçoar*.
Incŏlo, is, incolŭi, incultum, incolĕre, *habitar*.
73. **Consīdo, is, consēdi, consessum, considĕre,** *assentar-se, estabelecer-se*.
Possīdo, is, possēdi, possessum, possidĕre, *tomar posse, apossar-se*.
Deve-se distinguir possīdo *de* possĭdeo, possĭdes, possēdi, possēssum, possidēre, *possuir* (cf. *sedeo*, verbo n. 42, pág. 121).
74. **Consŭlo, is, consulŭi, consultum, consulĕre,** *consultar, prover*.
75. **Contemno, is, contempsi, contemptum, contemnĕre,** *desprezar*.
76. **Cŏquo, is, coxi, coctum, coquĕre,** *cozer*.
Concŏquo, is, concoxi, concoctum, concoquĕre, *digerir*.

77. **Cupio, is, cupīvi, eupītum, eupĕre,** *desejar.*

78. **Curro, is, eucurri, cursum, eurrĕre,** *correr.*
Accurro, is, accurri (accucurri), accursum, accurrĕre, *acorrer.*
Concurro, is, concurri (concucurri), concursum, concurrĕre, *correr juntamente, combater.*
Succurro, is, succurri, succursum, succurrĕre, *socorrer.*

79. **Dīco, is, dixi, dietum, dicĕre,** *dizer. Imperativo:* **die,** Cf. n. 104, *f*, pág. 106.
Indīco, is, indixi, indictum, indicĕre, *intimar.*
Praedīco, is, praedixi, praedictum, praedicĕre, *predizer. Não se deve confundir* indīco, is, *com* indĭco, as, avi, atum, āre, *indicar;* praedīco, is, *com* praedĭco, as, avi, atum, āre, *celebrar.*

80. **Distinguo, is, dinstinxi, distinctum, distinguĕre,** *distinguir.*
Exstinguo, is, exstinxi, exstinctum, exstinguĕre, *apagar.*

81. **Divĭdo, is, divīsi, divīsum, dividĕre,** *dividir.*

82. **Dūco, is, duxi, duetum, ducĕre,** *conduzir, estimar. Imperativo:* **duc,** Cf. n. 104, *f*, pág. 106.
Condūco, is, conduxi, conductum, conducĕre, *alugar, assalariar.*
Edūco, is, eduxi, eductum, educĕre, *levar para fora. Não se confunda com* edŭco, as, avi, atum, āre, *educar, da primeira conjugação.*

83. **Edo, is, ēdi, ēsum, edĕre,** *comer* (cf. n. 134 — Verbos irregulares propriamente ditos).
Comĕdo, is, comēdi, comēsum, comedĕre, *comer.*

84. **Emo, is, emi, emptum, emĕre,** *comprar.*
Cŏĕmo, is, coēmi, coēmptum, coĕmĕre, *comprar ao mesmo tempo, juntamente.*
Ad-ĭmo, is, adēmi, ademptum, adimĕre, *tirar, privar de.*
Dirĭmo, is dirēmi, diremptum, dirimĕre, *separar.*
Exĭmo, is, exēmi, exemptum, eximĕre, *tirar de.*
Interĭmo, is, interēmi, interemptum, interimĕre, *dar cabo de, destruir, matar.*
Redĭmo, is, redēmi, redemptum, redimĕre, *remir.*
Dēmo (de-ĕmo), is, dempsi, demptum, demĕre, *tirar, tomar, cortar.*
Sūmo (sus-ĕmo), is, sumpsi, sumptum, sumĕre, *tomar.*
Consūmo, is, consumpsi, consumptum, consumĕre, *consumir.*
Prōmo (pro-ĕmo), is, prompsi, promptum, promĕre, *tirar* (*uma cousa donde ela está guardada*), *manifestar.*
Deprōmo, is, deprompsi, depromptum, depromĕre, *tirar para fora de, extrair.*
Cōmo (co-ĕmo), is, compsi, comptum, comĕre, *pentear, enfeitar, cuidar.*

85. **Evello, is, evelli, evulsum, evellĕre,** *arrancar. O perfeito* evulsi *é usado somente na poesia.*

86. **Excūdo, is, excūdi, excūsum, exeudĕre,** *cunhar.*

87. **Făcio, is, fēei, factum, faeĕre,** *fazer. Imperativo presente:* **fac** (cf. n. 104, *f*, pág. 106).
Affĭcio, affĭcis, affēci, affectum, afficĕre, *causar, influir. Passivo:* Afficior, affectus sum, affĭci.
Confĭcio, confĭcis, confēci, confectum, conficĕre, *fazer, cumprir.*
Defĭcio, defĭcis, defēci, defectum, deficĕre, *abandonar, faltar, falhar, desfalecer, revoltar-se.*
Effĭcio, effĭcis, effēci, effectum, efficĕre, *fazer, formar.*
Interfĭcio, interfĭcis, interfēci, interfectum, interficĕre, *matar.*
Offĭcio, offĭcis, offēci, offectum, officĕre, *opor-se, prejudicar.*
Perfĭcio, perfĭcis, perfēci, perfectum, perficĕre, *cumprir.*
Praefĭcio, praefĭcis, praefēci, praefectum, praeficĕre, *prepor.*
Refĭcio, refĭcis, refēci, refectum, reficĕre, *refazer, restaurar.*

Os imperativos dos compostos não seguem o de facio, *mas são regulares:* cónfĭce, défĭce, éffĭce, (cf. n. 104, *f*, pág. 104).

Passivo: **Fio, fis, factus sum, fiĕri,** *ser feito, tornar-se.* Cf. n. 130, pág. 136.
Assuefăcio, is, assuefēci, assuefaetum, assuefacĕre, *habituar, acostumar.*
Assuefio, is, assuefactus sum, assuefiĕri, *acostumar-se, habituar-se.*
Calefăcio, is, calefēci, calefactum, calefaeĕre, *aquecer. Imperativo:* calefác (cf. n. 6, *c*, observações, *1, 2*, pág. 12; n. 104 *f*, pág. 106).
Calefio, etc., *aquecer-se.*
Patefăcio, is, patefēci, patefactum, patefacĕre, *manifestar.*

Patefio, etc., *abrir-se de par em par, escancarar-se, manifestar-se* (Cf. n. 6, *c*, observação *2*, pág. 12; n. 130, observações *1*, *2*, *3*, pág. 136).

88. **Fallo, is, fĕfēlli, falsum, (deceptum), fallĕre,** *enganar.*
Refello, is, refelli, (refutatum), refellĕre, *confutar.*

Observação. — *Falsus* (particípio de *fallo*) é adjetivo: *falso.* Ao nosso *enganado* corresponde *deceptus* (de decĭpio, is, decēpi, deceptum, decipĕre, *enganar*, verbo n. 66).

89. **Fīgo, is, fixi, fixum, figĕre,** *pregar, plantar.*
Transfīgo, is, transfixi, transfixum, transfigĕre, *traspassar.*

90. **Findo, is, fĭdi, fissum, findĕre,** *fender.*
Diffindo, is, diffĭdi, diffissum, diffindĕre, *fender, rachar, dividir. Não se deve confundir* diffissum *de* diffindo, *com* diffīsum *de* diffīdo.

91. **Fingo, is, finxi, fictum, fingĕre,** *formar, inventar.*
Effingo, is, effinxi, effictum, effingĕre, *representar, descrever.*

92. **Flecto, is, flexi, flexum, flectĕre,** *curvar, dobrar* (*transitivo*).
Deflecto, is, deflexi, deflexum, deflectĕre, *vergar, dobrar* (*transitivo e intransitivo*).

93. **Flŭo, is, fluxi, fluxum, fluĕre,** *correr* (*um líquido*)), *manar.*
Circum-, con-, de-, pro-, super-flŭo, *transbordar, ser superfluo*, como o simples.

Observação. — O particípio *fluxus* é adjetivo: passageiro, caduco, transitório.

94. **Fŏdio, is, fōdi, fossum, fodĕre,** *cavar, escavar.*
Perfŏdio, perfŏdis, perfōdi, perfossum, perfodĕre, *varar, furar.*

95. **Frango, is, frēgi, fractum, frangĕre,** *quebrar, enfraquecer.*
Confringo, is, confrēgi, confractum, confringĕre, *quebrar.*
Perfringo, is, perfrēgi, perfractum, perfringĕre, *quebrar.*

96. **Fremo, is, fremŭi, fremĭtum, fremĕre,** *fremir, estremecer.*

97. **Fŭgio, is, fūgi, fugĭtum,** (*part. fut.* fugiturus), **fugĕre,** *fugir.*
Aufŭgio, aufŭgis, aufūgi, aufugĕre, *fugir, escapar.*
Effŭgio, effŭgis, effūgi, effugĕre, *escapar-se fugindo, fugir, subtrair-se.*

98. **Fundo, is, fūdi, fūsum, fundĕre,** *derramar, desbaratar.*
Perfundo, is, perfūdi, perfūsum, perfundĕre, *molhar, umedecer, borrifar.*

99. **Gemo, is, gemŭi, gemĭtum, gemĕre,** *gemer.*

100. **Gĕro, is, gessi, gestum, gerĕre,** *trazer, exercer, fazer, executar.*
Congĕro, is, congessi, congestum, congerĕre, *amontoar, acumular.*

101. **Gigno, is, genŭi, genĭtum, gignĕre,** *gerar, produzir.*

102. **Illĭcio, is, illexi, illectum, illicĕre,** *acariciar, captar, seduzir.*
Pellĭcio, is, pellexi, pellectum, pellicĕre, *afagar, seduzir.*
Allĭcio, is, allexi, allectum, allicĕre, *atrair.*
Elĭcio, is, elicŭi elĭcitum, elĭcere, *tirar de, extrair, atrair.*

103. **Impingo, is, impēgi, impactum, impingĕre,** *por à força, impelir.*
Compingo, is, compēgi, compactum, compingĕre, *reunir, ajuntar. O verbo simples é* pango.

104. **Incŭmbo, is, incubŭi, incubĭtum, incumbĕre,** *apoiar-se, aplicar-se.*
Procumbo, is, procubŭi, procubĭtum, procumbĕre, *cair por terra.*

105. **Jăcio, is, jēci, jactum, jacĕre,** *lançar, arremessar.*
Abjicio, abjĭcis, abjeci, abjectum, abjicĕre, *atirar para longe de si, lançar, atirar.*
Conjicio, conjĭcis, conjēci, conjectum, conjicĕre, *atirar, conjecturar.*
Adjicio, adjĭcis, adjēci, adjectum, adjicĕre, *acrescentar.*
Injicio, injĭcis, injēci, injectum, injicĕre, *lançar sobre, a, em* ou *para.*
Subjicio, subjĭcis, subjēci, subjectum, subjicĕre, *por debaixo, submeter, subjugar.*

106. **Jungo, is, junxi, junctum, jungĕre,** *unir.*
Adjungo, is, adjunxi, adjunctum, adjungĕre, *acrescentar.*
Conjungo, is, conjunxi, conjunctum, conjungĕre, *unir.*
Sejungo, is, sejunxi, sejunctum, sejungĕre, *desunir, separar.*

107. **Laedo, is, laesi, laesum, laedĕre,** *ofender.*
Elīdo, is, elīsi, elīsum, elidĕre, *elidir, arrancar.*
Al-, col-, il-līdo, *atirar, bater contra,* como o simples.

108. **Lĕgo, is, legi, lectum, legĕre,** *recolher, escolher, ler.*
Col-lĭgo, collĭgis, collēgi, collectum, collĭgĕre, *recolher.*
De-lĭgo, is, delēgi, delectum, delĭgĕre, *escolher.*
Di-lĭgo, is, dilexi, dilectum, dilĭgĕre, *amar.*
Intel-lĕgo, is, intellexi, intellectum, intellegĕre, *entender.*
Neg-lĕgo, is, neglexi, neglectum, neglegĕre, *descuidar, negligenciar.*

Observação. — Em lugar do particípio *dilectus*, amado (do verbo dilĭgo, is, dilēxi, dilēctum, ĕre, *amar*) na prosa é mais comum *carus, a, um (alicui).*

109. **Lĭno, is, lēvi (līvi), lĭtum, linĕre,** *untar. O simples* lino *é* post-clássico. *Mais usado é* oblĭno.
Oblĭno, is, oblēvi, oblĭtum, oblinĕre, *espalmar, salpicar. Não se confunda* oblĭtus *com* oblītus. Oblĭtus *deriva de* oblinĕre *e significa: untado, espalmado,* oblītus *deriva de* obliviscor *e significa: esquecido* (cf. verbo n. 233, pág. 132).

110. **Linquo, is, līqui, lĭctum, linquĕre,** *deixar — de uso raro na prosa.*
Relinquo, is, relīqui, relictum, relinquĕre, *deixar.*
Delinquo, is, delīqui, delictum, delinquĕre, *pecar.*

111. **Lūdo, is, lūsi, lūsum, ludĕre,** *brincar, divertir-se, mofar.*
Illūdo, is, illūsi, illūsum, illudĕre, *zombar.*

112. **Lŭo, is, lui,** (*part. fut.* luiturus), **luĕre,** *pagar, expiar.*
Dilŭo, is, dilŭi, diluĕre, *desfazer, dissolver.*

113. **Meto, is, (secŭi** *ou* **messui** *ou* messem feci), **messum, metĕre,** *ceifar.*

114. **Têm só as formas do presente:**
Ango, is, angĕre, *apertar, angustiar, afligir.*
Lambo, is, lambĕre, *lamber.*
Plecto, is, plectĕre, *bater, punir. Unicamente usado na voz passiva.*
Sterto, is, stertĕre, *roncar.*
Vergo, is, vergĕre, *virar, voltar, inclinar-se.*
Furo, is, *insanivi*, furĕre, *estar furioso, irritado.*

115. **Metŭo, is, metŭi, metuĕre,** *temer.*

116. **Mitto, is, mīsi, missum, mittĕre,** *mandar, enviar.*
Amitto, is, amīsi, amissum, amittĕre, *perder.*
Committo, is, commīsi, commissum, committĕre, *cometer, confiar.*
Dimitto, is, dimīsi, dimissum, dimittĕre, *enviar ao redor, despedir.*
Permitto, īs, permīsi, permissum, permittĕre, *permitir, deixar, confiar.*
Inter-, o-, de-, im-, prae-, praeter-mitto, *levar alem, omitir,* como o simples.

117. **Molo, is, molŭi, molĭtum, molĕre,** *moer.*

118. **Necto, is, nexŭi, nexum, nectĕre,** *atar.*
Connecto is, connexŭi, connexum, connectĕre, *prender, ajuntar, unir.*

119. **Ningit, ninxit, ningĕre,** *nevar, cair neve.*

120. **Nubo, is, nupsi, nuptum, nubĕre,** *casar (a mulher).*

Observação. — O verbo *nubo*, apesar de intransitivo, tem o particípio feminino: *nupta*, casada; *nupta alicui*, casada com alguem.

121. **Occŭlo, is, occulŭi, occultum, occulĕre,** *ocultar. Em lugar de* occŭlo, *que é usado raramente, prefere-se* occulto, as, avi, atum, āre, *ocultar, da primeira conjugação.*

122. **Pando, is, pandi, passum, pandĕre,** *abrir, extender.*

123. **Pango, is, pepĭgi, pactum, pangĕre,** *plantar, contratar, compor. Este verbo nas formas do presente usa-se com a significação de plantar, pregar e tambem na de compor* (pangere carmen). *As formas* pepĭgi *e* pactum, *como supletivas de* paciscor, *são as únicas com a significação de* contratar.

124. **Parco, is, peperci (parsi), parsum** (*part. fut.* parsurus), **(parcĭtum, temperatum), parcĕre,** *poupar, perdoar.*

125. **Pario, is, pepĕri, partum,** (*part. fut.* pariturus — Cf. nota ao n. 87, pág. 93). **parĕre,** *dar à luz, produzir.*

126. **Pello, is, pepŭli, pulsum, pellĕre,** *bater, repelir.*
Appello, is, appŭli, appulsum, appellĕre, *dirigir para, arribar.*
Impello, is, impŭli, impulsum, impellĕre, *impelir, atirar.*

Repello, is, reppŭli, repulsum, repellĕre, *repelir*.
Expello, is, expŭli, expulsum, expellĕre, *expelir*.
Depello, is, depŭli, depulsum, depellĕre, *expulsar*.

127. **Pendo, is, pependi, pensum, pendĕre,** *pesar, pagar*.
Não se deve confundir com pendeo, es = *pender* (cf. verbo, n. 38, pág. 121).
Impendo, is, impendi, impensum, impendĕre, *gastar*.
Suspendo, is, suspendi, suspensum, suspendĕre, *suspender*.

128. **Percello, is, percŭli, perculsum, percellĕre,** *ferir, derrubar, arruinar*.

129. **Pĕto, petis, petīvi, petītum, petĕre,** *dirigir-se para, pedir*.
Appĕto, is, appetīvi, appetītum, appetĕre, *desejar*.
Repĕto, is, repetīvi, repetītum, repetĕre, *pedir outra vez, repetir*.
Expĕto, is, etc., *desejar vivamente, pedir, reclamar*.
Suppĕto, is, etc., *estar presente, estar a mão*.

130. **Pingo, is, pinxi, pictum, pingĕre,** *pintar*.

131. **Plango, is, planxi, planctum, plangĕre,** *bater*.

132. **Plaudo, is, plausi, plausum, plaudĕre,** *aplaudir*.

133. **Pōno, is, pŏsŭi, pŏsĭtum, ponĕre,** *por, colocar*.
Antepōno, is, anteposŭi, antepositum, anteponĕre, *antepor, preferir*.
Con-, dis-, ex-, in-, prae-pōno, *por antes, colocar diante*, como o simples.

134. **Prĕmo, is, pressi, pressum, premĕre,** *comprimir, oprimir*.
Exprĭmo, is, expressi, expressum, exprimĕre, *exprimir*.
Opprĭmo, is, oppressi, oppressum, opprimĕre, *oprimir*.

135. **Pungo, is, pupŭgi, punctum, pungĕre,** *picar*.
Dispungo, is, dispunxi, dispunctum, dispungĕre, *distinguir por meio de ponto, computar, numerar*.

136. **Quaero, is, quaesīvi, quaesītum, quaerĕre,** *buscar, pedir*.
Acquīro, is, acquisīvi, acquisītum, acquirĕre, *adquirir*.
Inquīro, is, etc., *buscar, procurar com cuidado*.
Exquīro, is, etc., *buscar com diligência*.

137. **Quatio, is, quassi, quassum, quatĕre,** *sacudir*.
Concŭtio, concŭtis, concussi, concussum, concutĕre, *sacudir*.
Percŭtio, percŭtis, percussi, percussum, percutĕre, *bater*.

138. **Rādo, is, rasi, rasum, radĕre,** *raspar*.

139. **Rāpio, is, rapŭi, raptum, rapĕre,** *arrebatar, pilhar*.
Dirĭpio, dirĭpis, diripŭi, direptum, diripĕre, *saquear*.
Erĭpio, erĭpis, eripŭi, ereptum, eripĕre, *arrancar*.

140. **Rĕgo, is, rexi, rectum, regĕre,** *reger*.
Corrĭgo, is, correxi, correctum, corrigĕre, *corrigir*.
Derĭgo *ou* dirĭgo, is, etc., *endireitar, dirigir, ordenar*.
Pergo (*de* per-rĭgo), is, perrexi, perrectum, pergĕre, *avançar, prosseguir, continuar*.
Surgo (*de* sur-rĭgo), is, surrexi, surrectum, surgĕre, *erguer-se, levantar-se*.
Consurgo, is, consurrexi, consurrectum, consurgĕre, *erguer-se juntamente*.
Porrĭgo, is, porrexi, porrectum, porrigĕre, *extender, alongar*.

Observação. — O particípio *rectus* é adjetivo: reto, direito.

141. **Rĕpo, is, repsi, reptum, repĕre,** *andar de rojo, reptar*.

142. **Rōdo, is, rosi, rosum, rodĕre,** *roer*.

143. **Rumpo, is, rūpi, ruptum, rumpĕre,** *romper*.
Corrumpo, is, corrūpi, corruptum, corrumpĕre, *corromper*.
Irrumpo, is, irrūpi, irruptum, irrumpĕre, *irromper*.

144. **Rŭo, is, rŭi, rŭtum,** (*part. fut.* ruiturus — cf. nota ao n. 87, pág. 93), **ruĕre,** *precipitar*, intransitivo.
Dirŭo, is, dirŭi, dirŭtum, diruĕre, *arruinar*.
Obrŭo, is, obrŭi, obrŭtum, obruĕre, *cobrir*.

145. **Sapio, is, sapīvi (sapŭi), sapĕre,** *saber a, ter sabor*.
Os compostos desipio, resipio, *não tem perfeito, nem supino*.

146. **Scalpo, is, scalpsi, scalptum, scalpĕre,** *rasgar, gravar*.
Insculpo, is, insculpsi, insculptum, insculpĕre, *insculpir, imprimir*.

147. **Scindo, is, scĭdi, scissum, scindĕre,** *rasgar.*
Rescindo, is, rescĭdi, rescissum, rescindĕre, *cortar.*

148. **Scrībo, is, scripsi, scriptum, scribĕre,** *escrever.*
Descrībo, is, descripsi, descriptum, describĕre, *descrever, desenhar.*
Inscrībo, is, inscripsi, inscriptum, inscribĕre, *intitular.*
Ad-, per-, pro-, prae-, sub-scrībo, *escrever em baixo, subscrever,* como o simples.

149. **Sĕro, is, serŭi, sertum, serĕre,** *entrelaçar. Não se confunda* sĕro (verbo n. 150), *semear, com* sĕro, *entrelaçar.*
Consĕro, is, conserŭi, consertum, conserĕre, *atacar.*
Desĕro, is, deserŭi, desertum, deserĕre, *abandonar.*
Dissĕro, is, disserŭi, (*disputatum*), disserĕre, *tratar, discutir.*

150. **Sĕro, is, sēvi, sătum, serĕre,** *semear.*
Consĕro, is, consēvi, consĭtum, conserĕre, *semear, plantar.*
Insĕro, is, insēvi, insĭtum, inserĕre, *enxertar.*

151. **Serpo, is, serpsi, serpĕre,** *serpear, divulgar-se.*

152. **Sĭno, is, sīvi, sĭtum, sinĕre,** *permitir.*
Desĭno, is, desĭi, *ou* desīvi, desĭtum, desinĕre, *cessar. Em lugar de* desĭi, *a prosa clássica prefere* destĭti *de* desisto (cf. verbo n. 153).

Compostos de **sto, stas** (*)

153. **Sisto, is, stĭti,** (*raro* stĕti), **statum, sistĕre,** *pôr, colocar.*
Status, a, um, *particípio perfeito passivo, corresponde a: colocado, situado, posto, estabelecido, fixo,* p. ex.: stata sacrificia, *os sacrifícios estabelecidos.*
Consisto, is, constĭti, consistĕre, *colocar-se, parar.*
Desisto, is, destĭti, desistĕre, *desistir.*
Exsīsto, is, exstĭti, exsistĕre, *elevar-se, nascer.*
Resisto, is, restĭti, resistĕre, *resistir.*
Circumsisto, is, circumstĕti, circumsistĕre, *pôr-se ao redor, cercar, rodear.*
Circumsto, as, circumstĕti, circumstāre, *pôr-se ao redor, cercar, rodear.*
Sisto, *é transitivo:* sistere se, *apresentar-se, comparecer.*
Os compostos, exceto circumsisto, *são intransitivos.*

154. **Solvo, is, solvi, solūtum, solvĕre,** *dissolver, desatar.*

155. **Spargo, is, sparsi, sparsum, spargĕre,** *espalhar.*
Dispergo, is, dispersi, dispersum, dispergĕre, *dispersar.*

156. **Sperno, is, sprēvi, sprētum, spernĕre,** *desprezar.*

157. **Spŭo, is, spŭi, sputum, spuĕre,** *cuspir.*
Respŭo, is, respŭi, respuĕre, *rejeitar.*

158. **Sterno, is, stravi, strātum, sternĕre,** *extender por cima, derribar.*
Prosterno, is, prostrāvi, prostrātum, prosternĕre, *prostrar, derribar.*

159. **Strepo, is, strepŭi, strepĭtum, strepĕre,** *fazer estrépito.*

160. **Stringo, is, strinxi, strictum, stringĕre,** *apertar.*
Destringo, is, destrinxi, destrictum, destringĕre, *desembainhar.*

161. **Strŭo, is, struxi, structum, struĕre,** *construir.*
Constrŭo, is, construxi, constructum, construĕre, *construir, acumular.*
Instrŭo, is, instruxi, instructum, instruĕre, *pôr em ordem, formar.*
Extrŭo, is, etc., *amontoar, acumular.*

162. **Sūgo, is, suxi, suctum, sugĕre,** *sugar, chupar.*

163. **Tango, is, tetĭgi, tactum, tangĕre,** *tocar.*
Attingo, is, attĭgi, attactum, attingĕre, *tocar em, atingir, confiar.*
Contingo, is, contĭgi, contingĕre, *tocar.*

164. **Tĕgo, is, texi, tectum, tegĕre,** *cobrir.*
Detĕgo, is, detexi, detectum, detegĕre, *descobrir.*
Protĕgo, is, etc., *cobrir, amparar, esconder, proteger.*

165. **Tendo, is, tetendi, tentum e tensum, tendĕre,** *tender.*
Attendo, is, attendi, attentum, attendĕre, *atender, aplicar-se.*
Contendo, is, contendi, contentum, contendĕre, *contender, ir.*
Ostendo, is, ostendi, ostensum *e* ostentum, ostendĕre, *mostrar.*

(*) Cf. verbo n. 12, pág. 120.

Extendo, is, extendi, extentum (extensum), extendĕre, *extender*.
Detendo, is, detendi, detensum, detendĕre, *desfazer*.
Dis-, in-, ob-, por-, prae-tendo, *extender, interpor*, como o simples.
166. **Tĕro, is, trīvi, trītum, terĕre,** *trilhar, destruir*.
Contĕro, is, contrīvi, contrītum, contercĕre, *pisar, triturar, consumir*.
167. **Texo, is, texŭi, textum, texĕre,** *tesser, entrançar*.
Contexo, is, contexŭi, contextum, contexĕre, *entrelaçar, juntar*.
Intexo, is, etc., *entrelaçar, tesser, inserir*.
Subtexo, is, etc., *adaptar, coser por baixo, por diante, cobrir, esconder*.
168. **Tingo, is, tinxi, tinctum, tingĕre,** *tingir*.
169. **Tollo, is, sustŭli, sublātum, tollĕre,** *erguer, levantar* (cf. os compostos de *fero*, pág. 136).
Extollo, is, extollĕre, *levantar, erguer*.
Attollo, is, attollĕre, *levantar, erguer*.
170. **Trăho, is, traxi, tractum, trahĕre,** *arrastar*.
Contrăho, is, contraxi, contractum, contrahĕre, *contrair, recolher*.
Abs-, de-, dis-, ex-, pro-, re-, sub-trăho, *subtrair, tomar, furtar*, como o simples.
171. **Tremo, is, tremŭi, tremĕre,** *tremer*.
172. **Trūdo, is, trūsi, trūsum, trūdĕre,** *impelir, expulsar*.
De-, ex-trūdo, is, etc., *expulsar, repelir violentamente*, como o simples.
173. **Tundo, is, tutŭdi, tusum e tunsum, tundĕre,** *bater*.
Contundo, is, contŭdi, contūsum, contundĕre, *bater, esmagar*.
Retundo, is, retŭdi, retūsum retundĕre, *repelir, embolar, reprimir*.
174. **Ungo, is, unxi, unctum, ungĕre,** *ungir*.
175. **Uro, is, ūssi, ūstum, urĕre,** *queimar* (*transitivo*).
Combūro, is, combussi, combustum, comburĕre, *queimar* (*transitivo*).
Inūro, is, inussi, inustum, inurĕre, *queimar, marcar com ferro quente*.
176. **Vādo, is, vadĕre,** *ir, marchar*.
Invādo, is, invāsi, invāsum, invadĕre, *invadir*.
E-, per-vādo, *ir* (*alem*), *penetrar até, como* invado.
177. **Vĕho, is, vexi, vectum, vehĕre,** *trazer, levar, conduzir, transportar*.
Vĕhor, ĕris, vectus sum, vehi (*intransitivo*). Na forma passiva significa *ir, viajar*.
Invĕho, is, invexi, invectum, invehĕre, *arrastar, puxar, introduzir*.
Ad-, con-, e-, pro-, re-, sub-, trans-vĕho, *transportar alem, através* como o simples.
178. **Verto, is, verti, versum, vertĕre,** *voltar, virar, verter, traduzir*.
Converto, is, converti, conversum, convertĕre, *voltar, virar*.
Animadverto (animum adverto), is, animadverti, animadversum, animadvertĕre, *considerar*.
179. **Vinco, is, vici, victum, vincĕre.** *Deve-se distinguir* vinco *de* vincio, *amarro* (verbo n. 211, pág. 130). *A forma* **vincit** =*vence e amarra. Do mesmo modo* victurus *pode ser particípio de* vinco *e de* vivo (verbo n. 180): **victurus** =*o que há de vencer* ou *o que há de viver*.
180. **Vivo, is, vixi, victum, vivĕre,** *viver*.
181. **Volvo, is, volvi, volūtum, volvĕre,** *volver, rolar*.
182. **Vomo, is, vomŭi, vomĭtum, vomĕre,** *vomitar*.

Verbos incoativos

183. **Ascisco, is, ascīvi, ascītum, asciscĕre,** *mandar vir, alcançar, adquirir, aprovar*.
184. **Conscisco, is, conscīvi, conscītum, consciscĕre,** *deliberar, decretar*.
185. **Concupisco, is, concupīvi, concupītum, concupiscĕre,** *cobiçar*.
186. **Descisco, is, descīvi, descītum, desciscĕre,** *revoltar-se*.
187. **Disco, is, didĭci, discĕre,** *aprender*.
Dedisco, is, dedidĭci, dediscĕre, *desaprender*.
188. **Exardesco, is, exarsi, exarsum, exardescĕre,** *inflamar-se, incendiar-se, abrasar-se*.
189. **Ingemisco, is, ingemŭi, ingemiscĕre,** *gemer*.
190. **Nosco, is, nōvi, notum, noscĕre,** *conhecer, ter conhecimento de, saber*. Novi=*eu sei*.

Ignosco, is, ignōvi, ignōtum, ignoscĕre, *perdoar*.
Cognosco, is, cognōvi, *cognĭtum*, cognscĕre, *conhecer pelos sentidos, saber, experimentar*.

191. **Pasco, is, pāvi, pastum, pascĕre,** *apascentar, nutrir* (*transitivo*).
Pascor, ĕris, pastus sum, pasci, *apascentar-se* (*intransitivo*).

192. **Posco, is, popōsci, (postulātum, flagitātum), poscĕre,** *pedir, exigir*.
Deposco, is, depopōsci, deposcĕre, *pedir com instância*.
Exposco, is, expopōsci, exposcĕre, *pedir com instância, solicitar*.

193. **Revivisco, is, revixi, (revictum), reviviscĕre,** *reviver*.

121. — QUARTA CONJUGAÇÃO

194. **Amĭcio, amĭcis, amixi, (amicŭi), amictum, amicīre,** *vestir*.
— *Em lugar do perfeito* amixi *ou* amicŭi, *usado raramente, prefere-se* indŭi.

195. **Apĕro, apĕris, aperŭi, apertum, aperīre,** *abrir*.
— Patefactus *supre o particípio perfeito passivo* apertus, *que não se usa*.
Apertus *usa-se como adjetivo*.
Opĕrio, opĕris, operŭi, opertum, operīre, *fechar, cobrir, esmagar, ocultar*.
Coopĕrio, coopĕris, cooperŭi, coopertum, cooperīre, *cobrir*.

196. **Esŭrio, esŭris, (esurīvi, esurītum),** (*part. fut.* esuriturus — em Terêncio), **esurīre,** *ter fome*.

197. **Farcio, is, farsi, fartum, farcīre,** *encher, estofar, engordar*.
Confĕrcio, is, confersi, *confertum*, confercīre, *acumular, encher*.
Refĕrcio, is, refersi, *refertum*, refercīre, *encher, atulhar*.

198. **Ferio, is, percussi** (*do verbo* percŭtio, is, percŭssi, percŭssum, percutĕre, n. 137 — *pode-se usar tambem* **ici**, *do verbo* icio *ou* ico, is, ici, ictum, icĕre), **percussum** (*tambem* **ictum**), **ferire,** *ferir*. — *Não se usam o pretérito perfeito e o supino de* ferio.

199. **Fulcio, is, fulsi, fultum, fulcīre,** *especar, suster, estribar*.

200. **Haurio, is, hausi, haustum, haurīre,** *tirar fora* (*um líquido*).
Exhaurio, is, exhausi, exhaustum, exhaurīre, *escavar, esgotar*.

201. **Repĕrio, repĕris, reppĕri, repertum, reperīre,** *encontrar de novo, descobrir*.
Compĕrio, compĕris, compĕri, compertum, comperīre, *conhecer, descobrir, saber com certeza, saber exatamente*.

202. **Saepio, is, saepsi, saeptum, saepīre,** *cercar, defender*.

203. **Salio, is, salŭi, saltum, salīre,** *saltar*.
Desĭlio, desĭlis, desilŭi, desultum, desilīre, *saltar, atirar-se de, cair*.

204. **Sancio, is, sanxi, sanctum, sancīre,** *ordenar, sancionar*. — Sanctum *é síncope de* sancītum, *que se encontra ainda em Tito Lívio*.

205. **Sarcio, is, sarsi, sartum, sarcīre,** *remendar, reparar*.
Resarcio, is, resarsi, resartum, resarcīre, *ressarcir*.

206. **Scio, is, scīvi, scītum, scīre,** *saber*.
Nescio, is, nescīvi, nescītum, nescīre, *não saber, ignorar. O particípio presente* nesciens *não se usa, substituem-no*: ignorans, inscĭus, nescĭus.

207. **Sentio, is, sensi, sensum, sentīre,** *sentir*.
Adsentio, is, (adsentior, īris), adsensi (adsensus sum), adsensum, adsentīre, (adsentīri), *assentir*.
Consentio, is, consensi, consensum, consentīre, *consentir, concordar numa cousa*.
Dissentio, is, dissensi, dissensum, dissentīre, *dissentir*.

208. **Sepĕlio, sepĕlis, sepelīvi, sepultum, sepelīre,** *sepultar*.

209. **Superbio, is, superbīre,** *ensoberbecer-se*.

210. **Vĕnio, is, veni, ventum, venīre,** *vir, ir*.
Convĕnio, convĕnis, convēni, conventum, convenīre, *vir juntamente, afluir, encontrar-se, convir, concordar*.
Invĕnio, invĕnis, invēni, inventum, invenīre, *achar*. — *Deve-se distinguir entre o presente* invĕnit, invenīmus *e o pretérito perfeito* invēnit *e* invenīmus.
Subvĕnio, subvĕnis, subvēni, subventum, subvenīre, *vir em socorro de, ajudar, proteger*.

211. **Vincio, is, vinxi, vinctum, vincīre,** *atar, amarrar*.

Verbos depoentes. (*)

122. — SEGUNDA CONJUGAÇÃO

212. **Fateor, ēris, fassus sum, fatēri,** *confessar*.
Confiteor, ēris, confessus sum, confitēri, *confessar — O particípio* confessus *tem tambem significação passiva*. Cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110.
Profiteor, ēris, professus sum, profitēri, *declarar, manifestar*.
213. **Liceor, ēris, licĭtus sum, licēri,** *lançar em leilão*.
Polliceor, ēris, pollicitus sum, pollicēri, *prometer, oferecer-se para alguma cousa*.
214. **Medeor, ēris, medicatus sum (sanavi), medēri,** *remediar, sarar*.
215. **Mereor, ēris, merĭtus sum, merēri,** *merecer*.
216. **Misereor, ēris, misertus sum, miserēri,** *compadecer-se*.
217. **Reor, reris, ratus sum, rēri,** *julgar, pensar, crer*. — **Ratus** = particípio presente = *pensando*, **ratus** adjetivo = *certo, válido*.
218. **Tuĕor, ēris, tutatus sum, tuēri,** *proteger*.
Intuĕor, ēris, *aspexi*, intuēri, *olhar, considerar*.
219. **Verĕor, ēris, verĭtus sum, verēri,** *temer, respeitar*.

123. — TERCEIRA CONJUGAÇÃO

220. **Adipiscor, ĕris, adeptus sum, adipisci,** *obter, alcançar*. **Adeptus** em Salústio e em Tácito *tem significação passiva* (cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110).
221. **Amplector, ĕris, amplexus sum, amplecti,** *abraçar, compreender, conter, abranger*.
Complector, ĕris, complexus sum, complecti, *abraçar*.
222. **Expergiscor, ĕris, experrectus sum, expergisci,** *acordar do sono*.
223. **Fruor, ĕris, usus sum, frui,** *gozar. Os escritores clássicos no perfeito fazem* usus sum, fructum cepi ex, *não* fruitus sum.
Perfrŭor, ĕris, *perfructus sum*, perfrŭi, *gozar inteiramente*.
224. **Fungor, ĕris, functus sum, fungi,** *exercer, cumprir, desempenhar*.
Defungor, ĕris, defunctus sum, defungi, *desempenhar-se de, executar, satisfazer*. Defunctus (*vita*) = *morto*.
Perfungor, ĕris, perfunctus sum, perfungi, *exercer, cumprir, preencher, desempenhar, sustentar até o fim*.
225. **Gradior, ĕris, gressus sum, (gradi),** *caminhar, andar, mover-se. Não se encontra exemplo do infinito* gradi.
Aggredior, ĕris, aggressus sum, aggrĕdi, *agredir, acometer, atacar, empreender*.
Congredior, ĕris, congressus sum, congrĕdi, *encontrar-se, combater*.
Digredior, ĕris, digressus sum, digrĕdi, *apartar-se, ausentar-se, afastar-se*.
Egredior, ĕris, egressus sum, egrĕdi, *sair*.
Ingredior, ĕris, ingressus sum, ingrĕdi, *entrar, começar*.
Progredior, ĕris, progressus sum, progrĕdi, *progredir, avançar*.
Transgredior, ĕris, transgressus sum, transgrĕdi, *passar além, transpor*.
226. **Irascor, ĕris, (succensui), irasci,** *irritar-se*.
227. **Lābor, ĕris, lapsus sum, labi,** *escorregar, cair*.
Dilābor, ĕris, dilapsus sum, dilābi, *cair, dispersar-se, desgarrar-se, perecer*.
228. **Lŏquor, ĕris, locutus sum, loqui,** *falar*.
Collŏquor, ĕris, collocutus sum, collŏqui, *falar com*.

(*) A maioria dos verbos depoentes (170) pertence à primeira conjugação. São todos regulares e seguem a flexão do seu paradigma *imĭtor*, cf. n. 111, pág. 111. Razão por que omitimos qualquer lista dos depoentes da primeira.

229. **Morior, rĕris, mortuus sum** (*part. fut.* moriturus), **mŏri,** *morrer.*
Emorior, rĕris, emortuus sum, emŏri, *morrer, esvair-se, desaparecer, apagar-se.*

230. **Nanciscor, ĕris, nactus sum, nancīsci,** *alcançar, conseguir.*

231. **Nascor, ĕris, natus sum, nasci,** *nascer.* Particípio futuro: *nasciturus.*

232 **Nitor, ĕris, nisus sum (nixus sum), niti,** *apoiar-se, esforçar-se.*
Usa-se nixus, adnixus, conixus, enixus sum *com a significação material de apoiar-se:* nixus sum baculo, *apoiei-me ao bastão; usa-se* nīsus, enīsus, adnīsus sum *na significação metafórica de tender a alguma cousa:* ad gloriam nisus sum, *esforcei-me por conseguir a glória.*

233. **Obliviscor, ĕris, oblītus sum, oblivīsci,** *esquecer-se, olvidar.*

234. **Paciscor, ĕris, pactus sum, pacīsci,** *pactuar, contratar.* **Pactus** *tambem passivo:* pactum pretium, *preço ajustado;* pacta et constituta dies, *dia marcado e estabelecido* (cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110).

235. **Patior, tĕris, passus sum, pati,** *padecer, sofrer.*
Perpetior, ĕris, perpessus sum, perpĕti, *padecer, suportar.*

236. **Proficiscor, ĕris, profectus sum, proficīsci,** *partir, por-se a caminho, ir, dirigir-se para.*

237. **Queror, ĕris, questus sum, queri,** *queixar-se.*

238. **Reminiscor, ĕris, (recordatus sum) reminīsci,** *recordar-se.*

239. **Sequor, ĕris, secūtus sum, sequi,** *seguir.*
Adsĕquor, ĕris, adsecūtus sum, adsĕqui, *conseguir, alcançar.*
Consĕquor, ĕris, consecūtus sum, consĕqui, *conseguir, alcançar.*
Obsĕquor, ĕris, obsecūtus sum, obsĕqui, *seguir, obedecer.*
Persĕquor, ĕris, persecūtus sum, persĕqui, *perseguir.*

240. **Ulciscor, ĕris, ultus sum, ulcīsci,** *vingar, punir.* — **Ultus,** *passivo em Tito Livio e nos poetas* (cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110).

241. **Utor, ĕris, usus sum, uti,** *usar.*
Abūtor, ĕris, abūsus sum, abūti, *usar totalmente, consumir, estragar, abusar.*

242. **Vescor, ĕris, (vixi, altus sum, pastus sum), vesci,** *nutrir-se, alimentar-se, comer.*

124. — QUARTA CONJUGAÇÃO

243. **Assentior, īris, assensus sum, assentīri,** *ser do mesmo parecer, aprovar, confirmar.*

244. **Blandior, īris, blandītus sum, blandīri,** *acariciar.*

245. **Experior, īris, expertus sum, experīri,** *experimentar, tentar.* — **Expertus** *tambem passivo* (cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110).
Opperior, īris, oppertus sum, opperīri, *aguardar.* — *O perfeito é raramente usado.*

246. **Largior, īris, largītus sum, largīri,** *distribuir, prodigalizar.*

247. **Mentior, mentīris, mentītus sum, mentīri,** *mentir.*
Ementior, īris, ementītus sum, ementīri, *mentir, fingir.* — **Ementitus** *tambem passivo:* ementita opinio, *opinião falsa, mentirosa* (cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110).

248. **Metior, īris, mensus sum, metīri,** *medir.* — Mensus, emensus, dimensus, *tambem passivamente* (cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110).
Dimetior, īris, dimensus sum, dimetīri, *medir.*
Emetior, īris, emensus sum, emetīri, *medir, percorrer.*

249. **Molior, īris, molītus sum, molīri,** *fabricar, aparelhar.*
Demolior, īris, demolītus sum, demolīri, *demolir.*

250. **Ordior, īris, orsus sum, ordīri,** *começar.*
Exordior, īris, exorsus sum, exordīri, *exordiar, começar.*

251. **Partior, īris, partītus sum, partīri,** *dividir.* — **Partitus** *tambem passivo* (cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110).

Dispertio, is, dispertīvi, dispertītum, dispertīre, *dividir*.
Impertio, is, impertīvi, impertītum, impertīre, *comunicar, participar, dar*.
252. **Potior, īris, potītus sum, potīri,** *apoderar-se*.
253. **Sortior, īris, sortītus sum, sortīri,** *sortear, receber em partilha, obter*. — **Sortitus** *tambem passivo*: sortiri provincias, *sortear as províncias*; sortita provincia, *a província sorteada* (cf. n. 110, *c*, observação, pág. 110).

125. — TERCEIRA E QUARTA CONJUGAÇÃO

254. **Orior, ĕris, ortus sum, orīri,** *nascer, originar-se, levantar-se*. — Orior *conjuga-se conforme a 3.ª conjugação; o infinito presente é da quarta*: orīri.
O imperfeito do subjuntivo é indiferentemente da terceira ou quarta conjugação: orĕrer *ou* orīrer.
Presente do indicativo: Orior, orĕris, orĭtur, orĭmur, orimini, oriuntur.
Presente do imperativo: Orĕre, etc.
Imperfeito do subjuntivo: Orĕrer, orerēris, orerētur, etc. *Ou*: Orīrer, orirēris, orirētur, etc.
Particípio futuro at.: oriturus, a, um.
Particípio futuro pass.: oriundus, a, um (cf. n. 105, *c*, pág. 106).
Os compostos conjugam-se como orior, *exceto* **adorior**, levantar-se contra, atacar, acometer, *que se conjuga completamente conforme a 4.ª conjugação*: adorior, adorīris, adorītur, *etc*.

126. — Verbos semidepoentes

255. **Audeo, es, ausus sum, audēre,** *ousar, atrever-se*. — **Ausus** *tambem particípio presente*: dimicare non ausus, *não se atrevendo a combater*.
256. **Fīdo, is, fisus sum, fidĕre,** *fiar-se, confiar*.
Confīdo, is, confīsus sum, confidĕre, *confiar*.
Diffīdo, is, diffīsus sum, diffidĕre, *desconfiar, desesperar*.
257. **Gaudeo, es, gavīsus sum, gaudēre,** *folgar, alegrar-se, regozijar-se*. — **Gavisus** *tambem particípio presente*.
258. **Soleo, es, solĭtus sum, solēre,** *costumar, estar acostumado*. (Cf. n. 115, pág. 115).

§ II

Verbos irregulares propriamente ditos.

127. — Verbos irregulares propriamente ditos são os que formam os seus tempos principais de temas diferentes, p. ex.: *fero, tuli, latum;* ou que em certos tempos e em certas pessoas se afastam das quatro conjugações regulares. Os verbos irregulares, em todas as línguas, são os mais usados; daí a necessidade de conhecê-los logo e bem. Os principais verbos irregulares propriamente ditos são os seguintes:

Fero, ferre, *levar, trazer*.
Fio, fiĕri, *ser feito, tornar-se*.
Volo, velle, *querer*.
Nolo, nolle, *não querer*.
Malo, malle, *querer antes, preferir*.
Eo, ire, *ir*.
Queo, quire, *poder;* **nequĕo, nequīre,** *não poder*.
Edo, esse, *comer*.

128. — VOZ ATIVA

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Presente	fero, fers, fert ferĭmus, fertis, ferunt	feram feras, ferat ferāmus, ferātis, ferant
Imperfeito	ferēbam, ferēbas, ferēbat ferebāmus, ferēbatis, ferebant	ferrem, ferres, ferret ferrēmus, ferrētis, ferrent
Futuro imperf.	feram, feres, feret ferēmus, ferētis, ferent	
Perfeito	tuli, tulisti, tulit tulĭmus, tulistis, tulērunt	tulĕrim, tulĕris, tulĕrit tulerĭmus, tulerĭtis, tulĕrint
Pret. mais que perfeito	tulĕram, tulĕras, tulĕrat tulerāmus, tulerātis, tulĕrant	tulissem, tulisses, tulisset tulissēmus, tulissētis, tulissent
Futuro perfeito	tulĕro, tulĕris, tulĕrit tulerĭmus, tulerĭtis, tulĕrint	
Infinito — Presente Perfeito Futuro	ferre tulisse latūrum, am, um — os, as, a; esse	
Particípio — Presente Futuro	ferens, ferēntis latūrus, a, um	
Gerúndio	ferēndi, ēndo, ēndum, ēndo,	
Supino	latum	

IMPERATIVO

PRESENTE

S. 2.ª p. fer
P. 2.ª p. ferte

FUTURO

S. 2.ª p. ferto
3.ª p. ferto
P. 2.ª p. fertōte
3.ª p. ferūnto

FERO = *levo*

129. — VOZ PASSIVA

	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Presente	feror, ferris, fertur ferĭmur, ferimĭni, ferūntur	ferar, ferāris, ferātur feramur, feramĭni, ferāntur
Imperfeito	ferēbar, ferebāris (ferebāre) ferebātur ferebāmur, ferebamĭni, ferebāntur	ferrer, ferrēris (ferrēre), ferrētur ferrēmur, ferremĭni, ferrēntur
Futuro imperf.	ferar, ferēris, ferētur ferēmur, feremĭni, ferēntur	
Perfeito	latus sum *ou* fui	latus sim *ou* fuerim
Pret. mais que perfeito	latus eram *ou* fueram	latus essem *ou* fuissem
Futuro perfeito	latus ero *ou* fuero	
Infinito — Presente Perfeito Futuro	ferri latum, am, um — os, as, a esse *ou* fuisse latum iri	IMPERATIVO PRESENTE S. 2.ª p. ferre P. 2.ª p. ferimini FUTURO S. 2.ª p. fertor 3.ª p. fertor P. 2.ª p. feremĭni 3.ª p. ferūntor
Participio — Perfeito Futuro	latus, a, um ferēndus, a, um (= *gerundivo*)	
Supino	latu	

Como *fero* conjugam-se os seus compostos, p. ex.:

Affĕro, fers, attŭli, allātum, affērre, *trazer.*
Aufĕro, fers, abstŭli, ablātum, aufērre, *tirar.*
Confĕro, fers, contŭli, collātum, confērre, *reunir, comparar.*
Diffĕro, differs, distŭli, dilātum, diffēre, *diferir.*
Effĕro, fers, extŭli, elātum, effērre, *levar para fora.*
Infĕro, fers, intŭli, illātum, infērre, *levar para dentro.*
Offĕro, fers, obtŭli, oblātum, offērre, *oferecer.*
Refĕro, fers, rettŭli, relātum, refērre, *levar para traz.*

Suffĕro tira o perfeito do verbo *sustinēre* e o supino de *sustentāre*: suffĕro, suffers, sustinŭi, sustentātum, suffērre, *suportar, sofrer.* Cede, porem, seu perfeito e supino ao verbo *tollo, is, sustŭli, sublātum, tollĕre*, erguer, levantar.

Os compostos de *tollo*: *attollo, extollo*, levanto, ergo, não têm perfeito, nem supino, cf. lista verbal, n. 169, pág. 129.

Relativamente ao acento cf. n. 6, *c*, observação *I*, pág. 12; n. 104, *f*, pág. 106.

130. — *Verbo* fio, *ser feito, tornar-se.*

Presente

Indicativo: Fio, fis, fĭt, fimus, fitis, fiunt.
Subjuntivo: Fiam, fias, fiat, fiāmus, fiātis, fiant.
Imperativo: Fi, fite. — No futuro, em lugar das formas desusadas *fito, fitote, fiunto*, emprega-se o subjuntivo *fiam, fias*, etc. ou as formas *esto, estote, sunto.*
Infinito: Fiĕri.

Pretérito imperfeito

Indicativo: Fiēbam, fiebas, fiebat, fiebāmus, fiebatis, fiebant.
Subjuntivo: Fiĕrem, fiĕres, fiĕret, fierēmus, fierētis, fiĕrent.

Futuro imperfeito

Indicativo: Fiam, fies, fiet, fiēmus, fiētis, fient.
Infinito: Fore *ou* futurum, am, um esse. *Passivo:* factum iri.
Particípio: Faciendus, a, um.

Pretérito perfeito

Indicativo: Factus sum, factus es, *etc.*
Subjuntivo: Factus sim, factus sis, *etc.*
Infinito: factum, am, um esse.
Particípio: Factus, a, um.

Pretérito mais que perfeito

Indicativo: Factus eram, factus eras, *etc.*
Subjuntivo: Factus essem, factus esses, *etc.*

Futuro perfeito

Indicativo: Factus ero, factus eris, *etc.*
Supino: Factu.

Observações. — *1) Os compostos de* facio *são de duas espécies: uns são compostos de* facio *e de uma preposição* (cum, per, ob, *etc.*) *ou da partícula* re- *e terminam em* -ficio, -feci, -fectum, -ficĕre; *outros são compostos de* facio *e de um outro elemento* (temas verbais ou adverbiais) *e terminam em* -facio, -feci, -factum, -facĕre. *Os compostos em* -facio *conjugam-se no passivo como* **fio**, *p. ex.:* **calefacio = calefio, calefactus sum, calefieri.** *Os compostos em* -ficio, *como* conficio, deficio, interficio, etc., *no passivo são regulares*: conficior, conficĕris, confectus sum, confīci. Cf. pág. 124, verbo n. 87.

2) Quanto ao imperativo, cf. n. 104, *I*, pág. 106.

3) Com respeito ao acento note-se que nos compostos em *facio* fica sempre sobre a sílaba *fă*, ainda que breve, p. ex.: *calefácit, patefácit;* mas dir-se-á: *praéficis, cónficis,* com o acento sobre a primeira sílaba. Cf. n. 6, *c*, observação *2*, pág. 12.

131. — *Os verbos* volo, *quero;* nolo, *não quero;* malo, *prefiro.*

Presente

Indicativo:	Volo	Nolo	Malo
	Vis	Non vis	Mavis
	Vult	Non vult	Mavult
	Volŭmus	Nolŭmus	Malŭmus
	Vultis	Non vultis	Mavultis
	Volunt	Nolunt	Malunt
Imperativo presente:		Noli	
		Nolīte	
Imperativo futuro:		Nolīto, nolīto	
		Nolitote, nolunto	
Subjuntivo:	Velim	Nolim	Malim
	Velis	Nolis	Malis
	Velit	Nolit	Malit
	Velīmus	Nolīmus	Malīmus
	Velītis	Nolītis	Malītis
	Velint	Nolint	Malint
Infinito:	Velle	Nolle	Malle
Particípio:	Volens (cupiens, *mais usado*)	**invītus**	

Pretérito imperfeito

Indicativo:	Volēbam	Nolēbam	Malēbam
	Volebas	Nolebas	Malebas
	Volebat	Nolebat	Malebat
	Volebāmus	Nolebāmus	Malebāmus
	Volebatis	Nolebatis	Malebatis
	Volebant	Nolebant	Malebant
Subjuntivo:	Vellem	Nollem	Mallem
	Velles	Nolles	Malles
	Vellet	Nollet	Mallet
	Vellēmus	Nollēmus	Mallēmus
	Velletis	Nolletis	Malletis
	Vellent	Nollent	Mallent

Pretérito perfeito

Indicativo:	Volŭi	Nolŭi	Malŭi
	Voluisti	Noluisti	Maluisti
	Volŭit	Nolŭit	Malŭit
	Voluĭmus	Noluĭmus	Maluĭmus
	Voluistis	Noluistis	Maluistis
	Voluerunt	Noluerunt	Maluerunt
Subjuntivo:	Voluĕrim	Noluĕrim	Maluĕrim
	Volueris	Nolueris	Malueris
	Voluerit	Noluerit	Maluerit
	Voluerimus	Noluerimus	Maluerimus
	Volueritis	Nolueritis	Malueritis
	Voluerint	Noluerint	Maluerint
Infinito:	Voluisse	Noluisse	Maluisse

Pretérito mais que perfeito

Indicativo:	Voluĕram	Noluĕram	Maluĕram
	Volueras	Nolueras	Malueras
	Voluerat	Noluerat	Maluerat
	Voluerāmus	Noluerāmus	Maluerāmus
	Volueratis	Nolueratis	Malueratis
	Voluerant	Noluerant	Maluerant
Subjuntivo:	Voluissem	Noluissem	Maluissem
	Voluisses	Noluisses	Maluisses
	etc.	etc.	etc.

Futuro imperfeito

Indicativo:	Volam	Nolam	Malam
	Voles	Noles	Males
	etc.	etc.	etc.

Futuro perfeito

Indicativo:	Voluĕro	Noluĕro	Maluĕro
	Volueris	Nolueris	Malueris
	etc.	etc.	etc.

132. — *Verbo* eo, *eu vou;*
radical i, *que se muda em* e *antes de* a, o, u.

Presente

Indicativo:	Eo, *eu vou.*	Abĕo, *eu me retiro* (*).
	īs	abīs
	ĭt	abĭt
	īmus	abīmus
	ītis	abītis
	ĕunt	abĕunt

(*) Para facilitar a conjugação dos compostos de eo, conjugamos abeo, que em todos os tempos e modos segue o verbo simples.

Imp. Pres.:	ī, *vai.*	abī, *retira-te.*
	īte, *ide.*	abīte, *retirai-vos.*
Futuro:	īto, īto	abīto, abīto
	itōte, eūnto	abitōte, abeūnto
Subjuntivo:	ĕam, *eu vá.*	abĕam, *eu me retire.*
	eas	abeas
	eat	abeat
	eāmus	abeāmus
	eātis	abeātis
	eant	abĕant
Infinito:	ire	abīre
	impessoal: *ir.*	impessoal: *retirar-se.*
	pessoal: *ir eu, ires tu,* etc.	pessoal: *retirar-me eu, retirares-te tu,* etc.
Particípio:	iens, euntis	abiens, abeuntis

Pretérito imperfeito

Indicativo:	ībam, *eu ia.*	abībam, *eu me retirava.*
	ibas	abibas
	ibat	abibat
	ibāmus	abibāmus
	ibatis	abibatis
	ibant	abibant
Subjuntivo:	īrem, *eu fosse.*	abīrem, *eu me retirasse.*
	ires	abires
	iret	abiret
	iremus	abiremus
	iretis	abiretis
	irent	abirent

Pretérito perfeito

Indicativo:	iī, *eu fui.*	abiī, *eu me retirei.*
	isti	abisti
	iit	abiit
	iīmus	abiīmus
	istis	abistis
	iērunt	abierunt
Subjuntivo:	iĕrim, *eu tenha ido.*	abiĕrim, *eu me tenha retirado.*
	ieris	abieris
	ierit	abierit
	ierimus	abierimus
	ieritis	abieritis
	ierint	abierint

Infinito:	īsse impessoal: *ter ido.* pessoal: *ter eu, teres tu ido,* etc.	abīsse impessoal: *ter-se retirado.* pessoal: *ter-me eu, teres-te tu retirado,* etc.

Pretérito mais que perfeito

Indicativo:	iĕram, *eu fora* ou *tinha ido.* ieras ierat ierāmus ieratis ierant	abiĕram, *eu me retirara* ou abieras (*eu me tinha* abierat (*retirado.* abierāmus abieratis abierant
Subjuntivo:	īssem, *eu tivesse ido.* īsses īsset īssemus īssetis īssent	abīssem, *eu me tivesse re-* abīsses (*tirado.* abīsset abīssemus abīssetis abīssent

Futuro imperfeito

Indicativo:	ībo, *eu irei.* ībis ībit ībĭmus ībĭtis ībunt	abībo, *eu me retirarei.* abībis abībit abibĭmus abibĭtis abībunt
Particípio:	iturus, a, um, *havendo* ou *tendo de ir.*	abiturus, a, um, *havendo* ou *tendo de me retirar.*
Infinito:	itūrum, os, *haver* ou *ter de ir.* ituram, as iturum, a esse	abitūrum, os, *haver* ou *ter de se retirar.* abituram, as abiturum, a esse

Futuro perfeito

Indicativo:	iĕro, *eu terei ido.* ieris ierit ierimus ieritis ierint	abiĕro, *eu me terei retirado* abieris abierit abierimus abieritis abierint

Gerúndio

Gen.:	eundi, *de ir.*	abeundi, *de retirar-se.*
Dat.:	eundo, *a ir, indo.*	abeundo, *a retirar-se, reti-* (*rando-se.*
ac.:	eundum, *a ir, para ir.*	abeundum, *a retirar-se, pa-* (*ra retirar-se.*
Abl.:	eundo, *indo.*	abeundo, *retirando-se.*

Gerundivo

eundum est (impes.), *deve-se ir.* — abeundum est (impes.), *deve-se retirar.*

Supino

ĭtum, *a, para ir.* — abĭtum, *a, para retirar-se.*

NOTA I. — O perfeito normal de **eo** é **ĭi**, não **īvī**; *ivi* é forma secundária, rara mesmo nos poetas.

NOTA II. — A prosa clássica contrai regularmente **ii** antes de **s.** — Cícero usa sempre:

a) isti, adisti, existi; istis, adistis, existis;
b) issem, adissem, exissem; isses, adisses, exisses;
c) isse, abisse, obisse, perisse, praeterisse, etc.

Nos poetas a forma **ii** às vezes se contrai, outras não; a prosa post-clássica segue o uso dos poetas.

NOTA III. — Os compostos de **eo** conjugam-se como o simples, exceto **ambĭo,** *andar ao redor, girar,* que se conjuga completamente como os da 4.ª conjugação: *ambĭo* (por *ambeo*), *ambīs, ambĭi* e *ambīvi, ambītum, ambīre,* p. ex.: *ambiēbam, ambĭam* (*ambĭes, etc.*), *ambĭens* (*ambiēntis*), etc., e não: ambībam, ambībo, ambĭens, (abeūntis) etc.

Os principais compostos de eo *são:*

Abĕo, is, abĭi, abĭtum, abīre, *ir-se embora, retirar-se, ausentar-se, partir.*
Adĕo, is, adĭi, adĭtum, adīre, *ir, vir a* ou *para, visitar, atacar, investir.*
Exĕo, is, exĭi, exĭtum, exīre, *sair.*
Inĕo, is, inĭi, inĭtum, inīre, *ir para, entrar, começar, investir.*
Intĕrĕo, is, interĭi, interĭtum, interīre, *perecer, perder-se.*
Obĕo, is, obĭi, obĭtum, obīre, *enfrentar, empreender.*
Perĕo, is, perĭi, perĭtum, perīre, *perecer.*
Praetĕrĕo, is, praeterĭi, praeterĭtum, praeterīre, *ultrapassar.*
Prodĕo, is, prodĭi, prodĭtum, prodīre, *ir para adiante, avançar.*
Redĕo, is, redĭi, redĭtum, redīre, *voltar.*
Subĕo, is, subĭi, subĭtum, subīre, *ir para baixo, meter-se debaixo, marchar contra, expor-se a, arrostar.*
Transĕo, is, transĭi, transĭtum, transīre, *passar.*
Venĕo, is, venĭi, (venĭtum, venum), venīre, *ser vendido, etc.*

NOTA IV. — **Perĕo** supre o passivo de **perdo,** *arruinar;* pereo não **perdor**; **perībam** não **perdebar,** etc.

Vēneo, is, venĭi, (**venĭtum, venum**), **venīre,** *ser vendido* (=**venum eo,** *sou vendido*) supre o passivo de **vendo, is, vendĭdi, vendĭtum, vendĕre,** que na voz passiva só tem as formas **vendĭtus** e **vendendus.**

E' necessário distinguir entre **captivi vēnĕunt, venībant, venībunt, veniērunt,** *os escravos são, eram, serão, foram vendidos,* etc., e as formas: **captivi vĕniunt, veniēbant, venērunt,** etc., *os escravos veem, vinham, vieram,* etc.

NOTA V. — Na voz passiva do verbo **eo** só se encontra a terceira pessoa singular: **itur,** *vai-se,* **itum est,** *foi-se.* Alguns

compostos, porem, como **adeo, transeo, praetereo,** etc., são transitivos e têm toda a voz passiva:

Presente:	adĕor, adīris, adītur, adīmur, adimĭni, adeuntur.
	adĕar, adeāris, adeātur, adeāmur, adeamini, adeantur.
Imperfeito:	adībar, adibaris..., adīrer, adireris, *etc.*
Futuro:	adībor, adibĕris, *etc.*
Part. perf.:	adĭtus.
Gerundivo:	adeundus, a, um.

133. — *Os verbos* **queo,** *posso;* **nequĕo,** *não posso.*

O verbo **queo** é composto do advérbio **qui**=*como, de que modo,* e do verbo **eo.** Conjuga-se como **eo,** exceto nas formas do perfeito, que são iguais às de **audio.**

Presente

Indicativo:	queo, *eu posso.*	nequĕo, *eu não posso.*
	quis	nequis
	quit	nequit
	quīmus	nequīmus
	quītis	nquītis
	queunt	nequĕunt
Subjuntivo:	queam, *eu possa.*	nequĕam, *eu não possa.*
	queas	nequeas
	queat	nequeat
	queāmus	nequeāmus
	queatis	nequeatis
	queant	nequĕant
Infinito:	quire	nequire
	impessoal: *poder*	impessoal: *não poder.*
	pessoal: *poder eu, poderes tu,* etc.	pessoal: *não poder eu, não poderes tu,* etc.
Particípio:	quiens	nequĭens
	queuntis	nequeuntis

Pretérito imperfeito

Indicativo:	quibam, *eu podia.*	nequibam, *eu não podia.*
	......	......
	quibat	nequibat
		nequibant
Subjuntivo:	quirem, *eu pudesse.*	nequirem, *eu não pudesse.*
	......	......
	quiret	nequiret
	......	nequiremus
	......	......
	quirent	nequirent

Pretérito perfeito

Indicativo:	quivi, etc., *eu pude.*	nequivi, etc., *eu não pude.*
Subjuntivo:	quivĕrim, etc., *eu tenha podido.*	nequivĕrim, etc., *eu não tenha podido.*
Infinito:	quisse	nequisse
	impessoal: *ter podido.*	impessoal: *não ter podido.*
	pessoal: *ter eu podido,* etc.	pessoal: *não ter eu podido,* etc.

Pretérito mais que perfeito

Indicativo:	quivĕram, etc., *eu pudera.*	nequivĕram, etc., *eu não pudera.*
Subjuntivo:	quivissem, etc., *eu tivesse podido.*	nequivissem, etc., *eu não tivesse podido.*

Futuro imperfeito

Indicativo:	quibo (arcaico), *eu poderei.*	nequibo (arcaico), *não poderei.*
	quibunt	nequibunt

Futuro perfeito

Indicativo:	quivĕro, etc., *eu terei podido.*	nequivĕro, etc., *eu não terei podido.*

Supino

quĭtum, *para poder.*	nequĭtum, *para não poder.*

Estes verbos carecem do **imperativo,** do **particípio futuro** e do **gerúndio.**

Observação. — Encontram-se tambem algumas formas arcaicas da voz passiva: *quitur, quentur, nequĭtur, quĭta* e *nequĭta est* acompanhadas por um infinito passivo, p. ex.: *forma in tenebris nosci non quita est,* nas trevas não se pôde conhecer a figura; *nequĭtum est oppidum expugnari,* não se pôde tomar a fortaleza.

134. — Verbo **edo,** *como.*

O verbo edo, alem da conjugação regular (cf. n. 120, verbo n. 83, pág. 124), é redundante em algumas formas, que tem semelhantes às do verbo **sum.** São: o presente do indicativo, o presente do imperativo, o presente do infinito e o imperfeito do subjuntivo:

Presente

Indicativo:

ĕdo, *como*
edis *e* ēs (*de* ed-s)
edit *e* ēst (*de* ed-st)
edĭmus
edĭtis *e* ēstis (*de* ed-stis)
edunt

Não se deve confundir ēs, ēst, ēstis *de* **edo** *com* ĕs, ĕst, ĕstis de **sum.**

Imperativo Presente:	ede *e* **ēs**
	edĭte *e* **ēste**
Imperativo Futuro:	edĭto *e* **ēsto**
	edĭto *e* **ēsto**
	editōte *e* **estōte**
	edunto
Infinito:	edĕre *e* **ēsse** (*de* ed-se)
Passivo (ind. pres.):	edĭtur *e* **estur,** *come-se.*
Imperf. do Subjuntivo:	edĕrem *e* **ēssem**
	edĕres *e* **ēsses**
	edĕret *e* **ēsset** (*pass.:* ederetur e **essētur**)
	ederēmus *e* **ēssēmus**
	ederētis *e* **ēssētis**
	edĕrent *e* **ēssent**

As formas mais usadas na boa latinidade são as **atemáticas:** ēs, ēst, ēstis, ēssem, ēsse, *etc.* — Cf. tambem n. 106, *a,* pág. 106.

§ III

Verbos defectivos.

135. — Chamam-se *defectivos* os verbos que carecem de algum modo, de algum tempo ou de alguma pessoa. Os verbos seguintes só têm as formas abaixo indicadas.

Verbo **inquam,** *eu digo.*

Presente do Indicativo:	inquam
	inquis
	inquit
	inquĭmus
	inquĭtis
	inquĭunt
Presente do Imperativo:	(inque, inquĭto)
Imperf. do Indicativo:	inquiebat, *ele dizia.*
Futuro do Indicativo:	inquies
	inquiet
Perfeito do Indicativo:	inquisti
	inquit

Inquam propriamente significa *digo eu* e o sujeito coloca-se quase sempre depois e não antes do verbo: *sequimini me,* **inquit centurio,** *commilitones.*

136. — Verbo **aio**, *eu digo, afirmo, sustento.*

Presente do Indicativo:	aio, *eu afirmo.*
	ais
	ait
	. . . . . .
	. . . . . .
	aiunt
Pres. do Subjuntivo:	. . . . . .
	aias, *afirmes.*
	aiat
	. . . . . .
	. . . . . .
	aiant
Pres. do Particípio:	aiens, *afirmando.*
Imperf. do Indicativo:	aiebam, *eu afirmava.*
	aiebas
	aiebat
	aiebāmus
	aiebātis
	aiebant
Perfeito do Indicativo:	ait, *ele afirmou.*

Observações sobre INQUAM e AIO

1) Inquam, *digo,* nos historiadores encontra-se tambem com o valor de perfeito: *disse.*

2) Referindo palavras alheias ou próprias podemos seguir dois métodos: *discurso direto* e *discurso indireto.*

No *discurso direto* usam-se as *mesmas palavras* empregadas pelo que as pronunciou e *intercala-se* sempre o verbo *inquam,* p. ex.: *non errasti, inquit, mater,* não erraste, ó mãe, disse ele; *tum ille: nego, inquit, verum esse,* então ele: nego, disse, que isto seja verdade.

O sujeito sempre se pospõe ao verbo, p. ex.: *equĭdem, inquit alter, me contemptum gaudeo,* por mim, disse o outro, gosto de ter sido desprezado.

No *discurso indireto* relata-se simplesmente o sentido das palavras do indivíduo que as proferiu, sentido que se exprime em português com proposições dependentes de um verbo que significa *dizer, responder, narrar,* e em latim exprime-se por meio do verbo *aio,* as mais das vezes intercalado e sempre unido ao próprio sujeito, ou tambem pelos verbos *dico, respondeo, clamo, nego,* etc., que se intercalam ou precedem com ou seguidos do próprio sujeito, p. ex.:

Discurso direto: O amigo certo, diz Ênio, se conhece nas desgraças = *Amicus certus,* **inquit** *Ennius, in re incerta cernĭtur.*

Discurso indireto: Diz Ênio que o amigo certo se conhece nas desgraças = *amicum certum* **ait** *Ennius in re incerta cerni.*

Outro exemplo: *Dis. dir.*: O ânimo fraco, diz Ênio, erra sempre = animus aeger, *inquit Ennius,* semper errat. *Disc. ind.*: Diz Ênio que o ânimo fraco erra sempre = animum aegrum *ait Ennius* semper errare. — Pode-se tambem dizer: Animum aegrum *dicit Ennius* semper errare — *Ennius dicit* aninum aegrum semper errare — *Ennius* animum aegrum *dicit* semper errare.

Nota. — I) No discurso direto pode-se tambem usar *ait,* mas neste caso é precedido de *ut,* que forma com o verbo uma expressão em forma de parêntesis, p. ex.: *ut ait Cicero* = como diz Cícero; *ut aiebat Cato* = como costumava dizer Catão.

Esta expressão deve ser intercalada nas palavras que se referem em modo direto, p. ex.: *Qui* (=*quomodo*) *potest esse vita vitalis*, ut ait Ennius, *quae non in amici mutua benevolentia conquiescat? Historia*, ut ait Cicero, *est magistra vitae*, a história, como diz Cícero, é mestra da vida.

II) Tambem, para retomar o discurso, onde o português usa *digo*, o latim serve-se de *inquam*, p. ex.: *Nostra est, nostra est*, inquam, *haec gloria* = E' nossa, é nossa, *digo*, esta glória.

137. — Verbo **for, faris**, *falar.*

Presente do Indicativo: **fatur**, *ele fala.*
Presente do Imperativo: **fare**, *fala.*
Presente do Infinito: **fari**, *falar.*
Imp. do Indicativo: (**fabar**, *falava*).
Imp. do Subjuntivo: (**farer**, *falasse*).
Futuro Imperfeito: **fabor, fabĭtur**, *falarei, falará.*
Perfeito do Indicativo: **fatus sum**, etc., *falei.*
Perfeito do Subjuntivo: **fatus sim**, etc., *tenha falado.*
Mais que perfeito do Indic.: **fatus eram**, etc., *falara* e *tinha falado.*
Mais que perfeito do Subj.: **fatus essem**, etc., *tivesse falado.*
Futuro perfeito: **fatus ero**, etc., *terei falado.*
Particípio presente: **fantis, fantem** (sem nom.)
Particípio perfeito: **fatus, a, um.**
Supino: **fatu.**
Gerúndio: **fandi, fando.**
Gerundivo: **fandus, a, um**, *quase sempre com* **in** *ou* **ne**: nefandus *ou* infandus, *indizivel.*

Na prosa clássica só se encontram as formas: **fari**, infinito; **fando**, gerúndio e o gerundivo **fandus**.

138. — Coepi, memĭni, odi, novi.

Os verbos **coepi**, *eu comecei*,
memĭni, *eu me lembro*,
odi, *eu odeio*,
novi, *eu sei*,

são só usados no perfeito e nos tempos formados do perfeito.

Perfeito do indicativo

coepi	memĭni	odi	novi
coepisti	meministi	odisti	novisti
coepit	memĭnit	odit	novit
coepĭmus	meminĭmus	odĭmus	novĭmus
coepistis	meministis	odistis	novistis
coepērunt	meminērunt	odērunt	novērunt

Perfeito do subjuntivo

coepĕrim	meminĕrim	odĕrim	novĕrim
coeperis	memineris	oderis	noveris
coeperit	meminerit	oderit	noverit
coeperĭmus	meminerĭmus	oderĭmus	noverĭmus
coeperitis	memineritis	oderitis	noveritis
coeperint	meminerint	oderint	noverint

Perfeito do infinito

coepīsse	meminīsse	odīsse	novīsse

Mais que perfeito do indicativo

coepĕram	meminĕram	odĕram	novĕram
coeperas	memineras	oderas	noveras
coeperat	meminerat	oderat	noverat
coeperāmus	meminerāmus	oderāmus	noverāmus
coeperātis	meminerātis	oderātis	noverātis
coeperant	meminerant	oderant	noverant

Mais que perfeito do subjuntivo

coepissem	meminissem	odissem	novissem
coepisses	meminisses	odisses	novisses
coepisset	meminisset	odisset	novisset
coepissēmus	meminissēmus	odissēmus	novissēmus
coepissetis	meminissetis	odissetis	novissetis
coepissent	meminissent	odissent	novissent

Futuro perfeito

coepĕro	meminĕro	odĕro	novĕro
coeperis	memineris	oderis	noveris
coeperit	meminerit	oderit	noverit
coeperĭmus	meminerĭmus	oderĭmus	noverĭmus
coeperitis	memineritis	oderitis	noveritis
coeperint	meminerint	oderint	noverint

a) **Memĭni** e **odi** são perfeitos com significação de presente; **novi** é tambem perfeito com significação de presente, mas não é verbo *defectivo;* **novi** é perfeito de **nosco** que significa *começo a conhecer.*

b) **Odi** não tem imperativo, mas tem o particípio futuro: **osurus, a, um** e o infinito: **osurum, am, um esse.** O particípio perfeito *osus, a, um* é antiquado.

c) **Memĭni** tem só o imperativo futuro: **memento, mementote** (cf. n. 104, *e,* pág. 106); os tempos de que carece suprem-se com o verbo **recordari** (*recordor, āris, atus sum, ari*), *recordar-se.*

d) **Coepi** não tem imperativo, mas tem o particípio perfeito: **coeptus, a, um**; o particípio futuro: **coepturus, a, um** e o infinito futuro **coepturum, am, um esse.** Os tempos de que carece suprem-se com o verbo *incĭpĭo, is, cēpi, cēptum, ĕre,* que é regular e completo.

e) Do verbo **novi** encontram-se muitas formas sincopadas, p. ex.: **nosti** por **novisti**; **nostis** por **novistis**; **norunt** por **noverunt**; e do mesmo modo **norim, noris, norit** em lugar de **noverim, noveris, noverit,** etc.; **noram,** etc. por **noveram**; **nossem** por **novissem**; mas dir-se-á sempre: **novero** e não **noro** (cf. n. 104, *b*, pág. 106).

f) E' supérfluo advertir que se o perfeito tem significação de presente, o mais que perfeito tem valor de imperfeito: **noveram,** *sabia;* **oderam,** *odiava;* **memineram,** *eu me lembrava;* o futuro perfeito de imperfeito: **novero,** *saberei,* **odero,** *odiarei;* **meminero,** *eu me lembrarei.*

139. — *Os verbos* **quaeso** (quaesumus), **ave, salve, vale, cedo, defit, infit.**

a) As formas **quaeso** (*eu rogo*), **quaesumus** (*nós rogamos*) =*por favor,* usam-se adiante de uma interrogação direta: **quaeso, quid hoc est?** *por favor, que é isto?* ou intercaladas em forma de pedido: **tu, quaeso, crebro ad me scribe:** *tu, por favor, escreve-me frequentemente.*

Quaeso propriamente é um verbo arcaico que fornece o pretérito perfeito ao verbo **quaero,** que faz **quaesīvi.**

b) **Ave, salve, vale** são fórmulas de saudação e usam-se no imperativo, no infinito e, às vezes, no futuro:

Imperativo singular:	ave	salve	vale
plural:	avēte	salvēte	valēte
Imperativo futuro:	avēto	salvēto	valēto
Futuro:		salvēbis	valēbis

Observação. — Ave, avete era a saudação dos encontros; salve, salvete a das recepções e boas vindas — vale, valete a das despedidas, separações e finalizava as cartas de carater familiar, por exemplo em Cicero: *vale; etiam atque etiam vale; cura ut valeas,* etc. — Os futuros salvebis, valebis correspondem, pouco mais ou menos, a salve e vale.

Os infinitos **avēre, salvēre, valēre** só se usam em união com o verbo **jubeo**: te salvere jubeo = *eu te saudo, dou-te as boas vindas;* te valere jubeo = *digo-te adeus; passar bem.*

c) **Cedo,** plural **cette** (de *cedite*), é um antigo imperativo e significa *dá, traze, anda, dize, mostra, deixa ver.* **Cedo dexteram,** *dá-me a tua mão direita;* **cedo tuum consilium,** *dize o teu parecer;* **cedo igitur, quid faciam?** *ora pois, que devo fazer?* **Cette manus vestras, measque accipite,** *dai-me vossa mão, eis a minha.* — *Cedo* se encontra tambem com nomes plurais.

d) **Defit, defīunt,** *falta, faltam;* **defīet,** *faltará;* **defīat,** *falte;* infinito **defiĕri,** *faltar.*

e) **Infit,** *começa a* (seguido de um infinito), p. ex.: **ita farier infit,** *assim começa a falar.*

§ IV

Verbos impessoais.

140. — Chamam-se impessoais os verbos que não têm um sujeito pessoal e usam-se unicamente na terceira pessoa do singular e no infinito.

I. — *Verbos metereológicos.*

Fulget	fulsit	fulgēre	*relampeja.*

Fulgeo usado pessoalmente corresponde a *resplandecer.*

Tonat	tonuit	tonāre	*troveja.*
Ningit	ninxit	ningĕre	*neva.*
Grandĭnat		grandināre	*saraiva.*
Lucescit	luxit	lucescĕre	*amanhece.*
Vesperascit	vesperavit	vesperascĕre	*anoitece.*

II. — *Verbos que indicam prazer, dever, necessidade.*

Libet	libuit	libēre	*apraz.*
Licet	licuit	licēre	*é lícito.*
Decet	decuit	decēre	*convem.*
Dedĕcet	dedecŭit	dedecēre	*não convem.*
Oportet	oportuit	oportēre	*é preciso.*
Rēfert	rettŭlit	refērre	*importa.*
Intĕrest	interfuit	interēsse	*importa.*

Não se deve confundir rēfert *com* rĕfert *de* rĕfĕro. Rēfert *impessoal deriva-se de* rē (rēs) *e* fert.

III. — *Verbos que indicam afeição da alma.*

Piget (me)	piguit	pigēre	*pejo-me.*
Pudet (me)	puduit	pudēre	*envergonho-me.*
Paenĭtet (me)	paenituit	paenitēre	*arrependo-me.*
Taedet (me)	pertaesum est	taedēre	*enfado-me.*
Misĕret (me)	miserĭtus sum (*de* misereor), miserēre, *compadeço-me.*		

a) Em lugar de *me miseret,* a prosa clássica usa *misereor, miserēris,* regular e completo.

b) Os verbos impessoais conjugam-se regularmente; carecem, porem, do imperativo que é substituido pelo subjuntivo.

arrépende-te = paeniteat te;
compadece-te = misereat te;
envergonhai-vos = pudeat vos.

c) Estes últimos cinco verbos: *piget, pudet, paenĭtet, taedet, misĕret* querem no acusativo o nome da pessoa que se enfada, se envergonha, se arrepende de alguma cousa.

Presente do indicativo

Pudet me neglegentiae, *eu me envergonho da negligência.*
Pudet te neglegentiae, *tu te envergonhas da negligência.*
Pudet **eum** (*não* **se**) neglegentiae, *ele se envergonha da negligência.*
Pudet nos neglegentiae, *nós nos envergonhamos da negligência.*
Pudet vos neglegentiae, *vós vos envergonhais da negligência.*
Pudet **eos** (*não* **se**) neglegentiae, *eles se envergonham da negligência.*

Presente do subjuntivo

Pudĕat me neglegentiae.
Pudĕat te neglegentiae.
Etc., etc., etc.

Imperfeito do indicativo

Pudebat me neglegentiae.
Pudebat te neglegentiae.
Pudebat **eum** neglegentiae.
Pudebat nos neglegentiae.
Pudebat vos neglegentiae.
Pudebat **eos** neglegentiae.

Imperfeito do subjuntivo

Accĭdit ut paeniteret me neglegentiae, *aconteceu que eu me arrependesse da negligência.*
Accĭdit ut paeniteret te neglegentiae.
Accĭdit ut paeniteret **eum** neglegentiae.
Accĭdit ut paeniteret nos neglegentiae.
Accĭdit ut paeniteret vos neglegentiae.
Accĭdit ut paeniteret **eos** neglegentiae.

IV. — *Os verbos intransitivos quando são usados passivamente.*

a) Os *verbos intransitivos* em *-o* podem-se usar impessoalmente com significação passiva na 3.ª pessoa singular da voz passiva p. ex.:

Curritur = corre-se (de *curro* = corro).
Vivĭtur = vive-se (de *vivo* = vivo).
Itur = vai-se (de *eo* = vou).
Dormītur = dorme-se (de *dormio* = durmo).
Pugnatur = combate-se (de *pugno* = combato).

b) O verbo instransitivo, não admitindo a forma passiva, carece pois do particípio perfeito, forma que é própria desta voz.

Contudo, nesta construção podem-se tambem usar os particípios perfeitos destes mesmos verbos em *-o*, por exemplo:

Ventum est=veio-se (mas não *ventus, a, um*).
Perventum est=chegou-se (mas não *perventus, a, um*).
Tibi eundum est, tu deves ir.

Nota. — A construção impessoal com significação passiva nunca se pode fazer com os verbos depoentes, a não ser no gerundivo. Por conseguinte *imitatur=ele imita* e não *imita-se;* mas pode-se dizer: *imitandum est=deve-se imitar.*

CAPITULO XII

PALAVRAS INDECLINAVEIS

§ I

Advérbio

141. — Advérbio é uma palavra invariavel, que se junta a verbos, adjetivos e a outros advérbios para lhes modificar a significação, p. ex.: **optime valeo**, *passo otimamente;* **longe ditissimus**, *muitíssimo rico;* satis **commode**, *assaz vantajosamente.*

A mor parte dos advérbios são antigos casos.

São por exemplo antigos ablativos da 2.ª declinação: **initio, principio**, etc.

Antigos ablativos da 1.ª declinação: **dextrā**, *à direita;* **sinistra**, *à esquerda;* **una**, *juntamente;* **gratis=gratiis**, *com os simples agradecimentos, gratuitamente.*

São antigos casos locativos: **heri, foris**, etc.

São acusativos singulares neutros: **multum, nimium, parum**, etc.

São antigos acusativos singulares femininos: **perpĕram**, *falsamente;* **bifarĭam**, *em duas partes;* **trifarĭam**, *em três partes.*

São acusativos singulares de temas em **i**: **statim**, de um arcaico *statis;* **certatim, gradatim, confestim**, etc.

Os advérbios soem distinguir-se em:

1) *advérbios de lugar;*
2) *advérbios de tempo;*
3) *advérbios de modo e qualidade.*

1) — Advérbios de lugar

142. — Os advérbios de lugar respondem a uma das seguintes perguntas:

Ubi, *onde?* pergunta em que lugar se acha alguem, e chama-se advérbio de lugar onde.

Quo, *para onde?* pergunta para que lugar alguem vai e chama-se advérbio de lugar para onde.

Unde, *donde?* pergunta de que lugar alguem sai ou vem e chama-se advérbio de lugar donde.

Qua, *por onde?* pergunta o lugar pelo qual alguem passa e chama-se advérbio de lugar por onde.

LUGAR ONDE Ubi, *onde?*	LUGAR PARA ONDE Quo, *para onde?*	LUGAR DONDE Unde, *donde?*	MOVIMENTO POR ONDE Qua, *por onde?*
hic, *aquí*	**huc,** *para cá*	**hinc,** *daquí*	**hac,** *por aquí*
istic, *aí (perto de ti)*	**istuc,** *para aí*	**istinc,** *daí*	**istac,** *por alí*
illic, *alí*	**illuc,** *para lá*	**illinc,** *dalí*	**illac,** *por lá*
ibi, *aí*	**eo,** *para alí*	**inde,** *de lá*	**ea,** *por aquele lugar*
ibīdem, *aí mesmo*	**eodem,** *para o mesmo lugar*	**indĭdem,** *do mesmo lugar*	**eādem,** *pelo mesmo caminho*
ubi, *onde*	**quo,** *para onde*	**unde,** *donde*	**qua,** *por onde*
ubicumque, *em qualquer lugar*	**quocumque,** *para qualquer parte*	**undecumque,** *de qualquer parte*	**quacumque,** *por qualquer parte*
alicŭbi, *em algum lugar*	**alĭquo,** *para alguma parte*	**alicunde,** *de algum lugar*	**alĭqua,** *por alguma parte*
usquam, *em algum lugar* (prop. neg.)	**quoquam,** *para um lugar qualquer* (prop. neg.)		**utrāque,** *pelos dois lados*
ubīque, *em toda a parte*		**undĭque,** *de todas as partes*	**qualĭbet,** *por um lugar qualquer.*
alĭbi, *em outro lugar*	**alio,** *para outro lugar*	**aliunde,** *de outro lugar.*	

2) — Advérbios de tempo.

143. — *a)* Os advérbios de tempo são:

Interrogativos: **quando?** *quando?* **quamdĭu?** *por quanto tempo?* **quousque?** *até quando?* **quotiens?** *quantas vezes?*

Demonstrativos: **nunc,** *agora;* **tum, tunc,** *então;* **tamdĭu,** *por tanto tempo;* **diu,** *por muito tempo;* **jamdĭu,** *desde muito tempo;* **totiens,** *tantas vezes,* etc.

Relativos: **quandocumque,** *cada vez que;* **quotienscumque,** *todas as vezes que;* **dum, quoad, donec,** *durante o tempo em que, até que, enquanto,* etc.

Indefinitos: **aliquando,** *alguma vez, um dia;* **quondam,** *outrora;* **alĭas,** *outras vezes;* **aliquamdĭu,** *por algum tempo;* **aliquotiens,** *algumas vezes.*

b) Os advérbios numerais, que indicam o número das vezes, a ordem e a sucessão dos fatos, podem-se classificar entre os advérbios de tempo:

semel, *uma vez;* **primum,** *pela primeira vez,* **primo,** *em primeiro lugar;*

bis, *duas vezes;* **iterum,** *pela segunda vez;* **secundo,** *em segundo lugar;*
ter, *três vezes;* **tertium,** *pela terceira vez;* **tertio,** *em terceiro lugar.*

c) Outros advérbios de tempo que mais importa conhecer são:

hodie, *hoje* (de **hod die = hoc die,** *neste dia);*
pridie, *no dia antecedente, na véspera;* **prostridie,** *no dia seguinte;*
cotidie, *cada dia;* **quotannis,** *cada ano;* **cras,** *amanhã;*
perendĭe, *depois de amanhã;* **propedĭem,** *daquí a poucos dias;* **diu,** *por muito tempo;*
pridem, *desde muito tempo;* **modo,** *há pouco, pouco antes; recentemente;* **illĭco,** *logo;*
extemplo, *imediatamente;* **brevi,** *em pouco tempo;* **adhuc,** *até aquí;* **deinde, dein,** *depois, em seguida;*
subinde, *sucessivamente, logo depois.*

3) — **Advérbios de modo e qualidade.**

144. — A mor parte dos advérbios de modo e qualidade formam-se dos adjetivos qualificativos e dos particípios.

a) Os advérbios em **e** correspondem ordinariamente aos adjetivos em **us** e **er**: **doctus,** *docte;* **liber,** *libere.*

b) Os advérbios em **ter** ou em **iter** correspondem ordinariamente aos adjetivos da terceira declinação:

prudens, prudenter, *prudentemente;*
audax, audacter, *audazmente;*
felix, felicĭter, *felizmente;*
fortis, fortĭter, *fortemente;*
par, parĭter, *igualmente.*

Bonus, malus e **magnus,** por exceção, têm os advérbios **bene, male** e **magnopere.**

c) Amiude se emprega como advérbio o acusativo neutro singular do adjetivo:

facilis, adv. **facile,** *facilmente;*
difficilis, adv. **difficile,** *dificilmente;*
recens, adv. **recens,** *recentemente.*

d) Os advérbios de modo e qualidade em **e,** em **o,** e em **ter** são os únicos que têm regularmente comparativo e superlativo:

docte	**doctius**	**doctissime**
fortiter	**fortius**	**fortissime**
saepe	**saepius**	**saepissime**
nuper		**nuperrime**
diu	**diutius**	**diutissime.**

e) Alguns advérbios têm o comparativo e superlativo irregulares do seguinte modo:

bene	**melius**	**optime**
male	**pejus**	**pessime**
magnopere	**magis**	**maxime**
multum	**plus**	**plurĭmum**
non multum	**minus**	**minĭme.**

§ II

Preposição.

145. — Preposição é palavra invariavel que se antepõe a um nome ou pronome para exprimir, mais clara e exatamente do que com o uso do simples caso, uma circunstância de tempo ou de lugar, de instrumento ou de modo, de causa ou de origem.

146. — **Preposições que regem o acusativo.**

Ad=*a, ao, à; aos, às; para;* indica *movimento, direção, fim.*
Ad castra venire, *vir* ou *ir ao acampamento.*
Ad tuendam nostram libertatem, *para tutelar a nossa liberdade.*

Às vezes, **ad** vem seguido do advérbio **versus** ou precedido do advérbio **usque: ad urbem versus**=*para a cidade;* **usque ad urbem,** *até à cidade.*

Ante=*diante de, perante; antes de;* indica tempo e lugar. **Ante oppidum,** *diante da cidade;* **ante diem quartum Kalendas Februarias,** *29 de janeiro.*

Post=*depois de, atrás de* (lugar); **post tergum,** *pelas costas.*
—*depois* (tempo): **post captos Veios,** *depois da tomada de Veios.*

Pōne, de **post-ne**=*atrás.* Frequente no período arcaico, raríssima em Cícero e Cesar.

Apud=*junto de, perto de* (lugar): **incredibilis apud Cannas pugna,** *a formidavel batalha perto de Canas.*
—*diante, em casa de* (com nomes de pessoas e coletivos):
Apud Germanos haec consuetudo est, *entre os Germanos há este costume.*
Apud Platonem legimus, *lemos em Platão.*
Dicere apud populum, *falar diante do povo.*

Ob=*por causa de:* **ob iram,** *por raiva.*
—*diante de* (lugar): **ob oculos,** *diante dos olhos.*

Per=*através de, durante, por, por meio de, por causa de.*
Per Umbriam venit, *veio através da Úmbria.*
Per multos annos, *durante muitos anos.*
Per dedĕcus, *ignominiosamente.*

Juxta=*ao pé de, junto a* (usa-se raramente).
Caesar juxta murum castra posuit, *Cesar acampou perto dos muros.*

Penes = *em posse de, em poder de.* Usa-se quase sempre com os nomes de pessoa: **penes milites,** *em poder dos soldados.*

Propre = *perto de, ao pé de, junto a.* **Prope castra, prope ripam,** *perto do acampamento, perto da margem.*

Propius castra, *mais perto do acampamento.*

Proxime castra, *muito próximo do acampamento.*

Não se deve confundir **prope** preposição com **prope** advérbio: **prope cotidie,** *quase todos os dias.*

Propter = *perto de* (lugar): **propter** (= **prope**) **statuam consedimus,** *paramos perto da estátua.*

—*por causa de:* **propter eam causam,** *razão por que.*

Versus = *para, para a parte de, em direção a.* Usa-se posposto com **ad** e **in. Ad oceanum versus,** *para o oceano;* **in forum versus,** *para a praça.* Com os nomes de cidade, porem, usa-se somente **versus** sem as preposições **in** ou **ad** : **Romam versus.**

Adversus = *defronte de, em direção a* (lugar).

Impetum adversus montem faciunt, *lançam-se pelo monte acima.*

—*contra*: **adversus rempublicam bellum gerere,** *fazer guerra contra a república.*

—*para com* (em sentido favoravel, mas é raro): **est pietas justitia adversus deos,** *a piedade é a justiça para com os deuses.*

Contra = *em frente de* (significação local): **contra Brundusium,** *em frente de Brundúsio* (Brindes).

—*contra*: **contra hostes dimicare,** *combater contra os inimigos.*

Erga = *em favor de, para com* (quase sempre em sentido favoravel): **pietas erga parentes,** *o respeito para com os pais.*

Secundum = *ao longo de* (de **sequor**): **secundum flumen,** *ao longo do rio.*

—*depois de, em seguida a*: **secundum ludos,** *depois dos jogos.*

—*conforme, consoante*: **secundum naturam,** *segundo a natureza.*

Praeter = *alem de* (locativo): **praeter spem,** *alem da esperança.*

—*exceto*: **nemo, praeter mercatores, Britanniam adit,** *ninguem, exceto os mercadores, vai à Bretanha.*

Circum (**circa** é raro nos clássicos) = *ao redor de, em roda de.* **Templa circum fora erant,** *os templos estavam ao redor das praças.*

Circĭter ordinariamente é advérbio; usa-se como preposição nos conceitos de tempo: **circiter meridiem,** *cerca de meio dia.*

Inter = *entre, no meio de.* **Mons Jura est inter Sequănos et Helvetios,** *o monte Jura ergue-se entre os Séquanos e os Helvécios.*

Intra = *dentro de* (logar onde e movimento). **Intra moenia esse,** *estar dentro dos muros.* **Intra moenia aliquem recipere,** *acolher alguem dentro dos muros.*

— *no espaço de, durante, em* (temporal): **intra sex annos,** *em seis anos.*

Extra = *fora de:* **extra portam esse,** *estar fora da porta.*

Extra ordinem, *contra o uso, extraordinariamente.*

Infra = *abaixo de:* **infra lunam,** *abaixo da lua.*
Supra = *acima de:* **supra modum,** *sobremodo.*
Cis = *aquem de:* **cis Alpes,** *aquem dos Alpes.*
Trans = *alem de:* **trans Alpes,** *alem dos Alpes.* **Trans mare currunt,** *viajam alem dos mares.*
Citra = *aquem de:* **citra flumen,** *aquem do rio.*
Ultra = *alem de:* **ultra modum,** *sobremodo, mais do necessário.*
Citra com o valor de **sine** é da decadência: **citra spem** = **sine spe.**

147. — Preposições que regem o ablativo.

A, ăb, abs = *de:* **ab** antes de vogal ou **h**, **a** antes de consoante, **abs** quase exclusivamente antes de **te** (ablativo sing. do pronome da segunda pessoa **tu**): **a te peto** ou **abs te peto.**
Observação. — Ás vezes encontra-se tambem: *ab legione, ab duce, ab rege,* etc.
E, ex = *de* (lugar, origem, matéria, partitivo).
Ex urbe proficisci, *partir da cidade.*
Rhenus oritur ex Lepontiis, *o Reno nasce nos Alpes Lepontinos.*
Statua ex aere facta, *estátua de bronze.*
Unus e multis, *um dentre muitos.*
Emprega-se a forma **ex** antes das vogais e consoantes; a forma **ē**, mais rara, unicamente antes das consoantes.
Dē = *de, a respeito de* (lugar, tempo, partitivo).
De muro dejicere aliquem, *deitar alguem de um muro abaixo;* **de aliqua re dicere, scribere, referre,** *falar, escrever, referir sobre alguma cousa.*
Cum = *com* (companhia): **cum aliquo esse,** *estar, entreter-se com alguem.*
—*com* (modo, maneira, mas com idéia bem saliente de concomitância), **cum cura scribere.**
Sĭne = *sem:* **sine amicis,** *sem amigos;* **sine spe,** *sem esperança.*
Prō = *diante de* (lugar): **legiones pro castris constituĕre,** *formar as legiões diante do acampamento.*
—*a favor de:* **oratio pro rege Dejotăro,** *oração a favor do rei Dejótaro.*
—*em lugar de:* **incerta pro certis captare,** *tomar o incerto pelo certo.*
—*segundo, conforme:* **pro tempore et pro re consilium capere,** *tomar uma decisão segundo o tempo e o negócio.*
Prae = *diante de* (lugar).
Prae se armentum agere, *tanger adiante de si o rebanho.*
—*por causa* (nas proposições negativas). **Prae lacrimis loqui non possum,** *as lágrimas impedem-me de falar.*
—*em comparação de:* **prae ceteris beatus,** *feliz em comparação dos outros;* (**praeter ceteros beatus,** *mais feliz que os outros*).

Coram = *em presença de*. **Coram populo,** *em presença do povo*. Mais frequentemente, porem, é advérbio: **coram adesse,** *assistir em pessoa*.

Tenus = *até* (sempre posposto ao caso). **Pedibus tenus,** *até aos pés*. E' raro na prosa clássica, é frequente nos poetas e na prosa post-clássica.

Palam = *diante de* (propriamente advérbio — o contrário de **clam**). **Palam populo,** *diante do povo*.

Procul = *longe de*. Na idade ciceroniana só se usa como advérbio: **procul a castris,** *longe do acampamento*.

Simul = *juntamente*. Na boa prosa usa-se como advérbio e une-se a **cum: simul cum his,** *juntamente com estes;* **simul cum septemviris,** *juntamente com os setênviros*.

Absque = *sem*. **Absque invidia, absque dubio = sine invidia, sine dubio.**

148. — Preposições que regem o acusativo e o ablativo.

As preposições que regem o acusativo e o ablativo são: **in, sub, super, subter, clam.**

In = *em:*

a) com o acusativo:

—*em, sobre, para, em direção a* (locativo): **in urbem ire,** *ir à cidade;* **in Persas proficisci,** *partir para a Pérsia*.

—*até a,* — *para*: **sermonem in multam noctem producere,** *levar a conversa até alta noite;* **in posterum diem invitare,** *convidar para o dia seguinte*.

—*para com* (com sentido amigavel e hostil): **amor in patriam,** *o amor para com a pátria;* **severus in filium,** *severo para com o filho*.

b) com o ablativo:

—*em, a, sobre* (lugar): **in monte,** *no monte;* **in litore,** *na praia;* **in flumine pontem facere,** *lançar uma ponte sobre o rio*.

—(temporal): **semel in anno,** *uma vez por ano;* **in deliberando,** *enquanto se deliberava*.

—*em, acerca de, por causa* (sentido figurado): **in aliqua re aliquem laudare,** *louvar alguem por alguma cousa*.

Sub = *sob, debaixo de:*

a) Com o acusativo:

—*sob, debaixo de* (lugar): **sub jugum mittere,** *fazer passar por debaixo do jugo*.

—*pelo tempo de, um pouco antes de*: **sub vesperum,** *pela tarde, à tardinha;* **sub lucem,** *pela manhã*.

b) Com o ablativo:

—*debaixo de* (lugar): **sub monte esse**, *estar ao sopé do monte.*
—*em, durante, no tempo de* (tempo): **sub media nocte**, *pela meia noite.*

Super = *sobre.*

a) Com o acusativo:

—*sobre, alem de*: **super Numidiam**, *alem da Numídia.*

b) Com o ablativo:

—*sobre* (uso poético): **ensis super cervice pendet**, *a espada pende sobre a cabeça.*

Esta preposição, na boa prosa, usa-se raramente com a significação: *acerca de, a respeito de*: **hac super re ad te scribam**, *escrever-te-ei a respeito desta cousa* ou *sobre esta cousa.*

Insŭper = *sobre.* Poético e post-clássico.

Subter = *debaixo de.* Raro na prosa clássica, geralmente se constrói com o acusativo. **Subter montes**, *sob os montes.*

Clam = *às escondidas.* Quase sempre advérbio; como preposição é especialmente usado pelos juristas e constrói-se quase sempre com o acusativo: **clam uxorem** (tambem **uxore**), *às escondidas da mulher;* **clam dominum**, *às escondidas do dono.*

Usam-se tambem como preposições:

a) os dois ablativos **causā** e **gratiā**, que regem o genitivo: **amici gratia hoc faciam**, *farei isto por amor do amigo.*

b) **ergo**, que exige o genitivo e, como **causa** e **gratia**, pospõe-se sempre ao substantivo: **amoris ergo, voluptatis ergo.**

As preposições, em regra, precedem o próprio complemento; contudo, as preposições **versus** e **tenus** são sempre pospositivas; às vezes, tambem **contra**, **inter**, **propter** pospõem-se ao pronome relativo: **ii quos inter divisae sunt partes**, *aqueles entre os quais foram divididas as partes.*

§ III

Conjunção.

149. — As conjunções dividem-se em duas classes: *coordenativas* e *subordinativas.*

As *coordenativas* ligam as orações deixando uma independente da outra, p. ex.: *irei e verei.*

As *subordinativas* ligam e subordinam duas proposições tornando uma dependente da outra: *quando for, verei.*

Conjunções coordenativas.

150. — As conjunções *coordenativas* dividem-se em:

a) Copulativas simples: **et, -que, ac, atque.**

Et une simplesmente: **cum legionibus et equitatu,** *com as legiões e a cavalaria;* **-que** une e completa a idéia: **legiones equitatusque,** *todas as tropas;* **ac, atque,** unem um elemento que tem importância especial.

Às vezes, todavia, substituem-se reciprocamente e encontra-se **et** onde esperaríamos **-que** ou **atque.**

Etiam e **quoque**=*tambem.* **Quoque** pospõe-se sempre: **tu quoque, fili mi?** *tambem tu, ó meu filho?*

Neque-nec, *e não, nem.* **Nec** só antes de consoante; **neque** tambem antes de vogal. **Venit neque vidit,** *veio e não viu.* Se a negação diz respeito a uma única palavra, emprega-se **et non** ou **ac non: constanter ac non timide pugnatum est,** *combateu-se com perseverança e sem fraqueza.*

b) Copulativas correlativas:

Et... et=*e... e; ora... ora; tanto... como.*

Cum... tum=*assim... como sobretudo; tanto... quanto; especialmente; cum* **in omnibus rebus** *tum* **in re militari multum potest fortuna,** *a fortuna pode muito em todas as cousas como especialmente nos feitos militares.*

Tum... tum...=*ora... ora; umas vezes... outras vezes.*
Modo... modo... *ora... ora; já... já; umas vezes... outras vezes.*
Non solum... sed etiam=*não só... mas tambem.*
Non modo... sed etiam. » »
Non tantum... sed etiam. » »
Non modo non... sed ne... quidem=*não só não... mas nem.*
Neque... neque=*nem... nem.*
Non tam... quam=*não tanto... quanto.*
Non minus... quam=*não menos... que.*

Neque usa-se em vez de **non,** antes de **enim, vero, tamen, etiam,** p. ex.: **neque tamen a caritate patriae potuit recedere,** *contudo, não pode desprender-se da pátria.*

c) Copulativas negativas:

Non e **haud**=*não.* **Haud** quase sempre com adjetivos e advérbios: **haud obscurus, haud facile, haud immerito,** etc.

Ne... quidem, sempre construido por tmese=*nem ainda:* **quod honestum non est id** *ne* **utile** *quidem* **puto,** *o que não é honesto, nem julgo util.*

Observação. — Duas negações se elidem: **non ignoro** = *eu bem sei.* Se uma partícula negativa precede uma voz negativa, forma-se uma relação indefinita: **non nemo,** = *alguem,* **non nullus** = *alguem;* **non nulli** = *alguns;* **non nihil,** = *alguma cousa;* **non nunquam,** *algumas vezes.*

Se a partícula negativa é posposta, forma-se um conceito afirmativo: **nemo non** = *cada um;* **nullus non** = *cada;* **nihil non** = *tudo;* **nunquam non** = *sempre.*

d) Copulativas disjuntivas: **aut, -ve, vel, sive (seu)** = *ou.*

Aut é a disjuntiva mais forte, e usa-se especialmente quando dois conceitos se excluem reciprocamente: **vita aut mors.**

-ve separa palavras e não proposições p. ex.: **plus minusve,** *mais ou menos;* **bis terve,** *duas ou três vezes.*

Vel é imperativo arcaico de **volo** e propriamente significa *queres... queres.*

Sive indica indiferença e, às vezes, une-se a **potius, etiam**: **sive potius, sive etiam** = *ou melhor se quiseres.*

e) Copulativas adversativas:

Sed, verum, at, atqui = *mas, porem.* Sempre em primeiro lugar.

vero = *verdadeiramente, porem;* **verum enim vero,** *mas verdadeiramente.*

neque vero, *mas não.* **Vero** e **autem** depois de uma ou duas palavras.

Autem = *ora, pois;* é a mais branda das partículas adversativas e, às vezes, traduz-se por **e.**

At usa-se nas contruções fortes e serve quase sempre para apresentar uma objeção reforçada com outras palavras: **at enim, at contra, at hercle.**

Cetĕrum, propriamente acusativo neutro = *mas, porem, alem disto, de resto.*

f) Copulativas continuativas:

Quĭdem = *em verdade, certamente, por certo,* sempre pospositiva: **tu quidem, ego quidem, Caesar quidem.**

Equĭdem = *certamente, quanto a mim.* Na prosa clássica só se usa com a primeira pessoa do verbo, pelo que o seu valor é de **ego quidem** = *eu por mim, eu por minha parte.*

Quīn etiam, quin immo = *de mais, de mais disso, ainda mais, o mais.* Deve-se distinguir este **quīn** de **quīn** = *que não;* o primeiro deriva-se de **quī** e **ne,** negativa.

g) Copulativas causais:

Nam, *porque, pois.*

Enim, etĕnim, *porque, com efeito.* A colocação ordinária de **enim** é no segundo lugar, raramente no terceiro.

Neque enim = *dês que não.* (**Non enim** é raro; **nam non** raríssimo).

h) Copulativas conclusivas:

Ităque (em primeiro lugar).
Igĭtur (geralmente em segundo lugar) } *portanto, logo.*
Ergo (em primeiro ou segundo lugar)

Proinde, *por isso, por consequência,* quase sempre nas exortações com o imperativo ou com o subjuntivo.

Quare, quamobrem, quapropter, quocirca = *pelo que, por isso.*

Conjunções subordinativas.

151. — As conjunções subordinativas subdividem-se em:

a) Condicionais: **si** = *se;* **sin, si autem** = *mas se;* **nisi** = *se não;* **si minus, sin minus** = *se não;* **nisi forte, nisi vero** = *a não ser que;* **nisi quod** = *exceto que, à exceção de que;* **nisi si** = *a não ser que;* **dummodo ne** = *com tanto que não;* **nedum** = *bem longe de, muito menos;* **si modo** = *se entretanto, se todavia;* **si vero** = *se realmente;* **si quidem** = *se verdadeiramente.*

b) Causais: **cum** = *como, porque;* **quoniam,** *porque, visto que, já que;* **quod, quia** (antigo plural neutro de *quis*) = *porque;* **ubi** = *porque, como;* **quando, quandoquĭdem** = *pois que, já que, desde que;* **quippe qui, quippe cum, utpote qui, utpote cum** = *como aquele que, visto que, pois que, porquanto, sendo que.*

c) Concessivas: **quamquam** = *ainda que, posto que, bem que;* **quamvis** (**quam** + **vis** = *por quanto tu queres*), *ainda que, posto que, bem que, dado que, ainda quando;* **etsi, etiamsi, tametsi, tamenetsi** = *ainda que, embora;* **licet** (originariamente forma verbal = *é lícito, pode-se*) = *se bem que;* **ut** = *dado que, posto que, ainda, admitido que;* **ut desint vires, tamen est laudanda voluntas,** *bem que faltem as forças, etc.;* **cum** = *ainda que, posto que.*

d) Temporais: **cum** = *como, quando;* **dum** = *enquanto, até que;* **quoad** = *enquanto, até que;* **donec** = *enquanto, tanto que, até que;* **antĕquam, priusquam** = *antes que;* **postquam** = *depois que;* **ut, ubi** = *quando, depois que, apenas, logo que, tanto;* **ut primum, uti primum** = *logo que, apenas;* **simŭlac, simŭlatque** = *logo que, apenas.*

e) Locais: **ubi** = *onde;* **unde** = *donde;* **quo** = *para onde;* **qua** = *para onde.*

f) Finais: **ut, uti** = *para que;* **ne** = *para que não;* **neve, neu** = *e para que não;* **quo** (especialmente antes dos comparativos) = **ut eo** = *para que, afim de que;* **quo minus** = *para que não, que não.*

g) Consecutivas: **ut** = *de sorte que;* **ut non** = *de sorte que não;* **quīn** = *que não, para que não* (*de* **quī-ne** = *por que não? como não?*)

h) Comparativas: **ut, uti, sicut, sicŭti** = *como, assim como, do mesmo modo que;* **velut** = *como, do mesmo modo que;* **ceu** = *como.*

§ IV

Interjeição

152. — Entre as interjeições notam-se as seguintes:

a) Sons imitativos que acompanham os afetos do discurso, mas não têm nem nunca tiveram sentido algum:

Oh! oho! (de dor, de admiração). **Oh, me miserum! Oh, fortunatos agricolas!**

Heu, eheu=*ai!, oh!* **Eheu, me miserum!** *oh! infeliz de mim!*

Ohe (de desaprovação). **Ohe, jam satis est!** *ora chega!* **Ohe, desine!** *deixa disso!*

Io! eia, euge (de alegria). **Eia, amici,** *eia, amigos.*

Pro (de maravilha). **Pro dī immortales!** *oh! deuses imortais!* **Pro pudor!** *oh! vergonha!* (cf. 262, *b*).

Vae (ameaça, dor). **Vae victis!** *ai dos vencidos!*

Ecce=*eis.* **Ecce tuae litterae,** *eis a tua carta.* — Com ecce suprime-se o verbo ou vai para o indicativo.

En=*eis.* **En ego vester Ascanius.**

b) Substantivos e verbos que vieram a ser interjeição:

Pax=*caluda! chiton!*

Malum=*malvado!*

Scelus=*infame!*

Hercŭle, hercle=*por Hércules!*=*Por minha vida!*

Mehercŭle, mehercle=*por Hércules! ó meu Hércules!*=*Por minha vida!* (me é um antigo vocativo de meus).

Mehercŭles=**me Hercules juvet,** *Hércules me ajude.*

Medius fidius=**me dius fidius juvet**=*o deus Fídio me ajude, em verdade, por minha fé.*

Ecastor, mecastor=*por Castor!*

Edĕpol=*por Polux!* (literalmente: *ó deus Polux*): de é antigo vocativo de **Deus**; **pol** é abreviação de **Pollux.**

Equirine=**dee Quirine,** *por Quirino!* (*ó deus Quirino!*)

Age, agĭte=*eia, ânimo, coragem, ora, sus!* (Cf. pág. 122, verbo n. 57, observação).

Apăge=*retira-te; afasta-te; para trás! víspere!*

Cedo=*dize* (cf. n. 139, *c*, pág. 148).

Quaeso=*por favor* (cf. n. 139, *a*, pág. 148).

Amabo=*por favor.*

c) Verbos que vieram a ser interjeição, mas não recordam a derivação, nem mesmo a significação primitiva.

Sis=*por favor, se te apraz* (de **si vis**).

Sultis=*por favor, se vos apraz* (de **si vultis** — cf. n. 163, *b*, *V*, pág. 171).

Sodes=*por favor, se te apraz* (de **si audes,** *se ousas*).

CAPITULO XIII

MORFOLOGIA ANALÍTICA

Formação das palavras

153. — *a*) As palavras latinas são *primitivas* ou *derivadas; simples* ou *compostas*. Dizem-se:

Primitivas as que não procedem de outra, p. ex.: *caelum, ventus, pater;*

Derivadas as que procedem de outra, p. ex.: *caelestis, ventilare, patria;*

Simples as que constam de um só elemento, p. ex.: *res, pater;*

Compostas as que constam de dois ou mais elementos, p. ex.: *respublica, paterfamilias; disjungere, Juppiter* (= *Jovi pater*), etc.

b) Em toda palavra, quer simples quer primitiva, devemos ordinariamente distinguir duas partes: **radical** ou **tema** e a **desinência.**

I) **Radical** ou **tema** é aquela parte fixa e invariavel que, privada do elemento acidental ou variavel, exprime a idéia geral, a base, o fundamento da palavra, p. ex.: na palavra *facilis, facil* é o *radical* ou *tema.*

II) **Desinência** é a parte variavel que determina na palavra a sua forma de *declinação,* se for um nome; de *conjugação,* se for um verbo.

Observação. — No *tema* ou *radical* de uma palavra encontra-se ainda um elemento geralmente mais simples que o radical, irredutivel, quase sempre monossílabo chamado **raiz,** que pode ser comum a mais radicais e por conseguinte a mais palavras, p. ex.: nas palavras *rego, rex, regnum, regĭmen, erigere,* encontra-se a mesma raiz *reg,* em quanto que em *regnum* o radical é *regn.*, em *regĭmen* é *regimin* (do gen. *regiminis*). — Há todavia algumas raizes que não sofreram modificação alguma passando para radicais e por esta razão são contemporaneamente *raizes* e *radicais* ou *temas,* p. ex.: *reg.* é raiz e radical de *rego,* de *rex* (= *regs*); assim *nec* é raiz e radical de *nex* (= *necs*); *duc* raiz e radical de *dux* (= *ducs*).

c) Das palavras *primitivas* formam-se outras, acrescentando-se ao radical das mesmas, elementos que sirvam para modificar, limitar o primeiro sentido ou para referí-lo a idéias mais particulares. Estes elementos que se acrescentam ao radical chamam-se em geral **afixos,** sílabas que se agregam ao início ou ao final do tema para lhe modificar o sentido. Os *afixos* dividem-se em **prefixos** que são os elementos *prepostos ao tema,* e **sufixos** que são os elementos *pospostos.* Segue-se que muitas vezes são formadas por *prefixos* ou por *composição* e por *sufixos,* isto é, por *derivação.*

Notas — 1) Há palavras em que se encontram dois ou mais *prefixos* e dois ou mais *sufixos,* p. ex.: na palavra *inconsolabilis, in* é prefixo, que vale *não, con* prefixo, que vale *juntamente, sol* raiz, que exprime a idéia fundamental de alívio; *a,* sufixo verbal, que exprime ação; *bil,* sufixo, que exprime possibilidade passiva; *is,* sufixo flexivel de declinação.

2) Os sufixos dizem-se *primários* ou *temáticos*, se se juntam imediatamente à raiz para formar o radical de uma palavra, e *secundários*, se se juntam a um tema já formado de raiz e de sufixo temático. — Os *primários* formam temas nominais (substantivos e adjetivos) e temas verbais; os *secundários* acrescentam à palavra primitiva uma modificação ou lhe comunicam a flexibilidade para a declinação ou conjugação.

3) A diversa significação ou diferença específica das novas palavras depende dos sufixos e prefixos de que é composta.

Para maior clareza destas noções, daremos alguns exemplos de *sufixos* que dizem respeito a substantivos, adjetivos e verbos, e em seguida, alguns exemplos de palavras compostas ou formadas por meio de *prefixos*.

Principais sufixos de substantivos.

154. — Os principais *sufixos* de substantivos são:

a) Os que exprimem o conceito de agente ou operante, p. ex.: *-a, -on, -ta, -sta, -mnus, -mna, --arius, -tor, -sor, -trix*, etc., p. ex.: *scriba* o escrivão; *latro(n)*, o ladrão; *poëta*, o poeta; *sophista*, o sofista; *alumnus, a*, o aluno, a aluna; *statuarius*, o estatuário; *victor*, o vencedor; *victrix*, a vencedora; *cursor*, corredor, cursor, mensageiro, etc.;

b) os que exprimem a idéia de ação abstrata ou o efeito da ação, p. ex.: *-atus, -ela* ou *-tela, -idin* ou *-igin, -ina, -inum, -tut, -tus* e *-sus*, etc., p. ex.: *equitatus*, cavalaria; *consulatus*, o consulado; *querela, corruptela, libidin(is), origin(is), officina, virtus, virtut(is), visus, auditus*, etc.;

c) os que exprimem a idéia de qualidade ou modo de ser, p. ex.: *-ia, -itia, -ntia, -ies, -ities, -tat, -etat, -itat, -stat*, etc., p. ex.: *audacia, saevitia, vigilantia, neglegentia, pauperies, segnities, crudelitat(is), bonitat(is), pietat(is), venustat(is)*, etc.;

d) os que exprimem a idéia de instrumento ou lugar onde há quantidade, p. ex.: *-arium, -bra, -brum, -trum, -bula, -bulum. -etum, -orium*, etc., p. ex.: *granarium, vivarium, latebra, candelabrum, cribrum, claustrum, pabulum, olivetum, quercetum, dormitorium*, etc.;

e) os que indicam a idéia de pequenez e formam os diminutivos, p. ex.: *-ellus, -ella, -ellum, -illus (a, um), -olus (a, um), -ulus (a, um), -ullus (a, um)*, etc., p. ex.: *ocellus*, olhinho; *tabella*, taboazinha; *lapillus*, pedrinha; *filiŏlus*, filhinho, e assim *anguilla, sigillum, praediŏlum, hortulus, virgula*, etc. — Com os sufixos *-ellulus, -ellula, -ellulum, -uncio, -unculus* formam-se os diminutivos dos próprios diminutivos, p. ex.: *agellŭlus*, pequeno campozinho; *cistellŭla*, pequena cestazinha; *homuncio* e *homunculus*, um pequeno homenzinho, etc.;

f) os que exprimem a idéia de descendência ou genealogia e formam os nomes patronímicos, p. ex.: *-ades, -ides, -is,* (genitivo *-idis*), p. ex.: *Aeneades,* os descendentes de Enéias; *Atrīdes,* os descendentes de Atreu = os Atridas; *Danais* (gen. *Danaidis*), descendentes de Danaus, etc.

Principais sufixos de adjetivos.

155. — Os principais *sufixos* de adjetivos são:

a) os que exprimem modo de ser e de agir, como: *-idus, -inus, -itus, -ŭus, -bundus, -cundus,* p. ex.: *pallidus, avidus, timidus, peregrinus, crinitus, ambiguus, exiguus, conspicuus, errabundus, iracundus, facundus, moribundus, jucundus* (por *juvicundus* de *juvo*);

b) os que exprimem aptidão, possibilidade ativa e passiva, como: *-ax, -ac, -ox, -oc, -ix, -ic, -ilis, -bilis,* p. ex.: *audax, perspicax, ferox, felix, facilis, amabilis;*

c) os que exprimem matéria, atribuição, semelhança, como: *-eus, -neus, -aceus, -icius, -alis, -aris, -inus, -ius, -ticus,* p. ex.: *aureus, eburneus, herbaceus, gallinaceus, patricius, mortalis, militaris, marinus, divinus, regius, rusticus;*

d) os que exprimem pequenez, como: *-ellus, -olus, -ulus,* p. ex.: *tenellus, novellus, aureŏlus, parvŭlus.*

Nomes e adjetivos compostos de numerais.

156. — Com os numerais formam-se:

a) os adjetivos em *-arius* que exprimem as partes que se contêm num todo, p. ex.:

binarius, de duas unidades ou partes;
ternarius, de três unidades ou partes;
quaternarius, de quatro unidades ou partes;
quinarius, de cinco unidades ou partes;
senarius, de seis unidades ou partes;
septenarius, de sete partes;
octonarius, de oito partes;
denarius, de dez partes;
quadragenarius, de quarenta (quase sempre anos);
centenarius, de cem (quase sempre anos).

b) os *adjetivos* em *-anus,* que exprimem a classe, a legião, a secção, p. ex.:

primanus, da primeira classe;
secundanus, da segunda classe;
tertianus, da terceira classe;
quartanus, da quarta classe;
quintanus, da quinta classe;
sextanus, da sexta classe.

c) *I*. — Os nomes *compostos* de *dies*, p. ex.: *biduum*, *triduum*, *quatriduum*, espaço de dois, três, quatro dias.

II. — Os *compostos* de *mensis*, p. ex.: *bimestris*, *trimestris*, *quadrimestris*, *semestris*.

III. — Os *compostos* de *annus*, p. ex.: *biennis*, *triennis*, *quadriennis*, *quinquennis*, *sexennis*, *septennis*, *decennis*, e *biennium*, *triennium*, *quadriennium*, etc., espaço de dois, três, quatro anos, etc., ainda *bimatus*, idade de dois anos; *bimus*, *trimus*, *quatrimus* (adjetivos), da idade de dois, de três, de quatro anos.

IV. — Os *compostos* de *via*, p. ex.: *bivium*, *trivium*, *quadrivium*, encontro de duas, de três, de quatro ruas ou caminhos.

V. — Os *compostos* de *vir*, p. ex.: *duumvir*, *triumvir*, *decemvir*, duúnviro, triúnviro, decênviro.

Principais sufixos de verbos.

157. — Os principais *sufixos* de verbos são os que formam os verbos *frequentativos*, *incoativos*, *desiderativos* e *diminutivos*.

a) *Frequentativos* ou *iterativos* significam a repetição ou intensidade da ação dos primitivos. Formam-se com os sufixos *-ito*, *-uto*, *-to*, *-so*, e são todos da primeira conjugação, p. ex.: de *rogo*, tem-se *rogito*, — peço com instância; de *volo*, *as*, tem-se *volito*, esvoaço; de *volvo*, *volūto*, levo rolando, enrolo; de *cano*, *canto*, canto frequentes vezes, canto em altas vozes; de *pello*, *pulso*, bato com força;

b) *incoativos* significam o princípio da ação ou a entrada no estado expresso pelos seus primitivos. Formam-se com os sufixos *-asco*, *-esco*, *-isco*, e são todos da terceira conjugação, p. ex.: de *inveterare* formam-se *inveterasco*, envelheço; de *convaleo*, *convalesco*, recobro a saude; de *rubeo*, *rubesco*, enrubeço; de *obdormio*, *abdormisco*, adormeço;

c) *desiderativos* significam o veemente desejo da ação dos primitivos. Formam-se com o sufixo *ŭrio*, junto ao supino, p. ex.: de *edo*, *esum*, formam-se *esurio*, tenho fome, desejo comer; de *emo*, *emptum*, tem-se *empturio*, desejo comprar. — Com o sufixo *esso* exprime-se tendência intensiva, p. ex.: de *capio*, forma-se *capesso*, empreendo com entusiasmo; de *lacio*, *lacesso*, instigo; de *facio*, *facesso*, executo com atenção, etc.;

d) *diminutivos* significam a atenção, talvez ridícula, da ação dos primitivos. O sufixo é *-illo*, p. ex.: de *scribo*, *scribillo*, rabisco; de *canto*, *cantillo*, cantarolo.

Sufixos de advérbios.

158. — Formam-se muitos advérbios de adjetivos, substantivos e verbos e ainda de outros advérbios tomando os seguintes sufixos:

a) *ē*, *ō*, que se ajuntam a adjetivos da primeira classe e a particípios perfeitos e significam o modo expresso pelo radical, p. ex.: *probe, libere, conjuncte; certo, crebro, necessario*, etc.;

b) *ter* (*ĭter*), que se ajuntam a adjetivos da segunda classe e a particípios presentes e designam o modo enunciado pelo radical, p. ex.: *amanter, dolenter, negligenter; graviter, ferociter, audaciter* ou *audacter*, etc.;

c) *im* (*tim, sim*), ajuntam-se a substantivos e adjetivos e significam o modo, p. ex.: *punctim, caesim; gregatim, catervatim, tributim*, etc.;

d) *ĭes*, ajunta-se a adjetivos numerais formando os advérbios numerais e designa quantas vezes, p. ex.: *decies, milies*, etc.;

e) *fariam*, ajunta-se a adjetivos e advérbios de quantidade e aos números e significa várias vezes, vários sítios, p. ex.: *multifariam, omnifariam, bifariam, trifariam*, etc.;

f) *per*, designa circunstância de tempo, p. ex.: *nuper* (*noviper*), *parumper, paulisper, tantisper*, etc.;

g) *orsum, orsus*, (de *versum* ou *vorsum*, *versus* ou *vorsus*), ajunta-se a adjetivos pronominais e até a partículas e indica a direção para o lugar designado pelo radical, p. ex.: *sinistrorsum* ou *sus, aliorsum, quorsum; introrsum, retrorsum, sursum*, etc.;

h) *acusativo neutro singular* ou *plural* e designa a quantidade ou o modo, p. ex.: *multum, plerumque, facile; torva, crebra, insueta*, etc.;

i) *u*, ablativo do singular da quarta declinação, e significa o tempo, p. ex.: *noctu, diu, quamdiu interdiu*, etc.;

j) *ā*, ablativo do singular feminino de adjetivo concordando com *via, parte, re*, subentendidos, e indica o lugar por onde, p. ex.: *ea, qua, una; intra, infra* (por *intĕra, infĕra* [*parte*]), etc.

Formação das palavras com prefixos ou por composição

159. — *a*) Nas palavras formadas por composição ou com *prefixos*, a segunda das componentes é sempre a palavra fundamental, isto é, a que contem a significação dominante; a primeira, ao invés, o *prefixo*, é palavra secundária determinativa e especificativa da segunda, p. ex.: *agricola*, agricultor, contem em *cola* a idéia geral de *colere*, cultivar, e no prefixo *agri*, a idéia determintiva campo = cultivador de campo; *prae* — *mittere*, mandar adiante.

b) Os *prefixos*, nas palavras compostas, podem ser partículas *inseparaveis* (porque só usadas em composição), partículas *separaveis* ou *preposições* e *temas* de outras palavras.

c) Em regra geral, se as novas palavras que resultam das duas componentes estão sujeitas a algumas alterações fonéticas em ambos, ou ao menos em um dos elementos, chamam-se *compostos próprios*. São *compostos impróprios* quando só se verifica a juxtapo-

sição de duas palavras completas tendo forma gramatical e flexão distinta, podendo por isso ficar tambem separadas, p. ex.: *paterfamilias* e *pater familias*; *ludimagister* e *ludi magister*; *terraemotus* e *terrae motus* e por isso tambem *paterque familias*, *ludive magister*, *resque publica*.

Principais partículas inseparaveis.

160. — As principais *partículas inseparaveis* usadas como *prefixos* são:

a) *Amb* (*am*, *an*), que indica *movimento em roda*, p. ex.: *ambigere* (*amb-agere*), duvidar, errar, hesitar; *amputare* (*amb-putare*), cortar em redor, amputar; *amplecti* (*amb-plecti*), abraçar; *anceps* (*amb-caput*), duplo, ambíguo; *anquirere* (*amb-quaerere*), procurar em redor, inquirir, investigar.

b) *Dis* (*di*, *dif*, *dir*), que exprime *negação*, *separação*, p. ex.: *disjungere*, separar; *difficilis* (*dis-facilis*), difícil; *dirimo* (*dis-emo*), separo, divido; *dilabi* (*dis-labi*), escoar-se, dispersar-se.

c) *In* (*im*, *ig*, *ir*, *il*), que exprime *negação* (não se confunda com a preposição *in*), p. ex.: *ingratus*, ingrato, não agradecido; *impius* (*in-pius*), ímpio; *ignotus* (*in-notus*), desconhecido; *irritus* (*in-ratus*), que não está ratificado, nulo, írrito; *illepidus* (*non lepidus*), grosseiro; *illibatus* (*in-libatus*), intato, ilibado.

d) *nec* (*ne*, *neg*), que exprime tambem *negação*, p. ex.: *necopinatus*, imprevisto, inopinado; *nefandus* (*nec-fandus*), nefando, indizivel; *nullus* (*nec-ullus*), nenhum; *nemo* (*nec-homo*), ninguem; *negotium* (*nec-otium*), não ociosidade, ação, cousa; *neglĕgo* (*nec-lego*), negligencio.

e) *Re* (*red*), que indica *movimento contrário*, *renovação*, *contrariedade*, p. ex.: *revertor*, volto atrás; *reficio*, (*re-facio*), renovo; *redeo*, volto; *reddo* (*re-do*), restituo; *redimo* (*re-emo*), rehaver por compra, resgato.

f) *Se* (*sed*), — *separação*, *privação*, p. ex.: *seditio* (*se-itio*), desunião, sedição; *sejungo*, desuno; *sepōno*, coloco de parte; *seduco*, chamo de parte, seduzo; *securus* (*se-cura*), sem cuidado, seguro, tranquilo; *sobrius* (*se-ebrius*), não ébrio, sóbrio.

g) *Prod* (*pro*, *por*, *pol*), que indica *para diante*, *para o público*, *diante*, p. ex.: *prodeo*, vou para diante; *prosum* (*prod-sum*), sou util; *prodo*, descubro, manifesto; *produco*, conduzo para diante, exponho; *prodigus* (*prod-agere*), pródigo; *proclivis* (*prod-clivus*), proclive, inclinado; *profanus* (*prod-fanum*), profano, fora do templo, não sagrado; *porrigo* (*prod=por-rego*), estendo; *portendo* (*pro=por-tendo*), ponho na frente, prognostico; *polliceor* (*prod=por-liceor*), ofereço, prometo.

h) *Ve* — *separação*, *privação*, p. ex.: *vecors*, sem coração, louco, insensato; *vesanus*, não são, louco; *vegrandis*, pequeno, mesquinho.

Preposições ou prefixos separaveis.

161. — As principais *preposições* ou *prefixos separaveis* são:

a) *A* (*ab, abs, au*), que exprime *afastamento, desvio, separação,* p. ex.: *amittere*, perder, deixar ir, *avertere*, desviar; *abducere*, conduzir, separar; *abscondere*, esconder; *abstinere*, abster, ter afastado; *asportare* (*abs-portare*), levar, transportar; *aufugere* (*ab-fugere*), fugir, escapar-se; *auferre* (*ab ferre*), tirar, levar; *absŏnus*, malsoante, discordante.

b) *Ad* (*ac, ar, as, at*), que indica *movimento para, proximidade de, aumento,* p. ex.: *adstare*, estar em pé, estar presente; *adire*, ir ter com, procurar; *adamare*, amar muito; *accedere* (*ad-cedere*), aproximar-se; *accipere* (*ad-capere*), tomar, receber; *appellere* (*ad-pellere*), dirigir para, aportar; *arridēre* (*ad-ridere*), sorrir-se para alguem; *attendere* (*ad-tendere*), atender; *assidēre* (*ad-sedēre*), estar sentado junto a.

c) *Cum* (*con, col, cor*), — *companhia,* p. ex.: *convenire* (*cum-venire*), vir juntamente; *colligere* (*cum-legere*), colher; *corrumpere* (*cum-rumpere*), corromper; *consensus* (*cum-sentio*), consenso, consentimento.

d) *De,* — *afastamento, privação,* p. ex.: *demittere*, afastar; *dejicere* (*de-jacĕre*), deitar abaixo, arrojar; *demens*, demente, insensato; *deformis* (*de-forma*), deforme; *descendere* (*de-scandere*), descer.

e) *E* ou *ex* (*es, ef*), indica *afastamento, privação, aumento,* p. ex.: *expellere*, lançar para fora de, expulsar; *emittere*, mandar para fora, fazer sair; *effugere* (*ex-fugere*), escapar a, fugir de; *efferre* (*ex-ferre*), *ex-tuli, e-latum*), tirar, exportar, transportar; *expers* (*ex-pars*), privado, desprovido; *exaudire*, escutar, atender; *exclamare*, exclamar, gritar forte; *effĕrus* (*ex-ferus*), feroz.

f) *Ob* (*oc, of, op*), — *oposição, encontro, defronte,* p. ex.: *obesse*, ser contrário, prejudicar; *obire*, sair ao encontro, dirigir-se; *occurrere* (*ob-currere*), sair ao encontro, marchar contra; *occidere* (*ob-cadere*), por-se (com respeito aos astros), terminar, findar; *occidere* (*ob-caedere*), matar; *occĭput* (*ob-caput*), occipício.

g) *Per,* exprime *aumento, continuação,* p. ex.: *pergratus*, gratíssimo; *persaepe*, muitíssimas vezes; *perquiro* (*per-quaero*), busco com cuidado, procuro por toda a parte; *perăgo*, levo ao fim, termino; *perficio* (*per-facio*), acabo, aperfeiçôo.

h) *Prae,* exprime *aumento, diante de, antes de,* e daí *superiorridade, preeminência,* p. ex.: *praemittere*, mando adiante; *praedīves*, riquíssimo; *praepŏtens*, poderosíssimo; *praestare*, estar adiante, exceder; *praeesse*, presidir; *praecĭno* (*prae-cano*), canto, toco primeiro; *praecipio* (*prae-capio*), mando, previno; *praebeo* (*prae-habeo*), apresento.

i) *Sub* (*suc, suf, sur*), — *debaixo, para debaixo, diminuição,* p. ex.: *subeo*, vou para baixo, eu meto-me debaixo; *succedo* (*sub-cedo*), vou debaixo, sucedo; *subduco*, tiro debaixo, subtraio; *suggĕro* (*sub-

gero), ponho ou meto debaixo, sugiro; *suffĕro* (*sub-fero*), ponho, coloco debaixo, suporto; *surripio* (*sub-rapio*) tomo, tiro às escondidas, furto; *subluceo*, luzir um pouco; *subamarus*, um pouco amargo.

j) *Trans* (*tra*), que exprime *alem*, p. ex.: *transeo*, passo alem; *transmitto*, transporto alem, transmito; *transĭgo* (*trans-ago*), passo alem, atravesso, concluo, transijo; *trajicio*, (*trans-jacio*), lanço, atiro alem, faço passar; *traduco* (*trans-duco*), conduzo alem, transfiro, traduzo.

Palavras compostas com temas de outras palavras.

162. — As palavras *compostas* com temas de outras palavras têm, geralmente, os seus componentes constituidos por:

a) Um *adjetivo numeral* e um *substantivo*, p. ex.: *duumvir* (*duo vir*), duúnviro; *trimvir* (*tres vir*), triúnviro; *quadrangulus* (*quattuor-angulus*), quadrangular; *quadrŭpes* (*quattuor-pes*), quadrúpede; *quincunx* (*quinque-uncia*), medida de cinco onças; *bicŏlor* (*bis-color*), que tem duas cores, bicolor; *biformis* (*bis-forma*), que tem duas formas, biforme; *bifrons* (*bis-frons*), que tem duas faces, dois rostos, bifronte;

b) um *adjetivo qualificativo* e um *substantivo*, p. ex.: *aequaevus* (*aequus-aevum*), coetáneo; *magnanimus* (*magnus-animus*), magnânimo; *latifundium* (*latus-fundus*), latifúndio; *meridies* (*medius-dies*), meio dia;

c) dois *substantivos*, p. ex.: *alĭpes* (*ala-pes*), que tem asas nos pés, alípede; *anguĭpes* (*anguis-pes*), que tem pés de dragão, anguípede;

d) um *substantivo* e um *verbo*, p. ex.: *armĭger* (*arma-gero*), armígero; *agricola* (*ager-colere*), agricultor; *solstitium* (*sol-stare*), solstício; *tibĭcen* (*tibia-cano*), tocador de flauta; *homicida* (*homo-caedo*), homicida; *fratricida* (*fratrem-caedo*), fratricida; *auriferus* (*aurum-fero*), aurífero;

e) um *adjetivo* ou *advérbio* e um *verbo*, p. ex.: *aequiparare* (*aeque-parare*), igualar; *amptificare* (*amplum-facere*), amplificar; *mitificare* (*mitis-facere*), amolecer, enternecer; *magnificare* (*magnum-facere*), magnificar, exaltar: *mitigare* (*mitis-agere*), mitigar; *purgare* por *purigare* (*purus-agere*), purgar, limpar; *satagere*, *satisdare*, *satisfacere*, e *satisfieri* (compostos de *satis*, advérbio);

f) dois *verbos*, o segundo dos quais é *facere* ou *fieri*, p. ex.: *arefacere* (*areo-facere*), fazer secar, secar; *calefacere* (*caleo-facio*), aquecer, aquentar; *madefacere* (*madeo-facio*), humedecer, molhar; *labefacere* (*labeo-facio*), abalar, arruinar, destruir; *liquefacere* (*liqueo-facio*), fundir, derreter; *commonefacio* (*commoneo-facio*), lembro, recordo; *vacuefacio* (*vacuo-facio*), esvazio, etc., e assim tambem: *arefio*, eu me seco, eu me mirro; *calefio*, eu me aqueço, eu me esquento; *madefio*, sou molhado, etc., etc.

Das alterações das palavras.

163. — Na formação e na flexão, as palavras latinas sofrem algumas alterações; umas dizem respeito ao *som* da palavra e chamam-se *alterações fonéticas;* outras à *forma* da palavra e são as *alterações mórficas* ou *etimológicas.*

a) As alterações *fonéticas* ou do som são: *alongamento, abreviação, abrandamento, incremento, ditongação* e *contração.*

I) Pelo *alongamento,* uma vogal breve torna-se longa, e divide-se em *orgânico,* se for exigido pela flexão ou composição da palavra, p. ex.: *lĕgo,* perf. *lēgi; jŭvo, jūvi; oratŏr,* gen. *oratōris;* — de *compensação,* se a vogal breve se torna longa para compensar a perda de alguma consoante, p. ex.: *pōno* de *pŏs-sĭno; dīruo* de *dĭs-ruo; exāmen* de *exagmen* ou *exăgimen,* etc.;

II) uma vogal longa torna-se breve na *abreviação,* p. ex.: *amavī* faz *amavĭmus; legī, legĭmus;*

III) no *abrandamento* uma vogal fraca substitue uma forte, p. ex.: *occŭpo* de *căpio; monĭtus* de *monĕo; delĭgo* de *lego; conficio* de *facio; inimicus* de *in-amicus;*

IV) no *incremento* uma vogal mais grave substitue uma que é menos grave, p. ex.: *tōga* de *tĕgo; sēdes* de *sĕdeo; fīdo* de *fĭdes;*

V) ditongação consiste na fusão de dois sons num som único, p. ex.: *rosai=rosae; aulai=aulae;*

VI) na *contração* duas vogais formam uma só vogal, p. ex.: *dēgo* de *de-ago; amāsti* por *ama(v)isti; nīl* por *nihil; praebeo* por *praehabeo; amo* por *ama-o; animadverto* por *animu(m) adverto.*

b) As alterações *mórficas* ou *etimológicas* são: *elisão, permulação, assimilação, prótese, aférese, epêntese, síncope, paragoge, apócope, metátese.*

I) Elisão, supressão de alguma consoante, p. ex.: *examen* por *exagmen; semestris* por *sexmentris; ignarus* por *ingnarus; traduco* por *transduco; circuitus* por *circumitus* (de *circumire*);

II) permutação, substituição de uma consoante por outra, p. ex.: *rectum* por *regtum* (de *rego*)*; scriptum* por *scribtum* (de *scribo*)*; neglego* por *nec-lego;*

III) assimilação, identificação, por eufonia, de uma consoante em outra, que a segue, p. ex.: *affero* por *adfero; attuli* por *adtuli; allatum* por *adlatum; offero* por *obfero; occurro* por *obcurro; pressi* por *premsi* (de *premo*);

IV) *prótese*, aumento de uma letra ou sílaba no princípio de uma palavra, sem lhe alterar o valor, p. ex.: *gnatus* por *natus; tetuli* por *tuli;*

V) *aférese*, supressão de sílaba ou letra no princípio de palavra, p. ex.: *epol* por *edepol*, e especialmente na forma verbal *est*, quando a palavra antecedente terminar em *vogal* ou por *m*, p. ex.: *itast* por *ita est; dulcest* por *dulce est; factumst* por *factum est;* assim *sis* por *si vis; sultis* e *siultis* por *si vultis*. Esta alteração é chamada tambem *crase* ou *contração* (cf. n. 152, *c*, pág. 162).

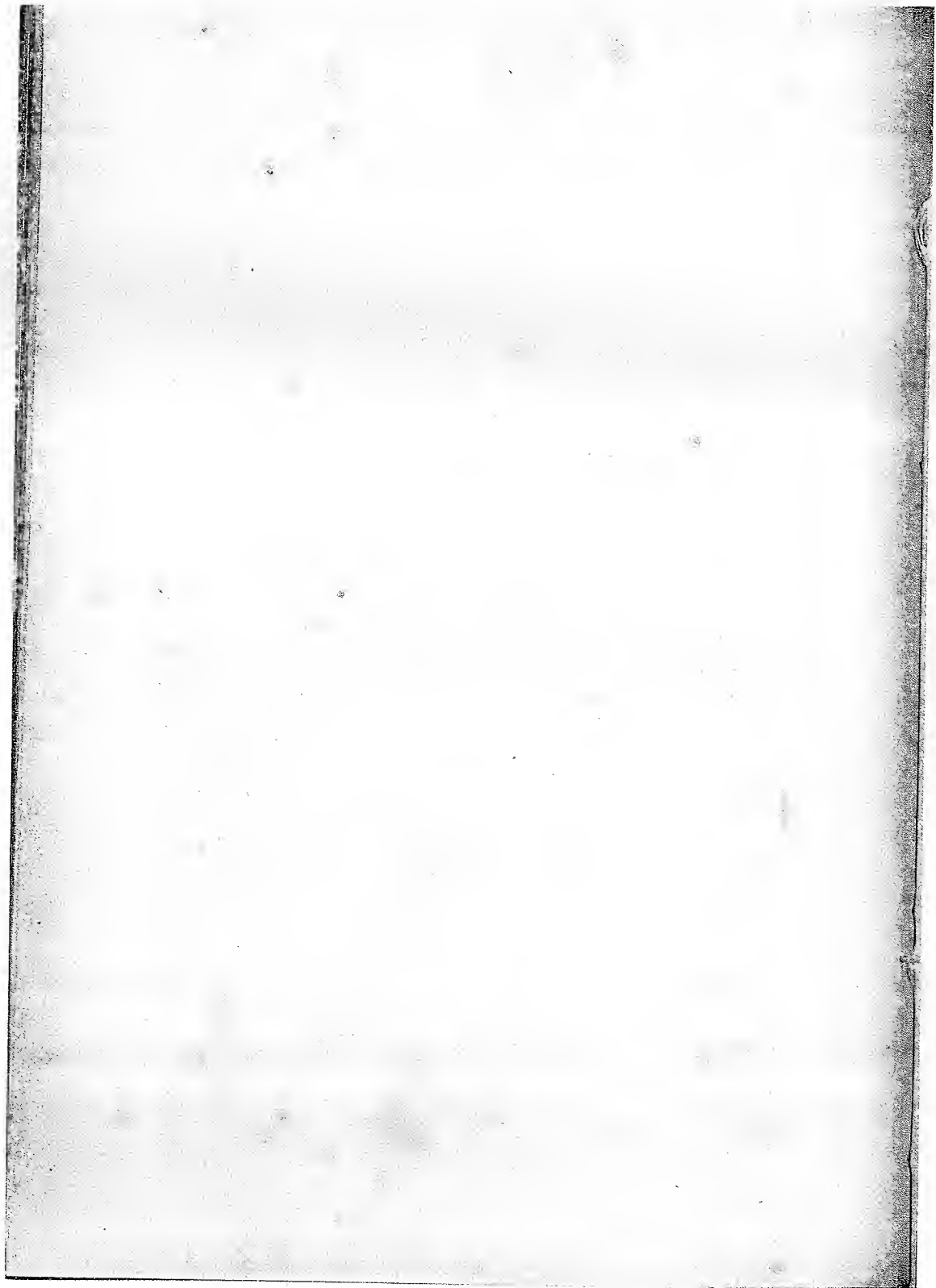
VI) *epêntese*, acrescentamento ou inclusão de uma letra ou de uma sílaba no meio de uma palavra, p. ex.: *dempsi, demptum* de *demo; sies, siet* por *sis, sit; repperit* por *reperit;*

VII) *síncope*, supressão de uma letra ou sílaba no meio de uma palavra, p. ex.: *audacter* por *audaciter; periclum* por *periculum; amasti* por *amavisti; deum* por *deorum; amphorum* por *amphorarum;*

VIII) *paragoge*, adição de uma letra ou sílaba no fim de uma palavra, p. ex.: *dicier* por *dici; amarier* por *amari;*

IX) *apócope*, supressão de uma letra ou sílaba no fim da palavra, p. ex.: *dic, duc, fac, fer* por *dice, duce, face, ferre; ain'* por *aisne; viden'* por *videsne* (cf. n. 104 *f*, pág. 106; n. 6, *c*, observação *1*, pág. 12);

X) *metátese*, transposição de uma letra ou sílaba numa palavra, p. ex.: *portendo* e *protendo; cerno, crevi; sterno, stravi; accerso* e *arcesso; tercenti* e *trecenti*, etc.

SINTAXE

TERCEIRA PARTE

S I N T A X E

A palavra **Sintaxe** significa **ordem**. Sintaxe é pois a parte da gramática que ensina a ordenar as palavras na proposição e as proposições no período. As proposições acham-se ora isoladas e independentes, ora agrupadas e dependentes umas das outras de modo que formam um período. E', portanto, necessário estudar separadamente: 1.º a sintaxe das proposições independentes; 2.º a sintaxe das proposições dependentes.

1.º SINTAXE DAS PROPOSIÇÕES INDEPENDENTES

Elementos que compõem a proposição.

164. — Proposição é um complexo de palavras que exprime um juizo e compõe-se logicamente de 1) **sujeito** (cf. n. 14, 1, pág. 17), de 2) **predicado verbal** ou **nominal** (cf. n. 14, 2, pág. 17) e de 3) complementos que marcam o ponto de partida e o ponto de chegada da ação do verbo (cf. n. 14, 2, Grupo A, *2*, *3*, Grupo B, *1*, pág. 17) (18-19) ou que determinam ou modificam a ação do verbo (cf. n. 14, 3, Grupo B, *2*, pág. 17) (19).

Cumpre não esquecer outros dois elementos importantíssimos da proposição, a saber: o **atributo** (cf. pág. 19 — no fim) e o **aposto** (cf. pág. 20 — no princípio (*).

CAPITULO I

SINTAXE DAS CONCORDANCIAS

Por **concordância** de palavras entende-se a uniformidade entre as palavras que concorrem para a formação de um determinado conceito, quanto às modificações de gênero, número, caso e pessoa a que possam estar sujeitas.

(*) Cf. tambem nossa brochura: Propedêutica Latina — Noções de Análise Lógica. Terceira edição.

O caso do sujeito da proposição.

165. — *a*) Com os verbos no modo **finito** (indicativo, subjuntivo e imperativo) o **sujeito** de qualquer proposição, expresso por um substantivo, adjetivo ou pronome, vai sempre para o caso **nominativo**, p. ex.: *o mestre ensina, nós aprendemos*, **magister docet, nos discimus**; *as palavras movem, os exemplos arrastam*, **verba movent, exempla trahunt**; *oxalá todos os discípulos estudassem!* **utinam omnes discipuli studerent!**

b) Na língua latina, os pronomes quando servem de nominativo sujeito e não indicam contraposição, nem são para realce, em regra, omitem-se, p. ex.: **homo sum** (subentendido **ego**), *sou homem;* **homines sumus, errare possumus** (subentendido **nos**), *nós somos homens, podemos errar;* mas dir-se-á: **tu, inquit, perge,** *tu, disse, continua;* **tu doces, nos audimus,** *tu ensinas, nós ouvimos;* **ego credo, tu dubitas,** *eu creio e tu duvidas.*

c) *Infinito subjetivo* ou *sujeito* — Em latim como em português, o verbo no infinito pode ser sujeito da proposição, p. ex.: *é belo morrer pela pátria*, **pulchrum est pro patria mori.**

CONCORDANCIA DO PREDICADO

§ I

CONCORDANCIA DO PREDICADO VERBAL

Ego lego, tu legis, Cicero legit.

166. — *a*) O verbo concorda com o sujeito em pessoa e número, p. ex.: *eu leio, tu lês, Cícero lê,* **ego lego, tu legis, Cicero legit.**

Observação. — Na língua latina, seja qual for o grau ou a dignidade da pessoa a quem se fala, usa-se sempre a segunda pessoa do singular, p. ex.: *o senhor é rico e feliz,* **tu dives ac beatus**; *dizei-me,* **dic mihi**; *senhor mestre, diga-me,* **dic mihi, magister.**

b) Se houver vários sujeitos da mesma pessoa, o verbo vai para o plural, p. ex.: *Castor e Polux combatiam a cavalo,* **Castor et Pollux ex equo pugnabant**; *o lobo e o cordeiro foram ao mesmo regato,* **ad eundem rivum lupus et agnus venĕrant.**

c) Se houver vários sujeitos de diferente pessoa, a primeira prevalece sobre a segunda, a segunda sobre a terceira, p. ex.: *eu e tu lemos,* **ego et tu legimus**; *se tu e Túlia passais bem, alegro-me; eu tambem passo bem,* **si tu et Tullia valetis, bene est; ego quidem valeo.**

d) Quando dois ou mais sujeitos de número singular formam um todo único o verbo pode estar no singular, e, se houver um predicado, este concorda com o último substantivo, p. ex.: **mens et ratio et consilium in senibus est,** *nos velhos se encontra mente, discrição e bom senso;* **animus et consilium et sententia civitatis**

posita est in legibus, *a força, a moderação e a prudência de um estado está nas leis;* **Senatus populusque romanus decrevit,** *o Senado e o povo romano decretou.*

Observação. — Esta construção encontra-se frequentemente na *hendíadis*, isto é, na união copulativa de dois substantivos, um dos quais está no lugar de um genitivo ou de um adjetivo e serve para completar e determinar o conceito contido no outro, p. ex.: **judicia periculaque,** *processos perigosos;* **oratio et facultas,** *a aptidão oratória;* **vis et arma,** *a força armada.*

Se estes sujeitos, porem, não formam um conceito único, mas diversos, prefere-se o plural: *o vasto mar e a língua desconhecida impediam o comércio,* **mare magnum et ignara lingua commercia prohibebant.**

e) Muitas vezes o verbo, comum a dois ou mais sujeitos, pode concordar no singular com o sujeito mais próximo, isto por atração ou por ser ele o mais importante, p. ex.: **impedimenta et omnis equitatus sequebatur,** *seguia-se toda a cavalaria e as bagagens;* **ego et Cicero meus flagitabit,** *eu e o meu Cícero pedirá com instância* por *eu e o meu Cícero pediremos com instância.*

f) Se os sujeitos se devem considerar cada um de per si, o verbo está no singular, p. ex.: **Conon plurimum Cypri, Iphicrătes in Thracia, Timothĕus Lesbi vixit,** *Conão viveu a maior parte do tempo em Cipre, Ifícrates na Trácia, Timóteo em Lesbos.*

g) Se o substantivo predicado difere do sujeito em gênero ou número, a concordância do verbo faz-se com o sujeito ou com o predicado, p. ex.: **ludi compitalicii fuit** *ou* **fuerunt initium tui consulatus,** *os jogos compitais marcaram o início do teu consulado;* **non omnis error est dicendus** *ou* **dicenda stultitia,** *nem todo o erro deve-se chamar estultícia.*

h) Quando vários sujeitos estão unidos pelas correlativas **aut... aut... ; et... et... ; nec... nec... ; neque... neque... ; sive... sive... ;** ou pela repetição da mesma palavra, o verbo concorda com o sujeito mais próximo, ficando subentendido para os outros, p. ex.: *em auxiliando os outros, devem-se considerar os costumes ou a fortuna,* **in hominibus juvandis aut mores aut fortuna spectari solet;** *escreve-me as cousas, quais elas são verdadeiramente, segundo as exigências das nossas condições e não as do teu amor,* **ad me ut tempora nostra, non ut amor tuus fert, vera rescrībe;** *por enquanto não me aproveitam nem os livros, nem as letras, nem a ciência,* **nunc mihi nihil libri, nihil litterae, nihil doctrina prodest;** *foram mortos Graco, o consular Fúlvio e os dois filhos deste,* **interfectus est Gracchus et Fulvius consularis ejusque duo filii.**

Mas o verbo se põe no plural quando se quer fazer salientar o conceito da pluralidade, a ação feita em comum, p. ex.: **nec quemquam hoc errore duci oportet, ut, si quid Socrates aut Aristippus contra morem consuetudinemque civilem** *fecerint locutive sint,* **idem sibi arbitretur licēre,** *nem é conveniente que alguem caia em erro, supondo que se Sócrates ou Aristipo fizeram ou disseram algo contra o uso e o costume civil, o mesmo lhe seja lícito.*

i) Um sujeito singular seguido de um complemento de companhia com a preposição **cum** pode ter o seu verbo tanto no singular como no plural, p. ex.: **ipse dux cum aliquot principibus capitur** *ou* **capiuntur**, *foi preso o próprio general com alguns outros chefes.*

Coriŏli oppidum captum est.

167. — *a*) Quando um sujeito plural está acompanhado de um substantivo apelativo como **urbs, oppidum, civitas,** o verbo concorda com este último, p. ex.: *a cidade de Coríolos foi tomada;* **Coriŏli oppidum captum est,** contudo, encontra-se tambem: **Athenae, clarissima civitas, eversae sunt** e **Corioli.., capti sunt.**

b) Quando o sujeito é um nome ou um pronome coletivo, como: **multitudo, grex, copia, turba, numerus parvus (magnus), pars, civitas, exercitus, classis, legio, cohors, juventus, gens, plebs, populus,** etc.; **uterque** e **quisque,** quando se referem a *homens,* o verbo pode ir para o plural (**constructio ad sensum**): **cetera classis fugerunt,** *o resto da frota fugiu;* **pars Sabinis eunt subsidio, pars Romanos adoriuntur,** *parte vai em auxílio dos Sabinos, parte assalta os Romanos;* **uterque exercitum educunt,** *ambos põem o exército em campo.*

c) Se um adjetivo ou particípio modifica um nome singular coletivo, o adjetivo ou particípio pode ir para o plural: **clamor inde concursusque populi (=hominum) mirantium quid rei esset** (*Lívio*).

§ II

CONCORDANCIA DO PREDICADO NOMINAL

A. — Adjetivo

Deus est sanctus.

168. — *a*) O **predicado nominal adjetivo** concorda com o sujeito em gênero, número e caso, p. ex.: **Deus est sanctus,** *Deus é santo;* **acti labores sunt jucundi,** *as fadigas passadas são agradaveis.*

b) Se o predicado nominal adjetivo se refere a vários substantivos do mesmo gênero vai para o plural: *o pai e o filho são bons,* **pater et filius sunt boni;** *Túlia e Terência são muito solícitas,* **Tullia et Terentia diligentissimae sunt;** *a pomba e a ovelha são medrosas,* **timidae sunt columba et ovis;** *o cão e o lobo são inimigos entre si,* **inter se inimici sunt canis et lupus;** *a ira e a avareza são perigosas,* **ira et avaritia sunt periculosae.**

Mas, se os substantivos são do mesmo gênero e designam cousas, o predicado adjetivo não só pode ir para o plural do mesmo gênero **ira et avaritia sunt periculosae,** mas tambem pode-se por no neutro plural e dizer: **ira et avaritia sunt periculosa.**

c) Se os substantivos são de gênero diverso e designam pessoas ou animais, o predicado vai para o plural masculino: *o pai e a mãe morreram*, **pater et mater mortui sunt**; *a águia e o javalí foram consumidos pela fome*, **aquila et aper inediā consumpti sunt**; *as pombas e os pavões são amigos*, **amici sunt pavones et columbae.**

d) Se os substantivos são de gênero diferente e designam cousas, o predicado vai para o plural neutro: *a porta e o muro foram atingidos pelo raio*, **porta et murus de caelo tacta sunt.**

e) Se os substantivos são de gênero diverso e indicam pessoas e cousas, o predicado vai para o plural e toma o gênero que se quer fazer sobressair: *partiu o rei e a armada real*, **rex regiaque classis una profecti sunt**; *livraram-se os povos e as províncias*, **populi provinciaeque liberatae sunt.**

f) Mas indicando animais e coisas, dir-se-á sempre: **aedificium, equi, boves, vaccae una deleta sunt incendio**, *a casa, os cavalos, os bois e as vacas foram, ao mesmo tempo, devorados pelo incêndio.*

Observação. — Com relação à concordância do predicado nominal adjetivo superlativo com o sujeito ou com o genitivo partitivo ou ablativo cf. n. 60, *b*, pág. 65; n. 315, *a*, *b*, pág. 248.

Hoc prudens feci.

169. — Muitas vezes têm significação predicativa:

a) Os adjetivos que indicam uma série, uma ordem, um número, uma sucessão no tempo e no espaço, p. ex.: **primus, extremus, medius, prior, inferior,** *Cesar chegou primeiro*, **Caesar primus advēnit**; *Cesar foi o último a partir*, **Caesar ultimus discessit.**

b) Os que indicam um estado, uma disposição de ânimo ou de corpo, p. ex.: **laetus, maestus, libens, invitus, absens, praesens, imprūdens, sciens, inscĭus,** que, em geral, se traduzem em português com um advérbio ou com uma frase adverbial, p. ex.: **prudens hoc feci,** *fiz isto de propósito;* **inscius peccavi,** *fiz mal sem o saber.*

Turpe est mentiri.

170. — Quando o sujeito é um infinito, o predicado nominal adjetivo põe-se no gênero neutro: *mentir é vergonhoso*, **turpe est mentiri.**

Observação. — Às vezes, com um sujeito masculino ou feminino encontra-se um predicado de gênero neutro, p. ex.: **varium et mutabile semper femina,** *a mulher é um ser sempre inconstante e variavel;* **turpitudo pejus est quam dolor,** *a deshonra é um mal pior que a dor;* **triste lupus stabulis,** *o lobo é o terror dos estábulos.*

Hostium duo milia capti sunt.

171. — *a*) Algumas vezes o adjetivo predicado toma o gênero natural do sujeito de preferência ao gramatical (*constructio ad sententiam* ou *ad sensum*), especialmente com os coletivos (substantivos

ou pronomes) **multitudo, vis, numerus, juventus, nobilitas, pars, plebs,** etc., p. ex.: **magna pars vulnerati aut occisi sunt,** *a mor parte foram feridos ou mortos.*

b) Esta construção é tambem frequente com o substantivo **capita** e com o numeral **milia,** por ex.: **capita conjurationis caesi ac securi percussi sunt,** *os chefes da conjuração foram açoitados a vara e feridos a machado* (=decapitados): **hostium duo milia capti sunt,** *dois mil inimigos foram aprisionados.*

CONCORDANCIA DO PREDICADO NOMINAL

B. — Substantivo

Pietas est fundamentum omnium virtutum.

172. — *a*) O **predicado nominal substantivo** concorda com o sujeito em caso, conservando o gênero e o número que lhe são próprios, p. ex.: *a vida rústica é mestra de economia,* **vita rustica est magistra parsimoniae;** *a piedade é o fundamento de todas as virtudes,* **pietas est fundamentum omnium virtutum;** *os prisioneiros foram presa dos soldados,* **captivi militum praeda fuerunt;** *Aristides morreu pobre,* **Aristides mortuus est pauper;** *Cesar foi eleito ditador,* **Caesar factus est dictator.**

Observação. — Quando o predicado for um substantivo movel, isto é, formar o masculino e feminino variando a desinência, concorda com o sujeito não só em caso, mas tambem em gênero e número, p. ex.: *a riqueza é dominadora de todas as ações,* **divitiae sunt dominae actionum omnium;** *a flor é núncia da primavera,* **flos est nuntius veris;** *a cegonha é núncia da primavera,* **ciconia est nuntia veris;** *Atenas foi inventora de todas as artes,* **Athenae fuerunt inventrices omnium artium.**

Se o sujeito, porem, for de gênero neutro, o substantivo movel vai para o gênero masculino, p. ex.: *o tempo é ótimo mestre,* **tempus est optimus magister.**

b) Se o predicado nominal substantivo se refere a um complemento objetivo vai para o acusativo: *o povo criou consul a Mário,* **populus Marium consulem fecit;** *os Godos elegeram Alarico para chefe,* **Gothi Alaricum ducem elegerunt** (cf. n. 236, *c*, obs. pág. 213; n. 259, pág. 222).

c) Têm muitíssimas vezes significação predicativa:

I) Os substantivos que indicam idade, p. ex.: **senex, juvenis, adulescens, puer.**

II) Os que indicam um cargo, uma posição social, p. ex.: **consul, praetor, aedilis, magister, testis,** etc.

Em português se traduzem geralmente com uma frase adverbial: *como,* ou com expressões equivalentes: *quando, no tempo em que,* p. ex.: **Cicero consul conjurationem Catilinae oppressit,** *Cícero, quando era consul, esmagou a conjuração de Catilina;* **Cato senex litteras graecas didicit,** *Catão aprendeu o grego quando já era velho.*

§ III

CONCORDANCIA DO ATRIBUTO COM O SUBSTANTIVO

Amicus certus in re incerta cernitur.

173. — *a*) O adjetivo **atributo** concorda com o substantivo a que se refere em gênero, número e caso: *o bom pai e a boa mãe dirigem a casa*, **pater bonus et mater bona regunt domum**; *o amigo verdadeiro se conhece na ocasião incerta* (*=na adversidade*), **amicus certus in re incerta cernitur.**

b) O atributo que se refere a vários substantivos concorda em gênero, número e caso com o mais próximo, p. ex.: **hominis utilitati omnes agri et maria patent** ou **agri et maria omnia** ou tambem **agri omnes et maria**, *todos os campos e os mares servem à utilidade do homem.*

Observações. — *1*) Pode-se tambem repetir o adjetivo com cada um dos substantivos e com ele concordar, p. ex.: **alienam virtutem et bonum alienum invĭdi oderunt** ou **alienam virtutem et bonum** ou **virtutem et alienum bonum**, *os invejosos odeiam a virtude e o bem de outrem.*

2) Pode-se dizer: **quinta et sexta legio**, *a quinta e a sexta legião* ou **quinta et sexta legiones**, *as legiões quinta e sexta*... Mais frequentemente se diz: **Caius et Tiberius Gracchi** e não **Caius et Tiberius Gracchus interfecti sunt**, porque o atributo se refere a pessoas, *Caio e Tibério Graco foram mortos.*

§ IV

CONCORDANCIA DO APOSTO

Alexander Macedonum rex.

174. — *a*) O aposto vai para o caso do nome a que se refere, p. ex.: *Alexandre, rei dos Macedônios, levou a guerra a Dario, rei dos Persas*, **Alexander, Macedonum rex, bellum intŭlit Dario, regi Persarum**; *Alexandre, vencedor de tantos reis e povos, foi vencido pela ira*, **Alexander, victor tot regum atque populorum, irae succubuit.**

O aposto, sendo substantivo, conserva sempre o gênero e número que lhe são próprios, p. ex.: *Tuliazinha, nosso encanto, pede-te um mimo*, **Tulliŏla, deliciae nostrae, munusculum tuum flagitat**; *Cesar tomou Alésia, campo muito fortificado*, **Caesar Alesiam coepit, castra munitissima.**

b) Os nomes de cidade, província, ilha e pessoa, na língua clássica, consideram-se simples apostos: *a cidade de Roma*, **ubs Roma**; *a província da A'sia*, **Asia provincia**; *na ilha de Sicília*, **in insula Sicilia**; *o nome de Pedro*, **nomen Petrus**; *o sobrenome de Africano*, **cognomen Africanus**; *a cadeia do Jura*, **mons Jura.** Diz-se, porem, **nomen voluptatis**, *a palavra prazer*; **vox carendi**, *a palavra*

faltar; **libertatis nomen,** *o nome da liberdade;* **nomen poëtae,** *o nome de poeta;* **arbor fici,** *a figueira;* porque este genitivo (declarati- vo) pertence a uma proposição oculta: **arbor fici = arbor quae dicitur ficus** (cf. n. 265, pág. 226).

Observação. — Em Lívio e nos poetas não é raro o genitivo, p. ex.: **fons Timavi,** *a fonte do Timavo* (Ver. *Aen.* I, 244); **urbem Patavi,** *a cidade de Pádua* (Verg. *Aen.* I, 247); **ad lacum Lucrini** (*Lívio* 24, 12, 4).

c) E' digno de observação o uso da língua latina de pospor o nome apelativo, que indica grau, título, profissão, ao nome próprio, p. ex.: *o filósofo Aristóteles, o poeta A'rquias, o tirano Dionísio, o poeta Vergílio,* etc., **Aristoteles philosophus, Archĭas poëta, Dionysius tyrannus, Vergilius poëta.** Encontra-se, contudo, nos autores: **ubs Roma, mons Vosĕgus, flumen Rhenus** (tambem **Rhenus flumen**), **rex Philippus, imperator Trajanus,** etc.

d) Com a frase **habere nomen** ou **cognomen,** *ter o nome, o sobrenome de...,* se a determinação for um *nome próprio,* vai para o acusativo: **Esquilias nomina collis habet,** *o monte tem o nome de Esquílias (=Esquilino);* se o *nome for apela- tivo,* vai para o genitivo: **Cato cognomen habebat in senectute sapientis,** *Catão em sua velhice tinha o sobrenome de sábio.*

e) Quando o aposto é um substantivo movel (Cf. n. 172, *c,* observação, pág. 180) tambem concorda, em gênero e número, com o nome a que se refere, p. ex.: *o leão, rei dos animais,* **leo, rex animalium;** *a águia, rainha das aves,* **aquila, regina avium;** *deixando de lado Atenas, inventora de todas as artes,* **ut omittam Athenas, inventrices omnium doctrinarum;** *o tempo, ótimo mestre,* **tempus, optimus magister.**

f) O aposto apelativo, seguido de uma proposição relativa, inclue-se na mesma proposição depois do relativo, p. ex.: *Roma, cidade que foi a sede do poder e da glória,* **Roma, quae urbs** (não **urbs quae**) **domicilium fuit imperii et gloriae;** *Catão, homem que na autoridade sobrepujava os demais,* **Cato, qui vir** (não **vir qui**) **auctoritate omnes superabat.** — *No tempo em que... desde o tempo que...* **quo tempore..., ex quo tempore...**

g) O aposto conserva o caso do substantivo a que se refere tambem quando se une ao substantivo com **id est, hoc est** = *isto é.* — Unindo-se ao substantivo por meio do verbo **dico,** *digo,* vai para o acusativo, se o substantivo está em caso nominativo; senão, tambem com **dico,** conserva o mesmo caso, p. ex.: *tu favoreces os teus colegas, isto é, os auxiliares dos teus crimes,* **comitibus tuis, id est scelerum adjutoribus faves;** *floresceram oradores sumos, digo, Antônio e Crasso,* **summi oratores, Antonium dico et Crassum, exstiterunt;** *dia triste foi para nós o de ontem, para nós, digo, homens consulares,* **quam hesternus dies nobis, consularibus dico, turpis illuxit!**

h) Na prosa clássica não se une imediatamente o adjetivo a um substantivo próprio, mas serve-se quase sempre do superlativo e de um nome que indique o gênero, p. ex.: **homo, vir, urbs, civitas,** etc., p. ex.: *o sábio Platão,* **Plato, homo sapientissimus;** *a douta Atenas,* **Athenae, doctissima civitas;** *o íntegro Fabrício,* **Fabricius, vir integerrimus;** *o afamado Diógenes.* **Diogenes, nobilissimus philosophus.** Dir-se-á, porem, **Cato Major** para distinguí-lo do **Minor,** tambem **Laelius Sapiens; Alexander Magnus.** — **Columba, animal timidissimum,** *a tímida pomba* (para indicar a qualidade de todas as pombas); a expressão **timidissima columba** significaria a qualidade de timidíssima própria de uma pomba particular.

Observação. — E' digno de reparo o uso da língua latina de determinar uma pessoa unindo dois substantivos em aposição recíproca, ao passo que em português sempre se usa um substantivo e um adjetivo, p. ex.: **puer servus,** *um jovem escravo;* **senex imperator,** *um velho comandante;* **eques gallus,** *um cavaleiro gaulês.*

Tambem diz-se regularmente: **nemo** (não **nullus**) **romanus, nemo mortalis, nemo civis, nemo doctus,** *nenhum romano, nenhum homem, nenhum cidadão, nenhum sábio;* **nemo poëta, nemo homo,** *nenhum poeta, nenhum homem.* Cf. n. 76, (pág. 80), *i* (pág. 84).

§ V

CONCORDANCIA DO PRONOME

Discipuli, quos doceo, sunt boni.

175. — *a*) O pronome concorda em *gênero* e *número* com a palavra a que se refere: o *caso* depende da função lógica que exerce na proposição, p. ex.: *os alunos, que eu instruo, são bons,* **discipuli, quos doceo, sunt boni.**

b) Quando o pronome se refere a vários nomes, na concordância, segue a regra do predicado nominal adjetivo (cf. n. 168, pág. 178): **pater et filius, qui sunt boni...; pater et mater, qui sunt boni...; virtus et vitium, quae** (n.) **sunt contraria...;** *fujamos a temeridade e a inconstância, que, por certo, não são de Deus,* **fugiamus inconstantiam et temeritatem, quae certe digna** (ou **dignae**) **non sunt Deo,** etc.

c) Se se refere a uma proposição inteira vai para o *neutro singular,* p. ex.: *os Espartanos mataram o rei Age, o que nunca tinha acontecido.* **Lacedaemonii Agim regem necaverunt, id quod nunquam acciderat.**

d) Algumas vezes o pronome demonstrativo, que devia estar logicamente em gênero neutro, é atraido em gênero e número pelo predicado que lhe está próximo, p. ex.: *isto é minha culpa,* **haec est mea culpa,** em vez de **hoc est**; *eis o que considero uma brilhante vitória,* **hanc dico praeclaram victoriam**; *querer e não querer a mesma cousa, eis o que considero como verdadeira amizade,* **idem velle atque idem nolle, ea demum firma amicitia est.**

e) Se numa proposição relativa houver um predicado nominal comum, o pronome relativo pode concordar com este predicado; mas, se o predicado for um nome próprio, o relativo concorda com o seu antecedente, p. ex.: *Tebas, que é a capital da Beócia, foi pátria de Píndaro,* **Thebae, quod Boeotiae caput est, patria fuerunt** (ou **fuit**) **Pindari**; *este animal cheio de razão e de prudência, que nós chamamos homem,* **animal hoc plenum rationis et consilii, quem vocamus hominem**; *todos os Belgas, que formavam a terça parte da Gália, conjuraram contra o povo romano,* **omnes Belgae, quae tertia erat Galliae pars, contra populum romanum conjuraverunt**; *o rio, que se chama Tâmisa, é grande,* **flumen, quod appellatur Tamĕsis, magnum est.**

f) O pronome pode concordar tanto com o substantivo, como com o aposto, p. ex.: **flumen Rhenus, qui** ou **quod agrum Helvetiorum a Germanis dividit, oritur ex Alpibus Lepontinis,** *o rio Reno, que divide o território dos Helvécios do dos Germanos, nasce nos Alpes Lepontinos.*

g) Quando um pronome se refere a um nome coletivo ou a um conceito coletivo pode concordar tanto com o gênero e o número gramatical como com o gênero e o número natural: *venceu no senado o partido maior o qual* (ou: *e este*) *preferia o dinheiro e a popularidade*, **vicit in senatu pars major qui** (*ou* **hi**) **pretium aut gratiam anteferebant**; *a amizade é daquele gênero* (*de virtudes*), *que são uteis*, **amicitia est ex eo genere, quae prosunt**; *Cesar manda na frente a cavalaria*(= *os cavaleiros*) *para explorar*, **Caesar equitatum praemittit qui videant.**

Observação. — A frase: *o homem que...* traduz-se em latim **is (ille) qui**; **qui** (só) ou **qui vir** (cf. n. 174, *f*, pág. 181) e não **vir qui.**

CAPITULO II

SINTAXE DOS COMPLEMENTOS.

176. — Os complementos dividem-se em *diretos* e *indiretos.* O único complemento direto é o *objetivo;* todos os outros são *indiretos* e dividem-se em complemento de lugar, de tempo, de qualidade, de meio ou instrumento, de causa, de companhia, de modo ou maneira, de relação, de preço, de origem, de agente, de extensão e de medida, etc.

COMPLEMENTO DIRETO

Pater amat filium.

177. — *a*) O *complemento objetivo* ou **objeto direto** vai para o caso acusativo, p. ex.: *o pai ama o filho*, **pater amat filium;** *os mestres louvam os alunos diligentes*, **magistri laudant discipulos diligentes;** *Deus criou o mundo*, **Deus mundum aedificavit;** *eu imito o exemplo do pai*, **imĭtor exemplum patris** (cf. n. 246, *a*).

b) *Infinito objetivo* ou *objeto.* — Em latim, como em português, o infinito pode desempenhar a função lógica de complemento objetivo ou objeto direto, p. ex.: *sabes vencer*, **scis vincere** (cf. n. 375, *b*, pág. 276).

COMPLEMENTOS INDIRETOS

Complementos de lugar

Observação. — Os diversos complementos ou adjuntos adverbiais de lugar exprimem-se por meio de *advérbios* e de *substantivos*. Com relação aos *advérbios* de lugar cf. n. 142, pág. 151.

Ás regras seguintes dizem respeito aos *substantivos* que indicam lugar.

LUGAR ONDE.

Ego ambŭlo in horto.

178. — O nome do lugar onde a pessoa está ou onde se faz alguma cousa vai para o ablativo com **in,** p. ex.: *estou na cidade*, **ego sum in urbe;** *passeio no jardim*, **ego ambŭlo in horto;** *Lúcio Cipião combateu na A'sia*, **Lucius Scipio bellum gessit in Asia.**

Natus est Carthagĭne. — Natus est Romae.

179. — *a)* Omite-se a preposição **in** antes dos nomes próprios de cidade, p. ex.: *nasceu em Cartago*, **natus est Carthagĭne.**

b) Mas, se o nome da cidade for da *primeira* ou da *segunda* declinação e do *singular*, vai para o caso locativo, que, em razão da sua forma, se confunde com o genitivo, p. ex.: *Cesar nasceu em Roma*, **Caesar natus est Romae.**

Se o nome da cidade for do *plural*, vai regularmente para o ablativo, p. ex.: *ele mora em Átenas, Mégara, Veneza*, **ille habitat Athenis, Megăris, Venetiis.**

c) Os nomes de ilhas pequenas, que designam muitas vezes a ilha e a única cidade da ilha, seguem a regra dos nomes de cidade, p. ex.: *Conão viveu em Cipre, Salamina e Creta*, **Conon vixit Cypri, Salaminae, Cretae.** — Diz-se, porem: **sum in Eubea, in Sicilia, in Britannia,** porque nomes de ilhas grandes, de acordo com os conhecimentos geográficos de então.

Delectus tota Italia habebantur.

180. — Omite-se tambem a preposição **in :**

a) Com as expressões: **terra,** *por terra;* **mari,** *por mar;* **terra marique,** *por terra e por mar.* **In terra** significa *na terra;* **in mari,** *no mar*, p. ex.: **mari vehi,** *ir por mar;* **Pompeius mari Siciliam adiit,** *Pompeu foi por mar à Sicília.*

b) Com o nome **loco (locus, i,** m.) acompanhado de um adjetivo quando indica *situação:* **bono loco, salubri loco, idoneo loco, opportuno loco, multis locis, idoneis locis, hoc** ou **eodem loco,** etc., p. ex.: *em todos os lugares se pode praticar a virtude*, **omnibus locis virtus coli potest.**

c) Com os nomes de paises unidos aos adjetivos **totus, omnis, universus, medius : tota urbe, tota Asia, tota Italia, media Italia, media urbe, universa Graecia,** p. ex.: *alistavam-se tropas em toda a Itália*, **delectus tota Italia habebantur.**

Nos escritores encontra-se às vezes o contrário: **in hoc loco, in locis idoneis** (*Cesar*); **tota in Italia, toto in orbe terrarum** (*Cícero*). São formas que não se devem imitar porque raras.

d) Com o nome *parte* (**pars, partis, f.**) acompanhado de um adjetivo: **alia parte, dextra parte, sinistra parte, reliquis partibus,** p. ex.: **pugnatum est reliquis oppidi partibus,** *combateu-se nas outras partes da cidade.*

e) Com **liber (liber, libri,** m., *livro*) ou **caput** (capĭtis, n., *capítulo*) e com os nomes que indicam o título de uma obra, omite-se a preposição **in,** quando se indica o conteudo de *todo* o livro ou *de todo* um capítulo: **de amicitia alio libro dictum est,** *da amizade já se tratou em outro livro*, isto é, no opúsculo *De Amicitia* inteiramente dedicado a este assunto. Indicando-se, porem, uma *parte* de um livro ou de um capítulo usa-se a preposição **in : de agricultura in Catone Majore satis multa diximus,** porque Cícero só trata da agricultura em alguns capítulos do Catão Maior, isto é, no tratado *De Senectute*.

Estne domi?

181. — Os nomes **domus, humus, rus** conservam seu antigo caso locativo **domi**, *em casa;* **humi**, *em terra,* **ruri**, *no campo.* **Estne domi?** *Está em casa?* **Ruri habitat**, *vive no campo;* **humi jacēre**, *jazer por terra;* **domi militiaeque** ou **domi bellique**, *na paz e na guerra;* mas se não forem correlativos dir-se-á: **in bello**, *na guerra;* **in militia**, *na milícia*, p. ex.: *Dião estava retirado em casa,* **Dion domi se tenebat**; *a codorniz canta deitada no chão,* **coturnix cantat humi sedens.**

Proximidade de um lugar

Romani ad Cannas victi sunt.

182. — O nome do lugar junto do qual acontece ou aconteceu um fato vai para o acusativo com **ad** ou **apud**, p. ex.: *os Romanos foram vencidos em Canas,* **Romani ad Cannas victi sunt**; *batalha de Zama,* **pugna ad Zamam**; *batalha do Trasimeno,* **pugna ad Trasimennum**; *batalha de Maratona,* **pugna ad Marathonem** (ou **Marathona**) ou **marathonia pugna.**

Lugar para onde

Eo in urbem.

183. — O nome do lugar para onde alguem se dirige vai para o acusativo com **in** (*entrada num lugar*) e **ad** (*aproximação de um lugar*), p. ex.: *vou para a cidade,* **eo in urbem**; *Mário dirigiu-se à província,* **Marius in provinciam profectus est**; *Cesar dirigiu-se à Espanha,* **Caesar in Hispaniam contendit**; *o lobo e o cordeiro foram ao mesmo rio,* **ad rivum eundem lupus et agnus venerant.**

Ibo Romam, Athenas.

184. — *a)* Omite-se a preposição **in** antes dos nomes próprios de cidade, dos de ilhas pequenas e de **domus** e **rus**, p. ex.: *irei a Roma, a Atenas,* **ibo Romam, Athenas**; *vou para casa,* **eo domum**; *vou a Lesbos,* **Lesbum proficiscor.**

Observação. — A mesma regra serve para os substantivos que derivam de verbos que significam movimento para algum lugar, p. ex.: **nocturnus introitus in Smyrnam, quasi in hostium urbem**; **reditus in Graeciam**; **profectus in Hispaniam**; **domum reditio**; **iter Romam**; **adventus in urbem**; **fuga in Galliam.**

b) A vizinhança de um lugar para onde alguem se dirige se exprime por meio do acusativo precedido de **ad** ou **apud**, p. ex.: *chegar às cercanias, arredores, proximidades de Siracusa,* **pervenire apud** ou **ad Syracusas** — **pervenire Syracusas** = *chegar a Siracusa* (dentro da cidade): **Agamemnon maximas copias duxit ad Troiam**, *Agamemnão reuniu muitas forças nos arredores de Tróia* (*para sitiá-la*).

c) Assim tambem se exprime a preposição quando se indica simplesmente a direção sem haver contudo um verdadeiro movimento, p. ex.: **a Roma ad Tarentum multae gentes non unius stirpis incolebant**, *de Roma a Tarento = entre Roma e Tarento...*

d) Com o verbo **petere**, *dirigir-se para, ir* ou *vir a*, e **repetĕre**, *voltar*, não se usa a preposição, quer com os nomes próprios de cidade, quer com os comuns, p. ex.: **Caesar Galliam petiit; Cicero Capuam petiit; Marius provinciam petiit.**

e) O nome **Aegyptus**, ainda que de região, encontra-se às vezes no acusativo sem preposição: **Aegyptum proficisci parabat**, *preparava-se a partir para o Egito.* (*Cornélio Nepos, Dat. 4, I*). Assim diga-se de **Chersonesus**, *Quersoneso* e **Peloponnesus**, *Peloponeso*, que, embora nomes de penínsulas, se encontram às vezes com o acusativo sem preposição.

Lugar donde

Redeo ex urbe.

185. — O nome de lugar donde alguem sai ou vem, põe-se no ablativo com a preposição **a, ab**; **ex (e)**; **de**, p. ex.: *volto da cidade*, **redeo ex urbe**; *levantou-se do leito*, **surrexit a lectulo**; *os nossos soldados vinham da cidade, do acamapamento, do monte*, **milites nostri veniebant ab urbe, ex castris, de monte**; *venho do juiz*, **venio a judice**; *a fuga ou o afastamento da cidade*, **fuga** ou **discessus ab urbe.**

Redeo Roma.

186. — *a*) Omite-se a preposição **a, ab; ex (e); de**, antes dos nomes próprios de cidade, dos de ilhas pequenas e de **domo, humo, rure**, p. ex.: *volto de Roma*, **redeo Roma**; *fugiu de Rodes para Atenas, na Grécia*, **Rhodo fugit Athenas in Graeciam**; *Diónísio mandou vir Platão de Atenas*, **Dionysĭus Platonem Athenis arcessivit**; *partiu de casa, do campo*, **profectus est domo, rure**; *o vento levanta do solo a areia*, **ventus arenam humo excĭtat.**

b) Sempre se usa a preposição quando se indica simplesmente a vizinhança, p. ex.: **Caesar a Gergovĭa discessit**, *Cesar partiu dos arredores de Gergóvia.* — **Gergovĭa discessit** = *da cidade de Gergóvia.*

Observação. — Às vezes encontra-se a preposição tambem com os substantivos excetuados, p. ex.: *para eu ir de Atenas a Beócia*, **ut ab Athenis in Boeotiam irem** (Cícero); *os embaixadores romanos transportaram-se de Cartago para a Espanha*, **legati romani ab Carthagine in Hispaniam trajecerunt**; *do Epidauro foi ao Pireu* **ab Epidauro Piraeum advectus est**; *da vila voltou para a cidade*, **ex rure in urbem reversus est**; *parecia não que Ático morresse, mas que passasse de uma casa para outra*, **Atticus non ex vita, sed ex domo in domum videbatur migrare.**

c) A preposição **a, ab** é necessária com os verbos **abesse, distare, considĕre**, etc., e com os advérbios **prope, longe, procul**, p. ex.: **castrum distabat a Perusia milia passuum sex; non procul a Roma; non procul a Faesulis**, etc. (cf. n. 223, *d*, pág. 205).

MOVIMENTO POR ONDE

Hannĭbal per Alpes transiit.

187. — O nome do lugar pelo qual se passa vai para o acusativo com **per**, p. ex.: *Aníbal passou pelos Alpes*, **Hannĭbal per Alpes transiit**; *o filósofo Pitágoras passou pela Itália*, **per Italiam iter habuit Pythagoras philosophus**; *os nossos soldados passaram por matas cerradas e sombrias*, **milites nostri iter fecerunt per densas et obscuras silvas**; *a virtude passa através das dificuldades*, **virtus per ardua transit.**

Via Appia profectus est.

188. — *a*) Com os nomes próprios de cidade, dos de ilhas pequenas e de **domus** e **rus** usa-se o ablativo sem preposição, p. ex.: *Diógenes passou por Mégara*, **Diogĕnes transiit Megăra**; *Cícero passou por Laodicéia*, **Cicero Laodicēa iter fecit.**

b) Às vezes tambem com êstes nomes usa-se o acusativo com **per**, p. ex.: *Pelópidas passou por Tebas*, **Pelopĭdas per Thebas iter fecit**; *Aníbal foi a Túsculo passando por Álgido*, **Hannĭbal per Algĭdum Tusculum petiit.**

c) Os substantivos que indicam *porta, via, mar, terra*, (**terra, mare, via, iter, pars, regio**), usam-se no ablativo sem preposição, p. ex.: *saiu pela via Ápia*, **via Appĭa profectus est**; *viajar por um caminho poeirento*, **iter conficere pulverulenta via**; *pelo caminho mais breve foram enviados cavaleiros na frente*, **equites via breviore praemissi sunt.** — *Um lobo, que entrara pela porta Esquilina, fugiu pela porta Colina*, **lupus Esquilina porta ingressus per portam Collinam evaserat**, neste exemplo temos o acusativo com **per** para se indicar expressamente o sentido de *através* — *Veio pela via direita, esquerda*, **venit dextra, sinistra** (subentendido **via**).

OBSERVAÇÕES SOBRE OS COMPLEMENTOS DE LUGAR

(In) ipsa Roma.

Constiterunt Corinthi, (in) urbe celebri.

189. — *a*) O nome próprio de cidade acompanhado de um adjetivo ou pronome se constrói com ou sem a preposição, p. ex.: **(in) ipsa Roma, ipsa Alexandria, magna Roma, Athenis tuis esse: ad doctas proficisci cogor Athenas**, *devo partir para a sábia Atenas.*

b) Se os nomes próprios de cidade ou de ilhas pequenas forem acompanhados dos *apelativos* **urbs, oppidum, civitas, insula** em aposição, o nome próprio pospõe-se ao apelativo, e todos os

quatro adjuntos de lugar seguem a regra geral recebendo a preposição, p. ex.: *Cimão morreu na cidade de Cício*, **Cimon in oppido Citĭo est mortuus**; *viveu na ilha de Delos*, **vixit in insula Delo**; *partí da cidade de Roma*, **profectus sum ex urbe Roma**; *foi à cidade de Cirta*, **in oppidum Cirtum venit** (Cf. n. 174, *b*, pág. 181).

c) Mas se os nomes apelativos supramencionados forem por sua vez acompanhados de um *adjetivo* ou de um *genitivo de especificação* formando aposto do nome próprio:

I) O nome próprio segue a sua regra, e o apelativo a regra geral com ou sem preposição, p. ex.: *pararam em Corinto, célebre cidade*, **constiterunt Corinthi, urbe celebri** ou **in celebri urbe**; *viveu em Atenas, cidade florescentíssima da Grécia*, **vixit Athenis, urbe florentissima** ou **in urbe florentissima Graeciae**. — *Iremos à antiga cidade de Pádua*, **ibimus Patavĭum, urbem** ou **in urbem antiquam**; *foi a Tarquínias, cidade florescentíssima da Etrúria*, **se contulit Tarquinĭos, urbem** ou **in urbem Etrurĭae florentissimam**. — *Partimos de Atenas, célebre cidade*, **profecti sumus Athenis, ex urbe clarissima**; *viera de Túsculo, nobilíssimo município*, **Tuscŭlo, ex clarissimo municipio, profectus erat.**

Observação. — Raramente se omite a preposição com o adjunto adverbial de lugar donde.

Outros modos de resolver o mesmo caso.

II) O nome próprio com a preposição segue a regra geral e o apelativo serve-lhe de aposto p. ex.: *nasceu em Antioquia, cidade rica e populosa*, **natus est in Antiochīa, celebri urbe et copiosa**;

III) ou tambem o nome próprio segue a exceção, e o apelativo e as suas partes integrantes resolvem-se numa proposição apositiva com o relativo **qui, quae, quod**, p. ex.: **vixit Athenis, quae fuit urbs florentissima**; **se contulit Tarquinĭos, quae fuit urbs...**; **Tuscŭlo, quod erat clarissimum municipium, profectus est.**

d) Os nomes **rus, humus, domus**, quando acompanhados de um adjetivo *qualificativo* ou *determinativo* recebem regularmente a preposição, p. ex.: *mora em um campo ameno*, **habĭtat in rure amoeno**; *mora em uma casa grande, em uma casa velha*, **habĭtat in domo ampla, in domo vetere**; *nesta casa, na mesma casa, naquela casa*, **in hac, in eādem, in illa domo. — In domum celebrem. — Ex amplissima domo. — Ad rura paterna, ex rure pulcherrimo**, etc.

Observação. — A mesma regra serve para **rus** acompanhado de um adjetivo *possessivo* ou de um *genitivo*, p. ex.: **in rure meo, in rure suo est**, *está no meu, no seu campo;* **ad rus Antoni**, etc.

e) Se o substantivo **domus** é acompanhado de um adjetivo *possessivo*, de **alienus** ou de um *genitivo*, pode-se dizer:

Lugar onde: **domi meae, tuae, suae, vestrae, domi alienae, domi hujus, domi Caesaris** ou tambem **in domo mea, tua, sua, in domo aliena, in domo hujus, in domo Caesaris** ou tambem **domi apud me, te, illum**, etc.; **domi apud Caesarem.**

Lugar para onde: **domum meam, tuam, suam, vestram, Caesaris** ou tambem **in domum meam, tuam, suam, vestram, Caesaris.**

Observação. — Usado no plural, o substantivo **domus** recusa a preposição, p. ex.: **domos nostras redeamus,** *voltemos para as nossas casas.*

Lugar donde: **domo mea, tua, sua, vestra, Caesaris.**

Observação. — Encontram-se tambem as formas: **e domo Caesaris, a domo tua, ab illa domo.**

Usque ad urbem — usque a mari — in Italiam versus.

190. — *a)* O nome de lugar até onde se chega quer o acusativo com ou sem preposição conforme os diferentes nomes, precedido ou seguido de **usque,** p. ex.: *ir até Roma,* **ire usque Romam;** *até a casa,* **usque domum;** *até à cidade,* **usque ad urbem;** *até ao Egito,* **usque ad** ou **in Aegyptum** ou **ad (in) Aegyptum usque.**

Menos usada que **usque** é a preposição **tenus,** sempre posposta ao substantivo, que vai sempre para o ablativo e tambem para o genitivo, se o substantivo for de número plural, p. ex.: **Tauro tenus,** *até ao monte Tauro;* **Cumarum tenus,** *até Cumas.*

b) O nome do lugar desde onde alguem vem põe-se no ablativo precedido de **usque** com a preposição **a, ab** ou **ex,** p. ex.: *desde o mar,* **usque a mari** ou **ab usque mari;** *desde a Armênia,* **usque ab Armenĭa.** — Com os nomes de cidade omite-se a preposição, **a, ab** ou **ex** e pospõe-se **usque** ao substantivo, p. ex.: **Carthagĭne usque venit,** *veio desde Cartago.*

c) A direção para um lugar exprime-se por meio do acusativo com a preposição **in** ou **ad** seguida de **versus,** p. ex.: *partir em direção à Itália, ao oceano,* **proficisci in** ou **ad Italĭam versus, ad oceănum versus.** — Com os nomes de cidade omite-se regularmente a preposição **in** ou **ad : Brundusium** (Brindes), **Romam versus.**

Observação. — Encontra-se tambem **ad Cordŭbam versus,** *em direção de Córdova.*

Praesidium in oppido collocavi.

191. — Os verbos **ponere** (não **imponere**), **collocare, statuere, constituere, figere, insculpere, incidere, inscribere** e semelhantes, apesar de incluirem idéia de movimento, indicam lugar onde, e assim tambem **ambulare, vagari, currere, natare** quando não se sai dos limites do lugar onde se passeia, se corre, se vagueia, p. ex.: **praesidium in oppido collocavi,** *postei guarnição na praça;* **Petrus deambulat in foro, Julĭus in cavaedio currit,** *Pedro passeia pela praça, Júlio corre pelo pátio;* **ambulare in horto,** *passear no jardim;* **in oceano natare,** *nadar no oceano.* — Encontram-se, contudo, nos autores clássicos, exemplos em que domina a idéia de lugar para onde, p. ex.: **filiam in matrimonium collocare,** *casar uma filha* (*Cíc.*); **exercitum in provinciam collocare,** *distribuir um exército pela província* (*Sal.*).

Romam nuntiatum est.

192. — Os verbos **advenire, pervenire, convenire, cogere, contrahere, occurrere, nuntiare, convocare, appellere** ou **appellere navem,** *aportar,* **colligere, congregare, mittere,** e tambem os que indicam divisão em partes

ou mudança de estado ou condição, constroem-se como os verbos de lugar para onde, p. ex.: *anunciou-se em Roma*, **Romam nuntiatum est**; *o navio aporta em Siracusa*, **navis appellitur Syracusas**; *aportar com a armada a Delos, à Itália*, **appellere classem ad Delum, in Italiam**; *a Gália divide-se em três partes*, **in tres partes dividitur Gallia**; *as cousas boas facilmente se deterioram*, **bona facile mutantur in pejus.**

Observações. — *1)* Na frase **convenire aliquem**, *ir ter com alguem, encontrar-se com, visitar alguem*, o verbo **convenire** considera-se de lugar onde, p. ex.: **Bruti pueri Laodiceae** (não **Laodiceam**) **me convenerunt**) (*Cic.*); **Paullus Aemilius Cn. Octavium Demetriăde convenit** (*Lívio*), *Paulo Emílio encontrou-se com Otávio em Demetríade.*

2) O verbo **abdo**, *oculto, escondo*, na voz ativa constrói-se como os verbos de lugar para onde, p. ex.: **in silvas se abdiderunt**, *esconderam-se nas matas*; **abdere se in bibliothecam**, *esconder-se na biblioteca*; **senex rus se abdidit**, *o velho ocultou-se no campo.* — O particípio **abditus** constrói-se como os verbos que indicam lugar onde, p. ex.: **hostes in silvis abditi latebant**, *os inimigos estavam escondidos nas matas.* Em sentido figurado dir-se-á **abdere se litteris** ou **in litteras** = *sepultar-se nos livros* = *dedicar-se inteiramente aos estudos.*

3) Notem-se as frases: **tenere se domi, castris, moenibus**, *viver retirado em casa, conservar-se retirado no acampamento, entre os muros.*

COMPLEMENTO DE TEMPO

Media nocte pervenerunt.

193. — *a)* Se responde a pergunta *quando?* vai para o ablativo. Se houver um numeral, é substituido pelo ordinal correspondente: *chegaram à meia noite*, **media nocte pervenerunt**; *às três horas*, **hora tertia**; *no inverno*, **hieme**; *no verão*, **aestate**; *seis anos depois do teu consulado*, **sexto anno post te consulem**; *em pleno dia*, **luce**; *de tarde*, **vespere**; *de dia e de noite*, **die ac nocte**; *no primeiro mês* **primo mense**; *ao levantar do sol*, **ortu solis**; *ao por do sol*, **occasu solis**, *já alto dia*, **multo die**; *Platão morreu com 81 anos, enquanto escrevia*, **Plato uno et octogesimo anno scribens mortuus est.**

b) Outros nomes de significação mais genérica e que servem para indicar a data de um acontecimento, como nas seguintes frases: *na puerícia, na mocidade, na velhice, durante o consulado, na pretura, na batalha, na guerra*, etc., vão para o ablativo precedido da preposição **in**: **in pueritia, in adulescentia, in senectute, in consulatu, in praetura, in proelio, in bello**, etc. — Vão, porem, para o ablativo sem preposição se forem acompanhados de um adjetivo ou de um genitivo: *em extrema velhice*, **summa senectute**; *à chegada de Cesar*, **Caesaris adventu**; *no tempo de Augusto*, **Augusti temporibus** (não **tempore**) ou **aetate**; *em nossos dias*, **temporibus nostris**; *na segunda guerra púnica*, **bello punico secundo**; *na batalha de Canas*, **proelio** ou **pugna cannensi**; **mea adulescentia.**

Observação. — Se nestas frases se encontrar tambem o **in**, é sinal que nas mesmas não se quer salientar exclusivamente o tempo, mas as circunstâncias especiais do mesmo, p. ex.: **hoc tempore**, *neste tempo*; **in hoc tempore**, *em tais condições de cousas, nestas críticas circunstancias.*

c) Notem-se as frases seguintes:

tempore, *com o tempo;*
(in) tempore, *em tempo oportuno;*
in eo (illo) tempore, *naquela ocasião;*
ludis (em lugàr de **tempore ludorum**), *durante os jogos;*
comitiis, *durante os comícios;*
principio, a principio; { *desde o princípio* ou *origem, no*
initio, ab initio, { *começo, a princípio.*
{ **in pace, in bello** *indicam o estado de paz* ou *de guerra;*
{ **pace, bello** *indicam o tempo.*

Galliam septem annis subegit.

194. — Se responde a pergunta *em quanto tempo?* vai para o ablativo sem preposição (raramente com **in**), p. ex.: *Cesar subjugou a Gália em sete anos,* **Caesar septem annis Galliam subegit**; *isto se poderá fazer em três dias,* **hoc tribus diebus perfici poterit.**

Observação. — Às vezes encontra-se o acusativo com **intra**: *voltarei entre poucos dias,* **intra paucos dies revertar.** — **Intra septem annos** *significa em menos de sete anos, dentro de sete anos no máximo.*

Regnavit (per) triginta annos.

195. — *a*) Se responde à pergunta *por quanto tempo?* indicando o espaço de tempo que durou ou dura uma ação (tempo contínuo), vai para o acusativo com ou sem a preposição **per,** p. ex.: *Rômulo reinou trinta anos,* **Romulus regnavit (per) triginta annos.** Algumas vezes encontra-se tambem o simples ablativo: **tota nocte pluit,** *choveu toda a noite;* **tribus annis rem publicam gessit,** *governou a república por três anos.* — Note-se a frase **annos natus** = *na idade de,* etc., p. ex.: **Cato annos quinque et octoginta natus e vita excessit,** *Catão morreu na idade de 85 anos* (cf. n. 202, *a,* pág. 195).

b) Se indica a duração de uma ação no tempo futuro vai para o acusativo com **in** ou **ad,** p. ex.: *Faetonte pediu ao pai o coche por um dia,* **Phăĕton currum paternum in diem rogavit**; *meu irmão pediu o consulado para* [*durante*] *o próximo ano,* **frater meus in proximum annum consulatum petit**; *o ditador elegia-se por seis meses,* **dictador eligebatur in** (*ou* **ad**) **sex menses**; *a paz foi feita por trinta anos,* **pax in** (*ou* **ad**) **triginta annos facta est.**

Quinto quoque anno.

196. — Se responde à pergunta *de quanto em quanto tempo? de quantos em quantos dias, meses, anos?* vai para o ablativo singular, mudando o adjetivo numeral no ordinal imediatamente superior sempre acompanhado do pronome **quisque** tambem em ablativo, p. ex.: *os jogos se celebravam de quatro em quatro anos,* **ludi quinto quoque anno celebrabantur.**—*De dois em dois anos,* **tertio quoque**

anno; *de dois em dois dias, anos, meses,* **altero quoque die, anno, mense** ou melhor **alternis diebus, mensibus, annis**; *cada ano* (*todos os anos*) **singulis annis** ou **quotannis**; *cada dia e cada noite,* **singulis diebus et noctibus**; *cada duas palavras,* **tertio quoque verbo**; *cada três horas,* **quarta quaque hora.**

Observação. — Quando os latinos usam o ordinal incluem no cálculo o ano ou o dia corrente, o que aumenta de uma unidade o tempo realmente passado. — O mesmo fazemos nós quando dizemos: *morreu com nove anos,* isto é, *morreu no décimo ano* da sua idade.

Bis (in) die — In (singulas) horas.

197. — *a*) Se responde à pergunta *quantas vezes por dia, quantas vezes por mês, por ano?* usa-se o advérbio **bis, ter,** etc. e o ablativo com ou sem **in**: **bis (in) die, bis (in) mense, bis (in) anno,** *duas vezes por dia, por mês, por ano.* Mais raramente se encontra o acusativo com **in**: **bis in diem, ter in horam,** *duas veses por dia, três veses por hora.*

b) As frases: *de uma hora para outra, de um dia para outro,* etc., traduzem-se com as correspondentes: **in (singulas) horas, in (singulos) dies,** etc., p. ex.: **puerī mutantur in horas,** *os meninos mudam de uma hora para outra;* **crescit in (singulos) dies hostium numerus,** *o número dos inimigos aumenta de dia para dia.*

Eum in posterum diem invitavit.

198. — *a*) Se responde a pergunta *para quando?* vai para o acusativo com **in**: *convidou-o para o dia seguinte,* **eum in posterum diem invitavit**; *farei isto para o futuro,* **id faciam in posterum** ou **in tempus veniens**; *os Helvécios fixam a sua partida para o terceiro ano,* **in tertium annum Helvetĭi profectionem confirmant.**

b) Tambem se constrói com o acusativo com **ad** ou **usque ad** ou com **in** a resposta à pergunta *até quando?*, p. ex.: *Sófocles escreveu tragédias até a mais tarde velhice,* **Sophŏcles ad summam senectutem tragoedĭas fecit**; *a filosofia ficou descuidada até essa época,* **philosophia jacuit usque ad hanc aetatem**; *a conversa foi-se até a noite adentro,* **sermonem in multam noctem produximus.**

Observação. — Com **ad** e o acusativo se indica aproximação ou termo, p. ex.: **ad lucem dormitare coepi,** *comecei adormecer antes de clarear o dia;* **ad hanc horam vigilavi,** *velei até agora;* **ad certam diem,** *para um dia determinado.*

Annis quinque post Hortensium consul fuit.

199. — Se responde à pergunta *quanto tempo antes, quanto tempo depois?* vai para o ablativo interpondo ou pospondo à frase a preposição **ante** ou **post.** — O número pode ser cardinal ou ordinal, p. ex.: *três anos antes* ou *depois,* assim se traduz em latim:

tribus ante (post) annis	**tribus annis ante (post)**
tertio ante (post) anno	**tertio anno ante (post)**
e tambem:	menos frequentemente:
tres ante (post) annos	**ante (post) tres annos**
tertium ante (post) annum	**ante (post) tertium annum**

Cícero foi consul cinco anos depois de Hortênsio, **Cicero annis quinque post Hortensium consul fuit;** *depois de três dias cheguei a Rodes,* **post diem tertium Rhodum perveni.**

Observações. — *1)* As preposições **ante** e **post**, pospostas ao ablativo, podem reger um acusativo: **paucis diebus post mortem Africani.**

2) Quando a estas frases se segue uma proposição com *que*, o *que* se traduz por **quam**, que tanto pode formar uma só palavra com **ante** ou **post**, como ficar separado, p. ex.: *quatro anos depois que Temístocles fora expulso,* **quattuor annis** (ou **quarto anno**) **postquam** (ou **post quam**) **Themistocles erat expulsus** — Se a frase estiver em ablativo com o número ordinal, em lugar de **postquam**, pode-se dizer simplesmente **quam: anno quarto quam...**

3) Muito (tempo) antes ou *depois* = **multo ante** ou **post**; *não muito* ou *pouco antes (depois)* = **non multo, non ita multo** ou **paulo ante (post).**

Quartum annum regnat. — Ante sex annos.

200. — Se responde à pergunta *há quanto tempo?* é mister distinguir dois casos:

a) Se a ação dura ainda no presente, vai para o acusativo sem preposição, p. ex.: *reina há muitos anos,* **jam multos annos regnat.** Se houver um numeral é substituido pelo ordinal imediatamente superior (cf. observação ao n. 196, pág. 192), p. ex.: *reina há três anos,* **quartum annum regnat.**

b) Se a ação é de todo decorrida, usa-se:

I) **Ante** com o acusativo: **ante sex annos,** *há seis anos;* **ante duas horas,** *há duas horas.*

II) **Abhinc** (= *desde este tempo*) com o acusativo, raramente o ablativo: **abhinc sex annos,** *há seis anos;* **meus pater abhinc tres annos (abhinc tribus annis) mortuus est,** *há três anos que meu pai morreu.*

III) O ablativo com **hic, haec, hoc:** *há dois anos,* **his duobus annis:** *há duzentos anos,* **his annis ducentis.**

IV) Algumas vezes recorre-se a circunlóquio, p. ex.: **decem ipsi anni sunt, cum** (ou **ex quo,** sub. **tempore;** — não **ex quibus**) **pater meus mortuus est,** *há precisamente dez anos que morreu meu pai.* Pode-se usar o ordinal imediatamente superior: **quartus annus est, ex quo,** *há três anos...*

c) O ponto que marca o início de uma coisa se constrói com o ablativo precedido de **a, ab** ou **e, ex,** p. ex.: **ex eo die,** *desde aquele dia;* **a puero, usque a puero, a pueritia,** *desde a meninice, desde a infância;* **a puero litterarum studio deditus fui,** *desde a infância me dediquei ao estudo das letras;* **ego ab initio veris quartum jam mensem in praedio fratris commŏror,** *desde o início da primavera faz três meses que vivo na propriedade de meu irmão.*

Videbo te ad annum.

201. — Se responde à pergunta *daquí a quanto tempo?* vai para o acusativo com **post** ou tambem com **ad**, p. ex.: **videbo te ad annum**, *ver-te-ei daquí a um ano.*

INDICAÇÃO DA IDADE

Puer novem annorum.

202. — A idade de uma pessoa pode ser expressa de vários modos:

a) Pode-se unir ao nome da pessoa o particípio **natus**, indo a idade (anos, meses, etc.) para o acusativo com o cardinal: *Cícero morreu na idade de 64 anos,* **Cicero mortuus est sexaginta quattuor annos natus**; *Cícero foi à Grécia na idade de 28 anos,* **Cicero viginti octo annos natus in Graeciam profectus est** (cf. n. 195, *a*, pág. 192).

b) com o genitivo de qualidade regido de **puer, vir, adulescens, senex**, p. ex.: **Hannĭbal, puer novem annorum, in Hispaniam ductus est**, *Aníbal com nove anos foi levado à Espanha* (cf. n. 228, *c*, pág. 208).

c) com o verbo **agĕre**=(*levar, viver*) e o acusativo da idade com o ordinal: *Marcelo morreu com a idade de 19 anos,* **Marcellus mortuus est vicesimum annum agens** (cf. observação ao n. 196, pág. 192).

Observação. — *Com mais, com menos de nove anos* e frases iguais assim se traduzem em latim:

plus ou amplius (minus) quam novem annos natus;
plus (minus) novem annorum;
plus (minus) novem annos natus;
major (minor) quam novem annos natus;
major (minor) novem annos natus;
major (minor) novem annis;

e tambem

major novem annis natus;
major novem annorum.

COMPLEMENTO DE CAUSA

Jussu Caesaris.

203. — Exprime-se o complemento de causa:

a) Com o ablativo sem preposição: *a Grécia caiu por causa da desenfreada liberdade,* **Graecia immoderata libertate concĭdit.** Se o nome exprime os afetos da alma, as mais das vezes, é acompanhado de um particípio, p. ex.: *por amor,* **amore ductus, amore captus**; *por compaixão,* **misericordia motus, misericordia pulsus**; *por ira,* **ira inflammatus, ira incensus.**

São ablativos causais e só usados nesse sentido: **hortatu**, *por exortação de, por conselho de;* **impulsu**, *por impulso de;* **jussu**, *por ordem de;* **injussu**, *sem ordem de;* **rogatu**, *a pedido de*, etc., p. ex.: **jussu Caesaris**, *por órdem de César.*

b) Com **ob** ou **propter** e o acusativo.

Estas preposições indicam um motivo real: *amo-te por causa da tua bondade*, **ego te propter (ob) humanitatem tuam (=quod humanus es) te diligo.**

c) Com o genitivo regido de **causā** ou **gratiā** e indica-se um fim que se procura alcançar, p. ex.: *Catilina para dissimular foi ao senado*, **Catilina dissimulandi causa (=ut dissimularet) in Senatum venit**; *tomei a meu cargo aquele trabalho por causa de minha honra (=a título de honra pessoal)*, **illud opus honoris mei causa (gratia) suscepi**; *os animais foram criados para a utilidade dos homens*, **bestiae hominum gratia generatae sunt.**

Observação. — Com o ablativo causa precedido de algum adjetivo (não possessivo) pode-se usar tambem a preposição **de**, quase sempre interposta: *por este motivo*, **hac de causa**, *por motivos justos*, **justis de causis.**

d) Com **prae** e o ablativo exprime-se a causa que impede fazer uma cousa: **prae lacrimis loqui non possum**, *as lágrimas impedem-me de falar.*

Correctione gaudere oportet.

204. — Os verbos e adjetivos que indicam um sentimento da alma regem um ablativo de causa: **gaudere**, *gozar;* **laetari**, *alegrar-se;* **dolēre, moerēre**, *afligir-se;* **superbire**, *orgulhar-se;* **delectari**, *deleitar-se;* **exultare (gaudio** ou **laetitia)**, *pular de contente, exultar de prazer;* **laetus, contentus, tristis, fessus**, *cansado, fatigado;* **fretus, aeger, sollicitus, moestus**, etc., p. ex.: **nemo sua sorte contentus**, *ninguem está contente com seu estado;* **delicto dolere, correctione gaudere oportet**, *convem lastimar a falta e folgar com a correção.*

Observação. — *1)* Com o verbo **laborare**, *sofrer de, estar doente, aflito, ter dor*, o nome, que exprime a causa ou o mal que faz sofrer, põe-se no ablativo sem preposição, e a parte do corpo em que se sofre no ablativo precedido de **ex**, p. ex.: *a cidade de Roma era minada por dois vícios opostos, pelo luxo e pela avareza*, **duobus vitiis, avaritia et luxuria, civitas romana laborabat**; *estar atormentado pela febre, por alguma doença*, **laborare febri, aliquo morbo**; *ser atormentado pela fome*, **laborare fame**; *sofrer uma (=por) doença*, **laborare morbo.** — Diz-se, porem, **laborare ex capite, ex pedibus**, *ter dor de cabeça, ter dor nos pés;* **laborare ex dentibus**, *ter dor de dentes;* **laborare a re frumentaria**, *estar angustiado pela falta de víveres.*

2) Com relação a **gloriari**, alem de **gloriari aliqua re**, encontra-se tambem **gloriari in** ou **de aliqua re.** — Cf. tambem o n. 252.

3) Com **gratulari (alicui)** *congratular-se, alegrar-se com alguem*, alem de **aliqua re**, encontra-se tambem **pro, de** ou **in aliqua re.**

COMPLEMENTO DE INSTRUMENTO OU MEIO

Ferire gladio.

205. — *a)* O nome da cousa que indica o instrumento com o qual se faz uma cousa ou ação vai para o ablativo, p. ex.: *ferir com a espada*, **ferire gladio**; *os touros atacam com os chifres*, **tauri petunt**

cornibus; *escrevemos com a pena*, **scribimus calămo**; *os amigos granjeiam-se pelos serviços e pela bondade*, **amici officio et fide pariuntur.**

b) Se o meio for uma ação (verbo), vai para o gerúndio ablativo sem preposição: **errando discitur**, *aprende-se errando;* **legendo discitur**, *aprende-se lendo* (cf. *Gerúndio*, n. 401, *b*, *IV*).

Per legatos pacem petiit.

206. — *a*) Se o nome for de pessoa, usa-se o acusativo com **per** ou o genitivo regido de **operā**, **beneficiō**, **auxiliō**, p. ex.: **per legatos pacem petiit**, *pediu a paz por meio dos embaixadores;* **populi Romani beneficiō**, *por benefício do povo Romano;* **centurionis operā castellum conservatum est**, *o castelo foi conservado graças ao centurião.*

b) Às vezes tambem a pessoa vai para o ablativo instrumental, e isto acontece quando se considera como simples instrumento nas mãos de outra, como, por exemplo, nos substantivos que indicam forças militares: **milites**, **legio**, **classis**, **manus**, **equites**, **pedites**, que se consideram como instrumentos nas mãos do comandante, p. ex.: **dux paucis militibus oppidum cepit**, *o comandante com poucos soldados apoderou-se da cidade* (cf. n. 216, *b*, pág. 201).

Vivere piscibus.

207. — *a*) Constroem-se com o ablativo de instrumento os complementos dos verbos **alo**, **pasco**, **instrŭo** (*forneço de*), **vivo**, **erudio**, **instituo**, **informo** (*ensino*), p. ex.: **vivere piscibus**, *viver de peixe;* **exercitum disciplina militari erudire**, *adestrar o exército na disciplina militar;* **erudire filium omnibus doctrinis**, *instruir o filho em todos os conhecimentos = dar-lhe uma instrução completa.*

Observação. — *1*) Às vezes com **erudio** encontra-se tambem o ablativo precedido da preposição **in**, p. ex.: **erudire aliquem in jure civili**, *ensinar a alguem o direito civil.*

2) Os verbos **ornare**, **exornare**, *ornar*, querem o seu complemento em ablativo p. ex.: **ornare aliquem laudibus**, **divitiis**, **beneficiis**, *exalçar alguem com elogios, encher de riquezas, prestar serviço a alguem.*

3) Tambem os adjetivos **ornatus**, *fornecido, provido, enfeitado*, **praeditus**, *provido, fornecido*, querem o próprio complemento em caso ablativo sem preposição, p. ex.: *casa enfeitada com pinturas*, **domus ornata picturis**; *varão provido de doutrina*, **vir praeditus doctrina.**

Fruor otio.

208. — Constroem-se com o ablativo de instrumento os cinco verbos seguintes e os seus compostos: **frui**, **fungi**, **uti**, **vesci**, **potiri.**

Gozo de repouso = **ego fruor otio.**
Cumpro o meu dever = **ego fungor officio.**
Eu uso dos meus bens = **ego utor meis bonis.**

Eu alimento-me de pão = **ego vescor pane.**
Eu me apodero da cidade = **ego potior urbe.**

Dir-se-á sempre: **potiri rerum,** *apossar-se do governo,* e não **rebus** porque a frase **potiri rerum** é igual a **potiri potestate rerum** ou **summa potestate rerum.**

Observações. — *1)* **Potiri,** às vezes, encontra-se tambem construido com o genitivo: *apoderou-se da frota inimiga,* **potitus est classis hostium...,** *do império,* **imperii...,** *da cidade, do reino,* **urbis, regni.** Menos frequentemente o mesmo verbo encontra-se com o acusativo: **potiri urbem, oppidum, summam imperii.** — *Esperança de se apoderar da cidade,* **spes potiundi oppidi,** em lugar de **oppido.**

2) **Uti aliquo familiariter, familiarissime, multum,** *ser amigo íntimo, ter muita intimidade com alguem.* — **Aliquo uti doctore,** *ter alguem por mestre, guia;* **usus sum optimo magistro,** *tive um ótimo mestre.*

Ludere pila.

209. — *a)* Têm igualmente a construção com o ablativo de instrumento os verbos: **ludo,** *brinco* e **cano,** *toco:* **ludĕre pilā,** *jogar a pela* (lit. *com a pela*); **canĕre tibiā,** *tocar flauta* (lit. tocar *com a flauta*); **canere fidibus,** *tocar a lira* (lit. tocar *com a lira*).

b) O latim usa, às vezes, o ablativo de instrumento nos casos em que nós usamos o complemento de lugar ou outra designação predicativa: *falar a língua latina,* **loqui latina lingua;** *buscar a salvação na fuga,* **fugā salutem petere;** *vir em embarcação,* **navi (navibus) venire;** *reter na memória, decorar,* **memoriā tenēre;** *andar a pé,* **pedibus ire;** *provocar alguem para combate,* **aliquem proelio lacessĕre;** *estar contido numa cousa,* **continēri aliqua re;** *meditar,* **animo cogitare;** *estar incerto,* **pendēre animis, animo** ou **animi;** *acolher alguem em casa, à mesa,* **recipere** ou **accipere aliquem tecto, domo, mensa;** mas em sentido figurado usa-se sempre o acusativo com **in,** p. ex.: **recipere aliquem in amicitiam, in gratiam, in fidem,** *admitir alguem à sua amizade, tomar alguem sob sua proteção.*

c) Tambem o verbo **nitor,** *eu me apóio,* se constrói em regra com o ablativo de instrumento, p. ex.: **niti bacŭlo, niti virtute, niti divitiis,** que propriamente significa: *eu me sustento com...* (cf. pág. 132, verbo n. 232).

d) E' tambem ablativo de instrumento o que serve de complemento ao verbo **afficio,** *influir, exercer pressão sobre alguem,* p. ex.: **afficĕre aliquem praemio,** *premiar a alguem;* **afficĕre aliquem beneficiis,** *beneficiar a alguem;* **afficĕre aliquem laetitiā,** *alegrar alguem;* **afficĕre aliquem injuriā,** *injuriar a alguem.*

Observação. — Notem-se as frases: **aliquo auctore,** *com o conselho de alguem;* **aliquo duce,** *com a chefia de alguem;* **diis auspicibus,** *com a proteção dos deuses.*

COMPLEMENTO DE MATERIA

Anŭlus ex auro *ou* aurĕus.

210. — *a)* A matéria de que uma cousa é feita exprime-se com **e, ex; de,** e o ablativo regido, o mais das veses, por um par-

ticípio **factus, confectus, contextus**, etc., p. ex.: **pocŭlum ex auro factum**, *copo de ouro;* **tabula ex robŏre facta**, *mesa de carvalho;* **simulacrum ex aere factum**, *simulacro de bronze;* **sepulcrum ex marmore factum**, *sepulcro de mármore;* **templum solidum de marmore ponam**, *levantarei um templo todo de mármore* (Ver.); **niveo factum de marmore signum** (Ovíd.), *uma estátua de mármore branco.*

b) As mais das vezes, porem, em vez do ablativo com **ex**, usa-se um adjetivo: **anŭlus aurĕus**, *anel de ouro;* **statua aerea**, *estátua de bronze;* **manus ferrea**, *mão de ferro;* **signum eburnĕum**, *estátua de marfim.*

Observação. — Se o substantivo que indica a matéria for acompanhado de um adjetivo, pode-se tambem por em ablativo sem preposição, p. ex.: **murus cocto latere**, *muro de tijolos cozidos.*

Homo constat ex animo et corpore.

211. — *a)* O verbo **constare**, *ser composto de*, constroem-no os melhores autores com o ablativo com **ex**, p. ex.: *o homem é composto de alma e de corpo*, **homo constat ex animo et corpore**; *a prudência é formada pela experiência das cousas boas e más*, **prudentia constat ex scientia rerum bonarum et malarum.**

b) **Constare in**, significa *depender de*, p. ex.: **victoria in earum cohortium virtute constat**, *a vitória depende do valor daquelas coortes.*

COMPLEMENTO DE APRECIAÇÃO

Aestimare frumentum tribus denariis.

212. — O complemento de apreciação com os verbos **ducere, facere, putare, pendĕre, habere, aestĭmare, existĭmare**, *estimar* e **esse**, *ser avaliado, valer:*

a) Se a apreciação for determinada, vai para o ablativo, p. ex.: **aestimare frumentum tribus denariis**, *avaliar o trigo em três dinheiros.*

b) Se a apreciação for *indeterminada*, põe-se no genitivo com os adjetivos quantitativos: **tanti**, *tanto;* **tantīdem**, *pelo mesmo preço, outro tanto;* **quanti**, *quanto;* **pluris**, *mais;* **minoris**, *menos;* **magni** (não **multi**), *muito;* **permagni, plurimi**; **parvi** (não **pauci**), *pouco;* **minimi, nihili** (mas é mais usada a frase **pro nihilo ducere, habere, reputare, putare**, *reputar por cousa nenhuma, não fazer cabedal de, não ter em conta alguma*), etc. Por exemplo: **omnes te magni faciunt**, *todos te prezam muito;* **virtus minimi facit voluptatem**, *a virtude não tem em nenhuma conta o prazer;* **quanti quisque se facit tanti fit ab amicis**, *quanto cada um se estima tanto é estimado pelos amigos;* **parvi sunt foris arma, nisi est consilium domi**, *pouco valem as armas fora, se não há prudência em casa.*

Observações. — *I)* O genitivo **nihili** so se usa com os verbos **facere, pendĕre**, p. ex.: **nihili facere**, *reputar por cousa nenhuma, não fazer cabedal de, desprezar.*

2) Com o verbo **aestĭmo**, *avalio, reputo*, pode-se dizer tanto **magni** e **parvi** como **magno, permagno** e **parvo** (**aestimo virtutem**).

3) O verbo **esse** com a significação de *ser avaliado*, exige a cousa ou pessoa avaliada em nominativo, e em dativo (ou acusativo precedido de **apud**) a pessoa que avalia, p. ex.: **tuae litterae magni mihi** (ou **apud me**) **erunt**, *as tuas cartas ser-me-ão muito prezadas*.

4) Notem-se as frases: **magni, maximi, parvi, nullius momenti** ou **ponderis esse**, *ser de grande, de pequena, de nenhuma autoridade* ou *crédito*, p. ex.: **ille sentiebat se nullius momenti apud exercitum futurum; id est maximi momenti et ponderis**;—e tambem: **tanti est** ou **non est**, *vale* ou *não vale a pena*; **aliquid aequi bonique** ou **aequi boni facio, duco**, *julgo boa e justa uma cousa, portanto tomo uma cousa na devida consideração*; **nihil pensi habeo** ou **duco**, *não ligo importancia, não cuido*. — No estilo familiar são comuns as frases seguintes: **flocci (nauci, pili, assis) non facio**, *para mim nada vale, não vale um caracol*, p. ex.: **quae tu loqueris assis, flocci**, etc. **non facio**, *não dou valor algum ao que tu dizes*; **pro nihilo esse**, *não valer nada*.

COMPLEMENTO DE PREÇO

Villam emi centum talentis.

213. — O nome que indica o preço, o valor de uma cousa, vai para o ablativo tanto no caso de preço *determinado* como *indeterminado*. Daquí o uso dos advérbios **magno** (não **multo**), **parvo, minimo, plurimo** (não **maximo**), **nihilo** com os verbos que significam *custar, valer, comprar, vender, alugar*, etc., p. ex.: **villam emi centum talentis**, *comprei uma casa de campo por cem talentos*; **agrum emi decem milibus assium**, *comprei o campo por dez mil asses*; **vendere permagno**, *vender por altíssimo preço*; **virtus non auro emĭtur**, *a virtude não se compra com ouro*; **consulatum pecuniā mercari**, *comprar o consulado com ouro*; **liber constat denario**, *o livro custa um dinheiro*; **Attălus rex unam tabulam centum talentis emit**, *o rei A'talo comprou um quadro por cem talentos*.

Quanti emisti librum?

214. — *a*) Usam-se só no genitivo os advérbios **tanti, tantīdem, quanti, pluris, minoris**.

b) Os verbos **cenare, habitare, docere**, etc. seguem as regras do complemento de preço, se este for expresso, p. ex.: **quanti emisti librum?** *Por quanto compraste o livro?* — **Quanti habitas?** *Quanto pagas de aluguel?* — **Quanti has aedes conducis?** *Por quanto alugas esta casa?* — **Neminem docebat minoris talento**, *não ensinava a ninguem por menos de um talento*; **quanti doces? Talento**, *por quanto ensinas? Por um talento*; **quanti cenasti? Tribus drachmis**, *por quanto jantaste? Por três dracmas*; **mercatores non tantīdem vendunt quanti emunt**, *os comerciantes não vendem pelo mesmo preço por que compram*.

COMPLEMENTO DE MODO OU MANEIRA

Cum cura scribere.

215. — *a*) O nome que indica o modo ou a maneira com que se faz uma ação vai para o ablativo com ou sem a preposição **cum**.

Esta preposição é necessária quando o nome não é acompanhado de adjetivo: **cum dignitate cadĕre,** *cair com dignidade;* **cum ignominia servire,** *servir com ignomínia;* **cum cura scribere** *escrever com cuidado.*

b) As mais das vezes, porem, o nome vem acompanhado de um adjetivo e então o uso do **cum** é facultativo: **magno gaudio** ou **magno (cum) gaudio,** *com grande alegria;* **maxima (cum) fortitudine,** *com grande fortaleza;* **magno (cum) dolore,** *com grande dor,* p. ex.: **Miltiădes magna cum offensione civium suorum Athenas rediit,** *Milcíades voltou para Atenas com grande pesar dos seus concidadãos.*

c) Às vezes, em lugar do ablativo, usa-se o acusativo com **per : per vim,** *com violência;* **per scelus** *com perfídia;* **per imprudentiam,** *com imprudência,* p. ex.: **Helvetii iter per provinciam per vim temptarunt,** *os Helvécios tentaram à força passar pela província (Romana).*

d) Usa-se o ablativo sem **cum** com os nomes que já de si indicam *modo* ou *costume,* como: **modus, mos, ratio, ritus;** com os nomes **animus, mens, consilium, lex** e com várias locuções adverbiais: **ratione et via,** *metodicamente;* **vi,** *à viva força;* **jure,** *com razão;* **injuria,** *sem razão;* **fraude,** *ilegalmente;* **dolo,** *com engano;* **ordine,** *com ordem;* **silentio,** *em silêncio;* **vitio,** *ilegalmente.*

Assim diremos: **bestiarum modo,** *à maneira dos animais;* **pecŭdum ritu,** *conforme o costume dos animais;* **antiquo more,** *segundo o antigo costume;* **aequo animo,** *com resignação;* **firmiore animo,** *com animo mais forte;* **communi consilio,** *conforme o parecer de todos;* **nullo modo,** *de modo algum;* **nullo negotio,** *sem dificuldade;* **nullis impedimentis,** *sem bagagens;* **hoc consilio,** *com esta intenção;* **hae lege, hac condicione,** *com esta condição;* **tuo nomine, tuis verbis,** *em teu nome;* **specie,** *sob as aparências;* **nullo meo merito,** *sem meu merecimento;* **nulla difficultate,** *sem dificuldade;* **nullo auxilio,** *sem auxílio,* p. ex.: **duobus modis, aut vi aut fraude, fit injuria,** *de dois modos se comete injustiça, com a violência ou com a fraude.*

Observações. — *1*) Com os nomes que indicam parte do corpo não se usa a preposição: **nudis pedibus ambulare,** *andar de pés desclaços;* **nudo capite,** *de cabeça descoberta;* **aliquid petere oculis lacrimis suffusis,** *pedir alguma cousa com lágrimas nos olhos;* **passis capillis se inferre,** *andar de cabelos desgrenhados.*

2) **Modo,** ablativo de **modus, i,** *m.,* usa-se em ablativo nas seguintes expressões com adjetivos pronominais e com **par** e **similis: hoc modo, eo modo, simili, pari, tali modo, aliquo modo, quodam modo, quo modo, alio modo, nullo modo.** — Com outros adjetivos a construção é diversa: **servilem in modum** ou **serviliter,** mas não **servili modo; majorem in modum, hostilem in modum, mirum in modum,** e tambem **ad hunc modum, ad quem modum.**

3) **Nullus,** quando acompanha um ablativo de modo, equivale a *sem,* p. ex.: **nullis impedimentis,** *sem bagagens;* **nullis comitibus,** *sem companheiros;* **nullo negotio, nulla difficultate,** *sem dificuldade;* **nullo ordine,** *sem ordem;* **nullo modo,** *de modo algum;* **nullo merito,** *sem merecimento;* **nullo auxilio,** *sem auxílio.*

COMPLEMENTO DE COMPANHIA

Cum paucis comitibus

216. — *a*) O nome da pessoa ou cousa, que alguem leva consigo ou em si, vai para o ablativo com a preposição **cum :** *com*

poucos companheiros, **cum paucis comitibus**; *passeio com o pai*, **deambŭlo cum patre**; *veio com grande quantia de dinheiro*, **cum magna pecunia venit.**

b) Em certas expressões da linguagem militar em que o nome é acompanhado dos adjetivos **omnis, ingens, magnus,** etc., o **cum** é facultativo por se unirem o conceito de companhia e o de meio, p. ex.: **Caesar (cum) omnibus copiis profectus est, Caesar (cum) ingenti exercitu profectus est, Caesar (cum) magna manu profectus est.** Pode-se dizer: **(cum) exercitu, (cum) classe** (cf. n. 206, *b*, pág. 197); mas não se pode omitir a preposição **cum** quando o substantivo é acompanhado de um adjetivo numeral, p. ex.: **cum duabus legionibus, cum decem milibus militum.**

c) Às vezes a preposição **cum** é precedida do advérbio reforçativo **una, simul,** *juntamente*, p. ex.: **beatus vivo cum patre** ou **una cum patre** ou **simul cum patre**; **cum ferro incedere**, *andar com a arma na mão*; **cum telo esse**, *andar armado*; **cum febri domum rediit**, *voltou para casa com febre.*

d) O complemento de companhia se usa com os verbos: **pugnare, certare, dimicare, bellare cum aliquo; disserere, disputare, collŏqui, communicare cum aliquo; comparare, conferre, recognoscere aliquid cum aliquo; consentire, assentiri cum aliquo; sociare, societatem facere cum aliquo, se conjungere cum aliquo** e tambem com adjetivos e substantivos de significação igual, p. ex.: **conjunctio, comparatio, certamen, communis, par,** etc.

Observações. — *1)* Tambem com o substantivo **comitatus** omite-se a preposição **cum**: **magno comitatu**, *com grande séquito.*

2) Para indicar vestiduras ou partes das mesmas usa-se o ablativo com ou sem **cum**: **venit (cum) pulcherrimo vestitu, cum veste mulĭĕbri.**

3) A preposição **cum** sempre se pospõe ao pronome pessoal: *levo comigo todas as minhas cousas*, **omnia mea mecum porto** (cf. n. 68, *c*, pág. 72).

4) Notem-se as frases: **esse cum aliquo**, *ser companheiro de alguem*; **esse cum imperio**, *ser revestido do supremo comando*; **esse cum sordido pallio**, *andar de luto*; **cum prima luce venit**, *veio ao raiar do dia.*

COMPLEMENTO DE LIMITAÇÃO

Natione Medus.

217. — *a)* O nome que indica dentro de que limites se afirma uma determinada cousa vai para o ablativo. Se dissermos: **Helvetii omnibus Gallis praestabant**, *os Helvécios eram superiores a todos os Gauleses*, afirmamos uma cousa geral e indeterminada, porque não determinamos em que cousa eram superiores. Acrescentando, porem, e em que eram superiores, devemos exprimir tal cousa com o ablativo: **Helvetii omnibus Gallis virtute praestabant**, *os Helvécios eram superiores a todos os Gauleses em valor.*

b) São ablativos de limitação: **mea sententia, meo judicio**, *a meu parecer, a meu ver*, **specie**, *em aparência*; **natione**, *de nacionalidade* ou *nascimento* (**natione Medus, non moribus**, *Medo de nascimento, não de costumes*); **natu**, *de idade*; **major natu**, *maior de idade*; **natu minor**, *menor de idade*; **natu maximus**, *o mais velho*; **natu minimus**, *o mais moço*; **verbis non re**, *com*

palavras não com fatos; **homines sunt nomine non re,** *são homens de nome e não de fato;* **claudus altero pede,** *manco de um pé;* **mente captus,** *idiota;* **omnibus numeris absolutus,** *perfeitíssimo sob todos os aspetos.*

Cinctus tempora lauro.

(*Acusativo de relação*)

218. — Prosadores, mas especialmente poetas, com muitos adjetivos e com alguns particípios usados como adjetivos, em lugar do ablativo de limitação, põem em acusativo o nome que indica a parte do corpo à qual se refere a idéia do verbo ou adjetivo. Esse acusativo, imitação do grego, chama-se *acusativo de relação.* E' assim que se diz em latim: **romanus genus,** *romano de nascimento;* **fulvus capillos,** *de cabelos louros;* os **humerosque deo similis,** *semelhante a um deus no semblante e no porte;* **cinctus tempora lauro,** *coroada a fronte de louro.*

Observações. — *1*) Esta construção é própria da poesia, na prosa deve-se recorrer ao complemento de limitação, ao de modo ou a qualquer outra construção, p. ex.: **Sulla est romanus genere,** *Sila é romano de nascimento.*

2) Muitos acusativos *adverbiais* ou *absolutos* se podem explicar pelo acusativo de relação, p. ex.: **illud te moneo, id te rogo, quod scribis,** *com relação ao que me escreves,* etc. (cf. n. 252, pág. 219; n. 256, *a*, pág. 221).

Virtus digna imitatione.

219. — *a*) **Dignus, indignus,** exigem o ablativo de limitação: **virtus imitatione digna, non invidia,** *a virtude é digna de imitação, não de inveja;* **indignus gratiis meis,** *indigno dos meus favores.*

Observação. — O genitivo com **dignus, indignus** é forma quase exclusivamente poética, p. ex.: **magnorum haud unquam indignus avorum,** *nunca indigno dos seus grandes antepassados.*

b) Se a cousa de que um é digno ou indigno se exprime por meio de um verbo precedido da preposição *de*, pode-se:

I) Substituir o verbo por um substantivo correspondente em caso ablativo: *és digno de ser louvado,* **dignus es laude.**

II) Ou exprime-se por meio de uma proposição dependente com **ut,** ou **qui, quae, quod** e o subjuntivo, p. ex.: (*pass.*) **tu es dignus qui a me lauderis,** (*at.*) **tu es dignus quem ego laudem,** ou tambem **dignus ut lauderis;** *os pobres são dignos de ser compadecidos por todos,* **pauperes digni sunt omnium miseratione** ou **digni sunt ut eorum omnes misereantur.**

Observação. — O verbo **dignor,** *julgo* ou *sou julgado digno,* rege tambem o ablativo.

COMPLEMENTO DE ORIGEM

Humili loco natus.

220. — *a)* Com os verbos **gignor, nascor, orior** e com os adjetivos verbais: **natus, ortus, generatus,** *gerado, filho de;* **prognatus,** *descendente, filho de, nascido de;* **oriundus,** *oriundo,* o nome da *família, estirpe* e *condição social* de que alguem procede vai em regra para o ablativo sem preposição com os substantivos **loco, familia, genere, stirpe, parentibus** (*pais*), **parente** (*pai ou mãe*) nas frases: **humili loco natus,** *oriundo de família pobre;* **loco equestri ortus,** *oriundo de família equestre;* **Hercŭlis stirpe generatus,** *descendente da família de Hércules;* **humilibus parentibus natus,** *nascido de pais obscuros;* **obscuro loco, tenui loco ortus,** *de obscura linhagem;* **antiquo ,nobili genere, summo loco, amplissima familia natus,** *nascido de antiga, nobre, nobilíssima família* p. ex.: **C. Marius parentibus natus est humilibus,** *C. Mário nasceu de pais humildes;* **Cicero ortus est stirpe antiquissima, loco equestri, familia plebeia,** *Cícero nasceu de estirpe antiquíssima, de família equestre, mas plebéia.*

b) O nome do *pai,* da *mãe,* especialmente quando separado do do pai, os *substantivos comuns* e os *pronomes* exigem as mais das vezes o ablativo com a preposição **ex, e,** p. ex.: **Hercules (ex) Jove natus,** *Hércules, filho de Júpiter;* **Hercules ex Alcmēna** (*nome da mãe*) **natus,** *Hércules, filho de Alcmena;* **Mercurius (ex) Jove et Maja natus,** *Mercúrio, filho de Júpiter e de Maia;* **ex serva natus,** *filho de uma escrava;* **ex fratre nati,** *os filhos do irmão;* **ex me, ex vobis, ex nobis, ex illis, ex eo, ex qua natus,** *etc.*

c) A descendência de *antepassados longínquos* exprime-se com **ortus; prognatus, oriundus** e o ablativo precedido de **a, ab** (rar. ex), p. ex.: **Belgae orti sunt a Germanis; ab antiqua stirpe ortus; oriundus ex Etruscis,** *oriundo dos Etruscos;* **ipsi erant ex Cimbris Teutonisque prognati,** *eles eram descendentes dos Cimbros e Teutões.*

Observações. — *1)* O nome que indica a pátria traduz-se por meio de um adjetivo: *Pedro de Alexandria,* **Petrus Alexandrinus,** ou vai para o ablativo precedido de **a, ab: Petrus ab Alexandria.**

2) Notem-se as frases: **originem trahere (ducere, habere) ab** ou **ex aliquo; ortum ducere ab...**

Padus ex alpibus orĭtur.

221. — *a)* Para indicar a nascente de um rio usa-se **ex** ou **ab: Padus ex alpibus oritur,** *o Pó nasce nos Alpes;* **Rhenus orĭtur ex alpibus Lepontinis,** *o Reno nasce nos Alpes Lepontinos.*

b) Em sentido figurado **gignor** e **nascor** querem sempre **ex** ou **ab,** p. ex.: **ex maxima libertate tyrannis gignitur,** *da liberdade desenfreada nasce a tirania;* **morbus ex intemperantia gignitur,** *as doenças nascem da intemperança.*

A majoribus accepimus.

222. — *a*) Depois dos verbos que significam *pedir, receber, alcançar, tomar* ou *receber emprestado* como **accipere, mutuari, capere, emere, haurire,** como tambem depois dos verbos que significam *conhecer* como **cognoscere, intellegere, discere,** etc.; exige-se o ablativo precedido de **a** ou **ab,** se for pessoa, de **e, ex** ou **de,** se for cousa, p. ex.: **a majoribus accepimus,** *sabemos pelos nossos antepassados;* **injuriam accipere ab aliquo,** *receber uma injúria de alguem;* **magnam ex epistula tua accepi voluptatem,** *experimentei grandíssimo prazer em lendo tua carta;* **pecuniam a patre tuo mutuatus sum,** *tomei dinheiro emprestado a teu pai;* **de abstinentia prodeunt castae cogitationes,** *os castos pensamentos procedem da abstinência;* **summam laetitiam ex tuo reditu capio,** *experimento grandíssimo prazer pela tua volta;* **emere aliquid ab** ou **de aliquo,** *comprar alguma cousa a alguem;* **haurire aquam de** ou **ex puteo,** *tirar água do poço.*

b) Os verbos **audire** e **scire** exigem o ablativo com **ex** ou **ab** (com os nomes de cousas só **ex**) : **audivi ex majoribus natu,** *ouví da boca dos nossos velhos,* e Cícero escreveu: **audivi ista de majoribus natu.** — Com **scire** encontra-se tambem a preposição **de** : **scire ex** ou **de aliquo.**

COMPLEMENTO DE AFASTAMENTO

Discedere ab exercitu. — Non longe a castris distare.

223. — *a*) Os verbos que indicam afastamento, separação constroem-se com o ablativo precedido de **a, ab; e, ex; de,** tanto com os nomes de cousas como de pessoas, observando-se que no primeiro caso se pode omitir a preposição e no segundo prefere-se **a, ab,** p. ex.: **discedere ab exercitu,** *abandonar o exército;* **Hannibal ex Italia decedere coactus est,** *Aníbal foi obrigado a partir da Itália;* **decedere (ex) provincia,** *partir da província;* **decedere ab amicis,** *afastar-se dos amigos;* **liberare patriam ab hostibus, a tyranno, a malis civibus,** *livrar a pátria dos inimigos, do tirano, dos maus cidadãos;* **liberare patriam (a) periculo, (ex) discordiis intestinis,** *livrar a pátria de um perigo, das discórdias internas;* **expellere aliquem (ex) urbe, (de) Roma,** *expulsar alguem da cidade, de Roma.*

b) O nome do lugar do qual uma pessoa ou cousa está longe, mesmo com os nomes de cidade, vai para o ablativo precedido de **a** ou **ab,** p. ex.: **non longe a castris distare,** *não distar muito do acampamento;* **castra possuit quindecim milia passuum ab Avarĭco;** *assentou o acampamento a 15 milhas de Avárico;* **hostes duorum milium passuum spatio a nobis (ab amne, ab urbe, a Roma, ab Italia) aberant.**

c) Notem-se as seguintes construções:

Prohibēre urbem periculo, *preservar a cidade do perigo.*
Defendĕre cives ab injuria, *defender os cidadãos de todo o dano.*
Desistĕre consilio, obsidione, etc., *desistir do intento, do cerco.*
Intercludĕre aliquem commeatu, itinere, etc., *interceptar os víveres, o caminho a alguem.*
Interdicĕre, alicui aquā et igni, *interdizer a alguem o uso da água e do fogo, mandá-lo para o desterro, desterrá-lo.*
Abstinēre se injuria, ab injuria, *abster-se de ofensas.*
Pellere castris ou **ex castris,** *expulsar do acampamento.*
Dejicere moenibus ou **de moenibus,** *repelir dos muros.*

d) os verbos compostos com prefixos separativos (**se-** e **dis-**) constroem-se com **a, ab,** p. ex.: **separare, secernĕre, sejungĕre, disjungĕre, dirimĕre, distinguĕre aliquid ab aliqua re.**

e) Cf. tambem n. 186, *c*, pág, 187.

Roma epistulam dabam.

224. — Vai tambem para o ablativo de afastamento o nome do lugar donde se escreve uma carta. Os latinos, as mais das vezes, começavam uma carta com um **d.**, que significa **data** (**epistula data**) ou com um **dab.**, que significa **dabam** (=**epistulam dabam tabellario,** *correio*). **Dabam Roma, dabam Athenis, dabam Corintho.** Raramente se encontra nesses casos o genitivo locativo: **Romae, Corinthi** (cf. n. 413, *e.*).

COMPLEMENTO DE EXTENSÃO E DE MEDIDA

Fossa alta quinque pedes.

225. — *a*) Os nomes que indicam medidas de comprimento, largura, profundidade ou altura, complementos de um adjetivo **altus, longus, latus, crassus** ou de um verbo, p. ex.: **patēre in longitudinem, in latitudinem,** etc., vão para o acusativo sem preposição, p. ex.: *fosso com cinco pés de profundidade,* **fossa alta quinque pedes**; *nau de duzentos pés de comprimento,* **navis ducentos pedes longa**; *a planície extende-se por três milhas de largura* (=*tem três milhas de largura*), **planities tria milia passuum in longitudinem patet**; *o istmo de Corinto tem de largura quatro milhas,* **isthmus corinthiacus quattuor milia passuum in latitudinem patet.**

b) Mas, se o complemento for acompanhado de um adjetivo que não **altus, longus,** etc. e depende de um substantivo e não de um verbo, então vai para o genitivo (=adjunto adverbial ou complemento de qualidade), p. ex.: *torre de grande altura,* **turris ingēntis altitudinis.** — Se não estiver acompanhado de algum adjetivo, vai para o ablativo, p. ex.: **clavi ferrei digiti crassitudine,** *pregos da grossura de um dedo.*

Mille passus (ou passibus mille) abest a mari.

226. — *a*) A distância entre um lugar e outro exprime-se com o acusativo ou ablativo sem preposição ou tambem com o genitivo precedido dos ablativos **spatio** (rar. o ac. **spatium**), **inter-**

vallo: mille passus ou **mille passibus ab hoste consistĕre,** *estar a uma milha de distância do inimigo;* **Saguntum, civitas opulentissima, sita est** (ou **abest**) **passus mille** (ou **passibus mille**) **a mari,** *Sagunto, cidade riquíssima, está a uma milha do mar;* **exercitus trium milium passuum spatio (intervallo) ab urbe erat,** *o exército estava a três milhas da cidade.*

O ablativo que indica a distância é, às vezes, precedido da preposição **a,** e, em regra, usa-se esta construção quando não se indica o lugar do qual é calculada a distância, p. ex.: **Trevĭri, positis castris a milibus passuum quindecim, auxilia Germanorum exspectare constituunt,** *os Tréviros, tendo acampado a quinze milhas, determinam esperar os reforços dos Germanos.*

Observações. — A distância pode-se tambem exprimir:

1) Com o número ordinal concordando com **ad lapidem (lapis, ĭdis, m.** *) p. ex.: *Tito Pompônio foi enterrado a cinco milhas da cidade,* **Titus Pomponius sepultus est ad quintum lapidem ab urbe.** — Pode-se, mas menos frequentemente, usar o ablativo **lapide,** p. ex.: *caiu a três milhas da cidade,* **cecĭdit tertio ab urbe lapide.**

2) Às vezes, a distância media-se por dias: **bidui iter processit,** *percorreu o caminho de dois dias;* **ab hostibus bidui iter distabat,** *distava do inimigo dois dias de caminho.*

Raramente subentende-se **iter: a quibus aberam bidui,** *dos quais distava dois de caminho.*

COMPLEMENTO AGENTE OU DE CAUSA EFICIENTE (**)

Dilĭgor a patre.

227. — Com os verbos passivos a palavra, que indica pessoa ou cousa pela qual a ação é feita, vai para o ablativo com o **a** ou **ab,** se for pessoa ou ser animado; sem preposição, se for cousa: **dilĭgor a patre,** *sou amado pelo pai;* **missus a senatu,** *mandado pelo senado;* **moerore conficior,** *sou consumido pela tristeza;* **canis, aliam praedam ab altero ferri putans, eripere voluit,** *o cão, iulgando que outra presa era levada pelo outro (cão), quis arrebatar-lha.*

Observações.— *1)* Às vezes o complemento de causa eficiente (cousa pela qual a ação é feita) encontra-se precedido de preposições especialmente quando o escritor o considera animado, p. ex.: **a fortuna deséri,** *ser abandonado pela fortuna;* **eloquentia a natura ad salutem hominum data est,** *a eloquência foi dada pela natureza para a utilidade do homem.*

2) Nos tempos formados com alguns particípios perfeitos, p. ex.: **auditus, cognitus, captus, constitutus, lectus, provisus, dictus,** etc.) às vezes, o da-

(*) À beira das estradas, fora da cidade, a cada mil passos, colocavam-se colunazinhas ou pedras, *marco miliário* (*lapis miliarius*) que marcavam a distância da cidade.

(**) Não se confunda na análise latina o *complemento de causa eficiente* com o *simples complemento de causa.*

O complemento de *causa eficiente* (ablativo sem preposição) é o agente *inanimado* com os verbos transitivos passivos, em que o sujeito é o paciente, p. ex. a frase: *os nossos soldados foram vencidos pela ineptidão de seus chefes* —quer dizer que o nosso exército não foi vencido pela estratégia dos generais inimigos, mas sim pela incompetência absoluta dos nossos; esta sim foi a vencedora. Ao passo que na frase: *o nosso exército foi vencido por causa da ineptidão de seus chefes* (e em português ainda neste caso se pode dizer *pela ineptidão de seus chefes* — produzindo-se desta arte alguma confusão), quer dizer que nosso exército foi vencido pelos generais adversários, que souberam aproveitar da inépcia dos nossos.

tivo substitue o ablativo com **a** ou **ab**: **vero oratori omnia lecta esse debent,** *tudo deve ser lido pelo bom orador;* **cui non sunt auditae Demosthĕnis vigiliae?** *por quem não são conhecidas as vigílias de Demóstenes?* **res mihi satis perspecta est,** *a cousa é suficientemente conhecida por mim;* **haec nobis supra dicta sunt,** *estas cousas foram por nós ditas acima.*

3) Diz-se do mesmo modo **probari alicui**, *ter a aprovação de alguem, agradar*, p. ex.: **qui ita dicat ut a multitudine probetur necesse est eundem doctis probari,** *se alguem fala de modo que agrade à multidão, deve necessariamente agradar tambem aos doutos;* **hos libros tibi** (ou **abs te**) **probari gaudeo,** *estimo que estes livros te sejam agradaveis.*

4) **Comitatus** (part. perf. de *comĭtor*), *acompanhado*, exige seu complemente em ablativo sem preposição.

5) Com relação ao complemento agente ou de causa eficiente na construção do particípio futuro passivo ou gerundivo (cf. *Uso do particípio futuro passivo*, n. 398, *c*).

COMPLEMENTO DE QUALIDADE

Vir magni consilii.

228. — *a*) O nome que indica a qualidade de uma pessoa ou cousa vai ordinariamente para o *genitivo* p. ex.: **vir magnae prudentiae, mons parvae altitudinis.**

Às vezes, em português o complemento de qualidade exprime-se por meio de um único substantivo, mas na língua latina é necessário que o adjetivo acompanhe sempre o substantivo, p. ex.: as expressões *livro de valor, homem de prudência,* traduzir-se-ão **liber magni pretii, vir magni consilii.**

b) Em vez do genitivo, pode-se usar tambem o *ablativo;* mas entre as duas construções há esta diferença: com o **genitivo** indicam-se *qualidades permanentes,* com o **ablativo** *as disposições do ânimo trasitórias* e as *qualidades do corpo;* **vir magnae constantiae,** *homem de grande constância;* **vir magni consilii,** *homem de grande discernimento;* **vir magni animi,** *homem de coração generoso;* **vir humili statura,** *homem de baixa estatura;* **vir magno corpore,** *homem de grande talhe.*

c) Tratando-se de determinações de *medida* (peso, número, espaço) usa-se o genitivo, p. ex.: *um colosso de 120 pés,* **colossus centum viginti pedum;** *trincheira de 12 pés,* **vallum duodecim pedum; murus trecentorum pedum, puer decem annorum, classis centum navium,** etc. (cf. n. 202, *b*, pág. 195).

COMPLEMENTO DE ARGUMENTO

De leone et mure.

229. — *a*) O complemento de argumento que responde à pergunta *de quem? de que cousa? sobre, acerca de, a respeito de qual argumento?* e que se encontra depois dos verbos que têm o sentido de *tratar, falar, escrever, disputar* e semelhantes, traduz-se em latim com **de** (rar. **super**) e o ablativo, p. ex.: *Cesar escreveu sete livros sobre a guerra gualesa, três sobre o civil,* **Caesar scripsit libros de bello bello gallicos septem, tres de bello civili;** *disputa-se a respeito da*

amizade, **disputatur de amicitia**; *o livro da amizade, sobre, a respeito da amizade,* **liber de amicitia**; *escrever-te-ei a respeito desta cousa,* **hac super re ad te scribam.**

Observação. — Notem as frases: **de aliqua re dicere, scribere, referre,** *falar, escrever, referir sobre uma cousa.*

b) Nos títulos pode-se usar tanto o ablativo com **de** como o nominativo, p. ex.: *do leão e do rato,* **de leone et mure** ou **leo et mus.**

COMPLEMENTO DE FIM

Ad perpetuam rei memoriam.

230. — O fim para o qual uma ação é feita vai para o caso acusativo precedido de **ad,** às vezes de **in,** p. ex.: *este monumento foi assentado para perpetua memória do acontecido,* **monumentum hoc positum est ad perpetuam rei memoriam**; *dinheiro para as necessidades da guerra,* **pecunia in rem militarem.**

COMPLEMENTO DE ABUNDANCIA OU FALTA

Natura parvis rebus eget.

231. — Exigem o seu complemento em ablativo sem preposição:

a) Os verbos que indicam abundância ou falta, p. ex.: **abundare,** *abundar em;* **cumulare,** *amontoar, encher;* **onerare,** *carregar;* **locupletare,** *enriquecer;* **privare,** *privar;* **spoliare,** *despojar;* **nudare,** *despir, despojar;* **egēre, indigēre, deficere, carēre, vacāre,** *ter falta de alguma cousa, estar isento, livre;* **redundare, affluĕre, exuberare, scatēre, complēre, implēre, replēre,** (com o sentido fundamental de *encher*); **refercire, imbuere, inficere, saepire, privare, orbare, exuere, vestire,** etc., p. ex.: **abundare auro,** *abundar em ouro;* **vino patĕram implere,** *encher uma taça de vinho;* **Germania Galliaque abundant rivis et fluminibus,** *a Germânia e a Gália abundam em regatos e rios;* **Deus omnibus bonis explevit mundum,** *Deus encheu o mundo de todos os bens;* **natura parvis rebus eget,** *a natureza se satisfaz com pouco.*

Observação. — Com o verbo **egēre,** e mais frequentemente com **indigēre,** *precisar,* e com **implēre,** *encher,* usa-se tambem o genitivo, p. ex.: *Deus não precisa de nada,* **nullius rei eget Deus**; *preciso de um teu conselho,* **consilii tui indigeo**; *encher de terror, de esperança,* **implere formidinis, spei.**

b) Os adjetivos **vacuus, liber, immunis, alienus, purus, nudus, orbus,** incluindo a idéia de afastamento e de separação, preferem o ablativo com ou sem a preposição **a** ou **ab** tratando-se de cousas, sempre com a preposição tratando-se de pessoa, p. ex.: *ânimo livre de cuidados,* **animus liber, vacuus curis** ou **a curis**;

despojado dos bens paternos, **nudus bonis paternis**; *privado dos olhos,* **luminibus orbus**; *república privada dos magistrados,* **respublica nuda a magistratibus.**

Observação. — Em Cesar, porem, encontra-se **oppidum defensoribus vacuum.**

c) Os adjetivos: **onustus,** *carregado;* **refertus,** *cheio, atulhado,* se constroem sempre com o ablativo, p. ex.: *vida, sob qualquer aspeto, cheia de bens,* **vita undĭque referta bonis**; *carregado de embrulhos,* **onustus sarcĭnis.** Com **refertus** o nome da pessoa pode-se por tambem em genitivo, p. ex.: *a Gália estava cheia de negociantes,* **Gallia erat referta negotiatorum** ou **negotiatoribus.**

d) Os adjetivos **expers, egenus, inanis, inops, ferax, fertilis, plenus** preferem o genitivo (cf. n. 272, *a, III,* pág 229); **afflŭens, dives, gravis** o ablativo; p. ex.: *esta região é pobre de águas,* **haec regio est egena aquarum**; *os animais são destituidos da razão e da palavra* **bestiae sunt rationis et orationis expertes.**

Pluit lapidibus.

232. — *a)* Os verbos **pluit,** *chove;* **manat,** *mana, distila;* **rorat,** *orvalha, cai como orvalho;* **stillat,** *pinga;* **sudat,** *sua, transpira,* exigem em ablativo a matéria que chove, distila, etc., p. ex.: **pluit sanguine, lapidibus, terra, carne, lacte, lapideo imbri, creta,** *chove sangue, pedras,* etc.; **terra sudat sanguine,** *a terra sua sangue;* **Herculis simulacrum multo sudore manavit,** *a estátua de Hércules deitou muito suor.*

b) Com **manare** pode-se dizer tanto **culter manat cruore,** *a faca pinga sangue,* como **cruor e cultro manat,** *da faca pinga sangue.*

Mihi opus sunt consilia.

233. — **Opus esse,** *ser preciso, ser necessário,* pode ter dupla construção: a primeira *pessoal,* e nesta construção a cousa de que se precisa vai para o *nominativo* como sujeito do verbo esse, permanecendo **opus** inalterado; a segunda *impessoal,* em que a cousa de que se precisa é regida por **opus esse** em caso *ablativo.* A pessoa ou cousa necessitada vai sempre para o *dativo,* p. ex.: *tenho necessidade de conselhos,* **mihi opus sunt consilia** ou **mihi opus est consiliis**; *os Romanos tinham necessidade de naus e marinheiros;* **opus erant Romanis naves nautaeque** ou **navibus nautisque opus erat Romanis.**

Observações. — *1)* Os *pronomes neutros* exigem a construção pessoal, ao passo que as *proposições negativas* e as *interrogativas retóricas,* que são sempre negativas, a impessoal, p. ex.: **declara mihi quae tibi opus sint,** *explica-me aquelas cousas de que tens necessidade;* **pauca miseris opus sunt,** *os infelizes tem necessidade de poucas cousas;* **nihil opus est auxilio,** *não há necessidade de auxílio;* **quid opus est verbis?** *que necessidade há de palavras?* (interrogativa retórica).

2) Quando a cousa de que se precisa é expressa por um verbo, este vai para o simples *infinito* ou para o *acusativo* e o *infinito,* ou para o ablativo do particípio perfeito — raramente para o subjuntivo com **ut,** p. ex.: **nihil opus est mentiri,** *não há necessidade de mentir;* **nunc opus est te animo valere,** *agora é necessário que tu tenhas coragem;* **mihi opus est te quam citissime redire,** *é-me necessário*

que tu voltes o mais breve possível; **accurato et properato opus est,** *é preciso diligência e presteza;* **non est opus prolato,** *não precisa dizê-lo;* **haec ut scias opus est,** *é necessário que saibas estas cousas.*

3) O fim para o qual é necessária uma cousa vai para o acusativo precedido de **ad**, p. ex.: *muitos para a vida tem necessidade de muitas cousas,* **multis multa opus sunt ad vitam.**

4) Com os verbos **scire** e **dicere**, pode-se tambem usar o supino passivo em **u**, p. ex.: *é necessário sabê-lo, dizê-lo,* **hoc scitu** ou **dictu opus est.**

COMPLEMENTO DE CULPA

Miltiades accusatus est proditionis.

234. — Com os verbos que significam ação judiciária: **accūso, incūso, argŭo, insimŭlo,** *acuso;* **arcesso, postŭlo, reum facio,** *cito em juizo;* **damno, condemno,** *condeno;* **solvo, absolvo, libĕro,** *absolvo;* **coargŭo, convinco,** *convenço,* etc., é preciso distinguir se o complemento de culpa é expresso: *a*) com os nomes genéricos *culpa, crime, falta* e semelhantes; *b*) ou com nomes que especificam e determinam a culpa.

a) Se o complemento for expresso por um nome genérico, usa-se o ablativo dos seus correspondentes latinos sem preposição, a saber: **crimine, scelere, culpa, delicto, nomine,** *por causa de, sob pretexto de* (=ablativos de causa), p. ex.: *acusar-te-ei do mesmo crime,* **accusabo te eodem crimine;** *acusado de concussão, foi absolvido das demais acusações,* **damnatus crimine repetundarum, ceteris criminibus absolutus est.**

b) Os demais nomes que especificam e determinam o nome do delito põem-se no genitivo: *Milcíades foi acusado de traição,* **Miltiades accusatus est proditionis;** *eu te acuso de furto,* **ego insimŭlo te furti;** *tu foste condenado por homicídio,* **tu damnatus es caedis;** *o juiz absolveu a Clódio da acusação de injúrias,* **judex Clodium absolvit injuriarum.**

Este genitivo pode-se resolver com o ablativo **crimine** subentendido, o qual, porem, às vezes, se exprime: *o lobo acusava de furto a raposa,* **lupus arguebat vulpem furti crimine.**

Observações. — *1*) Com os verbos **postulo** e **accuso** o nome do delito pode-se tambem por em ablativo com **de**: p. ex.: **accusare, postulare aliquem repetundarum** ou **de repetundis,** *acusar a alguem de concussão;* **ambitus** ou **de ambitu,** de cabala; **majestatis** ou **de majestate,** *de lesa majestade;* **parricidii** ou **de parricidio,** *de parricídio;* **peculatus** ou **de peculatu,** *de peculato;* **neglegentiae** ou **de neglegentia.** — Dir-se-á sempre: **condemnare, accusare aliquem de vi,** porque **vis** carece de genitivo, *condenar, acusar alguem de violência;* **accusare inter sicarios,** *de assassínio;* **de veneficiis,** *de envenenamento;* **arcessĕre** ou **accusare capitis,** *acusar de delito capital;* **absolvere aliquem regni suspicione,** *absolver alguem da suspeita de aspirar ao reino;* **absolvere capitis** ou **capite,** *absolver de um crime capital.*

2) Na linguagem comum ou extra judicial encontra-se o acusativo da culpa ou do vício e o genitivo da pessoa, p. ex.: **accusare, incusare, arguere neglegentiam, avaritiam alicujus,** *acusar, censurar a negligência, a avareza de alguem.*

COMPLEMENTO DE PENA

Alcibiades capitis (capite) damnatus est.

235. — A pena ou castigo exprime-se com os verbos **damnare, condemnare, multare** e semelhantes.

a) A *pena de morte* traduz-se com os ablativos **poena capitali, morte, capite** tanto com o verbo **damnare** como com o verbo **multare,** ou com os genitivos **capitis** ou **mortis** e o verbo **damnare,** p. ex.: *entre os Egípcios os perjuros eram condenados à morte,* **apud Aegyptios perjuri capite multabantur;** *Alcibíades, se bem que ausente, foi condenado à morte,* **Alcibiades absens capitis** *ou* **capite damnatus est.**

b) Se a pena consiste numa *determinada quantia de dinheiro,* se exprime por meio do ablativo com o verbo **damnare,** p. ex.: *foi multado em mil sestércios, em cincoenta talentos,* **mille nummis, quinquaginta talentis damnatus est.**

c) Se a pena for expressa pelos substantivos: *exílio, prisão, açoites, ignomínia, danos* e semelhantes, estes vão em regra para o ablativo com o verbo **multare,** p. ex.: *o réu do furto foi condenado ao exílio, à prisão, aos açoites, à ignomínia, aos danos, a uma multa,* **reus furti multatus est exsilio, vinculis, verberibus, ignominia, damnis, pecunia.**

d) Se a pena consite numa *quantia indeterminada de dinheiro,* exprime-se com os genitivos de quantidade **tanti,** *a tanto;* **quanti,** *a quanto;* **pluris,** *a mais;* **minoris,** *a menos;* e as expressões: *ao dobro, ao triplo, ao quádruplo* se traduzem com os genitivos **dupli, tripli, quadrŭpli,** p. ex.: *os nossos antepassados condenavam o ladrão a pagar o dobro, o usurário a pagar o quádruplo,* **majores nostri furem dupli condemnabant, faeneratorem quadrupli.**

Observações. — *1*) São do período da decadência as seguintes frases: **damnare** ou **condemnare ad metalla,** *a trabalhar nas minas;* **ad bestias,** *a combater* ou *a ser devorado pelas feras;* **ad extremum supplicium,** *ao extremo suplício;* **ad mortem,** *à morte;* **in expensas,** *às despesas,* etc.; **damnatus ad poenam,** *condenado a uma pena;* **in** ou **ad opus,** *ao trabalho;* **ad triremes,** *às galés;* **in unam, in duas partes,** *à metade, aos dois terços,* etc.

2) *Condenar alguem por crime de lesa majestade,* **damnare aliquem de majestate.**

3) Usa-se tambem o ablativo da lei ou do julgamento de acordo com o qual se condena, p. ex.: **damnare pompeja lege, populi judicio, falso testimonio,** etc.

CAPITULO III

SINTAXE DOS CASOS

§ I

NOMINATIVO

Sepulcra sanctiora fiunt vetustate.

(Nominativo do predicado integral)

236. — Na língua latina muitos verbos têm dois nominativos: o do sujeito e o do predicado (predicado integral). Os verbos que exigem estes dois nominativos são os seguintes:

a) Os verbos intransitivos que indicam a existência ou um estado permanente ou com a significação de *tornar-se, sair-se, parecer, aparecer, nascer, morrer, viver, permanecer* e semelhantes, p. ex.: **sum, fio, evado, exsisto, nascor, maneo, permaneo, morior, videor, appareo, vivo,** etc., p. ex.: *os sepulcros com o tempo tornam-se mais veneraveis,* **sepulcra sanctiora fiunt vetustate.**

b) Os verbos transitivos passivos apelativos: **appellor, vocor, nomĭnor, dicor.**

c) Os verbos transitivos passivos que indicam *ser tido, chamado, criado, eleito, julgado, estimado, escolhido, achado, conhecido, feito,* e semelhantes, p. ex.: **habeor, putor, ducor, censeor, judĭcor, existĭmor, credor, creor, elĭgor, designor, fio, efficior, declaror, renuntior** (*sou eleito*); **cognoscor, invenior, reperior,** p. ex.: *todas as regradas afeições do ânimo dizem-se virtudes,* **omnes rectae animi affectiones virtutes appellantur.**

Observação. — Se os verbos transitivos (*b,c*) forem usados na voz ativa, exigem dois acusativos: o primeiro o do objeto direto, o segundo o do predicado nominal do objeto direto, p. ex., pass.: *Cícero foi chamado pelos Romanos pai da pátria,* **a Romanis Cicero appellatus est pater patriae,** ativ.: *os Romanos chamaram a Cícero pai da pátria,* **Romani appellaverunt Ciceronem patrem patriae** (cf. n. 172, *b*, pág. 180 e n. 259, pág. 222).

Ego volo esse bonus.

237. — Os verbos supramencionados exigem os dois nominativos tambem quando estão no infinito depois dos verbos chamados *auxiliares* ou *servís,* quais, por exemplo: **possum, queo, nequeo, volo, nolo, malo, cupio, studeo, curo, medĭtor, maturo; debeo; cogor; soleo; coepi, incipio, desĭno, pergo** e outros de significação análoga. O sujeito, porem, do infinito deve ser igual ao sujeito do verbo principal, p. ex.: *Catão preferia ser a parecer bom,* **Cato esse quam videri bonus malebat;** *eu quero ser bom,* **ego volo esse bonus;** mas: *eu quero que tu sejas bom,* **ego volo te esse bonum,** porque os dois sujeitos são diversos.

Observação. — Os verbos **volo, cupio, studeo,** e os outros que indicam desejo ou vontade, podem-se tambem construir com o acusativo e o infinito, expressando-se, porem, o pronome que representa o sujeito do verbo principal: **cupio me esse clementem,** *desejo ser benigno,* em lugar de **cupio esse clemens;** *não há orador que não queira ser igual a Demóstenes,* **nemo est orator, qui se Demosthenis similem esse nolit** (cf. n. 382, *a*).

Ego mihi videor beatus esse.

238. — Em português dizemos: *parece-me que sou feliz, parece-me que tu és feliz, parece-me que Cesar é feliz, parece que nós somos felizes, parece que vós sois felizes, parece-me que os alunos diligentes são felizes;* em latim, em lugar da construção impessoal (*parece-me que*), emprega-se a *construção pessoal,* isto é, o sujeito da proposição dependente torna-se sujeito da principal e portanto o seu caso será o nominativo e para o nominativo irá, por consequência lógica, o seu predicado. Por exemplo: *parece-me que eu sou feliz=eu pareço a mim ser feliz* =**ego mihi videor beatus esse**; *tu pareces a mim ser feliz*=**tu mihi videris beatus esse**; *Cesar parece a mim ser feliz*=**Caesar mihi videtur beatus esse**; *nós parecemos ser felizes*= **nos videmur beati esse**; *vós pareceis ser felizes*=**vos videmini beati esse**; *os alunos diligentes parecem a mim ser felizes*=**discipuli diligentes mihi videntur beati esse.**

Parece-me que tu erraste=tu pareces a mim ter errado, **tu mihi videris errasse.**

Parece que a cidade foi tomada=a cidade parece ter sido tomada, **urbs videtur capta esse.**

Parecerá que eu perco tempo=eu parecerei perder tempo, **videbor tempus consumĕre.**

Parece ao pai que vós amais o estudo=vós pareceis ao pai amar o estudo, **vos patri videmini studium diligere.**

E' raríssimo o verbo **videor** com valor passivo, suprem-no verbos que têm o mesmo sentido, p. ex.: **specto, conspicio.**

Milites jussi sunt pontem facere.

239. — Têm a mesma construção **jubeor, vetor,** e mais raramente **sinor** e **prohibeor,** p. ex.: *mandou-se aos soldados que fizessem uma ponte=os soldados foram mandados fazer uma ponte,* **milites jussi sunt pontem facere.**

Mandou-se aos cônsules que alistassem soldados=os cônsules foram mandados alistar soldados, **consules jussi sunt exercitum conscribere.**

Mandou-se aos tribunos que consultassem os livros sibilinos= os tribunos foram mandados, etc., **tribuni jussi sunt libros sybillinos inspicere.**

Proibiu-se aos alunos que escrevessem=os alunos foram proibidos de escrever, **discipuli vetĭti sunt scribere.**

Não se permitiu a Milão que acusasse Clódio, **Milo accusare Clodium non est situs** ou **prohibĭtus est.**

Observação. — Para a construção dos verbos *jubeo* e *veto* na voz ativa cf. n. 382, *d*, pág. 276.

Carthaginienses dicuntur victi fuisse.

240. — Idêntica construção têm os verbos que equivalem a *dizer, narrar, crer,* usados na forma passiva, p. ex.: **dicor, narror** (poético), **putor, existĭmor, nuntior** em todas as pessoas; **feror, trador** e **perhibeor** só na terceira pessoa: **fertur, feruntur ; tradĭtur, traduntur,** etc., p. ex.:

Diz-se que Apio Cláudio era cego, = A'pio Cláudio é dito ter sido cego, **Appius Claudius dicĭtur caecus fuisse.**

Diz-se que Numa foi discípulo de Pitágoras = Numa é dito ter sido, etc., **Numa dicitur discipulus fuisse Pythagorae.**

Diz-se que os Cartagineses foram vencidos = os Cartagineses são ditos terem sido vencidos; **Carthaginienses dicuntur victi fuisse.**

Diz-se que Vergílio imitou os poemas de Homero = Vergílio é dito ter imitado, etc., **Vergilius dicĭtur carmina Homeri imitatus esse.**

Diz-se que Homero viveu no tempo de Licurgo, **Lycurgi temporibus Homerus fuisse traditur.**

Traditum est Homerum fuisse caecum.

241. — Os verbos **dicor, putor, existĭmor, feror, trador,** a par da construção pessoal, podem ter tambem a impessoal *especialmente nas formas compostas do passivo.* Pode-se dizer indiferenmente: **Caesar tyrannus putandus est, existimandus est** ou tambem: **putandum est, existimandum est Caesarem fuisse tyrannum.** Deve-se todavia usar sempre a construção impessoal com os modos: **traditum est, dictum est, nuntiatum est, putatum est,** p. ex.: **traditum est Homerum fuisse caecum,** *diz-se que Homero era cego.*

Caesari visum est proelium committere.

242. — Há quatro casos em que os verbos **videor, dicor, credor, putor, existimor** se constroem impessoalmente (**videtur, dicitur,** etc.), a saber:

a) Quando **videtur** significa *parece bem, oportuno, agrada,* p. ex.: *pareceu oportuno a Cesar travar combate,* **Caesari visum est proelium committere;** *pareceu oportuno ao senado que se enviassem embaixadores,* **visum est senatui legatos mittere** ou **mitti** ou tambem **ut legati mitterentur.** — Nas frases: *se te agrada, se te parece bem,* **si tibi videtur;** *como parece,* **ut videtur,** p. ex.: **Platonis disciplinam, si videtur, explicabo.**

b) Quando o infinito dependente de **videor, dicor, credor,** etc. deveria ir para o infinito futuro, e, por carecer o verbo do supino, houvesse necessidade de recorrer aos circunlóquios: **fore** (ou **futurum esse**) **ut;** *parece, diz-se, crê-se que alguns nunca aprederão,* **videtur, dicitur, creditur, censetur fore** (ou **futurum esse**) **ut aliqui nunquam discant;** *parece que tu estudarás,* **mihi videtur fore ut tu studeas.**

c) Quando o verbo dependente de **videor, dicor, credor,** etc. for um verbo impessoal, p. ex.: **pudet, piget, taedet:** *parece-me, diz-se, que te pesa muito a fadiga,* **mihi videtur** ou **dicitur te multum pigere laboris** (= **videtur** ou **dicitur pigritia laboris multum tenere te**); *parece-me que tu te arrependes da tua negligência,* **mihi videtur te paenitere neglegentiae tuae.**

d) Quando estes mesmos verbos forem seguidos de um adjetivo, p. ex.: **credibile, facile, verisimile,** etc., p. ex.: *não parecia provavel que os Romanos ainda teriam podido vencer a Anibal,* **non videbatur credibile Romanos adhuc Hannibalem superaturos esse**; *parece-me provavel que teu pai venha amanhã,* **mihi verisimile videtur patrem tuum cras venturum esse.**

e) **Dicitur** sempre se constrói impessoalmente quando equivale a *afirma-se,* p. ex.: *com razão se afirma que o ócio é a origem de todos os vícios,* **recte dicitur otium esse omnium vitiorum quasi fontem et parentem**; *é com razão que se afirma que as fadigas passadas são agradaveis,* **vere dicitur jucundos esse actos labores.**

NOMINATIVO NAS INVOCAÇÕES

O frustra suscepti labores, o spes fallaces et inanes cogitationes meae!

243. — *a*) Usa-se o nominativo nas exclamações que têm sentido predicativo, indicando qual é ou não é uma cousa. Pode ser precedido da interjeição **o,** p. ex.: *oh fadigas debalde empreendidas, oh esperanças enganadoras e meus vãos pensamentos!* **O frustra suscepti labores, o spes fallaces et inanes cogitationes meae!** *Oh casa feliz que adquiriu a impunidade; oh infeliz Dejótaro que é acusado pelos seus!* **Felix ista domus, quae impunitatem adepta sit; calamitosus Dejotărus, qui a suis accusetur!**

b) Com os pronomes adjetivos, em regra, usa-se sempre o nominativo, p. ex.: *que discurso!* **qui sermo!** — *quanta erudição!* **quanta notitia antiquitatis!**

c) Às vezes, nas invocações, para conferir maior realce ao pensamento, o nominativo substitue o vocativo, p. ex.: *escuta, ó Júpiter, escuta tu, ó povo Albano,* **audi, Juppiter, audi tu, populus Albanus** (*Liv.* 1, 24, 7); *vai, ó povo, pede os perfumes ao altar da virgem: Vesta dá-los-á,* **i, pete virginea, populus, suffimen ab ara: Vesta dabit** (*Ov.* Fast. 4, 731). Cf. n. 244, *d*, pág. 216.

§ II

VOCATIVO

Te hortor, mi Plance.

244. — *a*) O vocativo não pertence ao número dos casos propriamente ditos porque não constitue uma parte integral da oração, é algo de exterior e muitas vezes só exprime uma exclamação. Por este motivo não tem desinência própria, pois em todas as declinações é igual ao nominativo ou ao simples tema.

b) O vocativo indica a pessoa ou a cousa a que se dirige a palavra. Inicia a proposição só nos momentos de grande comoção ou quando se exige mais ativa a atenção de alguem. Nos demais casos vai depois de duas ou três palavras, p. ex.: *exorto-te, ó querido Planco, a cuidares da conservação da república,* **te hortor, mi Plance, ut in rempublicam incumbas.**

c) O vocativo, em regra, carece da interjeição, a qual só se usa nas exclamações patéticas, pondo-se então no princípio da oração, p. ex.: *ó afortunado jovem, que encontraste em Homero um cantor dos teus feitos!* **o fortunate adulescens, qui tuae virtutis Homerum praeconem invenĕris!**

d) Às vezes o vocativo é substituido pelo nominativo, motivo pelo qual, em muitas gramáticas, os dois casos se encontram agrupados (cf. n. 243, *c*, pág. 216).

e) O atributo e o aposto que o acompanham vão tambem para o vocativo, e nos poetas, às vezes, tambem o aposto e o atributo que acompanham o predicado, p. ex.: *de quais regiões vens tu, ó Heitor, tanto esperado?* **Quibus,** *Hector* **ab oris** *expectate* **venis?** — *aonde vais para morrer?* **Quo,** *moriture,* **ruis?** — *ó Pompeu, primeiro dos meus companheiros,* *Pompei* **meorum** *prime* **sodalium.**

Observação. — Às vezes, nas invocações, em lugar do nominativo (Cf. n. 243, *a*, pág. 216) ou do acusativo (cf. n. 262, pág. 222, *a*, pág. 224), usa-se o vocativo precedido de **o** ou **pro**, p. ex.: *que empreendimento maior, ó Santo Júpiter, jamais foi realizado nesta cidade?* **Quae res unquam, pro Sancte Juppiter, in hac urbe est gesta major?**

§ III

ACUSATIVO

245. — O acusativo indica a pessoa ou a cousa à qual passa imediatamente a ação do verbo; os verbos que regem o acusativo chamam-se *transitivos* (de **transeo** = *eu passo*); os outros *intransitivos*.

ACUSATIVO COM OS VERBOS TRANSITIVOS

Dei providentia mundum administrat.

246. — *a*) O complemento direto do verbo transitivo, ativo ou depoente, põe-se em acusativo: *a providência de Deus governa o mundo,* **Dei providentia mundum administrat**; *Cipião expugnou e destruiu Cartago,* **Scipio Carthaginem expugnavit et delevit**; *a glória segue a virtude,* **gloria virtutem sequitur**; *os oradores imitaram a Demóstenes e Cícero,* **oratores Demosthĕnem et Ciceronem imitati sunt** (Cf. n. 177, *a*, pág. 184).

b) Com dois verbos transitivos que regem o mesmo objeto, o português representa este objeto com o pronome demonstrativo depois do segundo verbo; ao invés, o latim omite ou repete o objeto especialmente nas contraposições, p. ex.: *a virtude concilia as amizades e as conserva,* **virtus et concilĭat amicitias et conservat** (não: **et conservat eas**).

Spes defĭcit me.

247. — São intransitivos em português, transitivos em latim, os verbos:

a) **Juvo, adjŭvo,** no sentido de *ser util, vantajoso, agradavel, aproveitar, agradar a alguem.*

b) **Deficio,** *faltar, falhar, desfalecer, fazer falta a,* p. ex.: **spes defĭcit me,** *falta-me a esperança;* **vires me deficiunt,** *faltam-me as forças;* **voluntas me defĭcit,** *desfalece-me a vontade, falta-me a vontade.* — **Deficere ab aliquo ad aliquem** significa *separar-se de alguem, abandonar o seu partido, não continuar a favorecê-lo* ou *estimá-lo e passar para outro partido.* **Deficere animo,** *desanimar;* **deficere in aliquo,** *extinguir-se* (*das genealogias*).

c) **Effugĕre,** *fugir de, esquivar-se, subtrair-se*: **hospitis speciem effugere,** *subtrair-se à aparência de estrangeiros;* **effugere manus,** *não se deixar prender;* **effugere ex manibus,** *escapar das mãos* (*depois de ter sido preso*).

d) **Sequor** e **sector,** *seguir, ir atrás de, ir em companhia de,* e todos os seus compostos com exceção de **obsĕquor,** *obedeço,* que quer o dativo.

Adulescentem decet modestum esse.

248. — *a*) Os verbos **decet**, *convem*; **dedĕcet**, *não convem, desdiz*, querem em acusativo a pessoa a quem a cousa convem ou não convem, e esta vai para o nominativo. Estes verbos têm tambem a terceira pessoa do plural, p. ex.: **adulescentem decet modestum esse**, *ao jovem convem ser modesto*; **candida pax homines, trux decet ira feras**, *uma paz sincera convem aos homens, a cruel ira às feras*.

b) Têm a mesma construção os impessoais: **juvat me**, *agrada-me, apraz-me, é-me util*; **me fugit, me fallit, me praetĕrit**, *escapa-me*; **quid sit optimum neminem fugit**, *a ninguem escapa o que e ótimo = todos sabem o que é ótimo*.

ACUSATIVO COM VERBOS INTRANSITIVOS

Deflere mortem patris.

249. — Alguns verbos intransitivos tomam muitas vezes um sentido ativo, tais são principalmente os verbos que significam um sentimento da alma, p. ex.: **lugēre, flēre, deflēre mortem patris**, *chorar a morte do pai*; **gemĕre, quĕri, lamentari calamitatem reipublicae**, *lamentar as calamidades da república*; **horrēre, reformidare crudelitatem tyranni**, *destestar a crueldade do tirano*; **ridēre, deridēre, irridēre stultos**, *zombar dos estultos*; **mirari fortitudinem Caesaris**, *admirar a fortaleza de Cesar*.

Amnis praeterflŭit urbem.

250. — *a*) Muitos verbos, que são intransitivos na forma simples, podem-se tornar transitivos na forma composta. Na maioria são verbos que indicam movimento em composição com as preposições, **in, ad, circum, prae, praeter, trans, per**, etc. Assim, por exemplo, os verbos **ire, currĕre, gradi, venire, fluĕre**, etc. são intransitivos na forma simples e transitivos na composta: **adire aliquem**, *ir ter com alguem*; **adire oraculum**, *consultar o oráculo*; **transire alpes**, *passar os Alpes*; **transcendere murum**, *escalar o muro*; **inire urbem**, *entrar na cidade*; **subire tectum**, *entrar em casa*; **percurrĕre agros**, *percorrer os campos*; **aggrĕdi hostes**, *assaltar os inimigos*; **circumvenire hostes**, *rodear os inimigos*; **amnis praeterflŭit urbem**, *o rio corre ao longo da cidade*. Contudo, podem conservar o significado originário intransitivo e então geralmente repetem a preposição, p. ex.: **adire ad aliquem.**

b) Tornando-se transitivo admitem naturalmente a construção passiva, p. ex.: *nas batalhas encontram-se muitos perigos*, **multa pericula adeuntur in proeliis, hostes circumveniuntur, urbs praeterfluĭtur amne** (cf. n. 132, nota V, pág. 138).

Mirum somnium somniavi.

251. — Alguns verbos intransitivos têm, às vezes, um acusativo da mesma raiz ou do mesmo significado, que reforça energicamente a idéia; este acusativo chama-se do *objeto interno*, p. ex.: **mirum somnium somniavi**, *tive um sonho admiravel;* **miseram vitam vivere**, *viver uma vida desgraçada;* **turpem servitutem servire**, *sujeitar-se a uma vergonhosa servidão;* **facinus facere**, *dirigir uma empresa;* **dictum dicere**, etc. Não têm a mesma raiz, mas idêntico significação: **vivere aetatem**, **pugnare proelia**, **moerēre mortem alicujus**, *sofrer pela morte de alguem;* **olēre thymum**, *cheirar a timo;* **sapěre unguentum**, *saber a, ter cheiro de unguento;* **sitīre sanguinem**, *ter sede de sangue.*

Observação. — Estes verbos, porem, não se usam na construção passiva; não se diz: **sitiuntur honores**, **olētur thymus**.

Hoc gaudeo, illud glorior.

252. — Às vezes, põe-se em acusativo com verbos intransitivos o caso neutro de um pronome ou de um adjetivo de quantidade: **hoc, illud, id, quid, aliud, nihil, pauca, multa, cetera, unum, omnia.**

Hoc gaudeo, *alegro-me com isto;*

illud glorior, *glorio-me disto* (cf. as outras construções n. 204, obs. *2*, pág. 196)*;*

hoc te rogo, *suplico-te isto* (cf. n. 218, obs. *2*, pág. 203 e n. 256, *a*, pág. 221)*;*

multa te admonui, *de muitas cousas te adverti* (cf. n. 274, *b*, pág. 230).

Observação. — Muitos destes acusativos tornaram-se verdadeiros advérbios, p. ex.: **multum, plurimum, paulum, tantum, quantum, plus, minus, primum, postremum, ceterum, nihil, summum.** Por analogia, registramos as seguintes frases poéticas: **dulce ridere, suave loqui, acerba fremĕre**, etc.

ACUSATIVO ADVERBIAL

Suebi maximam partem lacte vivunt.

253. — *a)* O nome **pars** e muitos adjetivos neutros usam-se no acusativo como advérbios: **magnam partem**, *em grande parte;* **maximam partem**, *na máxima parte;* **summum**, *no máximo;* **nihil**, *nada, em nada;* **multum**, *muito*, etc.: **Suebi non multum frumento sed maximam partem lacte vivunt**, *os Suevos não vivem muito de trigo, mas na máxima parte de leite;* **quattuor aut summum quinque**, *quatro ou quando muito cinco.*

b) São tambem acusativos adverbiais as expressões: **id tempŏris = eo tempore; homo id aetatis = homo ea aetate.**

DUPLO ACUSATIVO

O duplo acusativo pode ser:

1) Da pessoa e da cousa.
2) Do complemento objetivo e do de lugar.
3) Do complemento objetivo e do predicado.

1) ACUSATIVO DA PESSOA E DA COUSA

Doceo pueros grammaticam.

254. — *a*) Os verbos **doceo,** *ensino, instruo;* **perdoceo, edoceo,** *ensino bem, com diligência;* **dedoceo,** *desensino;* **rogo** e **oro** no sentido de *peço,* e **celo,** *oculto, escondo,* constroem-se com dois acusativos, um de pessoa, outro de cousa: **doceo pueros grammaticam,** *ensino a gramática aos meninos;* **natura docet homines omnes artes,** *a natureza ensina aos homens todas as artes;* **te doceo scribere,** *ensino-te a escrever;* **rogo Deum vitam et salutem,** *peço a Deus a vida e a salvação;* **celavi te mortem patris,** *ocultei-te a morte do pai.*

b) **Docēre,** não se usa na voz passiva. *Ser instruido, ser ensinado por alguem em alguma cousa* traduz-se por: **discere aliquid ab aliquo** ou então **institui** ou **imbui aliqua re ab aliquo.** Assim em lugar de **pueri docentur grammaticam,** *aos meninos se ensina a gramática,* dir-se-á melhor: **pueri discunt grammaticam** ou **instituuntur, imbuuntur grammatica.**

Observação. — **Doctus, edoctus,** em prosa, quase sempre são adjetivos e regem o ablativo: **doctus litteris graecis,** *instruido na literatura grega.* Encontra-se tambem: **doctus militiam,** *instruido na arte militar;* mas um pronome ou um adjetivo neutro vai para o caso acusativo, p. ex.: **doctus multa,** *instruido em muitas cousas.*

c) **Celo** pode ter tambem o ablativo com **de: celo te de morte patris,** esta construção é regular na voz passiva. Por isto, pode-se dizer na voz ativa: **celavi patrem mortem filii** ou tambem **celavi patrem de morte filii,** mas na passiva só se diz: **pater celatus est de morte filii.**

Observação. — **Doceo, edoceo aliquem de aliqua re** significa: *informo, aviso alguem a respeito de alguma cousa,* p. ex.: **te docui de adventu patris,** *eu te avisei da chegada do pai.* **Docere aliquem fidibus,** *ensinar a alguem a tocar um instrumento de corda;* **docere aliquem equo armisque,** *ensinar a alguem a cavalgar e a esgrimir.*

Tarentini Pyrrhum auxilium poposcerunt.

255. — *a*) **Posco, reposco, flagĭto,** *peço, exijo, solicito,* querem no **acusativo** o *nome da cousa solicitada* e a *pessoa a quem se pede a cousa* põe-se geralmente no **acusativo,** não raro tambem no ablativo com **a, ab: poscere aliquid aliquem** ou **ab aliquo: Caesar Aeduos frumentum flagitabat,** *Cesar pedia trigo aos E'duos;* **abs te rationem poscent,** *pedir-te-ão o motivo;* **Tarentini Pyrrhum auxilium poposcerunt,** *os Tarentinos pediram auxílio a Pirro.*

Observação. — A construção do ablativo precedido de **a** ou **ab** da pessoa a quem se pede é a única da voz passiva, p. ex.: **pax ex omnibus partibus a duce flagitabatur,** *de todas as partes pedia-se paz ao comandante.*

b) **Postulo,** *peço com insistência, pretendo, exijo,* em regra, se constrói com o nome da pessoa no ablativo com **a** ou **ab,** p. ex.: *eu peço com insistência o livro ao amigo,* **ego postŭlo librum ab amico.**

c) **Peto,** *peço* (*para receber uma cousa*), quer o nome da pessoa no ablativo com **a, ab** ou **ex:** *pedir auxílio a alguem,* **petere auxilium ab aliquo:** *Marco Cúrsio pediu o tribunado a Cesar,* **Marcus Curtius tribunatum a Caesare petiit.**

Observação. — Note-se a diversidade de significação segundo as várias construções: **petere aliquem,** *agredir a alguem,* p. ex.: **Brutus Caesarem petiit,** *Bruto agrediu a Cesar;* **Petere castra, petere Galliam, petere Romam,** *dirigir-se ao acampamento, à Gália, à Roma;* **petere aliquid ab aliquo,** *pedir alguma cousa a alguem.*

Rogo te de itinere.

256. — *a)* **Oro, rogo, interrogo** e **percontor,** *interrogo, pergunto,* têm dois acusativos quando o nome da cousa é um pronome neutro: **id te rogo, illud te rogo** (cf. n. 218, obs. *2*, pág. 203; n. 252, pág. 219); nos outros casos o nome da cousa põe-se, quase sempre, no ablativo com **de: rogo, interrogo te de intinere,** *interrogo-te sobre a viagem;* **te interroga de iisdem rebus,** *interrogar-te-ei sobre as mesmas cousas.*

Observações. — *1)* O verbo **percontari,** *indagar,* tem dupla construção. Alem de **percontari aliquem de aliqua re,** pode-se tambem dizer: **percontari aliquid a, ab; ex; de aliquo.**

2) Os dois acustivos só são fixos na fórmula parlamentar: **rogare aliquem sententiam,** *perguntar a alguem o seu parecer.*

b) **Quaero** e **sciscitor** *pergunto* (*para saber*), *averiguo* querem o acusativo de cousa e o ablativo de pessoa com **a, ab; ex; de: quaero a te quid facias,** *pergunto-te o que fazer;* **Caesar quaerit ex Lisco ea quae in conventu dixerat,** *Cesar pergunta a Lisco as cousas ditas na assembléia.*

c) **Consulo** tem o acusativo da pessoa e o ablativo com **de** da cousa: **Caesar consulebat Ciceronem de republica,** *Cesar pedia conselho* ou *consultava a Cícero a respeito da república;* **Cicero consuluit senatum de bello,** *Cícero consultou o senado a respeito da guerra.*

Observação. — Não se confunda **consulo te** com **consulo tibi. Consulo te** significa: *eu te consulto, peço-te conselho;* **consulo tibi** corresponde a: *atendo aos teus negócios, tenho cuidado dos teus interesses* (cf. n. 286, pág. 234).

Tarentini Archĭam poëtam civitate donarunt.

257. — **Dono,** *dou;* **circumdo,** *circundo;* **induo,** *visto;* **exuo,** *despojo, dispo;* **macto,** *sacrifico;* **aspergo,** *rego;* **impertio,**

reparto; **misceo,** *misturo,* etc., podem ter construção dupla. Pode-se dizer: **donare aliquem aliqua re** (instrumento ou meio) ou **donare aliquid alicui,** p. ex.: **mihi populus Romanus donavit immortalitatem,** *o povo Romano me deu a imortalidade* ou então **me populus Romanus immortalitate donavit; Archĭam poëtam Tarentini civitate donarunt,** *os Tarentinos deram ao poeta A'rquias o direito de cidadão;* **milites castra fossā circumdederunt** ou **milites castris fossam circumdederunt,** *os soldados fizeram um fosso ao redor do acampamento;* **Dejanira Herculi tunicam centauri induit,** *Dejanira vestiu a Hércules com a túnica do centauro;* **adspergere aram sanguine,** *regar um altar com sangue;* **adspergere aquam floribus,** *regar as flores com água;* **mactare legiones diis manibus** ou **deos manes legionibus,** *sacrificar aos deuses com as legiões* ou *honrar os deuses com as legiões;* **miscere vinum aquā** ou **aquae** e tambem **cum aqua,** *misturar vinho com água.*

Observações. — *1)* Esta dupla construção conserva-se tambem na voz passiva, p. ex.: *voz ativa*: **Romani donaverunt Ciceroni civitatem,** *voz passiva*: **a Romanis Ciceroni civitas donata est** ou *voz ativa*: **Romani donaverunt Ciceronem civitate,** *voz passiva*: **A Romanis Cicero civitate donatus est.**

2) Com o verbo **induo** na voz ativa dir-se-á mais comumente, p. ex.: **alicui tunicam, arma,** e na passiva: **induor veste.** Na poesia, e às vezes tambem na prosa, se encontra um acusativo de relação (cf. n. 218, pág. 203), p. ex.: **induitur vestem, galeam, lorīcam,** etc.

2) ACUSATIVO DO COMPLEMENTO OBJETIVO E DO DE LUGAR

Hannĭbal exercitum Alpes traduxit.

258. — Usam-se tambem dois acusativos, um do **objeto,** outro do **lugar,** com os verbos que significam *levar alem, levar de um lugar para outro,* como **traduco, trajicio, transporto, transmitto,** p. ex.: *Anibal fez passar doze mil cavaleiros alem do Ibero* (Ebro), **Hannibal duodecim milia equitum Ibērum transduxit** (=**duxit trans Iberum**); *Anibal fez passar o exército alem dos Alpes,* **Hannibal exercitum Alpes traduxit;** *Cesar fez passar o exército alem do Reno,* **Caesar Rhenum exercitum trajecit.** — Na *construção passiva* fica o acusativo que depende da preposição, p. ex.: **duodecim milia equitum ab Hannibale Ibērum transducti sunt; exercitus Alpes traductus est.**

3) ACUSATIVO DO COMPLEMENTO OBJETIVO E DO PREDICADO

Hic nuntius effecit me beatum.

259. — Exigem dois acusativos: o primeiro o do objeto direto, o segundo o do nome predicado:

a) Os verbos **putŏ, habeo, duco, existĭmo,** etc., **dico, appello, voco, nomĭno,** etc. (cf. n. 172, *b*, pág. 180; n. 236, *c*, obs., pág. 213).

b) Os verbos que indicam *tornar, fazer,* como: **facere, efficere, reddere,** etc., p. ex.: *esta notícia tornou-me feliz,* **hic nuntius effecit me beatum.**

c) Notem-se as frases: **praebere se bonum patrem, optimum civem,** *mostrar-se um bom pai, um ótimo cidadão;* **praestare se malum poëtam,** *mostrar-se um mau poeta.*

d) **Gerere se,** sempre se une a advérbios, p. ex.: **gerere se fortĭter, hostilĭter.**

VERBOS IMPESSOAIS (*)

Petrum paenitet suae neglegentiae.

260. — Os verbos impessoais **paenitet,** *arrependo-(me);* **piget,** *pejo-(me);* **pudet,** *envergonho-(me);* **taedet,** *enfado-(me);* **miseret,** *compadeço-(me),* querem:

a) No **acusativo** o nome da pessoa ou do pronome (pessoal ou demonstrativo, etc.) que experimenta o arrependimento, o enfado, a vergonha, o desgosto, piedade ou compaixão, p. ex.: *Pedro se arrepende da sua negligência,* **Petrum paenitet suae neglegentiae;** *eu me arrependo de minha negligência,* **paenitet me neglegentiae meae.**

Observação. — Na terceira pessoa não se diz: **se paenitet, se taedet,** etc., mas **eum paenitet, eum taedet,** etc., p. ex.: *Antônio se enfastia,* **Antonium taedet;** *Pedro foi negligente, mas agora ele se arrepende e se envergonha da sua negligência,* **Petrus neglegens fuit, sed nunc eum paenitet et pudet suae neglegentiae;** *eles se arrependem,* **eos paenitet.** — Estes verbos só exigem o pronome reflexivo **se** (e **suus, a, um**) quando dependem de outro que indique *dizer, declarar, mostrar* e semelhantes, e o sujeito da principal é igual ao da dependente, p. ex.: *ele diz que se arrependeu da sua negligência,* **ille dicit se paenituisse suae neglegentiae.** Se se dissesse: **ille dicit eum paenituisse,** etc., significaria que *aquele,* isto é, uma outra pessoa, se arrependeu da sua negligência.

b) A cousa de que alguem se arrepende, se desgosta, sente piedade, etc.:

I) Vai para o **genitivo,** se for um **substantivo** ou um **pronome pessoal,** p. ex.: *a muitos enfada o trabalho,* **multos piget laboris;** *minha mãe, eu me compadeço de ti e tenho vergonha de mim,* **mea mater, tui me miseret, mei piget.**

II) Vai para o **acusativo neutro,** se for um **pronome neutro,** p. ex.: *o sábio nada faz de que se possa arrepender,* **sapiens nihil facit quod paenitere possit.**

(*) Cf. n. 140, III, pág. 149.

III) Para o **infinito** ou com uma **proposição dependente causal** com **quod**, se for um **verbo**, p. ex.: *eu não me arrependo de ter vivido*, **non me paenitet vixisse**; *arrependo-me de ter-te ofendido*, **quod te offendi me paenitet.**

Observação. — Com a forma do gerundivo, a pessoa vai para o dativo, p. ex.: **mihi audaciae paenitendum est** (cf. n. 398, *c*).

Incĭpit me pudere vitae meae.

261. — *a*) Quando os infinitos **paenitere, taedere,** etc., estão precedidos de um auxiliar como **vidēri, debēre, solēre, posse, coepisse, incipĕre, desinĕre,** esses auxiliares tornam-se igualmente impessoais: *começo a envergonhar-me da minha vida*, **incipit me pudēre vitae meae**; *começas a envergonhar-te da tua vida*, **incĭpit te pudēre vitae tuae**; *Pedro começa a envergonhar-se da sua vida*, **Petrum incipit pudēre vitae suae**; *nós começamos a arrepender-nos da nossa vida*, **nos incipit paenitere vitae nostrae**; *vós começais a arrepender-vos da vossa vida*, **vos incipit paenitere vitae vestrae**; *os Romanos começam a arrepender-se da sua audácia*, **Romanos incipit paenitere audaciae suae.**

Parece-me que estou aborrecido da vida, **me videtur taedere vitae.**

Parece que vós estais aborrecidos da vossa vida, **vos videtur taedere vitae vestrae.**

Parece que os preguiçosos estão aborrecidos da sua vida, **pigros videtur taedere vitae suae.**

b) Com os verbos servís que exprimem desejo ou vontade como: **volo, nolo, malo, cupio,** usa-se outra construção: os verbos servís usam-se pessoalmente e os impessoais vão para o subjuntivo as mais das vezes sem **ut**, p. ex.: **volo te paeniteat peccati tui**, *quero que tu te arrependas da tua falta.*

ACUSATIVO NAS EXCLAMAÇÕES

Me miserum!

262. — *a*) Muitas exclamações põem-se em acusativo ou só ou acompanhado de **o, heu**: **me miserum**, *infeliz de mim!* **heu me miserum**, *oh infeliz de mim!* **o fallacem hominum spem**, *oh falaz esperança dos homens!* **o miserum senem**, *oh velho infeliz!*

Observações. — *1*) **En, ecce,** *eis*, preferem o nominativo, mas se encontram tambem com o acusativo, p. ex.: **en tua sapientia** ou **en tuam sapientiam**, *eis a tua sabedoria.*

2) **Hei, vae** exigem o dativo, p. ex.: **vae victis**, *ai dos vencidos!*

b) **Pro** exige o vocativo, p. ex.: **pro dī immortales!** *oh! deuses imortais!* **pro pudor!** *oh! vergonha!* (cf., n. 152, *a*, pág. 162) e o acusativo na frase: **pro deum atque hominum fidem**, *pela fé dos deuses e dos homens! Pela proteção dos deuses e dos homens!*

c) Ao nosso *Viva, à saude,* fórmula própria dos brindes, corresponde em latim a exclamação **bene** com o acusativo: **bene te! bene vos!=jubeo (cupio) te, vos bene valere** ou com o dativo: **bene tibi, bene vobis=bene sit tibi, vobis**=*à tua, à vossa saude.*

§ IV

GENITIVO

263. — O caso genitivo geralmente serve para completar a noção de algum substantivo ou adjetivo. Podem-se distinguir as seguintes espécies de genitivos:

1) *Genitivo determinativo* (subjetivo e objetivo).
2) *Genitivo declarativo.*
3) *Genitivo possessivo.*
4) *Genitivo partitivo.*
5) *Genitivo na regência dos adjetivos.*
6) *Genitivo na regência dos verbos.*

1) GENITIVO DETERMINATIVO

Metus hostium.

264. — *Genitivo determinativo* é o que especifica o substantivo que rege, p. ex.: **metus hostium,** *temor dos inimigos;* **amor patris,** *amor do pai.*

O genitivo determinativo pode ter duplo sentido, conforme representa o sujeito ou o objeto na ação. Assim, p. ex.: **metus hostium** pode significar já o temor que temos nós dos inimigos, já o temor que os inimigos têm de nós. No primeiro caso chama-se *genitivo objetivo,* porque, transformando o substantivo **metus** em verbo, o genitivo **hostium** tornar-se-ia complemento objetivo: **nos metuimus hostes;** no segundo caso chama-se *genitivo subjetivo,* porque mudando o substantivo **metus** em verbo, o genitivo **hostium** tornar-se-ia sujeito: **hostes metuunt nos.**

Observações. — *1*) Para evitar ambiguidades, às veses, usam-se preposições: p. ex.: **amor erga parentes, odium in cives, timor ab aliquo,** etc.

2) Frequentes vezes encontra-se o genitivo subjetivo regido pelos ablativos **causā, gratiā,** usados como preposições para indicar um escopo que se procura alcançar (cf. n. 203, *c*, pág. 195), p. ex.: **honoris causa,** *para honra;* **mei commodi gratia,** *para minha vantagem;* **haec dicit ridendi causa,** *diz estas cousas para fazer rir.* Tambem, no mesmo modo, para indicar a causa, usa-se a conjunção antiquada **ergo,** que só se encontra em fórmulas determinadas, p. ex.: **victoriae ergo,** *por causa da vitória.* Tambem o substantivo indeclinavel **instar** *igualdade, equivalência* (cf. n. 42, *d*, pág. 47), é usado como preposição e rege o genitivo, p. ex.: **tu mihi es magistri instar, tu mihi es patris instar,** *tu me fazes de mestre, de pai.* **Instar,** em regra, se pospõe ao caso; só se antepõe na frase: **instar omnium esse,** *valer por todos,* p. ex.: **Plato mihi unus est ad instar omnium,** *no meu 'uizo Platão vale por todos.*

3) Os possessivos **meus, tuus** têm valor subjetivo, os genitivos dos pronomes pessoais têm valor objetivo, p. ex.: **amor tui meus** (=**ego amo te**), *o amor que eu tenho para contigo;* **amor mei tuus** (=**tu amas me**), *o amor que tu tens para comigo.* E assim é necessário distinguir entre **timor mei** e **timor meus**; o primeiro significa o temor que outros têm de mim, o segundo o temor que eu tenho de outros.

2) GENITIVO DECLARATIVO

Dulce nomen est pacis.

265. — *Genitivo declarativo* ou *apositivo* é o que determina o sentido geral de um outro substantivo, p. ex.: **nomen, arbor, virtus,** etc. — Diz-se tambem apositivo porque substitue um aposto em que o genitivo (cf. n. 174, *b*, pág. 181) pertence a uma proposição oculta, p. ex.: **arbor fici** = **arbor quae dicitur ficus; dulce nomen est pacis,** *é suave o nome de paz;* **virtus justitiae,** *a virtude da justiça.*

3) GENITIVO POSSESSIVO

Domus regis.

266. — *a)* *Genitivo possessivo* é o que determina a pessoa a quem pertence uma cousa: **domus regis,** *a casa do rei;* **domus Philippi,** *a casa de Filipe;* **oratio Ciceronis,** *o discurso de Cícero;* **aedis Saturni,** *o templo de Saturno.*

b) Muitas vezes em lugar do genitivo possessivo, emprega-se um adjetivo: **fabulae Plauti** ou melhor **fabulae Plautinae,** *as comédias de Plauto;* **fabulae Terentii** ou melhor **fabulae Terentianae,** *as comédias de Terêncio;* **carmina Vergilii** ou **carmina Vergiliana.**

Observação. — As expressões: *de mim, de ti, de nós,* etc., sempre se traduzem com o adjetivo possessivo correspondente, p. ex.: *a origem de nós* (=*nossa*), **origo nostra.**

Regis est tueri cives.

267. — *a)* O verbo **esse** seguido de um genitivo pode significar: *é dever de, é próprio de,* p. ex.: **stultorum est,** *é próprio dos estultos;* **patris est,** *é dever do pai;* **regis est,** *é dever do rei;* **consulis est,** *é dever do consul;* **imperatoris est,** *é próprio do capitão;* **regis est tuēri cives,** *é dever do rei proteger os cidadãos;* **imperatoris est de periculis belli judicare,** *é próprio do capitão julgar dos perigos da guerra.*

b) Pode-se dizer: **stultum est dicere,** *é cousa estulta dizer* e **stulti est dicere,** *é próprio do estulto dizer,* mas se o adjetivo tem uma só terminação, usa-se só o genitivo: **sapientis est dicere.**

Observações.— *1)* Às vezes a **esse** une-se **proprium, munus, officium, negotium,** p. ex.: **judicis officium est,** *é dever do juiz.*

2) Ao genitivo dos pronomes pessoais (**mei, tui, sui,** etc). substitue-se o neutro do possessivo correspondente (**meum, tuum, suum, nostrum, vestrum**) p. ex.: **nostrum est parentes amare,** *é nosso dever* (=é dever de nós) *amar os pais;* **tuum est parentibus obtemperare,** *é teu dever obedecer aos pais;* **meum est consulis,** *é meu dever de consul* (=*é dever de mim consul*) **invigilare.**

Ob meam ipsius diligentiam.

268. — Os possessivos **meus, tuus,** etc. têm o valor de um genitivo possessivo (**meus,** *de mim;* **tuus,** *de ti*), por conseguinte, acrescentando-se-lhes qualquer determinação, esta vai para o genitivo, p. ex.: **ob meam ipsius diligentiam,** *por causa da diligência de mim mesmo;* **tua unius manu,** *pela mão de ti só;* **mea absentis consilia,** *os conselhos de mim ausente.* E' uma espécie de *constructio ad sensum* (cf. n. 171, *a,* pág. 179; n. 322, *b,* pág. 253).

4) GENITIVO PARTITIVO

Multae istarum arbŏrum mea manu satae sunt.

269. — O *genitivo partitivo* significa parte de um todo, e se emprega:

a) Com os *numerais* e *adjetivos de quantidade,* p. ex.: **septimus atque ultimus regum,** *o sétimo e o último dos reis;* **pauci civium,** *poucos cidadãos;* **multi militum,** *muitos soldados;* **multae istarum arbŏrum mea manu satae sunt,** *muitas destas árvores foram plantadas por mim.* (Cf. n. 63, *c,* nota *5,* pág. 70).

b) Com os **comparativos** e **superlativos,** p. ex.: **major fratrum,** *o maior de dois irmãos;* **maximus fratrum,** *o maior dos irmãos.*

c) Com os *pronomes,* especialmente *indefinitos* e *interrogativos,* p. ex.: **quis mortalium?** *qual dos mortais?* **nemo mortalium,** *nenhum dos mortais.*

d) Com os *advérbios* (**satis, parum,** etc.), ou *pronomes neutros* (**hoc, illud, id, idem, aliquid, nihil,** etc.), ou *adjetivos neutros substantivados* (**multum, plurimum, minus,** etc.), p. ex.: **satis modestiae; nihil prudentiae; hoc mali** (*isto de mal*); **multum pecuniae** (*muito dinheiro*); **minus prudentiae.**

Observações. — *1*) Em lugar do genitivo partitivo encontra-se tambem **ex** ou **de** com o ablativo, *especialmente com os numerais,* com os *pronomes* e *adjetivos de quantidade* e com os *superlativos,* p. ex.: **complures ex nostris militibus,** *muitos dos nossos soldados;* **ex hostibus sexaginta ceciderunt,** *cairam sessenta dos inimigos;* **duae ex nostris navibus,** *duas das nossas naus;* **quidam ex amicis,** *alguns dos amigos;* **fidelissimus de servis,** *o mais fiel dos servos* ou tambem **in servis** e menos bem **inter servos.** (Cf. n. 314, pág. 248; n. 63, *c,* nota *5,* pág. 70).

2) **Unus, a, um** em lugar do genitivo partitivo prefere o ablativo com **e, ex** ou **de, in** ou o acusativo com **inter,** p. ex.: **unus ex septem sapientibus,** *um dos sete sábios;* **unus ex** ou **de meis amicis,** *um dos meus amigos;* **Thales, qui sapientissimus in septem fuit** (Cícero), *Tales que foi o mais douto dos sete sábios;* **ipse honestissimus inter suos numerabatur** (Cícero), (*Róscio*) *era considerado como o mais honesto dos seus* (Cf. n. 63, *c,* nota *5,* pág. 70).

Exige, porem, o genitivo quando a numeração continua, p. ex.: *toda a Gália está dividida em três partes, uma das quais é habitada pelos Belgas, outra pelos Aquitanos, a terceira pelos Gauleses,* **omnis Gallia est divisa in tres partes, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam Galli.**

3) **Plerique, pleraeque, plerăque.** — *A maior parte dos homens, das mulheres, dos animais* pode-se traduzir: **plerique hominum, pleraeque mulie-**

rum, **plerăque animalium**, mais elegantemente, porem, se diz; **plerique homines, pleraeque mulieres, plerăque animalia**, às vezes, no singular, se encontra **juventus pleraque, exercitum plerumque**, Mas as expressões: *a maior parte de nós, de vós*, etc. traduzem-se sempre com o genitivo partitivo: **plerique nostrum, vestrum**, etc.

4) **Uter, uterque** e **neuter**, seguidos de um substantivo, concordam com ele em gênero, número e caso, p. ex.: **utra lex?** *qual das duas leis?* **uter populus?** *qual povo?* (falando-se de dois) **utrius populi? uterque consul**, *um e outro consul*, **utrique consuli; uterque rex**, etc.; **utrum consilium capiam?** *qual dos dois pareceres seguirei eu?*

Seguidos de um pronome (possessivo, pessoal ou relativo) querem este pronome em caso genitivo (partitivo), p. ex.: **uter nostrum? tu an ego?** *quem de nós dois? tu ou eu?* **quorum utrum? uterque nostrum; uterque vestrum; eorum uterque, quorum uterque, horum cum utroque** etc., mas se o pronome for neutro dir-se-á regularmente: **illud utrumque, quod utrumque.**

5 — a) Não se usa o genitivo partitivo ou construção equivalente quando os *numerais* (definitos ou indefinitos) não indicam parte de um todo, mas o próprio todo, p. ex.: *nós, que somos trezentos, juramos*, **trecenti juravimus**, ao passo que **trecenti nostrum juraverunt**, *trezentos de nós* (=*só trezentos de nós*), (e nós somos mais de trezentos) *juraram;* **Niŏbe omnibus liberis, quos duodecim habuit** (*dos quais teve doze*), **orbata est; duo consules ejus anni** (*dos dois cônsules daquele ano*) **alter ferro, alter morbo periit.**

b) A mesma regra se aplica a **multi, pauci, plurimi, nonnulli** quando não indicam parte de um todo, mas o próprio todo, p. ex.: *socorrer-me-ão os amigos* (e todos os amigos sem exceção), *dos quais eu tenho muito*, **amici adjuvabunt, quos multos habeo**, mas na frase: *os amigos dos quais muitos experimentei...* (mas não todos) dir-se-á **amici, quorum multos expertus sum...**

Ubi terrarum?

270. — Tambem os advérbios de lugar se podem eonstruir com o genitivo partitivo: **gentium, loci, terrarum**, p. ex.: **ubique gentium**, *em todas as nações, em toda a parte;* **ubi terrarum?** *em que parte do mundo?* **hic loci**, *aquí.*

Lívio e os escritores posteriores empregam tambem: **eo insaniae processit ut...**, *chegou a tal ponto de loucura que...*, **eo amentiae pervenerat ut...**, *chegara a tal extremo de loucura que...*; **eo arrogantiae pervenerat ut...**, *chegara a tal ponto de arrogância que...*

Cícero e Cesar, porem, dizem regularmente: **ad eam insaniam, ad eam amentiam, ad eam arrogantiam pervenerat ut...**

Nihil novi.

271. — Muitas vezes um pronome neutro (cf. n. 269, *d*, pág. 227) é determinado por um adjetivo. Nestes casos, se o adjetivo for da primeira classe, em vez de fazê-lo concordar com o pronome, pode-se por no genitivo partitivo, p. ex.: *nada de novo* = **nihil novum** ou **nihil novi; aliquid magnum** ou **magni.**

Se o adjetivo for da segunda classe, eoncorda com o pronome: **nihil molle**, não **nihil mollis; aliquid memorabile**, não **aliquid memorabilis.**

Sé os adjetivos, porem, forem dois, um da primeira classe e outro da segunda, o primeiro atrai o segundo, p. ex.: *nada de novo e de memoravel*, **nihil novi ac memorabilis** ou **nihil memorabile ac novum.**

5) GENITIVO COMPLEMENTO DOS ADJETIVOS

Avidus laudum.

272. — *a*) Os adjetivos que exprimem *desejo, aversão, conhecimento, posse* e *lembrança* querem depois de si o genitivo:

I) **Cupidus,** *desejoso;* **avidus,** *ávido;* **studiosus,** *zeloso, cuidadoso;* **fastidiosus,** *desdenhoso;* etc., p. ex.: **avidus laudum,** *desejoso de louvores;* **Epaminondas studiosus erat audiendi,** *Epaminondas era desejoso de ouvir.*

II) **Peritus,** *perito, habil;* **imperitus,** *inhabil;* **rudis, inscius,** *ignorante;* **insuetus,** *não acostumado;* **gnarus, ignarus, conscius, inconscius,** etc., p. ex.: **Cato juris civilis peritissimus fuit,** *Catão foi muito perito no direito civil.*

III) **Partĭceps,** *participante de;* **expers,** *não participante de;* **plenus,** *cheio* (cf. n. 231, *d*, pág. 209); **inops,** *pobre;* **impŏtens,** etc., p. ex.: **bestiae rationis et orationis sunt expertes,** *os animais são privados da razão e da palavra.*

IV) **Memor,** *o que lembra;* **immĕmor,** *o que não lembra,* p. ex.: **memor beneficii,** *lembrado do benefício.*

b) Muitos *particípios presentes* querem depois de si o genitivo se são empregados *adjetivamente,* isto é, se não exprimem uma ação isolada, *mas uma qualidade constante:* p. ex.: **appĕtens, amans, diligens, colens, fugiens, intellĕgens, metuens, efficiens, sciens, observans, tempĕrans, patiens, impatiens** e semelhantes, p. ex.: **amans patriae,** *amante da pátria, patriota;* **patiens laboris,** *disposto a suportar a fadiga;* **intellegens artium,** *conhecedor das artes;* **metuens deorum,** *temente aos deuses;* **Romani semper appetentes gloriae atque avidi laudis fuerunt,** *os Romanos forma sempre desejosos de glória e ávidos de elogio.*

Observação. — Quando o particípio exprime ação momentânea, rege o caso do seu verbo, pelo que, **appetens gloriae,** *quem por natureza é desejoso de glória* e **appetens gloriam,** *quem deseja a glória num momento determinado;* assim tambem **patiens frigoris,** *quem está acostumado a sofrer o frio;* **patiens frigus,** *quem presentemente sofre o frio;* **metuens legum,** *observante das leis;* **metuens leges,** *é o que teme e observa as leis atualmente, no momento.*

6) GENITIVO DEPOIS DOS VERBOS

Vivorum memĭni.

273. — *a*) Os verbos **meminisse, reminisci,** *lembrar-se;* **oblivisci,** *esquecer-se,* querem depois de si o nome da pessoa em genitivo; o da cousa no genitivo ou acusativo, p. ex.: **vivorum memĭni nec possum oblivisci mortuorum,** *lembro-me dos vivos e não posso esquecer-me dos mortos;* **non oblitus sum mei,** *não me esquecí de mim;* **adulescentes meminerint verecundiae,** *lembrem-se os jovens da modéstia, não esqueçam a modéstia;* **est stultitiae oblivisci**

suorum vitiorum, *é próprio dos estultos esquecerem-se dos seus defeitos;* **beneficia meminisse debemus,** *devemos recordar-nos dos benefícios.*

b) Com **recordari,** o nome da cousa põe-se no genitivo ou no acusativo; mas o nome da pessoa vai para o ablativo com **de: recordari rem** ou **rei;** mas sempre: **recordari de aliquo.**

Observação. — Todos os verbos que indicam *recordar-se* ou *esquecer-se* exigem em acusativo (de relação, cf. n. 218, obs. 2, pág. 201) a cousa lembrada ou esquecida, quando esta for expressa por um adjetivo ou pronome neutro, p. ex.: **oblitus sum omnia,** *eu me esquecí de tudo;* **ea reminiscere, quae digna tua persona sunt,** *recorda-te do que é digno de tua pessoa;* **hoc memini,** *lembro-me disto;* **id oblitus sum,** *esquecí-me disto.*

c) A frase **mihi (tibi, nobis, vobis, ei,** etc.), **venit in mentem** é impessoal e se constrói com o genitivo, p. ex.: **mihi venit in mentem patris,** *recordo-me do pai;* **mihi venit in mentem consilii tui,** *lembro-me do teu conselho.*

A construção pessoal só se encontra com um pronome ou adjetivo neutro, p. ex.: **nonnulla nobis veniebant in mentem,** *recordávamo-nos de algumas cousas.*

Admonui eum de periculo.

274. — *a)* Põe-se em ablativo com **de,** raramente no genitivo, o complemento indireto dos verbos **monēre, admonēre, commonēre,** *advertir;* **certiorem facere,** *informar de:* **admonui eum de periculo,** *adverti-o de perigo;* **certiorem eum feci de morte fratris,** *fi-lo ciente da morte do irmão.*

b) Se o objeto indireto for um pronome neutro, põe-se em acusativo, p. ex.: **hoc te monebo,** *eu te avisarei disto;* **illud Ciceronem monui,** *disto adverti a Cicero* (cf. n. 252, pág. 219).

Regis interest.

275. — O verbo impessoal **interest,** *importa,* quer:

a) No genitivo o nome da pessoa ou da cousa a quem uma cousa importa: *importa ao rei,* **regis interest;** *importa a Cesar,* **Caesaris interest;** *importa ao bem público* **salutis communis interest;** *importa-nos a ambos,* **utriusque nostrum interest.**

b) O nome da cousa a que importa, às vezes, põe-se tambem no acusativo com **ad:** *importa à glória do estado,* **ad laudem civitatis interest;** *importa à salvação do estado,* **ad salutem reipublicae interest; ad honorem nostrum interest.**

Mea refert.

276. — Com **refert** e **interest,** *importa,* em vez do genitivo do pronome pessoal, usa-se o ablativo **meā,** *a mim;* **tuā,** *a ti;* **nostrā,** *a nós;* **vestrā,** *a vós;* **suā,** *a si; a ele, a ela, a eles, a elas; lhe, lhes*

(tendo sempre em vista as regras sintáticas sobre o uso do pronome reflexivo **suus, sua, suum** (cf. n. 320, pág. 250), **cujus** ou **cuja**, p. ex.: *importa-me a mim*, **mea refert**; *que te importa a ti?* **quid tua refert?** *escreveu o pai que muito lhe* (= *a si*) *importa que aproveites nos estudos*, **scripsit pater sua magnopere referre te in studiis proficĕre**, *a ninguem importa mais do que a nós*, **nullius interest magis quam nostra**; *a ninguem importa mais do que a vós*, **nullius interest magis quam vestra**; *há hoje alguma pessoa a quem importa que permaneça esta lei?* **Quis est hodie cujus** (*ou* **cuja**) **intersit istam legem manere?**

Observações. — *1*) Com **refert**, que tem a mesma significação de **interèst**, no latim clássico, quase não se usa o gentivo de pessoa, mas só a construção com o ablativo do pronome **mea, tua, sua**, etc., p. ex.: *importa-me a mim*, **mea refert**; *que te importa a ti?* **quid tua refert?**

2) **Refert** propriamente significa: *com referência a uma cousa* (= **rē**), *é util* (= **fert**). Daí o ablativo **meā, tuā**, etc.

Mea refert te valere.

277. — *a*) A cousa que importa, isto é, o sujeito destes verbos, pode-se exprimir com o acusativo de um pronome neutro (**id, illud, quod, quid**, etc., porque o sujeito da proposição subjetiva vai para o caso acusativo, (cf. n. 377, *a*, 376, *b*, págs. 274, 273) com um simples infinito, com uma proposição dependente no infinito com o acusativo ou no subjuntivo com **ut** ou **ne**: *isto importa a mim e não a ti*, **hoc mea refert, non tua**; *importa-me a mim fazer isto*, **mea interest hoc facere**; *importa-me que passes bem*, **mea refert te valere**; *importa ao mestre que os discípulos sejam bons e diligentes*, **interest praeceptoris diligentes et bonos esse discipulos**; *importa muito aos teus interesses vires quanto antes*, **multum interest rei familiaris tuae te quam primum venire**; *importa-nos muitíssimo a ambos que eu conferencie contigo*, **plurimi interest utriusque nostrum ut te conveniam**; *importa-nos muitíssimo que tu estejas em Roma*, **permagni nostra interest te Romae esse**; *importa muitíssimo à república que Dolabela seja vencido*, **magnopere interest republicae opprĭmi Dolabellam**.

b) Pode-se tambem exprimir com **utrum... an** e o *subjuntivo* (interrogativa indireta), p. ex.: **quid refert utrum voluerim id fieri, an gaudeam factum?** *que importa se eu tivesse querido que isto se fizesse ou que me alegre por se ter feito isto?*

Observações. — *1*) Se a pessoa a quem uma cousa importa é a mesma que é sujeito do infinito, não se exprime o sujeito do infinito p. ex.: **tua interest valere** e não **tua interest te valere**.

2) A cousa que importa, muitas vezes, é expressa em português com um substantivo, p. ex.: *muito importa ao mestre a diligência e bondade dos seus discípulos*. O latim nunca emprega o substantivo, mas ordinariamente recorre a uma proposição infinitiva ou subjuntiva: **multum interest praeceptoris ut discipuli diligentes et boni sint** (cf. letra, *a*, deste mesmo número).

Nostrum omnium interest.

278. — *a)* Se ao nome ou pronome de pessoa se acrescentar um aposto, a língua latina o exprime por meio de uma proposição relativa **com qui, quae, quod**, p. ex.: *ao consul Cícero muito importava*, **Ciceronis, qui consul erat, multum intererat**; *interessa grandemente a vós pais que os vossos filhos possam fazer aqui os seus estudos*, **vehementer interest vestra, qui patres estis, liberos vestros hic potissimum ediscere**; *a vós soldados importa muito terdes um bom comandante*, **multum vestra interest, qui milites estis, praestantem habere ducem.**

b) As frases: *importa a nós todos, a vós todos* se traduzem **nostrum, vestrum omnium interest, refert,** etc. (e não **omnium nostra, vestra**); *a nós mesmos, a vós mesmos; a mim mesmo; só a mim, só a ti*, etc.: **nostra ipsorum, vestra ipsorum, mea ipsius; mea solius, mea unius; tua solius, tua unius interest,** etc.

c) Às vezes **interest** significa *diferencia-se, há diferença*, p. ex.: **inter hominem et beluam hoc maxime interest, quod...**, *entre o homem e o animal passa esta diferença, que...*; **quid interest inter suasorem facti et probatorem?** *que diferença há entre quem aconselha uma ação e quem a aprova?*

Mea permagni interest.

279. — O **quanto** uma cousa importa se exprime com os advérbios **multum, plus, plurimum, tantum, parum, minus, minĭme, magis, maxime, magnopere,** com **nihil** ou com os genitivos de preço **tanti, quanti, magni, permagni, pluris, minoris, plurimi, minimi,** etc., p. ex.: *o que acima de tudo me importa é ver-te*, **illud mea permagni interest ut te videam.**

§ V
DATIVO

Do vestem pauperi.

280. — Põe se no dativo o nome da pessoa ou da cousa para a qual ou em vista da qual se faz a ação. O dativo latino corresponde ao nosso:

1) **Objeto indireto:** *dou vestuário ao pobre*, **do vestem pauperi**; *prometo o meu trabalho aos amigos*, **polliceor amicis operam meam.**

2) **Complemento de vantagem** ou **desvantagem** que é o que responde a pergunta: *em favor de quem* ou *de que cousa? em prejuizo de quem* ou *de que cousa?* p. ex.: *não nascemos só para nós*, **non nobis solis nati sumus.**

3) **Complemento predicativo:** *isto me é causa de grande dor*, **hoc mihi magno dolori est.**

DATIVO DO OBJETO INDIRETO

Scribo ad te ou tibi epistŭlam.

281. — Os verbos **scribo,** *escrevo;* **rescrībo,** *respondo por escrito;* **mitto,** *mando;* **fero,** *levo;* **do, respondeo,** etc., querem o seu objeto indireto no dativo ou acusativo com **ad,** p. ex.: *eu te escreví um a carta*, **ego tibi** ou **ad te espitŭlam scripsi.**

Observação. — A construção do acusativo com **ad** é preferivel quando na frase predomina a idéia de lugar: **dare epistulam alicui** — *dá-la a alguem para a entregar ao destinatário;* **dare epistulam ad aliquem** = *endereçá-la a alguem = escrever a alguem.* Na frase **mittere legatos** prevalece sempre a idéia de movimento, logo dir-se-á **ad aliquem.**

Haec via ducit ad urbem.

282. — *a*) Quando o verbo indica direção para um lugar como *ir a, levar a,* ou inclinação para uma cousa, como *exortar a, excitar a,* o objeto indireto não se põe no dativo, mas sim no acusativo com **ad,** p. ex.: *este caminho leva à cidade,* **haec via ducit ad urbem** ; *exorto-te ao trabalho,* **ego te hortor ad laborem.**

b) Do mesmo modo se constroem, na terceira pessoa do sinlar e plural, os três verbos de uso muito frequente: **pertinēre, attinēre, spectare,** p. ex.: **hoc ad officium meum pertĭnet,** *isto se refere ao meu dever;* **quod ad me attĭnet,** *pelo que me diz respeito;* **haec nihil ad te attinent,** *estas cousas não te dizem respeito.*

Studeo grammaticae.

283. — O latim quer o dativo com muitos verbos que em português são quase sempre transitivos, p. ex.: **studeo grammaticae,** *estudo a gramática;* **favēre alicui,** *favorecer alguem;* **persuadēre alicui,** *persuadir alguem;* **nubĕre alicui,** *casar-se com alguem.*

Tais são ainda: **invidēre alicui,** *invejar alguem;* **occurrĕre alicui,** *encontrar alguem;* **parcĕre alicui,** *poupar, perdoar a alguem;* **succurrĕre, auxiliari, opitulari alicui,** *socorrer alguem;* **blandīri alicui,** *adular, acariciar alguem;* **medēri alicui,** *medicar alguem;* **benedicĕre alicui,** *bendizer alguem;* **maledicĕre alicui,** *insultar alguem;* **supplicare alicui,** *suplicar alguem;* **nocēre alicui,** *preiudicar alguem.*

Observações. — *1*) Estes verbos na construção passiva tornam-se impessoais, e, ao passo que em português se diz: *eu sou, tu és, ele é invejado, nós somos, vós sois, eles são invejados,* na língua latina fica o dativo que o verbo exige, e este vai para a terceira pessoa do singular: **mihi, tibi, illi, nobis, vobis, illis invidetur,** p. ex.: **mihi invisum est,** *eu fui invejado;* **mihi persuadetur,** *deixo-me persuadir* **mihi persuasum est,** *fui persuadido;* **non parcētur labori,** *não se poupará ao trabalho;* **favētur aetati,** *tem-se em consideração a idade.*

2) Por conseguinte se estes verbos passivos dependem no infinito de um verbo servil: **possum, debeo, soleo, coepi,** etc., o verbo servil se constrói impessoalmente na terceira pessoa, p. ex.: *os ricos costumam ser invejados,* **divitibus invideri solet**; *eu não pude, não posso, não poderei persuadir-me...* **mihi nunquam potuit, potest, potuerit persuaderi...**

Defuit officio.

284. — *a*) Os verbos compostos do verbo **esse** constroem-se com o dativo, p. ex.: **adesse amicis,** *estar com os amigos;* **praeesse classi,** *comandar a frota;* **defuit officio,** *faltou ao seu dever;* **tibi deest consilium,** *falta-te critério;* **inimicis obsum,** *causo dano*

aos inimigos; **nec sibi nec alteri prosunt,** *não são uteis nem a si, nem aos outros;* **adesse alicui,** *assistir a alguem;* **adesse in convivio,** *achar-se presente num banquete.*

b) Excetua-se **absum** com o ablativo, p. ex.: **abesse ab urbe, a periculis,** *estar longe da cidade, dos perigos* (cf. n. 223, *b*, pág. 205).

c) **Inesse** prefere o ablativo com **in = inesse in,** p. ex.: **inest vultu serenitas,** *no rosto está gravada a serenidade.* Contudo pode-se dizer: **inerat Metello** (dat.) ou **in Metello magna superbia,** *achava-se* (*havia*) *em Metelo grande soberba.*

Observações. — *1)* Note-se a diferença de construção e de significação entre as duas expressões **adesse alicui,** *assistir a alguem* e **adesse in convivio,** *achar-se presente num banquete.*

2) **Possum,** tambem composto com esse, é verbo servil e como tal se constrói (cf. n. 361, pág. 264).

Amicus irascitur mihi.

285. — *a)* Constroem-se com o dativo os verbos **irasci, succensēre,** *estar irritado contra alguem;* **adversari, renīti, refragari,** *opor-se a alguem, lutar com alguem;* **Cato irascitur mihi,** *Catão está irritado contra mim.*

Observação. — O particípio **iratus** do verbo **irascor,** tem força de adjetivo: **iratus sum,** *estou irritado,* mas para se dizer *eu me irritei* se dirá **succensui,** do verbo **succensēre.**

b) Os verbos **fidĕre, confidĕre,** *confiar, ter confiança em alguem,* constroem-se regularmente com o dativo; tratando-se, porem, de cousas, encontra-se tambem o ablativo sem preposição, p. ex.: **tibi confido,** *confio em ti;* mas pode-se dizer: **virtuti** ou **virtute militum dux confidebat,** *o comandante tinha confiança no valor dos soldados.*

O participio **confisus,** *confiando,* rege sempre o ablativo sem preposição.

c) **Diffidĕre,** *desconfiar de, desesperar,* exige sempre na boa prosa o dativo tanto de pessoa como de cousa, p. ex.: **diffido vestrae saluti,** *desconfio da vossa salvação.*

Consulo tibi.

286. — Alguns verbos constroem-se tanto com o dativo como com outros casos, mas o sentido é diverso, p. ex.: **consulo tibi,** *atendo aos teus interesses;* **consulo te,** *eu te consulto, peço-te conselho* (cf. n. 256, *c*, obs., pág. 221).

Prospicĕre patriae, *velar pelo bem da pátria;*
prospicĕre res futuras, *prever o futuro.*
Vacāre militiae, *atender ao serviço militar;*

vacāre militia, *estar isento do serviço militar.*
Temperare irae, *moderar a indignação;*
temperare ab injuria, *abster-se da injustiça.*
Timēre hostem, *temer o inimigo;*
timēre libertati patriae, *temer pela liberdade da pátria.*
Cavēre canem ou **a cane,** *guardar-se do cão;*
cavēre sibi, *prover a si,* etc., etc.

Injicere tumultum civitati.

287. — Com os verbos compostos com **ad, cum, in, inter, post, sub, super,** ora se põe no dativo o complemento indireto, ora se repete a preposição antes do complemento, p. ex.: **injicere tumultum civitati,** *revolucionar o estado;* **injicere pallium in in ignem,** *atirar o manto ao fogo.*

Virtute praestare omnibus.

288. — *a)* Os verbos que indicam *superioridade, precedência* exigem a cousa em que alguem é superior em ablativo sem preposição, e a pessoa que é superada já em dativo, já em ablativo: **anteire** e **antecedĕre** regularmente com o dativo; **praestare** tambem com o dativo; **praecedĕre** com o acusativo; **antecellĕre** e **excellĕre** com o dativo: **virtute praestare omnibus,** *exceder a todos na virtude.* Notem-se as frases: **excellĕre omnibus** ou **inter omnes, praestare ceteris** ou **inter ceteros, eminēre inter omnes.**

b) **Excello** e **antecello** carecem do perfeito e suprem estes dois tempos com verbos de significação análoga, p. ex.: **praesto, emineo, floreo,** etc. Cf. pág. 122, verbos n. 59.

DATIVO COMPLEMENTO DOS ADJETIVOS

Id utile est mihi.

289. — Querem depois de si o dativo os adjetivos que indicam *vantagem* ou *desvantagem, benevolência* ou *hostilidade, igualdade* ou *aproximação.*

a) **Utilis, inutilis, noxius, damnosus, gratus, jucundus, necessarius,** p. ex.: **id utile est mihi,** *isto me é util.*

b) **Amicus, inimicus, familiaris, adversus, infensus** (*hostil*), **contrarius, iratus, benignus,** p. ex.: **amicus libertati,** *amigo da liberdade.*

c) **Par, aequalis, impar, dispar, propinquus, vicinus, affinis, notus, ignotus,** etc., p. ex.: **poena par esto noxiae,** *a pena deve ser proporcionada à culpa.*

Similis patris.

290. — Muitos, porem, destes adjetivos admitem tambem uma outra construção:

a) Os adjetivos que indicam *semelhança* preferem o genitivo quando se trata de pessoas, p. ex.: **similis patris** melhor que **similis patri,** *semelhante ao pai;* com os pronomes pessoais sempre se usa o genitivo, p. ex.: **similis vestri, dissimilis mei** e não **similis vobis.** — Como é melhor **veri similis,** *verissimil,* que **vero similis,** *verossimil.*

b) **Par, impar, dispar** exigem, em regra, o dativo quando se trata de substantivos, p. ex.: **orator par Ciceroni,** *orador igual a Cícero.* Com os pronomes têm tambem o genitivo, p. ex.: **cujus nemo invenītur par,** *do qual não se encontra igual.*

c) Os adjetivos que indicam *utilidade, aptidão, conveniência, necessidade, disposição, inclinação, tendência física* ou *moral,* como **utilis, aptus, idoneus, accommodatus** (*próprio para, conveniente a*), **natus,** constroem-se ora com o dativo, ora com o acusativo com **ad,** p. ex.: **natus ad imperium** ou **imperio,** *nascido para o império;* **vir ad nullam rem utilis.**

Propensus, na prosa clássica, sempre se encontra construido com o acusativo com **ad.**

d) **Communis** constrói-se tanto com o genitivo como com o dativo, p. ex.: **fratribus** ou **fratrum omnia communia sunt.** O mesmo diga-se de **superstes.**

Sacer fica melhor com o genitivo que com o dativo: **aedes sacra Jovis.**

Proprius, (**a, um**) constrói-se regularmente com o genitivo, p. ex.: **proprium populi romani,** mas tambem **proprium illi** (*dat.*).

e) O comparativo **propior, propius** (gen. **propiōris**) e o superlativo **proximus,** (**a, um** — do adjetivo desusado **propis**), *situado mais perto, mais vizinho,* e tambem o advérbio comparativo **propius,** superlativo **proxime** (do positivo **prope**) podem-se construir com o dativo ou com o acusativo sem preposição ou tambem com o ablativo com **a, ab,** p. ex.: **ager propior urbi, propior urbem, propior ab urbe.**

Observação. — **Amicus, inimicus, aequalis,** *coetaneo;* **finitĭmus,** *vizinho, limítrofe,* quando usados como substantivos, querem o genitivo, p. ex.: **amicus Pauli, aequalis Ciceronis,** etc.

DATIVO DE INTERESSE

Non scholae, sed vitae discimus.

291. — *a*) O **dativo de interesse** é aquele que designa a pessoa ou cousa em cujo favor se faz a ação, p. ex.: *não aprendemos para a escola, mas para a vida,* **non scholae, sed vitae discimus;** *quer ser rico não para si, mas para os seus filhos,* **non sibi vult esse dives, sed liberis.**

b) Tem analogia com o dativo de interesse o **dativus ethicus** (*dativo afetivo*), que só se encontra com os pronomes pessoais,

para indicar a participação do ânimo de quem fala ou escreve na ação que o verbo exprime, p. ex.: **quid mihi Celsus agit,** *que* (*me*) *faz Celso? como passa o meu Celso?*

c) Se a idéia de interesse vai unida a de defesa, em lugar do dativo usa-se o ablativo com **pro,** p. ex.: *é agradavel e glorioso morrer pela pátria,* **dulce et decorum est pro patria mori;** *falar em favor de alguem,* **pro aliquo verba facere;** *combater pela salvação da pátria,* **pro salute patriae dimicare.**

DATIVO DE POSSE

Est homini cum Deo similitudo.

292. — *a*) Em lugar de **habeo** usa-se muitas vezes em latim **est mihi, tibi, vobis,** etc., p. ex.: *o homem tem semelhança com Deus,* **est homini cum Deo similitudo.**

b) Prefere-se a construção com **habeo** quando se quer indicar uma posse material: **habeo libros, anŭlum,** etc.

c) Prefere-se a construção com o dativo quando a cousa possuida é representada por um nome abstrato: **potestas mihi est, facultas mihi est,** etc.

Observações. — *1*) Tratando-se, porem, de qualidades do ânimo ou do corpo, usar-se-á sempre esse **in** e o ablativo e não esse com o dativo, p. ex.: **in Caesare erat** (ou **inerat**) **summa prudentia** ou **magna erat Caesaris prudentia** ou **Caesar vir erat summae prudentiae.**

2) Assim tambem se usa sempre o ablativo com **in** quando o verbo *haver* significa *conter, possuir,* p. ex.: *na Itália há belíssimas cidades,* **in Italia sunt pulcherrimae urbes** e não **Italiae sunt pulcherrimae urbes.**

Est mihi nomen Petrus.

293. — Na expressão: **est mihi nomen,** *tenho o nome, chamo-me,* o nome próprio pode-se por no *nominativo* em aposição a **nomen** ou mais geralmente no *dativo,* por atração de **mihi:** *chamo-me Pedro,* **est mihi nomen Petrus** ou **mihi Petro nomen est;** *foi-me dado o nome de Paulo,* **mihi indĭtum est nomen Paulus** ou **mihi Paulo nomen indĭtum est;** *a Fábio foi dado o sobrenome de Alobrógico,* **Fabio cognomen Allobrogĭco indĭtum est;** *Metelo foi cognominado Numídico,* **Metello cognomen Numidĭco indĭtum est.**

DUPLO DATIVO

Postrema pagina mihi magnae molestiae fuit.

294. — A construção com o dativo duplo (*dativo da pessoa e dativo do escopo*) usa-se especialmente com os verbos que indicam escopo ou fim, o efeito ou o resultado de uma ação:

a) Com o verbo esse quando significa: *ser de, servir de, redundar em*, **laudi, honori esse**, *redundar em honra, louvor;* **dedecŏri esse**, *redundar em deshonra;* **praesidio esse**, *servir de auxílio;* **argumento esse**, *servir de prova;* **usui esse**, *ser de utilidade;* **detrimento esse**, *ser de prejuizo;* **curae esse**, *tomar a peito;* **odio esse**, *ser tido em ódio, ser odiado.* — **Postrema pagina mihi magnae molestiae fuit**, *a última página causou-me muito enfado;* **ampla domus dedecŏri domino saepe est**, *a casa espaçosa serve muitas vezes de deshonra ao patrão.*

b) Com os verbos **dare, tribuĕre, vertere, ducere, habere** no sentido de *importar, atribuir;* **laudi, vitio dare**, *atribuir a título de louvor, como vitupério;* **crimini dare**, *atribuir como culpa;* **ignaviae tribuere**, *atribuir à indolência;* **id alteri crimini non dabis, quod ipse fecisti**, *não atribuirás como vitupério a outrem, aquilo que tu mesmo fizeste;* **vitio mihi dant quod mortem hominis necessarii graviter fero**, *dão-me a culpa de chorar amargamente a morte de um amigo;* **habere aliquid religioni**, *ter escrupulo de alguma cousa.*

c) Com os verbos **dare, venire, mittere, ire**, quando usados com a significação ordinária, p. ex.: **virtus sola nemini dono datur**, *só a virtude não se dá como presente a ninguem;* **ei auxilio venit**, *veio em seu auxílio.*

Observações. — *1)* Algumas destas construções suprem a voz passiva dos verbos depoentes e de outros verbos que carecem da forma passiva, p. ex.: a expressão **usui esse** pode suprir o passivo de **utor**; **admirationi esse** o de **admiror**, etc. (cf. n. 360, *a*, pág. 264).

2) Note-se a frase técnica militar: **receptui canĕre**, *tocar a retirada, dar sinal de retirar*, em que está subentendido o dativo da pessoa: **militibus**.

§ VI

ABLATIVO

295. — No ablativo estão fundidos três casos primitivos:

1) O *ablativo propriamente dito*, que corresponde à pergunta *donde?* (complemento de afastamento, separação e origem).

2) O *instrumental* que responde à pergunta *com que, com que meio?*

3) O *locativo* que corresponde à pergunta *onde? quando?* De sorte que o ablativo latino corresponde ao nosso:

1) Complemento agente ou de causa eficiente, cf. n. 227, pág. 207.

2) Complemento de causa, cf. n. 203, pág. 195.

3) Complemento de meio ou instrumento, cf. n. 205, pág. 196.

4) Complemento de modo ou maneira, cf. n. 215, pág. 200.

5) Complemento de qualidade, cf. n. 228, pág. 208.

6) Complemento de apreciação, cf. n. 212, pág. 199 e de preço n. 213, pág. 200.

7) Complemento de medida com os comparativos e superlativos, cf. n. 306, pág. 244; com os verbos que indicam excelência, cf. n. 288, pág. 235.

8) Complemento de limitação, cf. n. 217, pág. 202.

9) Complemento de abundancia ou falta, cf. n. 231, pág. 209.

10) Complemento de culpa e de pena, cf. n. 234, 235, pág. 211, 212.

11) Complemento de cinco verbos depoentes, cf. n. 208, pág. 197.

12) Complemento de lugar:
a) Lugar onde, cf. n. 178, pág. 184.
b) Lugar donde, cf. n. 185, pág. 187.
c) Movimento por onde, cf. n. 187. pág. 188.
13) Complemento de tempo, cf. n. 193, pág. 191.
14) Complemento de afastamento cf. n. 223, pág. 205.
15) Complemento de origem, cf. n. 220, pág. 204.
16) Complemento de matéria, cf. n. 210, pág. 198.
17) Complemento de argumento, cf. n. 229, pág. 208.
18) Complemento de companhia, cf. n. 216, pág. 201.
19) Complemento dos verbos *petere, postulare, quaerere, poscere, reposcere, flagitare, sciscitari*, cf. n. 255, 256, pág. 220, 221, etc., etc.

ABLATIVO ABSOLUTO

His dictis, abiit.

a) O que se entende por **ablativo absoluto.**

b) O **ablativo absoluto** *não deve ter relação gramatical nem com o sujeito, nem com os complementos da proposição principal.*

c) A que corresponde em nossa língua o **ablativo absoluto** *da língua latina.*

296. — *a)* Às vezes o particípio não tem nenhuma relação gramatical com o sujeito, nem com qualquer outro termo da proposição principal; põe-se então no *ablativo com o elemento que o acompanha.* Esse ablativo chama-se **absoluto** porque não depende do resto da frase: p. ex.: **Athenienses, non exspectato auxilio, proelium commiserunt,** *os Atenienses, não tendo aguardado os reforços, travaram a batalha;* **expulsis regibus, Romani consules creaverunt,** *tendo sido expulsos* (ou *tendo expulso*) *os reis, os Romanos criaram os cônsules;* **his dictis, abiit,** *ditas* (ou *tendo dito*) *estas cousas, foi-se embora;* **direpta urbe, Caesar profectus est,** *tendo sido saqueada* (ou *saqueada*) *a cidade, Cesar partiu.*

b) Quando o particípio com o elemento que o acompanha faz parte da proposição principal, quer como sujeito, quer como complemento, não se pode usar o ablativo absoluto, p. ex.: *vindo Cesar, o senado foi ao seu encontro;* o senado foi ao encontro de quem? de Cesar que voltava; o ablativo absoluto não é possivel porque o particípio com o seu sujeito forma o complemento terminativo da proposição regente. Deve-se pois dizer: **Caesari redeunti senatus obviam fuit.** — *Morto Alexandre, o seu corpo foi levado para a Grécia;* foi levado para a Grécia o corpo de quem? De Alexandre morto, complemento de especificação: **Alexandri mortui corpus in Graeciam delatum est.** — *Depois de tomada a cidade, Cesar incendiou-a;* Cesar incendiou o que? a cidade tomada, objetó direto: **captam urbem Caesar incendit.** — *Cesar ao voltar foi levado em grande triunfo;* quem foi levado em grande triunfo? Cesar ao voltar, sujeito: **Caesar reversus magnum triumphum egit.** — *O lobo, tendo agarrado o cordeiro, o dilacerou;* o lobo dilacerou a quem? O cordeiro agarrado, objeto direto; **lupus agnum correptum laceravit.**

Observação. — Esta regra sofre alguma exceção, aliás raríssima, p. ex.: **Caesar, principibus Trevirorum convocatis, hos singillatim Cingetorĭgi conciliavit,** *Cesar, tendo reunido os chefes dos Treviros, os reconciliou um por um com Cingetórige.*

c) O particípio no ablativo, bem como o particípio em geral, serve para exprimir, mais brevemente do que com o auxílio das conjunções, as diversas circunstâncias de tempo, de causa, de condição, de fim, etc., e pode-se traduzir em português por uma proposição temporal, causal, condicional, etc., p. ex.: **regnante Tarquinio, Pythagoras in Italiam venit,** *durante o reinado de Tarquínio, Pitágoras foi à Itália;* **equites, nullo insequente, fugiebant,** *os cavaleiros fugiam, sem que ninguem os perseguisse;* **reluctante natura, irrĭtus labor est,** *em se opondo a natureza, o trabalho é baldado;* **perdĭtis omnibus rebus, tamen virtus se ipsa sustentare potest,** *embora tudo se perca, ainda quando tudo esteja perdido, contudo, a virtude pode suster-se por si;* **nulla mora interposita, profecti sunt,** *partiram sem interpor demora;* **nulla praestituta die,** *sem ter marcado o dia;* **re infecta,** *sem nada ter concluido.*

Exploratis regionibus. — Me vivo. — Nobis pueris.

297. — O ablativo absoluto pode constar:

a) De um substantivo ou pronome e de um particípio presente ou perfeito, p. ex.: **Caesar, exploratis regionibus, albente caelo, omnes copias castris educit,** *Cesar, depois de ter explorado o país ao alvorecer, levou para fora o exército;* **haec illis volventibus, tandem vicit fortuna reipublicae,** *revolvendo eles estes pensamentos no espírito, venceu finalmente o destino da república;* **me sciente,** *sabendo-o eu.* Mas o ablativo absoluto com o particípio presente, frequente em Lívio e Tácito, menos frequente em Cesar, é raro em Cícero.

Observação. — Com Tito Lívio começou-se a usar o particípio futuro no ablativo absoluto, mas não muito frequentemente, p. ex.: **parumper silentium et quies fuit, nec Etruscis, nisi cogerentur, pugnam inituris et dictatore arcem Romanam respectante,** *houve durante um pouco de tempo silêncio e sossego, não querendo os Etruscos iniciar combate sem serem constrangidos, e conservando o ditador o olhar para a rocha de Roma.*

b) De um substantivo e de um adjetivo, p. ex.: **quae (voluntas), ratione adversa, incitata est vehementius, ea libido est,** *a vontade que, oposta à razão, é excitada fortemente, chama-se paixão;* **me vivo,** *vivendo eu;* **te invito,** *mau grado teu;* **inscio Caesare,** *sem que Cesar nada soubesse;* **obsecro te, terrane tibi hoc nebuloso et caliginoso caelo, aut sata aut concreta videtur tanta vis memoriae?** *dize-me, parece-te talvez que a memória, faculdade tão vasta, possa ter nascido ou se ter formado da terra neste mundo cheio de névoa e de trevas?*

c) Exclusivamente de substantivos, dos quais um indica um operante, p. ex.: **adjutor, rex, consul, imperator, auctor, comes, dux, judex, testis,** etc.: **quod, Deo teste, promiseris, id tenendum est,** *o que tiveres prometido chamando Deus por testemunha deves cumprir;* **natura duce, errari nullo modo potest,** *seguindo a natureza como guia não se pode absolutamente errar.* — Ou indica uma pessoa que se acha nesta ou naquela idade: **puer, adulescens, senex,** p. ex.: **laudator temporis acti, se puero,** *elogiador do tempo passado, quando ele era menino;* **nobis pueris,** *sendo nós meninos, quando éramos meninos.*

REGRA

d) O ablativo absoluto forma-se suprimindo-se a conjunção, o *substantivo* indo para o ablativo e o *verbo*, se houver, de finito passa

para o particípio presente ou perfeito concordando com o mesmo substantivo, p. ex.: *feitas as partes, o leão assim falou,* **partibus factis, sic leo locutus est;** *saqueada a cidade, Cesar partiu,* **direpta urbe, Caesar profectus est;** *ajudando-nos Deus, tudo sairá bem,* **Deo juvante, omnia prospere succedent;** *mesmo quando tudo esteja perdido, ainda a virtude pode sustentar-se por si,* **perdĭtis omnibus rebus, tamen virtus se ipsa sustentare potest;** *no reinado (=reinando) de Tarquínio, Pitágoras veio à Itália,* **regnante Tarquinio, Pythagoras in Italiam venit,** *depois de ter enviado na frente (homens) que explorassem as passagens dos Alpes.*

Cyro regnante. — Orto sole.

298. — *a)* O particípio presente que entra no ablativo absoluto, pode pertencer a qualquer verbo, e para o português se pode verter com: *enquanto, no tempo em que, durante, sem que* (se for precedido de negação), p. ex.: **Cyro regnante; Deo res humanas moderante; advenientibus Persis; te non adjuvante,** *sem que tu me ajudasses,* etc., mas o ablativo absoluto com o *particípio passado* só se pode construir com os *verbos transitivos,* porque o particípio perfeito tem valor passivo, p. ex.: **Caesar, devictis Gallis, redĭit Romam.**

b) A forma de proposição que mais propriamente traduz um ablativo absoluto com o particípio perfeito, é a forma de proposição passiva. Desta premissa resulta que os *verbos depoentes* de *significação transitiva* e os *verbos intransitivos* não podem entrar num ablativo absoluto de tempo passado. Podem-se contudo usar os particípios perfeitos de alguns verbos depoentes intransitivos, quais, **mortuus, ortus, profectus, egressus, ingressus, elapsus,** p. ex.: vere **ingresso, orto sole, egressis Trojanis, elapso anno, mortuo rege, profecto Valerio,** de **ingredior, orior, elābor,** etc. verbos depoentes de significação intransitiva, mas não se dirá: **Caesar, cohortatis militibus, signum pugnae dedit,** porque **cohortor** é depoente transitivo e o seu particípio tem significação ativa (cf. n. 110, *c,* p. 110) e não passiva, dir-se-á pois: **Caesar, milites cohortatus, signum pugnae dedit.**

Observações. — *1)* Às vezes com o particípio perfeito subentende-se um pronome ou um substantivo, p. ex.: **iis** (em todos os três gêneros), **hominibus, rebus;** especialmente quando o ablativo absoluto é seguido de uma proposição relativa, p. ex.: **hoc visu laetus tripartito Hibērum copias trajecit, praemissis** (subentendido **hominibus**) **qui Alpium transitus specularentur,** *(Anibal) contente por esta visão, fez passar alem do Ibero (Ebro) as milícias divididas em três partes.*

2) Notem-se os seguintes ablativos absolutos especialmente próprios dos historiadores: **conscensis navibus, transitis Alpibus, aditis periculis, proelio inĭto,** etc.

Audito consulem in Ciliciam tendere.

299. — Em vez de dizer: **cognito Caesaris adventu,** os historiadores do império dizem tambem: **cognito Caesarem advenisse,** substituindo o elemento que acompanha o particípio por uma proposição subordinada. Nesta construção usam-se especialmente os particípios **audito, nuntiato, comperto, edicto, cognĭto, explorato, addĭto, intellecto,** etc.: *tendo-se espalhado a notícia de que o consul marchava sobre a Cilícia,* **audito consulem in Ciliciam tendere;** *tendo-se espalhado a notícia de que Dario levantara o acampamento de Ecbátana, Alexandre lançou-se no encalço do fugitivo,* **Alexander, audito Darium movisse ab Ecbatănis, fugientem insequi pergit.**

Observação. — São dignos de reparo os seguintes particípios usados como advérbios: **auspicato,** *tomados os auspícios;* **litato,** *feito o sacrifício;* **augurato,** *consultados os áugures;* **debellato,** *depois de ter acabado a guerra,* etc.

OBSERVAÇÕES PARTICULARES SOBRE O USO DE ALGUNS SUBSTANTIVOS

300. — *a)* Aos substantivos abstratos, p.ex.:*verdade, falsidade, honestidade, utilidade,* etc., assim como às expressões: *o verdadeiro, o falso, o bem, o util,* etc., correspondem, em latim, os substantivos concretos: **falsum, verum, bonum, honestum,** etc., p. ex.: *ele disse a verdade, o falso,* **is dixit verum, falsum,** (não **veritatem, falsitatem**); *a honestidade dos cidadãos,* **honeste vivere** ou **honesta vita civium;** *a gratidão do aluno,* **gratus animus discipuli.**

b) Os substantivos de número singular, referindo-se a mais pessoas ou cousas, em regra, vão para o plural, p. ex.: *os soldados voltaram para casa* (=*para as suas casas*), **milites domos reversi sunt;** *mandou-lhes cortar a cabeça,* **capita eorum praecidi jussit;** *o corpo dos jovens se robustece com a fadiga,* **corpora juvenum firmantur labore.**

c) Com alguns nomes, que em português se usam em plural, o latim prefere o singular, p. ex.: *alimentar-se de bolotas,* **vesci glande;** *abster-se das favas,* **faba abstinere;** *nos preparos da guerra,* **in belli apparatu;** *os moveis de uma casa,* **supellex domestica;** *nada enxuga mais depressa que as lágrimas,* **lacrima nihil citius arescit.**

d) Às vezes o singular abstrato substitue substantivos plurais concretos, p. ex.: *a posteridade,* **posteritas;** *os jovens romanos,* **juventus romana;** *os embaixadores,* **legatio;** *os velhos,* **senectus.**

e) Muitas vezes omitem-se substantivos que facilmente podem ser subentendidos e dos quais depende um genitivo, p. ex.: **Miltiades Cimonis (filius); ad Martis (templum); Terentia Ciceronis (uxor).** E assim tambem: **in Tusculano, in Neapolitano meo** (subentendido **praedio**) *na minha vila, na minha quinta de Túsculo, de Nápoles.*

f) O latim prefere o nome do povo ao nome do país, p. ex.: **rex Macedonum** em lugar de **rex Macedoniae.**

CAPITULO IV

SINTAXE DOS ADJETIVOS

Caesar fortissimus imperator.

301. — Frequentes vezes em português acrescenta-se imediatamente ao nome próprio o adjetivo, p. ex.: *o íntegro Fabrício, o eloquente Cícero, o valoroso Cesar, o afamado Diógenes, a opulenta Corinto;* ao passo que em latim ao nome próprio acrescenta-se em aposição um substantivo comum com o qual concorda o adjetivo: **Fabricius vir integerrimus, Cicero orator eloquentissimus, Caesar fortissimus imperator, Diogenes nobilissimus philosophus, Corinthus urbs opulentissima** (cf. n. 174, *h*, pág. 181).

Media aestate.

302. — Os adjetivos **medius, summus, imus, extremus, reliquus,** que em português recebem a forma de substantivos, em latim são verdadeiros adjetivos e concordam portanto em gênero,

número e caso com os seus complementos ou adjuntos: *no cume de um monte,* **in summo monte**; *no fundo de uma gruta,* **in imo specu**; *na ponta dos dedos,* **summis digitis**; *no restante da vida,* **per relĭquam vitam**; *no rigor do verão,* **media aestate**; *ao terminar o inverno,* **extrema hiĕme**; *ao raiar do dia,* **prima luce**; *ao cair da noite,* **prima nocte**; *no fundo do mar,* **in imo mari.**

Nesta construção o adjetivo precede sempre o substantivo.

Imprŏbi secernant se a bonis.

303. — *a*) Os adjetivos usam-se com valor de substantivos especialmente no masculino plural e neutro: **boni, imprŏbi, docti, paupĕres**: *os bons, os maus, os sábios, os pobres;* **bona, mala, turpia, honesta**: *as ações boas, más, torpes, honestas,* p. ex.: **imprŏbi secernant se a bonis,** *os maus extremem-se dos bons.*

Observação. — O singular quase não se usa, preferindo-se as formas: **vir bonus, homo doctus, quidam vir doctus,** e não **quidam doctus,** etc.; e dir-se-á no plural **multi homines docti** e não **multi docti.**

b) O adjetivo neutro singular substantivado é raríssimo, e limita-se a alguns termos filosóficos: **bonum, malum, honestum, decōrum, turpe, utĭle, verum, falsum,** etc.

c) O neutro plural substantivado usa-se especialmente no nominativo e acusativo, casos em que o gênero é facilmente reconhecível; nos outros, que têm uma forma única e igual para o masculino e neutro, prefere-se a circunlocução com **res**: *falta de tudo,* **inopia omnium rerum,** não **inopia omnium**: *fugir das cousas torpes,* **abhorrēre a rebus turpibus,** etc. — *Falar de qualquer argumento* **de omnibus rebus dicĕre.**

Leges *ou* **praecepta grammaticorum.**

304. — Note-se o uso da língua latina de exprimir com o genitivo de um substantivo concreto os conceitos representados em português abstratamente por adjetivos que indicam especialmente universalidades, p. ex.: **omnium gaudium,** *alegria universal;* **omnium rerum perturbatio,** *confusão geral;* **omnium hominum sermo,** *voz pública;* **salus omnium,** *salvação pública;* **jura civium,** *direitos civís;* **lex naturae,** *lei natural;* **castra hostium,** *acampamento inimigo;* **praecepta philosophiae,** *máximas filosóficas;* **leges** *ou* **praecepta grammaticorum,** *regras gramaticais, etc.*

Senatus frequens convenit.

305. — O latim, não raro, serve-se do adjetivo nos casos em que o português emprega o advérbio ou um substantivo com preposição. Dá-se isso especialmente:

a) Com os adjetivos que exprimem um sentimento da alma: **libens, laetus, imprūdens, invītus,** etc., p. ex.: **Socrates laetus venenum hausit,** *Sócrates tragou alegremente o veneno;* **sapiens nihil facit invītus,** *o sábio nada faz contra a sua vontade.*

b) Nos conceitos de tempo: **matutinus, vespertinus, nocturnus, serus,** p. ex.: **Cicero serus venit,** *Cícero chegou tarde;* **hostes nocturni impetum fecerunt,** *os inimigos assaltaram de noite.*

c) Em conceitos que indicam *multiplicidade, quantidade, grandeza:* **multus, frequens, nimius, rarus,** p. ex.: **senatus frequens convenit,** *o senado reuniu-se em grande número.*

d) Com muitos adjetivos-particípios, p. ex.: **Caesare absente** *durante a ausência de Cesar;* **me insciente, ignaro,** *sem eu saber.*

e) Nos comparativos e superlativos dos adjetivos de lugar, p. ex.: *o lobo estava mais acima* (=mais próximo da fonte) *e muito mais abaixo o cordeiro,* **superior stabat lupus longeque inferior agnus.**

f) Com adjetivos que se formam de nomes próprios, p. ex.: *a batalha de Maratona,* **pugna marathonia;** *vitória de Canas,* **victoria cannensis,** encontra-se tambem **ad Cannas,** etc. (cf. n. 182, pág. 186).

COMPARATIVO E SUPERLATIVO

I) Comparativo

Argentum est vilius auro ou **quam aurum.**

306. — *a*) Há três espécies de comparativos: de **igualdade,** de **inferioridade** e de **superioridade.**

Com referência aos comparativos de *igualdade* e de *inferioridade* cf. n. 59, *a, 1, 2,* pág. 64.

O comparativo de **superioridade** forma-se:

I) Fazendo comparativo o adjetivo positivo do *primeiro termo* da comparação.

II) O *segundo termo* da comparação pode-se por no *ablativo* sem preposição, *se o caso do primeiro termo for* **nominativo** ou **acusativo,** ou no *mesmo caso* do primeiro termo precedido da partícula comparativa **quam,** p. ex.: *o mestre é mais sábio que o discípulo,* **praeceptor est doctior discipulo** ou **quam discipulus;** *a prata é mais desprezivel que o ouro,* **argentum est vilius auro** ou **quam aurum;** *Paulo é mais sábio do que Pedro,* **Paulus est doctior Petro** ou **quam Petrus;** *não conheço ninguem mais sábio que Paulo,* **neminem novi doctiorem Paulo** ou **quam Paulum;** *nós sabemos que o sol é maior que a terra,* **scimus solem majorem esse terrā** ou **quam terram;** *o sábio considera as cousas humanas menos nobres que a virtude,* **sapiens humana omnia inferiora virtute ducit** *ou* **quam virtutem ducit.**

Observações.— *1*) Às vezes pode-se formar uma proposição com sum, es, est e o nominativo por exemplo, em lugar de: **ego hominem callidiorem vidi neminem quam Pharmionem** (subentendido vidi), pode-se dizer **quam Phormio est; neminem novi doctiorem quam Paulus est.** Deve-se sempre recorrer

a esta construção quando o verbo do primeiro termo não pode ser subentendido no segundo, p. ex.: *eu tenho um cavalo melhor que o teu*, **meliorem equum habeo quam tuus est.**

2) Na construção do acusativo com o infinito, querendo-se usar no segundo termo o **quam** com o acusativo, é necessário que o verbo seja comum aos dois termos, p. ex.: **decet cariorem esse nobis patriam quam nosmetipsos (= quam nosmetipsi nobis sumus)**, *é mister que a pátria seja-nos mais querida do que nós o somos a nós mesmos.*

b) Usa-se sempre o **ablativo** quando o segundo termo da comparação é formado com **qui, quae, quod,** p. ex.: *restituistes-me a pátria em confronto da qual nada pode haver de mais querido,* **patriam, qua nihil potest esse carius, mihi reddidistis**; *Cícero, o mais eloquente de quantos o foram, foi morto por Antônio,* **Cicero, quo nemo disertior fuit, necatus est ab Antonio.**

c) Prefere-se o ablativo nas frases negativas, interrogativas, nas expressões absolutas e na construção do acusativo com o infinito, p. ex.: *é nada mais amavel que a virtude,* **nihil est virtute amabilius**; *que há mais divino que a razão?* **Quid ratione divinius?** *Isto é mais claro que a luz,* **hoc est luce clarius**; *é sabido que a terra é maior que a lua,* **constat terram lunā esse majorem,** (mas tambem **quam lunam**).

Observação. — Usa-se tambem o ablativo nas frases: **plus aequo; solito magis; spe, exspectatione, opinione citius, celerius, serius, latius,** p. ex.: *Cesar chegou mais depressa do que se esperava,* **Caesar opinione celerius advenit**; *pareceu que o sol estivesse mais rubro que de costume,* **visus sol rubere solito magis**; *é molesto ter um dedo a mais,* **molestum est uno digito plus habere.**

d — I) Usa-se sempre o **quam** quando o segudo termo da comparação for um infinito ou uma proposição, p. ex.: *é melhor morrer que contaminar-se,* **melius est mori quam foedari**; *disse mais (menos) do que quis dizer,* **plura (pauciora) dixi quam volui.**

II) Quando o simples ablativo tornasse a frase obscura e ambígua, p. ex.: *a sabedoria é melhor que a audácia,* **sapientia** (ou **doctrina**) **melior est quam audacia,** e **audacia,** em ablativo, poder-se-ia tomar como sujeito, trocando completamente o sentido da expressão.

Studeo virtuti praestantiori quam divitiae sunt.

307. — Depois de um primeiro termo comparativo em caso **genitivo, dativo** e **ablativo** raramente se põe o segundo termo em ablativo, mas forma-se uma proposição em que se põe o segundo termo com **quam** em caso nominativo como sujeito do verbo **esse,** o qual em regra se exprime, razão por que na proposição: *dou-me à virtude (que é) mais excelente que as riquezas,* menos exatamente se dirá: **studeo virtuti praestantiori divitiis,** mas **studeo virtuti praestantiori quam divitiae sunt** ou **quae divitiis praestantior est.** — *Respondí com as palavras de Varrão, homem mais sábio que Cláudio,* **rescripsi verba Varronis, hominis doctioris quam fuit**

Claudius; *vivi com homens mais fortes que vós*, **vixi cum viris fortioribus quam estis vos**; *tenho íntima amizade com um amigo mais sábio que Tito*, **familiarissime utor amico doctiore quam Titus est (doctus).**

Observações. — *1)* Pode-se tambem recorrer a expressões equivalentes, e dizer: **rescripsi verba Varronis, qui fuit doctior Claudio; vixi cum viris, qui fortiores erant vobis** ou **quam vos; utor amico, qui doctior est Tito** ou **quam Titus.**

2) Depois dos advérbios comparativos **plus, amplius** (*mais*), **minus** (*menos de*) o complemento expresso por um numeral pode-se por em ablativo sem **quam** ou tambem no caso que o verbo exige com ou sem **quam**, p. ex.: *Catilina no começo não tinha mais de dois mil soldados*, **Catilina initio non amplius duobus milibus militum habebat**; *não escaparam mais de quatro mil homens*, **non plus (quam) quattuor milia hominum effugerunt**; *Zeuxis e Polignoto não empregaram mais de quatro cores*, **Zeuxis et Polygnotus non usi sunt plus (quam) quattuor coloribus**; *a neve era alta menos de quatro pés*, **nix minus (quam) quattuor pedes alta erat** ou tambem **minus quattuor pedibus.**

Felicior est quam prudentior.

308. — Quando se comparam duas qualidades do mesmo objeto para se exprimir que ele possue uma das duas num grau superior ao da outra, ambos os adjetivos se põem no comparativo com **quam** depois do primeiro adjetivo, p. ex.: *é mais feliz que prudente*, **felicior est quam prudentior.** Ou então se põem no positivo com **magis quam**, p. ex.: *é mais eloquente que sábio*, **disertus magis est quam sapiens**; *conselho mais util que honesto*, **consilium utilius quam honestius** ou **consilium magis utile quam honestum.**

Observação. — Esta segunda construção é a única possivel com os adjetivos que carecem da forma **-ior** para a formação do comparativo.

Validior manuum.

309. — *a)* O superlativo português quando só se fala de duas pessoas ou cousas se traduz em latim pelo comparativo, p. ex.: *havia dois caminhos, o mais breve dos quais (passava) por lugares desertos*, **duae erant viae, quarum brevior per loca deserta**; *a mais forte das mãos* ou *das duas mãos*, **validior manuum**; *recebi de ti duas cartas; responderei antes a primeira*, **duas a te accepi epistulas; respondebo prius priori**; *o mais velho* ou *o maior dos dois irmãos combateu com mais denodo*, **frater natu major** (ou **major fratrum**) **melius pugnavit.** — **Frater natu maximus** *ou* **maximus fratrum** indicaria o mais velho de todos, falando-se de mais de dois irmãos.

b) Notem-se ainda as frases:

1) Alta Itália (Itália superior); baixa Itália (Itália inferior), **Italia superior, Italia inferior**; *o primeiro Africano, o segundo Africano*, **Africanus major, Africanus minor**; *Espanha aquem do Ebro*, **Hispania citerior**; *Plínio o moço*, **Plinius junior.**

II) **Liber prior,** tratando-se de uma obra em dois livros, mas **liber primus,** se a obra constar de muitos livros (cf. n. 347, pág. 259); *os primeiros tres, cinco livros,* **tres, quinque priores libri**; *os últimos três, cinco livros,* **tres, quinque posteriores.**

III) **Juniores et seniores,** *os moços e os velhos;* **majores et minores,** *os antepassados e os descendentes.*

Senectus est natura loquacior.

310. — Quando não se exprime o segundo termo da comparação, o comparativo indica um aumento ou uma diminuição do positivo e em português se traduz com *tanto, pouco, muito,* etc., p. ex.: **senectus est natura loquacior,** *a velhice é por natureza um pouco palradora;* **Themistocles liberius vivebat,** *Temistocles vivia muito livremente.*

Multo formosior.

311. — Com os comparativos e superlativos e com os verbos que indicam excelência: **excello, praesto, anteëo, antecello,** etc., os advérbios acusativos **multum, tantum, quantum, paulum, aliquantum,** tomam forma de ablativo **tanto, quanto, multo, paulo, aliquanto,** p. ex.: **multo formosior,** *muito mais lindo;* **multo pauciores oratores boni quam poëtae boni reperiuntur,** *encontram-se em número menor os bons oradores do que os bons poetas.*

Alius est atque erat.

312. — Os adjetivos e os advérbios que indicam igualdade ou desigualdade, como **alius, similis, par, alïter, pariter, secus, aeque, perinde, proinde,** unem-se ao segundo termo da comparação não com **quam,** mas com **ac, atque.**

Ele é diferente do que era (já não é o que dantes era), **alius est atque erat.**

Ele fala de modo diverso do que sente, **aliter loquitur ac sentit.**

Já não és o que eras outrora, **non idem es ac fuisti.**

Culpa tua gravior est, quam cui possit ignosci.

313. — *a*) As locuções: *mais... (do) que; demasiado... para,* traduzem-se em latim com o comparativo do adjetivo ou advérbio seguido de **quam ut** ou **quam qui (quae, quod)** p. ex.: *Cesar era mais querido dos seus soldados do que temido dos seus inimigos,* **Caesar carior erat suis militibus quam ut** ou **quam quem timerent hostes**; *a tua culpa é demasiado grave para ser perdoada,* **culpa tua gravior est, quam cui possit ignosci.**

b) A locução: *por demais... em comparação de* (ou: *em proporção de* ou *relativamente a*) se exprime com o comparativo seguido de **quam pro,** p. ex.: *fere-se um combate demasiado encarniçado em comparação do número dos combatentes,* **proelium atrocius quam pro numero pugnantium editur**; *a mortandade foi por demais pequena* (ou *muito pequena*) *relativamente a* (ou *em proporção de*) *tão grande vitória,* **minor caedes fuit quam pro tanta victoria.**

2) Superlativo

Gallorum omnium fortissimi sunt Belgae.

314. — Quando se quer indicar que um sujeito possue uma qualidade em grau elevado, mas não se faz comparação com outro sujeito, usa-se o *superlativo absoluto;* quando se quer indicar a mesma cousa em confronto com um outro, então usa-se o *superlativo relativo* e o termo de comparação exprime-se em latim com o gentivo partitivo ou com o ablativo acompanhado das preposições **e, ex; de; in,** e às vezes, (formas que não se devem imitar), no acusativo com **inter** ou **ante,** p. ex.: *Temístocles enviou a Xerxes o mais fiel dos seus servos,* **Themistocles de servis suis fidelissimum ad Xerxem misit**; *o sentido da vista é o mais penetrante de todos os sentidos,* **acerrimus ex omnibus nostris sensibus est sensus videndi**; *os Belgas são os mais fortes de todos os Gauleses,* **Gallorum omnium fortissimi sunt Belgae**; *Creso foi o mais rico dos reis,* **Croesus inter reges opulentissimus fuit**; *Enéias foi o mais nobre de todos,* **ante alios pulcherrimus fuit Aeneas.**

Observação. — Tambem os advérbios de grau superlativo que se formam de adjetivos, exigem a construção do genitivo partitivo ou do ablativo com **e** ou **ex,** p. ex.: **omnium elegantissime loqui, maxime ex omnibus eruditus.**

Canis est { **fidelissimum** / **fidelissimus** } **omnium animalium.**

315. — *a)* O superlativo relativo concorda sempre, quanto ao gênero, com o seu genitivo partitivo ou ablativo, p. ex.: *o mais valente dos soldados,* **militum fortissimus**; *a mais bonita das cidades,* **urbium pulcherrima**; *o último dos males,* **malorum extremum.** Esta regra vale tambem para o caso em que o sujeito da proposição é de gênero diferente do do genitivo partitivo, p. ex.: **canis** (m.) **est fidelissimum** (n.) **omnium animalium** (n.), *o cão é o mais fiel de todos os animais.* — O superlativo, porem, pode concordar com o sujeito da proposição quando se achar no princípio da frase e não for abstrato: **canis** (m.) **est fidelissimus** (m.) **omnium animalium**; mas dir-se-á sempre: **servitus omnium malorum postremum est,** porque **servitus** é um substantivo abstrato.

b) Se preceder o superlativo, este deve absolutamente seguir o gênero do seu genitivo: **fidelissimum omnium animalium est canis.**

Observações. — *1)* A frase: *Siracusa é uma das cidades mais belas e grandes da Sicília* se traduz: **urbs Syracusae maxima omnium et pulcherrima in Sicilia est.** Como esta se traduzem locuções análogas.

2) Uma proposição negativa com **nihil, nemo, nullus** em forma comparativa, às vezes, traduz elegantemente um superlativo português, p. ex.: *sigamos Políbio o mais exato dos escritores*, **sequamur Polybium, quo nemo fuit diligentior**; *a honra é a cousa mais preciosa que possuimos*, **nihil honore nobis pretiosius est.**

3) Cf. tambem pág. 65, *Superlativo*, n. 60.

Cato amicissimus meus.

316. — Frequentes vezes em português se exprime uma qualidade com o adjetivo positivo precedido de *muito, grande, grandemente, muitíssimo*, etc., neste caso o latim exige sempre o superlativo, p. ex.: *muito bonito*, **pulcherrimus**; *o meu grande amigo Catão*, **Cato amicissimus meus.**

Tam sum mitis, quam qui lenissimus.

317. — O superlativo precedido de **quam qui, ut qui** corresponde à frase portuguesa *como nenhum outro*, p. ex.: **tam sum mitis, quam qui lenissimus** (subentendido est) = *sou tão manso quanto aquele que é o mais manso* = *sou manso como nenhum outro o é*; **id mihi erit gratum quam quod gratissimum**, *esta cousa ser-me-á agradavel como nenhuma outra* ou *ser-me-á a mais agradavel do mundo.*

Observação. — Por analogia dir-se-á **ut cum maxime**, p. ex.: **domus celebratur ita ut cum maxime**, *a casa é frequentada mais que nunca.*

Quo quisque est doctior, eo est melior.

318. — A frase: **quo quisque est doctior, eo est melior**, *quanto mais um é sábio tanto é melhor* (Cf. n. 342, *a, III*, pág. 258) pode-se tambem substituir pelo superlativo: **ut quisque est doctissimus, ita est optimus** ou **doctissimus quisque optimus.** A mesma regra serve para expressões equivalentes.

Unus omnium justissimus.

319. — *a*) O *comparativo* pode ser reforçado:

I) Com **etiam,** *ainda*, p. ex.: **etiam major,** *ainda maior.*

II) Com **multo,** *muito*, p. ex.: **aliquanto,** *um pouco, algum tanto*: **multo major,** *muito maior.*

Atenua-se a idéia do comparativo com **paulo,** p. ex.: **paulo minora canamus,** *cantemos argumentos um pouco mais modestos.*

b) O *superlativo* pode ser reforçado:

I) Com **vel,** *mesmo, até*, p. ex.: **vel maximus,** *mesmo o maior.*

II) Com **quam,** *o mais possivel*, p. ex.: **quam maximus** *o maior possivel.*

III) Com **longe** ou **multo,** *muitíssimo*, p. ex.: **longe maximus,** *muitíssimo maior.*

IV) Com **unus, unus omnium** ou somente **omnium** *único entre todos*, p. ex.: **eloquentia res est una omnium difficillima,** *a eloquência é a arte mais difícil de todas;* **Miltiades unus omnium, maxime florebat,** *Milcíades sobrepujava a todos;* **P. Scaevolam unum nostrae civitatis et ingenio et doctrina praestantissimum audeo dicere,** *ouso dizer que P. Cévola é sem comparação, por seu engenho e doutrina, o mais rico da nossa cidade.*

CAPITULO V

SINTAXE DOS PRONOMES

§ I

PRONOMES PESSOAIS

320. — No uso do pronome reflexivo **sui, sibi, se,** apresentam-se dois casos: A) **o pronome reflexivo faz parte da proposição principal; B) o pronome reflexivo faz parte da proposição dependente.**

A) **Pater amat suos liberos.**

a) Se o pronome está na proposição principal **e se refere ao sujeito,** usa-se **sui, sibi, se; suus, sua, suum,** p. ex.: *o pai ama seus filhos,* **pater amat suos liberos;** *os homens podem usar dos animais para seu proveito,* **homines bestiis uti possunt ad suam utilitatem.**

b) Se está na proposição principal **e se refere a um complemento,** usa-se **is, ea, id; ille, illa, illud:** *admiro a mãe e o seu filho,* **miror matrem ejusque filium;** *conhecemos a Deus pelas suas obras,* **Deum agnoscimus ex operibus ejus.**

Observações. — *1)* Encontra-se às vezes **suus, a, um** tambem quando o pronome português não se refere ao sujeito da principal, mas a um complemento, p. ex.: *Cipião restituiu aos Siracusanos as suas cousas (deles),* **Scipio res suas Syracusanis restituit;** *o menino apanhou uma pomba no seu ninho,* **puer cepit columbam in nido suo;** mas dir-se-á sempre: **accipiter cepit columbam in nido ejus,** *o gavião apanhou a pomba no (seu) ninho dela,* porque **in nido suo** indicaria *no ninho do gavião.*

2) Quando num mesmo conceito há dois substantivos dos quais o segundo se refere ao primeiro por meio do possessivo, precisa distinguir:

a) Se os dois substantivos estão unidos pela conjunção **e,** de modo que poderiam formar tambem duas proposições, usa-se o demonstrativo **is, ea, id (ejus, eorum);**

b) Se estão unidos pela preposição **com,** quase formando uma cousa só, usa-se o possessivo **suus, a, um,** p. ex.: *o chefe e os seus sodados fugiram,* **dux et milites ejus fugerunt (=dux fugit ejusque milites fugerunt);** *vi o pai e os seus filhos,* **vidi patrem ejusque filios;** mas dir-se-á: **dux cum suis militibus fugit,** *o chefe fugiu com os seus soldados;* **vidi patrem cum suis filiis,** *vi o pai com os seus filhos.*

3) Quando o possuidor e a cousa possuida pertencem a duas proposições independentes, o pronome possessivo se traduz por **ejus, eorum, earum,** e tambem por **illius, istius,** p. ex.: *Cesar foi fortíssimo, nós admiramos os seus feitos,* **Caesar fortissimus fuit, nos ejus facta admiramur.**

4) Com o pronome **quisque** usa-se sempre o possessivo **suus,** p. ex.: *cada um é atormentado pelo seu crime,* **suum quemque scelus agitat,** e passivamente, **suo quisque scelere agitatur;** *dá a cada um o que é seu,* **suum cuique tribue** (cf. n. 342, *a, II,* pág. 258).

5) Usa-se **suus** tambem quando se quer fazer sobressair a força do pronome que neste caso corresponde às nossas frases: *os seus próprios* ou *particulares,* p. ex.: *os seus próprios concidadãos expulsaram Anibal da cidade,* **Hannibalem sui cives e civitate ejecerunt,** e passivamente **Hannibal a suis civibus e civitate expulsus est.**

B) **Animus sentit se sua vi moveri.**

Nas *proposições dependentes* é necessário distinguir:

a) quando o sujeito da principal é tambem sujeito da dependente.

b) quando os sujeitos são diversos.

c) quando o pronome reflexivo não se refere nem ao sujeito da proposição principal, nem ao da dependente, mas a um complemento.

a) Quando o sujeito da principal é tambem sujeito da dependente, usa-se **sui, sibi,** se e o possessivo **suus, sua, suum,** p. ex.: *os Etinos mandaram embaixadores a Cesar, porque não se podiam defender a* **si,** *nem aos* **seus** *haveres,* **Aetĭni legatos ad Caesarem miserunt quod** *se* **et** *sua* **defendere non possent;** *a alma sente que* se *move por* sua *própria força,* **animus sentit** *se sua* **vi moveri;** *não há ninguem que se odeie a* si *próprio,* **nemo est qui** *se* **ipsum oderit.**

b) Quando os sujeitos são diversos, é preciso subdistinguir:

I) o pronome reflexivo se refere ao sujeito da principal.

II) o pronome reflexivo se refere ao sujeito da proposição dependente.

I) Quando os sujeitos são diversos e o pronome reflexivo se refere ao sujeito da principal, pode-se usar **sui, sibi, se; suus, sua, suum** ou **is, ea, id,** p. ex.: *Metelo com grandes promessas induziu os embaixadores a entregarem*-**lhe** *Jugurta,* **Metellus multa pollicendo legatis suasit ut** *sibi* (ou *ei*) **Jugurtham traderent;** *Jugurta exorta os soldados a defenderem* **sua pessoa** *e* **seu** *reino contra a avareza dos Romanos,* **Jugurtha milites monet ut** *se suum***que regnum defendant ab avaritia Romanorum;** *Dátames ouve dizer que os Pisídios tinham alistado tropas contra* **ele, Datămes audit Pisĭdas copias adversus** *se* **parasse;** *os E'duos vieram queixar-se que os Arudes tinham devastado as* **suas** *terras,* **Aedŭi questum venerunt quod Arudes fines** *eorum* **populati essent;** *Ambiórige penetra no território dos Aduáticos, que confinavam com o* seu *reino,* **Ambiŏrix in Aduatĭcos proficiscitur, qui erant regni** *sui* (ou *ejus*) **finitimi;** *os Colofônios dizem que Homero é um* seu *concidadão,* **Colophonĭi Homerum dicunt civem esse** *suum; o orador investigue o que pensam os* seus *concidadãos,* **orator investiget quid** *sui* **cives cogĭtent.**

Observações. — *I*) Quando estas mesmas proposições dependentes não enunciam o pensamento do sujeito da princiapal, mas o de quem fala ou escreve, usa-se então o pronome demonstrativo, p. ex.: *Solão fingiu-se louco para por mais em seguro a sua vida,* **Solon se furere simulavit quo tutior vita ejus esset**(**ejus** exprime o pensamento do autor, sua teria indicado o pensamento de Solão); *Pausanias estava disposto a atraiçoar toda a Grécia, se Xerxes lhe tivesse dado em casa-*

mento a sua filha, **Pausanias traditurus erat totam Graeciam, si ei Xerxes filiam suam nuptum daret** (ei exprime o pensamento de quem expõe, sibi teria indicado o pensamento de Pausânias); *Metelo presidiou aquelas cidades que tinham passado para ele,* **Metellus in iis oppidis, quae ad se defecissent** (pensamento de Metelo) **praesidia imposuit.**

2) Nas proposições dependentes consecutivas e temporais, que em regra exprimem o pensamento do escritor, usa-se sempre o demonstrativo, p. ex.: *Epaminondas foi tambem um bom falador, de modo que nenhum Tebano lhe era igual na na eloquência,* **Epaminondas fuit etiam disertus, ut nemo Thebanus ei par esset eloquentia;** *Alcibíades, quando se lhe enviou uma ordem na Sicília afim de que voltasse para a pátria, não quis obedecer,* **Alcibiades, cum ei nuntius in Siciliam missus esset, ut domum rediret, parere noluit.**

II) Quando os sujeitos são diversos, e o pronome reflexivo se refere ao sujeito da proposição dependente, usa-se **sui, sibi, se; suus, sua, suum,** p. ex.: *os embaixadores exortavam Focião a que cuidasse de* **si** *e dos* **seus** *filhos,* **legati Phocionem monebant ut** *sibi* **et** *suis* **liberis prospiceret;** *Cesar exortou os soldados a recordarem o seu (=deles) antigo valor,* **Caesar milites hortatus est, ut suae pristinae virtutis memoriam retinerent.**

c) Consequência lógica das regras expostas temos, a seguinte:

Se o pronome reflexivo não se refere nem ao sujeito da proposição principal, nem ao da subordinada, mas a um complemento, usa-se **is, ea, id,** p. ex.: *Mêmio manda vir à sua presença Jugurta, depois lembra-lhe os* **seus** *crimes cometidos em Roma e na Numídia,* **Memmius Jugurtham producit et facinora** *ejus* **memŏrat Romae et in Numidia;** *Temístocles enviou a Xerxes o mais fiel de seus servos para* **lhe** *comunicar que os* **seus** *inimigos estavam em fuga,* **Themistocles ad Xerxem misit fidelissimum ex suis servis ut** *ei* **nuntiaret adversarios** *ejus* **in fuga esse.**

Observações. — *1)* Pelo que ficou dito nas letras *a* e *b*, o pronome reflexivo pode-se referir tanto ao sujeito da proposição principal como ao da dependente- o contexto do discurso dirá a quem se deve de fato referir. Por exemplo, na proposição: **Romani a Prusia petiverunt ne inimicissimum** *suum secum* **haberet,** vê-se que *suum* deve referir-se aos Romanos e *secum* a Prússias.

Quando, porem, houver ambiguidades, **suus, sua, suum; sui, sibi, se** referem-se ao sujeito da dependente, e **ipse** ou **is** ao sujeito da proposição principal, p. ex.: **Caesar milites incusavit cur de** *sua* (do seu = deles) **virtute aut de** *ipsius* (sua = de Cesar) **diligentia desperarent?**

2) Frequentes vezes o reflexivo não se refere ao sujeito gramátical, mas ao *lógico,* isto é, ao que, segundo o sentido, é verdadeiramente o sujeito principal e dominante, p. ex.: **Catilinae omnis spes erat in sua audacia** (= **Catilina confidebat in sua audacia**).

AÇÃO RECIPROCA

Homines inter se dilĭgunt.

321. — A ação recíproca, que em português se exprime pelos advérbios *reciprocamente, mutuamente, entre nós, entre vós, entre eles,* em latim traduz-se:

a) Com **inter se, inter nos, inter vos,** p. ex.: *os homens amam-se mutuamente,* **homines inter se diligunt;** *exortamo-nos reciprocamente,* **hortati inter nos sumus.**

Observação. — **Invicem,** na boa latinidade, não significa ação reciproca, mas equivale a *sucessivamente, cada um por sua vez,* p. ex.: **defatigatis invicem integri succedunt,** *as tropas cansadas sucedem por sua vez às descansadas.*

Em latim omite-se o reflexivo que se exprime em português p. ex.: *eles louvam-se entre si,* **illi laudant inter se** e não **illi se laudant inter se.** Exprime-se, porem, quando o sujeito é diverso do objeto, p. ex.: **amicitia vos inter vos conjungit.**

b) Com **alter, alterum,** tratando-se de dois; com **alius, alium** tratando-se de mais, p. ex.: *os dois irmãos ajudam-se reciprocamente,* **duo fratres alter alterum juvat,** *os cidadãos ajudam-se reciprocamente,* **cives alius alium juvat.**

c) Repetindo-se o nome uma vez como sujeito, outra como complemento, p. ex.: *uma mão lava a outra,* **manus manum lavat.**

§ II

PRONOMES POSSESSIVOS

Aetatem consumpsi.

322. — *a*) O adjetivo possessivo em regra não se exprime na língua latina a não ser que o exija a clareza ou a eficácia da expressão, p. ex.: *gastei* **a minha** *vida,* **aetatem consumpsi;** *tenho sempre o castigo diante dos* **meus** *olhos,* **poenam semper ante oculos habeo;** *erguer as* **nossas** *mãos ao céu,* **manus ad caelum tollere.**

Mas dir-se-á: **vestrā causā,** *em atenção vossa;* **meo nomine, meis verbis,** *em meu nome, por minha conta;* **suo tempore,** *exatamente em seu tempo;* **suo jure,** *em seu pleno direito.*

b) Se ao pronome possessivo se acrescentar alguma determinação apositiva, esta vai para o genitivo, p. ex.: **vestra ipsorum causa,** *por causa de vós mesmos;* **mea ipsius opera,** *por obra de mim mesmo;* **tuis unius verbis,** *pelas palavras de ti só;* **meum magistri officium est,** *o meu dever de mestre é...,* etc. (cf. n. 268, pág. 227).

§ III

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Brevior est vita hominum quam cornīcum.

323. — *a*) Não se traduzem em latim os pronomes demonstrativos, *o, a; os, as* equivalentes a *aquele, aquela; aqueles, aquelas,* quando seguidos de um genitivo, p. ex.: *as invenções da necessidade são mais antigas que as do prazer,* **inventa necessitatis antiquiora sunt quam voluptatis;** *quem pode comparar a morte de Cesar com*

a de Cícero? **Quis conferre potest mortem Caesaris cum Ciceronis?** *A casa de Antônio é maior que a de Cesar,* **domus Antonii major est quam Caesaris;** *a vida do homem é mais breve que a das gralhas,* **brevior est vita hominum quam cornīcum.**

b) Muitas vezes, porem, nesses casos repete-se o nome, p. ex.: *não há rapidez que possa rivalizar com a da mente;* **nulla est celerĭtas quae cum mentis celeritate contendere possit;** *a casa de Antônio é maior que a de Cesar,* **domus Antonii major est quam domus Caesaris.**

Praeclarum illud Solonis.

324. — O pronome **ille** serve muitas vezes para indicar algo de conhecido e célebre, p. ex.: **praeclarum illud Solonis,** *aquele célebre dito de Solão;* **Alexander ille Magnus,** *o grande Alexandre.*

Ego sum is qui mortis periculo non terrear.

325. — **Is, ea, id,** tem muitas vezes o significado consequencial de *não sou um dos, tal que,* p. ex.: *eu não sou um dos que se deixam atemorizar pelo perigo da morte,* **ego sum is qui mortis periculo non terrear.**

Haec est vera sapientia, in omnibus rebus aequam mentem servare.

326. — O pronome **is** e os demonstrativos **hic, ille** têm frequentes vezes valor *proletico,* isto é, referem-se, quase antecipando-o, ao pensamento que segue, o qual por sua vez serve de explicação do mesmo pronome, p. ex.: **haec est vera sapientia, in omnibus rebus aequam mentem servare,** *esta é a verdadeira sabedoria, conservar em qualquer circunstancia o mesmo carater.*

Tu dormis, ipse vigilo.

327. — O pronome **ipse** indica uma contraposição expressa ou subentendida, p. ex.: **tu dormis, ipse vigĭlo,** *tu dormes, eu velo* (não *eu mesmo*)*;* **Caesar copias in castris reliquit, ipse cum paucis processit,** etc., *Cesar deixou as suas tropas no acampamento, ele avançou com poucos,* etc.

Virtus per se ipsa placet.

328. — **Ipse,** unido a **sui, sibi, se,** concorda antes com o sujeito do que com o complemento, p. ex.: *a virtude agrada por si mesma,* **virtus per se ipsa placet;** *os médicos não são capazes de se curar a si mesmos,* **medici se ipsi curare non possunt;** *a mãe de Dario suicidou-se,* **mater Darēi sibi ipsa mortem conscivit.**

Nihil est utile quod non idem honestum.

329. — Quando se quer indicar que duas qualidades diferentes estão reunidas na mesma pessoa ou no mesmo objeto, em lugar de **simul, etiam,** usa-se ordinariamente **idem, aedem, idem,** que então significa *ao mesmo tempo, alem disso,* p. ex.: *nada é util que ao mesmo tempo não seja honesto,* **nihil est utile quod non idem honestum**; *os músicos uma vez eram tambem poetas,* **musici erant quondam iidem poëtae.**

§ IV

PRONOME RELATIVO

Ipse hoc fecisti, quod vehementer negas.

330. — Em latim, as proposições são, de preferência, unidas por pronome relativo (*conetivo relativo*), ao passo que, em português, se unem às vezes, por conjunção (*conetivo conjuntivo*) seguida de um pronome demonstrativo, p. ex.: *tu fizeste isto, mas o negas,* **ipse hoc fecisti, quod vehementer negas.**

Dicam quod sentio.

331. — **Is** é o antecedente natural de **qui,** mas ordinariamente omite-se se estiver no **nominativo** ou no **mesmo caso** em que está o relativo, p. ex.: *direi o que penso,* **dicam** (*id*) **quod sentio**; *quem deseja o alheio, perde o próprio,* **amittit proprium** (*is*) **qui alienum appĕtit.**

Quam quisque norit artem in hac se exerceat.

332. — Muitas vezes a proposição relativa precede a principal; nesse caso o **termo relativo,** isto é, o nome antecedente, passa para a proposição relativa e toma por atração o caso do pronome relativo. Na construção regular dir-se-ia: **quisque se exerceat in hac** *arte* **quam norit**; mas, fazendo-se preceder a proposição relativa, o termo relativo **arte** passa para esta proposição: **quam quisque norit** *artem* **in hac se exerceat.—Ad quas res aptissimi erimus in iis potissimum elaborabimus,** em lugar de **potissimum elaborabimus in iis rebus ad quas aptissimi erimus,** *ocupar-nos-emos especialmente daquelas disciplinas para as quais cada qual se sentir mais inclinado.*

Vescor eodem pane quo tu.

333. — Usa-se o pronome relativo **qui, quae, quod:**

a) Depois do pronome **idem,** *o mesmo,* que em português é seguido da conjunção *que,* p. ex.: **vescor eodem pane quo tu** (subentendido **vescĕris**), *alimento-me do mesmo pão que tu.* O pronome **qui, quae, quod,** que vai para o mesmo caso do nome a que se refere, pode-se substituir por **et, ac, atque, quam,**

se no segundo termo da comparação se subentender o mesmo verbo do primeiro, p. ex.: **Plato idem sensit, quod (ac, atque) Pythagoras**; mas dir-se-á sempre: **Plato idem sensit, quod Pythagoras docuerat.**

b) Para traduzir as seguintes expressões: *prudente como és, sábio como és*, e análogas, p. ex.: *a ti prudente como és, nada escapará* **nihil te, quā prudentiā es, fugiet** (ou **quae est prudentia** e tambem **pro tuā prudentia** (cf. n. 447, *c*).

§ V

PRONOMES INDEFINITOS

334. — *Um*, quando precede um substantivo aposto, em latim não se traduz, p. ex.: *Cícero, um dos mais eloquentes oradores*, **Cicero orator eloquentissimus**; *Cesar, um dos maiores generais romanos*, **Caesar fortissimus Romanorum imperator.**

Servus quidam.

335. — *a*) *Um*, com o significado de *um certo*, nas narrações, traduz-se por **quidam**, p. ex.: *um escravo*, **servus quidam**, *um dia*, **quadam die.**

b) *Um*, como numeral, nas indicações dos anos e medidas, geralmente não se traduz em latim, p. ex.: *um ano antes*, **anno ante**; *um ano depois*, **anno post**; *há um ano*, **ante annum.**

c) *Um dos dois*, **alter**, p. ex.: *um dos dois cônsules*, **alter consul.** — **Alius**, *outro*, p. ex.: **alius consul**, *outro consul.*

d) *Um ou outro dos dois*, **alteruter**, p. ex.: *um ou outro de nós dois*, **alteruter nostrum.** — *Um e outro*, **uterque.** — *Um..., outro*, falando-se de duas pessoas ou cousas, traduz-se em latim por **alter..., alter**, p. ex.: *um dos cônsules caiu na batalha, o outro salvou-se com a fuga*, **alter consulum in proelio cecĭdit, alter fuga salutem petiit.**

Alii, ceteri, relĭqui.

336. — *a*) **Alius**, *outros, diversos*, com os advérbios seus derivados, opõe-se a **idem**, p. ex.: **est proprium stultitiae aliorum vitia cernere...**, *os vícios dos outros* e não os próprios; **alius alio more** (ou **aliter**) **vivebat**, *uns viviam de um modo, outros de outro.*

b) **Cetĕri**, *os demais, os outros*, em número indeterminado, p. ex.: **major pars ceciderunt, ceteri fugam capesserunt.**

c) **Relĭqui** corresponde a: *os outros, os demais*, mas em número determinado, p. ex.: *os outros seis, os outros vinte, os outros mil.*

Sine ullo timore.

337. — *a*) O pronome **aliquis** e assim tambem **quispiam**, *alguem*, usam-se quase sempre nas proposições afirmativas; nas negativas *alguem* se traduz com **quisquam** quando for *substantivo* e com **ullus** quando for *adjetivo*, p. ex.: *isto nunca foi util a ninguem*, **hoc nunquam profuit cuiquam.**

A frase: *sem alguma esperança* não fica muito bem traduzida dizendo-se **sine aliqua spe**, mas dir-se-á: **sine ulla spe.** Pode-se dizer **non sine aliqua spe = cum aliqua spe**, *com alguma esperança*, sentido afirmativo: *sem duvida alguma* **sine ulla dubitatione**; *sem temor algum*, **sine ullo timore.**

b) **Ullus** usa-se tambem nas proposições interrogativas ou hipotéticas com sentido negativo, p. ex.: **estne ulla res tanti ut...?** *há alguma cousa que vale tanto que...? = não há nada que vale tanto que...*; **si ulla mea apud te valuit commendatio**, *se por acaso alguma recomendação minha teve valor*, etc.

Est quidam qui me amat.

338. — Entre **aliquis**, *algum, alguma; alguem* e **quidam**, *um certo, uma certa*, existe a seguinte diferença: **quidam** indica cousa ou pessoa determinada, mas que não se quer nomear, nem definir com maior exatidão, p. ex.: **est quidam qui me amat**, *há uma pessoa* (determinada) *que me ama*, ao invés, **aliquis** indica cousa ou pessoa indeterminada e incerta, p. ex.: **est aliquis qui me amat**, *há alguem que me ama*.

Rempublicam jamdĭu nullam habemus.

339. — *a)* O advérbio português *não* se traduz em latim pelo adjetivo **nullus** quando equivale a *nenhum*, p. ex.: *desde muito não temos mais governo*, **rempublicam jamdĭu nullam habemus**; *tu não mereces compaixão*, **misericordia tibi nulla debetur**; *a cidade então não tinha leis*, **civitati nullae tunc leges erant.**

b) O advérbio *não* usado como pleonasmo, especialmente nas exclamações e interrogações retóricas, em regra, omite-se na língua latina, p. ex.: *quanto não é grande a bondade de Deus!* **Quanta est benignitas Dei!** *Quanto não é cega a avareza!* **Quam caeca avaritia est!**

Nec quisquam.

340. — Quando os pronomes negativos **nemo, nihil, nullus** e os advérbios tambem negativos **nunquam, nusquam** e **non** são precedidos de **et** ou **ut** modificam-se deste modo:

et nemo = nec quisquam, *e ninguem;*
et nihil = nec quidquam, *e nada;*
et nullus = nec ullus, *e ninguem;*
et nunquam = nec unquam, *e nunca;*
et nusquam = nec usquam, *e em lugar algum;*
et non = neque, *e não;*
et nemo = ne quis, (subst., às vezes, tambem adjetivo) *para que ninguem;*
ut nihil = ne quid, *para que nada;*
ut nunquam = ne unquam, *para que nunca;*
ut nusquam = ne usquam, *para que em nenhum lugar;*
ut nullus = ne ullus (adjetivo) *para que nenhum, nenhuma.*

Id ferendum esse nego.

341. — Os verbos portugueses que indicam: *dizer, afirmar, declarar, sustentar,* seguidos de uma proposição negativa se traduzem em latim com o verbo **negare,** p. ex.: *Antônio afirmou não os ter até agora visto,* **eos negavit adhuc se vidisse Antonius;** *declaro que isto é insuportavel,* **id ferendum esse nego;** *afirmo que nunca te mandei essas cartas,* **nego me unquam ad te istas litteras misisse.**

Optimus quisque.

342. — *a)* **Quisque,** *cada um, cada uma,* tem sentido partitivo e não o sentido de *todos,* que em latim se traduz por **omnes,** p. ex.: *cada um sabe = todos sabem,* **omnes sciunt,** não **quisque.** — Pospõe-se **quisque:**

I) Ao pronome reflexivo **sui, sibi, se,** p. ex.: **sibi quisque consŭlit,** *cada um atende a si* (cf. n. 320, A, *b,* observação *4,* pág. 250).

II) Ao possessivo **suus, a, um,** p. ex.: **justitia suum cuique tribuit,** *a justiça a cada um dá o seu;* **suum quisque noscat ingenium,** *cada um conheça a sua índole, o seu talento* (cf. n. 320, A, *b,* obs. *4,* pág. 250).

III) A um relativo: **qui, ubi, unde, quo, quantus,** etc., p. ex.: **quam quisque norit artem, in ea se exerceat,** *cada um exercite-se na arte que conhece;* **quo quisque est doctior, eo est melior,** *quanto mais um é sábio tanto é melhor.* (cf. n. 318, pág. 249; n. 332, pág. 255).

IV) A um superlativo, e indica totalidade, p. ex.: **optimus quisque adest,** *todos os melhores estão presentes;* **sapientissimus quisque,** *todos os mais sábios.*

V) A um número ordinal, p. ex.: **tertio quoque die,** *de dois em dois dias;* **prima quaque occasione,** *à primeira ocasião.* (cf. n. 196, pág. 192).

b) **Quisque** em união com **quotus** forma o composto **quotus quisque,** *quão pouco, em quão pequeno número,* que só se encontra em caso nominativo seguido do genitivo partitivo, p. ex.: **quotusquisque militum incolŭmis rediit,** *quão poucos soldados voltaram incólumes.*

Alii aliis rebus delectantur.

343. — **Alius** (e os advérbios que dele derivam) repetido em diversos casos serve para exprimir diversidade, p. ex.: **alii aliis rebus delectantur,** *uns gostam de uma cousa, outros de outra* (lit. *outros de outras cousas);* **alius alio more** (*ou* **alĭter**) **vivebat,** *um vivia de um modo, outro de outro;* **alius alĭbi erat,** *quem se achava num lugar, quem num outro.*

Non nemo, *alguem;* **nemo non,** *todos.*

344. —As locuções seguintes variam de significado conforme se se lhes antepõe ou pospõe a negativa **non**:

Non nemo, *alguem;* **nemo non,** *cada um, todos.*

Non nullus, *algum, alguem;* **nullus non,** *cada, cada um, todos.*

Non nihil, *algo de;* **nihil non,** *cada cousa, tudo.*

Non modo, *não só;* **modo non,** *pouco menos que, quase.*

Non nunquam, *alguma vez;* **nunquam non,** *sempre.*

Non nusquam, *em algum lugar;* **nusquam non,** *em toda a parte.*

Nemo hoc non facit, *todos fazem isto;* **non nemo hoc facit,** *alguem faz isto.* — **Nemo hoc non videt,** *todos vêem isto;* **non nemo hoc videt,** *alguem vê isto.*

Nunquam id non accidit, *isto acontece sempre;* **non nunquam id accidit,** *alguma vez acontece isto.*

CAPITULO VII

SINTAXE DOS NUMERAIS

Uni..., alteri.

345. — O plural de **unus** é **duo.** Usa-se o plural **uni, unae, una:**

a) Nas enumerações: **uni..., alteri** = *uns..., outros* = *os primeiros..., os segundos;* **uni..., alteri..., tertii,** p. ex.: **tria Graecorum genera sunt, quorum uni sunt Athenienses, alteri Aeöles, tertii Dores,** *três são as raças dos Gregos: uma é a dos Atenienses, outra a dos Eólios, a terceira a dos Dórios.*

b) Quando **uni** equivale a *somente*: **uni Veientes,** *só os Veientes.*

Mille milites. — Duo milia militum.

346. — *a*) Os numerais até mil concordam com o nome; assim dir-se-á: **duo adulescentes, tria templa, centum homines, ducenti milites.**

b) Com relação a **mille** e a **milia** (cf. n. 63, *a, b,* pág. 70).

Prior... alter.

347. — *Primeiro, segundo,* falando-se só de dois, traduz-se em latim por **prior, alter,** e não por **primus, secundus,** p. ex.: *P. Emílio e C. Varrão eram cônsules; o primeiro era tímido, o segundo*

ousado, **erant consules Paulus Aemilius et Gaius Varro; prior timebat, alter audebat.** Nas enumerações, porem, dir-se-á regularmente: **primus, secundus, tertius,** etc. (cf. n. 57, IV, pág. 62; n. 64, *b*, pág. 71; n. 309, *b*, *II*, pág. 246).

Anno millesimo quingentesimo.

348. — Os latinos usavam o *ordinal* nos casos em que nós usamos o cardinal:

a) Na indicação do ano, p. ex.: *o ano de 1500,* **anno millesimo quingentesimo.**

b) Na indicação das horas: *às quatro horas,* **hora quarta.** *Quantas horas são? — oito,* **quota hora est? hora octava.**

c) Com alguns complementos de tempo e tambem para indicar acontecimentos periódicos, caso em que os latinos computam o ponto de partida e o da chegada.

De quatro em quatro anos, **quinto quoque anno.**

De cinco em cinco anos, **sexto quoque anno** (cf. n. 193, *a*, pág. 191; n. 196, pág. 192; n. 200, *a*, pág. 194; n. 202, *c*, pág. 195).

Bini reges creabantur.

349. — Os *distributivos*, empregam-se:

a) Quando queremos indicar um número repetido vez por vez, p. ex.: *de cada vez criavam-se dois reis,* **bini reges creabantur.**

b — *I*) Em lugar dos cardinais com os nomes que no plural têm um significado *diverso* do que tem no singular como **castra, orum** = *acampamento;* **castrum, i** = *castelo.* — **Aedes, is** = *templo;* **aedes, ium** = *casa.* — **Litterae, arum** = *epístola, carta;* **littera, ae** = *letra do alfabeto.*

II) Em lugar dos cardinais com os substantivos que têm só o plural, mas que indicam **uma** *unidade,* **um** *só objeto,* p. ex.: **nuptiae** = *núpcias* (1 casamento); **bigae, arum** = *1 carro.* Nestes dois casos, que acabamos de apontar, em lugar de

singuli-ae-a	usa-se:	**uni-ae-a**
terni-ae-a		**trini-ae-a**

Por exemplo:

Bina castra = *dois acampamentos.*
Duo castra = *dois castelos.*
Trina castra = *três acampamentos.*
Tria castra = *três castelos.*

E do mesmo modo dir-se-á: **una castra** = *um acampamento;* **unae litterae** = *uma epístola.*

Singula castra e **terna castra** significam respectivamente *um castelo, três castelos para cada um.*

Ao invés, por exemplo, com o plural **liberi, orum,** *os filhos,* que não indica um só objeto, uma unidade, usam-se os cardinais e dir-se-á: **duo, tres liberi,** *dois tres filhos,* e não **bini, terni liberi** = *dois, três filhos para cada um.*

c) Quando para cada sujeito se repete o número, p. ex.: **militibus quini et viceni denarii dati sunt,** *foram distribuidos 25 dinheiros a cada um dos soldados;* **viginti quinque denarii** significaria 25 dinheiros por todos.

d) Nas multiplicações: 2×2 *quantos são?* **quot sunt bis bina?** 2×2=4, **bis bina sunt quattuor.**

3×7 soldados=21 soldados, **ter septeni milites sunt unus et viginti milites.**

Bis terna sunt sex.

350. — Os *advérbios numerais* empregam-se:

a) Nas multiplicações (cf. n. 349, *d*, pág. 260).

b) Para indicar quantas vezes acontece uma cousa ou uma ação num tempo determinado, p. ex.: *duas vezes por dia, por mês, por ano,* **bis (in) die** ou **indiem, bis (in) mense** (cf. n. 197, *a*, pág. 193).

OUTRAS PARTICULARIDADES SINTATICAS DA LINGUA LATINA

Homo ad duas res, ad intellegendum et ad agendum est natus.

351. — A expressão conjuntiva *isto é* em regra não se traduz em latim quando só serve para explicar um conceito geral, p. ex.: *o homem nasceu para duas cousas, isto é, para entender e para operar,* **homo ad duas res, ad intellegendum et ad agendum est natus.** Nos demais casos se traduz com **id est, nimīrum,** etc., p. ex.: **fundamentum justitiae est fides, id est, dictorum conventorumque constantia et veritas,** *fundamento da justiça é a fé, isto é, a estabilidade e a lealdade das palavras e dos tratados.*

Uno atque eo facili proelio hostes caesi sunt.

352. — Para dar maior força à frase, note-se o uso latino de unir o adjectivo com o substantivo servindo-se de **et** (ou **atque**) **is, isque, nec is, neque is,** p. ex.: **uno atque eo facili proelio hostes caesi sunt,** *os inimigos foram mortos numa facil batalha;* **unam rem explicabo eamque maximam; erant in Torquato plurimae litterae** (*conhecimentos*) **nec eae vulgares, sed interiores quaedam et reconditae.**

Multa in eo viro praeclara cognovi.

353. — Note-se a particularidade da língua latina de exprimir com adjetivos e com prouomes neutros usados substantivamente muitos conceitos que em português se exprimem por meio de substantivos especiais, p. ex.: **adde quod...** ou **illud adde quod...** *acrescenta esta reflexão;* **ista innumerabilia,** *estes casos inúmeros;* **omnia perpeti,** *sofrer todos os tormentos;* **qui haec vituperare volunt,** *aqueles que querem censurar o presente estado de cousas;* **quae sunt in eo congesta,**

as acusações acumuladas contra ele, **ad cetera addiderunt,** *às demais acusações acrescentaram;* **multa in eo viro praeclara cognovi,** *belíssimos dotes conheci naquele varão,* etc.

Hannibal peto pacem.

354. — Nas frases: *eu sou aquele que; tu fostes o único que; os Romanos foram os primeiros que,* o latim abrevia omitindo a *proposição relativa:* **ego unus; Romani primi,** etc., p. ex.: *a Sicília foi a primeira que os Romanos reduziram à forma de província,* **Siciliam primam Romani in provinciae formam redegerunt;** *sou eu Aníbal, que peço a paz,* **Hannibal peto pacem.**

CAPITULO VII

SINTAXE DO VERBO

VOZES — MODOS — TEMPOS

§ I

VOZES

355. — O verbo, quanto à sua significação, pode ser *transitivo, intransitivo* e *reflexivo.*

a) Verbo *transitivo* é aquele que indica uma ação que passa diretamente do sujeito, que a pratica, para o objeto, que a recebe. A esse objeto dá-se o nome de *complemento objetivo, complemento direto* ou, como hoje se diz, *objeto direto* (cf. n. 80, a, *1*, pág. 85; n. 176, 177, *a*, pág. 184).

b) Verbo *intransitivo* é aquele que indica um estado ou qualidade do sujeito ou ainda uma ação que do sujeito, que a pratica, não passa diretamente para objeto algum. As idéias accessórias que esclarecem melhor o estado, qualidade ou ação do verbo, exprimem-se por meio de *complementos indiretos, circunstanciais* ou, como hoje chamam, *adjuntos adverbiais,* p. ex.: **praesum exercitui,** *estou à frente do exército;* **in urbem venio,** *vou à cidade* (cf. n. 80, a, *1*, pág. 83; n. 176, pág. 184).

c) Verbo *reflexivo* é aquele que exprime uma ação que volta ao sujeito que a pratica, e exprime-se mediante os pronomes, *me, te, se, nos, vos: divirto-me, exercito-me,* etc. (cf. n. 80, a, *2*, obs., pág. 85).

Appellĕre (navem) ad insŭlam.

356. — *a)* O verbo transitivo figura, às vezes, sem objeto direto, porque este facilmente se subentende; o que acontece particularmente com os verbos que se referem a cousas de marinha ou guerra, p. ex.:

Ducĕre ad=ducere (exercitum) ad, *aproximar-se com o exército de...*

Educĕre ex = educere (**exercitum**) **ex**, *sair com o exército de...*

Movēre ab = movere (**castra**) **ab**, *levantar o acampamento de...*

Tendĕre = tendere (**tabernaculum**), *acampar, estar em campo.*

Appellĕre ad insulam = appellere (**navem**) **ad insŭlam**, *aportar à ilha.*

Solvĕre ab = solvere (**navem**) **ab**, *zarpar de...*

Conscendĕre = conscendere (**navem**), *embarcar...*

Trajicĕre ad = trajicere (**copias**) **ad**, *passar a, passar com o exército a...*

b) Assim diz-se **intellĕgo** (**rem-res**) *ter bom juízo, ter bom gosto;* **praecidĕre** (**rem-argumentum**), *atalhar* (*falando*)*;* **paucis absolvĕre** (**rem-argumentum**), *dizer em poucas palavras, resumir;* **alte** ou **longius repetĕre** (**rem-argumentum**), *começar do princípio,* etc.

Non erubesco Evangelium.

357. — Vice-versa; alguns intransitivos usam-se, às vezes, como transitivos. Tais são:

a) Vários verbos que indicam um sentimento da alma: **lugeo, doleo, erubesco, gemo,** etc., p. ex.: **lugēre mortem patris,** *chorar a morte do pai;* **non erubesco Evangelium,** *não tenho vergonha de professar o Evangelho* (cf. n. 249, pág. 218).

b) Os verbos **sitio,** *tenho sede;* **oleo, redoleo,** *saber a, ter cheiro de,* etc., p. ex.: **sitīre sanguinem alicujus,** *ter sede do sangue de alguem* (cf. n. 251, pág. 219).

c) Certos verbos aos quais se acrescenta como objeto direto um substantivo da mesma raiz ou da mesma significação chamado *acusativo do objeto interno*: **vivĕre vitam, somniare somnium,** etc. (cf. n. 251, pág. 219).

Me exerceo in venando.

358. — A ação reflexiva exprime-se em latim:

a) Com o verbo passivo: *mudar-se,* **mutari**; *exercitar-se,* **exercēri**; *expandir-se,* **effundi**; *recomendar-se,* **commendari**; *acrescentar-se,* **augēri,** etc. (cf. n. 80, a, *2,* obs., pág. 85).

b) Com a voz ativa e os pronomes: **me, te, se, nos, vos,** quando se quer dar maior destaque à ação, p. ex.: **me libris delecto,** *divirto-me com os livros;* **me exerceo in venando** ou **in venando exerceor,** *exercito-me na caça.*

Opinionibus vulgi rapĭmur in errorem.

359. — Em português para melhor se determinar as modalidades de alguma ação, recorre-se muitas vezes aos verbos *querer,*

poder, saber, ousar, dever e outros semelhantes, os quais em latim, as mais das vezes, se omitem e se chamam por essa razão **fraseológicos**, p. ex.: *vejo-me constrangido*, **cogor**; *devo confessar*, **fateor**; *não posso suportar*, **non fero**; *não quero negar*, **non infitior**; *muitas vezes nos deixamos arrastar ao erro pelas opiniões do vulgo*, **saepe opinionibus vulgi rapĭmur in errorem.**

Vergilius imitatus est carmina Homeri.

360. — Vários são os modos de suprir a voz passiva nos verbos que não a têm:

a) Mudando a frase ou recorrendo a uma circunlocução p. ex.: a voz passiva de **admiror** pode-se suprir com a expressão: **admirationem alicujus concitare** ou **movēre; in admiratione esse alicujus; alicui admirationi esse.** Diga-se o mesmo de **obliviscor, odi, aggredior,** etc.:

Passivo de **obliviscor = oblivione obrŭi; in oblivione jacēre; in oblivionem addūci;**
» *de* **odi = odio esse alicui; in odium alicujus incidĕre;**
» *de* **aggredior = oppugnari, peti, impetus fit in...**
» *de* **fruor = percĭpi, collĭgi; magna voluptas percipitur;**
» *de* **utor = usurpari,** etc. (cf. n. 294, *c*, observação, *1*, pág. 237)

b) Mudando a construção passiva para a voz ativa, p. ex.: *os poemas de Homero foram imitados por Vergílio = Vergílio imitou os poemas de Homero*, **Homeri carmĭna Vergilius imitatus est.**

c) Os verbos depoentes conservam a significação passiva no *gerundivo* (= particípio futuro passivo) e alguns tambem no particípio perfeito juntamente com a significação ativa: **comitatus** *acompanhado;* **confessus**, *confessado;* **contestatus**, *provado;* **populatus**, *devastado;* **meditatus**, *pensado, meditado;* **mensus, dimensus**, *medido;* **adeptus**, *adquirido;* **expertus**, *experimentado;* **ementītus**, *simulado;* **partītus**, *dividido*, etc. Estes particípios, porem, não se podem unir aos tempos do verbo **sum** e formar um verdadeiro tempo passivo: não se pode dizer: **ager depopulatus est a Caesare**, *o campo foi devastado por Cesar*, mas: **Caesar depopulatus est agrum**, *Cesar devastou o campo* (cf. n. 110, *a* — *I*; *c*, obs., pág. 110).

Id fieri nequit.

361. — *a)* Os verbos **debeo, incipio, possum, queo, nequeo** e **soleo** chamam-se *auxiliares* ou *servis* porque geralmente se acham unidos a outros verbos e estão como ao seu serviço. — A respeito de tais verbos cumpre observar que eles nunca se apassivam: apassiva-se tão somente o infinito que os segue, p. ex.: *o livro pode-se ler*, **liber potest legi**; *isto não se pode fazer*, **id fiĕri nequit.**

b) Se o infinito for um verbo depoente ou intransitivo, os quais não se podem apassivar, convem converter a frase de passiva em ativa, p. ex.: *o exemplo começou a ser seguido por muitas cidades,* **plures civitates exemplum sequi coeperunt.**

Res in senatu agitari coepta est.

362. — *a*) Em lugar dos perfeitos **coepi** e **desĭi** usam-se, na prosa clássica, as formas passivas **coeptus sum, desĭtus sum,** se o infinito que segue é de *forma* e *significado* passivo, p. ex.: *a cidade começou a ser edificada,* **urbs aedificari coepta est** (melhor que **coepit**); *a causa começou a discutir-se no senado,* **res in senatu agitari coepta est**; *começaram a ser edificados os muros da cidade,* **meonia urbis aedificari coepta sunt.**

b) Se o infinito for dependente ou só de forma passiva, mas de significado intransitivo ou reflexo, como **augēri,** *crescer;* **commovēri,** *comover-se;* **movēri,** *mover-se;* **vidēri,** *parecer;* **duci, habēri** no significado de *valer, ser estimado,* **coepi** e **desĭno** conservam sua forma ativa, p. ex.: *o monte começou a mover-se,* **mons moveri coepit**; *o monte cessou de mover-se,* **mons moveri desĭit**; *Mário começou a ser mais estimado,* **Marius major habēri coepit.**

Nero matrem suam necavit.

363. — A voz ativa indica muitas vezes não só o que se faz diretamente, mas tambem o que se faz por meio de outrem; chama-se então *ativa causativa,* p. ex.: **anŭlum sibi fecit,** *mandou que lhe fizessem um anel;* **Nero matrem suam necavit,** *Nero mandou matar sua mãe.*

§ II

MODOS

INDICATIVO

Possum sexcenta decreta proferre.

364. — Com as expressões que significam *poder, dever, conveniência, necessidade* o latim usa regularmente o **indicativo,** ao passo que em português se usa o condicional para exprimir uma cousa que não se fez ou não se fará, poderia ou teria podido fazer-se.

a) Em lugar do *condicional presente* português nas expressões *poderia, deveria, seria necessário, oportuno, desejavel, melhor, justo,* emprega-se o *indicativo presente,* p. ex.: **possum, debeo; licet, oportet, decet; aequum, melius, fas, utile, facile, par, satis, satius, longum, necesse, consentaneum, optabilius, tuum est,** etc., mais comumente quando se omite a condição, às vezes,

tambem com a condição expressa, mas, neste último caso, quase sempre com uma negação, p. ex.: *precisaria partir*, **abeundum est**; *seria desejavel*, **optandum est**; *seria muito longo*, **longum est**; *seria muito dificil*, **difficile est**; *poderia, deveria, conviria*, **possum, debeo, decet**; *poderia citar uma infinidade de decretos*, **possum sexcenta decreta proferre**; *seria demasiado longo recordar todas as vitórias de Cesar*, **longum est omnes victorias Caesaris memorare**; **si velim numerare omnes, nonne possum?** *Se quisesse contá-los todos, talvez não o poderia?* (cf. n. 478, observação *3*).

b) Em lugar do *condicional passado* português com os mesmos verbos e nas mesmas frases emprega-se um tempo histórico: *imperfeito, perfeito* e *mais que perfeito* tanto com a condição expressa, como com a condição oculta, p. ex.: *teria podido*, **poteram, potui, potueram**; *teria sido preciso*, **oportebat, oportuit, oportuerat**; *teria sido melhor*, **melius (satius) erat, fuit, fuerat**; *não se deveria ter empreendido a guerra*, **non suscipi bellum oportuit**; *Temístocles não suportou a injúria da pátria como teria devido*, **Themistocles injuriam patriae non tulit ut debuit**; **perturbationes animi poteram** (*teria podido e poderia ainda*) **morbos appellare**; **deleri potuit** (*ter-se-ia podido destruir*) **exercitus, si quis aggrĕdi ausus esset** (cf. n. 479, observação *1*).

Observações.— *1*) Note-se a diferença entre **dicere poteram** (**debebam**, etc.), *teria podido falar* (e ainda agora poderia fazê-lo) e **dicere potui** ou **potueram** (**debui, debueram**, etc.,) *teria podido falar* (e não o posso mais).

2) Tambem com os verbos que indicam *crer*, quais ,por exemplo, **credo, puto, arbĭtror, opīnor** e análogos, especialmente se precedidos de negação, usa-se em latim o imperfeito ou o mais que perfeito do indicativo em lugar do condicional passado português, p. ex.: *não teria julgado*, **non arbitrabar, non sperabam, nunquam putavi**; *não teria pensado que tu fosses de animo tão inconstante para comigo e para com os meus*, **te tam mobili in me meosque esse animo non sperabam.**

Quisquis es.

365. — O latim usa o indicativo ao passo que em português se usa o subjuntivo:

a) com os pronomes, conjunções, advérbios compostos mediante a repetição da mesma palavra ou com o acréscimo do sufixo **cumque**: **quisquis, quidquid, quoquo, utut, quicumque, ubicumque, quocumque, quotienscumque, quantuluscumque**, p. ex.: *quem quer que sejas*, **quisquis es**; *sejam quantos forem*, **quotquot sunt**; *para onde quer que vás*, **quocumque contendis** (cf. n. 474, *d*).

b) Nas proposições disjuntivas com **sive... sive**, *quer... quer*, p. ex.: *virá a hora da morte, quer tu resistas, quer a apresses*, **veniet tempus mortis, sive retractabis, sive properabis.**

Observação. — Mas se as proposições precedidas de **sive... sive** ou dos pronomes ou advérbios da letra *a* deste mesmo número formarem parte integrante de proposições construidas com o subjuntivo ou com o acusativo e o infinito ou com o simples infinito, exigem seus verbos no modo subjuntivo, p. ex.: **quidquid**

agis, age pro viribus, mas dir-se-á: **decet, quidquid agas, agere pro viribus**, *qualquer cousa que se faça, é preciso fazê-la conforme as forças;* **Midas petiit ut, quidquid tetigisset, aurum fiĕret**, *Midas pediu que qualquer cousa que ele tivesse tocado se tornasse ouro;* **Sol Phaëtonti filio se facturum esse dixit quidquid optasset**, *o Sol disse a seu filho Faetonte que teria feito qualquer cousa que ele tivesse desejado.* Mas dir-se-á: **Caesar Helvetios in fines suos, unde erant profecti, reverti jussit**, *Cesar mandou que os Helvécios voltassem para seu território, donde haviam partido*, porque **unde erant profecti** é uma simples observação do escritor, a qual se póde eliminar sem alterar o sentido da frase, (cf. n. 474, *d*, observação).

c) Usa-se o perfeito do indicativo com os advérbios **paene, prope** e **vix**, *quasi*, p. ex.: **Brutum non minus amo quam tu, paene dixi quam te**, *amo a Bruto não menos que tu o amas, diria quasi não menos do que amo a ti;* **prope oblitus sum quod maxime fuit scribendum**, *quasi me esquecia do que deveria ter escrito em primeiro lugar.*

SUBJUNTIVO

366. — O latim emprega o subjuntivo nas orações independentes:

1) Para indicar possibilidade: *subjuntivo potencial ou de possibilidade.*
2) Para indicar desejo: *subjuntivo optativo.*
3) Para indicar dúvida: *subjuntivo dubitativo-interrogativo.*
4) Para indicar exortação: *subjuntivo exortativo.*
5) Para indicar concessão: *subjuntivo concessivo.*

1) Subjuntivo potencial

Dixerit quispiam.

367. — *a*) O **subjuntivo potencial** usa-se no **presente** e no **perfeito**, quase com o mesmo valor, para significar um fato possivel enquanto se fala. Toma às vezes a forma interrogativa e nós o traduzimos em português pelo *futuro imperfeito* ou pelo *condicional presente*, p. ex.: **quis dubitet?** *quem duvidará, quem poderia duvidar?* **dixerit quispiam**, *alguem dirá, alguem poderia dizer;* **roges me**, *perguntar-me-ás, poder-me-ias perguntar;* **non paucos invenias qui sic censeant**, *não encontrarás poucos que pensem assim;* **quis haec neget?** *quem negará isto?* **non negem, non negaverim**, *não poderia negar;* **potius dixerim**, *diria antes;* **censeam**, *julgaria;* **quis de hac re dubitaverit?** *quem duvidaria disto?* **nemo dixerit**, *ninguem diria* ou *dirá.*

A negação é **non** ou **haud: non ausim tibi promittere istud**, *não me atreveria a prometer-te isto;* **haud facile dixeris utrum magis presserit M. Porcium Catonem nobilĭtas, an ille agitaverit nobilitatem**, *não poderias facilmente dizer se a nobreza mais perseguisse a Catão ou se ele mais inquietasse a nobreza.*

b) O **imperfeito** emprega-se para indicar que o fato foi possivel no passado, mas que atualmente já não o é; nós o traduzimos em português pelo *condicional presente*: **diceres,** *terias dito;* **cerneres,** *terias visto;* **crederes,** *terias crido;* **quis putaret?** *quem teria crido?* **putaresne?** *terias jamais crido?*

Hoc sine ulla dubitatione confirmaverim.

368. — O *subjuntivo potencial* (presente ou perfeito) é usado frequentemente para afirmar ou negar modestamente uma cousa, p. ex.: **censeam,** *julgaria, ousaria julgar;* **dixerim,** *diria, ousaria dizer;* **ausim,** (cf. n. 106, *e*, pág. 106), *ousaria;* **hoc sine ulla dubitatione confirmaverim,** *afirmaria isto sem nenhuma dúvida;* **paene dicam,** *quase diria.*

Observação. — Note-se o uso do subjuntivo potencial precedido de **forsitan** ou **fortasse**, que corresponde à nossa expressão: *talvez, pode ser que...*, p. ex.: **forsitam quaeratis, qui iste terror sit et quae tanta formido,** *pode ser que vós me pergunteis...;* **forsitan aliquis aliquando ejusmodi quidpiam fecerit,** *pode ser que alguem uma vez tenha feito qualquer cousa igual, talvez alguem terá feito uma vez...;* **mirum fortasse hoc vobis aut incredibile videatur,** *pode ser que isto vos pareça extraordinário ou incrivel.*

2) **Subjuntivo optativo**

Utinam erraverim.

369. — O **subjuntivo optativo** emprega-se só ou acompanhado das partículas **utinam, o, si** = *Deus queira, queira Deus* ou *prouvera a Deus, oxalá, tomara!* A negação exprime-se com **ne, utinam ne** e tambem **utinam nunquam, utinam nec.**

a) Usado no **presente** ou no **perfeito** indica um desejo ou cousa que pode realizar-se atualmente ou pode realizar-se no passado:

Utinam te servem = *oxalá eu te salve* (e posso salvar-te).
Utinam te servaverim = *oxalá te tivesse salvado* (e eu podia ter-te salvado).

Mais exemplos: **vincat utilitas reipublicae,** *vença a utilidade do estado;* **utinam erraverim,** *oxalá tivesse errado* (e desejava ter errado).

Observação. — Assim tambem **velim, nolim, malim,** indicam cousa ou ação que se julga possivel: **velim redeas,** *quisera que tu voltasses* (é possivel que tu voltes); **velim redieris,** *quisera que tu tivesse voltado* (é possivel que tu tenhas voltado); **velim mihi ignoscas,** *quisera que me perdoasses;* **nolim animo cedas,** *não quisera que cedesses à ira.*

b) Com o **imperfeito** e **mais que perfeito** indica-se desejo, cousa ou ação que não se espera que aconteça no presente ou se sabe não ter acontecido no passado:

Utinam te servarem *prouvera a Deus que eu te salvasse,* (mas sei que não posso salvar-te).

Utinam te servavissem = *prouvera a Deus que eu te tivesse salvado* (mas sei que não te salvei).

Mais exemplos: **utinam esses diligens,** *oh se fosses diligente* (*mas não o espero da tua mandriice*); **utinam ne peccasses,** *prouvera a Deus que não tivesses errado* (mas erraste infelizmente).

Observação. — Igualmente **vellem, nollem, mallem** indicam ação ou cousa que não se julga possivel: **vellem redires,** *quisera que tu voltasses* (mas sei que não podes voltar); **vellem redisses,** *quisera que tu tivesses voltado* (mas sei que tu não voltaste); **vellem adesset Socrates,** *quisera que estivesse presente Sócrates* (mas não é possivel).

c) O subjuntivo optativo usa-se muitas vezes nas imprecações e nos votos de felicidade, p. ex.: **sollicitat, ita vivam, me tua valetudo,** *assim eu viva como é verdade que me interesso pela tua saude;* **ne sim vivus, si aliter loquor ac sentio,** *possa eu morrer, se falo de modo diverso do que sinto.*

3) Subjuntivo dubitativo-interrogativo

Quo fugiam?

370. — O **subjuntivo dubitativo-interrogativo** é o que exprime em forma interrogativa a dúvida, a incerteza do sujeito sobre o que deve fazer. Para o *tempo presente* usa-se o **presente do subjuntivo,** para o *tempo passado* o **imperfeito** (nunca o mais que perfeito) do **subjuntivo.** A negação é a que nega um só termo da proposição, isto é, **non,** p. ex.: **quid faciam?** *que fazer?* **quid facerem?** *que deveria ter feito?* **quo me nunc vertam?** *para onde me hei de voltar?* **quo fugiam?** *para onde hei de fugir?* **hunc ego non dilĭgam, non admirer, non omni ratione defendendum putem?** *não deveria amá-lo, admirá-lo, crer que se deva defender por todos os meios?* **cur ego non laeter?** *porque não deveria alegrar-me?*

Observações. — *1*) Este subjuntivo é tambem frequente nas frases que exprimem maravilha e desdem, p. ex.: **te non corrĭgam?** *talvez não te deverei corrigir?* **an tu impune sic agas?** *talvez farás tu isto impunemente?*

2) Pertencem ao subjuntivo dubitativo as formas retóricas: **quid dicam de..., quid loquar de..., quid commemŏrem virtutes ejus?**

4) Subjuntivo exortativo

Fugiamus improborum familiaritates.

371. — O **subjuntivo exortativo** é aquele com que se exortam os outros a fazer uma cousa. Usa-se só no **presente** e supre o *imperativo* na *terceira pessoa* do *singular* e *plural* e na *primeira* do *plural.*

Observação. — Usa-se às vezes na segunda pessoa do singular quando, mais que uma ordem, se dá conselho, p. ex.: **feras quod vitare non potes,** *suporta o que não podes evitar;* **cautus sis, fili mi,** *sê cauto, meu filho.*

A sua negação é **ne**, e, se a negação continuar numa outra proposição, usa-se **neve**, p. ex.: **eamus, amici**, *vamo-nos, amigos;* **fugiamus improborum familiaritātes**, *fujamos da companhia dos perversos;* **ab amicis ne inhonesta petamus**, *aos amigos não peçamos cousas deshonestas;* **suum quisque noscat ingenium**, *conheça cada qual o próprio carater;* **secēdant improbi**, *afastem-se os perversos;* **donis impii ne placare audeant deos**, *não se atrevam os ímpios a aplacar os deuses com dons;* **ne difficilia optemus, neve inania consectemur**, *não desejemos cousas dificeis, nem corramos atrás de cousas vãs;* mas se a primeira proposição for afirmativa, pode-se encontrar **neque** na segunda, p. ex.: **teneamus eum cursum... neque** (ou **neve**) **audiamus...**

5) **Subjuntivo concessivo**

Sit fur, sit sacrilegus, at est bonus imperator.

372. — *a*) O **subjuntivo concessivo** é o que se emprega para significar que se concede ou admite uma cousa. Se a concessão diz respeito ao *presente*, exprime-se com o **presente**, se diz respeito ao *passado*, exprime-se com o **perfeito**. A negação é **ne**, às vezes **ut** seguido de um verbo de significado negativo: **sit fur, sit sacrilegus, at est tamen bonus imperator**, *seja embora um ladrão, seja embora um sacrílego, mas é um bom capitão;* **fuerint cupidi, fuerint irati, fuerint pertinaces, sceleris vero crimine, furoris, parricidii caruerunt**, *tenham sido embora cubiçosos, iracundos, obstinados, mas poupe-se-lhes a acusação de crime, de furor e de alta traição;* **ne sit sane summum malum dolor, malum certe est**, *concedamos que a dor não seja o maior dos males, contudo é um mal.*

b) Frequentes vezes o verbo é precedido de uma conjunção concessiva, especialmente de **licet**, *se bem que, conquanto* ou vai unido com o advérbio **sane**, p. ex.: **sit hoc pulchrum sane, at utile non est**, *seja embora isto certamente bonito, mas não é util.*

IMPERATIVO

373. — O *imperativo* é o modo do mandado. — O mandado pode ser *afirmativo* ou *negativo*, p. ex.: *manda-me o livro; não me toques.*

a) O **mandado afirmativo** exprime-se com o **presente**, se a cousa *deve ser executada já*, p. ex.: *cuida de ti e passa bem*, **cura te et vale**; *honrai este homem, imitai seu valor*, **vos colīte hunc virum, imitamini virtutem.**

b) Com o **futuro** se a cousa deve ser feita *após algum tempo ou habitualmente;* por isso emprega-se especialmente nas disposições legais e testamentárias, nos tratados e nas normas gerais, p. ex.: **ignoscīto saepe alteri, nunquam tibi**, *perdoa muitas vezes aos outros, a ti nunca;* **salus populi suprema lex esto**, *a salvação do povo deve ser a lei suprema;* **regio imperio duo**

sunto iique consules appellamino (=**appellantor**, cf. n. 106 *d*, pág. 106), *haja dois com autoridade régia, chamem-me cônsules;* **populus romanus bonorum meorum heres esto,** *o povo romano seja herdeiro dos meus domínios;* **servus meus Stichus liber esto,** *meu escravo Estico seja forro.*

Usa-se tambem o imperativo futuro quando o mandado está em correlação com um tempo ou conceito futuro, p. ex.: **cras ad me venitote** (não **venite**); **rem tibi exponam, ipse judicato** (não **judica**).

Observações. — *1*) **Scire** e **meminisse** têm só o imperativo futuro: **scito, scitote; memento, mementote** (cf. n. 104, *e*, pág. 106).

2) Atenua-se o imperativo com **amabo, amabo te, quaeso, oro, obsĕcro, sis** (=**si vis**), **sultis** (**si vultis**), **sodes** (=**si audes**), p. ex.: **cura, amabo te, Ciceronem,** *cuida, por favor, de Cícero;* **quaeso, crebro ad me scribe,** *escreve-me amiude, peço-te* (cf. n. 152, *b, c,* pág. 162).

3) Reforça-se o imperativo com **modo; age, agĭte** (cf. verbo n. 57, observação, pág. 122; n. 152, *b*, pág, 162); **agĕdum,** *eia, vamos,* p. ex.: **age, da veniam filio,** *eia, vamos, perdoa ao filho;* **vide modo,** *eia, vê;* **itĕra modo eădem ista mihi,** *vamos, repete-me estas mesmas cousas.*

Ne dixeris. — Noli dicere.

374. — **O mandado negativo,** expresso em *segunda pessoa* determinada, traduz-se de diversos modos:

a) Por **ne** ou outras negações compostas: **nihil, nemo, nullus, nunquam, nusquam,** e a *segunda pessoa* (singular ou plural) do **perfeito** do **subjuntivo**; raramente se emprega o presente do mesmo modo, p. ex.: **ne dixeris,** *não digas;* **nihil timueritis,** *não tenhais medo algum;* **ne alteri feceris quod tibi fieri non vis,** *não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.* — **In re rustica ne parcas,** *na agricultura não poupes teu trabalho.*

O mandado negativo de **terceira pessoa** (singular ou plural) e de *primeira* plural se traduz sempre com o *presente do subjuntivo,* p. ex.: **nemo timeat,** *ninguem receie;* **ne id faciamus,** *não façamos isto* (cf. n. 371, pág. 269).

b) Por **noli, nolite,** *não queiras, não queirais,* seguido de um infinito, p. ex.: **noli hoc facere,** *não queiras fazer isto=não faças isto;* **nolite hoc facere,** *não queirais fazer isto=não façais isto;* **noli me tangere,** *não me toques;* **nolite quemquam laedere,** *não ofendais a ninguem.*

c) Por **cave, cavete,** *guarda-te, guardai-vos* (menos bem: **cave ne, cavete ne**) com o subjuntivo segunda pessoa do presente ou perfeito, p. ex.: **cave credas** ou **credideris,** *guarda-te de crer, não creias;* **cave scribas** ou **scripseris,** *não escrevas* (**cave ut scribas,** *guarda-te de não escrever=escreve*); **cave festīnes,** *guarda-te de te apressar, não te apresses;* **cave hoc facias,** *guarda-te de fazer isto, não faças isto;* **cave respondĕris,** *guarda-te de responder, não respondas.*

d) Por **fac ne** (plural **facite ne**) e **vide ne** com o subjuntivo segunda pessoa do presente: **vide ne cadas,** *guada-te de cair, não caias;* **fac ne quid aliud cures hoc tempore,** *neste tempo não cuides de outra cousa.*

e — *I*) O **ne** com o imperativo presente quase que exclusivamense se encontra na poesia e nos escritores arcaicos, p. ex.: **nimium ne crede colori,** *não acredites muito nas aparências.*

II) Encontra-se o **ne** com o imperativo futuro, segunda e terceira pessoa, nos textos das leis, nos tratados e nas exortações gerais, p. ex.: **nocturna sacrificia ne sunto,** *não se façam sacrifícios de noite;* **Borea flante, ne arato,** *não ares quando sopra o vento norte.*

Observação. — Se o mandado negativo continuar numa segunda proposição, a união faz-se por meio de **neve** ou **neu** (não **neque**), p. ex.: **hominem mortuum in urbe ne sepelīto, neve urĭto,** *o cadaver não deve ser enterrado nem queimado na cidade.*

Mas se a primeira proposição for afirmativa e a segunda negativa, a união faz-se com **neque** ou **nec** (rar. **neve** ou **neu**), p. ex.: **crede ne dubitaveris,** *crê e não duvides.*

ESQUEMA COMPARATIVO DO SUBJUNTIVO EXORTATIVO (n. 371) E IMPERATIVO PRESENTE (n. 373)

a) Forma afirmativa

lege (legas)	*lê*
legat	*leia*
legamus	*leamos*
legite	*lede*
legant	*leiam*

b) Forma negativa

ne legeris (perf. subj.) ou **noli legere** ou **cave legas, legĕris** ou **fac ne legas** ou **vide ne legas**	*não leias,*
ne legat	*não leia*
ne legamus	*não leamos,*
ne legeritis (perf. subj.) ou **nolite legere** ou **cavete legatis, legerĭtis** ou **facite ne legatis.**	*não leais,*
ne legant	*não leiam.*

INFINITO

Infinito subjetivo e objetivo

Turpe est mentiri — Cupio discere.

375. — O *infinito,* o *supino,* o *particípio,* o *gerúndio* e o *gerundivo* chamam-se *nomes verbais,* porque participam da natureza do verbo e da do substantivo. O *infinito,* o *gerúndio* e o *supino* participam da do substantivo; o *particípio* e o *gerundivo* da do adjetivo.

O **infinito** faz as vezes *a*) de **sujeito** e *b*) de **objeto.**

a — *I*) Faz as vezes de *sujeito* com as formas **est, erat, fuit,** etc. do verbo esse unidas com um substantivo ou com um adjetivo neutro, p. ex.: **turpe est, honestum est, sapientis est,**

mos est, fortis animi est, satius est, *é melhor*, p. ex.: **virtus est vitium fugere = fuga vitii est virtus**, *é virtude fugir do vício;* **turpe est mentiri**, *é feio mentir.*

II) Mais frequentemente com os verbos impessoais **pudet, piget, paenĭtet, taedet, decet; opus est, necesse est, oportet, praestat, juvat, delectat, placet, libet, licet, intĕrest, refert, nihil attĭnet, quid attĭnet? fugit me, videtur mihi**, etc., p. ex.: **oratorem irasci minime decet = ira oratorem minime decet**, *não convem ao orador irar-se;* **me pudet hoc dicere**, *envergonho-me de dizer isto.*

Observação. — Se o infinito sujeito for o verbo **esse, fieri, videri, dici, vocari, cognosci**, etc. (cf. nominativo, n. 236, pág. 213) exige o seu predicado em caso acusativo, p. ex.: **non esse cupidum pecunia est; fortem, justum, beneficum, liberalem dici hae sunt regiae laudes**, *ser proclamado forte, justo, benéfico, liberal, são estes elogios dignos de um rei;* **Mario consulem fieri valde utile videbatur**, *a Mário parecia muito util ser feito consul* (cf. n. 376, observação, *1*, pág. 273).

b) Faz as vezes de **objeto** depois dos verbos de sentido incompleto (*verbos servís*) **possum, queo, nequeo, debeo, soleo, volo, nolo, malo, cupio, studeo, conor, enitor, contendo, desĭno, desisto, incipio, coepi, festino, propĕro, cogĭto, scio, nescio, doceo, disco, memĭni, obliviscor, pergo, statuo, constituo, medĭtor, paro, timeo** e **metuo** (com o sentido de *não se atrever*, **timeo dicere**), **assuesco, assuefacio, assuefio, fastidio, horreo, recuso**, etc., e depois das frases **habeo in animo** (= **cogĭto**), **consilium capio** ou **ineo, animum induco**, *eu me persuado, eu me resolvo*, p. ex.: **incipio studere, studere** é o objeto = **studium; cupio discĕre = cupio doctrinam; ille solebat dicere...; coepi flere; possum plurima exempla proferre**, *posso apresentar muitos exemplos;* **non vis haec fateri**, *não queres confessar isto.*

Observações. — *1*) Se o infinito objeto for um verbo que exige dois nominativos, p. ex.: **esse, fieri, videri, vocari, cognosci**, etc. (cf. Nominativo, n. 237, pág. 213), o seu predicado vai para o nominativo, p. ex.: **volo manere bonus**, *quero permanecer bom.*

2) Depois de alguns destes verbos encontra-se tambem outra construção com **ut** ou **ne** e o subjuntivo, como se verá no estudo das proposições objetivas: *Construções do acusativo com o infinito nas proposições objetivas*, n. 379, pág. 276 e mais propriamente os números 381, pág. 277; 382, pág. 278.

Natureza das proposições subjetivas.

376. — *Proposições subjetivas* são as proposições que servem de sujeito a uma proposição. Estas proposições têm às vezes o seu sujeito e outras não.

a) Exemplos de proposições subjetivas *sem sujeito: é agradavel e decoroso morrer pela pátria; é loucura confiar na furtuna; é próprio do sábio mudar de parecer; é riqueza não ser cubiçoso; a Mário parecia muito util ser feito consul*, em que *morrer pela pátria, confiar na fortuna, mudar de parecer, não ser cubiçoso, ser feito consul* desempenham o papel de **sujeito** e chamam-se **proposições subjetivas.**

b) Exemplos de orações subjetivas que têm *seu sujeito*: *é humano que o vencedor poupe os vencidos; consta que Roma foi fundada por Rômulo; é preciso que a república seja salva* em que as proposições subjetivas *que o vencedor poupe os vencidos, que a república seja salva, que Roma foi fundada por Rômulo* veem acompanhadas respetivamente de seus sujeitos *o vencedor, Roma, a república.*

Na língua latina todas estas proposições (tanto as da letra *a* como as da letra *b*) têm sempre o seu verbo no modo *infinito* — e em *acusativo* o *sujeito* (letra *b*) *e tudo o que deve concordar com o sujeito* por ser predicado ou complemento predicativo (letra *a*, prop. 4 e 5 — letra *b*, prop. 3), p. ex.:

letra a) *1* — **Dulce et decorum est pro patria** *mori*
2 — **Fortunā** *confidĕre* **stultum est**
3 — **Sapientis est** *mutare* **consilium**
4 — **Non** *esse cupidum* **pecunia est**
5 — **Mario** *consulem fieri* **valde utile videbatur**

letra b) *1* — *Victorem parcere* **victis aequum est.**
2 — *Romam* **a Romulo** *condĭtam esse* **constat.**
3 — **Expĕdit** *salvam esse rempublicam.*

Observações. — *1*) A construção das proposições da letra *a* que exige o verbo no modo infinito e em acusativo o seu predicado ou complemento predicativo obedece aos princípios expostos no n. 375, *a*, observação, pág. 272.

2) A construção das proposições da letra *b* que exige em **acusativo** o seu **sujeito, predicado** ou **complemento predicativo** e o verbo no modo **infinito** chama-se construção do **acusativo com o infinito.**

CONSTRUÇÃO DO ACUSATIVO COM O INFINITO NAS PROPOSIÇÕES SUBJETIVAS

Romam a Romulo conditam esse constat.

377. — A construção do *acusativo com o infinito* usa-se nas *proposições subjetivas*:

a) Depois dos verbos impessoais: **oportet, opus est, necesse est, licet, elūcet, appāret, convĕnit, expĕdit, decet, dedĕcet, intĕrest, refert, paenĭtet, taedet, constat, conducit, prodest,** etc., p. ex.: **Romam a Romulo condĭtam esse constat,** *consta que Roma foi fundada por Rômulo.*

Observações. — *1*) Depois de **necesse est** e **oportet** pode-se tambem usar o subjuntivo sem **ut**, p. ex.: **virtuti studeamus oportet,** *é necessário aplicar-se à virtude,* em lugar de **oportet nos virtuti studere**; mas, se estes verbos estiverem no infinito, serão seguidos regularmente pelo infinito, p. ex.: **dico necesse esse hanc legem valere,** *é necessário que esta lei se cumpra* — Com **necesse est** se encontra tambem o dativo com o infinito, p. ex.: **homini necesse est mori,** *é necessário ao homem morrer* (= *é necessário que o homem morra,* e depois de **intĕrest** e **refert** tambem **ut** ou **ne** com o subjuntivo (cf. n. 277, *a*, pág. 231).

2) Com **licet**, a pessoa vai ordinariamente para o dativo, p.ex.: **mihi licet hoc facere,** *é-me lícito fazer isto,* raramente **licet me hoc facere,** e o predicado, se houver, vai tambem para o dativo, p. ex.: **tibi quieto esse licet,** raramente

em acusativo **tibi quietum** esse **licet**, *a ti é permitido ficar tranquilo*. Se, porem, a pessoa for indeterminada, vai sempre para o acusativo, p. ex.: **haec praescripta servantem licet magnifice animoseque vivere**, *a quem observa estes preceitos é concedido viver honrosa e tranquilamente*. Tambem com **necesse est** o predicado acha-se no dativo, p. ex.: **vobis necesse est fortibus viris esse**, *a vós é necessário ser homens fortes* (*= é necessário que vós sejais homens fortes*) (*Lívio*).

b) Depois das seguintes expressões formadas com o verbo esse acompanhado de substantivos e adjetivos neutros: **utile, pulchrum, perspicŭum, verisimile, consentaneum, honestum, verum, aequum est; facile, difficile, indignum est; fit jure** (**= justum est**); **fas, nefas, facĭnus, scelus, est; fama, opinio, spes, mos, tempus est**, etc., p. ex.: **difficile est regem omnia suis oculis videre**, *é difícil que um rei possa ver tudo com os seus próprios olhos*.

Observação. — Com alguns dos modos impessoais formados com um adjetivo neutro e com esse, encontra-se, uma vez ou outra, o subjuntivo com **ut**; deve-se, porem, preferir a construção do infinito com o acusativo (cf. n. 403, pág. 291; n. 461, *a*, observação).

c) Depois dos **verba sentiendi** e **declarandi** usados passivamente; **intellegitur, perspicitur, nuntiatum est, putandum est, memoriae prodĭtum est**, p. ex.: **traditum est Homerum caecum fuisse**, *diz-se que Homero era cego* (cf. n. 241, pág. 215).

Natureza das proposições objetivas.

378. — *Proposições objetivas* são as proposições dependentes que servem de objeto direto a algum verbo principal.

Estas proposições constam às vezes:

a) de um *simples infinito*, p. ex.:
Posso *citar* muitíssimos exemplos = **possum plurima exempla** *proferre*.
Desejo *aprender* = **cupio** *discere*.
Sabes *vencer*, ó Anibal, mas não sabes *aproveitar* da vitória = *vincere* **scis, Annibal, victoria** *uti* **nescis**.

Observação. — A construção destas proposições obedece aos princípios expostos no n. 375, *b*, pág. 272.

b) Outras vezes, porem, as proposições objetivas *constam de toda uma proposição com o seu sujeito e verbo*. Isto acontece quando na principal, que rege a objetiva, se encontra um verbo que indica *ver, dizer, declarar, saber, sentir, pensar, demonstrar, provar, responder, querer*, etc., p. ex.:

eu digo que *este menino estuda*,
eu afirmo que *os meus alunos estudaram*,
creio que *Pedro virá*,

em que os sujeitos *este menino* — *meus alunos* — *Pedro* vão para o caso **acusativo** e os verbos *estuda, estudaram, virá* para o **infinito**

(construção do **acusativo com o infinito**) presente, perfeito ou futuro de acordo com o número 384, pág. 280:

> **ego dico** *hunc discipulum studere,*
> **ego affirmo** *discipulos meos studuisse,*
> **credo** *Petrum venturum esse.*

c) Se o verbo da proposição objetiva não for predicativo, como **studeo = sum studens,** mas **esse** seguido de predicado nominal, adjetivo ou substantivo, este predicado nominal vai tambem para o acusativo, devido aos princípios gerais da concordância, p. ex.: indep. — **hic liber est utilis** = dep. objetiva: **omnes affirmant hunc librum esse utilem,** *todos asseveram que este livro é util.*

Observações. — *1*) Nesta construção deve-se absolutamente evitar qualquer confusão entre o sujeito da proposição infinitiva e o objeto do mesmo verbo que está no infinito, o que facilmente se alcança mudando a frase de ativa em passiva, p. ex.: *digo que tu podes vencer os inimigos,* se traduzirá: **aio hostes a te vinci posse** e não **aio te hostes vincere posse,** em que se pode tambem entender que os inimigos podem vencer a ti.

2) O verbo esse com o particípio futuro passivo na construção do acusativo com o infinito vai para o infinito, p. ex.: *eu sei que tu deves ler esse livro,* **scio tibi hunc librum legendum** esse (cf. n. 398, *c,* regra **2**, observação, pág. 287).

3) Nas exclamações ou interrogações de *maravilha* ou de *desdem* usa-se qualquer tempo do infinito em forma aparentemente independente. Nesta construção tanto o sujeito como o predicado nominal vão para o acusativo, p. ex.: *te* (ou *tene*) **tam** *neglegentem esse* (*fuisse*)! *que sejas* (*que tenhas sido*) *tão negligente!* **Me miserum,** *te* **in tantas aerumnas propter me** *incidisse! Infeliz de mim que por minha causa encontraste tantos dissabores!*

CONSTRUÇÃO DO ACUSATIVO COM O INFINITO NAS PROPOSIÇÕES OBJETIVAS

Scio Petrum flere.

379. — A construção do *acusativo com o infinito* usa-se nas *proposições objetivas*:

a — *I*) Depois dos **verba sentiendi,** isto é, depois dos verbos que exprimem *ouvir, observar, pensar, crer, saber, chegar a saber, conhecer,* p. ex.: **audio, sentio, animadverto, video, puto, credo, cogĭto, duco, existĭmo, opīnor; accipio, comperio; cognosco, intellĕgo, suspĭcor, spero, scio, nescio, ignoro, memĭni, recordor, obliviscor,** etc.

II) Depois dos **verba declarandi,** isto é, dos que indicam *dizer, afirmar, responder, anunciar, demonstrar, provar,* etc., p. ex.: **dico, nego, affirmo, respondeo, scribo, declaro, conclamo, narro, memoriae prodo, certiorem facio, nuntio, edīco, doceo, minor, promitto,** etc.

P. ex.: (verba sentiendi) —*Creio que tu és* (*foste, serás*) *bom,* **credo te esse (fuisse, futurum esse) bonum;** *sentimos que o fogo é quente, que a neve é branca, doce o mel,* **sentimus ignem calēre, nivem esse albam, dulce mel;** *sei que Pedro chora,* **scio Petrum flere.**

(Verba declarandi) — *Ensina Aristóteles que nunca existiu o poeta Orfeu,* **Orpheum poëtam docet Aristitotĕles nunquam fuisse**; *Demócrito disse que existem mundos inúmeros,* **Democrĭtus dixit innumerabiles esse mundos.**

b) Depois dos **verba voluntatis : volo, nolo, malo, cupio, studeo ; jubeo, veto, prohibeo ; sino, patior ; statuo, decerno, constituo ; concedo, permitto ; flagĭto, postŭlo, posco, opto ; cogo** e semelhantes.

P. ex.: *quero que passeis bem,* **volo vos valere;** *Sila quis ser incinerado depois de sua morte,* **Sulla se cremari post mortem voluit;** *Cesar proibia aos embaixadores que se afastassem,* **legatos Caesar discedere vetabat;** *deixai que os meninos venham a mim,* **sinĭte parvulos venire ad me.**

c) Depois dos **verba affectuum : gaudeo,** *gozo;* **laetor**, *alegro-me;* **doleo,** *aflijo-me, lastimo;* **miror, admīror,** *admiro-me,* **indignor,** *indigno-me;* **queror,** *queixo-me;* **succenseo,** *irrito-me* **aegre, (moleste, gravĭter, indigne) fero,** *levo a mal, indigno-me;* **glorĭor,** *glorio-me;* **gratŭlor,** *congratulo-me;* **gratias ago,** *dou graças;* **gratiam habeo,** *conservo gratidão,* etc.

P. ex.: *admiro-me que tu nada me escrevas,* **miror te ad me nihil scribere ;** *Os Belgas levavam a mal que o exército do povo romano passasse o inverno e envelhecesse na Gália,* **Belgae populi romani exercitum hiemare atque inveterascere in Gallia moleste ferebant.**

O sujeito da proposição objetiva

Fateor me erravisse.

380. — *a*) O sujeito da proposição objetiva vem sempre expresso, ainda quando é idêntico ao do verbo da proposição principal. A identidade do sujeito da proposição objetiva da terceira pessoa com o da principal se exprime com o pronome reflexivo **se,** tanto para o singular como para o plural, p. ex.: *confesso que errei,* **fateor me erravisse.** *Cesar julga ser (ter sido, que será) feliz,* **Caesar credit se beatum esse (fuisse, fore).**

b) A omissão dos pronomes pessoais é frequente, especialmente nos historiadores, com o infinito do futuro ativo quando as proposições principal e objetiva têm o mesmo sujeito, p. ex.: **refracturos carcerem minabantur,** em lugar de: **se refracturos esse,** *ameaçavam de abrir a prisão com a força.*

Observações sobre alguns *verba sentiendi e declarandi*

381. — *a*) Os verba declarandi: **dico, nuntio, moneo, scribo, respondeo,** e em geral os verbos que exprimem *dizer, avisar, responder,* quando significam *exortar, mandar,* se constroem com **ut, uti** ou **ne** e o subjuntivo, p. ex.: *escreví aos discípulos que voltassem (=exortando a que voltassem) para a cidade,* **discipulis scripsi ut in urbem redirent;** *Antônio escreveu de próprio punho a Ático que não temesse e que imediatamente se lhe apresentasse,* **Antonius sua manu Attico scripsit ne timeret, sed quam primum ad se veniret;** *a pitonisa respondeu aos Atenienses que se defendessem com muros de madeira,* **Atheniensibus Pythia respondit ut moenibus ligneis se munirent** (cf.. n. 453, *b, IV*).

b) **Memini e memoriā teneo** *lembro-me, recordo-me, recordo,* usam quase sempre o *infinito presente,* tambem quando se trata de acontecimentos passados,

se a pessoa que recorda foi autor ou testemunha da cousa, diversamente o *infinito passado*, p. ex.: **memini patrem tuum haec mihi narrare,** *recordo-me que teu pai me contava estas cousas;* **memoria teneo Marium se paludibus abdidisse,** *lembro-me que Mário se ocultou nos brejos.*

c) Se a oração infinitiva for regida de verbos que significam *esperar, prometer, ameaçar, jurar, fazer votos,* p. ex.: **spero, spem habeo, spes me tenet, confido, promitto, polliceor, profiteor, minor (minĭtor), voveo, juro,** etc., usa-se o infinito futuro ou o infinito presente precedido de **posse,** quando a ação se refere ao futuro, p. ex.: *espero que amanhã poderei voltar,* **spero me cras rediturum esse ou redire posse;** *Cesar ameaçou destruir a cidade,* **Caesar minatus est se urbem deleturum;** *eu prometo vir,* **ego polliceor me venturum.**

Observação. — **Spero** emprega-se frequentemente com o significado de *penso, creio, estou convencido* e então constrói-se regularmente com o infinito presente ou perfeito: *espero que tu estás já bom,* **spero te jam bene valēre;** *ele estava convencido de que tinha falado admiravelmente,* **mirifice sperabat se esse locutum.**

d) Alguns verbos constroem-se tanto com o *acusativo* e o *infinito* como com o *subjuntivo* precedido de **ut** (ou **ne**), mas com sentido diverso, p. ex.:

I) **Suadeo, persuadeo** = *convenço* (que uma cousa é ou não é) com o *infinito* e o *acusativo*, p. ex.: **persuade tibi hoc verum esse,** *convence-te de que isto é verdade.* Com o sentido de *induzo* (a fazer ou a não fazer uma cousa) com **ut** (ou **ne**) e o *subjuntivo*, p. ex.: **ille mihi persuasit ut hoc facerem,** *ele me induziu a fazer isto.*

II) **Censeo** = *penso, creio* (que uma cousa é ou não é) com o *infinito* e o *acusativo*, p. ex.: **Aristoteles omnia moveri censet,** *Aristóteles pensa que tudo se move;* com o sentido de *proponho, decreto* com **ut** (ou **ne**) e o *subjuntivo*, se o *verbo* dependente for *ativo*, p. ex.: **senatus censuit ut Caesar Aeduos defenderet,** *o senado decretou que Cesar defendesse os E'duos;* com o *acusativo* e o *infinito do participio futuro passivo.*(**-dus**) quando for *passivo*, p. ex.: **Cato censebat Carthaginem esse delendam,** *Catão aconselhava a que se destruisse Cartago.*

III) **Placeo** = *agrado*, com o *infinito* e o *acusativo*, p. ex.: *agrada-me que tu estudes,* **mihi placet te studere;** com o sentido *de parecer bem, oportuno* com **ut** (ou **ne**) e o *subjuntivo*, p. ex.: **placuit senatui ut bellum indiceretur,** *pareceu bem ao senado que se declarasse a guerra,* ou tambem pode-se usar o *simples infinito*, p. ex.: **praemitti quattuor milia armatorum ad loca opportuna praeoccupanda consuli placuit,** *pareceu oportuno ao consul mandar adiante quatro mil soldados que se apoderassem antecipadamente das posições expostas (a um ataque inimigo).*

IV) **Moneo, admoneo** = *recordo, digo, faço menção, advirto* (que uma cousa é ou não é) com o *infinito* e o *acusativo*, p. ex.: **Caesar monuit victoriam in equitum virtute constare,** *Cesar recordou que a vitória dependia do valor dos cavaleiros;* com o sentido de *exorto, aconselho* (a fazer ou a não fazer uma cousa) com **ut** (ou **ne**) e o *subjuntivo*, p. ex.: **ille me monuit ne hoc facerem,** *ele me exortou a que não fizesse isto.*

V) **Auctor tibi sum ut** (ou **ne**) = *eu te aconselho;* **auctor sum** com o *acusativo* e o *infinito* = *narro, conto, afirmo,* p. ex.: **mihi ut absim vehementer auctor est,** *ele me aconselha quanto mais pode a ficar longe;* **sunt qui male pugnatum a consulibus auctores sunt,** *há alguns que narram que se combateu cobardemente pelos cônsules.*

e) **Certiorem facere aliquem ut** (ou **ne**) = *admoesto, exorto alguem a fazer ou a não fazer uma cousa;* **certiorem facio** com o *acusativo* e o *infinito* = *faço saber a alguem* que uma cousa é ou não é. A esta lista devem-se acrescentar mais alguns outros poucos.

Observações sobre alguns *verba voluntatis*.

382. — *a*) Com os verbos **volo, nolo, malo, studeo,** se o sujeito da proposição dependente for diverso do da principal, usa-se o acusativo com o infinito, p. ex.: **cupio te Vergilium legere,** *desejo que tu leias Vergílio;* mas, se o sujeito for igual, usa-se em regra o simples infinito: **cupio Vergilium legere,** *desejo ler*

Vergílio. Contudo tambem neste caso se pode usar o acusativo com o infinito se o verbo da proposição dependente for passivo ou esse ou **videri** com um predicado, p. ex.: **sapientem eivem me et esse et numerari volo** (cf. n. 237, observação, pág. 213).

b) Para dar maior força frequentes vezes com os **verba voluntatis** usa-se o infinito perfeito passivo (em lugar do presente), imaginando como já realizada a ação que deles depende, p. ex.: **hoc factum** (esse) **volo,** *quero que se faça isto;* **te monitum** (esse) **velim,** *quisera avisar-te.*

A forma infinitiva esse ordinariamente se omite.

c) Depois de **volo, nolo, malo** encontra-se tambem o subjuntivo sem **ut,** especialmente depois das fórmulas **velim, malim, vellem, mallem,** etc., p. ex.: *quisera que me acreditasses,* **mihi credas velim;** *quisera que me respondesses,* **velim mihi respondeas** e tambem **velim (malim) ut mihi respondeas,** mas não se dirá: *nolim ut mihi respondeas.*

d) **Jubeo** e **veto** querem o infinito com o acusativo da pessoa à qual se proibe ou se ordena: *Cesar ordenou aos soldados que consertassem a ponte,* **Cesar jussit milites pontem reficĕre;** *ordeno-te que partas,* **jubeo te abire;** *Cesar proibiu aos soldados que partissem,* **Caesar vetuit milites discedĕre.**

Se não for expressa a pessoa a quem se manda ou proibe, o verbo dependente vai para o infinito passivo, salvo casos em que facilmente se pode subentender: *Pompeu proibiu que se fortificasse o acampamento,* **Pompeius vetuit castra muniri;** *Nero mandou matar sua mãe,* **Nero matrem suam necari jussit;** *Cesar mandou cortar a ponte,* **Caesar jussit pontem rescindi.** — **Caesar castra munire jussit** (subentendido **milites**).

Na voz passiva **jubeo** e **veto** constroem-se pessoalmente com o nominativo e o infinito, p. ex.: *mandou-se aos cônsules que partissem para a província,* **consules jussi sunt in provinciam discedĕre;** *proibiu-se aos Nolanos que se aproximassem dos muros=os Nolanos foram proibidos de se aproximar dos muros,* **Nolani vetĭti sunt moenia adire** (cf. n. 239, pág. 214).

e) Tambem os verbos **sino** e **patior,** *permito, deixo,* na voz ativa se constroem como **jubeo** e **veto,** p. ex.: *os teus cantos não me deixam dormir,* **dormire me non sinunt cantus tui.**—Se não for expressa a pessoa a que se permite fazer uma cousa, o verbo vai para o infinito passivo, p. ex.: **Augustus dominum se appellari non passus est,** *Augusto não permitiu que o chamassem de senhor.* A respeito da construção de **sinor** passivo cf. n. 239, pág. 214.

f) Os verbos **statuo, constituo, decerno,** com o sentido de *estabeleço, resolvo, decreto, decido,* constroem-se:

I) Com o simples infinito se o sujeito desses verbos for igual ao do verbo dependente, p. ex.: **cum statuissem scribere ad te aliquid,** *tendo tomado a deliberação de escrever-te alguma cousa;* **Scaevola in Tusculanum ire constituit,** *Cévola resolveu ir à quinta de Túsculo.* Neste mesmo caso raramente se constroem com **ut** e o subjuntivo, p. ex.: **constituĕram ut in Arpinati manerem,** *resolvera ficar em Arpino.*

II) Se o sujeito da dependente for diverso do da principal em regra se constroem com **ut** ou **ne** e o subjuntivo, p. ex.: **senatus decrevit ut consul videret ne quid respublica detrimenti caperet,** *o senado decretou que o consul fizesse por evitar que a república sofresse prejuizo.*

III) Note-se, porem, que se ao verbo dependente vai unida a idéia do *dever* ou da *necessidade* o mesmo verbo dependente se traduz pelo gerundivo, p. ex.: **Caesar statuit sibi Rhenum esse transeundum,** *Cesar decidiu-se a passar o Reno* (*porque viu a necessidade deste movimento*).

g) Depois de **concedo, permitto,** *permito fazer alguma cousa,* encontra-se, alem do infinito **concedo tibi abire,** *permito que partas,* tambem o subjuntivo com **ut,** p. ex.: **concedo ut hoc facias,** *permito que faças isto;* mas depois de **concedo** com a significação de *admito, consinto* que uma cousa é ou não é, usa-se sempre o acusativo com o infinito, p. ex.: **concedo non esse miseros, qui mortui sunt,** *admito que não são infelizes os que morreram.*

h) Depois de **flagĭto, postŭlo, poseo** e **opto** usa-se frequentes vezes o subjuntivo com **ut,** raramente com **cogo,** *constranjo, obrigo* (cf. n. 453, *b*, *II*).

Observações sobre os *verba affectuum*

383. — *a*) Depois dos **verba affectuum** encontra-se tambem a conjunção causal **quod** com o indicativo ou subjuntivo. Usa-se a construção do acusativo com o infinito quando se quer indicar que a ação e o estado expresso pelo verbo dependente se considera como objeto direto do verbo principal, p. ex.: **gaudeo te bene valere,** *folgo que passes bem;* usa-se a construção com **quod,** quando se quer que sobressaia a causa pela qual se agitam os vários sentimentos da alma: **gaudeo quod vales,** *estou contente porque tu passas bem* (cf. n. 446, 447).

b) **Glorior,** na boa prosa latina, encontra-se com o acusativo e o infinito; ao passo que com **gratŭlor, gratias ago** e **gratiam habeo** prefere-se a construção com **quod.**

TEMPOS DO INFINITO

384. — O **infinito** latino tem só três tempos: *presente, perfeito, futuro.*

O **presente** indica um fato contemporâneo ao que o tempo da principal exprime, p. ex.: **credo te scribere, credebam te scribere; credo a te historiam legi, credebam a te historiam legi.**

O **perfeito** indica um fato anterior ao que o tempo da principal exprime, p. ex.: **credo eum scripisse, credo a te historiam lectam esse, credebam a te historiam lectam esse.**

O **futuro** indica um fato posterior ao que o tempo da principal exprime, p. ex.: **credo eum scripturum esse** (ou **credo fore ut ille scribat,** cf. n. 385, *a, I,* pág. 280), **credebam eum scripturum esse** (ou **credebam fore ut ille scriberet,** cf. n. 385, *a, I,* pág. 280).

Observações. — *1*) Em latim usa-se sempre o perfeito do infinito quando na proposição dependente se indica um acontecimento já passado com relação à principal, ao passo que em português se encontra um imperfeito com valor de mais que perfeito, p. ex.: *Cornélio Nepos deixou escrito que Aristides estava presente* (imperfeito com o valor de mais que perfeito) *na batalha de Salamina,* **Cornelius scriptum reliquit Aristidem interfuisse** (não *interesse*) **proelio navali apud Salaminam;** *muitos escritores relataram que o rei assistia à batalha,* **multi scriptores tradiderunt regem in proelio adfuisse.**

2) Note-se enfim que, tratando-se de futuros passivos, precisará distinguir a possibilidade da necessidade de fazer uma cousa; pelo que, por exemplo: *creio que as minhas cartas serão lidas por ti* (possibilidade) traduzir-se-á: **credo litteras meas a te lectum iri** *ou* **credo fore ut litterae meae a te legantur,** mas a expressão: *creio que as minhas cartas deverão ser lidas por ti* (necessidade) traduzir-s-á: **credo litteras meas a te legendas esse.**

COMO SE SUPRE EM LATIM O INFINITO FUTURO

385. — *a*) Como se supre o *futuro imperfeito português* ou *condicional presente,* p. ex.: *creio que ele escreverá, pensava que ele viria.*

I) Em lugar do infinito futuro ativo encontra-se muitas vezes a circunlocução **fore ut** ou **futurum esse ut** (**ut non** nas proposições negativas) com o *subjuntivo presente* depois de um presente ou futuro, com o *subjuntivo imperfeito* depois de um tempo passado

na proposição principal, p. ex.: em lugar de **credo eum scripturum esse** e **credebam eum venturum esse** pode-se dizer: **credo fore ut ille scribat, credebam fore ut ille veniret,** *creio que ele escreverá, pensava que ele viria.*

II) Esta construção é **obrigatória** com os verbos que não têm supino (**disco, posco, timeo, paenĭtet,** etc.), p. ex.: *espero que te arrependerás da tua falta,* **spero fore ut te culpae paeniteat;** *esperava que te arrependesses da tua falta,* **sperabam fore ut te culpae paeniteret.**

III) O **infinito futuro passivo** supre-se ordinariamente com esta circumlocução, p. ex.: *espero que os inimigos serão vencidos,* **spero hostes victum iri** ou melhor **spero fore ut hostes vincantur.**

Observação. — **Posse, nolle, velle, malle** empregam-se sem perífrase com a significação de futuro, p. ex.: *esperam poder assenhorear-se do domínio da Gália,* **Galliae imperio se potiri posse sperant.**

b) Como se traduz o *futuro perfeito português* ou *condicional passado* na mesma dependência, p. ex.: *penso que esta tarde terás escrito, pensei que esta tarde terias escrito.*

Neste caso, em lugar do infinito futuro, tanto na voz ativa como na passiva, recorre-se ao circunlóquio **futurum esse** ou **fore ut (non)** com o *subjuntivo perfeito* depois de um presente ou futuro, com o *subjuntivo mais que perfeito* depois de um tempo passado, p. ex.: **credo fore vesperi ut epistulam scripseris...,** *que esta tarde terás escrito* — **credidi fore vesperi ut epistulam scripsisses...,** *que esta tarde terias escrito* — **Spero fore ut sanitatem cras recuperaveris,** *espero que amanhã terás recuperado a saude;* **spero fore ut meae litterae a te acceptae fuerint,** *espero que as minhas cartas terão sido recebidas por ti.*

Mas, com os verbos passivos e depoentes, em lugar deste circunlóquio, é mais usado o *particípio perfeito* com **fore,** p. ex.: **credo epistulam vesperi scriptam fore...,** *que esta tarde terá sido escrita...* **credidi epistulam vesperi scriptam fore...,** *que esta tarde teria sido escrita;* **credo me satis adeptum fore...,** *que eu terei alcançado* — **credidi me satis adeptum fore...,** *que eu teria alcançado.* **Spero te cras sanitatem adeptum fore,** *espero que amanhã terás alcançado a saude.*

APENDICE AO INFINITO

I

Rediit infecta re.

386. — A partícula *sem* seguida de um infinito exprime-se em latim:

a) Com locuções formadas de substantivos, p. ex.: *despedi-o sem o repreender,* **dimisi eum sine objurgatione;** *sem se cansar,* **sine labore;** *sem combater,* **sine vulnere.**

b) Com locuções formadas de uma negação (**non, neque, nihil, nunquam, ne... quidem, nullus** etc.) e de um particípio, presente ou perfeito, que pode ser também um ablativo absoluto, ou de adjetivos, p. ex.: *os Romanos mandaram auxílios sem ser rogados*, **Romani non rogati opem tulerunt**; *dos animais só nós bebemos sem ter sede*, **soli animalium non sitientes bibimus**; *voltou sem nada ter concluído*, **rediit infecta re**; *partiu sem que Cesar nada soubesse*, **profectus est Caesare inscĭo.**

Assim se diz:

me nolente, *sem eu querer, contra a minha vontade,*
causa incognita, *sem conhecimento da causa;*
indicta causa, *sem instaurar processo;*
salvo officio, *sem faltar ao próprio dever;*
salva fide, *sem violar a palavra dada;*
salvis legibus, *sem violar as leis;*
salva republica, *sem que a república corra perigo.*

c) Muitas vezes recorre-se a adjetivos ou particípios com significação negativa: **incognitus, inscĭus, ignarus, imparatus, necopinans, tacitus**, p. ex.: **pueri saepe aliquid judicarunt ignari**, *os meninos muitas vezes julgam alguma cousa sem dela nada saber.*

d) Com uma proposição unida à precedente com **neque, nec, neque tamen, et... non**, p. ex.: *muitos louvam os oradores e poetas sem os entenderem*, **multi probant oratores et poëtas neque intellĕgunt**; *partiu sem ver o amigo*, **abiit nec vidit amicum.**

e) Com proposições subordinadas e especialmente consecutivas regidas de **ut non**; **qui, quae, quod non**; **quin**; **nisi**, depois de uma proposição negativa, **cum non (nihil**, etc.), p. ex.: *Cesar não sitiou cidade sem a tomar*, **Caesar nullam obsēdit urbem quam non ceperit**; *nunca me aproximo de ti, sem partir mais sábio*, **nunquam accedo, quin abs te abeam doctior**; *nada pode acontecer sem que preceda uma causa*, **nihil potest evenire nisi causa antecedat**; *Cesar partiu de Gergóvia sem a ter tomado*, **Caesar Gergovia, cum urbem non cepisset, profectus est**; *não deixei passar dia algum sem te escrever alguma cousa*, **nullum adhuc intermisi diem quin aliquid ad te litterarum darem**; *foi embora sem ter dito nada*, **abiit cum nihil dixisset** (cf. n. 421, *b*, pág. 308).

II

Naves aedificandas curavit.

387. — O verbo *mandar* ou *fazer* seguido de um infinito português traduz-se em latim:

a) Com o simples verbo *causativo*: *Cesar mandou lançar uma ponte sobre o Reno*, **Caesar pontem in Rheno fecit**; *Cimão mandou sepultar à sua custa muitos pobres*, **Cimon complures pauperes mortuos suo sumptu extŭlit** (cf. n. 363, pág. 265).

b) Com o verbo **jubeo** e o infinito: *Cesar fez voltar as legiões para o acampamento*, **Caesar legiones ad castra reverti jussit**; *Fabrício mandou deter e reconduzir o médico a Pirro*, **Fabricius medicum comprehendi atque ad Pyrrhum redūci jussit** (cf. n. 382, *d*, pág. 278).

c) Com o verbo **curo** e o gerundivo: *Cesar fez construir o maior número possível de naus*, **Caesar quam plurimas naves aedificandas curavit**; *Aníbal mandou sepultar o corpo de Marcelo*, **Hannibal Marcelli corpus sepeliendum curavit.** (cf. n. 404, pág. 293).

d) Com **facio ut, efficio ut**, se o verbo *fazer* tomar o significado de *fazer de modo que, fazer com que*, etc.: *o sol faz florescer tudo*, **sol effĭcit ut omnia floreant**; *a cortesia e a afabilidade no falar tornam-nos queridos de todos*, **comĭtas et affabilĭtas sermonis efficit ut omnibus cari simus**; *se houver alguma novidade, faze com que eu a saiba*, **si quid erit novi, fac ut sciam.**

e) Às vezes *fazer* significa *constranger, induzir alguem a fazer uma cousa;* neste caso traduz-se com **cogo** e o infinito ou com **impello ut** e o subjuntivo: *os Romanos faziam recuar os inimigos;* **Romani hostes loco cedere cogebant.**

f) Quando se fala de escritores que a alguma personagem fazem dizer esta ou aquela cousa, o verbo *fazer* se traduz com **facio** ou **induco** com o particípio do verbo dependente: *Homero faz falar Polifemo com um carneiro,* **Homerus Polyphemum cum ariĕte colloquentem facit.**

g) Outras vezes recorre-se a outros modos mais ou menos equivalentes à forma portuguesa, p. ex.:

A tua carta faz-me pensar, **epistula tua me sollicitum reddit.**
Faz-me temer, **mihi metum injĭcit, affert, addūcit.**
Faz-me encolerizar, **mihi stomachum movet.**
Faz-me rir, **mihi risum movet, excĭtat.**
Faz-me chorar, **mihi fletum movet, addūcit.**

PARTICIPIO

388. — O **particípio** tem as propriedades de *adjetivo* e de *verbo* (adjetivo verbal). Como adjetivo concorda em *gênero, número* e *caso* com o substantivo, como verbo rege *o seu caso*. Para bem compreender as várias espécies de particípios e as suas diversas significações, é necessário distinguir os verbos segundo o *valor* em **transitivos** e **intransitivos** e segundo a *forma* em **ativos, passivos e depoentes.**

Estabelecida esta distinção, no esquema a seguir, ver-se-á *quais* e *quantos* particípios têm respectivamente o verbo **transitivo** e **intransitivo.**

I. — Verbo transitivo

O verbo transitivo ativo tem:

a) o *part. pres.* (ação que continua)	*legens* (lendo; o que lê; o que lia).
b) o *part. fut.* (ação que alguem quer ou está para fazer)	*lecturus* (havendo *ou* tendo de ler; o que há, havia, houver de ler; para ler).

O verbo transitivo passivo tem:

a) o *particípio perfeito* (ação passada)	*lectus* (lido; tendo sido lido).
b) o *particípio fut.* (necessidade)	*legendus* (havendo *ou* tendo de ser lido).

O verbo transitivo depoente tem:

a) o *particípio presente*	*imĭtans* (imitando, o que imita, o que imitava).
b) o *particípio perfeito* com significação ativa.	*imitatus* (tendo imitado).
c) o *particípio futuro ativo*	*imitaturus* (havendo *ou* tendo de imitar; o que há, havia, houver de imitar; para imitar).
d) o *particípio futuro passivo*	*imitandus* (que deve ser imitado).

2. — Verbo intransitivo.

O verbo intransitivo ativo tem:

a) o *particípio presente*	*veniens* (vindo, o que vem, o que vinha).
b) o *particípio futuro*	*venturus* (havendo *ou* tendo de vir; o que há, havia, houver de vir; para vir).

O **verbo intransitivo depoente** tem:

a) o *particípio presente* — *nascens* (nascendo, o que nasce, etc).
b) o *particípio perfeito* com significação intransitiva. — *natus* (tendo nascido).
c) o *particípio futuro* — *nasciturus* (havendo ou tendo de nascer, etc.).

Deste quadro resulta:

1) Que o *particípio presente* de qualquer verbo latino corresponde ao particípio presente português ou frases que lhe correspondem no valor e exprime um *acontecimento incompleto, contemporaneo* ao fato que exprime o verbo da proposição principal, p. ex.: *indico o caminho a quem erra* (=*ao errante*), **monstro viam erranti.** — *Indiquei o caminho a quem errava* (=*ao errante*), **monstravi viam erranti.** — *Indicarei o caminho a quem errar* (=*ao errante*), **monstrabo viam erranti; ridens dico, dixi, dicebam, dicam,** etc.

2) O *particípio perfeito*: a) Se for de um *verbo transitivo passivo* indica uma ação em que o sujeito foi o paciente no passado, p. ex.: **liber lectus,** *livro que foi lido.*

b) Se for de um *verbo depoente transitivo,* exprime uma ação transitiva realizada no passado: **imitatus,** *que imitou.*

c) Se for de um *verbo depoente intransitivo,* exprime uma ação intransitiva no passado: **egressus,** *que saiu, saido,* ou um estado: **mortuus,** *morto.*

3) O *particípio futuro ativo* (**urus, ura, urum**) de qualquer verbo não só indica a iminência de uma ação, como tambem a intenção de realizá-la, p. ex.: *os inimigos se aproximam para assaltar a cidade,* **hostes appropinquant urbem oppugnaturi;** *estou para* (*tenho intenção de*) *admoestar o filho,* **sum moniturus filium;** *proponho escrever a guerra que o povo romano fez contra Jugurta,* **bellum scripturus sum, quod populus romanus cum Jugurtha rege Numidorum gessit.**

Note-se ainda que na prosa clássica é raríssima o uso do particípio futuro não acompanhado das formas do verbo **sum.** Na prosa post-clássica é frequente o uso do particípio futuro sem as formas do verbo **sum** para indicar escopo ou fim p. ex.: **Galli venerunt castra oppugnaturi.**

O *particípio futuro passivo* indica a necessidade ou possibilidade de fazer a ação, p. ex.: **scribendus,** *a escrever-se, que deve ser escrito.*

Dionysius tyrannus cultros metuens (=quia metuebat).

389. — O particípio serve para exprimir, mais brevemente do que com o auxílio das conjunções, as diversas circunstâncias de tempo, de causa, de condição, etc., e pode-se verter em português por uma proposição causal, temporal, concessiva, condicional, modal:

a) **Causal,** quando supre uma proposição causal, p. ex.: **Dionysius tyrannus, cultros metuens (=quia metuebat) tonsorios, candenti carbone sibi adurebat capillum,** *o tirano Dionísio, receando as lâminas cortantes de ferro* (=*navalhas*), *queimava os cabelos com brasa.*

b) **Temporal,** quando supre uma proposição temporal, p. ex.: **Dionysius tyrannus, Syracusis expulsus (=postquam expulsus erat), Corinthi pueros docebat,** *o tirano Dionísio, depois que foi expulso de Siracusa, ensinava em Corinto aos meninos.*

c) **Concessivo,** quando faz as vezes de uma proposição concessiva p. ex.: **risus interdum ita repente erumpit, ut cum cupientes (=quamvis cupiamus) retinere nequeamus,** *o riso às vezes estala tão repentinamente, que não podemos refreá-lo ainda que o queiramos.*

d) **Condicional**, p. ex.: **non potestis voluptate omnia dirigentes (=si dirigatis) aut tueri aut retinere virtutem,** *não podeis defender nem conservar a virtude, se dirigirdes pelo prazer toda vossa ação.*

e) **Modal**, p. ex.: **multi saepe humi jacentem inter custodias stationesque militum conspexerunt,** *muitos o viram jazer por terra entre as sentinelas e os corpos de guarda dos soldados.*

Observações. — *1*) Às vezes o particípio concessivo é precedido de **etsi, quamvis, quamquam** ou por qualquer outra partícula concessiva, mas este uso não é o dos melhores escritores.

2) Notem-se as expressões: **missum facere (=omittere ou curam alicujus rei deponere),** *descuidar, abandonar, deixar de um lado,* p. ex.: **missam facere iram, missum amorem, missos honores,** etc.

Post urbem condĭtam.

390. — Em lugar do substantivo verbal português, o latim usa ordinariamente uma expressão concreta formada com o particípio, p. ex.: *depois da fundação de Roma,* **post urbem condĭtam;** *depois do nascimento de Cristo,* **post Christum natum;** *após a expulsão dos reis,* **post expulsos reges;** *após a destruição de Cartago,* **post dirŭtam Carthaginem;** *Cipião foi mandado à conquista da Africa,* **Scipio missus est ad subigendam Africam;** *distinguir-se na interpretação de Cícero,* **interpretando Cicerone excellĕre.**

Vidi pueros ludentes.

391. — Os verbos que indicam *ver,* p. ex.: **aspicio, invenio, cerno, conspicio, animadverto** e **video,** quando indicam atenção ao estado em que se acha o objeto de que se fala, querem depois de si o particípio presente: *vi os meninos jogar,* (vi-os no ato de jogar) **vidi pueros ludentes;** *vi Catão assentar-se na biblioteca,* **vidi Catonem sedentem in bibliotheca;** *vi Pedro correr,* **vidi Petrum currentem.** Se indica simplesmente o fato em si e por si, querem o acusativo com o infinito presente, p. ex.: **video pueros ludere,** *vejo que os meninos jogam.*

Audivi te canentem.

392. — *a*) O verbo **audio** quando indica *percepção direta* quer depois de si o particípio presente, p. ex.: **audivi te canentem,** *ouví-te cantar.*

b) Se indica *percepção indireta* equivalente a *ouço dizer, ouví dizer,* quer o acusativo com o infinito, p. ex.: **audivi te canere,** *ouví dizer que tu cantas;* **audivi te fugisse,** *ouví dizer que tu fugiste.*

Observação. — Depois de **audio** usa-se o particípio presente quando o seu adjetivo é **dico** com a significação de arengar, p. ex.: **audivi Ciceronem in foro dicentem,** *ouví Cícero arengar no foro.*

Recte facta, acute responsa.

393. — O particípio perfeito é frequentemente usado como substantivo: **dictum, factum, responsum**, etc. Ora com estes particípios substantivados não se une o adjetivo, mas o advérbio; não se diz; **acuta responsa, recta facta**, mas **acute responsa, recte facta**, *respostas agudas, feitos ilustres.*

Hostes urbem captam tenent.

394. — E' próprio da língua latina usar o neutro do particípio perfeito, especialmente **cognitum, compertum, constitutum, deliberatum, exploratum, perceptum, perspectum, persuasum, scriptum, statutum, susceptum**, etc., em união predicativa com os verbos **habeo** e **teneo**, em lugar do simples *perfeito* ou *mais que perfeito* ativo para exprimir com maior energia a duração da ação do verbo, p. ex.: **hostes urbem captam tenent**, *os inimigos tomaram a cidade e a conservam;* **dux omnes copias in unum locum coactas habebat**, *o comandante recolhera todas as suas forças num só lugar e aí as conservava;* **compertum ego habeo, milites, verba virtutem non addere**, *conhecí (=bem sei), ó soldados, que as palavras não aumentam o valor.*

Periculum verĭtus consilio destĭtit.

395. — O particípio perfeito de muitos verbos depoentes tem valor de particípio presente. Tais particípios são: **ratus** *pensando;* **usus**, *servindo-se;* **gavisus**, *alegrando-se;* **arbitratus**, *julgando;* **ausus**, *atrevendo-se;* **diffisus**, *desconfiando;* **fisus**, *confiando;* **confisus**, *confiando;* **secūtus**, *seguindo;* **solĭtus**, *estando acostumado;* **verĭtus**, *temendo;* **complexus**, *abraçando*, p. ex.: **periculum verĭtus consilio destĭtit**, *temendo o perigo abandonou o intento;* **instituto meo usus, omnes dimīsi**, *seguindo o meu costume, despedí-os a todos.*

Chegado Cesar...; posto o sol.

396. — Em latim não há particípio perfeito ativo; para traduzí-lo do português para o latim recorre-se a uma circunlocução ou usa-se o particípio presente com uma pequena impropriedade de significação, p. ex.: *Cesar, tendo chegado, alcançou um magnífico triunfo*, **cum Caesar venisset, magnum triumphum egit**; *posto o sol, os inimigos retiraram-se*, **cum sol occidisset** ou **occidente sole, hostes in castra se receperunt.**

Urbem captam hostis diripuit.

397. — Quando em português ocorrem dois verbos coordenados, em latim substituir-se-á o primeiro pelo particípio concor-

dando com o sujeito ou com o complemento do segundo. Em português diz-se, p. ex.: *o inimigo tomou e saqueou a cidade,* e em latim: **urbem captam hostis diripuit;** *Aníbal atraiu Graco para uma emboscada e o destroçou,* **Hannibal Gracchum in insidias inductum sustŭlit;** *os grous procuram lugares mais quentes e passam o mar,* **grues loca calidiora petentes mare transmittunt.**

USO DO PARTICIPIO FUTURO PASSIVO (*)

Mihi historia legenda est.

398. — *a)* O partieípio futuro passivo é um adjetivo verbal de três desinêneias (*amandus, a, um*) e coneorda em *gênero, número* e *caso* com o nome a que se refere, e indica a obrigação moral que se tem, se tinha ou se terá de fazer uma cousa, p. ex.: **liber legendus,** *o livro por ler-se = o livro que deve ser lido;* **virtus amanda,** *virtude por amar-se = a virtude que deve ser amada,* etc.

b) Usa-se eom as formas do verbo esse e forma a conjugação *perifrástica passiva.* Cf. n. 117, B, pág. 116.

c) **Regra.** — 1) Se o verbo latino for *transitivo* e tiver um *sujeito* ou um *objeto* expresso, eonforme a construção *ativa* ou *passiva* da frase portuguesa, o nome da *pessoa* pela qual deve ser feita a ação vai para o **dativo;** a cousa que deve ser feita vai para o **nominativo** se o verbo for de modo finito, e o partieípio futuro passivo eoncorda em *gênero, número e caso* com este sujeito e o verbo **esse** em *número* e *pessoa,* p. ex.: *eu devo ler este livro = este livro deve ser lido por mim,* **mihi** (a pessoa pela qual deve ser feita a ação de ler) **hic liber** (a eousa que deve ser feita, e no caso lida) **legendus est;** *eu devo ler a história* ou *a história deve ser lida por mim* = **mihi historia legenda est.**

Observações. — *1)* O nome de *cousa,* porem, pela qual deve ou pode ser feita uma ação vai regularmente para o ablativo sem preposição, p. ex.: **ineuntis actatis inscitia senum regenda prudentiā est,** *a inexperiência da idade incipiente deve ser dirigida pela prudência dos velhos.*

2) Mas tambem nesta construção o nome da pessoa irá para o ablativo precedido de **a** ou **ab,** quando for impossivel distinguir o dativo agente de qualquer outro dativo da mesma proposição, p. ex.: *eu devo obedecer-te,* **a me parendum est tibi** e não **mihi parendum est tibi.**

2) Se o verbo latino for *intransitivo* (ativo ou depoente), ou *transitivo sem objeto expresso,* usa-se A) o partieípio futuro passivo eom a terminação em **-dum,** B) o verbo **esse** põe-se na *terceira pessoa* do singular sem alteração do tempo português e o complemento, se for expresso, vai para o easo que o verbo exige, p. ex.: **mihi currendum est,** *devo correr;* **omnibus moriendum est,** *todos devem morrer;* **tibi legendum est,** *tu deves ler;* **mihi studendum est grammaticae,** *devo estudar a gramática.*

(*) ou gerundivo.

Observação. — Nas proposições dependentes o verbo esse com o particípio futuro passivo vai para o infinito (construção do acusativo com o infinito — cf. n. 378, *c*, observação *2*, pág. 275) ou para o subjuntivo conforme a conjunção que o rege, p. ex.: *eu sei que tu deves ler este livro*, **scio tibi hunc librum legendum esse**; *não duvido que deves ler a história*, **non dubito quin tibi historia legenda sit.**

CORRESPONDENTE LATINO AO PARTICIPIO PORTUGUES

PARTICIPIO PRESENTE

Pueri, artes difficiles discentes, celeriter arripĭunt.

399. — O particípio presente ativo (*amando*) e o particípio presente passivo (*sendo amado*) podem-se traduzir em latim:

a) Pelo particípio presente: *os meninos, aprendendo artes difíceis, entendem-nas num momento*, **pueri, artes difficiles discentes, celeriter arripĭunt.**

b) Pelo *gerúndio oblativo* quando exprime o *modo* ou *meio*, p. ex.: *aprende-se errando*, **errando discitur**, (cf. n. 205, *b*, pág. 196; n. 401, *b*, *IV*, 1, pág. 289).

c) Pelo *subjuntivo presente* com **si, cum, licet**, etc., se o verbo da proposição principal é do *tempo principal* (presente ou futuro) pelo *subjuntivo imperfeito* com **si, cum, licet**,etc., se o verbo da proposição principal é de *tempo histórico* (imperfeito, perfeito, mais que perfeito), p. ex.: **pueri, cum artes difficiles discant, celeriter arripĭunt**; *os Pitagóricos, sendo interrogados acerca de algum porque* (*=quando se lhes perguntava o porque de alguma cousa*), *respondiam: disse-o ele. Ora este ele era Pitágoras*, **Pythagorēi, cum ex eis quaereretur quare ita esset, respondebant: Ipse dixit. Ipse autem erat Pythagoras**; *se lesses* (*lendo, com o ler*) *este livro muito aprenderias*, **si hunc librum legeres, multa disceres.**

Observações. — *1*) Às vezes o gerúndio presente pode-se traduzir em latim pelo *ablativo absoluto*, p. ex.: *durante o reinado* (*=reinando*) *Tarquínio Prisco, Pitágoras veio à Itália*, **regnante** (**=cum Tarquinius regnaret**), **Pythagoras in Italiam venit** (cf. n. 296, *c*, pág. 239).

2) Traduzindo-se o particípio presente passivo protuguês, dever-se-á necessariamente usar a construção do subjuntivo com **cum**, porque a voz passiva latina carece de particípio presente. **Amatus** não é particípio presente, mas particípio perfeito passivo.

PARTICIPIO PERFEITO

Dux, jacŭlo percussus, mortuus est.

400. — O particípio perfeito ativo (*tendo amado*) e o perfeito passivo (*tendo sido amado* ou simpl.: *amado*) podem-se traduzir:

a) Pelo particípio perfeito, p. ex.: *o capitão, atingido por um dardo, morreu*, **dux, jacŭlo percussus, mortuus est**; *o capitão*

tendo exortado os soldados, deu o sinal de combate, **dux, exhortatus** (o particípio perfeito dos verbos depoentes tem significação ativa) **milites, pugnae signum dedit.**

b) Por **cum** e o *perfeito* do *subjuntivo,* se o verbo da proposição principal for de tempo principal; com **cum** e o *mais que perfeito* do *subjuntivo,* se o verbo da proposição principal for de tempo histórico, p. ex.: **dux, cum hortatus esset milites, pugnae signum dedit**; *não tendo Flaco degenerado nunca dos seus antepassados, não temo o seu mau exemplo,* **cum a virtute majorum Lucius Flaccus non degeneraverit, nullum perniciosum exemplum pertimesco**; *Conão, tendo ouvido dizer que a pátria estava sitiada, não cuidou mais em viver tranquilo,* **Conon, cum patriam obsidēri audivisset, non quaesivit ubi ipse tuto vivĕret.**

Observação. — A construção do **cum** com o subjuntivo torna-se necessária para se poder traduzir o particípio perfeito ativo português, porque a voz ativa latina carece de particípio perfeito.

GERUNDIO

401. — O **infinito** numa proposição pode fazer as vezes de um substantivo de gênero neutro, mas só como *sujeito,* caso *nominativo,* ou como *objeto direto,* caso *acusativo,* p. ex.: o *ler* é util, *legere* (sujeito=caso nom.) **est utile**; eu desejo *ler,* **ego cupio** *legere* (objeto direto=caso ac.).

Os casos de que o infinito carece suprem-se com o **gerúndio.**

a) O **gerúndio** é o neutro do *particípio futuro passivo* nos quatro casos oblíquos (*amandi, amando,* etc.). Tem sempre significação ativa e rege o caso do seu verbo, p. ex.:

Nom.	**Studere** est utile	=o **estudar** é útil
Gen.	Tempus *studendi*	=o tempo *de estudar*
	Cupidus *studendi*	=desejoso *de estudar*
Dat.	Do operam *studendo*	=atendo *a estudar*
	Aptus *studendo*	=apto *para estudar*
Ac.	Cupio **studere**	=desejo **estudar**
	Eo ad *studendum*	=vou *estudar*
Abl.	Discitur *studendo*	=aprende-se *estudando*
	Exercetur in *venando*	=ele exercita-se *caçando, em caçar.*

b) Observando-se com atenção este quadro, ver-se-á como o gerúndio latino está em lugar de um substantivo, de modo que o caso do gerúndio deverá ser o mesmo que teria o substantivo, sendo possivel a substituição. Com efeito, em lugar do gerúndio de *studere,* pondo o substantivo *studium* nos casos correspondentes, teremos:

Nom.	*Studere* est utile	=*studium* est utile
Gen.	Tempus *studendi*	=tempus *studii*
	Cupidus *studendi*	=cupidus *studii*

Dat.	Do operam *studendo*	=do operam *studio*
	Aptus *studendo*	=aptus *studio*
Ac.	Cupio *studere*	=cupio *studium*
	Eo ad *studendum*	=eo *ad studium*
Abl.	Discitur *studendo*	=discitur *studio*
	Exercetur *in venando*	=exercetur *in venatione.*

Portanto:

I) O **gerúndio genitivo** pode servir de complemento aos substantivos ou adjetivos que querem depois de si o genitivo, p. ex.: *ars vivendi* **difficilis est**, a *arte de viver* é dificil; **sum** *cupidus audiendi*, estou *desejoso de ouvir*.

II) O **gerúndio dativo** usa-se com os substantivos, adjetivos, verbos e frases que exigem este caso, como *utilis, aptus, par, impar, accommodatus, deditus; praesum, adsum, non desum, sufficio, vaco, studeo, operam do,* presto atenção, estou atento a, *diem dico,* determino um dia para, etc., p. ex.: **date operam** *arando,* atendei *a arar;* **aqua nitrosa utilis est** *bibendo,* a água nitrosa é util para se beber.

III) O **gerúndio acusativo** é geralmente precedido da preposição *ad* (rar. *inter, in, ob, ante, circa*) para indicar o fim, o escopo, o movimento e em português corresponde ao infinito precedido de *a, para,* e encontra-se depois dos verbos que indicam escopo, fim, movimento, etc., e dos adjetivos que se constroem com *ad* e o acusativo: *aptus, idoneus, paratus,* etc., p. ex.: **canis est factus** *ad venandum,* o cão nasceu *para caçar; ad dimicandum paratus; ire ad oppugnandum.*

IV) O **gerúndio ablativo** — 1) sem preposição serve de complemento de *instrumento* ou *meio, modo* ou *maneira* e corresponde em português ao gerúndio presente, p. ex.: *errando* **discitur,** aprende-se *errando; legendo* **discitur,** aprende-se *lendo* (cf. n. 205, *b*, pág. 196); 2) o **gerúndio ablativo** precedido das preposições *in; a, ab; ex; de,* etc. supre outros complementos conforme as relações das diversas preposições, p. ex.: **id deterruit me** *a scribendo,* isto me dissuadiu *de escrever;* **multa** *de* **bene beateque** *vivendo* **a Platone disputata sunt,** muitos argumentos *sobre* o bom e feliz *viver* foram discutidos por Platão.

CONSTRUÇÃO COM O GERUNDIO E COM O GERUNDIVO (*)

Ars erudiendi pueros — Ars erudiendorum puerorum nobilis est.

402. — *a*) O gerúndio rege o caso do seu verbo, portanto a frase: a arte *de ensinar* meninos é nobre, traduz-se: **ars** *erudiendi pueros* **nobilis est.** E' esta a **construção com o gerúndio.**

(*) ou particípio futuro passivo.

Regra. — Se o verbo, porem, que se construir no gerúndio é **transitivo** e tem o seu **objeto direto** expresso, o gerúndio pode-se transformar em **gerundivo** pondo-se o *objeto direto* (o acusativo da construção com o gerúndio) no *caso do gerúndio* e fazendo por sua vez concordar o gerúndio em *gênero* e *número* com este substantivo; assim a proposição: **ars** *erudiendi pueros* **nobilis est** na construção com o gerundivo é = **ars** *erudiendorum puerorum* **nobilis est.**

b) — *I*) A *construção com o gerundivo*, que sempre exige um *verbo transitivo* e o *objeto direto expresso*, **é obrigatória,** quando o gerúndio está no *dativo, acusativo com* **ad,** e *ablativo com preposição*, p. ex.: **aptus** *ad benevolentiam* **regis** *conciliandam* e não **ad** *conciliandum benevolentiam* **regis; deterruit eum** *a bello faciendo* e não *a faciendo bellum.*

II) **Pode-se usar** uma ou outra construção quando o gerúndio está no *genitivo* ou *ablativo sem preposição*. Usa-se ,porem, a construção com o gerúndio se o objeto direto é um adjetivo ou um pronome neutro substantivado, p. ex.:

ars regend*i* rempublica*m* difficilis est
ou ars regend*ae* reipublic*ae* difficilis est;
Litter*as* tractand*o* ingenium acuitur
ou Litter*is* tractand*is* ingenium acuitur;

mas dir-se-á:

Studium *aliquid* ou *hoc videndi*, desejo *de ver alguma cousa* ou *esta cousa* e não *studium alicujus* ou *hujus videndi*, que quer dizer: desejo *de ver alguem* ou *este*, e tambem: **cupiditas** *vera cognoscendi* e não **cupiditas** *verorum cognoscendorum*, etc.

e em lugar de:	dir-se-á:
impar on*us* feren*do* sum,	impar oner*i* ferend*o* sum;
aptus ad ferend*um* oner*a*,	aptus ad ferend*a* oner*a;*
operam collocavi in liberand*o* patri*am*,	operam collocavi in liberand*ā* patri*ā*.

Observação. — Com **mei, tui, sui, nostri, vestri, ejus** (genitivos dos pronomes pessoais) o gerúndio em **di** fica invariavel, ainda que o substantivo seja feminino ou plural, p. ex.: **regina sui conservandi** (e não **suae conservandae**) **causā urbem reliquit; Germani in castra venerunt sui purgandi causā** (*para se justificarem*), e não **sui purgandorum**).

III) Com os *verbos intransitivos* a única construção possivel é a do gerúndio, p. ex.: faculdade *de perdoar os cidadões*, **facultas** *parcendi civibus;* e não *parcendis civibus.*

Observações. — *1*) Com os verbos depoentes que regem o ablativo **fruor, potior, utor, fungor, vescor,** etc. (cf. n. 208, pág. 197), pode-se fazer a mudança de construção do gerúndio para a do gerundivo, p. ex.: **expetuntur divitiae ad perfruendas voluptates ou ad perfruendum voluptatibus,** *desejam-se as riquezas para gozar os prazeres;* **hostes in spem venerant potiundo-**

rum castrorum *ou* **potiundi castris,** *os inimigos alimentaram a esperança de se apoderarem do acampamento.* Mas dir-se-á melhor: **recte utendum est divitiis** em lugar de **recte utendae sunt divitiae,** *é necessário servir-se bem das riquezas,* porque o verbo que rege o ablativo está acompanhado de esse.

Esta exceção é mais aparente que real, pois estes verbos originariamente tinham forma ativa e valor transitivo e esta construção, que fica tambem depois, indica exatamente a forma e o valor primitivo destes verbos.

2) Note-se o uso dos casos oblíquos do gerundivo para exprimir uma ação contemporânea ou futura relativamente ao verbo da principal, p. ex.: **pro recuperenda libertate pugnare,** *combater para recuperar a liberdade* (ação futura); enquanto para exprimir uma ação passada se usa o particípio perfeito passivo, p. ex.: **pro recuperata libertate diis grates agere,** *agradecer aos deuses a recuperação da liberdade.*

3) Digno de reparo é tambem o uso do gerúndio ou gerundivo dativo com o verbo esse no sentido de *ser capaz de...,* p. ex.: **solvendo non est,** *não é capaz, não está em condição de pagar;* **oneri ferendo sum,** *posso (sou capaz de) suportar o peso.*

Tempus est proficisci.

403. — Com as frases impessoais **tempus est, facultas est, occasio est (occasio datur), consilium est, mos est** encontra-se tanto a construção do gerúndio ou gerundivo como a do infinito ou outra construção p. ex.: **tempus est proficisci** ou **tempus est proficiscendi,** *e tempo de partir* (cf. n. 377, *b,* observação, pág. 274; n. 461, *a,* observação, pág. 336).

Dedit mihi libros legendos.

404. — A mesma construção do gerundivo usa-se com os verbos **do, trado, curo** (cf. n. 387, *c,* pág. 282), **suscipio,** etc., quando indicam uma intenção ou um fim, p. ex.: *deu-me os livros para ler= deu-me os livros para serem lidos,* **dedit mihi libros legendos;** *entregou a cidade para saquear=para ser saqueada,* **dedit urbem diripiendam;** *deu o corpo a sepultar,* **dedit corpus sepeliendum;** *mandou edificar as muralhas,* **moenia aedificanda curavit;** *Mário confiou Jugurta a Sila para o vigiar=para ser vigiado,* **Marius Sullae tradidit Iugurtham custodiendum;** *Sila recebeu Jugurta para vigiá-lo,* **Sulla Jugurtham custodiendum suscēpit.**

SUPINO

Eo lusum.

405. — *a)* O supino é de duas espécies: **supino ativo** (em **-um**) e o **supino passivo** (em **-u**). Propriamente o supino é um substantivo verbal da quarta declinação, o primeiro em caso acusativo para indicar *relação, tendência, escopo;* o segundo em caso ablativo para indicar *relação* ou *limitação:* **res facilis dictu,** *cousa facil de se dizer* (propriamente com relação a ser dita).

b) O supino em **-um** usa-se com os verbos que indicam *movimento próprio* ou *figurado,* pois é exatamente nesta função que indica o *fim,* a *tendência,* p. ex.: **Hannibal revocatus est patriam**

defensum. Este supino traduz o infinito português precedido das preposições *a, para,* que depende dos verbos que indicam *ir, vir, enviar* e outros semelhantes (verbos de movimento) e *rege o caso do seu verbo,* p. ex.: *os embaixadores vieram para pedir socorros,* **legati venerunt postulatum auxilium**; *venho para ver os jogos,* **venio spectatum ludos**; *venho suplicar-te,* **tibi supplicatum venio**; *vieram queixar-se das injúrias,* **venerunt questum injurias.**

Observações. — *1)* Quando, porem, se exprime o objeto direto, preferem-se outras construções, assim, em lugar de **legati venerunt pacem petītum,** encontra-se mais frequentemente **ad pacem petendam** ou **pacem petentes** ou **ut pacem peterent,** etc.

2) Notem-se as seguintes frases: **sessum recipio aliquem,** *dou lugar a alguem para que se assente;* **nuptum do, nuptum collŏco aliquam,** *dar (uma jovem) em casamento a alguem;* **eo perdĭtum,** mais eficaz que o simples **perdo,** p. ex.: **se suosque iverunt perdĭtum,** *eles mesmos quiseram arruinar a si e aos seus.*

Res jucunda auditu.

406. — O **supino passivo** (em **-u**) traduz o **infinito português** precedido da prepoição *de,* que depende de alguns adjetivos: **facilis, difficilis, jucundus, utilis, honestus, turpis, mirabilis, incredibilis, fas** e **nefas,** p. ex.: *cousa agradavel de se ouvir,* **res jucunda auditu**; *admiravel de se ver;* **visu mirabilis**; *cousa facil de se fazer,* **res facilis factu**; *cousa ilicita de se dizer,* **nefas dictu.**

Observações. — *1)* Com os três adjetivos **jucundus, facilis, difficilis** prefere-se a construção com **ad,** p. ex.: **res facilis ad cognoscendum.**

2) Na prosa clássica, os supinos em **-u** mais usados são os seguintes: **factu, dictu, visu, auditu, scitu, cognitu, intellectu, memoratu, inventu.**

3) Este supino não rege nenhum caso nem se une a advérbios, por conseguinte não se dirá: **difficile est scriptu epistulam** nem **epistula difficilis est bene scriptu.**

§ III

TEMPOS

USO DOS TEMPOS (*)

407.—A ação ou enunciação feita pelo verbo, pode-se considerar em três tempos: *a) presente, b) passado, c) futuro* e em cada tempo *a)* como *incompleta* ou *permanente* e *b) completa.*

O **presente** exprime-se:

1) Pelo *presente,* duração no presente: **lego,** *leio.*

2) Pelo *perfeito presente* ou *lógico,* realização relativamente ao presente: **legi,** *li,* (atualmente não leio).

O **passado** exprime-se:

1) Pelo *imperfeito,* duração no passado: **legebam,** *lia.*

2) Pelo *perfeito histórico,* que exprime um fato acontecido no passado, sem referência ao presente, nem à sua duração e realização: **legi,** *li.*

3) Pelo *mais que perfeito,* realização no passado: **legeram,** *lera.*

(*) Todos os pontos da sintaxe do *Uso dos tempos* asinalados com um asterisco indicam materia que pela sua importância intrínseca ou pela conexão que tem com outras partes da sintaxe, por exemplo com a regra da *consecutio temporum,* não se devem omitir em qualquer estudo, embora muito resumido da sintaxe latina.

O **futuro** exprime-se:

1) Pelo *futuro imperfeito*, duração no futuro: **legam**, *lerei*.
2) Pelo *futuro perfeito*, realização no futuro: **legero**, *terei lido*.

Estes tempos dividem-se em:

a) **Tempos principais**: *presente*, *perfeito lógico* ou *presente*, *futuro imperfeito*, *futuro perfeito*.

b) **Tempos históricos** *secundários* ou *relativos*: *imperfeito*, *perfeito histórico* ou *narrativo* ou *aoristo*, *mais que perfeito*.

1. — Presente.

408. — O *presente* indica ação que acontece e dura no presente ou que se representa como tal à mente.

Usa-se como em português:

a) Nas asserções e sentenças gerais que se podem verificar em todos os tempos, p. ex.: **concordiā parvae res erescunt, discordiā maximae dilabuntur**, *pela concórdia aumentam as cousas pequenas, pela discórdia arruinam-se as maiores;* **virtus sola homines beatos reddit**, *só a virtude torna os homens felizes*.

b) Para indicar ações que se dão periodicamente, p. ex.: **cotidie aliquid scribo**, *todos os dias escrevo alguma cousa*.

c)* Para citar as opiniões, as doutrinas, as palavras dos antigos escritores e tambem modernos cujas obras ainda existem, (**presente literário**), p. ex.: **apud Platonem Socrates in caelum effert laudibus Protagŏram, se autem omnium rerum inscium fingit**, *em Platão Sócrates levanta ao céu com louvores Protágoras, e finge-se ignorante de tudo*.

d)* Nas narrações animadas, quando quem fala quer representar como presente uma ação passada (**presente histórico**), p. ex.: **Caesar loquendi finem facit seque ad suos recĭpit**, *Cesar acaba* (=acabou) *de falar e junta-se* (=*juntou-se*) *aos seus;* **Caesar castra muniri jubet**, *Cesar manda*, etc.

Neste caso o presente não raro é alternado com o perfeito quando do andamento natural da ação se quer fazer sobressair com maior vivacidade uma circunstância especial.

Observações. — *1)* Depois da conjunção **dum**, *enquanto, no mesmo tempo que...*, usa-se o presente, ainda que a ação seja passada e o verbo da proposição principal esteja no imperfeito ou no perfeito e às vezes até no mais que perfeito, p. ex.: **dum haec in colloquio geruntur, Caesari nuntiatum est equites Ariovisti propius accedere**, *enquanto na conferência tratavam estas cousas, referiu-se a Cesar que a cavalaria de Ariovisto se aproximava mais*. Mas depois de **dum** encontra-se tambem o perfeito e o imperfeito.

2) Notem-se as seguintes expressões:

Lemos, lê-se, **scriptum videmus, accepimus, memoriae proditum est**.
Lemos em Cicero, **ut scriptum videmus (ut est) apud Ciceronem** ou **ut ait Cicero**; mas, citando-se o livro, dir-se-á, p. ex.: **ut scriptum videmus in «Tusculanis disputationibus»**.
A expressão *supracitado*, traduz-se em latim com o perfeito: **quem (quam, quod) dixi** ou **diximus, ut (quos, quas, etc.) memoravi**.
Sabe-se, é conhecido, **constat, constat inter omnes, nemo ignorat, neminem fallit**.
A cousa tornou-se proverbial, **in proverbii consuetudinem venit**.
Diz um provérbio grego, **in Graecorum proverbio est**.
Como diz o provérbio, **ut est in proverbio**.

2. — Perfeito.

409. — O *perfeito* latino subdivide-se em *perfeito lógico* ou *presente* e em *perfeito histórico* ou *narrativo* ou *aoristo*.

a) O *perfeito lógico* ou *presente* indica uma ação concluida no passado, cujo efeito dura ainda no presente, p. ex.: **Deus creavit mundum,** *Deus criou o mundo,* e ainda o mundo subsiste; **is mos usque ad hunc diem permansit,** *este costume ficou,* e dura ainda.

Observações. — *1*) Por esta razão os perfeitos de alguns verbos se explicam com o presente, indicando o estado que se segue a uma ação completa como efeito da mesma, p. ex.: **didici** = *aprendi* = *sei;* **memini** = *trouxe à mente* = *recordo-me;* **cognovi** = *conheci-me;* = *sei;* **percēpi, perspexi** = *ouví dizer, examinei,* portanto = *conheço, sei,* do mesmo modo o *mais que perfeito* de tais verbos tem valor de *imperfeito*: **cognoveram,** *eu sabia;* **consueveram,** *costumava,* etc.

2) Para exprimir uma cousa que sempre sucedeu ou costuma suceder, em protuguês usa-se, as mais das vezes, o presente; o latim, ao invés, usa ordinariamente o perfeito, p. ex.: *a pressa arruina a muitos,* **festinatio multos pessum dedit;** *nenhum sábio ambiciona o dinheiro,* **nemo sapiens pecuniam concupīvit.** — Este perfeito chama-se **gnomico** ou **sentencioso,** porque exprime uma verdade conhecida de todos, uma sentença.

b) O *perfeito histórico* (**narrativo ou aoristo**) indica uma ação ou um estado que pertence ao passado sem alguma relação com o tempo presente, p. ex.: **Homerus fuit et Hesiodus ante Romam condĭtam, Archilŏcus regnante Romulo, serius poëticam nos accepimus. Annis fere DX post Romam condĭtam Livius fabulam dedit,** *Homero e Hesíodo viveram antes da fundação de Roma; Arquíloco no tempo de Roma; nós cultivamos a poesia, muito mais tarde; somente quinhentos e dez anos depois da fundação de Roma Lívio* (*Andrónico*) *nos deu o drama;* **veni, vidi, vici,** *cheguei, vi e venci.*

Observação. — Em português emprega-se frequentemente o imperfeito, quando em latim se usa mais exatamente o perfeito, p. ex.: *Lísias era filho de Céfalo Siracusano,* **Lysĭas filius fuit Cephăli Syracusani.** Dizemos tambem *como acima dizia, como tu dizias,* etc., em latim: **ut supra dixi, ut supra memoravi, ut dixisti** com o perfeito.

c) O *perfeito passivo* forma-se com o particípio perfeito e o verbo auxiliar **esse,** notando-se:

I) Que o particípio com as formas **sum, es, est,** forma ordinariamente o *perfeito lógico,* isto é, exprime a ação não em ato, mas em efeito, p. ex.: **templum clausum est,** *o templo foi fechado,* e ainda continua fechado; **Roma a Romŭlo condita est,** *foi fundada* e subsiste ainda.

II) O particípio com **fui, fuisti, fuit,** indica que uma cousa se achou em tempo determinado ou por qualquer tempo no estado significado pelo verbo, p. ex.: **bis deinde post Numae regnum Janus clausus fuit,** *duas vezes depois do reino de Numa o templo de Jano ficou fechado.*

3. — Imperfeito.

410. — O *imperfeito* indica ação que dura no passado, p. ex.: **heri, cum praeterii, janua patebat,** *ontem, quando passei, a porta estava aberta.*

Usa-se:

a) nas narrações para expor as circunstâncias que acompanham o fato principal, que se exprime por meio do perfeito ou do presente histórico. Por outra, o perfeito (tambem o presente histórico) expõe a série dos fatos que se sucedem, o imperfeito descreve, pelo que se usa nas descrições dos paises, dos fenômenos naturais, das batalhas, dos caracteres; etc., e para indicar opiniões, juizos, sentimentos experimentados pelo sujeito da proposição, p. ex.: **Caesar Alesĭam circumvallare instituit. Erat oppidum in colle summo, cujus collis radices duo duabus ex partibus flumina subluebant. Ante id oppidum planities patebat; relĭquis ex omnibus partibus colles oppidum cingebant,** *Cesar*

resolveu rodear Alésia. Esta cidade levantava-se na sumidade de uma colina, cujas raizes de dois lados eram banhados por dois rios. Diante desta estendia-se uma planicie e colinas rodeavam-na de todos os outros lados.

Observação.* — Como nas narrações animadas (Cf. n. 408, *d*, pág. 294) usa-se frequentes vezes o presente histórico em lugar do perfeito histórico, assim na descrição animada, para indicar a rápida sucessão dos acontecimentos, em lugar do imperfeito descritivo, os latinos usam algumas vezes o infinito (*infinito histórico*). Cícero e Cesar só nas proposições principais, os outros mesmo depois das conjunções temporais **cum, cum tamen, cum interim**, p. ex.: **interim Jugurtha omnia parare, festinare, cogĕre exercitum**, *entretanto Jugurta preparava tudo, apressava-se, reunia o exército;* **interea Catilina Romae multa simul moliri, Ciceroni consuli insidias tendĕre, incendia parare**, etc., *entretanto Catilina em Roma tramava ao mesmo tempo muitas cousas, armava insídias ao consul Cícero, preparava incêndios*, etc.

Com o infinito histórico o sujeito fica sempre no nominativo.

b) Usa-se em modo absoluto, isto é, sem relação com outro tempo, para designar costumes, caracteres de povos e indivíduos, p. ex.: **in Graecia musicam discebant omnes**, *na Grécia todos aprendiam a música.*

c) Para indicar ações repetidas periodicamente no passado (**imperfeito iterativo**), p. ex.: **Carthagine quotannis annui bini reges creabantur**, *em Cartago cada ano se elegiam dois reis anuais.*

d) Para indicar a intenção, o tentame, uma ação começada e não acabada (**imperfeito de esforço**), p. ex.: **non dubitas id me imperante facere, quod jam tua sponte faciebas?** *hesitas talvez em fazer por minha ordem o que já tentavas praticar por tua vontade?* Este imperfeito raro na idade arcaica, menos raro nas idades posteriores, encontra-se tambem no subjuntivo, p. ex.: **cum ad jusjurandum popularis sceleris sui adigeret...**, *querendo induzir ao juramento os cúmplices da conjuração...*

4. — Mais que perfeito.

411. — *a*) O *mais que perfeito* é, como o perfeito, de duas especies: *lógico* e *histórico*. E' *lógico* se a ação, completa com relação a um tempo passado, está em íntima relação com este mesmo passado, como o perfeito está para o presente, p. ex.: **Pyrrhi temporibus jam Apollo versus facere desierat**, *já nos tempos de Pirro o oráculo de Apolo cessara de dar respostas*, não dava mais. Eis a razão pela qual os perfeitos com o valor de presente (Cf. n. 409, *a*, observação, *1*, pág. 295), p. ex.: **memineram, noveram**, etc. têm valor de *imperfeitos*.

b) E' *histórico* se indica uma ação já completa ao começar de outra ação passada, p. ex.: **epistulam scripseram, cum amicus adfuit**, *eu já escrevera a carta, quando apareceu o amigo;* **dixerat hoc Scipio, cum puer nuntiavit venire ad eum Laelium**, *Cipião mal dissera isto, quando o servo anunciou a chegada de Lelio.*

Observações. — *1*) Às vezes o mais que perfeito usa-se para reatar o discurso interrompido, p. ex.: **redeo ad illam Platonis, de qua dixeram, rei formam et speciem**, *volto àqueles tipos ideais de Platão, dos quais fiz menção há pouco.* Ou em geral refere-se a um tempo precedente, sem visivel relação com outra ação, p. ex.: **ea re cognita, rursus in Nonas Februarias consilium caedis transtulerant**, *conhecida tal cousa, novamente tinham adiado o projeto da matança para os cinco de Fevereiro.*

2) Às vezes o mais que perfeito, com o valor de imperfeito ou perfeito, usa-se especialmente por Lívio, para indicar a presteza com que se realiza a ação que ele exprime, p. ex.: **cum Placentiam consul venit, jam ex stativis moverat Hannibal**, *quando o consul chegou a Placência, já Anibal saira dos acantonamentos.*

5. — Futuro.

412. — *a*) O *futuro imperfeito* indica ação a realizar-se no futuro, p. ex.: **veniet mors, et quidem celeriter**, *virá a morte, e cedo*. Sobre o seu uso note-se que em latim se exprime com maior exatidão que em português o tempo em que se realiza ou sucede uma ação; por exemplo, nós dizemos: *parto amanhã*, e o latim com mais exatidão: *partirei amanhã*, **cras proficiscar**. Contudo tambem em Cícero se encontra: **Lentulus hodie apud me; cras mane vadit...**, *amanhã de manhã parte.*

Observação. — Vice-versa, em algumas frases portuguesas, para exprimir-se mais discretamente um pensamento, usa-se o futuro em lugar do presente latino, p. ex.: *saberás sem duvida que...* etc., **probe scis** não **scies**, etc.

b) Ás vezes, na linguagem familiar e nas sentenças, o futuro imperfeito substitue o imperativo e indica uma exortação, um conselho, p. ex.: **valebis et mea negotia curabis,** *passa bem e cuida dos meus negócios;* **hoc vitabis, hoc facies,** *evita isto e faze isto.*

c) O *futuro perfeito* indica ação futura, que será concluida antes de outra tambem futura, p. ex.: **Caesarem cum videro, Arpinum pergam,** *quando tiver visto Cesar, seguirei para Arpino.*

Sobre o uso deste tempo note-se:

I) Nas *proposições principais* em lugar do futuro imperfeito usa-se em latim, especialmente pelos cómicos, o futuro perfeito quando se quer exprimir mais vivamente o efeito pronto e seguro da ação, que se considera já passada antes que se tenha realizado, p. ex.: **multum ad ea, quae quaerimus, explicatio tua ista profecerit** (*adiantará*); especialmente com **videro** (**vidĕris,** etc., *verei, verás,* etc.) unido a **mox, post, alias, paulo post, posterius,** p. ex.: **sed videro hoc posterius,** *mas isto verei em seguida;* **quae fuerit causa, mox videro,** *em breve verei qual foi a causa.*

II) Nas *proposições dependentes* observe-se:

1) Se a ação da proposição secundária suceder *contemporaneamente* à da principal, exprimem-se ambas com o **futuro imperfeito** ou com o **futuro perfeito,** p. ex.: **faciam, si potero,** *farei se puder;* **naturam, si sequemur ducem, nunquam aberrabimus,** *se seguirmos a antureza como nosso guia, nunca erraremos;* **verum, opinor, viderimus, cum dixerint,** *mas veremos quando falarem;* **gratissimum mihi feceris, si de amicitia disputaris,** *far-me-ás cousa mui agradavel se disputares sobre a amizade.*

2) Mas se a ação da proposição secundária for *anterior* à da principal, deve-se exprimir em latim com o futuro perfeito, p. ex.: **Romam cum venero, ad te scribam,** (*quando chegar* = *quando tiver chegado*) *a Roma escrever-te-ei;* **simul** (**ac**) **aliquid audiero, scribam, ad te,** *assim que ouvir* (= *assim que tiver ouvido*) *qualquer cousa, escrever-te-ei.*

Observações. — *1**) Em português, em muitos outros casos, exprimimos duas ações não contemporâneas com dois verbos contemporâneos (dois imperfeitos, dois presentes); em latim exprime-se, ao invés, com um tempo anterior á ação que se dá antes. Isto sucede muito frequentemente com as conjunções *quando, sempre que,* etc., p. ex.: *Verres, quando via uma rosa,* (*todas as vezes que*...), *pensava que então começava a primavera* (antes via e depois pensava), **Verres cum rosam vidĕrat tum ver incipĕre arbitrabatur;** *sempre que vou à quinta, até o estar desocupado me deleita* (antes vou a quinta e em seguida me deleito), **cum in villam veni, hoc ipsum nihil agere me delectat** (cf. n. 483, *a, II,* observação *1.*).

*2**) O futuro perfeito daqueles verbos cujo perfeito tem valor de presente (Cf. n. 409, *a,* observação, *1,* pág. 295), corresponde em português ao futuro imperfeito, p. ex.: **meminero,** *recordar-me-ei,* **odero,** *odiarei,* etc.

d) O futuro perifrástico forma-se com o participio ativo e os tempos do verbo esse e serve para indicar que alguem está (estava, esteve, estará) para ou tem a intenção de fazer alguma cousa, p. ex.: **scripturus sum epistulam,** *tenho intenção de escrever uma carta;* **profecturus eram ad te, cum ad me frater tuus venit,** *estava para ir ter contigo, quando veio ter comigo teu irmão.* A diferença entre o futuro perifrástico e o simples futuro é evidente nesta passagem de Cicero: **orator eorum, apud quos aliquid aget aut erit acturus mentes degustet oportet,** *é necessário que o orador estude as disposições daqueles perante os quais arengará ou deverá arengar* (Cf. n. 388, pág. 283).

Observações. — *1*) O futuro perifrástico é frequente nas proposições condiconais, quando se quer exprimir sob qual condição deve relizar-se uma cousa, p. ex.: **me igitur ames oportet, si veri amici futuri sumus,** *é necessário que me ames a mim* (não as minhas cousas), *se havemos de ser verdadeiros amigos.*

2) Cornélio Nepos e Lívio exprimem a ação iminente tambem com a frase **esse in eo ut,** *ser iminente... nada faltar para,* p. ex.: **cum jam in eo esse ut oppido potiretur,** *estando quase para se apoderar da cidade...*

USO DOS TEMPOS NO ESTILO EPISTOLAR

413. — Quando transmitimos a um ausente os nossos pensamentos, imaginamos que lhe estamos falando no momento em que lhe escrevemos; os latinos, ao invés, faziam a suposição de falar no momento em que o ausente lia a carta. De acordo com este critério, quando referiam cousas relacionadas com o momento em que escreviam:

a) Usavam o *perfeito* ou o *imperfeito* quando nós empregamos o *presente*, p. ex.: *nada tenho que escrever-te*, isto é, *no dia em que eu te escrevia* **não tinha** *nada que escrever-te* = **nihil habebam quod scriberem.** — **Diz-se** *que tu te saíste bem na empresa* = *quando eu te escrevia* **dizia-se** *que tu te tinhas saído bem na empresa* = **rumor erat rem te valde bene gessisse.** — *O estado das cousas,* **enquanto te escrevo,** *está reduzido ao extremo* = *o estado das cousas,* **enquanto te escrevia, estava reduzido** *ao extremo* = **res, cum haec scribebam, erat in extremum adducta discrimen.**

b) Usavam o *mais que perfeito* quando nós usamos o *perfeito*, p. ex.: *ontem Cesar jantou comigo* = *no dia anterior àquele em que te escreví, Cesar* **tinha jantado** *comigo* = **pridie Caesar apud me cenaverat.** — *Até agora* **recebí** *de ti uma só carta* = *quando eu te escrevia* **tinha recebido** *de ti uma só carta* = **unam adhuc a te epistulam acceperam.**

c) Tambem os advérbios sofrem mudanças por causa do tempo. Assim, em lugar de **hoje** (= *hodie*) diz-se **eo die**; em lugar de **ontem** (= *heri*), diz-se **pridie** (= *no dia precedente*); em vez de **amanhã** (= *cras*), **postridie** (= *no dia seguinte*), p. ex.: **hoje,** *enquanto te escrevo, estou sem febre,* **eo die, cum haec scribebam, plane febri carebam.** — *Escrevo-te* **hoje** *uma segunda carta,* **ontem** escrevi *de próprio punho uma mais longa,* **alteram tibi eodem die epistulam dictavi et pridie dederam mea manu longiorem.**

d) Tratando-se de cousa que não tenha imediata relação com o tempo em que se escreve a carta, usam-se os tempos ordinários, p. ex.: **ego te maximi semper feci et facio,** *sempre te tive e tenho em grande conta.*

e) A data punha-se no fim da carta, sempre no *perfeito* ou no *imperfeito* e não no presente: **scripsi, misi, dedi** ou **scribebam, mittebam, dabam,** etc. Indica-se o lugar com o ablativo e rarissimas vezes com o genitivo locativo: **Dabam Roma, Brundusio, Athenis,** etc.; raramente **Romae, Brundusii** (cf. n. 224, pág. 206).

Observações. — *1)* Os advérbios temporais **adhuc,** *ainda, até agora* e **nunc,** *agora,* que em regra aeompanham o presente ou o perfeito, no estilo epistolar, unindo-se ao imperfeito ou mais que perfeito, não se mudam em **ad id tempus** e em **tunc,** p. ex.: **unam adhuc a te epistulam acceperam,** *até agora recebi de ti só uma carta;* **plura seribam ad te, cum constitero; nunc eram plane in medio mari...,** *agora acho-me no meio do mar.*

2) As regras que acabamos de expor não foram sempre observadas pelos escritores, nem por Cíeero e Plínio, que, depois do grande orador, foi talvez o melhor epistológrafo; razão por que na língua latina se podem usar os mesmos tempos do português.

CAPITULO VIII

2.º SINTAXE DAS PROPOSIÇÕES DEPENDENTES

§ I

NOÇÃO DO PERIODO

414. — *a*) Quando a uma idéia principal se acrescenta um certo numero de idéias acessórias que a completam e a explicam, o conjunto harmônico, que resulta dessa disposição, chama-se *período*, palavra grega que significa *circular*, porque as proposições não se dispõem em linha reta, mas a primeira como que reentra circularmente na última.

b) O período portanto consta de *proposições principais* ou *regentes* e de *proposições dependentes* ou *secundárias* ou *subordinadas*.

Proposição principal ou *regente* é a que exprime a ação; as *proposições dependentes* ou *secundárias* ou *subordinadas* são as que exprimem as circunstâncias de tempo, de lugar, de modo, de fim, de causa, etc., e se unem à proposição principal por meio de palavras, que, pelo seu ofício, se chamam **conjunções**, como, p. ex.: *porque, quando, enquanto, afim de que, embora, mas*, etc., porque são como anéis que unem as proposições dependentes à principal, p. ex.: **tambem os mestres, quando ensinam,** *aprendem alguma cousa; Xerxes queria destruir todos os templos da Grécia* **porque os Gregos constrangiam os deuses a ficarem presos entre quatro paredes, ao passo que eles queriam passear por todo o universo.**

As proposições dependentes, portanto, podem ser:

I) *Subjetivas*, as que servem de sujeito a uma proposição, p. ex.: *é loucura* **confiar na fortuna** — *consta* **que Roma foi fundada por Rómulo.**

II) *Objetivas*, as que servem de objeto direto à ação principal, p. ex.: *Cesar ameaçou* **destruir a cidade.** — *Temo* **que meu pai me castigue.** — *Duvido* **que não estejas bom.**

III) *Temporais*, se indicam circunstâncias de tempo da ação principal, p. ex.: *os Gauleses invadiram a Gália Cisalpina e fundaram Milão,* **quando reinava em Roma Tarquínio Prisco.**

IV) *Causais*, se referem a causa da ação principal, p. ex.: *os Tarquínios foram repelidos,* **porque se tinham tornado tiranos.**

V) *Finais*, se indicam o fim da ação principal p. ex.: *comemos* **para viver,** *não vivemos* **para comer.**

VI) *Consecutivas* ou *correlativas*, se indicam a consequência da ação principal, p. ex.: *a violência do fogo foi tal* **que destruiu a cidade.**

VII) *Modais* ou *comparativas*, se estabelecem uma comparação com a proposição principal, p. ex.: **do mesmo modo que o falar é próprio do homem**, *assim é dos bois o mugir; recomendo-te a cousa*, **como se fosse tua.**

VIII) *Relativas*, isto é, as formadas por um pronome ou advérbio relativo, p. ex.: *ótimo é o livro*, **que ensina e conforta.**

IX) *Condicionais*, se indicam a condição de que depende a ação principal, p. ex.: **se me mandares aquele livro**, *dar-me-ás muito prazer*, etc.

O PERIODO LATINO

415. — As línguas modernas, em geral, têm mais tendência para a **coordenação**, isto é, para colocar os conceitos próximos a maneira de proposições principais. O latim, ao invés, mostra-se mais inclinado à **subordinação**, isto é, a exprimir com uma proposição independente o conceito principal e a subordinar os conceitos secundários em forma de proposições dependentes, p. ex.: *Antígono combateu contra Seleuco e Lisímaco e foi morto no combate*, **Antigonus, cum adversus Seleucum Lysimacumque dimicaret, in proelio occisus est**; *Sardanapalo é vencido, refugia-se no seu palácio, manda erguer uma fogueira e lança-se nas chamas com todos os seus tesouros*, **Sardanapălus victus in regiam se recĭpit, ubi extructa incensaque pyra, et se et divitias suas in incendium mittit.**

DEPENDENCIAS DOS TEMPOS

(Consecutio temporum)

416. — Em português nas proposições dependentes usa-se geralmente o indicativo, o latim, ao invés, prefere o subjuntivo, e por *dependência dos tempos* ou *consecutio temporum* entende-se o uso exato do subjuntivo nas mesmas proposições dependentes, que podem ser regidas por conjunções subordinativas (**ut, ne, quin, si, cum,** etc.), por pronomes ou advérbios relativos, por partículas interrogativas.

Note-se que a ação da proposição dependente pode ser **contemporânea, anterior** ou **posterior** à principal. Eis as regras fundamentais:

A) Se na proposição regente houver um tempo **principal** (*presente* do indicativo, do subjuntivo, do imperativo, um *perfeito* lógico ou presente; um *futuro* imperfeito ou perfeito) na proposição dependente encontrar-se-á:

a) O *presente* do *subjuntivo*, se a ação for *contemporânea;*
b) o *perfeito* do *subjuntivo*, se a ação for *anterior;*
c) o *futuro* do *subjuntivo* (conjugação perifrástica com **sim, sis,** etc.), se a ação for *posterior*, p. ex.:

Proposição principal	Proposição dependente
Nescio, não sei	*quid* **dicas**, o que dizes
(*Nescivi*, perf. presente ou lógico =ignoro	*quid* **dixeris**, o que disseste
Nesciam, não saberei *Nescivero*, não terei sabido *).	*quid* **dicturus sis**, o que dirás.

B) Se na proposição regente houver um tempo **histórico** (imperfeito, perfeito histórico, mais que perfeito do indicativo e subjuntivo) na proposição dependente encontrar-se-á:

a) O *imperfeito* do *subjuntivo*, se a ação for *contemporânea;*

b) o *mais que perfeito* do *subjuntivo*, se a ação for *anterior*,

c) o *futuro* do *subjuntivo* (conjugação perifrástica com **essem, esses, esset**), se a ação for *posterior*, p. ex.:

Proposição principal	Proposição dependente
Nesciebam, não sabia	*quid* **diceres**, o que dizias
(*Nescivi*, não soube	*quid* **dixisses**, o que tinhas dito
Nesciverem, não tinha sabido *).	*quid* **dicturus esses**, o que dirias.

Observação. — Se o verbo carecer de supino, ou mesmo, tendo-o, for usado passivamente, em lugar da conjugação perifrástica com **sim, sis**, etc. (se na regente houver um tempo principal) e **essem, esses**, etc. (se na regente houver um tempo histórico), recorre-se à circunlocução de **futurum sit ut...** *com o presente do subjuntivo depois de um tempo principal e* **futurum esset ut...** *com o imperfeito do subjuntivo depois de um tempo principal e* **futurum esset ut...** *com o imperfeito do subjuntivo depois de um tempo histórico.* Por exemplo:

Depois de um tempo principal:

a) *Não duvido que tu te arrependerás deste feito*, **non dubito quin futurum sit ut te paeniteat hujus facti.**

b) *Não duvido que esta cousa será realizada por ti*, **non dubito quin futurum sit ut haec res a te conficiatur.**

Depois de um tempo histórico:

a) *Não duvidava que tu te arrependerias* (*irias arrepender-te*) *deste fato*, **non dubitabam quin futurum esset ut te paeniteret hujus facti.**

b) *Não duvidava que esta cousa seria realizada* (*iria ser realizada*) *por ti*, **non dubitabam quin futurum esset ut haec res a te conficeretur** (cf. n. 422, Segundo caso, *a*, pág. 309).

(*) A correspondência dos tempos latinos entre a proposição principal e dependente obedece sempre a estas regras fixas, mas em protuguês a cousa passa-se um tanto diversamente, pois a dos tempos da nossa língua não está sujeita a leis tão rígidas e inflexiveis, mas dirige-se mais por um conceito lógico do que por um tempo gramatical, isto é, a contemporaneidade, anterioridade e posterioridade da ação da subordinada com relação à principal conhece-se mais pelo contexto (por advérbios, por exemplo) do que pelo tempo empregado. Por exemplo, a nossa frase: *eu não soube o que disseste*, pode indicar tanto *contemporaneidade*: eu *ontem* não soube o que *ontem* disseste, como *anterioridade:* eu *ontem* não soube o que disseste *ante ontem*. Em latim, porem, por causa da sua *consecutio temporum*, é impossivel o equívoco: em *nescivi quid diceres* as duas ações são contemporâneas e em *nescivi quid dixisses* é evidente a anterioridade da subordinada com referência à principal ou regente. Aos gramáticos portugueses compete esta questão e não aos latinos. O senhor Júlio Ribeiro em sua gramática trata da correspondência dos tempos, mas infelizmente sem nenhuma referência *a relação lógica temporal* entre a regente e a subordinada.

Mais completo parece-nos o estudo dos senhores Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade em sua *Gramática da Língua Portuguesa*.

* **Nota.** — 1) Duas ou mais proposições dependentes coordenadas estão todas no tempo e modo que exige a principal regente, **ego satis scio, quid amicus tuus faciat et quid fecerit et quid facturus sit,** *conheço suficientemente o que teu amigo faz, fez e fará;* **frater mihi narrabat, quid amicus faceret et quid fecisset et quid facturus esset,** *o irmão narrava-me o que o teu amigo fazia, fez e fará.*

* **Nota.** — 2) Se uma proposição dependente de modo subjuntivo depende de outra secundária tambem no subjuntivo, o seu tempo, em geral, se regulará pelo da proposição dependente que o rege; assim depois do subjuntivo presente e perfeito (cf. observação), observar-se-á a dependência dos tempos principais; depois do subjuntivo imperfeito e mais que perfeito, a dos tempos históricos, p. ex.:

nescio quid causae { **sit** / **fuerit** } **cur nihil ad me** { **scribas** / **scripseris** }

nesciebam quid causae { **esset** / **fuisset** } **cur nihil ad me** { **scriberes** / **scripsisses** }

não sei qual { *seja* / *foi* } *o motivo por que nada me* { *escreves* / *escreveste* }

não sabia qual { *fosse* / *tenha sido* } *o motivo por que nada me* { *escrevias* / *tinhas escrito* }

* **Observação.** — O *perfeito do subjuntivo,* do mesmo modo que o perfeito do indicativo (cf. n. 409, *a, b,* pág. 295) pode-se considerar como tempo principal (sempre quando *potencial* — cf. n. 367, *a,* pág. 267 — ou *proibitivo* — cf. n. 374, *a,* pág. 271) ou como tempo histórico, e, por conseguinte, pode ter tanto a regência dos tempos principais como a dos tempos históricos, p. ex.: **videamus quanta ista pecunia fuerit, quae potuerit Heium a religione deducere,** *vejamos quanto tenha sido aquele dinheiro que pode arredar Heio da religião;* **magna culpa Pelopis est qui non erudierit filium nec docuerit, quatenus esset quidque curandum,** *é grande a culpa de Pélope, que não ensinou ao filho quanto se deve cuidar do que quer que seja;* **quis dubitaverit quin in virtute divitiae sint?** *quem poderia duvidar que na virtude não se achem as verdadeiras riquezas?* **Quid sit futurum cras, ne quaesiveris (=noli quaerere)** *não perguntes o que acontecerá amanhã.*

Nota 3 — **a*) O *presente histórico* (Cf. n. 408, *d,* pág. 294) é considerado ora como tempo passado (tempo histórico) ora como tempo presente (tempo principal) e assim na proposição dependente pode-se encontrar tanto o presente (ou o perfeito) como o imperfeito (ou mais que perfeito) p. ex.: *Vercingetórige exorta os Gauleses a to-*

* O asterisco que acompanha algumas destas notas indica materia que não se deve omitir em qualquer estudo, embora muito resumido, da língua latina.

marem as armas para defenderem a liberdade comum. **Vercingetŏrix Gallos hortatur ut communis libertatis causa arma capiant** ou tambem **caperent.**

Observação. — Não é muito raro o caso de se alternarem as duas construções na mesma proposição, p. ex.: **Caesar Labieno scribit, ut quam plurimas** *posset* **iis legionibus, quae sunt apud eum, naves** *institual, Cesar escreve a Labieno que pelas legiões que mandava, fizesse construir o maior número possivel de navios.*

* *b)* O mesmo deve-se dizer do presente nas citações (*presente literário,* cf. n. 408, *c,* pág. 294), p. ex.: *E'squines insurge contra Demóstenes porque este, sete dias após a morte da filha, tinha feito sacrifício,* **Eschynes in Demosthenem invehĭtur, quod is, septimo die post filiae mortem, hostiam immolasset (immolaverit); Cleanthes docet, quanta vis insit (inesset) caloris in corpore.**

c) As locuções **tributum est, exploratum est, statutum hebeo, coactum teneo** e semelhantes, que correspondem a um perfeito (cf. n. 394, pág. 286), para os efeitos da *consecutio temporum,* se consideram como presentes, p. ex.: **statutum jam habeo quid mihi agendum putem,** *já decidí o que devo fazer;* **generi animantium omni a natura tributum est ut se, vitam corpusque, tueatur,** *foi concedido pela natureza que todo o gênero de animais se defenda a si, sua vida e seu corpo.*

* **Nota.**— 4) O perfeito presente ou lógico (cf. n. 409, *a,* pág. 295), especialmente quando tem significação de presente, p. ex.: **novi,** *eu sei;* **memini,** *lembro-me;* **consuevi,** *costumo;* etc., equivale geralmente a um tempo presente, p. ex.: **novi quid egeris, meministi quid dixerim,** *sei o que fizeste, lembras-te do que eu disse;* **tandem cognosti (=scis) quis sim,** *finalmente sabes quem eu seja;* **oblitus sum (=nescio) quid initio dixerim,** *ignoro o que eu tenha dito antes;* **audivi** (*ouví=sei*) **quid agas,** *sei o que fazes.*

* **Nota.**— 5) Se uma proposição secundária de modo subjuntivo depende de um infinito:

a) Se o infinito for *presente* ou *futuro,* a proposição dependente regula-se pelo verbo que está na proposição principal, p. ex.: **Aristides negat, quidquam utile** *esse* (ou **quidquam se** *facturum*) **quod cum honestate pugnet,** *Aristides afirma que nada é util* (ou *que nada fará*) *que esteja em contradição com a honradez.* — **Aristides negabat, quidquam utile** *esse* (ou **quidquam se** *facturum*) **quod cum honestate pugnaret,** *Aristides afirmava que nada era util* (ou *que nada faria*) *que estivesse em contradição com a honradez.*

b) Se o infinito for perfeito, a proposição dependente quase sempre depende do infinito e segue a dependência dos tempos históricos, p. ex.: **Aristides negat(negabat, negavit)quidquam se** *commisisse* **quod cum honestate pugnaret,** *Aristides afirma* (*afirmava, afirmou*) *que nada ele fez que estivesse em contradição com a honradez.*

Nota. — 6) Uma proposição secundária que depende de um particípio, supino, gerúndio, adjetivo ou substantivo, toma o tempo que seria exigido pelo verbo finito em substituição do particípio, supino, adjetivo, etc., p. ex.: **haec facis** *ignorans* (=*et ignoras*) **quae futura sint,** *fazes isto não sabendo* (=*e não sabes*) *o que acontecerá.* — **haec faciebas** *ignorans* (=*et ignorabas*) **quae futura essent,** *fazias isto não sabendo* (=*e não sabias*) *o que ia acontecer.* — **Athenienses mittunt Delphos** *consultum* (=*et consulunt*) **quidnam** *faciant* **de rebus suis,** *os Atenienses mandam a Delfos a consultar* (=*e consultam*) *o que devem fazer a respeito de suas cousas,* mas **miserunt** *consultum* (=*et consuluerunt*) **quidnam** *facerent, mandaram a consultar* (=*e consultaram*) *o que deviam fazer...;* **constitit rex** *incertus* (=*et dubitabat*) **quid ageret,** *o rei deteve-se incerto acerca do que devia fazer.*

Nota. — 7) Às vezes o tempo da proposição dependente não se regula pelo tempo da principal, mas segundo o tempo de um inciso que se acha entre a proposição principal e a dependente, p. ex.: **curavit Servius Tullius, quod semper in re republica tenendum est, ne plurimum valeant plurimi** (*Cic.*, Rep. 2, 22), *procurou Sérvio Túlio que os mais não fossem os mais poderosos, cousa que sempre se deve procurar num estado.*

Nota. — 8) Um tempo presente na regente não pode influir sobre uma dependente que deveria ter tambem, se independente, o seu verbo no imperfeito do subjuntivo, p. ex.: **quaero ex te, cur C. Cornelium non defenderem,** *pergunto-te porque não teria devido defender C. Cornélio* (Cf. n. 370, *b*, pág. 269).

Nota. — 9) As *proposições finais* e as *objetivas* que dependem dos *verba timendi* não têm o subjuntivo futuro, embora indiquem ou possam indicar ações posteriores à da principal — encontram-se os mesmos tempos da contemporaneidade, isto é, o presente ou o imperfeito, p. ex.: *não quero ser aprovador, para não parecer bajulador,* *nolo* **esse laudator** *ne videar* **adulator;** *Cícero não queria ser...,* **Cicero** *nolebat* **esse laudator ne** *videretur* **adulator;** — *temo que teu pai não te faça boa recepção, timeo* **ut te pater benigne** *excipiat* (melhor que: **excepturus sit**); *temia que teu pai não te fizesse uma boa recepção, timebam* **ut te pater benigne** *exciperet* (melhor que: **excepturus esset**).

Nota. — 10) Depois das conjunções comparativas **quasi, proinde quasi, ut si, tanquam (si), velut (si),** etc., (=*como se...*) as quais, como em português regem o subjuntivo, o latim observa mais que o português a dependência dos tempos, isto é, quando o verbo da proposição principal está no presente ou no futuro, o da dependente esta no latim no presente do subjuntivo, se a comparação diz respeito ao presente; no perfeito do subjuntivo, se diz respeito ao passado. Em português no primeiro caso, se encontra o imperfeito, no segundo o mais que perfeito do subjuntivo, p. ex.: **ita tibi rem**

commendo, tanquam si tua sit (português: *como se fosse tua*); **angimur tanquam Hortensio acerbitatis aliquid acciderit** (português: *afligimo-nos como se tivesse acontecido a Hortênsio uma qualquer desgraça*).

Observações. — *1*) Não faltam tambem na língua latina exemplos de imperfeitos e mais que perfeitos do subjuntivo depois de um tempo presente ou futuro.

2) Nos outros tempos concordam as duas línguas, p. ex.: **tanquam de regno dimicaretur, ita concurrerunt,** *enfrentaram-se como se se disputasse o reino.*

Nota. — 11) Merece reparo especial o imperfeito do subjuntivo usado especialmente por Cícero para exprimir um fato ou uma sentença que se verifica em todos os tempos e portanto tambem no presente; neste caso a língua portuguesa usa habitualmente o presente, p. ex.: **Bias dicebat eum vere infelicem esse, qui infelicitatem ferre non** *posset, Bias dizia que é verdadeiramente infeliz aquele que não pode suportar a desgraça;* **Apelles pictores eos peccare dicebat, qui non** *sentirent* **quid esset satis,** *Apeles dizia que erram aqueles pintores que não tem o sentimento do que é suficiente;* **Socrates dicebat omnes, in eo quod** *scirent,* **satis esse eloquentes,** *Sócrates dizia que todos no que sabem são eloquentes.*— Contudo, às vezes, tambem em latim se encontra a mesma construção do português, p. ex.: **hic, quantum in bello fortuna** *possit* **et quantos** *afferat* **casus, cognosci potuit,** *então foi possivel verificar quanto o acaso pode numa guerra e quantas circunstâncias imprevitas traz consigo.*

Esta dependência dos tempos históricos para as máximas gerais vale tambem quando elas dependem de um *perfeito do indicativo,* p. ex.: **tum Lentulus, scelere demens, quanta conscientiae vis** *esset, ostendit, então Lêntulo, louco pelo crime, mostrou quão grande é a força da conciência.*

Nota. — 12) Com relação à *consecutio temporum* nas proposições consecutivas cf. *Proposições consecutivas ou correlativas* n. 460, 461.

§ II

PROPOSIÇÕES SUBJETIVAS

As *proposições subjetivas* tratamo-las no n. 376, pág. 273 e n. 377, pág. 274 no estudo que fizemos da sintaxe do modo *Infinito.*

§ III

PROPOSIÇÕES OBJETIVAS

417.— As *proposições objetivas* que dependem dos **verba sentiendi, declarandi, voluntatis** e **affectuum** foram estudadas por extenso nos n. 378-385, pág. 275-280, na sintaxe do modo *Infinito.*

Para completar o estudo das *proposições objetivas* acrescentamos os seguintes números:

I. — sobre as proposições objetivas depois dos **verba timendi,**

II. — as objetivas depois dos **verba impediendi,**

III. — as objetivas construidas com a **conjunção quin.**

I. — PROPOSIÇÕES OBJETIVAS DEPOIS DOS VERBA TIMENDI

Timeo ne pater aegrōtet.

418. — *a)* Se o verbo que rege a proposição objetiva for um verbo de *temer* (**verba timendi**) p. ex.: **timeo, metuo, vereor; metus est, periculum est, in metu sum, timor subit animum,** etc., a proposição constrói-se com **ut** ou **ne non** ou **ne** e o subjuntivo: com **ut** ou **ne non** se se deseja que a cousa aconteça; com **ne,** se não se deseja, p. ex.: *temo que não possas suportar tantas fadigas,* **vereor ut sustinēre possis tot labores;** *temo que meu pai me castigue,* **vereor ne pater me puniat;** *receio que meu pai esteja doente,* **timeo ne pater aegrōtet;** *temo que meu pai não volte,* **timeo ut pater redeat;** *temo que não alcance isto,* **timeo ne non hoc impĕtrem.**

Esses verbos consideram-se como tendo em latim construção oposta a que têm em português. Ao **que** português corresponde o **ne** latino, ao **que não** corresponde em latim o **ut** ou **ne non.**

Sobre a **consecutio temporum** destes verbos cf. n. 416, (pág. 300), nota n. 9 (pág. 304).

Observação. — Quando os *verba timendi* são usados negativamente (= **non timeo, non metuo, non est timor,** etc.) seguem a mesma regra, mas em lugar de **ut** usa-se sempre **ne non,** p. ex.:

Non vereor ne, non timeo ne, non metuo ne usam-se quando se assevera a *certeza de que não acontecerá* o que não se deseja que aconteça, p. ex.: **non vereor ne quid timide, ne quid stulte facias,** *não receio que tu estejas para fazer =estou certo de que tu não farás nada de estulto e de tímido.*

Non vereor ne non (ne nemo, ne nullus, ne nihil, etc.) quando se assevera a *certeza de que acontecerá* o que se deseja, p. ex.: **non vereor ne tua virtus opinioni hominum non respondeat,** *não temo que a tua virtude não corresponda =estou certo de que a tua virtude corresponde à opinião pública.*

b) **Vereor** (raramente **metuo, timeo**) com o infinito presente significa *não ouso, não me atrevo, hesito, temo de fazer alguma cousa,* p. ex.: **vereor hoc dicere,** *não me atrevo a dizer isto.* — **Non vereor** com o infinito significa: *atrevo-me,* p. ex.: **non vereor hoc dicere,** *atrevo-me a dizer isto.*

II. — PROPOSIÇÕES OBJETIVAS DEPOIS DOS VERBA IMPEDIENDI

Non impedio quominus proficiscaris.

419. — Quando a proposição objetiva for regida de verbos que indicam um *impedimento* (**verba impediendi**), como **impedio, deterreo, detineo, obsto, obsisto, resisto, recuso, repugno, prohibeo, officio, intercludo,** etc., a proposição objetiva constrói-se com **ne** ou **quominus** e o subjuntivo. Algumas vezes, se a proposição principal for negativa, tambem com **quin,** p. ex.: *Isócrates estava impedido de falar em público por causa da debilidade da sua voz,* **Isocrates infirmitate vocis ne in publico diceret impediebatur** ou **quominus in publico diceret;** *a idade não vos proibe de amar a agricultura até a extrema velhice,* **aetas non impĕdit quominus agri colendi studia teneamus usque ad ultimum tempus senectutis;** *Epaminondas não recusou sofrer a pena da lei,* **Epaminondas non recusavit quominus legis poenam subiret;** *que te impede de ser feliz?* **quid obstat, quin sis beatus?** *Histieu de Mileto se opôs a que se executasse o desígnio,* **Histiaeus milesius obstitit, ne res conficeretur;** *não impeço que partas,* **non impedio quominus proficiscaris.**

Observações. — *1)* **Interdico** constrói-se sempre com **ne.**

2) Com **impedio** e **prohibeo** omite-se o acusativo do objeto quando se constroem com **ne,** ao passo que se pode exprimir ou omitir o objeto quando construido com **quominus,** por ex.: **pudor impedit ne exquiram** (menos bem: **impedit me**); mas: **pudor impedit** (ou **me impedit**) **quominus exquiram,** *o pudor me proibe de investigar.*

Impedio, prohibeo, recuso se constroem tambem com o infinito, p. ex.: *os Belgas proibiram aos Cimbros que entrassem nos seus territórios,* **Belgae Cimbros intra fines suos ingredi prohibuerunt;** *quem recusará morrer pela pátria?* **pro patria mori quis recuset?** *a doença não me permite sair de casa,* **morbus me impĕdit domo exire.**

3) Com **impedio, prohibeo, intercedo,** ainda que negativos, nunca se usa **quin.**

4) Notem-se as seguintes frases: **per me** (**te, eum,** etc.) **stat** ou **fit quominus** (ou **ne**)... *depende de mim que não = impeço que...* — **mihi non est religio quominus id faciam,** *eu não tenho escrúpulo em fazer isto.*

III. — OBJETIVAS CONSTRUIDAS COM A CONJUNÇÃO QUIN

Non dubito quin virtus sit amabilis.

420. — *a)* Quando a proposição objetiva vem regida dos verbos que indicam *não duvidar, não pensar diversamente,* sempre com forma ou valor negativo, p. ex.: **non dubito, dubium non est,**

quis dubitat? nulla causa est, non recuso, nihil praetermitto, ou **intermitto, non multum abest,** *pouco falta que;* **nihil abest, nulla causa est, quid causae est? facere non possum,** *não posso menos de... = devo* **fieri non potest,** *não pode ser que não = deve necessariamente;* **temperare mihi non possum, retineri non possum,** *não posso conter-me que não;* **non abest suspicio quin,** *não falta a suspeita que...* etc., a proposição objetiva constrói-se com a conjugação consecutiva **quin** (= **ut non**) e o subjuntivo, p. ex.: *não duvido que a virtude seja amavel,* **non dubito quin virtus sit amabilis;** *não podemos impedir que outros pensem diversamente de nós,* **non possumus quin alii a nobis dissentiant, recusare;** *não há dúvida que as cousas previstas sejam mais graves,* **non est dubium quin omnia praevisa sint graviora;** *quem duvida que o mundo seja governado pela divina Providência?* **quis duvitat quin Dei providentia mundus administretur?**

b) O verbo **non dubito** construido com o infinito significa simplesmente *não hesito,* p. ex.: *Codro não hesitou em sacrificar a própria vida pela pátria,* **Codrus non dubitavit pro patria vitam ponere.**

Observações. — *1)* Contudo, **non dubito** com o valor de *não hesito* encontra-se tambem construido com o subjuntivo com **quin,** especialmente depois de **noli, nolite dubitare,** *não queiras, não queirais hesitar* e depois de **dubitandum non est,** *não se deve hesitar,* p. ex.: **nolite dubitare quin uni Pompeio credatis omnia** (Cic.), *não queirais mais hesitar em confiar tudo unicamente a Pompeio.*

2) O simples verbo **dubito** com o infinito significa *hesito, não ouso,* p. ex.: **dubito hoc facere,** *hesito, não ouso fazer isto.*

3) Note-se a diferença entre as duas frases: **non dubito quin...** e **non dubito quin... non. Non dubito quin,** *não duvido que = estou certo de que,* p. ex.: **non dubito quin legiones venturae sint,** *não duvido que as legiões estejam para vir = estou certo de que as legiões virão;* **non dubito quin... non,** *não duvido que não = estou certo de que não,* p. ex.: **non dubito quin legiones venturae non sint,** *não duvido que as legiões não estejam para vir = estou certo de que as legiões não virão.*

A PARTICULA QUIN SUBSTITUINDO O PRONOME RELATIVO

Nemo est tam fortis, quin rei novitate perturbetur.

421. — *a)* A partícula **quin** pode-se usar tambem como pronome relativo em lugar de nominativo **quin non** (sing. e plural), **quod non** e raramente o feminino **quae non,** depois de **nemo est, nullus est, nihil est** e depois das interrogações retóricas (equivalentes a proposições negativas) que se abrem com **quis est? quid est?**

Nos demais casos: **cujus non; cui non; quem non, quam non, quod non** ficam separados, p. ex.: **nemo est tam fortis quin** (=**qui non**) **rei novitate perturbetur,** *ninguem é tão forte que não se perturbe pela novidade da cousa;* **quis est quin** (=**nemo est quin**) **cernat quanta vis sit in sensibus?** *quem é que não* (=*não há ninguem que não*) *vê quanta força há nos sentidos?* **nulla tam detestabilis pestis est, quae non** (menos bem **quin**) **homini ab homine nascatur,** *não há peste tão detestavel que não chegue ao homem pelo homem;* **nihil est quin** (=**quod non**) **male narrando possit depravari,** *não há cousa que mal relatada não possa ser desvirtuada.*

b) O **quin** pode tambem ter o valor de *sem, sem que* (Cf. n. 386, *e*, pág. 281), mas se exige que o verbo da principal seja sempre *negativo* na forma ou no valor; se o verbo da principal for *positivo*, deve-se usar **qui, quae, quod non** com o subjuntivo, p. ex.: **nunquam accedo, quin abs te abeam doctior,** *nunca de ti me acerco sem me afastar mais instruido;* **non temere fama nasci solet, quin subsit aliquid,** *não se dá um boato sem que haja algum fundamento;* **nulla dies intercessit, quin scriberem,** *não passou dia sem que eu te escrevesse;* mas dir-se-á sempre: **Alexander Magnus nullam obsēdit urbem quam non ceperit** e **Caesar nullam gentem adortus est quam non vicĕrit,** porque o **quin** substitue unicamente o caso nominativo: *Alexandre Magno não sitiou cidade sem que a tomasse* (=que não a tomasse), *Cesar não acometeu nação sem que a vencesse* (=que não a vencesse).

OBSERVAÇÃO

Como se supre em latim o subjuntivo futuro.

422. — Se o verbo da proposição objetiva indica o **futuro,** carecendo o subjuntivo latino de uma forma especial para o futuro, nas proposições dependentes com **quin** (e tambem nas interrogativas indiretas), emprega-se um circunlóquio que obedece às regras seguintes:

Primeiro caso — Se o verbo for ativo e tiver supino:

a) para o futuro imperf.

1) na dependência dos tempos principais usa-se o presente perifrástico do subjuntivo:
Non dubito (dubitabo) quin me amaturus sis.
Non dubito quin hanc rem confecturus sis.
(*Não duvido* [*duvidarei*] *que tu me amarás — que tu farás esta cousa*).

2) na dependência dos tempos histórico usa-se o imperfeito perifrástico do subjuntivo:
Non dubitabam (dubitavi, dubitaveram) quin me amaturus esses — Non dubitabam quin hanc rem confecturus esses. (*Não duvidava* [*duvidei, duvidara*] *que tu me amarias — que tu farias esta cousa*). (Cf. n. 416 A, *c*; B, *c*, pág. 300).

b) para o futuro perfeito

1) na dependência dos tempos principais usa-se o perfeito perifrástico do subjuntivo:
Non dubito (dubitabo) quin me amaturus fueris — Non dubito quin hanc rem confecturus fueris. (*Não duvido* [*duvidarei*] *que tu me terás amado* [ou: *terias amado*] — *que tu terás feito* [ou: *terias feito*] *esta cousa*).

2) na dependência dos tempos históricos usa-se o mais que perfeito perifrástico do subjuntivo:
Non dubitabam (dubitavi, dubitaveram) quin me amaturus fuisses — Non dubitabam quin hanc rem confecturus fuisses. (*Não duvidava* [*duvidei, duvidara*] *que tu me terias amado — que tu terias feito esta cousas*).

Segundo caso — Se o verbo for ativo, mas carecer de supino ou, mesmo tendo-o, for usado passivamente:

a) para o fut. imp.

1) *na dependência dos tempos principais* usa-se o circunlóquio **futurum sit ut** e o *presente do subjuntivo:*

Non dubito (dubitabo) quin futurum sit ut
Não duvido (duvidarei) que

- *voz act.:* **discas latinum sermonem — hujus rei te paeniteat** (*tu aprenderás a língua latina — te arrrependerás desta cousa*).
- *voz pass.:* **a te amer — haec res a te conficiatur** (*serei amado por ti — esta cousa será feita por ti*).

2) *na dependência dos tempos históricos* usa-se o circunlóquio **futurum esset ut** e o *imperfeito do subjuntivo:*

Non dubitabam (dubitavi, dubitaveram) quin futurum esset ut
Não duvidava (duvidei, duvidara) que

- *voz at.:* **disceres l. s. — hujus rei te paeniteret** (*tu aprenderias a l. l. — te arrependerias desta cousa.*
- *voz pass.:* **a te amarer — haec res a te conficeretur** (*seria amado por ti — esta cousa seria feita por ti*).

(Cf. n. 416, B, *c*, observação, pág. 300).

b) para o fut. perf.

1) *na dependência dos tempos principais* usa-se o circunlóquio **futurum sit ut** e o *perfeito do subjuntivo:*

Non dubito (dubitabo) quin futurum sit ut
Não duvido (duvidarei) que

- *voz at.:* **didiceris l. s. — hanc rem confeceris** (*tu terás* [ou: *terias*] *aprendido a l. l. — tu terás* [ou: *terias*] *feito esta cousa*).
- *voz pas.:* **a te amatus sim — haec res a te confecta sit** (*teria sido amado por ti — esta cousa teria sido feita por ti*).

2) *na dependência dos tempos históricos* usa-se o circumlóquio **futurum esset ut** e o *mais que perfeito do subjuntivo:*

Non dubitabam (dubitavi, dubitaveram) quin futurum esset ut
Não duvidava (duvidei, duvidara) que

- *voz at.:* **didicisses l. s. — hanc rem confecisses** (*tu terias aprendido a l. l. — terias feito esta cousa*).
- *voz pass.:* **a te amatus essem — haec res a te confecta esset** (*teria sido amado por ti — esta cousa teria sido feita por ti*).

O futuro perfeito do subjuntivo tanto na dependência dos tempos principais como na dos históricos, na voz passiva e depoente, supre-se elegantemente com uma forma mais breve, isto é, com o perfeito e mais que perfeito do subjuntivo, intercalando-se **futurus, a, um:**

fut. perf.

1) *dependência dos tempos principais* em lugar de:

non dubito quin futurum si ut *não duvido que*
- *verbo pass.:* **a te amatus sim** *(teria sido amado por ti).*
- *verbo dep.:* **profectus sis** *(terias partido).*

dir-se-á:

non dubito quin *Não duvido que*
- *verbo pass.:* **a te amatus futurus sim** *(teria sido amado por ti).*
- *verbo dep.:* **profectus futurus sis** *(terias partido).*

2) *na dependência dos tempos históricos* em lugar de:

non dubitabam quin futurum esset ut *Não duvidava que*
- *verbo pass.:* **a te amatus essem** *(teria sido amado por ti)*
- *verbo dep.:* **profectus esses** *(terias partido).*

dir-se-á:

non dubitabam quin *Não duvidava que*
- *verbo pass.:* **a te amatus futurus essem** *(teria sido amado por ti)*
- *verbo dep.:* **profectus futurus esses** *(terias partido).*

Terceiro caso — Quando a idéia do tempo futuro da proposição dependente aparece suficientemente pelo contexto.

a) para o fut. imperf.

- 1) *na dependência dos tempos principais* usa-se o simples **subjuntivo presente**
  - *voz at.:* **non dubito quin hanc rem mox (brevi, jam, aliquando) conficias**, *não duvido que em breve farás esta cousa.*
  - *voz pass.:* **non dubito quin haec res mox (brevi, jam, aliquando) a te conficiatur**, *não duvido que em breve esta cousa será feita por ti.*
- 2) *na dependência dos tempos históricos* usa-se o simples **subjuntivo imperfeito**
  - *voz at.:* **non dubitabam quin hanc rem mox (brevi, jam, aliquando) conficeres**, *não duvidava que em breve farias esta cousa.*
  - *voz pass.:* **non dubitabam quin haec res mox (brevi, jam, aliquando) a te conficeretur**, *não duvidava que em breve esta cousa seria feita por ti.*

b) para o fut. perf.

- *1) na dependência dos tempos principais* usa-se o simples subjuntivo perfeito
  - *voz at.:* **non dubito quin hanc rem mox (brevi, jam, aliquando) confeceris,** *não duvido que em breve terás (ou: terias) feito esta cousa.*
  - *voz pass.:* **non dubito quin haec res mox (brevi, jam, aliquando) a te confecta sit,** *não duvido que em breve esta cousa teria sido feita por ti.*
- *2) na dependência dos tempos históricos* usa-se o simples subjuntivo m. q. perfeito
  - *voz at.:* **non dubitabam quin hanc rem mox (brevi, jam, aliquando) confecisses,** *não duvidava que em breve terias feito esta cousa.*
  - *voz pass.:* **non dubitabam quin haec res mox (brevi, jam, aliquando) a te confecta esset,** *não duvidava que em breve esta cousa teria sido feita por ti.*

Observação. — Nestes exemplos a idéia do tempo futuro está contida no advérbio **mox (brevi, jam, aliquando)**. Outras vezes, porem, o futuro resulta de uma inteira proposição, por ex.: *Roscius egestatem suam* **se laturum** *putat, si hac indigna suspicione* **liberatus sit,** *Róscio pensa que suportará a sua pobreza, se ficar livre desta indigna suspeita* — ou resulta da natureza da proposição dependente que se refere sempre ao futuro, p. ex.: **curat ut valeat** — ou da própria significação da proposição principal, p. ex.: **exspecto quid eveniat.**

§ IV

PROPOSIÇÕES INTERROGATIVAS

423. — *a*) As proposições interrogativas dividem-se em **diretas** ou **independentes** e **indiretas** ou **dependentes.** Podem ser **simples**, se constarem de uma só proposição; **duplas** ou **disjuntivas**, se constarem de mais membros, que se excluem reciprocamente.

b) As **diretas** formam-se com uma proposição no indicativo ou no subjuntivo dubitativo, p. ex.: *quem mais douto do que Aristóteles?* **quis doctior Aristotele?** *Quem poderia duvidar que a virtude seja mais estimavel que as riquezas?* **quis dubitet quin virtus potior divitiis sit?**

As interrogações **indiretas** formam-se com uma proposição dependente e geralmente depois de um verbo (**dicendi** ou **sentiendi**) na principal. Como proposição dependente *exige* sempre o *subjuntivo*, p. ex.: *não sei que fazer*, **nescio quid agam**; *estava incerto sobre o que devia fazer*, **incertus eram quid agerem.**

c) As proposições tanto diretas como indiretas formam-se:

I) Com os pronomes interrogativos **quis, quid,** os seus compostos e **uter.**

II) Com os adjetivos pronominais **qualis, quantus, quod,** etc.

III) Com os advérbios **ubi, quo, unde, cur, quare, quando,** etc.

IV) Com partículas interrogativas especiais, p. ex.: **ne, num, nonne, utrum, an,** etc.

Observação. — A interrogação direta às vezes só se indica por meio do tom da voz sem pronome ou partícula interrogativa, especialmente na linguagem popular ou quando uma pergunta se refere a toda uma proposição, p. ex.: **Silla potuit; ego non potero?** *Sila pode; eu não poderei?* **Vos, Quirites, in imperio nati, aequo animo servitutem toleratis?** *e vós, ó Quirites, nascidos na soberania, tolerais com resignação a escravidão?*

PRONOMES INTERROGATIVOS

Quis doctior Aristotele?

424. — O **pronome interrogativo** em português é: **que, quem,** e se traduz em latim:

a) **Quis, quid,** quando funciona como substantivo, p. ex.: **quis doctior Aristotele?** *quem é mais sábio que Aristóteles?*

b) **Qui, quod,** quando funciona como adjetivo, p. ex.: *que trepidação, que tumulto é este?* **quae trepidatio, qui tumultus est?**

c) Por **uter, utra, utrum,** quando se fala de dois, p. ex.: *quem é maior, Cesar ou Pompeu?* **uter est major, Caesar an Pompeius?** *quem é melhor, o pai ou o filho?* **uter melior est, pater an filius?**

d) **Quid,** pode ser acusativo de relação ou de exclamação. Como acusativo de relação tem o sentido de **ad quid, cur,** p. ex.: **eloquĕre, quid venisti?** *fala, para que vieste?*

Como acusativo de exclamação chama a atenção para as interrogações que se seguem, p. ex.: **quid jurisconsulti, quid pontifices, quid augŭres, quid philosophi senes? quam multa meminerunt?** *e os jurisconsultos, e os pontífices, e os áugures, e os velhos filósofos,* etc.

e) *Quantos* traduz-se por **quot** ou **quam multi,** não **quanti,** que em latim significa *quão grandes.*

CONJUNÇÕES INTERROGATIVAS

Quando profectus est frater?

425. — As principais conjunções interrogativas da língua portuguesa são: *quando, porque, como.*

Quando, interrogativo, traduz-se em latim por **quando,** nunca por **cum,** tanto nas diretas como nas indiretas, p. ex.: direta: *quando partiu teu irmão?* **quando profectus est frater?** indireta: *faze-me saber quando teu pai voltou,* **fac ut sciam quando pater redierit.**

Cur senatum cogor reprehendĕre?

426. — *a*) *Porque,* interrogativo, traduz-se por **cur** nas interrogações diretas, por **quare** e **quamŏbrem** nas indiretas, p. ex.: direta: *porque partiu Cícero?* **cur profectus est Cicero?** *porque me acho coagido a censurar o senado?* **cur senatum cogor reprehendĕre?** indireta: *muitos perguntam porque partiu Cícero,* **quaeritur a multis quare Cicero profectus sit;** *faze-me saber porque não veio ter irmão,* **cura ut sciam quare non venerit frater.**

b) *Porque não* traduz-se regularmente por **cur non** e o indicativo e tambem por **quin** com o indicativo, principalmente quando houver uma idéia explícita de mandado, p. ex.: **quin me remorsurum petis?** *porque não me assaltas a mim, que estou pronto a retribuir-te do mesmo modo?* **quin taces?** *porque não calas?*

Quomŏdo mortem filii tulisti?

427. — *Como* traduz-se em latim por **quomŏdo** e **quemadmŏdum,** quer nas interrogações diretas, quer nas indiretas, p. ex.: *como suportaste a morte do filho?* **quomŏdo mortem filii tulisti?**

Observações sobre as conjunções interrogativas. — Às vezes encontra-se **cur** tambem na interrogação indireta; **quare** e **quamŏbrem** raramente na direta; **quī,** *como,* em vez de **quomodo,** usa-se exclusivamente com os verbos **fieri** e **posse**; **ut,** *como,* emprega-se na indireta e quase exclusivamente depois dos *verba sentiendi* e *declarandi,* p. ex.: **quid est cur illi vobis comparandi sint?** *qual a razão porque se possam eles comparar convosco?* **quī fit ut nemo vivat sua sorte contentus?** *como é que ninguem vive contente com a própria sorte?* **videtis, judices, ut omnes despiciat?** *vedes, ó juizes, como ele despreza a todos?* **vides ut alta stet nive candidum Soracte?** *vês como o Soracte está branco pela muita neve?*

INTERROGAÇÃO DIRETA

Partículas interrogativas na interrogação direta simples

Vidistine regem?

428. — Para a interrogação direta simples usam-se as partículas **ne, nonne, num** e **an.**

A partícula **ne,** porque enclítica, vem sempre posposta e unida à palavra mais importante que deve ocupar o primeiro ou o segundo lugar, raramente o terceiro, da proposição. Emprega-se quando a resposta é indeterminada, isto é, quando a resposta pode ser tanto afirmativa como negativa, p.ex.: *viste o rei?* **vidistine regem?** *voltou teu pai?* **rediitne pater?**

Observações.— *1)* Em regra, **ne** não se repete numa série de interrogações que se seguem, ao menos que se deva unir o **ne** a uma palavra repetida mais vezes e que exija uma resposta, p. ex.: **fuistisne ad arma ituri? fuistisne vos ad patrium illum animum majorumque virtutem excitaturi? fuistisne aliquando rem publicam a funesto latrone repetituri?** *querieis tomar as armas? querieis desperlar aquela coragem pátria e de vossos antepassados? querieis finalmente retomar a república a um malfadado ladrão?*

2) Umas poucas vezes **ne** espera uma resposta afirmativa (como **nonne,** p. ex.: *não é verdade que ele punha toda a felicidade da vida unicamente na virtude?* **videturne omnem hic beatam vitam in una virtute ponere?** (*Cíc.* Tusc. 5, 12, 35). — (cf. n. 429, *b,* obs. *1,* pág. 319).

Raríssimas vezes o **ne** espera uma resposta negativa (como **num**), p. ex.: **in nostrane potestate est quid meminerimus?** *está talvez em nosso poder recordar o que queremos?* (*Cíc.* Fin. 104).

3) Na linguagem popular a particula **ne** unida a certas formas apresenta a apócope do e final, p. ex.: **tun?** por **tune? ten** por **tene? men** por **mene?** — Unindo-se a um s final perde-se o s e o e final da enclítica, p. ex.: **vin?** por **visne? viden?** por **videsne? satin** por **satisne,** etc. — Unindo-se à partícula demonstrativa **ce,** torna-a **ci,** p. ex.: **hicine, haecine, hocine** (cf. n. 70, *d,* pág. 75).

Nonne Cicero eloquentissimus oratorum romanorum?

429. — *a*) **Nonne** emprega-se quando se espera uma resposta absolutamente afirmativa, isto é, quando se pergunta não para saber, mas para afirmar mais energicamente uma cousa, por ex.: *não é Cícero o mais eloquente dos oradores romanos?* **nonne Cicero eloquentissimus oratorum romanorum?**

b) Quando se seguem mais interrogações para as quais se espera resposta afirmativa, na primeira usa-se **nonne,** nas outras **non,** p. ex.: **nonne vobis haec, quae audistis, cernere oculis videmini, judices? non illum miserum, ignarum casus sui redeuntem a cena videtis? non positas insidias? non impetum repentinum? non versatur ante oculos vobis in caede Glaucĭa? non adest iste T. Roscius?** *não vos parece, ó juizes, verdes com os próprios olhos o que ouvistes? não vedes aquele pobrezinho que inconciente da desventura volta da ceia? não vedes a emboscada? não vedes o repentino assalto? não vedes adiante dos vossos olhos Gláucia perpetrando o crime e manchado de sangue? não vedes este Tito Róscio?*

Às vezes se encontra tambem repetido o **nonne,** especialmente quando se quer fazer sobressair a insistência.

Observações. — *1*) Às vezes encontra-se **ne** em lugar de **nonne,** especialmente nas argumentações por exemplo, quando se quer demonstrar com um exemplo uma asserção antecedente com **videsne? videmusne? videtisne?** formas estas quasi sempre seguidas do subjuntivo com **ut,** p. ex.: **videtisne ut apud Homerum saepissime Nestor de virtutibus suis praedĭcet?** *não vedes como Nestor em Homero muitíssimas vezes se gaba das suas virtudes?* em lugar de **nonne videtis apud Homerum... Nestŏrem... praedicare?** *não vês (vemos, vêdes) como infelizmente muitas vezes o homem é lobo para o próprio homem?* **videsne (vidêmusne, videtisne) ut nimis saepe homo homini sit lupus?** (cf. n. 428, obs. *2*, pág. 318).

2) Cícero costuma reforçar uma interrogação direta com **quid?** (*como?*) **quid enim? quid ergo? quid igitur?** p. ex.: **quid? ille M. Cato nonne eloquentiā summa fuit?** *como? aquele célebre Catão não foi talvez de eloquência insuperavel?*

Num Caius Marius major est quam Caesar?

430. — **Num** emprega-se quando se espera uma resposta negativa, isto é, quando se interroga não para saber, mas para dar maior força à negação, p. ex.: *por ventura é Caio Mário maior do que Cesar?* **num Caius Marius major est quam Caesar?**

Observações. — *1*) **Num** pode ser reforçado com o acréscimo de **ne, quid,** p. ex.: **deum ipsum numne vidistis?** *acaso tendes vós visto esse deus?* **numquid duas habetis patrias?** *talvez tendes vós duas pátrias?*

2) Em lugar de **num quis? num quid?** pode-se usar **ecquis? ecquid?** p. ex.: **ecquis me vivit fortunatior? nemo.**

An potest quisquam dubitare?

431. — **An (anne, an vero)** usam-se em lugar de **num** e outras poucas vezes, especialmente depois de uma outra interrogação, em vez de **nonne,** p. ex.: **an potest quisquam dubitare?**

talvez que pode alguem duvidar? **quidnam beneficio provocati facere debemus? an imitari agros fertiles, qui multo plus efferunt, quam acceperunt?** *que devemos fazer quando provocados pela beneficiência de outrem? não devemos nós imitar os campos ferteis que dão muito mais do que receberam?* (*Cic.*, De Off. 1, 15, 48).

PROPOSIÇÕES INTERROGATIVAS DUPLAS DIRETAS

Utrum hoc est verum an falsum?

432. — Quando a interrogação tem dois membros, chama-se interrogativa dupla ou disjuntiva, e então emprega-se:

a) **Utrum** no primeiro membro, **an** no segundo.
b) **Ne** enclítico no primeiro membro, **an** no segundo.
c) Nada no primeiro membro, **an** no segundo.

Observação. — O an das letras *a, b, c,* repete-se em todos os membros seguintes de que consta a interrogação.

d) Às vezes o simples **ne** enclitico.

Por exemplo:

Isto é verdadeiro ou falso?
- **Utrum hoc est verum an falsum?**
- **Verumne hoc est an falsum?**
- **Hoc est verum an falsum?**
- **Hoc verum falsumne est?**

Choras ou ris?
- **Utrum luges an rides?**
- **Lugesne an rides?**
- **Luges an rides?**
- **Luges ridesne?**

As duas primeiras formas são as mais frequentes (tambem na interrogação indireta); a terceira e a quarta, mais raras, encontram-se especialmente nas interrogações breves.

Se as proposições duplas diretas (o mesmo se diga das duplas indiretas, n. 434 e das dubitativas, n. 438) constarem de mais de dois membros, que se sucedem por meio da conjunção *ou*, as que se seguem às primeiras duas unem-se entre si por meio da partícula **an**, p. ex.: **Romamne venio, an hic maneo, an Arpinum fugio?** *Vou a Roma ou fico aquí ou fujo para Arpino?* (cf. a obs. entre as letras *c*—*d* desse mesmo número).

Observações. — *1)* A interrogação *ou não*, com a qual no segundo membro se nega o primeiro, exprime-se com **an non** e às vezes tambem com **necne** com ou sem repetição do verbo. Neste caso o primeiro membro quasi carece da partícula interrogativa, p. ex.: *visitar-me-ás amanhã ou não?* **visesne me cras an non?** *são estas as tuas palavras ou não?* **sunt haec tua verba necne?** (*Cic.* Tusc. 3, 18, 41).

2) No segundo termo de uma expressão comparativa em lugar de **an** se encontra tambem **quam**, p. ex.: **nonne mavis sine periculo tuae domi esse, quam cum periculo alienae?** *não preferes tu achar-te em tua casa sem perigo a achar-te com perigo em casa alheia?* (*Cic.* Fam. 4, 7, 4).

INTERROGAÇÃO INDIRETA

PARTÍCULAS INTERROGATIVAS NA INTERROGAÇÃO INDIRETA SIMPLES

Scribe collocutusne sis cum Cicerone.

433. — Tambem a interrogação indireta pode ser simples ou dupla (cf. n. 423, *a*, pág. 316). O seu modo é o *subjuntivo*. O modo indicativo só se encontra no latim popular e arcaico.

Na interrogação indireta simples usam-se as partículas:

a) **Ne** (enclítico) e **num** = *se* na duvida de uma resposta afirmativa ou negativa, p. ex.: **quaeritur idemne sit pertinacia et perseverantia,** *pergunta-se se é a mesma cousa a pertinácia e a perseverança;* **scribe collocutusne sis cum Cicerone,** *escreve-me se falaste com Cícero.*

b) **Nonne** = *se não,* quando se pressupõe a resposta afirmativa, p. ex.: **quaesieras ex me nonne** (*se não*) **putarem tot saeculis inveniri verum potuisse,** *tinhas-me perguntado se eu não pensava que em tantos séculos se tivesse podido encontrar a verdade;* **responde nonne sit Cicero maximus oratorum romanorum,** *dize-me se não é Cícero o maior dos oradores romanos.*

Observação. — Depois dos verbos que indicam *tentar, esperar,* p. ex.: **conor, video, experior, tento, exspecto,** o *se* ou *se por acaso* pode-se tambem traduzir por **si**, p. ex.: **vide si cuncta prospera sint,** *vê lá se todas as cousas andam bem;* **exspectabam si quid de eo ad me scriberes,** *esperava que me escrevesses alguma cousa a respeito dele;* **Helvetii si perrumpere possent conati sunt,** *os Helvécios experimentaram se podiam abrir um caminho;* **exspecto si quid aliud dicere velis; hostes tentabant si egredi possent.**

Os particípios destes verbos podem tambem ficar subentendidos, p. ex.: **hostes circumfunduntur ex omnibus partibus (tentantes) si quem aditum reperire possent,** *os inimigos espalham-se em toda a parte para ver se podem encontrar uma entrada;* **clam e castris exierunt, si quid frumenti in agris reperire possint,** *às ocultas saíram do acampamento para procurar se encontravam no campo um pouco de trigo.*

PROPOSIÇÕES INTERROGATIVAS DUPLAS INDIRETAS

Quaero utrum hoc verum an falsum sit.

434. — Nas interrogações duplas indiretas, o emprego das partículas é o acima mencionado (cf. n. 432, pág. 320). O verbo vai para o subjuntivo, p. ex.: *pergunto se isto é verdadeiro ou falso,*

quaero { utrum hoc verum an falsum sit.
verumne hoc an falsum sit.
verum hoc an falsum sit.
verum hoc falsumne sit.

Pergunto se choras ou ris,

quaero { utrum lugeas an rideas.
lugeasne an rideas.
lugeas an rideas.
lugeas rideasne.

Observações. — *1*) Se o segundo termo for expresso com *ou não* se traduz em latim com **necne**, mais raramente com **an non**, p. ex.: **dii utrum sint necne sint quaeritur,** *procura-se se os deuses existem ou não;* **ex te quaero visurusne me sis cras necne,** *pergunto-te se me visitarás amanhã ou não;* **quaeritur Corinthiis bellum indicamus an non,** *pergunta-se se devemos declarar guerra aos Coríntios ou não.*

2) **Utrum..., anne.** A particula **an** nas interrogações duplas é às vezes reforçada pela enclítica **ne,** quer em correspondência com **utrum,** quer não. A enclítica **ne** não altera o valor da interrogação, p. ex.: **quaerendum utrum una species et longitudo sit earum, anne plures,** *deve-se procurar se são de uma ou mais espécies e larguras;* **cum interrogetur, tria pauca sint, anne multa** (Cícero)... *se três cousas é pouco ou muito.*

3) **An... an** por **utrum... an** pertence exclusivamente ao uso poético e post-clássico.— **Utrum... an non, utrum... necne** são formas do período clássico, mas raras, p. ex.: **quaeram utrum emeris necne et quo modo et quanti emeris,** *perguntarei se compraste ou não e em qual modo e a que preço* (*Cic.* Verr. 2, 3, 35).

A RESPOSTA LATINA

Fuistine heri in schola? Fui.

435. — A) A uma **interrogação direta,** se a resposta for *a*) *positiva,* o latim responde:

I) Repetindo a palavra mais importante da pergunta, p. ex.: **fuistine heri in schola?** Resp.: **Fui; abiit frater.** — **Solus?** resp.: **Solus; dasne aut manere animos post mortem aut morte ipsa inerire? do vero;** *admites que a alma humana sobrevive ao corpo ou morre com o corpo? Sim, admito.*

II) Com **ita, ita est, ita vero est, ita plane, ita prorsus,** p. ex.: **haecine tua domus est? ita;** *é esta a tua casa? Sim é esta.*

III) Com **etiam, sane, sane quidem, omnino**=*sem dúvida.* Com **vero** quase sempre precedido de um pronome, p. ex.: **visne sermoni reliquo demus operam sedentes? sane quidem,** *queres tu que continuemos o discurso estando sentados? Sim, quero.*

b) Se a resposta for *negativa:*

I) Repetindo a palavra mais importante da pergunta precedida de **non**, p. ex.: **estne frater intus? non est,** *está em casa teu irmão? Não está;* **venitne frater tuus? non venit,** *veio teu irmão? Não veio* **solusne venisti? non solus,** *vieste só? Não.*
Non usado sem verbo como resposta na interrogação é raro.

II) Con **non ita, minime, minime vero, minime... quidem, nihil minus,** p. ex.: **an tu haec non credis? minime vero,** *não acreditas tu estas cousas? Não por certo.*

III) Com **immo, immo vero, immo enimvēro** quando se quer rectificar ou contradizer uma pergunta, p. ex.: **causa igitur non bona est? Immo optima,** *a causa então não é boa? não só boa, mas até ótima.* **Catilina tamen vivit. Vivit? immo vero etiam in senatum venit,** *contudo, Catilina vive. Vive? até vem ao senado.*

B) A uma **interrogação indireta,** se for *positiva,* responde-se em latim repetindo a palavra sobre a qual cai a pergunta; se for *negativa,* usam-se as mesmas fórmulas da interrogação direta.

§ V

PROPOSIÇÕES DUBITATIVAS

436. — Análogas às proposições interrogativas indiretas são as proposições dubitativas, que dependem dos verbos *duvidar, estar na dúvida, não saber, estar incerto* e semelhantes, que se traduzem com **haud scio, nescio, dubĭto, dubium est, incertum est.** Tambem as proposições dubitativas podem ser *simples,* se constarem de um só membro; e *compostas,* se constarem de dois ou mais mebros.

Nescio *ou* **dubito an modum excesserint Romani.**

437. — Quando a dúvida constar de um só membro, isto é, de uma só proposição dependente, exprime-se em latim com o modo *subjuntivo* com as partículas **an, an non, num** ou **ne** (enclítico), e propriamente:

a) Usa-se an (**haud scio an, nescio an, dubito an,** *não sei se não*) quando na incerteza se quer exprimir uma certa propensão para o *sim,* p. ex.: **nescio** ou **dubito an modum excesserit,** *não sei se ele não tenha excedido os limites* (talvez ele os passou); **nescio** ou **dubito an modum excesserint Romani,** *não sei,* assim Lívio, *se os Romanos não tenham excedido a medida* (talvez a passaram na defesa da liberdade).

b) Usa-se **an non** (**nescio an non, haud scio an non,** *não sei se,* **nescio an nemo, haud scio an nemo,** *não sei se alguem;* **nescio an nihil** *não sei se alguma cousa*), quando a propensão é

para o *não*, p. ex.: **haud scio an nihil sit amicitia dulcius**, *não sei se há cousa mais suave* (talvez não) *que a amizade;* **contigit tibi quod nescio an nemini**, *aconteceu a ti o que não sei se já aconteceu* (talvez não) *a outros;* **haud scio an non hoc sit melius**, *não sei se isto seja melhor* (penso que não); **haud scio an non hoc verum sit**, *não sei se isto seja verdadeiro* (talvez não).

c) Usa-se **num** ou **ne** (enclítico) quando houver dúvida ou incerteza absoluta, p. ex.: **dubito num venturus sit amicus** ou **venturusne sit amicus**, *não sei, estou na dúvida se chegará o amigo;* **nolito facere quod dubitas num liceat**, *não faças o que não sabes ou duvidas que seja lícito.*

Dubito utrum hoc sit verum an falsum.

438. — Quando a proposição dubitativa constar de dois membros, isto é, de duas proposições dependentes, exprimem-se sempre com o *subjuntivo*, e no primeiro membro usa-se **utrum** ou **ne** ou se omite a partícula; no segundo **an** (e tambem **ne**, quando no primeiro omitiu-se a partícula), p. ex.: *duvido, não sei, estou incerto se isto é verdadeiro ou falso,*

dubito, nescio, incertus sum
- **utrum hoc sit verum an falsum.**
- **verumne hoc sit an falsum.**
- **hoc verum sit an falsum.**
- **verum hoc falsumne sit.**

Não sei se choras ou ris,

Nescio
- **utrum lugeas an rideas.**
- **lugeasne an rideas.**
- **lugeas an rideas.**
- **lugeas rideasne.**

Mais exemplos:

Não sei se tu estás em Roma ou se já partiste, **dubito utrum Romae sis, an jam profectus** ou **Romae sis, an jam profectus**; *Dionísio duvidou muito tempo se devia deixar o comando ou resistir com as armas*, **Dionysius diu dubitavit imperium deponeret, an bello resisteret**; *uma cousa eu não sei, se eu deva congratular-me contigo ou recear*, **unum illud nescio, gratulerne tibi, an timeam.**

Observação. — Se o segundo membro for expresso por *ou não*, pode-se tambem traduzir com **necne**, p. ex.: **Parthi transierint necne, video neminem dubitare**, *ninguem duvida que os Partos tenham ou não passado.*

Apêndice.

Resumimos neste quadro todas as várias e importantes construções do verbo *dubito:*

Non dubito quin...	não duvido que... (=estou certo de que). Cf. n. 420, pág. 307.
Quis dubitat quin?	quem duvida que...? (=todos estão certos de que...). Cf. n. 420, pág. 30[illegible]

b) Non dubito quin... non	não duvido que não... (=estou certo de que não). Cf. n. 420, observação, *3*, pág. 307.
c) Non dubito com o infinito.	não hesito... Cf. n. 420, *b*, pág. 307.
d) Dubito com o infinito.	hesito, não ouso. Cf. n. 420, obs. *2*, pág. 307.
e) Dubito an...	duvido que *ou* se; não sei se não (mas estou mais para o sim que parao não). Cf. n. 437, *a*, pág. 323.
f) Dubito num ou *ne...*	duvido absolutamente, estou numa incerteza absoluta se... Cf. n. 437, *c*, pág. 323).
g) Dubito utrum... an, etc.	duvido se... ou... Cf. n. 438, pág. xxx.

§ VI
PROPOSIÇÕES TEMPORAIS

439. — *Proposições temporais* são as proposições dependentes que exprimem a circunstância de tempo da ação principal e podem exprimir:

A) um fato *realizado antes* da proposição principal — usam-se as conjunções temporais:

I) — **Postquam, postĕāquam,** (dicionários de Saraiva, Ramorino, Campaníni e Carboni. — Tambem posteăquam de acordo com Durando e Souza), *depois que, depois de;*

II) — **ubi, ubi primum, ut, ut primum, cum, cum primum, simul ac, simul ut, simul atque,** *apenas, logo que, tanto que;*

B) um fato *contemporâneo* à ação principal — usam-se as conjunções **dum, quoad, donec,** *enquanto, até que;*

C) um fato *realizado depois* da ação principal — usam-se as conjunções **antĕquam, priusquam,** *antes que, antes de.*

A — I) **Hamilcar, postquam mare transiit, magnas res fecit.**

440. — Se a proposição temporal exprime um fato *realizado antes* da ação principal, une-se à proposição principal com as conjunções **posquam, posteaquam,** *depois que, depois de.* Estas duas conjunções temporais exigem o *indicativo*:

a) Perfeito, quando exprimem um fato realizado imediatamente antes da proposição principal, p. ex.: *Anibal, depois de ter subjugado as Espanhas, foi à Itália,* **Hannĭbal, postquam Hispanias subegit, in Italiam venit;** *Hamilcar, depois de ter passado o mar, fez grandes cousas,* **Hamilcar, postquam mare transiit, magnas res fecit.**

b) Imperfeito, quando indicam circunstâncias concomitantes de uma ação passada, p. ex.: *depois que o estado das cousas deles parecia bastante próspero, da riqueza surgiu a inveja,* **postquam res eorum satis prospera videbatur, invidia ex opulentia orta est;**

os cavaleiros, depois de não se lhes apresentar ocasião propícia para desertar, passaram para Pompeu, **equites, postquam facultas fugiendi non dabatur, ad Pompeium transierunt.**

c) *Mais que perfeito* com a significação de *desde que*, isto é, quando entre a ação da proposição temporal e a da principal corre um certo espaço de tempo bastante prolongado e mais ainda na circunstância de ser um tempo determinado, p. ex.: *Aristides, cerca de seis anos depois que fora expulso, foi chamado novamente à pátria,* **Aristides, sexto fere anno, postquam erat expulsus, in patriam restitutus est.**

Observação. — Para se indicar que a ação dura ainda no presente, usa-se **postquam** e **posteaquam** com o indicativo presente, p. ex.: *desde o momento que me acho em Fórmias, parece-me estar desterrado,* **relegatus mihi videor, postquam** ou **posteaquam in Formiano sum.**

II) Simul atque increpuit suspicio tumultus, artes illico conticescunt.

441. — Para indicar a circunstância *anterior* de tempo depois da qual acontece *imediatamente* a ação principal, que em português se enuncia com *apenas, logo que, tanto que,* usam-se em latim as conjunções **ubi, ubi primum, ut, ut primum, cum primum, simul ac, simul ut, simul atque** com o verbo no modo *indicativo*, usando em regra um tempo anterior ao da principal, isto é, o *perfeito*, se na principal houver um *presente*; o *mais que perfeito*, se houver um *imperfeito* e o *futuro perfeito*, se houver um *futuro imperfeito*, p. ex.: *apenas arrebenta a suspeita de uma revolução, emudecem as artes,* **simul atque increpuit suspicio tumultus, artes illico conticescunt**; *assim que chegava a qualquer cidade, imediatamente soltavam-se aqueles cães, que tudo investigavam e perscrutavam,* **simul atque in oppidum quodpiam venerat, immittebantur illi continuo canes, qui investigabant et perscrutabantur omnia**; *todas as vezes que (=quando) vou ter contigo, narro tudo,* **cum ad te veni, narro omnia**; *todas as vezes que ia ter contigo, narrava tudo,* **cum ad te veneram, omnia narrabam**; *todas as vezes que eu for ter contigo, narrarei tudo,* **cum ad te venero, omnia narrabo,** (cf. n. 412, *c*, obs. *1*, pág. 296; n. 483, *a*, *II*, pág. 353).

Observação. — Quando se quer salientar o imediato suceder da ação, os dois tempos podem tambem concordar, p. ex.: *assim que viu o inimigo, assaltou-o,* **simul hostes vidit, in eos impetum fecit**; *logo que houver alguma cousa de certo, escrever-te-ei a respeito,* **simul quid certi erit, scribam ad te.**

B) Dum valemus, consilia aegrotis damus.

442. — Quando a proposição temporal exprime um fato *contemporâneo* à ação principal, usam-se as conjunções **dum, quoad, donec,** *enquanto, até que.* Estas três conjunções, conforme os casos, se traduzem tanto com o *indicativo*, como com o *subjuntivo*.

a) Se, *enquanto, até que,* etc. significam *no tempo em que, por todo o tempo em que,* constroem-se com **dum** e o indicativo, p. ex.: *enquanto estamos sãos* (= *no tempo em que estamos sãos*) *damos de bom grado conselhos aos doentes,* **dum valēmus, consilia aegrōtis libenter damus**; *Esparta prosperou até que* (= *durante todo o tempo em que*) *estiveram em vigor as leis de Licurgo,* **Sparta floruit dum Lycurgi leges viguerunt**; *Cícero será louvado enquanto* (= *por todo o tempo em que*) *permanecer a memória das cousas romanas,* **Cicero laudabitur dum memoria rerum romanarum manebit.**

b) Quando se quer indicar uma intenção (*afim de que durante este tempo...*) constroem-se com o subjuntivo (presente, imperfeito e mais que perfeito), p. ex.: *Horácio Cocles deteve o ímpeto dos inimigos até* (= *afim de que neste ínterim*) *os seus terem cortado a ponte,* **Horatius Cocles impetum hostium sustinuit dum sui pontem interrumpĕrent**; *os cônsules demoraram-se poucos dias, até* (= *esperando*) *que chegassem os soldados,* **consules paucos morati sunt dies, donec venirent milites.**

Observação. — Com relação a **dum** cf. tambem n. 408, *d*, obs. *1*, pág. 294.

C) Antequam ad sententiam redeo *ou* redeam.

443. — Se a proposição temporal exprime um fato *posterior* à ação principal, une-se á proposição principal mediante as conjunções **antequam, priusquam,** *antes que, antes de.*

a) Constroem-se com o *presente* tanto do *indicativo* como do *subjuntivo,* sem diferença essencial, quando indicam um fato real ou como tal apresentado, p. ex.: **antequam ad sententiam redeo** ou **redeam, de me pauca dicam,** *antes que eu volte* (= *antes de eu voltar*) *ao argumento, direi duas palavras de mim mesmo;* **camelus aquam, antequam bibit** ou **bibat, turbulentam facit,** *o camelo, antes de beber, turva a água;* **antequam de republica dicam, exponam, breviter consilium profectionis meae,** *antes que eu fale da república, direi brevemente o motivo da minha partida;* **antequam de praeceptis oratoriis dicamus, videtur dicendum de genere ipsius artis,** *antes de falar dos preceitos da oratória, parece-me oportuno falar do gênero desta mesma arte.*

Observação. — Usa-se regularmente a segunda pessoa do subjuntivo presente, quando o sujeito da segunda pessoa for indeterminado, p. ex.: **priusquam incipias, consulto opus est,** *antes de começar é preciso refletir.*

b) Constroem-se com o *perfeito* do *indicativo* quando se trata de um fato real ou assim considerado, em relação tanto com um presente quanto com um passado da proposição principal, p. ex.: **membris utimur, priusquam didicĭmus cujus ea utilitatis causā habeamus,** *servimo-nos dos membros antes de saber o fim para o*

qual os possuimos; **haec omnia ante facta sunt quam Verres Italiam attigit,** *tudo isto aconteceu antes que Verres alcançasse a Itália* (fato real).

Observação. — **Non ante quam, non prius quam** exigem sempre o *perfeito* do *indicativo,* p. ex.: **non prius fugĕre destiterunt quam ad Rhenum pervenerunt,** *não cessaram de fugir antes de chegarem ao Reno;* **Hispala non ante adulescentem dimisit, quam fidem dedit;** *Hispala não deixou partir o jovem antes que lhe desse a palavra.*

c) Constroem-se com o *imperfeito* e *mais que perfeito* do *subjuntivo,* quando se trata de uma ação que se considera como possivel ou intencional, em relação com um passado (ou com um presente histórico) da proposição principal, p. ex.: **priusquam hostes se ex terrore ac fuga recipĕrent, Caesar exercitum in fines Suessionum duxit,** *antes que os inimigos cobrassem animo do terror da fuga, Cesar levou o exército para o território dos Suessiões;* **haec causa ante mortua est, quam tu natus esses,** *esta causa já tinha morrido antes que tu nascesses;* **saepe magna indoles virtutis, priusquam reipublicae prodesse potuisset, exstincta fuit,** *frequentes vezes apagou-se uma grande inclinação para a virtude, antes de ter podido ser util ao estado.*

d) Exigem o *futuro perfeito do indicativo* quando se usam com a sua própria significação, isto é, quando indicam ação completa no futuro, isto é, uma ação que deve realizar-se antes de outra ação futura da proposição principal, p. ex.: **de Carthagine non ante vereri desĭnam, quam illam excisam esse cognovero,** *não cessarei de temer Cartago ante de saber do seu arrasamento = antes de vê-la arrasada.*

Outros modos de traduzir as proposições temporais.

444. — Em muitos casos as proposições temporais resolvem-se com um particípio ou com um ablativo absoluto (cf. n. 296, *c,* pág. 239; n. 389 *b,* pág. 284), p. ex.: *o consul foi morto quando voltava do campo,* **consul rediens e castris occisus est;** *não costumamos crer no mentiroso mesmo quando diz a verdade,* **mendaci homini ne verum quidem dicenti credere solemus;** *quando Cícero era menino, surgiu a guerra entre Mário e Sila,* **Cicerone puero, bellum inter Marium et Sillam ortum est;** *depois que os inimigos tomaram a cidade, saquearam-na,* **captam urbem hostes diripuerunt;** *Ciro depois de ter vencido o rei de Babilônia, permitiu aos Judeus voltarem para a pátria,* **Cyrus, devicto Babyloniorum rege, Judaeis potestatem fecit in patriam remigrandi.**

§ VII

PROPOSIÇÕES CAUSAIS

445. — *Proposições causais* são as proposições dependentes que indicam o motivo pelo qual se faz a ação principal. Em português unem-se à proposição principal:

a) Com as preposições ou locuções *por, por causa de,* com o infinito, p. ex.: *quantos jovens se arruinaram por não terem prestado ouvidos às exortações dos velhos!*

b) Tambem com as conjunções *porque, já que, porquanto,* com o indicativo, p. ex.: *muitos são pobres porque não trabalham; muitos são ignorantes porque não estudam.*

Em latim, porem, as proposições causais não se constroem com o infinito, mas com o indicativo ou com o subjuntivo.

Gaudeo quod tibi profui.

446. — *a*) Com o indicativo, na regência ordinária das conjunções **quod, quia,** (**quoniam, quandoquĭdem**), quando se indica o pensamento de quem fala ou escreve, p. ex.: **Syracusarum quarta urbs nominatur Neapŏlis, quia postrema est aedificata,** *o quarto bairro de Siracusa chamou-se Neápolis (=cidade nova), porque foi edificado por último;* **gaudeo quod tibi profui,** *alegro-me por te haver auxiliado.*

b) **Quoniam** usa-se especialmente para indicar a passagem de um pensamento para outro, p. ex.: **quoniam jam nox est, in vestra tecta discedite,** *porque é já noite, voltai para as vossas casas;* **mane nobiscum, quoniam advesperascit,** *fica conosco, porque é já tarde.*

c) **Siquĭdem** (*se é verdade que*) constrói-se com o indicativo e indica uma causa que, quem fala ou escreve, supõe por um instante verdadeira e real para os fins do seu arrazoado, p. ex.: **nos vero, siquĭdem in voluptate sunt omnia, superamur a bestiis,** *se é verdade que tudo se reduz ao prazer, somos superados pelos animais.*

Athenienses Socratem damnarunt quod corrumperet juventutem.

447. — Com o subjuntivo, na regência ordinária de **quod** e **quia,** quando se quer indicar não um motivo que o escritor apresenta como próprio, mas um motivo que ele atribue às pessoas de quem fala: neste caso o **quod** equivale a *porque diziam, porque se dizia,* p. ex.: *os Atenienses condenaram a Sócrates porque corrompia a juventude,* **Athenienses Socratem damnarunt quod corrumpĕret juventutem,** *Cíc.* Se em vez de **corrumpĕret** tivéssemos **corrumpebat,** não já os Atenienses, mas o próprio Cicero é que julgava Sócrates um corrutor. — *Rômulo matou o irmão por ter saltado os muros da cidade,* **Romulus fratrem necavit, quod hic muros urbis transiluisset** (motivo que Tito Lívio atribue a Rômulo).

Cicero aegre ferebat quod Caesar rempublicam oppressisset.

448. — Com os verbos que indicam um sentimento do espírito, como *doer-se, alegrar-se, agradecer, louvar,* e tambem com os verbos: *acusar* e *condenar,* não se usa **quia,** mas **quod,** p. ex.: *Cícero não podia tolerar que Cesar tivesse oprimido a república,* **Cicero aegre ferebat quod Caesar rempublicam oppressisset;** *Catão dizia admirar-se de que um aruspice não se risse quando via outro arúspice,* **Cato se mirari aiebat quod non rīdēret harūspex cum haruspĭcem vidisset.**

Non quod ignorem sed quia ignosco.

449. — *a*) Muitas vezes se exprime uma causa não verdadeira em oposição à causa verdadeira. Neste caso a causa não verdadeira exprime-se com o *subjuntivo* com **non quod, non eo quod, non quo,** *não porque;* **non quod non, non quo non** e **non quin,** *não porque não,* e a causa verdadeira com **sed quod, sed quia,** com o *indicativo,* p. ex.: *não porque não conheça, mas porque perdôo,* **non quod ignorem sed quia ignosco;** *não já por eu duvidar da tua constância, mas porque tenho o costume de pedir, peço-te,* **non quo de tua constantia dubĭtem, sed quia mos est ita rogandi, rogo.**

b) Se o fato, porem, que não é a verdadeira causa, é um fato real, pode-se exprimir tambem com **non quia** e o modo indicativo, p. ex.: **ita sentio, non quia augur sum, sed quia sic existimare necesse est,** *assim eu penso não porque seja eu áugure, mas porque é necessário julgar assim.*

Homines hoc a bestiis diffĕrunt quod rationem habent.

450. — *a*) **Quod** é tambem usado no *indicativo* muitas vezes com *sentido declarativo* para determinar melhor um modo demonstrativo que precede, como **hoc, id, illud,** ex eo, inde, p. ex.: *os homens diferem principalmente dos animais nisto, que são dotados de razão,* **homines hoc potissimum a bestiis diffĕrunt, quod rationem habent.**

b) Depois das frases: **pergratum, bene, praeclare, humaniter, fraterne facere,** p. ex.: **bene facis, quod me adjŭvas,** *fazes bem em me ajudar;* **fecisti mihi pergratum, quod Serapionis librum ad me misisti,** *deste-me grande prazer em me enviar o livro de Serapião.*

com o mesmo valor de **quod** declarativo pode-se usar a conjunção **cum** (*declarativa*) com o indicativo, p. ex.: **praeclare facis cum Luculli memoriam tenes,** *fazes muito bem enquanto conservas* (=*conservando*) *a memória de Luculo.* (Cf. n. 483, *a, IV,* pág. 353).

Observações. — *1*) Este valor declarativo de **quod** com o indicativo encontra-se especialmente nas frases **praetereo quod, omitto quod, addo quod, adjicio quod...**, *deixo de dizer que...*

Com **accedit**, em lugar de **quod**, encontra-se tambem **ut** com o subjuntivo: **huc accedit quod pauper sum** ou **huc accedit ut pauper sim**. A construção com **ut** é mais frequente, se o verbo for de tempo passado: **huc accedebat ut pauper essem**, melhor que: **quod pauper eram**.

2) **Quod** é tambem usado em modo absoluto e no principio de proposição e corresponde às nossas frases *com relação a...* e análogas, p. ex.: **quod scribis te valere vehementer gaudeo.**

3) **Quod** se constrói com o subjuntvo nas frases **est quod, non est quod, habeo quod**, *tenho motivos para, não há motivos para...*, p. ex.: **est quod te reprehendam**, *tenho motivos para te repreender.* Em lugar de **quod** usa-se tambem **cur** com o subjuntivo, p. ex.: **est cur te laudem, est causa cur te laudem.**

4) As conjunções causais são frequentes vezes reforçadas com **quippe** e **utpŏte**, p. ex.: **juverit esse laetus quippe quia magnarum saepe id remedium aegritudinum est**, *é util estar alegre, pois isto, muitas vezes, é remédio de grandes sofrimentos.*

Quippe e **utpŏte** raramente se usam sozinhas como verdadeiras e próprias conjunções causais (cf. n. 451, *b*, obs., pág. 331).

Outros modos de traduzir as proposições causais.

451. — *a*) Nas proposições causais em lugar de **quod, quia, quoniam**, pode-se usar a conjunção **cum** com o subjuntivo. Para maior eficácia, o **cum** causal é precedido de **quippe** ou **utpote**, p. ex.: *porque tu és um homem honesto, não suspeitas que alguem seja malvado,* **cum sis vir bonus** (=**quod es vir bonus**), **neminem suspiearis esse improbum**; *todos os bons congratulavam-se com Cícero porque fora chamado do desterro,* **omnes boni gratulabantur Ciceroni, cum** ou **quippe cum** (ou **quod**) **ab exsilio revocatus esset** (cf. n. 483, *b*, *1*, pág. 353).

b) As proposições relativas no subjuntivo podem ser tambem causais, p. ex.: *oh afortunado jovem que em Homero encontraste um pregoeiro dos teus feitos,* **o fortunate adulescens qui** (=**cum tu**) **tuae virtutis Homerum praeconem invenĕris** (cf. n. 475, *f*, pág. 343).

Observação. — **Quippe** e **utpŏte** raramente se usam sozinhas como verdadeiras e próprias conjunções causais, p. ex.: **puerŭlus eram, utpŏte non amplius novem annos natus**, *era ainda muito menino, pois não tinha mais de nove anos* (cf. n. 450, *b*, obs. *4*, pág. 330).

c) As proposições causais podem-se tambem exprimir com o particípio presente ou perfeito, cf. n. 389, *a*, pág. 284 ou com o ablativo absoluto, p. ex.: **obscurato sole, tenebrae repente factae sunt**, *tendo-se* (= *por se ter*) *eclipsado o sol, repentinamente formaram-se as trevas* (cf. n. 296, *c*, pág. 239).

§ VIII

PROPOSIÇÕES FINAIS

452. — *Proposições finais* são as proposições dependentes que indicam o escopo da ação principal. Em português constroem-se:

a) Com o modo infinito e as preposições *para, afim de, com o fim de*, etc., p. ex.: *comemos para viver, e não vivemos para comer.* — *ao lobo não se dá rebanho a pastorear.* — *Ao pródigo não se dá dinheiro para guardar.*

b) Com o modo subjuntivo e as conjunções *para que, afim de que*, etc., p. ex.: *não devemos falar mal dos outros, para que os outros*

tambem não falem mal de nós. — *Devemos ser cautos na escolha dos amigos, afim de que os escolhamos bons e fiéis.*

Em latim nunca se constroem com o infinito, mas com o subjuntivo precedido de **ut (uti)** ou **ne.**

Legum servi sumus ut liberi esse possimus.

453. — *a*) Com **ut (uti)** e o subjuntivo quando a proposição é *positiva*. Às vezes a conjunção **ut** é precedida de um pronome ou de outra palavra demonstrativa na proposição principal, quais por exemplo, **eo, ideo, idcirco, propterea, eo consilio, ea (hac) mente, eo animo, ea (hac) re,** p. ex.: *somos servos das leis para podermos ser livres*, **legum servi sumus ut liberi esse possimus;** *atendei, ó jovens, ao estudo da eloquência afim de que possais ser uteis à pátria*, **adulescentes, in eloquentiae studium incumbite, ut reipublicae emolumento esse possitis;** *os Helvécios tinham abandonado as suas habitações com o plano de levar a guerra a toda a Gália*, **Helvetii eo consilio domos suas reliquerant, uti toti Galliae bellum inferrent.**

Para a reta aplicação da **consecutio temporum** nas proposições finais cf. nota 9, pág. 304 do n. 416, pág. 300).

b) Usa-se o **ut** final depois dos verbos e das frases que indicam:

I) *Fim, intenção, cuidado, esforço*, p. ex.: **curo, consulo, provideo,** *procuro, provejo;* **nitor, contendo, laboro,** *esforço-me;* **operam do, (id) studeo, (id) ago,** *empenho-me, tenho a peito;* **id specto,** *tendo;* **nihil antiquius habeo quam** *ou* **nihil mihi est potius quam,** *nada mais me importa que...;* **facio, efficio ut...,** *esforço-me para, procuro;* **non committo ut...,** *não faço por onde, não dou motivo para que...*, p. ex.: **cura ut valeas,** *procura passar bem;* **edo ut vivam, non vivo ut edam,** *como para viver e não para comer;* **nihil habui antiquius (nihil mihi fuit potius) quam ut te statim convenirem,** *minha maior preocupação foi ir logo ao teu encôntro* ou *nada eu tinha mais do que ir logo ter contigo.*

II) Depois dos verbos que indicam *desejo, conselho, exortação*, p. ex.: **volo, malo** (cf. n. 382, *c*, pág. 278), **posco, opto, postulo, flagito** (cf. n. 382, *h*, pág. 278); **peto, oro, rogo, precor, moneo, hortor, suadeo, auctor sum, consilium do,** etc., p. ex.: *aconselho-te a que leias*, **suadeo tibi ut legas;** *aconselhava-te a que lesses*, **suadebam (suasi, suaseram) tibi ut legeres;** *os E'duos pedem a Cesar que lhes perdoe*, **Aedui Caesarem rogant ut sibi parcat.**

Observação. — Depois dos imperativos **fac** e **sine** (dos verbos **facio** e **sino**) e depois dos verbos **velle, nolle, malle,** especialmente nas formas **velim, vellem, mallem** etc., omite-se elegantemente a conjunção **ut**, p. ex.: **fac cogites, quis sis,** *pensa quem és;* **vellem fieri posset, ut facta infecta redderem,** *quisera que pudesse acontecer que eu frustrasse o sucedido;* **velim mihi respondeas** e tambem **velim ut mihi respondeas,** *quisera que me respondesses* (cf. n. 382, *c*, pág. 278).

III) Com os verbos que indicam, *comando, encargo, permissão, condescendência, consentimento*, p. ex.: **mando,** *mando;* **praecipio, praedīco,** *intimo;* **edīco,** *comando;* **statuo, constituo, decerno** (cf. n. 382, *f*, pág. 278), **invīto; impello, incĭto, moveo, adduco,** *induzo;* **cogo, concedo, permitto, perficio, adipiscor, assĕquor, consĕquor, impĕtro,** *alcanço*, etc., p. ex.: **voluptas plerosque impellit, ut virtutem deserant,** *o prazer leva a muitos a abandodanarem a virtude.*

IV) Depois dos verbos que equivalem a *dizer, escrever, responder*, quando indicam um convite ou um pedido para fazer alguma cousa, p. ex.: **dicam tuis, ut librum meum describant** (*transcrevam*) **ad teque mittant** (cf. n. 381, *a*, pág. 277).

Observações. — *1)* O subjuntivo com **ut** final usa-se tambem com muitos outros verbos que não estão nas listas acima; mas a proposição final, facilmente se conhece pelas preposições *para, afim de, com o fim de* e pelas conjunções *para que, afim-de que...* que a acompanham, p. ex.: *digo estas cousas afim de que tu aprendas,* **hae dico ut discas**; *leio para aprender,* **lego ut discam.**

2) **Impĕro** se constrói com o dativo da pessoa a quem se manda e o verbo vai para o subjuntivo com **ut** ou **ne**, p. ex.: **ego tibi impĕro ut librum legas; pater mihi, ne discedam, impĕrat.** Mas se o verbo dependente for passivo ou depoente, é preferivel a construção do acusativo com o infinito, p. ex.: **dux imperavit urbem dirĭpi,** melhor que **ut urbs diriperetur,** *o general mandou que a cidade fosse destruida;* **Caesar quinque cohortes de media nocte proficisci imperat,** *Cesar manda que depois da meia noite partam cinco cohortes.*

3) Para os verbos que têm dupla construção do acusativo com o infinito ou de **ut** ou **ne** com o subjuntivo (cf. n. 381, *d,* pág. 277; n. 382, *c, f, II; g, h,* pág. 278).

Ager aratur quo uberiores fructus ferat.

454. — Às vezes em lugar de **ut** usa-se **quo** (=**ut eo,** *afim de que com isto*), especialmente antes dos comparativos, p. ex.: **ager aratur quo uberiores fructus ferat,** *ara-se o campo para que produza frutos mais abundantes;* **legem brevem esse oportet quo facilius ab imperitis teneatur,** *a lei deve ser breve para que mais facilmente se conserve na memória dos ignorantes.*

Nolo esse laudator ne videar adulator.

455. — A proposição final *negativa* vai para o subjuntivo com **ut non** e **ne** (**ut ne**), notando-se que **ut non** nega só um termo da proposição e **ne** toda a proposição, p. ex.: **multi dolorem patiuntur ne incĭdant in majorem,** *muitos aguentam um sofrimento, para não resvalarem num outro maior;* **nolo esse laudator ne videar adulator,** *não quero ser aprovador, para não parecer bajulador;* **confer te ad Manlium, Catilina, ut a me non ejuctus ad alienos, sed invitatus ad tuos esse videaris,** *vai ter com Mânlio, ó Catilina, para que se veja que não te acolheste expulso por mim entre extranhos, mas convidado a acolher-te entre os teus.*

Observações. — *1)* Se se sucedem diversas proposições todas negativas, na primeira usa-se **ne**, nas outras **neve** ou **neu**, mas nunca **neque**. Não se confunda **neve** ou **neu** com **neque**: **neve** ou **neu** equivalem a **et ne**, *e afim de que não,* **neque** equivale a **et non**, p. ex.: **monui et iterum moneo ne proficiscaris invitus, neve** (=**et ne**) **tam longo itineri te committas.**

2) Se de duas proposições a primeira for afirmativa e a segunda negativa, alem de **neve** e **neu**, pode-se usar tambem **neque**, p. ex.: **Pompeius suis praedixerat ut Caesaris impetum exciperent neve** (ou **neque**) **se loco moverent,** *Pompeu prevenira os seus que sustentassem o ímpeto de Cesar e não se movessem do lugar;* **Caesar cohortatus est milites uti suae pristinae virtutis memoriam retinerent, neu** (e tambem **neque**) **perturbarentur animo; te precor ut maneas, neve** (ou **neque**) **me in rebus adversis derelinquas.** — Se a proposição negativa for a primeira e a positiva a segunda, suprime-se **ut** da afirmativa, p. ex.: **hortatur ne animo deficiant, quaeque usui sint, parent** (=**atque ut parent**), *exorta-os a não desanimarem e a prepararem as cousas necessárias.*

3) Há diferença entre as duas frases: **ut non dicam e ne dicam.** A frase **ut non dicam** é forma de pretcrição, que equivale a **ut omittam, ut praeteream**, *para calar, para não recordar*, ao passo que a outra **ne dicam** usa-se para indicar que se poderia dizer algo de mais forte, mas que se omite para não dizer de mais, p. ex.: **crudelem Castŏrem, ne dicam sceleratum et impium,** *Castor cruel, para não chamá-lo celerado e ímpio;* **te puto imprudentem, ne dicam stultum; inconsiderate ne dicam stulte hoc fecisti.**

4) A nossa frase: *para usar as palavras de Cícero*, traduz-se em latim: **ut Ciceronis verbis utar, ut ait Cicero.**

Outros modos de traduzir as proposições finais.

456. — *a*) As proposições finais podem-se tambem traduzir pelo gerúndio ou gerundivo acusativo regido de **ob** ou **ad**, p. ex.: *Aníbal pensava que o consul, para defender os seus, teria travado combate*, **Hannibal existimabat consulem, ob suos tutandos, ad arma venturum**; *Cícero envidou todos os seus esforços para defender a liberdade*, **Cicero vires omnes contŭlit ad libertatem defendendam.** (cf. n. 401, *b*, *III*, pág. 289; n. 402, *b*, pág. 290).

b) Pode-se tambem traduzir a proposição final pelo gerúndio genitivo regido por **causā** ou **gratiā**, p. ex.: *o cavalo foi feito para carregar pesos, o boi para arar, o cão para fazer guarda*, **equus geraturus est vehendi causa, bos arandi, canis custodiendi** (cf. n. 203, *c*, pág. 195).

c) A proposição final pode-se ainda traduzir pelo particípio do futuro ativo, p. ex.: *Perseu voltou a Pela para tentar de novo a sorte das armas*, **Perseus Pellam rediit, bellum ex integro tentaturus** (cf. n. 388 — Deste quadro resulta, *3*, pág. 283).

d) Quando na proposição final houver um pronome que se refere a um nome da proposição principal, em lugar de **ut is (ea, id; hic, haec, hoc** e semelhantes) pode-se usar: **qui, quae, quod**, p. ex.: *as rãs pediram um rei, afim de que este refreasse os desordenados costumes*, **ranae regem petiere, qui (=ut is) dissolutos mores vi compesceret**; *os Atenienses deram setenta navios a Milcíades para que fizesse guerra contra as ilhas Cícladas*, **Athenienses Miltiadi septuaginta naves dederunt, quibus (=ut iis) Cyclădes insulas bello persequeretur** (cf. n. 475, *a*, pág. 343).

e)Por último a proposição final pode ter o verbo no supino ativo quando está sob a dependência dos verbos de movimento, p. ex.: *Mário parte para assediar Tala*, **Marius proficiscitur obsessum Thalam**; *os E'duos mandam embaixadores a Cesar para pedir auxílio*, **Aedui legatos ad Cessarem mittunt rogatum auxilium** (cf. n. 405, *b*, pág. 292).

§ IX

PROPOSIÇÕES CONSECUTIVAS OU CORRELATIVAS

457. — *Proposições consecutivas* são as proposições dependentes que indicam a consequência da ação principal.

Exprimem-se em português com o indicativo regido de *que*, p. ex.: *Deus é tão bom que faz brilhar o sol indistintamente sobre os bons e sobre os maus.*

Tam bonus es ut hoc facias. — Tam bonus es ut hoc non facias.

458. — Em latim não se traduzem com o indicativo, mas com o subjuntivo com **ut**, se a proposição é *positiva;* com **ut non,** (**ut ne... quidem**) se *negativa*, p. ex.: *es tão bom que fazes isto*, **tam**

bonus es ut hoc facias : *és tão bom que não fazes isto,* **tam bonus es ut hoc non facias.**

Observações. — *1*) Uma consecutiva negativa sucessiva une-se a uma precedente positiva com **neque.**

2) **Ut non,** sendo final, se traduz por **ne ;** sendo *consecutivo,* fica *invariavel,* p. ex.: **hoc fecit ne poenas daret,** *fez isto para não ser punido;* **quis est tam miser ut Dei magnificentiam non senserit,** *quem é tão infeliz que não sinta a grandeza de Deus?*

Adeo judices exarserunt ut capitis hominem innocentissimum condemnarent.

Usa-se **ut** consecutivo:

459.— *a*) Depois dos advérbios e adjetivos que significam *tal que..., de tal modo que,* como **sic, adeo, usque adeo, ita, tam, tantopere, is, ejusmodi, tantus, tot, eo, usque eo, totiens, talis,** etc., p. ex.: *à resposta de Sócrates, os juizes de tal modo se irritaram que condenaram à morte um homem inocentíssimo,* **Socratis responso adeo judices exarserunt ut capitis hominem innocentissimum condemnarent ;** *Aristides morreu em tanta pobreza, que deixou apenas com que ser interrado,* **Aristides in tanta paupertate decessit, ut vix reliquerit qui efferretur ;** *as nossas cousas acham-se em tal condição que não poderiam ser piores,* **in eo statu res nostrae sunt, ut non possint esse miseriores.**

Observação. — Às vezes omitem-se os adjetivos ou advérbios que deveriam preceder **ut,** p. ex.: **Epaminondas fuit** (subentendido **ita**) **disertus, ut nemo ei Thebanus par esset eloquentiā,** *Epaminondas foi tão facundo que ninguem lhe era igual na eloquência.*

b) Depois dos verbos que exprimem *acontecimento* **fit ; accĭdit ; evĕnit ; contingit ; usu venit ; restat ; reliquum est ; fieri potest,** *é possivel,* **fieri non potest,** *é impossivel,* **proximum est ; extremum est ;** *fica, resta;* **sequitur,** *segue-se,* p. ex.: **saepe fit (accĭdit, evĕnit, contingit) ut ii qui debeant, non respondeant ad tempus,** *frequentes vezes acontece que os devedores não paguem no prazo legal;* **proximum est ut doceam deorum providentia mundum administrari,** *resta-me demonstrar que o mundo é governado pela providência dos deuses.*

Observação. — Depois de **accidit** e **evenit,** em algumas frases, usa-se **quod** com o indicativo, p. ex.: **peropportune** ou **perincommode accidit quod,** *por boa* ou *má sorte aconteceu que...,* **bene mihi evenit quod** (cf. n. 450, *a, b,* pág. 330).

c) Depois das frases com valor impessoal compostas com o verbo esse e de um adjetivo neutro ou de um substantivo, p. ex.: **aequum, rectum, par, verisimile, optimum, integrum,**

satis, etc.; **locus, tempus, mos, cultus, consuetudo, officium, lex, jus, caput, potestas**, etc., p. ex.: **vetus est lex illa verae amicitiae, ut idem amici semper velint**, *é antiga lei da amizade que os amigos queiram sempre a mesma cousa;* **non est verisimile ut idem interitus sit animorum et corporum**, *não é verissimil que a alma pereça com o corpo;* **est mos hominum ut nolint eundem pluris rebus excellere**, *é costume dos homens não quererem que a mesma pessoa seja excelente em mais cousas;* **neque hic locus est ut de moribus majorum loquamur**, *não é aquí o lugar para falar dos costumes dos nossos antepassados.*

Depois destas expressões, porem, é tambem possivel a construção do acusativo com o infinito (cf. n. 377, *b*, obs., pág. 274).

d) A frase **ita... ut** não indica somente consequência, mas frequentes vezes toma tambem uma significação *restritiva* ou *limitativa* com o sentido de *com a condição de...* p. ex.: **ita liber es ut legibus pareas**, *és livre com a condição de obedeceres às leis.*

A **consecutio temporum** NAS PROPOSIÇÕES CONSECUTIVAS

Ita vixi ut non frustra me natum esse existĭmem.

460. — As proposições consecutivas não seguem a regra ordinária da **consecutio tempŏrum**, mas têm o tempo que o sentido exige, isto é, o tempo que se usaria se se tratasse de proposições independentes, p. ex.: *viví de tal modo que julgo não ter nascido em vão*, **ita vixi ut non frustra me natum existimem (existimarem**, *eu julgava*, não teria sentido); *tamanha é a força desse preceito que era atribuido ao deus de Delfos*, **hujus praecepti tanta vis est ut ea Delphĭco deo tribueretur**; *Aristides era tão estimado que foi o único a quem cognominaram de justo*, **adeo excellebat Aristīdes ut unus cognomine justus appellaretur** (cf. nota 12, pág. 305 do n. 416, pág. 300).

Accĭdit ut Athenis una nocte omnes hermae dejicerentur.

461. — *a*) Mas as proposições consecutivas regidas e precedidas por expressões impessoais que significam *acontecimento* ou *consequência*,(cf. n. 459, *b*, pág. 335) como: *acontece que, segue-se que, resta que*: **accĭdit ut, evĕnit ut, contingit ut, efficĭtur ut, restat ut** — *aconteceu que*: **accĭdit ut, evēnit ut, factum est ut** — *acontecerá que*, **futurum est ut** — *é costume que*, **mos est ut, consŭetudo est ut** — *é lei* ou *é de lei que*, **lex est ut** e semelhantes não se afastam da regra ordinária da *consecutio temporum*, p. ex.: *aconteceu que em Atenas, numa só noite, foram derribadas todas as hermas*, **accĭdit ut Athenis una nocte omnes hermae dejicerentur.**

Observação. — Depois de **mos est, consuetudo est, lex est**, etc. encontra-se tambem a construção do acusativo com o infinito, cf. n. 377, *b*, obs., pág. 274 — ou tambem outra construção (cf. n. 403, pág. 292).

b) A frase portuguesa *estou tão longe de vituperar-te, que antes te louvo,* se constrói em latim com **tantum abest** na forma impessoal, seguida de dois subjuntivos, um regido por **abest** e outro por **tantum: tantum abest ut te vitupĕrem ut etiam laudem.** O segundo membro pode tambem seguir em forma independente com o indicativo: **tantum abest ut te vitupĕrem, etiam laudo.**

c) Na conjugação perifrástica ativa (cf. n. 117, A, pág. 116) os verbos que carecem de supino, e por conseguinte do particípio em **urus,** como **discere, studere, me paenitet,** recorrem ao circunlóquio impessoal: **futurum est, erat, erit... ut** ou **futurum esse ut ou fore ut** e Lívio e outros tambem **in eo est, erat... ut,** *é, era iminente,* p. ex.: **futurum est ut te paeniteat desidiae tuae,** *hás de arrepender-te da tua inércia;* **futurum erat ut te paeniteret,** *havias de arrepender-te* ou **futurum esse** (ou só **fore**) **ut te paeniteret,** etc.; **in eo est ut proficiscamur,** *é eminente a nossa partida* ou tambem pessoalmente **in eo sumus ut proficiscamur,** *estamos prestes a partir,* contudo, nestes últimos exemplos, tendo o verbo o supino, é mais usada a conjugação perifrástica: **profecturi sumus.**

Haec signa rigidiora sunt quam ut imitentur veritatem.

462. — A proposição consecutiva regida por um comparativo seguido de **quam** indica que a causa é muito pequena ou muito grande para produzir aquela consequência e não há proporção entre uma e outra, p. ex.: *estas estátuas são muito rígidas para imitarem o real,* **haec signa rigidiora sunt quam ut imitentur veritatem;** *Aristides era por demais justo para escapar ao ódio do populacho,* **Aristīdes justior erat quam ut invidiam vulgi fugĕret.**

Outros modos de traduzir as proposições consecutivas.

463. — Às vezes em lugar de **ut,** pode-se usar **qui, quae, quod,** e, em lugar de **ut non,** pode-se usar **qui non, quae non, quod non** ou **quin,** se a proposição principal for negativa, p. ex.: **non sum is qui (= ut) mea tantum amem,** *eu não sou tal que só ame as minhas cousas;* **nulla res tam utilis est, quae non abusu possit fieri noxia,** *não ha cousa tão util que com o abuso não se possa tornar nociva,* (cf. n. 475, *b*, pág. 343).

§ X

PROPOSIÇÕES CONCESSIVAS

464. — *Proposições concessivas* são as proposições dependentes que exprimem uma idéia de algum modo contrária à proposição principal, idéia que se concede ou se supõe como subsistente.

Em português são regidas por *se bem que, ainda que, embora,* etc. com o indicativo ou com o subjuntivo, p. ex.: *se bem que a Provi-*

dência tenha criado muitos animais ferozes, todavia quis que vivessem escondidos e fugissem diante de nós.

Nestas proposições o latim emprega ora o indicativo ora o subjuntivo.

Quamquam Aristīdes excellebat abstinentia.

465. — *a)* **Quamquam** na boa prosa rege o indicativo, p. ex.: *se bem que Aristides se distinguisse pelo seu desinteresse, foi todavia condenado ao exílio,* **quamquam Aristīdes excellebat abstinentia, tamen exsilio multatus est.**

b) **Quamquam** se usa tambem nas proposições independentes para corrigir ou limitar o que se disse antes, p. ex.: **quamquam quid opus est de re plura dicere?** *entretanto (ou todavia) que necessidade há de dizer mais cousas a respeito disto?* **quamquam, quid loquor?** *todavia para que vou falar?* **quamquam ille quidem nihil difficilius esse dicebat, quam amicitiam usque ad extremum vitae diem permanere,** *entretanto ele dizia que nada é mais dificil do que continuar a amizade até o derradeiro dia da vida.*

Veritas, etsi jucunda non est, mihi tamen grata est.

466. — *a)* **Etsi, tametsi** regularmente se usam em asserções positivas ou de fatos reais, e ordinariamente se constroem com o indicativo, p. ex.: **veritas, etsi jucunda non est, mihi tamen grata est,** *a verdade, se bem que não é agradavel, contudo, é-me querida.*

b) Ao contrário, **etiamsi,** *ainda que, posto que, dado que,* prefere o subjuntivo, usando-se ordinariamente nos casos em que prevalece o conceito potencial, ou exprimem uma concessão ideal, uma suposição ou opinião de alguem, p. ex.: *posto que se amarre o corpo, não se pode, contudo, atar o espírito,* **etiamsi corpus constringatur, animo tamen vincula injĭci nulla possunt.** Mas tambem com **etiamsi** usa-se o indicativo, quando se considera a cousa como um fato real, p. ex.: *o que frequentes vezes se presencia não produz mais admiração, ainda que se desconheça a causa,* **quod quis crebro videt, non miratur, etiamsi cur fiat nescit.**

c) **Ut, dum, modo, modo ut, ne, modo ne, dummŏdo** só se usam com o subjuntivo, p. ex.: **ego ista studia non imprŏbo, modo moderata sint.**

Fremant omnes licet, dicam quod sentio

467. — *a)* **Licet, quamvis licet** pedem sempre o subjuntivo, presente ou perfeito, p. ex.: **fremant omnes licet, dicam quod sentio,** *ainda que todos fremam, direi o que penso.*

b) **Quamvis** indica o máximo da concessão (propriamente vale *por quanto queiras*) e, indicando pois uma possibilidade e não uma realidade, vai para o subjuntivo, p. ex.: **quamvis sint parvi momenti, haec tamen exponam.**

c) **Quamvis** emprega-se com frequência antes de adjetivos ou advérbios com o próprio significado etimológico de *quanto quiseres, quanto se quiser,* **quantum vis,** p. ex.: **nemo, quamvis dives** (*porquanto seja rico*), **ex omni parte beatus dici potest.**

d) As proposições concessivas podem-se tambem traduzir por uma proposição relativa no subjuntivo cf. n. 475, *h*, pág. 343 ou pela conjunção **cum** e o subjuntivo cf. n. 483, *b*, *II*, pág. 353.

§ XI

PROPOSIÇÕES MODAIS OU COMPARATIVAS

468. — *Proposições modais* ou *comparativas* são as proposições que estabelecem uma comparação com a princiapl e na língua latina se constroem com o *indicativo,* se o exemplo que se traz como comparação é um fato *real* e *certo*=*proposições comparativas, reais,* e com o *subjuntivo,* se o conceito que se traz como comparação é sòmente hipotético ou imaginário=*proposições comparativas irreais.*

1) PROPOSIÇÕES COMPARATIVAS REAIS

Ut sementem feceris, ita metes.

469. — As conjunções comparativas que se constroem com o *indicativo* são: **ut, sicut, velut** (**uti, sicŭti, velŭti**), **prout, quomŏdo, quemadmŏdum** (**quem ad modum**), *como, do mesmo modo que, do modo que,* correlativas de **ita, sic, item,** *assim,* expressos ou subentendidos, p. ex.: **ut sementem feceris, ita metes,** *recolherás, como semeares;* **prout res postulabat, tibi subvēni,** *eu te soccorri como a circunstância exigia;* **Pausanias, ut virtutibus eluxit, sic vitiis est obrŭtus,** *Pausânias, como resplandesceu pelas virtudes, assim foi deslustrado pelos vícios;* **quemadmŏdum loqui hominis est proprium, ita mugire boum,** *do mesmo modo que o falar é próprio do homem, assim é dos bois o mugir.*

2) PROPOSIÇÕES COMPARATIVAS IRREAIS

Ita rem tibi commendo, tanquam si tua sit.

470. — Constroem-se quase sempre com o *subjuntivo* as conjunções comparativas com *si*: **quasi** (**proinde quasi**), **tanquam si** (ou simplesmente **tanquam**), **ut si, velut** (**si**), **ac si, perinde ac si, proinde ac si, aeque ac si,** *como se, quase, quase que,* p. ex.:

ita rem tibi commendo, tanquam si tua sit, *recommendo-te a cousa como se fosse tua;* **angĭmur tanquam Hortensio acerbitatis aliquid acciderit,** *afligimo-nos como se tivesse acontecido alguma desgraça a Hortênsio;* **quid ego his testibus utor, quasi res dubia aut obscura sit?** *porque servir-me destas testemunhas como se a cousa fosse duvidosa ou obscura?* **Sequăni Ariovisti absentis crudelitatem velut si praesens adesset, horrebant,** *os Séquanos detestavam a crueldade de Ariovisto, embora longe, como se estivesse presente.* No seguinte exemplo de Cícero, encontra-se o indicativo: **ego tecum, tanquam mecum loquor,** *falo contigo como se falasse comigo.*

Para a reta aplicação da **consecutio temporum** cf. nota 10, pág. 304 do n. 416, pág. 300.

Depugna, potiusquam servias.

471. — Construções comparativas são tambem as seguintes:

a) Depois de **potiusquam** (ou **potius quam**), *antes que*, o português pode servir-se do subjuntivo ou tambem de uma construção abreviada com o infinito, p. ex.: *quisera morrer antes que me tornar réu de tamanho crime,* ao passo que o latim constrói com o *subjuntivo presente* ou *imperfeito* conforme o tempo do verbo da proposição principal, p. ex.: **depugna, postiusquam servias,** *combate, antes que ser escravo;* **Zeno perpessus est omnia, potiusquam conscios delendae tyrranidis indicaret,** *Zenão quis sofrer todos os tormentos antes que manifestar os cúmplices da conjuração para abater a tirania;* **potius istius culpae crimen suscipiam, quam in te crudelis sim,** *sofrerei a acusação desta culpa antes que me torne cruel para contigo.*

Observações. — *1)* Fazendo-se, porem, referência a um estado de fato (proposição comparativa real), pode-se usar o indicativo tambem depois de **potiusquam**, p. ex.: **cur me flentes potius prosecuti sunt quam aut retinuerunt aut reliquerunt?** *porque, antes que reter-me ou abandonar-me, me acompanharam chorando?*

2) Se na proposição principal houver um gerundivo, depois de **potiusquam**, em lugar do subjuntivo, pode-se repetir a mesma construção, p. ex.: **promissum potius non faciendum, quam tam taetrum facinus admittendum fuit,** *ter-se-ia devido não cumprir a promessa antes que cometer ação tão execranda;* **Catoni moriendum potiusquam tyranni vultus aspiciendus fuit,** *Catão quis antes morrer que ver o rosto do tirano;* **quae conditio non accipienda fuit, potiusquam relinquenda patria,** *antes que abandonar a pátria, ter-se-ia devido repelir esta condição.*

b) Em todas as proposições comparativas com **quam**, usa-se o *subjuntivo* quando se trata de uma proposição *comparativa irreal* e o *indicativo* em se tratando de uma proposição *comparativa real*, p. ex.: **Segestanis imponebat Verres aliquanto amplius quam ferre possent,** *Verres impunha aos Segestanos alguma cousa a mais de quanto pudessem suportar;* **amabant eum magis quam imitabantur,** *mais que imitá-lo o amavam;* **Tissaphermes nihil aliud (fecit) quam bellum comparavit,** *Tissafernes nada mais fez*

que aparelhar a guerra; **elephanti multo majorem stragem inter suos ediderunt, quam inter hostes ediderant,** *os elefantes causaram muito mais mortandade entre os seus do que fizeram entre os inimigos.*

Restitēre Romani, tanquam caelesti voce jussi.

472. — As conjunções **quasi, tanquam, velut,** às vezes, se acham construídas com um particípio (forma implícita), p. ex.: **restitēre Romani, tanquam caelesti voce jussi,** *os Romanos resistiram, como mandados por uma voz divina;* **Cato litteras graecas senex didicit, quas quidem sic avide arripuit, quasi diuturnam sitim explere cupiens,** *Catão aprendeu o grego quando velho e o aprendeu com tanta avidez, como se desejasse apagar uma sede diuturna.*

§ XII

PROPOSIÇÕES RELATIVAS

473. — *Proposições relativas* chamam-se as proposições dependentes precedidas de um pronome ou advérbio relativo, *que, quem, qual, donde,* etc.

O período relativo resulta da união de uma proposição relativa dependente com a proposição principal demonstrativa.

Em português:

1) Geralmente têm o verbo no indicativo, p. ex.: *a palavra revela o coração donde procede, bem como as águas de um arroio denotam a nascente donde promanam.*

2) Às vezes têm o verbo no subjuntivo, quando têm sentido correlativo ou final, p. ex.: *neste mundo não há pesar que dure eternamente.*

3) Raras vezes no infinito, p. ex.: *devemos ter um amigo a quem confiar nossas amarguras.*

I) Em latim, em regra, têm o verbo no indicativo. *II*) Constroem-se com o subjuntivo quando exercem a função de uma proposição, que, por natureza, exige o subjuntivo.

I — PROPOSIÇÕES RELATIVAS NO INDICATIVO

474. — Usa-se o indicativo:

a) Quando as proposições relativas acrescentam à principal uma simples indicação acessória ou explicam um substantivo ou pronome da mesma proposição, p. ex.: **Caesar Helvetios in fines suos, unde erant profecti, reverti jussit,** *Cesar mandou vos Helvécios que voltassem para as suas terras donde tinham saido;*

Scipio punici belli perpetrati, quo nullum neque majus neque periculosius Romani gessere, praecipuam gloriam tulit, *a Cipião coube a principal glória de ter concluido a guerra púnica, que foi a maior e mais perigosa que travaram os Romanos;* **est locus in carcere, quod Tullianum appellatur,** *há um lugar na prisão, que se chama Tuliano.*

b) Quando substituem, numa circunlocução, um substantivo ou qualquer outra expressão da nossa língua, tendo por antecedente um pronome demonstrativo expresso ou subentendido, p. ex.: **is qui audit, qui legit, qui dicit, qui accusat,** etc., *o ouvinte, o leitor, o orador, o acusador,* etc., mas de carater momentâneo e transitório, pois os substantivo **audītor, lector, orator, accusator,** etc., indicam um carater de permanência por ofício; **id quod quaero** =*fim* (**finis,** raríssimo com este valor); **res eae quae gignuntur e terra, quae arte efficiuntur, quae exportantur, quae importantur,** *os produtos do solo, da indústria, da exportação, da importação;* **tanta vis probitatis est, ut etiam in iis, quos nunquam vidimus** (=*os desconhecidos*), **diligamus.**

c) Quando exprimem a qualidade ou a natureza de uma pessoa. O pronome relativo concorda com o substantivo que indica a qualidade, a índole, e vai para o ablativo como complemento ou no nominativo como sujeito, p. ex.: **nihil te, quā prudentia es** (ou **quae tua est prudentia) fugiet,** *prudente como tu és, nada te escapará;* **spero, quae tua prudentia et temperantia est, te jam, ut volumus, valere,** *espero que com a tua prudência e temperança, estejas já, como desejamos, gozando boa saude;* **pater tuus si viveret, qua severitate fuit, tu profecto, non viveres,** *se vivesse teu pai, severo como era, tu por certo não viverias,* (cf. n. 333, *b*, pág. 255).

Observação. — Pode-se tambem usar o simples ablativo precedido de **pro,** p. ex.: **pro tua prudentia, pro meo amore, pro severitate,** etc.

d) Quando se inicia a proposição relativa com pronomes ou advérbios relativos compostos mediante a repetição ou com o acréscimo do sufixo **cumque,** p. ex.: **quisquis, quotquot, quicumque, ubicumque,** p. ex.: **patria est ubicumque est bene,** *a pátria é onde se passa bem;* **quisquis hoc facit, male facit,** *quem quer que faça isto, faz mal;* **quoscumque de te queri audivi, quacumque potui ratione placavi,** *acalmei no melhor modo possivel quantos ouví queixarem-se de ti* (cf. n. 365, *a*, pág. 266).

Observação. — Todavia tambem estas proposições se constroem com o subjuntivo quando são relativas integrantes das proposições construidas com o acusativo e o infinito ou com o simples infinito ou com o subjuntivo, p. ex.: *Sócrates dizia que todos são eloquentes naquilo que sabem,* **Socrates dicebat omnes esse eloquentes in eo quod scirent;** *Aristóteles diz que nascem certos insetos que vivem um dia só,* **Aristotĕles ait bestiŏlas quasdam nasci quae unum diem vivant;** *muitas vezes fomos exortados a que tivessemos Deus diante dos olhos em tudo o que fizéssemos,* **saepe monĭti sumus ut in omnibus, quae facĕremus, Deum ante oculos haberemus.**

Mas dir-se-á: **Caesar Helvetios in fines suos, unde erant profecti, reverti jussit,** *Cesar mandou que os Helvécios voltassem para o seu território, donde haviam partido,* porque **unde erant profecti** é uma simples observação do escritor, a qual se pode eliminar sem alterar o sentido da frase (cf. n. 365, *b*, observação, pág. 266).

II—PROPOSIÇÕES RELATIVAS NO SUBJUNTIVO

475. — *a*) Quando têm sentido *final,* porque então **qui, quae, quod** equivale a **ut,** p. ex.: *mandou embaixadores para tratarem* (=*que tratassem*) *da paz,* **legatos misit qui de pace agerent;** *a natureza deu ao homem a razão com que dirija as paixões do animo,* **homini natura rationem dedit qua** (=**ut ea**) **regerentur animi appetitus** (cf. n. 456, *d*, pág. 334).

b) Quando têm sentido *consecutivo* ou *correlativo,* depois de **is, talis, ejusmodi, tantus, tam,** etc., porque neste caso **qui, quae, quod** equivale a **ut** consecutivo, p. ex.: *não há casa tão sólida que não possa ser abalada pelas discórdias,* **nulla domus tam firma est quae discordiis** (=**ut discordiis**) **debilitari non possit;** *a inocência é tal disposição do ânimo, que não prejudica a ninguem,* **innocentia est affectio talis animi, quae** (=**ut**) **noceat nemini** (cf. n. 463, pág. 337).

c) Os adjetivos **dignus, indignus, idoneus, aptus** querem **qui, quae, quod** *consequencial,* p. ex.: **liber dignus qui legatur,** *livro digno de ser lido;* **exemplum dignum quod imitemur,** *exemplo digno de ser imitado;* **dignus qui imperet,** *digno de comandar* (cf. n. 219, *b*, *II*, pág. 203).

Observação. — Não é próprio do uso clássico a construção de *dignus* e *indignus* com **ut** e o subjuntivo ou com o infinito, p. ex.: **lyricorun Horatius fere solus legi dignus est** (Quint. Instit. Orat., X, 1, 96), em lugar de: **Horatius solus lyricus est dignus qui legatur** ou **quem tu legas,** *Horácio é o único dos líricos, que merece ser lido* (cf. n. 219, *b*, *II*, pág. 203).

d) Igualmente com o subjuntivo constroem-se as expressões **est qui, sunt qui, non desunt qui, reperiuntur qui, inveniuntur qui, existunt qui; est ubi,** *há lugares onde;* **est quatenus,** *há um ponto até o qual* (*até certo ponto*) bem como as expressões negativas na forma ou no sentido: **nemo est, nullus est qui, nihil est quod, quis est qui? quotusquisque est** ou **invenitur** ou **reperitur qui?...** *quão poucos se encontram...* p. ex.: **sunt qui censeant una animum cum corpore occidĕre,** *há quem pense que a alma morre com o corpo;* **sunt qui discessum animi a corpore putent esse mortem,** *há quem creia que a morte seja a separação da alma do corpo;* **est quatenus amicitiae dari venia possit,** *há um ponto até o qual* (=*até certo ponto*) *se pode condescender com os amigos,* **quotusquisque philosophorum invenitur, qui ita sit moratus, ut ratio postulat?** *quão poucos são os filósofos que...*

Observação. — Nestas proposições pode-se tambem usar o indicativo quando indicam um fato real ou se unem a um substantivo ou a um pronome determinativo ou a um adjetivo numeral ou de qualidade, p. ex.: **sunt multi qui eripi.**

unt aliis, quod aliis largiantur, *há muitos que roubam a uns para darem a outros*; **sunt quaedam bestiae, in quibus inest** (ou **insit**) **aliquid simile virtutis**, *há certos animais em que se acha alguma cousa igual à razão*; **duae sunt artes, quae locare possunt homines in amplissimo gradu dignitatis**, *duas são as artes que podem colocar o homem na maior dignidade*.

e) Depois das proposições negativas: **nemo est qui, nullus est qui, nihil est quod** e das interrogativas retóricas (equivalentes a proposições negativas) **quis est qui? quid est quod?** p. ex.: **sunt certa vitia, quae nemo est qui non** (ou **quin**, cf. n. 421, *a*, pág. 308) **effugere cupiat**, *existem alguns vícios que não há ninguem que não os queira evitar*, **quis est qui nusquam incurrat?** *quem há que jamais tropece?*

f) Quando têm sentido *causal*, pois que nesse caso **qui, quae, quod** equivale a **cum**, p. ex.: *oh afortunado jovem que em Homero encontraste um pregoéiro de teus feitos*, **o fortunate adulescens qui** (=**cum tu**) **tuae virtutis Homerum praeconem invenĕris**; *Bíbulo foi duma maravilhosa vigilância, pois durante o seu consulado não dormiu*, **Bibŭlus mirifica vigilantia fuit qui** (=**cum ille**) **toto suo consulatu somnum non viderit** (cf. n. 451, *b*, pág. 331; n. 483, *b*, *I*, pág. 353).

Observações. — *1*) Às vezes, para maior eficácia, o pronome relativo **qui, quae, quod** com significação causal é precedido (como o **cum** causal) de **quippe** ou **utpote** e raramente de **ut**. Note-se que Salústio e Tito Lívio constroem **quippe qui** e **utpote qui** tambem com o indicativo.

2) As proposições relativas causais no latim arcaico encontram-se de preferência com o indicativo, ao passo que raros são os exemplos deste modo no latim clássico, p. ex.: **habeo senectuti magnam gratiam, quae mihi sermonis aviditatem auxit** (Cícero), *fico muito agradecido à velhice que me aumentou o desejo de conversar*.

g) Quando têm sentido *adversativo*, pois neste caso **qui, quae, quod** equivale a **cum**, p. ex.: **Caesaris luxuriem incusabant cui** (=**cum ei**) **omnia ad necessarium usum defuissent**, *acusavam Cesar de luxo, ao passo que lhe tinha faltado até o necessário* (cf. n. 483, *b*, *II*, pág. 353).

h) Quando têm sentido *concessivo* o **qui, quae, quod** é equivalente a **cum** concessivo, p. ex.: **quis est qui C. Fabricii, qui M. Curii non cum caritate aliqua memoriam usurpet, quos** (**cum**, tambem **quamvis, etsi eos**) **nunquam viderit?** *quem é que não relembra com alguma saudade a memória de C. Fabrício e de Mânlio Cúrio embora nunca os tenha visto?* (cf. n. 467, *d*, pág. 338; 483, *b*, *III*, pág. 353).

i) Quando têm sentido *narrativo*, o **qui, quae, quod** corresponde ao **cum** narrativo, p. ex.: **maluimus iter facere pedibus, qui** (=**cum**) **incommodissime navigavissemus**, *por termos navegado pessimamente preferimos o caminho terrestre* (cf. n. 483, *b*, *IV*, pág. 353).

j) Usa-se tambem o pronome relativo nas proposições relativas *condicionais*, e o pronome relativo tem o valor de **si quis**, p. ex.: **hoc qui** (=**si quis**) **dicat, erret**, *se alguem dissesse isto erraria;* **haec et innumerabilia, ex eodem genere qui vedeat, nonne cogatur confiteri esse deos?** *quem vê* (=*se alguem vê*) *estas cousas e outras inúmeras do mesmo gênero, não é coagido a confessar a existência dos deuses?*

k) Quando as proposições relativas *restritivas*, quase sempre com **quidem, modo,** servem para limitar, com um parêntesis, uma classe determinada, um conceito, e com as expressões: **quod sciam, intellĕgam, sentiam, meminerim, audiverim, noverim,** *pelo que sei, entendo, recordo, ouví, ouví dizer,* p. ex.: **ex oratoribus atticis antiquissimi sunt, quorum quidem scripta constent, Pericles atque Alcibiades,** *dos oradores Atenienses, daqueles ao menos cujos escritos sobreviveram, os mais antigos são Pericles e Alcibíades;* **fuit Sulpicius vel maxime omnium, quos quidem ego audierim, grandis,** *foi Sulpício sem comparação o maior, ao menos dos que eu ouví;* **cives rogaverunt hostes ne, quas quidem domos integras invenissent, incenderent,** *os cidadãos pediram aos soldados que não incendiassem as casas, ao menos aquelas que encontrassem intatas;* **refertae sunt orationes Catonis, quas quidem adhuc invenerim et legerim, et verbis et rebus illustribus,** *os discursos de Catão, ao menos aqueles que eu encontrei e li, estão repletos de palavras e feitos ilustres.*

Observação. — **Quantum** se constrói sempre com o indicativo, p. ex.: **quantum scio,** *pelo que sei;* **quantum audio,** *pelo que ouço dizer;* **quantum intellegĕre possum,** *pelo que posso compreender.* — **Quod ad me attinet,** *pelo que me diz respeito;* **quoad** ou **quatenus fieri potest,** *por quanto é possivel.*

Outros modos de traduzir as proposições relativas.

475 bis. — As proposições relativas, alem da construção com o indicativo ou subjuntivo (forma explícita), podem-se tambem traduzir com um particípio presente oú perfeito e às vezes tambem com o particípio futuro (forma implícita), p. ex.: **verum dicentibus** (=**iis qui dicunt**) **facile credam,** *crerei facilmente a quem diz a verdade;* **male parta** (=**ea, quae male parta sunt**) **male dilabuntur,** *as cousas mal adquiridas, acabam mal;* **pater filio vitam dedit perituram** (=**quae peribit**), *o pai deu ao filho uma vida que perecerá.*

§ XIII

PROPOSIÇÕES CONDICIONAIS

476. — *Proposições condicionais* são as que exprimem uma condição, dando-se a qual, realiza-se a proposição principal.

O nexo da proposição dependente com a proposição principal chama-se *período hipotético,* e a proposição dependente ou condicional *prótase,* a principal *apódose,* p. ex.: *nada de bom podemos fazer, se não nos ajudarmos mutuamente,* é um periodo hipotético; a proposição principal ou **apódose** é: *nada de bom podemos fazer;* a dependente ou **prótase** é: *se não nos ajudarmos mutuamente.*

Devemos distinguir três tipos de período hipotético:

1.° Tipo (modo da realidade)

QUALQUER TEMPO DO INDICATIVO TANTO NA APÓDOSE COMO NA PRÓTASE

Si dii sunt, est divinatio.

477. — Dá-se quando a pessoa que fala supõe a condição realizada, e considera a consequência como um fato, cuja realidade se admite: *modo da realidade.* Neste caso a conjunção corresponde a: *se é verdade que, posto que.*

Regra. — Neste primeiro tipo, a sintaxe latina usa como a portuguesa de dois indicativos (qualquer tempo) ou tambem do indicativo na prótase e do imperativo na apódose ou do subjuntivo exortativo ou optativo, quando se quer exprimir com o verbo da proposição principal uma exortação, um pedido, um augúrio, etc., p. ex.: *se existem os deus* (como realmente existem), *esite a adivinhação,* **si dii sunt, est divinatio**; *se queres a paz, prepara a guerra,* **si vis pacem, para bellum**; *se estudas, estudas para ti,* **si studes, studes tibi; si Deus est, sunt etiam opera Dei; si homo es, vive ut homo; si dies est, lux est; ne vivam, si scio; pereant, nisi sollicitus sum; si aerarii copiis et ad belli adjumenta et ad ornamenta pacis utimur, vectigalibus serviamus; ne sim salvus, si aliter scribo ac sentio.**

Observações. — *1)* Há só um caso em que no primeiro tipo hipotético se encontra na prótase o subjuntivo em lugar do indicativo, o que acontece quando a prótase não indica uma pessoa determinada. Este caso, em regra se exprime com o verbo no modo subjuntivo na segunda pessoa do singular ou na terceira do singular com **si quis**, p. ex.: **memoria minuitur, nisi eam exerceas** (=**quod** ou **cum eam non exerceas**), *a memória diminue, se não se exercita* (=*se tu não a exercitas*); **periculis, si vitare nequeas, intrepide est obeundum,** *se não se podem evitar os perigos, devem-se enfrentar sem medo;* **turpis est excusatio, si quis contra rempublicam se amici causa fecisse fateatur,** *é deploravel a desculpa se se confessa ter agido contra a república por causa do amigo.* — Mas o próprio Cícero escreveu: **si quis minorem gloriae fructum putat ex graecis versibus percipi quam ex latinis, vehementer errat.**

2) Se o tempo da apódose for futuro, põe-se no futuro tambem o da prótase, p. ex.: *alegrar-me-ei, se leres este livro,* **hunc librum si leges, laetabor**; e muitas vezes, em lugar do futuro imperfeito, usa-se o futuro perfeito, p. ex.: **si id feceris** (*se fizeres isso*), **magnam habebo gratiam.**

2.° Tipo (modo da possibilidade)

SUBJUNTIVO POTENCIAL (PRESENTE OU PERFEITO) TANTO NA APÓDOSE COMO NA PRÓTASE

Si librum mittas, pergratum facias.

478. — O segundo tipo dá-se quando a pessoa que fala supõe a condição possivel e tambem a consequência: *modo da possibilidade.* Neste caso usa-se em português o imperfeito ou mais que perfeito

do subjuntivo e o condicional, p. ex.: *se me mandasses o livro, far-me-ias um favor.*

Regra. — O latim serve-se do *subjuntivo potencial*: de *dois presentes*, se a causa se considera *possivel* no *presente;* ou de *dois perfeitos*, se a causa se considera *possivel* no *passado*, p. ex.: **si librum mittas, pergratum facias;** *se dissesse que não, mentiria,* **mentiar si negem;** *se estudasses, aprenderias,* **si studeas, discas; si velim Hannibalis proelia omnia describĕre, dies me deficiat; si hunc librum mihi dono des (dedĕris), gratiam tibi habeam (habuerim).**

Observações. — *1)* Usa-se o indicativo na apódose quando se dá por certa a consequência, supondo-se que se verifica a condição, p. ex.: *se por acaso Anibal vitorioso avançar contra Roma* (cousa ainda duvidosa), *mandar-te-emos chamar da África* (cousa certa), **si Hannibal victor ad urbem ire pergat, te ex Africa arcessemus.**

2) O subjuntivo presente ou perfeito regido por **si** (ou **ut si**) encontra-se especialmente nos exemplos que os escritores inventam (*exempla ficta*) para melhor explicar as suas teses, p. ex.: **si gladium quis apud te sana mente deposuerit, repĕtat insaniens, reddere peccatum sit, officium non reddere.** (Cíc. De Off., III, 25), *se alguem, por exemplo, em juizo perfeito te tivesse entregue uma espada, e depois, em estado de loucura a exigisse, seria culpa restituir-lha e recusar-lha um dever.*

3) Na apódose pode-se encontrar o *indicativo presente*, se houver os verbos **posse, debere, oportere, necesse esse**, p. ex.: **nec bonitas esse potest, si haec non per se expetatur,** *nem a bondade poderia existir, se ela não fosse desejada por si mesma* (cf. n. 364, *a*, pág. 265).

3.° Tipo (modo da irrealidade)

IMPERFEITO OU MAIS QUE PERFEITO DO SUBJUNTIVO
TANTO NA APÓDOSE COMO NA PRÓTASE

Si Alexander Magnus in Italiam venisset, vicisset Romanos.

479. — O terceiro tipo de período hipotético dá-se quando a pessoa que fala supõe a condição impossivel e tambem a consequência: *modo da irrealidade.*

Regra. — Neste caso usam-se em latim *dois imperfeitos* ou *dois mais que perfeitos* do *subjuntivo*, o que não acontece em português.

Com o *imperfeito* do subjuntivo exprime-se um fato que não se pode verificar no *presente*: **facerem, si possem,** *faria se pudesse,* mas não posso, logo não faço. Com o *mais que perfeito* exprime-se um fato que não se pode verificar no *passado*: **fecissem, si potuissem,** *teria feito se tivesse podido,* mas não pude, portanto não fiz.

Mais exemplos: *se Alexandre Magno tivesse guerreado na Itália, teria vencido os Romanos* (mas não guerreou, nem venceu),

si Alexander exercitum in Italiam duxisset, vicisset Romanos; *se Aníbal, depois da batalha de Canas, tivesse marchado sobre Roma, te-la-ia tomado,* **si Hannĭbal post Cannensem pugnam Romam profectus esset, cepisset urbem; nisi essem Alexander, vellem Diogenes esse; Sicilia si una voce loqueretur, hoc diceret.**

Observações. — *1)* Quando na apódose se exprimem os verbos **posse, debēre, oportēre** (cf. n. 364, *b*, pág. 265) ou a forma perifrástica (**-urus, -a, -um; -dus, -da, -dum**) ou se acrescentam os advérbios **paene, prope**, usa-se o *indicativo imperfeito* ou *perfeito*, p. ex.: *se tivesse dito isto, deveria ter sido punido,* **si haec dixisset puniri debebat**; *ter-se-ia podido aniquilar o exército, se os vencedores tivessem perseguido os fugitivos,* **deleri potuit exercitus, si fugientes persecuti essent victores**; *ó Vatínio, tu deverias perdoar-me mesmo se, sem razão, tivesses caido em suspeita perante Públio Séxtio,* **debuisti, Vatini, etiam si falso venisses in suspicionem P. Sestio, tamen mihi ignoscere**; *se Cn. Pompeu se achasse em Roma como privado, dever-se-ia escolhê-lo para uma guerra tão importante,* **si Romae Cn. Pompeius privatus esset, tamen ad tantum bellum erat eligendus**; *os lavradores teriam abandonado os campos, se Metelo não tivesse enviado a carta,* **aratores agros relicturi erant, nisi Metellus litteras misisset**; *a ponte Sublícia já estava para dar passagem aos inimigos, se não fosse Horácio Cocles,* **pons Sublicius iter paene hostibus dedit, ni unus vir fuisset, Horatius Cocles**; *todos teríamos perecido, se os aliados nos tivessem abandonado,* **omnes perituri fueramus, si socii defecissent; num id vitari potuit** (*ter-se-ia podido evitar*), **si Flaminius consul iis auspiciis, quibus pugnare prohiberetur, paruissset? respublica poterat esse perpetua, si patriis viveremus insititutis et moribus.**

2) Assim tambem na apódose se encontra o *imperfeito* e o *mais que perfeito* do indicativo para indicar que um fato teria certamente acontecido, se não se tivesse realizado o fato da prótase, p. ex.: **jam omnia absolveram nisi in morbum incidissem,** *já teria tudo acabado, se não tivesse caido doente;* **labebar longius, nisi me retinuisses,** *se tu não me tivesses segurado, teria ido parar muito longe;* **perierat imperium, si Fabius tantum ausus esset, quantum ira suadebat,** *teria caido o império, se Fábio tivesse ousado fazer quanto a ira lhe aconselhava;* **praeclare viceramus, nisi spoliatum, inermem, fugientem Lepidus recepisset Antonium,** (lit. *já tinhamos vencido) se Lépido não tivesse recebido Antônio...* (Cf. tambem Horácio Od. II, 17, 28 e Verg. Eneida II, 54, 55).

3) Às vezes um conceito por si impossivel, irreal, para maior eficácia, procura-se apresentá-lo como um caso possivel, p. ex.: *se tu estivesses em meu lugar, pensarias diversamente,* **tu, si hic sis, aliter sentias,** em lugar de **si esses, sentires.**

4) Às vezes, em lugar do mais que perfeito do subjuntivo, usa-se o *imperfeito* do mesmo modo em ambas as proposições ou só numa, raramente na apódose, e esta substituição se faz especialmente quando se considera um fato que dura no passado, p. ex.: **Scipio Africanus, Laelius Furius, alii, si nihil ad percipiendum colendumque virtutem litteris adjuverentur** (=**adjuti essent**), **nunquam se ad earum studium contulissent,** *se não tivessem encontrado auxílio, não se teriam dedicado,* etc.

5) Às vezes a prótase de um periodo hipotético pode ser substituida por um particípio atributivo ou por um ablativo absoluto com conceito causal, temporal, modal, etc. ou subentende-se e aparece pelo contexto do discurso, p. ex.: *se tu tivesses refletido mais, terias evitado estes erros,* **plura meditatus, illos errores vitavisses**; *que satisfação se pode achar na vida, se se tirar a amizade?* **quae potest esse jucunditas vitae, sublata amicitia**; *a grandeza do animo* (se estivesse) *arredada da sociedade humana, seria uma crueldade e uma barbaria,* **magnitudo animi, remota a communitate conjunctioneque humana, feritas sit quaedam et immanitas** (Cícero); *sem o concurso do homem não teria podido existir a navegação nem a agricultura,* **neque navigatio, neque agricultura sine opera hominum ulla esse potuisset** (=**nisi opera hominum accessisset** = *se não tivesse havido o concurso do homem*).

PERIODO HIPOTETICO DEPENDENTE

480. — O período hipotético é dependente:

Primeiro caso — quando depende de um verbo que exige a construção do acusativo com o infinito.

Segundo caso — quando depende de uma conjunção que quer o subjuntivo.

Terceiro caso — quando é parte integral de uma interrogação indireta.

Primeiro caso. — *O período hipotético depende de um verbo que exige a construção do acusativo com o infinito.*

1) Nas proposições dependentes de primeiro e segundo tipo (realidade e possibilidade):

a) O verbo da *apótose* vai sempre para o *infinito* no tempo que o conceito exigir.

b) O verbo da *prótase* vai sempre para o *subjuntivo* tanto no caso da realidade (primeiro tipo) como na da possibilidade (segundo tipo), sempre conforme a regra da *consecutio temporum,* isto é, no *presente* ou *perfeito,* se na proposição regente houver um presente ou um futuro; no *imperfeito* ou *mais que perfeito,* se na regente houver um passado.

Forma independente:

1.º tipo — **Hoc si dicis, erras,** *se dizes isso, erras.*
2.º tipo — **Hoc si dicas, erres,** *se dissesses isso, errarias.*

Forma dependente:

1.º e 2.º tipo { **puto te errare, hoc si dicas.**
{ **Putabam te errare, hoc si diceres.**

2) Nas proposições dependentes de terceiro tipo (irrealidade):

a) O tempo da *prótase* fica invariavel como se estivesse independente (imperfeito ou mais que perfeito do subjuntivo).

b) E a *apódose:*

I) Irá para o *infinito futuro* com esse (**-urum, am, um; os, as, a esse**), se a idéia é ainda futura com relação ao verbo da regente (isto é, na forma independente a proposição teria o imperfeito do subjuntivo).

II) Irá para o *infinito futuro* com **fuisse (-urum, am, um; os, as, a fuisse)**, se a idéia já passou com relação ao verbo da regente

(isto é, na forma independente a proposição teria o mais que perfeito do subjuntivo).

Forma independente:

3.º tipo { **Hoc si diceres, errares,** *se dissesses isto, errarias.*
Hoc si dixisses, erravisses, *se tivesses dito isto, terias errado.*

Forma dependente:

3.º tipo { **Puto, (putabam,** etc.) **te erraturum esse, hoc si diceres,**
Puto, (putabam, etc.) **te erraturum fuisse, hoc si dixisses.**

Mais exemplos:

Existimo te *errare,* si hoc *facias* ou *feceris* (*penso que tu erras, se fazes isto*). Existimo te *erraturum esse,* si hoc *facias* ou *feceris* (*penso que errarás, se fizeres ou tiveres feito isto*). Existimo te *erravisse,* si hoc *feceris* (*penso que erraste, se fizeste isto*). Ille dicit se, amicum si *habeat,* felicem futurum. Affirmo tibi, hoc si mihi *contingat* ou *contigerit,* magnopere me gavisurum. Hoc tibi confirmo, si Romae *manseris* ou *maneas,* te paucis annis ad maximas pecunias *esse venturum.* — *Existimavi te errare* ou *erraturum esse,* si hoc *faceres* (*pensei que, se tu fazias isto, erravas ou terias errado*). *Censebam,* si hoc *diceres,* te *punitum iri.* Musculus leoni pollicitus est, si vitae *parceret* ou *pepercisset,* gratiam se ei *habiturum.* — *Existimo* ou *existimavi* te, si hoc dixisses, *erraturum fuisse* (*penso ou pensei que terias errado se tivesses dito isto* [*independente*: si hoc dicisses, erravisses]. Omnibus apparuit, nisi Agesilaus *fuisset,* Spartam *futuram* non *fuisse.* Equidem credo Catilinam nunquam patriae bellum *illaturum fuisse,* si aut cives suos *amasset,* aut exitum belli *praesensisset.*

Observações. — *1*) Com os verbos que carecem de supino, o infinito futuro com esse supre-se com o circunlóquio **fore ut** ou **futurum** esse **ut** e o *subjuntivo imperfeito,* e o infinito futuro com **fuisse** com a forma perifrástica **futurum fuisse ut** e o *subjuntivo imperfeito:*

Forma independente:

3.º tipo { **Hoc si diceres, te paeniteret,** *se dissesses isto, arrepender-te-ias.*
Hoc si dixisses, te paenituisset, *se tivesses dito isto, ter-te-ias arrependido.*

Forma dependente:

3.º tipo { **Puto** (**putabam,** etc.) **futurum** esse **ut te paeniteret, hoc si diceres.**
Puto (**putabam,** etc.) **futurum fuisse ut te paeniteret, hoc si dixisses**

2) Esta construção usa-se ordinariamente para substituir a forma invariavel do infinito futuro passivo (p. ex.: **amatum iri**) muito pouco empregada, p. ex.:

Forma independente:

3.º tipo { **Hoc si diceres, laudareris,** *se dissesses isto, serias louvado.*
Hoc si dixisses, laudatus esses, *se tivesses dito isto, terias sido louvado.*

Forma dependente:

3.º tipo { **Puto putabam,** etc.) **futurum** esse **ut laudareris, hoc si diceres.**
Puto (putabam, etc.) **futurum fuisse ut laudareris, hoc si dixisses.**

3) Com os verbos depoentes e, às vezes, tambem com os passivos, o infinito futuro se exprime com o *particípio perfeito* unido a **fore**, p. ex.: **hoc possum dicere, me satis** *adeptum fore*, **si nullum in me periculum redundarit** (*isto posso dizer que, se não me acontecer* [=*caso não me aconteça*] *algum perigo terei alcançado o suficiente*). **Unum illud tibi suadeas velim, omnia mihi** *fore explicata*, **si te videro** (por **viderim**).

4) Com os verbos de *poder* e *dever* não se usa a forma perifrástica, mas **posse** em lugar do infinito futuro com esse — e **potuisse** para suprir o infinito futuro com **fuisse** e aplique-se o mesmo princípio aos particípios **faciendum esse** e **faciendum fuisse**, p. ex.: **nego te** *posse* **resistere dolori, nisi prius voluptatibus restiteris** (*digo que não poderás resistir à dor, se não tiveres resistido antes aos prazeres*). **Nisi domi civium invidia debilitatus esset, Romanos videtur Hannibal superare** *potuisse*.

5) Um período hipotético dependente de um verbo que exige a construção do acusativo com o infinito, pode-se tambem enunciar como tendo forma direta ou independente, pondo-se o verbo regente entre dois parêntesis. Encontra-se esta construção especialmente no caso irreal (terceiro tipo), quando o verbo da proposição regente está no presente, p. ex.: *digo que, se vivesse ainda meu pai, eu seria feliz*, **dico me, si adhuc pater meus viveret, felicem fore** ou **futurum esse** ou tambem **si adhuc pater meus** *viveret, dico*, **felix** *essem*. *Se tu estivesses em Roma, creio que passarias melhor*, **puto, si Romae esses, fore** ou **futurum esse ut multo melius valeres** ou tambem **si Romae** *esses*, **multo melius**, *ut opīnor, valeres*. **Si Hortensii orationes** *audivisses*, **eloquantiam, ejus**, *credo*, **in caelum** *sustulisses*. **Si eas urbes** *invasisses, opīnor*, **signa** *detulisses*.

481. — Segundo e terceiro caso — *O periodo hipotético depende de uma conjunção que quer o subjuntivo ou é parte integral de uma interrogação indireta.*

Nestes casos tanto o verbo da *prótase* como o da *apódose* continuam no subjuntivo:

a) As dependentes de primeiro e segundo tipo seguem a regra geral da *consecutio temporum*.

b) As de terceiro tipo continuam com os mesmos tempos como se estivessem independentes, portanto como imperfeito ou mais que perfeito do mesmo modo.

Forma independente:

1.° tipo — **Hoc si dicis, erras**, *se dizes isso, erras*.
2.° tipo — **Hoc si dicas, erres**, *se dissesses isso, errarias*.

Forma dependente:

1.° e 2.° tipo { **Non dubito quin erres, hoc si dicas.**
Non dubitabam quin errares, hoc si diceres.

Forma independente:

3.° tipo { **Hoc si diceres, errares**, *se dissesses isso, errarias*.
Hoc si dixisses, erravisses, *se tivesses dito isso, terias errado*.

Forma dependente:

3.º tipo { **Non dubito** (**dubitabam**, etc.) **quin errares, hoc si diceres.**
Non dubito (**dubitabam**, etc.) **quin erravisses, hoc si dixisses.**

Mais exemplos:

1.º e 2.º tipo — Multi dolores perpetiuntur, ne si id non *faciant, incĭdant* in majorem (*muitos suportam as dores, para não cairem numa maior, se não o fizerem*). Non dubito quin, si hoc *dixerim*, me *improbaturus sis* (*eu não duvido que tu me exprobrarias, se eu por acaso dissesse isso*). Quaeritur, si sapiens adulterinos nummos *acceperit* imprudens pro bonis, cum id resciverit, *soluturusne sit* eos, cui debeat, pro bonis (*se um homem sábio tivesse recebido sem o saber moedas falsas em lugar de verdadeiras, pergunta-se se ele as daria em pagamento em lugar das boas, depois de o ter percebido*).

3.º tipo — Nescio quid *facerem*, nisi tu amicus *esses* (*não sei que faria, se tu não fosses amigo*). Hunc tibi commendo, ut, si meus libertus *esset*, majore studio commendare non *possem* (*eu te recomendo este de modo tal que mais não poderia fazê-lo se fosse meu liberto*). Non dubito quin, si hoc *fecisses*, facti te *paenituisset* (*não duvido que, se tu tivesses feito isto, ter-te-ias arrependido*). Non dubito quin, si hoc *fecisses, reprehensus esses* (*eu não duvido que, se tu tivesses feito isto, terias sido exprobrado*). Non dubitabam quin Caesar *vicisset*, si venisset (*eu não duvidava que Cesar teria vencido, se tivesse chegado*).

Observações. — *1*) No caso da *irrealidade* ,o mais que perfeito ativo da *apódose* com os verbos que têm supino (e portanto o particípio futuro ativo) substitue-se ordinariamente com a conjugação perifrástica e o *perfeito* e não com o mais que perfeito; e, em se tratando de uma interrogação dependente de um passado, pode ser tanto o *perfeito* como o *mais que perfeito*, p. ex.: **non dubito quin, hoc si egisses,** *erraturus fueris* (em lugar de *erravisses*—*não duvido que se tu tivesses feito isto, terias errado*). **Quis dubitat quin, si Saguntinis impĭgre tulissemus opem, totum in Hispaniam** *aversuri* **bellum** *fuerimus*? (*Quem por acaso duvida que, se nós tivéssemos prontamente auxiliado os Saguntinos, teríamos levado toda a guerra para a Espanha?*) **Nesciebam quid responsurus** *fuissem* ou *fuerim*, **si mihi argumentum propossuissent** (*não sabia que teria respondido se me tivessem proposto uma tal questão*). **Dic quidnam** *facturus fueris* (em lugar de **fecisses**), **si eo tempore consul fuisses** (*dize-me que terias feito, se naqueles tempos tivesses sido consul*). Mas dir-se-á regularmente; **nescitis quam facile haec** *didicissetis* (**discere** carece de supino), **si attentas mihi praebuissetis aures** (*desconheceis quão facilmente terieis aprendido isto, se me tivesseis prestado atenção*).

2) Esta troca de tempos verifica-se tambem com as expressões de *poder* ou *dever*, p. ex.: **haud dubium fuit, quin nisi ea mora intervenisset, castra capi** *potuerint* [não **potuissent**] (*não havia dúvida que, se não tivesse sido aquela demora, ter-se-ia podido tomar o acampamento*). **Adeo aequis viribus gesta res est, ut, si affuissent Etrusci,** *accipienda* **clades** *fuerit* [não **fuisset**].

Memoria minuitur nisi eam exerceas.

482. — *a*) **Nisi,** *se não*, nega toda a proposição, **si non** nego só um termo, p. ex.: **nisi impediar, proxime ad te veniam; nisi vitis fulta sit, fertur ad terram; memoria minuitur, nisi eam exerceas; ridērem, nisi res tam gravis esset; nisi sapientia in senibus esset, majores nostri summum consilium non appellassent senatum; nisi Alexander essem, ego vero vellem esse Diogenes.** Mas dir-se-á: **si hoc** *non probas*, **scribas mihi velim; si tibi** *non molestum* **sit, venias ad me velim; fuit apertum si Conon** *non fuisset*, **Agesilaum Asiam regi erepturum fuisse.**

b) **Si non** usa-se especialmente:

I) Quando a um condicional afirmativo se opõe outro negativo, p. ex.: **si feceris quod promittis, magnam habebo gratiam,** *si non feceris,* **ignoscam.**

II) Quando a um condicional negativo se opõe uma proposição positiva precedida de **at, tamen, certe,** p. ex.: **si republica bona frui non licuerit, at carebo mala.** Nestes casos, em lugar de **si non,** usa-se tambem **si minus, sin minus, sin aliter, sin secus,** p. ex.: **cum spe si minus bona, at aliqua tamen vivo.**

§ XIV

A CONJUNÇÃO CUM

483. — *a*) A conjunção **cum** se constrói com o *indicativo:*

I) Com qualquer tempo quando indica tempo, e corresponde ao nosso *quando, no momento em que,* p. ex.: **qui non defendit injuriam neque propulsat a suis, cum potest, injuste facit,** *quem não defende os seus contra a injustiça de outrem, quando o pode, opera injustamente.*

Observação. — Depois das frases **est, erat, fuit, erit**(**tempus** ou **dies**) **cum,** *ha, havia, houve, haverá um tempo* (*um dia*) *em que...* usa-se tanto o indicativo como o subjuntivo, p. ex.: **fuit tempus cum Germanos Galli virtute superarent** ou **superabant,** *houve um tempo em que os Gauleses eram superiores aos Germanos em valor.*

II) Quando indica ação que se repete habitualmente (**cum** iterativo) e significa *todas as vezes que,* p. ex.: **cum ad te veni, omnia narro.**

Observações. — *1*) Neste caso o português usa os mesmos tempos tanto na proposição principal como na dependente, ao passo que a língua latina, quando a ação da dependente é anterior, usa na dependente o *perfeito,* se na principal houver um presente; o *mais que perfeito,* se na principal houver um imperfeito; ou *futuro perfeito,* se na principal houver um futuro imperfeito, p. ex.: *todas as vezes que vou ter contigo, narro tudo,* **cum ad te veni omnia narro**; *todas as vezes que ia ter contigo, narrava-te tudo;* **cum ad te veneram omnia narrabam**; *todas as vezes que irei ter contigo narrar-te-ei tudo,* **cum ad te venero omnia narrabo** (cf. n. 412, *c, II,* 2, obs. *1,* pág. 296).

2) A mesma regra usa-se com **quotiens** e depois dos pronomes e advérbios em **-cumque,** p. ex.: **ubicumque, quocumque,** etc., p. ex.: **quocumque circumtŭli oculos** (*para qualquer lado eu olhe*) **plena omnia video animorum ac roboris.**

III) Com o presente (histórico) ou perfeito quando serve para indicar qualquer cousa de inesperado e repentino, p. ex.: **Hannibal jam subibat muros, cum repente in eum erumpunt Romani,** *já Anibal se achava sob os muros, quando repentinamente se lançam sobre ele os Romanos;* **vixdum epistulam tuam legeram, cum ad me Curtius venit,** *mal acabava de ler a tua carta, quando eis que Curcio vem ter comigo.*

IV) Com relação a **cum** com valor *declarativo* como **quod** (cf. n. 450, *b*, pág. 330).

V) **Cum** pode ter tambem o valor de *durante este tempo* (frequentes vezes **cum interim, cum interea**) para indicar um fato contemporâneo ao da principal. O modo é o indicativo e em ambas as proposições temos os mesmos tempos: imperfeito ou perfeito, p. ex.: **Piso ultimas Hadriani maris oras petivit, cum interim Dyrrhachii milites domus obsidēre coeperunt,** *Pisão dirigiu-se às terras afastadas do Adriático e durante este tempo os soldados começaram a sitiar as casas de Dirráquio.*

b) A conjunção **cum** se constróe com o **subjuntivo:**

I) Quando indica a *causa*, a *razão* de uma ação, p. ex.: **cum bonis sis, valde te diligo,** *sendo tu bom, muito te amo* (cf. n. 451, *a*, pág. 331).

II) Quando tem significação *adversativa* e corresponde às locuções *ao passo que, enquanto,* etc., p. ex.: **in hoc certe te laudo cum in ceteris rebus laudare possim** (cf. n. 475, *g*, pág. 343).

III) Quando tem valor *concessivo* e corresponde a *se bem que, ainda que* , p. ex.: **Phocĭon fuit perpetuo pauper cum ditissimus esse posset** (cf. n. 467, *d*, pág. 338).

IV) Quando tem valor *histórico* ou *narrativo*, procurando evidenciar a ligação e a sucessão dos fatos, p. ex.: **Caesar, cum hostium insidias timeret, cautius procedere jussit,** *Cesar, como receasse alguma cilada dos inimigos, mandou avançar mais cautelosamente* (cf. n. 475, *i*, pág. 343).

V) Às vezes **cum** tem valor *temporal e causal*, neste caso o *presente* e o *perfeito* podem estar tanto no modo indicativo como no subjuntivo; o *imperfeito* e *mais que perfeito* sempre no subjuntivo, p. ex.: **te, cum isto animo es, satis laudare non possum,** *porque tu partilhas de tais sentimentos eu não posso elogiar-te suficientemente;* **cum vita insidiarum plena sit** (ou **est**), **ratio ipsa monet amicitias comparare,** *estando a vida cheia de ciladas, a própria razão nos aconselha a procurar as amizades;* **cum longius necessario procederent, adoriebatur,** *quando avançavam mais que o necessário, assaltava-os.*

VI) Na correlação de **cum-tum,** *como... assim; por um lado... por outro lado; e... e; tanto... como,* usa-se o indicativo nos verbos de ambos os membros, se as supra-mencionadas correlativas se limitam a simples conjunções; ao passo que se usa o subjuntivo com o verbo do primeiro membro dependente de **cum,** se houver tambem a idéia de concessão, oposição ou causa, p. ex.: **cum ipsam cognitionem juris augurii consequi cupio, tum mehercule tuis incredibiliter studiis delector,** *como eu desejo adquirir o conhecimento do direito augural, assim por certo comprazo-me infinitamente*

do teu amor para comigo; **cum plurimas et maximas commoditates amicitia contineat, tum illa nimirum praestat omnibus, quod debilitari animos non patitur,** *como a amizade oferece muitas e grandes vantagens, assim é principal a que impede o abatimento do ânimo.*

Observação. — Se o sujeito da principal for igual ao sujeito da dependente, o **cum** pospõe-se ao sujeito, p. ex.: **Alexander, cum interemisset Clitum familiarem suum, vix a se manus abstinuit,** *Alexandre, tendo matado o seu amigo Clito, por pouco não se suicidou.* Se os sujeitos, porem, forem diferentes, o **cum** geralmente precede, p. ex.: **cum Caesar hostium insidias timeret, milites cautius procedere jussi sunt,** *receando Cesar alguma cilada dos inimigos, mandou que os soldados avançassem mais cautelosamente.*

CAPITULO IX

DISCURSO INDIRETO

484. — Referindo palavras alheias ou próprias, podemos seguir dois métodos: o do **discurso direto (oratio recta)** e o do **discurso indireto (oratio obliqua).**

1.º — Verbos introdutivos.

485. — A) No **discurso direto:**

a) Usam-se as mesmas palavras empregadas pelo que as pronunciou e usa-se o verbo **inquam** que se intercala regularmente depois de uma ou mais palavras, seguido do seu sujeito, se este for expresso, p. ex.: **animus aeger, inquit Ennius, semper errat,** *o ânimo fraco, diz Ênio, sempre erra.* Mas se com o sujeito houver um particípio, um advérbio ou locução adverbial, como por exemplo **tum, deinde, hoc loco,** etc., o verbo conserva o seu lugar, mas o sujeito coloca-se antes do discurso direto, p. ex.: **tum ille: nego, inquit, verum esse,** *então ele: Nego, disse, que isto seja verdade.*

b) Tambem para reatar o discurso, onde o português usa *digo,* o latim serve-se de **inquam,** p. ex.: **nostra est, nostra est, inquam, haec gloria,** *é nossa, é nossa, digo, esta glória.* — **Inquies** serve para prevenir uma objeção, p. ex.: **quid ad istas ineptias abis? inquies,** *porque passas a razões frívolas? objetar-me-ás.*

c) Tambem **dico** e **aio** usam-se às vezes no discurso direto em lugar de **inquam,** mas com as seguintes restrições:

I) **Dico** supre **inquam** nas formas de que carece, e nas frases: **dices, dices fortasse, dicet aliquis,** e regularmente está fora do discurso direto, p. ex.: **Timotheum ferunt dixisse: Vestrae quidem cenae jucundae sunt,** *narra-se que Timóteo disse: Vossos jantares na verdade são aprazíveis;* **dicet aliquis: Noli isto**

modo agere cum Verre, *dirá alguem: Não queiras agir assim com Verres;* **vulgo dicitur: Jucundi acti labores,** *muitas vezes se diz: As fadigas passadas são agradaveis.*

II) **Aio** é precedido de **ut,** que forma com o verbo uma expressão em forma de parêntese. Esta expressão deve ser intercalada nas palavras que se referem em modo direto, e é seguida do seu sujeito, p. ex.: **ut ait Cicero,** *como diz Cícero;* **ut aiebat Cato,** *como costumava dizer Catão;* **qui** (=**quomodo**) **potest esse vita vitalis, ut ait Ennius, quae non in amici mutua benevolentia conquiescat?** *como pode ser digna de ser vivida a vida, como diz Ênio, que não descansa na benevolência recíproca de um amigo?* **Themistocles, ut ait Thucidides, ad Artaxersem venit,** *Temístocles, como diz Tucídides, foi ter com Artaxerses.*

d) E' digno de reparo o uso de **inquit** impessoal com o sentido de: *o homem diz, dizem, diz-se,* especialmente quando se trata de referir uma objeção, p. ex.: **nihil est, inquit** (=*se diz*), **malum.**

e) Às vezes o verbo é subentendido, p. ex.: **ad ea consul: Tu quidem** (subentendido **inquit**) **macte virtute esto!** *a estas cousas: Bravo* (ou *meus parabens pelo teu valor*!) (*disse* subentendido) *o consul.*

Observações. — *1*) Um historiador quando insere uma oração qualquer no seu discurso, em geral costuma antepor a oração os seguintes modos introdutivos: **hujusce modi verba locutus est,** *assim falou* (*segue-se a oração*); **hujusce modi orationem habuit** (*idem*); **Adherbalem hoc modo locutum accepimus** (*idem*); **hoc modo disseruit** (*idem*); **ita verba fecit** (*idem*); **talem orationem exorsus est** (*idem*); **tum Hannibal** (subentendido o verbo) (*idem*); **in hanc fere sententiam respondit** (*idem*).

2) Referindo cópias de cartas e de mandados usa o historiador os seguintes modos introdutivos: **earum (litterarum) exemplum infra scriptum est** (*segue a carta*); **Manlius legatos mittit cum mandatis hujusce modi** (*segue o mandado*).

B) No discurso indireto:

Relata-se simplesmente o sentido das palavras do indivíduo que as proferiu, sentido que se exprime em português com proposições dependentes de um verbo que significa *dizer, responder, narrar* e outros semelhantes, expresos ou ocultos, p. ex.: *o mensageiro disse que a paz estava concluida.* Em latim o discurso indireto exprime-se por meio do verbo **aio,** as mais das vezes, intercalado e sempre unido ao próprio sujeito, ou tambem pelos verbos **dico, respondeo, clamo, nego,** etc., que se intercalam ou precedem o discurso indireto; precedidos, seguidos ou tambem separados do próprio sujeito. Às vezes estes verbos estão subentendidos, p. ex.: **amicum certum, ait Ennius, in re incerta cernitur,** *diz Ênio que o amigo certo conhece-se nas desgraças;* **animum aegrum, ait Ennius, semper errare.** Pode-se tambem dizer: **animum aegrum,**

dicit Ennius, semper errare — Ennius dicit animum aegrum semper errare — Ennius animum aegrum dicit semper errare, *diz Ênio que o ânimo fraco sempre erra.*

2.° — Pronomes pessoais.

486. — Os pronomes pessoais na passagem da *oratio recta* para a *obliqua* sofrem as seguintes modificações:

a) O pronome da primeira pessoa (**ego, nos**) do discurso direto, tanto nas proposições principais como nas secundárias, é substituido pelo da terceira pessoa **sui, sibi, se,** p. ex.:

Oratio recta	Oratio obliqua
Perfŭga Fabricio dixit: Si praemium *mihi* proposueris, *ego* Pyrrhum veneno necabo, *o desertor disse a Fabrício: Se me deres um prêmio, eu envenenarei a Pirro.*	Perfŭga Fabricio pollicitus est, si praemium *sibi* proposuisset, *se* Pyrrhum veneno necaturum, *o desertor prometeu a Fabrício que, se lhe tivesse dado um prêmio, envenenaria a Pirro.*

Note-se, porem, que nas proposições secundárias do discurso indireto se usará **ipse** (plural **ipsi**) nos seguintes casos:

I) Quando o pronome da primeira pessoa na proposição secundária está em nominativo **ego, nos,** p. ex.:

Oratio recta	Oratio obliqua
Ad haec Ariovistus respondit: Si *ego* populo romano non praescribo quemadmodum suo jure utatur, non oportet *me* a populo romano in *meo* jure impediri, *a estas cousas Ariovisto respondeu: Se eu não prescrevo ao povo romano como deve usar do próprio direito, não devo ser eu estorvado pelo povo romano no exercício do meu direito.*	Ad haec Ariovistus respondit: Si *ipse* populo romano non praescriberet quemadmodum suo jure uteretur, non oportere *se* a populo romano suo jure impediri, *a estas cousas Ariovisto respondeu que se ele não prescrevia ao povo romano como devia usar do próprio direito, não devia ser ele estorvado pelo povo romano no exercício do seu direito.*

II) Quando está em oposição ou correspondência com outra pessoa, p. ex.:

Oratio recta

Ariovistus ad postulata Caesaris respondit: Ut *mihi* concedi non oporteret, si in Romanorum fines impetum facerem, sic item Romani sunt iniqui, quod in *meo* jure *me* interpellant, *Ariovisto respondeu aos pedidos de Cesar: Do mesmo modo que se me não toleraria se eu fizesse uma incursão no território romano, assim tambem os Romanos são injustos porque me estorvam no exercício do meu direito.*

Oratio obliqua

Ariovistus ad postulata Caesaris pauca respondit: Ut *ipsi* concedi non oporteret, is in nostros fines impetum faceret, sic item *nos* esse iniquos, quod in *suo* jure *se* interpellaremus, *Ariovisto respondeu brevemente aos pedidos de Cesar (dizendo) que do mesmo modo que não se deveria tolerá-lo se fizesse uma incursão em nosso território, assim tambem nós eramos injustos, porque o estorvávamos no exercício do seu direito.*

b) Os pronomes da segunda pessoa (**tu, vos**) são substituidos pelo da terceira **ille**, e tambem por **is**, p. ex.:

Oratio recta

Antonius scripsit Attico: Ego *te* de proscriptorum numero exemi, *António escreveu a Ático: Eu te tirei da lista dos proscritos.*

Oratio obliqua

Antonius scripsit Attico se *eum* de proscriptorum numero exemisse, *António escreveu a Ático que o tirara da lista dos proscritos.*

c) Os pronomes da terceira pessoa **hic, iste** substituem-se por is ou **ille**; **ille** e **is** ficam invariaveis, p. ex.:

Oratio recta

Hic dies, **inquit Jugurtha, aut omnes labores et victorias confirmabit aut maximarum aerumnarum initium erit,** *este dia, exclamou Jugurta, ou coroará todas as fadigas e vitórias ou será o princípio das maiores desgraças.*

Oratio obliqua

Jugurtha monuit *illum diem* **aut omnes labores et victorias confirmaturum aut maximarum aerumnarum initium fore,** *Jugurta disse que aquele dia ou teria coroado todas as fadigas e vitórias ou teria sido o princípio das miaores desgraças.*

d) Os possessivos **meus** e **noster** do discurso direto substituem-se por **suus, sua, suum**; **tuus** e **vester** por **ejus, eorum**; **illius, illorum** e tambem por **suus,** quando não houver ambiguidade.

Resumindo quanto ficou dito a respeito dos pronomes, em geral, pode-se dizer que os pronomes que se referem ao orador, no discurso indireto exprimem-se com **sui, sibi, se ; suus ;** os pronomes que se referem a pessoa de que se fala exprimem-se com **is, ille,** p. ex.: *Ariovisto às perguntas de Cesar respondeu que* **ele** *tinha passado o Reno não por* **sua** *própria vontade, mas aos rogos e pedidos dos Gauleses; que não* **ele** *aos Gauleses, mas sim os Gauleses a* **ele** *tinham declarado guerra,* **Ariovistus ad postulata Caesaris respondit ; transisse Rhenum** *sese* **non** *sua* **sponte, sed rogatum et arcessītum a Gallis ; non** *sese* **Gallis, sed Gallos** *sibi* **bellum intulisse.**

3.º — Advérbio de tempo.

487. — Os advérbios de tempo sofrem as seguintes modificações:

Oratio recta	Oratio obliqua
Hodie = hoc die	eo die, illo die
cras	postero die
heri	pridie
adhuc = ad hoc tempus	ad id tempus
nunc	tum, tunc
etiam nunc	etiam tum.

Observação. — No discurso indireto, especialmente nas antíteses, usa-se às vezes **nunc** em lugar de **tunc**, o que é permitido quando se quer indicar cousa presente.

4.º — Modos do verbo.

488. — Na passagem do discurso direto para o indireto, tanto as proposições principais como as dependentes ou secundárias sofrem as seguintes modificações:

A) PROPOSIÇÕES PRINCIPAIS

489. — *a)* As proposições principais, que no discurso direto exprimem uma asserção ou uma narração e têm o verbo no modo indicativo, no discurso indireto se constroem com o acusativo e o infinito, p. ex.:

Oratio recta	Oratio obliqua
Civis romanus sum! *Sou cidadão romano!*	**Clamabat ille se civem esse romanum,** *gritava ele que era cidadão romano.*

Nemo ante mortem beatus est praedicandus, *ninguem deve chamar-se feliz antes da morte.*

Solon dixit neminem ante mortem beatum esse praedicandum, *Solão disse que ninguem deve chamar-se feliz antes da morte.*

b) As proposições principais que no discurso direto exprimem um desejo, um mandado, um conselho, uma exortação, assim como as interrogativas com o subjuntivo potencial, dubitativo ou exortativo e têm o verbo no imperativo ou subjuntivo potencial, dubitativo ou exortativo, no discurso indireto se constroem com o imperfeito do subjuntivo sem **ut** as afirmativas, com **ne** as negativas.

Observações. — *1*) Se as proposições afirmativas, porem, forem mais de uma, à primeira, e só a esta, pode-se antepor **ut**.

2) Duas ou mais negativas unem-se entre si com **neve** ou **neu**.

3) Em lugar do subjuntivo imperfeito pode-se usar o subjuntivo presente quando o verbo regente for um presente histórico.

Oratio recta	Oratio obliqua
Tum Marius: Hostes, inquit, vehementem imtum facient; eum sustinete, milites, nolite loco cedere! *Então Mário disse: Os inimigos assaltarão violentamente. Resistí, ó soldados, não recueis um passo!*	**Tum Marius dixisse fertur hostes vehementem impetum facturos esse; milites eum sustinerent, ne loco cederent,** *narra-se então que Mário disse aos soldados que os inimigos teriam assaltado violentamente, que resistissem e que não recuassem um passo.*
Ne timeatis (=ne timueritis), milites, hostium numerum, strenue pugnate, *não temais, ó soldados, o número dos inimigos, combatei valorosamente.*	**Dux hortatus est milites dixitque ne hostium numerum timerent, strenue pugnarent,** *o capitão animou os soldados e lhes disse que não temessem e que combatessem valorosamente.*
Quis hoc mihi persuadeat? *Quem me poderia persuadir disto?*	**Ille clamitabat quis hoc sibi persuaderet,** *ele andava dizendo quem o teria podido persuadir disto.*

c) As proposições principais interrogativas com o sujeito da segunda pessoa e que no discurso direto querem o indicativo, no discurso indireto passam para a terceira pessoa do subjuntivo, atendendo-se que em relação com um passado na proposição regente, o **presente** do discurso direto substitue-se pelo **imperfeito**, e o **perfeito** pelo **mais que perfeito**:

Oratio recta

Quid tandem veremini, milites, aut cur de vestra salute desperatis? *O que temeis, ó soldados, ou porque desesperais de vossa salvação?*

Quid tandem veriti estis, milites, aut cur de vestra salute desperavistis? *O que temestes, ó soldados ou porque desesperastes de vossa salvação?*

Oratio obliqua

Caesar allocutus est milites quid tandem vererentur, aut cur de sua salute desperarent, *Cesar dirigiu a palavra aos soldados (perguntando-lhes) o que temessem ou porque desesperassem de sua salvação.*

Caesar allocutus est milites quid tandem veriti essent, aut cur de sua salute desperavissent, *Cesar dirigiu a palavra aos soldados (perguntando-lhes) porque tinham temido ou porque tinham desesperado de sua salvação.*

d) As proposições principais interrogativas retóricas, isto é, com o sujeito da primeira ou terceira pessoa, traduzem-se em regra com o acusativo e o infinito, raramente com o subjuntivo.

Observação. — O pronome se, que indica o sujeito da primeira pessoa, na construção do acusativo com o infinito, pode-se exprimir como omitir (cf. o primeiro exemplo abaixo):

Oratio recta

Si veteris contumeliae oblivisci volo (*ou* velim), num etiam recentium injuriarum memoriam deponere possum (*ou* possim)? *Se quero esquecer o antigo ultraje, poderia talvez depor a lembrança das injúrias recentes?* (*=não posso esquecer as injúrias recentes*).

Quid est levius aut turpius quam, auctore hoste, de summis rebus capere consilium? *O que há de mais leviano ou vergonhoso do que tomar uma resolução a respeito dos negócios mais importantes por aviso do inimigo?* (*=nada é mais leviano ou vergonhoso do que...*)

Oratio obliqua

Caesar respondit: Si veteris contumeliae oblivisci vellet, num etiam recentium injuriarum memoriam deponere posse? (subentendido **se**) *Cesar respondeu que, se quisesse esquecer o antigo ultraje, poderia talvez depor a lembrança das injúrias recentes?*

Tribuni militum nihil temere agendum existimabant; quid esse levius aut turpius quam, auctore hoste, de summis rebus capere consilium? *Os tribunos dos soldados pensavam que nada se devia fazer precipitadamente (e perguntavam) o que havia de mais leviano ou vergonhoso do que tomar uma resolução a respeito dos negócios mais importantes por aviso do inimigo.*

Observação. — As formas introdutivas portuguesas: *dizendo, recordando, com estas palavras* podem-se omitir no discurso indireto latino, p. ex.: **nuntii ad Claudium occulti veniebant, si proprius copias admovisset, paratos fore qui proderent urbem,** *vinham ocultamente embaixadores a Cláudio (dizendo que) se ele aproximasse mais o exército, haveria quem entregaria a cidade.*

B) PROPOSIÇÕES DEPENDENTES

490. — *a*) Todas as proposições dependentes, sejam quais forem, por referirem o pensamento da proposição principal (isto é, o pensamento de *outrem* e não o do escritor) no discurso indireto se exprimem com o subjuntivo, ao passo que no discurso direto teriam o verbo no indicativo ou no subjuntivo.

Oratio recta	**Oratio obliqua**
Apud Hypănim fluvium, inquit Aristoteles, bestiŏlae quaedam nascuntur, quae unum diem vivunt, *perto do rio Hípane, diz Aristóteles, nascem uns insetos que vivem um dia só.*	Apud Hypănim fluvium Aristoteles ait bestiŏlas quasdam nasci quae unum diem vivant, *Aristóteles assevera que perto do rio Hípane nascem uns insetos que vivem um dia só (pensamento este de Aristóteles e não do escritor Cícero).*

b) Com relação aos tempos, em geral, vale a regra da *consecutio temporum,* pelo que se o verbo rege a *oratio obliqua* é um passado, as dependentes, em regra, exigem o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo. Contudo, as licenças dos clássicos neste ponto são numerosíssimas, especialmente nos discursos de uma certa extensão. Aí, o escritor, para maior vivacidade da narração, depois de um passado usa um presente ou perfeito onde esperaríamos um imperfeito ou mais que perfeito ou tambem alterna os tempos principais com os históricos, p. ex.: **ad haec, quae visum est, Caesar respondit, sed exitus fuit orationis:** *sibi* **nullam cum iis (Germanis) amicitiam** *esse posse,* **si in Gallia** *remanerent;* **neque verum** *esse,* **qui suos fines tueri non** *potuerint,* **alienos occupare...;** *licere* **si** *velint,* **in Ubiorum finibus considere, quorum** *sint* **legati apud** *se.—Cesar respondeu a isto o que lhe pareceu conveniente, mas o remate do discurso foi que nenhuma amizade podia existir entre Cesar e eles, se permanecessem na Gália; nem era razoavel que os que não puderam defender seu território ocupassem os dos outros... que lhes era lícito estabelecer-se, se quisessem, no território dos Úbios, cujos embaixadores estavam junto dele (Cesar) —De Bello Gallico, livro IV, cap. 8).* Outros exemplos de mudança na *consecutio temporum* encontram-se, por exemplo, em Cesar, De Bello Gallico I, 14; I, 31; — Tito Lívio XXIV, 6).

Observações. — *1*) Às vezes no discurso indireto o *autor* insere uma observação que é sua; neste caso usa o indicativo, como no exemplo acima citado que em Cícero (*Tusc.* 1, 39, 94) é integralmente assim: **apud Hypanim fluvium, qui ab Europae parte in Pontum influit** (modo indicativo porque é observação de Cícero), **Aristoteles ait bestiolas quasdam nasci, quae unum diem vivant** (modo subjuntivo porque aí se refere parte das palavras de Aristóteles), *Aristóteles assevera que nas margens do rio Hípane, que do lado da Europa desagua no Ponto, nascem certos animaizinhos que vivem um dia só.* (Cf. tambem Cornélio Nepos: *Eumenes* V, 4).

2) Às vezes no discurso indireto as proposições relativas devem-se considerar como coordenadas a proposição principal, e não como subordinadas, razão por que se podem construir com o acusativo e o infinito. Nestes casos **qui** está por **et hic, et is**; **unde** por **et inde**; **ubi** por **ibi**, etc., p. ex.: **unumquemque nostrum censent stoici mundi esse partem; ex quo** (=**et ex eo**) **illud natura consequi ut communem utilitatem nostrae anteponamus** (a proposição **illud consequi** vai coordenada com a outra **esse partem**), *pensam os estóicos que cada um de nós é parte do mundo, donde naturalmente promana que anteponhamos à nossa a utilidade comum.*

3) As proposições temporais que no discurso indireto devem estar no subjuntivo seguem as regras da *consecutio temporum*; mas precedidas das conjunções **postquam, ut, ubi, cum primum, ubi primum, antequam** e **priusquam**, frequentes vezes de **dum, quoad**, encontram-se com o *perfeito* onde esperaríamos o *mais que perfeito* do subjuntivo. Há exemplos até do indicativo.

CAPITULO X

A CONSTRUÇÃO: A) DA PROPOSIÇÃO E B) DO PERÍODO LATINO

A) Construção da proposição

§ I

Construção normal.

491. — *a*) *Como se dispõem na proposição os elementos que a compõem*: **sujeito, predicado** *e* **complementos.**

O **sujeito** com seus complementos abre a oração, em seguida veem o **objeto direto** e os **outros complementos**, o **predicado** vem no fim, precedido de seus complementos, p. ex.: nos *hic cum Pompeio* fuimus; Quintus frater *mihi* scripsit, se, *quoniam Ciceronem suavissimum secum* haberet, ad te Nonis Majis (*no dia sete de Maio*) venturum.

Observação. — Às vezes os complementos circunstanciais tambem precedem o complemento objeto direto, p. ex.: *cum Carthaginienses* et in pace et per indutias *multa nefaria facinora fecissent*...

b) *Como se justapõem os* **vários elementos lógicos** *ou* **gramáticais** *da proposição*

I) O atributo.

1) O *atributo* em geral precede o substantivo a que se refere, ficando às vezes separado do mesmo, p. ex.: magnus *vir*, magna *urbs*, hoc *mare*, magnum *animo accepi dolorem.*

2) Se um adjetivo *atributo* se refere a dois substantivos, dir-se-á, p. ex.: forensis *laus et industria* ou *laus* forensis *et industria*, as vezes tambem: *laus et industria* forensis, mas nunca: *laus et* forensis *industria*.

3) Dois atributos que se referem a um só substantivo assim se dispõem, p. ex.: *indoles* egregia et praeclara *ou* egregia et praeclara *indoles* ou *egregia* indoles *et praeclara*, mas nunca *egregia et* indoles *praeclara*.

I) O aposto.

Para a colocação do *aposto* cf. n. 174, *c*, pág. 181.

III) O pronome.

1) O *pronome possessivo* se coloca quase sempre depois do substantivo a que se refere, p. ex.: *patrem* meum *occidisti; Dionysius, servus* meus, *aufūgit*.

2) O *pronome demonstrativo* (hic, ille, iste) em regra precede seu substantivo, p. ex.: haec *urbs*, ille *liber*, *in* ista *urbe*.

3) *Juxtapõem-se* muitas vezes os pronomes que se referem quer a mesma pessoa, quer a pessoas diferentes, p. ex.: tu mihi *legis Porciae mentionem facis;* litteras a te mihi, *stator tuus reddidit; inimici* mei mea mihi *non* me ipsum *ademerunt*.

IV) O complemento predicativo.

O *complemento predicativo* fica separado do substantivo por meio do verbo, p. ex.: *Themistocles* ferociorem *reddidit civitatem*.

V) O infinito.

O *infinito* em regra precede o verbo que o rege, p. ex.: *memoriam nostri quam maxime longam* efficere *debemus; turpe* esse *ducunt;* serĕre *non sinĭmus*.

VI) O genitivo.

1) O *genitivo* fica às vezes separado da palavra que o rege, p. ex.: *si* quid *est in me* ingenii.

2) O *genitivo*, quando se lhe quer dar um lugar de relevo, precede o substantivo que o rege, e se este for acompanhado de um atributo, costuma o genitivo ficar entre o adjetivo atributo e o substantivo, p. ex.: veritatis *amicus;* universae philosophiae *vituperatoribus, respondimus in Hortensio;* varia *hominum* judicia; magna *mortis* contemptio.

3) A colocação: a) de um *genitivo* que depende de *dois substantivos* ou b) de *dois genitivos* que dependem de um *substantivo* obedece ao seguinte exemplo: a) *instituta ac leges* Romanorum *ou* Romanorum *instituta ac leges* ou *instituta* Romanorum *ac leges*, mas nunca: *instituta ac* Romanorum *leges*.

b) *Orationes* Ciceronis et Caesaris *ou* Ciceronis et Caesaris *orationes* ou Ciceronis *orationes* et Caesaris, mas nunca: Ciceronis et *orationes* Caesaris.

VII) O vocativo.

O *vocativo* intercala-se regularmente depois de uma, duas ou tres palavras (cf. tambem n. 244, *b*, pág. 216), p. ex.: *te hortor*, mi Plance, *ut in rempublicam incumbas*, mas encontra-se tambem: *nemini video dubium esse*, judices, *quin*, etc.

VIII) O ablativo absoluto.

Notem-se às vezes os termos do *ablativo absoluto* separados por meio do sujeito da proposição, p. ex.: hac re *statim Caesar per speculatores* cognita, *exercitum castris continuit.*

IX) Complementos adverbiais e advérbios.

1) Os *complementos adverbiais* e *advérbios* precedem a palavra que os rege, p. ex.: prudenter *a majoribus posita;* dignus Hercule *labor; homo* virtute praeditus.

2) Os advérbios *quam, nimis* e os que reforçam o comparativo *multo, paulo*, etc. ficam separados do adjetivo que modificam, p. ex.: quam *autem civitati carus fuerit;* multo *ejus oratio esset pressior.*

X) As preposições.

1) As preposições, em regra, precedem o próprio complemento; contudo, as preposições *versus* e *tenus* são sempre pospositivas; às vezes tambem *contra, inter, propter* pospõem-se ao pronome relativo, p. ex.: *Romam* versus, *ad oceanum* versus, (tambem: versus *oppidum*); *Tauro* tenus, *Cumarum* tenus; *ii quos* inter *divisae sunt partes*, aqueles entre os quais foram divididas as partes.

2) Os dois ablativos *causa* e *gratia* e *ergo*, usado como preposição, pospõem-se sempre ao substantivo, p. ex.: *amici gratia hoc faciam; illius* ergo *venimus*, por amor dele é que nós viemos.

3) Não pode seguir uma preposição após outra preposição, por exemplo, não se pode dizer: cum ex *Italia profectis hominibus*, mas dir-se-á: cum *hominibus* ex *Italia profectis* ou: cum *profectis* ex *Italia hominibus;* de *rebus* in *urbe gestis* e não: de in *urbe rebus gestis*.

4) As enclíticas *que* e *ve* não se unem a *apud*, nem as preposições monossilábicas *a*, *ab*, *ad*, *ob*, *sub*, mas à palavra seguinte. Contudo, às vezes, a enclítica *que* se encontra unida a *ex* e *in* e se une regularmente as outras conjunções *de*, *contra*, *pro*, *cum*, etc., p. ex.: e por Cesar, a *Caesare*que; ad *Caesarem*que e não: aque *Caesare*, nem: adque *Caesarem;* in *eam*que *rem* ou: inque *eam rem;* e contra os inimigos, contráque *hostes*.

5) Quando duas ou mais preposições regem o mesmo nome, em português, este se pode exprimir depois da última preposição, ao passo que em latim deve-se repetir o nome depois de cada preposição, p. ex.: fora e dentro dos muros, extra *moenia et* intra *moenia* e não: extra et intra *moenia*.

6) Às vezes um pronome pessoal em caso nominativo ou acusativo separa a preposição *per* do próprio complemento, p. ex.: per *ego te, fili, precor*.

7) E' digna de observação a colocação da preposição entre o adjetivo que precede e o substantivo que segue, p. *magna* cum *diligentia; tribus* de *rebus; magna* ex *parte; tanto* in *honore*.

8) Em geral as preposições não se separam dos seus complementos. Contudo, pode-se intercalar o genitivo tambem quando vem acompanhado de suas determinações, p. ex.: *de* Catilinae *conjuratione; haec pertinent* ad *earum rerum, quibus utuntur homines*, facultates.

Note-se a interposição de advérbios nas frases construidas com o gerúndio, gerundivo e particípio, p. ex.: *ad* bene beateque *vivendum; de* praeclare *rebus gestis*.

À exceção do genitivo, é rara a interposição de outro caso. Todavia encontra-se, por exemplo: *in* bella *gerentibus* (Lívio); *adversus* hostilia *ausos* (idem).

9) Depois das preposições construidas com o acusativo pode-se acrescentar *enim, vero, autem*, p. ex.: *post* enim Chrysippum (Cícero); *post* vero *Sullae* victoriam (idem).

XI) As conjunções.

Sed, verum, at, atqui colocam-se em primeiro lugar

Vero e *autem* se colocam sempre depois de uma ou duas palavras.

Ităque, em primeiro lugar.

Igĭtur, geralmente em segundo lugar.

Ergo, em primeiro ou segundo lugar.

Enim, sua colocação ordinária é no segundo lugar, raramente no terceiro — *autem, igĭtur* podem às vezes ocupar o terceiro lugar com a forma verbal *est*, quando *est* ocupa o segundo lugar da proposição, p. ex.: *quis est* enim...; *scelus est* igitur. E tambem: *apud prudentes* enim; *hae disciplinae* igitur (Cicero)

Quoque, pospõe-se sempre, p. ex.: *tu* quoque, *fili mi*.

Quidem, sempre pospositiva, p. ex.: *ego* quidem; *Caesar* quidem.

Ut final e consecutivo é às vezes precedido por uma palavra e quase sempre negativa, p. ex.: *vix* ut, *nemo* ut, *paene* ut — em lugar de: ut *vix*, ut *nemo*, etc.

Non, quando se refere a uma só palavra, sempre a precede, p. ex.: *otii fructus est* non *contentio animi, sed relaxatio*. — *Non*, quando se refere a toda a proposição, ordinariamente precede toda a frase ou o verbo, p. ex.: non *ergo erunt homines deliciis diffluentes audiendi; cur tantopere te angas, intellegere* non *possum; urbs capta* non *est*.

A conjunção *non*, separada da proposição principal, confere-lhe eficácia particular, p. ex.: non, *si tibi ea res grata fuisset, esset etiam probata*.

Cum (conjunção) — Se o sujeito da proposição principal for igual ao sujeito da dependente, a conjunção *cum* pospõe-se ao sujeito, p. ex.: *Alexander*, cum *interemisset Clitum familiarem suum, vix a se manus abstinuit*.

Se os sujeitos, porem, forem diferentes, a conjunção *cum* geralmente precede, p. ex.: cum *Caesar hostium insidias timeret, milites cautius procedere jussi sunt* (cf. n. 483, *b*, *VI*, obs., pág. 353).

XII) Oposição de duas palavras.

Para opor duas palavras:

1) Uma após a outra, p. ex.: *patris* dictum sapiens temeritas *filii comprobavit; non semper* viator a latrone, *nonnumquam etiam* latro a viatore *occiditur*.

2) Uma no começo da primeira proposição e a outra no fim da segunda, p. ex.: evolarat *jam e conspectu fere fugiens quadriremis, cum etiam tum celerae naves uno in loco* moliebantur; milvo *est quoddam bellum quasi naturale cum* corvo.

3) Uma no princípio da primeira proposição e a outra no começo da segunda, p. ex.: ab adulescentia *confecit orationes*, senex *historias scribere instituit*.

4) Ambas no fim das proposições, p. ex.: *defendi rempublicam* adulescens, *non deseram* senex.

Observação. — Se as palavras se correspondem na ordem inversa, esta inversão chama-se *quiasmo*, isto é, cruzamento, p. ex.: ratio *nostra* consentit, pugnat oratio; fragile corpus animus sempiternus *movet*; hic opus, labor hic (cf. n. 496, *20*, pág. 370).

XIII) Relevo de um termo.

Para dar relevo a um termo, pode-se repetir este termo adiante de cada membro da frase (*anáfora*), p. ex.: nihil *ne te nocturnum praesidium Palatii*, nihil *urbis vigilae*, nihil *timor populi*, nihil...,

nihil..., nihil... moverunt? Tibi *uni multorum civium neces*, tibi *vexatio direptioque sociorum impunita fuit ac libera*, tu, etc.; meis *consilius*, meis *laboribus*, mei *capitis periculis* rempublicam liberavi. (Cf. n. 496, *6*, pág. 370).

XIV) Relevo de uma idéia.

Para dar relevo a uma idéia de uma mesma proposição, aproximam-se duas formas diversas da mesma palavra ou duas palavras que tem entre si um nexo lógico muito estreito, p. ex.: arma armis *propulsantur;* vim vi *repellere;* homines hominum *causa sunt generati, ut ipsi inter se* alii *prodesse possint;* mortali immortalitatem *non arbitror esse contemnendam;* suum cuique *redde*

§ II

Outras construções da proposição.

492. — O latim, graças à cópia de suas flexões, pode mais facilmente que as línguas modernas variar a estrutura da proposição, razão por que muitas vezes esta se afasta da normal de que falamos no número 491, *a*, pág. 363.

Põe-se no primeiro ou no fim da proposição o termo que se quer fazer sobressair. Assim, em lugar da construção normal: *Alexander ad Arbela Darium vicit*, dir-se-á:

Darium ad Arbela vicit Alexander, foi ao próprio Dario que Alexandre, etc.

Ad Arbela, vicit, etc., foi perto de Arbela que Alexandre, etc.

Vicit ad Arbela, insigne foi a vitória de Alexandre, etc.

Mais exemplos: *Esse* quam videri bonus malebat; *varia* sunt hominum judicia; *bene* et *composite* C. Caesar de vita et morte disseruit; quod aliud iter haberent *nullum;* quod ante id tempus accidit *nunquam*, etc.

Observações. — *1*) Quando *est* significa: *existe, há* coloca-se no princípio da proposição, p. ex.: *est, est* profecto illa vis.— Quando é ligação entre o sujeito e o predicado, costuma preceder a este último, p. ex.: Sueborum gens *est* longe maxima et bellicosissima omnium Germanorum.

2) Começam muitas vezes a proposição os demonstrativos e relativos, e bem assim pronomes, advérbios ou conjunções que ligam a proposição à precedente, p. ex.: *horum* omnium fortissimi sunt Belgae; *qua* ex re fieri; *quem* ab se retractum esse et asservatum; illud est Catonis: *a quo* cum quaereretur; *neque enim* fas esse arbitror quidquam me rogantem abs te non impetrare.

B) Construção do período

§ I

Num período composto de duas proposições.

493. — *a)* A dependente *precede* geralmente à principal ou se *insere* nela, se for condicional, concessiva, comparativa, temporal, causal, p. ex.: **si pace frui volumus,** *bellum gerendum est;* **etsi**

multa scio, *plura tamen ignoro;* **ut sementem feceris,** *ita metes;* **priusquam respondeo,** *de amicitia dicam;* **quae cum ita sint,** *perge.*

b) A dependente *segue* geralmente a principal quando é objetiva, final e principalmente consecutiva, p. ex.: *cura* **ut valeas;** *non dubito* **quin probaturus sim;** *Epaminondas animadvertebat* **totum exercitum periturum esse;** *tantum cepi doloris,* **ut consolatione ipse egērem.**

c) A proposição relativa se *coloca* de ordinário *junto* de seu antecedente, p. ex.: *misit militem* **qui mortem timebat.**

Observação. — Para fazer sobressair uma proposição, às vezes os autores afastam-se da ordem supra-mencionada.

§ II

Num período composto de várias proposições dependentes.

494. — Num período composto de várias proposições dependentes observa-se a ordem seguinte:

a) Se as duas proposições secundárias são *dependentes da principal,* colocam-se uma após a outra, segundo a relação das idéias:

1) No *começo* do período, p. ex.: **cum** *hostium copiae non longe absunt,* **etiamse** *irruptio nulla facta est, tamen pecua reliquuntur, agri cultura deseritur.*

2) No *meio* do período, p. ex.: *Pythagoreos ferunt,* si *quid affirmarent in disputando,* **cum** *ex eis quaereretur* **quare** *ita esset, respondere solitos: Ipse dixit.*

b) Se uma proposição secundária é *dependente de outra secundária*:

3) *Insere-se* a primeira na secundária de que depende e as partículas se juxtapõem, p. ex.: haec magnitudo maleficii facit, *ut, nisi* paene manifestum parricidium proferatur, credibile non sit.

4) *Segue* a proposição principal ou *se insere* nela e precede a subordinada de que depende, p. ex.: *rogavi,* **quoniam** *cetera concessissent,* **ne** *hoc unum negarent.*

Observação. — Muitas vezes em latim uma proposição secundária, da qual depende uma proposição *relativa,* é ligada à principal por meio desta relativa, p. ex.: nunquam igitur laudari satis digne philosophia poterit, *cui qui pareat,* omne tempus aetatis sine molestia possit degere.

§ III

Como se insere uma proposição em outra.

495. — Quando uma proposição se *insere* em outra, ordinariamente segue uma das três seguintes construções, a saber:

a) Se ambas têm o *mesmo sujeito* ou o *mesmo objeto*, este termo as precede, p. ex.: *stultitia*, etsi adepta est quod concupivit, nunquam se tamen satis consecutam putat; *quem* ut barbari incendium effugisse viderunt, telis eminus missis, interfecerunt.

b) Se o *objeto* da principal é *sujeito* da subordinada, precede as proposições em caso obliquo, subentendendo-se no nominativo, p. ex.: *L. Manlio*, cum (is) dictator fuisset, M. Pomponius, tribunus plebis, diem dixit.

c) Se não há termo comum, precede algum termo saliente, p. ex.: *in ceteris rebus*, cum venit calamitas, tum detrimentum accipitur; *Trebatium* cogitaram, quocumque exirem, mecum ducere.

CAPITULO XI

SINTAXE FIGURADA

496. — *Figuras* de sintaxe dizem-se certas locuções aparentemente contrárias às regras da sintaxe, mas que servem para adornar o discurso, dando-lhe força, graça ou gravidade; e chama-se *figurada* a parte da sintaxe que trata do estudo das figuras. Não sendo nosso livro um tratado de retórica limitar-nos-emos às principais.

1) **Elipse,** omissão de uma ou mais palavras na frase, sem que esta deixe de ser clara, p. ex.: **omnia praeclara rara** (subentendido **negotia e sunt**), *todas as cousas excelentes são raras;* **quid plura?** (subentendido **dicam**), *para que dizer mais cousas?* **Terentia Ciceronis** (subentendido **uxor**); **ad Jovis Statoris** (subentendido **templum**).

2-3) A supressão da conjunção copulativa nas enumerações e graduações chama-se **assíndeto,** p. ex.: **Catilina abiit, excessit, evasit, erupit,** *Catilina foi-se, saiu, fugiu, homiziou-se.*

Observação. — Distinguem-se duas espécies de elipse: *perfeita* quando, como nos exemplos acima, falta completamente a palavra; *imperfeita* ou **zeugma,** quando uma palavra, já espressa numa proposição, é subentendida em outra proposição com alguma variação de gênero, número e caso, etc., p. ex.: **obsequium amicos, veritas odium parit** (subentendendo-se **parit** na primeira proposição), *o obséquio faz os amigos, a verdade traz o ódio;* **beate vivere alii in alio, vos in voluptate ponitis** (subentendido **ponunt** na primeira proposição), *quem põe a felicidade em uma cousa, quem em uma outra, vós a collocais no prazer.*

4) **Pleonasmo,** superfluidade de termos, que às vezes tem emprego legítimo para dar mais força à expressão, p. ex.: *sic ore locuta est* (*ore* podia-se omitir), *assim falou;* **hisce oculis egomet vidi** (em que seria suficiente *vidi*), *eu próprio vi com estes olhos.*

5) Outra espécie de pleonasmo, que consiste em repetir uma conjunção, é o **polissíndeto**, p. ex.: **P. Sextius parente natus est et sapiente et sancto et severo; silvisque agrisque viisque corpora foeda jacent.**

6) **Anáfora**, quando se repete a mesma palavra no princípio de cada membro, p. ex.: **nihil agis, nihil cogitas, nihil moliris; te veniente die, te decedente canebat** (Cf. n. 491, pág. 363—*XIII*—Relevo de um termo, pág. 367).

7) **Símploce**, quando se repete a mesma palavra no fim de cada proposição, p. ex.: **Poenos populus romanus justitia vicit, armis vicit, libertate vicit.**

8) **Anadiplose**, se alguma proposição ou verso principia pela mesma palavra em que acaba o antecedente, p. ex.: **Pierides, vos haec facietis maxima Gallo — Gallo, cujus amor crescit in horas.**

9) **Epanadiplose**, se alguma sentença acaba na mesma palavra em que começou, p. ex.: **ambo florentes aetatibus, Arcades ambo.**

10) **Sinonímia**, quando se repete por palavra diversa o mesmo que já ficou dito, p. ex.: **Catilina abiit, excessit, erupit; faciem mutatus et ora Cupido.**

11) **Antanaclase**, quando se repetem duas palavras semelhantes nas letras, porem, diversas na significação, p. ex.: **amari jucundum est, si curetur, ne quid insit amari.**

12) **Epanalepse** é quando na oração, para maior expressão de um afeto, se repete várias vezes uma sentença (ficando outras intermediárias), como fez Vergílio na écloga VIII repetindo depois de 3, 4, 5 etc. versos o seguinte: **incipe Maenalios mecum, mea tibia, versus.**

13) **Epizeuxe** é quando na oração, para maior encarecimento ou demonstração de um afeto, se repete a mesma palavra, sem ficar outra intermédia, p. ex.: **fuit, fuit ista quondam in hac republica virtus.**

14) **Parenomásia**, quando se repetem duas palavras que quase parecem as mesmas, p. ex.: **nunquam satis dicitur, quod nunquam satis discitur.**

15) **Paréquesis**, se uma palavra principia pelas mesmas letras em que acaba a antecedente, p. ex.: **o fortunatam natam, me consule, Romam; Palla pallorem incutit.**

16) **Poliptoto**, quando se repete a mesma palavra por diferentes formas ou em diversos casos, p. ex.: **pleni sunt omnes libri, plenae sapientum voces, plena exemplorum vetustas; litora litoribus contraria, fluctibus undas — imprecor arma armis, pugnent ipsique nepotes.**

17) **Perífrase**, que consiste em exprimir em muitas palavras o que se poderia dizer numa só; p. ex.: **sol medium caeli conscenderat igneus orbem** *em lugar de* **jam erat meridies.**

18) **Silepse**, figura em que a regência das palavras segue mais a lógica que as regras gramaticais (=*constructio ad sensum* ou *ad synesim*), p. ex.: **Veiens bellum ortum est, quibus Sabini arma conjunxerant** (**quibus** refere-se a **Veientium** em lugar de **Veiens**, *rebentou a guerra dos Veientes aos quais se uniram os Sabinos;* **amicitia est ex eo genere, quae prosunt** (como se fosse **ex genere earum rerum, quae...,**) *a amizade é do gênero daquelas cousas que são uteis.*

19) **Hipérbato**, transposição ou inversão da ordem natural das palavras, p. ex.: **in Galliam invasit Antonius.**

20) **Quiasmo**, se as palavras se correspondem na ordem inversa, p. ex.: **fragile corpus animus sempiternus movet; hic opus, labor hic** (cf. n. 491, pág. 363 — *XII* — Oposição de duas palavras, *4* observação, pág. 367).

21) **Anástrofe**, quando se põem depois certas palavras que deveriam estar antes, p. ex.: **qua de re** por **de qua re; quamobrem** por **ob quam rem; tribus abhinc annis** por **abhinc tribus annis**, *há três anos.*

22) **Tmese**, que decompõe as palavras, geralmente compostas, em seus elementos, interpondo qualquer outro vocábulo, p. ex.: **septem subjecta trioni**, *exposta ao setentrião;* **male, ait, dixisti mihi** por **ait; maledixisti mihi**, *falaste*

mal de mim; **quo me cumque rapit tempestas,** por **quocumque me rapit tempestas,** *por onde quer que me arraste a tempestade.*

23) **Parêntese,** quando numa oração se interpõe uma frase que forma sentido distinto e separado do sentido do período, p. ex.: **Tityre, dum redeo (brevis est via) pasee capellas,** *ó Títiro, até eu voltar (breve é o caminho), apascenta as cabras;* **regia, erede mihi, res est succurrere lapsis,** *é ação digna de rei, podes crer-me, socorrer aos que cairem.*

24) **Sínquese** (= *confusão*), quando se inverte a ordem natural das palavras, tornando a frase obscura, p. ex.: **saxa vocant Itali, mediis quae in fluctibus aras (= Itali vocant aras saxa, quae sunt in mediis fluctibus,** *os Ítalos chamam altares os rochedos que se acham no meio das ondas;* **dico poëta bonum carmen, quem fecit Homerum (= poëta, quem dico Homerum, fecit bonum carmen),** *o poeta chamado Homero fez um belo poema.*

25) **Enálage,** quando, depois de se empregar um modo, se passa subitamente para outro, que não é admitido pela construção ordinária, ou se mudam os acidentes dos nomes, dos adjetivos e dos verbos, p. ex.: **eredens colli longitudinem** em lugar de **collum longum,** *entregando seu pescoço comprido;* **venit in senatum frequens** por **frequenter; dulce** ou **perfidum ridet** por **dulciter** ou **perfide,** *ri gostosamente ou perfidamente.*

26) **Hendíadis** que exprime um unico conceito com duas vozes ou palavras que se unem com **et, atque, ac,** quando seria suficiente um genitivo ou um adjetivo, p. ex.: **pateris libamus atque auro** em lugar de **pateris aureis libamus,** *fazemos libações em taças de ouro;* **natura pudorque,** *pudor natural,* **ratio et doctrina,** *metodo cientifico.* — Com dois verbos em lugar de um verbo só e de um advérbio, p. ex.: **cernere et videre,** *ver claramente* (cf. n. 166, *d*, obs., pág. 176).

27) **Anacoluto** dá-se quando, desprezadas as regras da sintaxe, não guardam as palavras entre si a devida coerência, p. ex.: **dum nos omnes, quibus aliunde aliquis objectus est labor, omne quod est interea tempus, priusquam id rescitum est, lucro est** (onde as palavras **nos omnes** estão como que suspensas sem relação alguma gramatical com o resto do período), *quando de qualquer lado nos vem algum sofrimento é para nós um lucro todo o tempo que se passa sem que o saibamos;* **tu, si te dii amant, agere tuam rem occasio est,** onde, de acordo com as regras da sintaxe, em lugar de **tu,** deveríamos ter o acusativo **te.** Esta figura é raríssima e considerada quase um descuido ou erro que escapou ao escritor.

28) **Hipálage,** quando se verifica uma troca de casos, p. ex.: **dare classibus austros** por **dare classes austris.**

29) **Histerologia,** quando se põe primeiro uma sentença, que devia estar depois, p. ex.: **moriamur et media in arma ruamus** em lugar de **ruamus in media arma et moriamur.**

30) **Metáfora,** se em lugar de um nome põe-se outro, que só por semelhança indica o que se quer dizer, p. ex.: **cor lapideum,** por **cor durum; caput montis** por **summitas montis.**

31) **Sinédoque,** quando se põe a parte pelo todo e vice-versa, p. ex.: **totus orbis ardet bello** por **maxima pars orbis ardet bello; magna fuit quondam reverentia cani; — inque suo pretio ruga senilis erat,** onde **capitis cani** está por **hominis senis** e **ruga senilis** por **homo senex.**

32) **Antonomásia,** quando se põe um nome próprio pelo comum e vice-versa, p. ex.: **Croesus** por **dives; poëta** por **Vergilius; philosophus** por **Aristoteles.**

33) **Metalepse,** quando se emprega uma palavra que só, por alguma circunstância que nela se acha, mostra o que se pretende dizer, como por exemplo, a aresta do trigo supõe espiga, a espiga supõe sementeira, a sementeira supõe ano, pode-se dizer por metalepse **septem aristae** por **septem anni; post aliquot, mea regna videns, mirabor, aristas** em lugar de **post aliquot annos.**

34) **Metonímia,** quando se põe uma palavra que significa a causa em lugar de outra que significa o efeito ou vice-versa. A aplicação desta figura pode suceder de vários modos, dos quais os mais importantes são os seguintes:

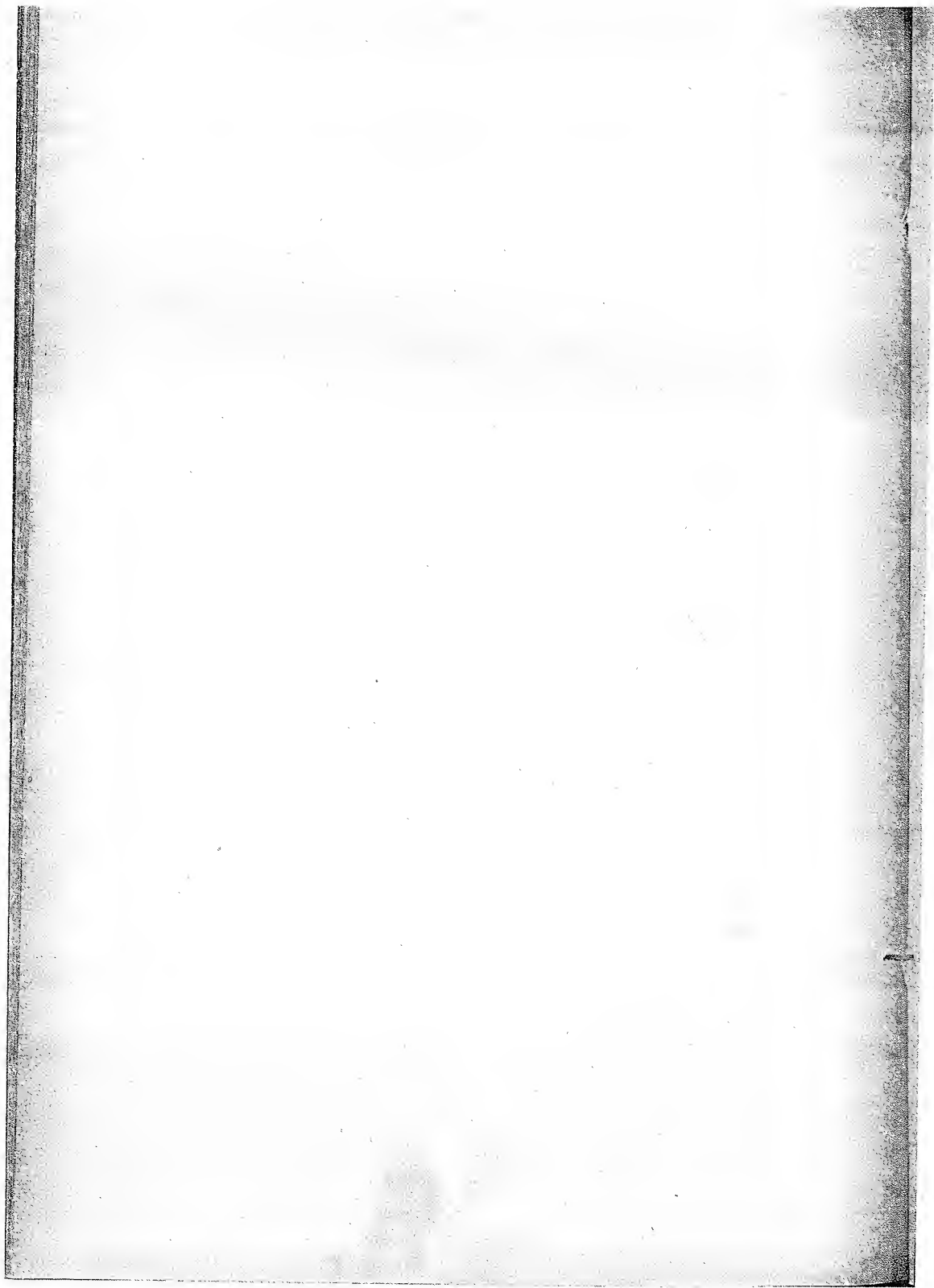
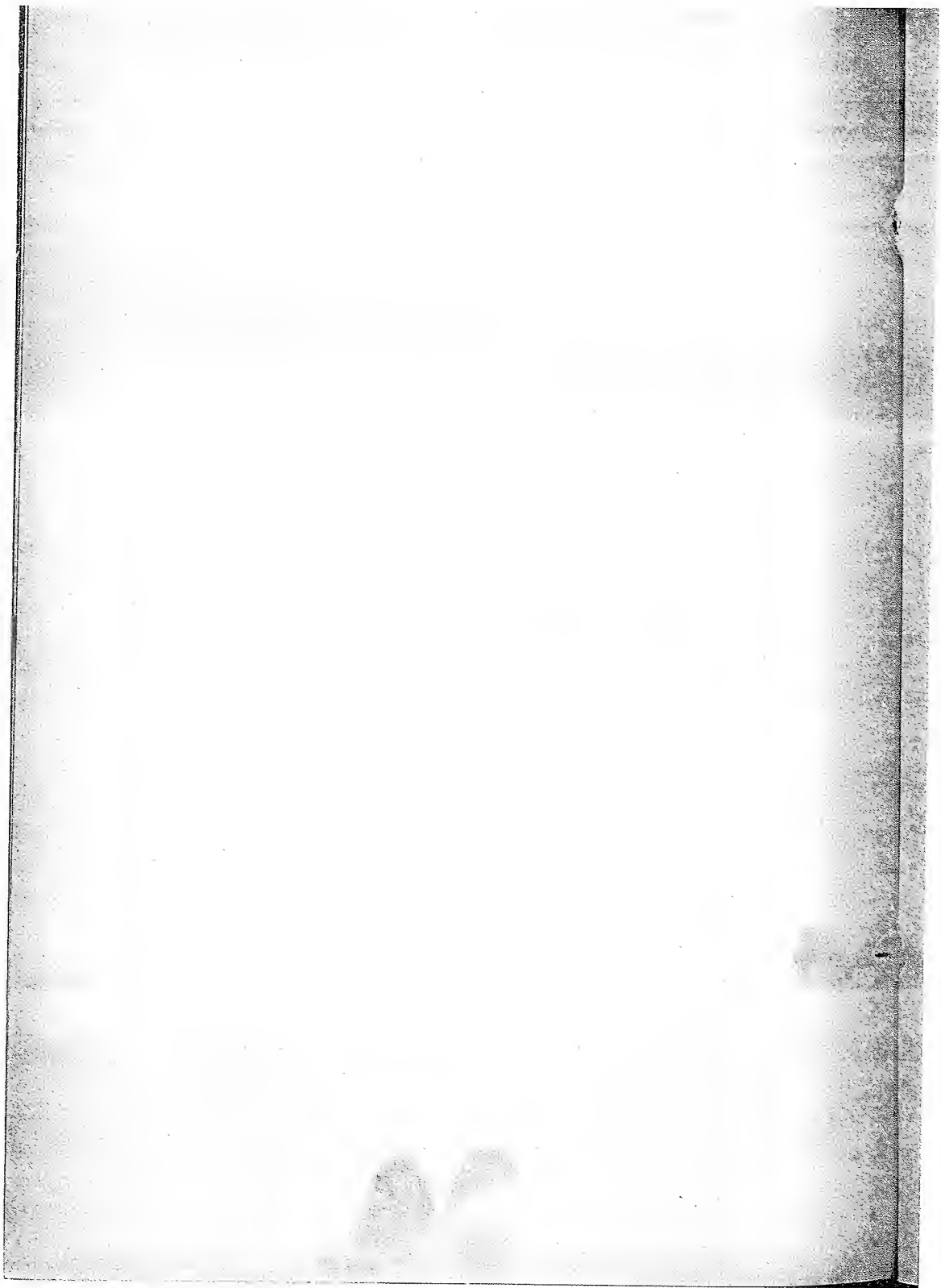
a) Pondo-se o senhor da cousa pela mesma cousa, p. ex.: **jam proximus ardet Ucalĕgon,** isto é, **jam domus Ucalegontis ardet.**

b) Pondo-se o inventor pela cousa inventada, p. ex.: **Bacchus** por **vinum : et multo imprīmis hilărans convivia Baccho,** isto é, **vino.**

c) Pondo-se o continente pelo conteudo ou vice-versa, p. ex.: **patĕra** por **vinum** ou **vinum** por **patĕra : ille impĭger hausit — spumantem patĕram,** isto é, **spumans vinum ; vina coronant,** isto é, **patĕras plenas vino coronant.**

d) Pondo-se alguma pessoa ou cousa para significar o tempo de algum acontecimento, p. ex.: **Caesare imperante** por **tempore, in quo Caesar imperabat.**

35) **Helenismo,** locução da língua grega. Encontra-se frequentes vezes nos poetas, p. ex.: **cinctus tempora lauro, os humerosque deo similis ; fractus membra labore miles** (Cf. n. 218, pág. 203).

36) **Atração,** em que uma palavra (nome, adjetivo, pronome) atrai para o seu caso outra palavra que lhe está próxima, que, por regra sintática, deveria ir para outro caso, p. ex.: **istum** (por **iste**) **quem quaeris, ego sum,** *eu sou aquele a quem tu procuras;* **urbem** (por **urbs**), **quam statuo, vestrae st,** *a cidade, que levanto, é vossa;* **vobis necesse est fortibus viris esse** (**vobis... fortibus viris,** *é necessário que vós sejais varões fortes;* **adjuva me, Deus meus** (por **Deus mi**), *ajudai-me, ó meu Deus.* Tambem nos verbos se encontra atração de modo e de tempo.

APÊNDICES

APÊNDICE I

ORIGEM E DIFUSÃO DA LINGUA LATINA — DISTINÇÃO ENTRE O LATIM CLASSICO E O LATIM VULGAR

CAPITULO I

I. — Classificação da língua latina

497. — A glotologia distribue as línguas em *grupos* ou *famílias*.

Quatro são as principais classificações adotadas: a *geográfica*, a *etnológica*, a *morfológica* e a *genealógica*.

a) A classificação *geográfica* agrupa as línguas pelas regiões do globo, em que são faladas: línguas da Europa, da Ásia, da África, da América e da Oceânia. Diante das migrações e entrelaçamentos dos povos, tal classificação não tem valor científico.

b) A classificação *etnológica* as distribue pelas raças, que as falam. Visto que, atualmente, as línguas não coincidem com as raças, tal classificação não leva vantagem à anterior.

c) A classificação *morfológica* reune-as pela estructura de seus vocábulos. Tem esta classificação uma base mais estavel e racional. São três os grupos morfológicos, correspondentes à tríplice base evolutiva: o *monossilábico*, o *aglutinante* e o *flexivo*.

1) O primeiro grupo é formado pelas línguas chamadas *monossilábicos*, *isolantes* ou *radicais*, em que as palavras são monossílabos isolados denominados *raizes*, que muitos glotólogos supõem serem o ponto de partida de todas as línguas.

2) O segundo grupo é constituido pelas línguas chamadas *aglutinantes* ou *aglutinativas*, em que as raizes se aglutinam para formar a palavra, guardando, entretanto, sua integridade silábica.

3) O terceiro grupo é constituido pelas línguas chamadas *flexivas*, *orgânicas* ou *amalgamantes*, em que os elementos aglutinados se flexionam ou se modificam para exprimirem os acidentes da idéia.

d) A classificação *genealógica* agrupa as línguas em famílias pelas relações de parentesco, em virtude de se derivarem de um tronco comum. Nesta classificação existe uma base estavel e científica. De acordo com ela, admite a generalidade dos glotólogos as oito famílias abaixo especificadas:

1 — Indo-européia
2 — Semítica
3 — Camítica
4 — Cafre ou bantú
5 — Uralo-altaica
6 — Malaio-polinésica
7 — Dravídica
8 — Indo-chinesa.

498. — Destes oito tipos da linguagem humana, que encerram, segundo se presume, todas as línguas faladas pela família humana, sobressai o grupo *Indo-Europeu*.

A língua latina não se deriva do grego, nem de alguma outra língua historicamente conhecida. Provem, como outros idiomas, de uma língua desde muito tempo desaparecida, que não teve escrita e foi falada por um povo, do qual nem se sabe a residência primitiva.

Esse idioma, que não se pode reconstruir, a não ser pelas formas gramaticais dele procedentes, recebeu a designação convencional de indo-europeu. Assemelha-se a uma árvore gigantesca, cujos galhos extremos tocam na Índia e na Europa ocidental.

A família INDO-EUROPÉIA compreende duas grandes divisões: o RAMO ASIÁTICO ou ÁRICO e o EUROPEU.

499. — O RAMO ASIÁTICO, por sua vez, subdivide-se em *dois sub-ramos:* o *índico* e o *irânico*.

o *sub-ramo índico* compreende:

a) o sânscrito.

b) as línguas pracríticas que, muitos séculos antes da nossa era, substituiram o sânscrito na linguagem corrente.

c) os idiomas modernos que ainda hoje se falam em muitas partes do Indostão.

500. — O *sub-ramo irânico* compreende:

a) o zenda ou avesta, língua tão antiga como o sânscrito, conservada nos livros sagrados do legislador Zoroastro.

b) o persa antigo.

c) as línguas irânicas modernas, das quais a mais importante é o persa, assaz corrompido pela introdução de vocábulos árabes e turcos.

O RAMO EUROPEU compreende *sete sub-ramos:*

a) O armênio — *d)* O céltico
b) O helênico — *e)* O germânico
c) O itálico — *f)* O lético-slavo
g) O albanês.

Ocupar-nos-emos exclusivamente dos dois sub-ramos: HELENICO e ITÁLICO.

501. — No *sub-ramo helênico* podem-se distinguir dois grupos dialetais: o grupo *não jônico* e o grupo *jônico*.

O grupo *não jônico* compreende:

a) Os dialetos dóricos: o lacônico, o dórico da Magna Grécia, etc.

b) Os dialetos da Grécia setentrional, chamados tambem pseudo-dóricos: focídio, etólio, etc.

c) O tessálico

d) O eleano

e) O arcado-Cipriense

f) O *lésbico* ou *eólico.*

g) O beócio

h) O panfiliano (da Ásia Menor).

O grupo *jônico,* mais importante do que o precedente, abrange as seguintes variedades:

a) O antigo jônico, que serviu de base para os poemas homéricos.

b) O neo-jônico.

c) O jônico das ilhas (Cícladas, Eubéia, etc.).

d) O *jônico de Atenas* ou *ático.*

Mais tarde, em força da influência política de Atenas, o ático se espalhou por toda a Grécia, donde formou-se uma língua artificial, a *xoinè diálectos* (χοινὴ διάλεχτος) que, a partir de Alexandre, suplantou os diversos dialetos locais.

À primeira vista parece que o *sub-ramo itálico* mostra uma unidade dialetal mais compata do que a helênica. É, porem, simples ilusão que se explica pelo fato de ter, entre as línguas itálicas, uma só se elevado à dignidade literária, sendo as outras unicamente conhecidas pelos epigrafistas, e estudiosos.

502. — O *sub-ramo itálico* abrange as seguintes línguas e grupos dialetais:

(a partir do norte):

a) O gaulês cisalpino, pertencente ao grupo céltico.

b) O etrusco, língua de uma civilização que, certamente, foi brilhante e esmagou a barbaria romana. Deixou numerosas inscrições indecifraveis. Provavelmente o etrusco, longe de pertencer ao grupo itálico, não é uma língua indo-européia.

c) O umbro, língua itálica do planalto apenino.

d) Os dialetos da Itália central que representam o tipo de transição entre o umbro e o latim.

e) O LATIM, que domina ainda na Europa ocidental, sob os nomes de italiano, francês, provençal, espanhol, português, rumeno e rético. Estas línguas denominam-se línguas românicas, neo-latinas, novo-latinas ou novi-latinas. Conhece-se o latim nas suas particularidades mais íntimas, por meio de uma literatura, que conta de oito para nove séculos de existência, por meio de nu-

merosas inscrições recolhidas em todas as partes do mundo romano, e pelo testemunho dos gramáticos cujos estudos chegaram até nós.

f) O osco ou grupo osco-samnita, na Itália meridional. Deste grupo só ficam umas duzentas inscrições.

Observação. — E impossivel determinar, na história das línguas, a época exata em que se deixou de falar uma língua para se continuar com outra, portanto, cientificamente, são menos exatas as frases *esta língua deriva desta outra*, por exemplo, o *português deriva do latim;* na verdade, o português, o francês, o italiano, etc. é sempre a mesma língua latina, modificada, porem, de idade em idade, por mudanças das quais as gerações sucessivas não tinham nenhuma conciência.

II. — O HABITAT DA LÍNGUA LATINA

503. — A língua latina foi na *sua origem* falada pelos antigos habitantes do Lácio, isto é, naquela parte da Itália central que se acha entre o mar Tirreno, à margem esquerda do Tibre, os Apeninos e os montes Albanos.

III. — DIFUSÃO

504. — Seguiu a fortuna guerreira do povo romano e como este se impôs antes em toda a Itália e, em seguida, em grande parte do mundo antigo, pois nela se fundiram os idiomas dos povos limítrofes, e o osco, o volsco, o samnita, o umbro, etc. — deixando após si quasi nenhum vestígio. Mas aquela língua primitiva (*prisca latinitas*) que se extendia acompanhando as conquistas territoriais e o contato com os demais povos, era rude, e mais do que língua representava uma mistura de dialetos que se limitava a uns poucos conhecimentos práticos da família, agricultura pastorícia e a algumas máximas e preceitos religiosos e morais. Quando, porem, os Romanos apreciaram na própria Roma a civilização dos Etruscos e, em seguida, conquistada a Magna Grécia já bastante culta, e mais tarde a cultíssima Grécia, mãe e mestra de todas as belas artes, acharam-se em contato com a civilização dos Gregos e conheceram uma língua mais harmoniosa e fluente que a própria, começaram imediatamente a admirá-la e a preferí-la pelas suas perfeições. Sentiram quasi desgosto da sua antiga e rude simplicidade e desejaram o estudo e a perfeição artística e literária do povo vencido. Homens ilustrados, vindos ou chamados diretamente da Grécia, foram os mestres dos Romanos. Abriram-se escolas de latim e de grego não só frequentadas pela mocidade como tambem pelas personagens da melhor sociedade romana. Tal foi o favor que encontraram estas escolas que no sexto século (cerca de 200 anos antes de J. C.) elevavam-se a vinte na própria Roma.

IV — Período áureo

505.— Já não se julgavam suficientes as escolas pátrias para completar a instrução da mocidade e começaram as viagens ao Oriente, e muitos iam aperfeiçoar-se nas escolas de Atenas, Mitilene, Rodes, focos da cultura grega, donde voltavam para a pátria eles mesmos mestres de nobre cultura. Dest'arte, desbastava-se a índole e a inteligência do povo romano e faziam-se grandes progressos nas letras e na civilização. Aquela língua antes inculta e quasi bárbara, pelos estudos e esforços de tantos homens de talento, progredia extraordinária e rapidamente e breve, elevava-se à dignidade de língua literária e, ao findar do sétimo século, alcançara tão alto grau de excelência e de perfeição, que quasi nada se lhe podia acrescentar. Este período passou na história como o *século de ouro* da língua latina.

V. — Decadência

506. — O período áureo não teve, porem, longa duração. Só abrange o primeiro século antes de Cristo e parte do século que se segue. Depois da morte de Augusto (a. 14 depois de Cristo) começaram a manifestar-se os sinais precursores da decadência que se acelerou de tal modo que, poucos séculos depois da queda do imperio (a. 476), a língua latina que civilizara o mundo, ditando leis e costumes aos povos, vencida por sua vez pelas línguas vulgares, cessava de ser língua falada para ser considerada lingua morta.

VI. — Distinção entre o latim clássico e o vulgar

507.—Como explicar *desaparecimento* tão rápido e precoce?

Infelizmente o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da língua latina extendeu-se unicamente às classes cultas, preferindo o vulgo conservar o seu falar rude e inculto, descuidando de procurar ou ao menos acompanhar passivamente o cultivo da língua.

Breve formaram-se no meio do mesmo povo duas linguagens: a da plebe, *sermo plebeius, rusticus, vulgaris* ou *cotidianus* e a da nobreza, *sermo urbanus*. A separação e a distância que se formara entre os dois *sermones* fora acentuando-se cada vez mais, e, se rapidamente marchava para a perfeição a língua literária, não menos rapidamente o *sermo* da plebe deteriorava-se pela introdução constante de elementos estrangeiros e dialetais das pessoas que das províncias iam a Roma. A própria expansão territorial de Roma favoreceu a decadência da sua língua, pois nas longinquas províncias entravam no léxico romano novos elementos e as necessidades locais forjavam novas formas e construções sintáticas.

Já Cícero em seus tempos pressentira os perigos da decadência e procurou dominá-los com todas as suas energias. Advertiu que, procedentes de diversas partes, entravam em Roma pessoas

que falavam incorretamente e que estrangeirismos e locuções não latinas polulavam na própria Roma. Baldados, porem, foram os esforços do grande filósofo e orador. Bem cedo descuidou-se da antiga elegância urbana; não mais se observou exatamente a propriedade dos vocábulos; adotaram-se palavras estrangeiras e considerou-se romano qualquer idioma italiano.

A linguagem nobre que vencera os idiomas vulgares, combatida por estes mesmos idiomas, que de um dia para outro adquiriam nova preponderância, dominada pelos elementos estrangeiros e dialetais das províncias, minada pelos acontecimentos que se desenvolveram nas diversas camadas sociais, corroida pelas guerras civís e pelas invasões dos bárbaros, foi perdendo o seu prestígio, a sua influência, até que, completamente subjugada pelo latim popular, retirou-se antes no foro, nas salas dos sábios, nas escolas e finalmente nos livros.

Aconteceu pois que o *latim popular* e os *sermones provinciales*, já transformados ao iniciar-se do oitavo século em tantos idiomas diversos, desenvolvendo-se, um independente do outro, originassem as denominadas línguas neolatinas: italiano, francês, provençal, espanhol, português, rumeno e rético.

VII. — Períodos da língua latina

508. — A língua latina, desde as suas origens até o seu desaparecimento como língua viva, conta de oito para nove séculos de vida ativa, os quais se costumam dividir em cinco períodos:

I) O primeiro período, chamado tambem *idade arcaica*, extende-se das suas origens até o ano 500 de Roma (cerca do a. 250 antes de C.). Desta época só possuimos algumas inscrições, qualquer fragmento de lei das XII táboas e alguns cantos dos Sálios e dos irmãos Arvais, colégio de doze sacerdotes de Ceres instituido pelo primeiro rei de Roma.

II) O segundo período se extende do ano 250 a. de C. até o primeiro século antes de Cristo. Compreende a época do seu desenvolvimento, especialmente sob o influxo da literatura grega. Nesta idade distinguiram-se sobre os demais Ênio, Plauto, Catão, Lucílio e Terêncio cartaginês.

III) O terceiro período, ou *época clássica*, abrange o primeiro século antes de Cristo e parte do seguinte; é este, como já ficou dito, o período do máximo esplendor da língua latina. Floresceram entre os poetas Lucrécio, Catulo, Vergílio, Horácio, Tibulo, Propércio, Ovídio e Fedro; entre os prosadores contam-se Cícero, Cesar, Salústio, Cornélio, Tito Lívio e Terêncio Varrão.

IV) O quarto período, ou *época post-clássica* ou de *transição*, vai da segunda parte do primeiro século depois de Cristo, até o reino ros Antoninos (a. 138 d. de C.). Nesta época distinguiram-se Lu-

cano, Pérsio, Juvenal, Marcial, Stácio, Valério Flaco entre os poetas; Veleio Patérculo, Tácito, Floro, Quinto Cúrcio, Suetônio, Justino, Valério Máximo, os dois Sênecas, os dois Plínios e Quintiliano entre os prosadores.

V) O quinto período ou *época da decadência*, se extende desde o reino dos Antoninos até uns anos depois da queda do império (a. 476). Aulo Gélio, Petrônio, Apuleio, Amiano Marcelino, Sexto Pompeu, alguns Padres da Igreja, entre os quais Tertuliano, S. Ambrósio, S. Jerónimo, S. Agostinho, e alguns escritores cristãos Minúcio Felix, Latâncio, Símaco, Sulpício Severo, Paulo Orósio, Boécio e mais alguns pertencentes a esta época.

VI) A estes cinco períodos costumam alguns acrescentar um sexto que abrange os últimos esforços, que a língua latina sustentou contra a prevalência das línguas vulgares, até o momento em que cessou de ser língua falada.

VIII. — O LATIM LÍNGUA DOS SÁBIOS

509. — A língua latina teve poucos séculos de existência, refulgiu, porem, de tantas prerrogativas, especialmente no período do seu máximo esplendor, e foi tida em tanta honra entre todos os povos, que, embora cessasse de ser língua falada, continuou, contudo, a ser cultivada com muita dedicação e carinho especialmente pelos sábios, e entre as línguas mortas é a que mais foi estudada e mais conhecida em todo o mundo Teve a honra de se tornar a língua oficial da Igreja, como na idade média o fôra do Estado e das ciências, e, não obstantes todos os acontecimentos políticos, as invasões dos bárbaros e a confusão trazida no campo literário pela mistura de tantos idiomas diferentes, o estudo desta língua nunca foi obliterado ou interrompido.

Não somente a estudavam sacerdotes e magistrados, mas todo homem mediocramente culto. As escolas de latim que ficaram como sendo privilégio de Roma e das principais cidades do império, foram-se espalhando em todas as partes; nos palácios reais, nos episcopais, nos conventos, nos seminários os clássicos latinos foram sempre ciosamente guardados, estudados e admirados. O seu estudo foi sempre considerado como o fundamento de qualquer cultura nacional e como o melhor dos meios para desenvolver, elucidar e aguçar a inteligência dos jovens, para lhes fazer adquirir bom gosto e delicadeza de sentir, exatidão de pensamentos, força de concepção e franqueza na expressão. Nos clássicos latinos inspiram-se sempre e os estudaram não só os melhores escritores da nossa literatura portuguesa, como tambem quantos das outras nações quiseram adquirir renome nas letras.

IX. — O LATIM EM NOSSOS DIAS

510. — Tambem hoje em dia o estudo da língua latina constitue um dos estudos principais das escolas clássicas, que se propõem uma nobre instrução, e não tanto porque se tornou a língua dos sábios, e por isso necessária para o conhecimento das ciências mais sublimes: teologia, filosofia, jurisprudência, medicina, etc., mas tambem porque foi a língua de um povo glorioso na história pelos seus feitos, pelas conquistas, pelas suas colónias, pelas suas leis, pelas suas instituições espalhadas em quasi todo o mundo antigo. Mas não basta. Esta língua teve parte preponderante na constituição de novos povos, de novas línguas, e sobretudo porque nas obras clássicas que nos restam dos seus escritores, homens de Estado, filósofos, legisladores, oradores e poetas, ela nos deixou um imenso tesouro de sabedoria e de arte e nos legou naqueles documentos da antiga sabedoria grandes ensinamentos para a vida, exemplos magnânimos de virtude e de fortaleza aptos a vivificar sentimentos nobres, a atear nos ânimos o amor da beleza e da verdade.

CAPITULO II

O LATIM BIBLICO

1. — A Bíblia e suas formas literárias

511. — *1)* A Bíblia, na parte que se chama Antigo Testamento (1), é um dos maiores monumentos literários da antiguidade. Reflete, num modo complexo e elevado, o gênio, os costumes, as tradições do povo que, entre os povos de raça semítica, está em relações mais íntimas com a história e com o pensamento do Ocidente greco-romano; equivale a dizer do povo hebreu. Entre os povos semitas, não foram só os Hebreus os que produziram uma grande literatura; os Assírios, e os Árabes principalmente, foram não menos fecundos nas suas produções literárias; mas da literatura assíria conhecemos ainda pouco; e da árabe ficou-nos muitíssimo, mas o interesse que, em nós, ela suscita é, por razões étnicas e históricas, inferior ao que, em nós, produz a literatura hebraica (2).

2) — A produção literária dos Hebreus não chegou até nós na sua plena integridade; perderam-se várias partes, especialmente do gênero narrativo, e alguns cantos épicos populares, e só nos restam os seus títulos, ocasionalmente mencionados nos livros

---

(1) A palavra *Testamentum* aquí significa lei, pacto, aliança. Os Hebreus chamavam *Lei* (hebr. *Thora*) aos 5 livros mosaicos (Pentateuco) e era esta a parte mais importante da bíblia hebraica. Por conseguinte a palavra *Testamentum*, como equivalente a Lei, referiu-se a toda a coleção hebraica e em seguida, foi, por analogia, atribuida à coleção christã (Novo Testamento). Para os Hebreus a Lei era o *pacto* como o testamento (testemunho) dado por Jahvé (Deus) ao seu povo (Israel, os Hebreus) de que lograriam a sua proteção e conseguiram a efetuação das suas grandes promessas de futura grandeza.

Jahvé e não *Jehovah*, pronuncia inexata que tem contra si a etimologia e os testemunhos antigos. Não é este o lugar para uma discussão em propósito e trazer os valiosos argumentos em favor da nossa proposição. Notamos, porem, de passagem, que esta é a opinião aceita em todas as escolas de crítica bíblica. Porque ficarmos com uma forma que não resiste á mesma crítica? Quebramos com uma tradição menos feliz e exacta. (Esta observação é nossa).

(2) A literatura assíria foi revelada pelas descobertas mais recentes, e é conhecida só em parte e em fragmentos. Compreendia o gênero histórico (inscrições históricas); a prosa didático-científica; o poema mitológico (enuma elish, espécie de teogonia; descida da deusa Istar aos ínferos, etc.); o poema épico (epopéia de Gilgamesh, espécie de Hércules assírio); a poesia lírico-religiosa especialmente numa forma caraterística de composição que apresenta analogias íntimas com o *Salmo* da lírica hebraica (Salmos babilônicos). Particular relevo tem tambem a literatura jurídica assíria, da qual a inscrição descoberta em Susa em 1902, conhecida comumente com o nome de Código do rei Hammurabi (cerca de 2200 a. C.), oferece um importante documento.

A literatura árabe, muito mais recente, é menos variada nas suas formas. Nesta prevaleceu a lírica, a novelesca e a prosa histórica e científica. O período mais genuino é em parte anterior ao Islamismo (desde as origens até o 750). A revolução religioso-social de Maomé deu o Alcorão, livro sagrado dos Arabes; no período sucessivo, os Arabes herdaram a cultura dos povos subjugados, maxime dos Persas, e, nesta época (a partir dos Abássidas), a sua literatura é produção grandemente eclética.

da coleção bíblica chegada até nós (1). Esta coleção abrange obras de variado gênero, a composição da qual abraça cronologicamente um período de tempo longo e cheio das vicissitudes que acompanharam o surgir, o subir e o decair da nação hebraica. Neste período, que vai de uma época incerta e remota até o ano 300 a. Cr., o povo hebreu teve meios para desenvolver todas as suas faculdades criadoras, imprimindo fortemente os traços da sua fisionomia étnica e da sua missão política nas páginas em que vem descrevendo a si mesmo, ora com palavras do entusiasmo nacional, ora com a árida simplicidade duma crónica, ora com a elevada estrofe do hino lírico. Debaixo deste aspeto, o povo hebraico foi um dos mais favorecidos pelo complexo desenrolar-se das suas vicissitudes, as quais lhe deram ensejo de se provar em todas as formas de expressão literária, que eram mais especificamente consentâneas com o instinto de sua raça e com a índole de sua estética. Este povo, de fato, encontrou na própria evolução histórica:

a) um passado glorioso e maravilhoso digno de ser magnificado pelo *canto épico;*

b) um presente borrascoso e cheio de tristes presságios, o qual favoreceu o aparecimento e o agigantar-se da *poesia profética e apocalíptica*, forma exclusiva da literatura hebraica;

c) um sentimento religioso tão vivo e uma profunda conciência da realidade transcedente, que inspiraram uma copiosa poesia *lírica* (Salmos) de valor altíssimo e de rara originalidade;

d) uma suficiente organização curial, que determinou o desenvolvimento em vastas proporções da *narração analista.*

e) O regime teocrático, pelo qual a nação hebréia era morada sagrada (*sanctuarium*) de Jahvé, produziu uma série abundante de *prescrições legalistas e rituais*, que formam, esparsas cá e lá em vários núcleos nos primeiros cinco livros do Velho Testamento (Pentateuco Mosaico), um Código complexo onde se espelha toda a evolução civil e religioso-ritual da nação.

f) Finalmente, na própria índole, encontrou este povo recursos aptos para outras formas de expressão literária a saber: *1*) uma fantasia não comum, que comprazendo-se preferivelmente em relações analógicas estético-transcendentais, criou o *poema alegórico-simbólico; 2*) um instinto notavel de reflexão, que auxiliou o desenvolvimento da *poesia gnômica.*

3) — É óbvio portanto distinguir e classificar as *formas* desta literatura, e, por conseguinte, as obras e os nomes de autores conhecidos que pertencem a cada uma destas formas.

a) Poesia épica. A literatura hebraica possue um fundo de elementos épicos, que remontam às primeiras fases da civilização e às mais remotas memórias históricas deste povo. Estes elementos representam, sem dúvida, as tradições que, aparecidas e alimentadas

---

(1) São citados no Antigo Testamento, entre outros, o «Livro das guerras do Senhor», talvez uma coleção de carmes guerreiros, e o «Livro dos Justos», que contem talvez as empresas heroicas de personagens e chefes antigos.

nos primeiros tempos, subsistiram através das gerações e foram, a seu tempo, recolhidas e conservadas com solicitude, como uma herança preciosa. Estes elementos épicos não formam um todo contínuo; estão disseminados nos diversos Livros de carater narrativo, mormente nos que se relacionam com as vicissitudes mais vetustas da nação, com as suas lutas sustentadas contras as tribus semíticas contíguas, com as suas primeiras conquistas. Assim, para trazer um exemplo dos menos antigos, depois da narração do assédio e libertação duma cidade da Palestina (1) (Betúlia), refere-se um cântico popular, no qual se relata o fato com as cores e com entusiasmo do recordo épico. Elementos de colorido épico **estão**, igualmente, disseminados na exposição das primeiras vicissitudes da humanidade (Livro do Gênesis); da imigração dos Hebreus na Síria Meridional, por exemplo, o cântico de Moisés (Êxodo): das lutas das tribus entre si, por exemplo, o Cântico de Debora (Juizes); na história dos feitos de Saul, de Jônatas, de Daví (Livro I e II de Samuel), etc.

b) Poesia profético-apocalíptica. Quando, após o apogeu político do reino de Daví, a pequena monarquia hebraica dividida e discorde, foi rapidamente declinando, o presságio duma invasão assíria ou egípcia, que absorvesse a sua minúscula autonomia, suscitou muitos « *Videntes* » (em hebraico *nebi'jim*), patriotas cultos e ferventes que contrariaram a política dos reis sucessores de Daví, faceis às alianças comprometedoras e às rendições humilhantes, no inevitavel equilíbrio político que se impunha à nação, oprimida como estava pelos poderosos monarcas do setentrião e do meio-dia. Eram estes videntes inspirados por Jahvé e eram poetas robustos, duma fantasia ardente e duma palavra vibrante e fascinadora. Sustentadores solícitos da religião mosaica, dirigiam habitualmente a palavra ao povo, reprovando-lhe rijamente a tendência para os cultos idolátricos estrangeiros. As mais das vezes, os seus discursos são poéticos no só no assunto, mas tambem na estrutura; tem a forma de *visão*, na qual fala o vidente em nome de Jahvé, de quem refere as palavras, exprobando ao povo as suas prevaricações, e predizendo-lhe as futuras invasões inimigas as desventuras iminentes para a pátria, a perda da liberdade e a remota, mas certa restauração por um Messias conquistador. Esta espera do Messias, nos Profetas maiores, como Isaias, se cobre duma cor espiritual bastante viva, fazendo descortinarem-se os motivos fundamentais dum *reino messiânico*, estabelecido sobre uma renovação, mais moral e íntima que não exterior e política; nisto precisamente é que está a maior elevação dos cantos de Isaias. Na poesia des-

---

(1) O país para onde imigraram os Hebreus, seguindo das primitivas sedes o rumo do sul, consistia no vale ridente ao longo do Jordão, desde as ramificações do Líbano e Antelíbano até o mar Morto e o deserto. Nesta parte, quc se extende especialmente para o ocidente do rio sagrado, alternam-se colinas e planuras; então duma fertilidade e duma beleza proverbial, verdadeiros jardins, hoje reduzidos a míseras condições.

tes videntes, a palavra é excitada e comovida, e conserva o colorido poético, nítido e fulgente; a sua linguagem conserva a impressão viva dos fatos interiores e espirituais, que suscitaram neles, juntamente com o conhecimento sólido duma missão divina, tambem uma fortíssima comoção estética. Destes videntes um, e um dos maiores, Jeremias, presenciou a destruição extrema de Jerusalem, a cidade santa de Jahvé, e do seu templo, destruição já por ele pressentida e anunciada; e por sobre os escombros da pátria, erguia, ele mesmo, em nome de Israel um sublime grito de dor (*Trenos* ou *Lamentações de Jeremias*). Não eram só as calamidades do povo que os profetas narravam, mas tambem, muitas vezes, voltando-se para os inimigos que vinham invadindo ameaçadores, prediziam a colossos políticos, como Nínive e Babilônia, a sua queda por obra do Onipotente, que teria emfim, olhado Israel com olhos compassivos. O gênero profético é geralmente lírico; não lhe faltam, porem, longos trechos intercalados de prosa narrativa ou preceptivo-gnômica. Grande é a importância dos videntes na história do povo de Israel, porque despertando-lhe a fé na restauração messiânica, cooperavam muitíssimo para que se mantivesse nele aquela conciência étnica sem a qual, cessada a autonomia política, estancar-se-iam as fontes da produção literária.

Os profetas mais recentes deram aos seus discursos a forma particular de « *apocalipse* » (revelação), a qual apresenta caracteres um pouco distintos da poesia dos grandes videntes mais antigos. Na linguagem apocalíptica prevalece o *simbolismo* que domina todo o tecido das visões, é uma produção de menor preço poético e de mais árdua interpretação (parte de Ezequiel; Daniel, apocalipse de S. João (1).

c) A LÍRICA HEBRAICA é dum gênero perfeitamente diverso da poesia profética, com a qual tem, todavia, um fundo comum de inspiração. Tinham os Hebreus uma forma de canto lírico (salmo, em hebraica *mizmór*), que se assemelha à ode mélica dos Gregos antigos, quanto à estrutura exterior (2). O salmo consta de versos e estrofes; era em ritmo acentuado, composto para o canto e de assunto especialmente religioso. Antes que, nas práticas liturgicas do templo e das Sinagogas, se usasse essa poesia lírica, ela foi a expressão pessoal do entusiasmo místico, inspirado pela convicção de que Jahvé estava continuamente ao lado da sua nação predileta, do seu rei e de todo indivíduo em particular, tutelando-lhes a sorte, aliviando e aplanando-lhes as misérias, acorrendo às suas necessidades e defendendo-os dos inimigos. A uniformidade que predomina a lírica faz que se torne, às vezes, um tanto monótona e, no complexo, menos vigorosa que a poesia profética; mas tambem ela, não raras

(1) O simbolismo apocalíptico tem, pois, uma larga aplicação no grupo de escritos que pertencem à literatura judaico-helénica e que não fazem parte da coleção bíblica, isto é, dos chamados apócrifos.

(2) A coleção dos salmos (150) é pela antiga tradição atribuida ao rei Daví.

vezes, se eleva às culminâncias das maiores e mais elevadas inspirações. Embora se conserve constantemente nos tons da efusão místico-religiosa, tem em si motivos e passagens diversas que lhe dão bastante variedade de movimento e de feições. Assim o salmo ora é uma invocação a Jahvé; ora lhe engrandece o poder, descrevendo a traços semiticamente incisivos as maravilhas do universo; ora, emfim, decanta alegoricamente a futura glória de Israel por obra do Messias; algumas vezes ainda, o poeta dos salmos entrega-se a uma série de exclamações exortativas, o que se aproxima do gênero gnômico.

d) A POESIA GNÔMICA teve grande desenvolvimento entre os Hebreus. Reflete uma parte notavel do carater semítico, amante de aforismo e de anedota. Várias coleções gnômicas (Provérbios de Salomão; Sabedoria; Eclesiastes; Livro de Jesu filii Sirach, chegaram a nós na coleção bíblica do Antigo Testamento e oferecem num vasto complexo todo o *corpus* gnômico que foi patrimônio do povo hebreu. Esta literatura se refere aos deveres para com o Senhor (prática da « Lei » e dos preceitos rituais, veneração, etc.); os deveres recíprocos (hospitalidade, justiça distributiva, beneficência); as virtudes morais (prudência, temperança, piedade, etc.);

e) Um gênero especificamente hebraico é o POEMA ALEGÓRICO, de matéria variada e de vastas proporções, algumas vezes repleto de vivíssima poesia lírica ou informado dos traços mais solenes da epopéia. Duas grandes amostras deste gênero estão compreendidas na coleção bíblica: o *Canto dos Cânticos*, de graciosa inspiração pastoril; e o *Livro de Jó*, potente e vasta concepção poética, que, por vezes, assume os ares dum trágico cheio de paixão profunda; algumas partes deste poema têm qualidades tais que o levam ao nivel das maiores obras-primas de toda literatura.

f) Ao gênero narrativo pertencem as formas de prosa.

Longos trechos de NARRAÇÃO HISTÓRICA acham-se nos cinco Livros mosaicos (Pentateuco ou « Lei », em hebraico — *thorah*) e em outros Livros afins pelo conteudo (Juizes, Josué), e nos Livros mais recentes de Esdras e dos Macabeus. Particular menção merece o GÊNERO ANALÍSTICO, de que se compõem, na maior parte, os *Livros dos Reis* (2 Livros de Samuel e 2 des Reis) e os Livros chamados *Paralipómenos* ou *Crónicas:* este gênero proveio aos Hebreus do uso de registrar em livros apropriados os principais acontecimentos de todo século e de todo reinante. Os pequenos monarcas de Israel e de Judá (1) tinham os seus historiógrafos de ofício e de corte. Enquanto os antigos reis assírios e os posteriores Aquemênidas gravavam as suas pomposas inscrições históricas nas rochas e nos templos, para perpetuar os próprios feitos, os reis hebreus confiavam aos seus cronistas o encargo de redigir os anais do seu governo.

---

(1) À morte de Salomão, filho e sucessor de Daví (cerca de 930 a. C.) o reino hebraico dividiu-se em duas partes uma ao norte, tendo por capital Samaria (reino de Israel), e outra ao sul, tendo por capital Jerusalem (reino de Judá). Os descendentes de Daví reinavam em Jerusalem.

Assim foi que nos fizeram chegar a crónica do período que vai da morte de Salomão até à destruição de Jerusalem e ao exílio babilônico, quasi quatrocentos anos de existência política duma nação, cuja história tanto se entretece com a de outros povos e reinos, dos quais não ha muitas notícias procedentes de outras fontes. Esta analística hebraica é árida, concisa e monótona, tão só entremeada, cá e lá de alguns trechos épico-líricos, quando fala de Saul, Jônatas e Daví (Livro de Samuel), e de algum episódio encantador de sabor idílico, quando descreve a história de alguns profetas taumaturgos (Elias, Eliseu, I e II dos Reis).

g) O corpo dos PRECEITOS LEGAIS E RITUAIS dos Hebreus está contido especialmente nos Livros intitulados *Êxodo* (em parte,) *Levítico, Números, Deuteronômio*. É uma exposição pormenorizada e codificada em varios núcleos, de todas as regras de sociedade e funda-se no princípio que Jahvé era o chefe supremo da nação (teocracia) e que o rei, os profetas, os capitães, os sacerdotes e os magnates, não eram senão mensageiros e ministros debaixo de sua ordem. Por isso a maioria dos preceitos tem por fim o culto que se deve praticar no Templo; os ritos que aos sacerdotes compete observar, os sacrifícios obrigatórios ou voluntários, as observâncias sabáticas, os impostos cultuais, etc. Os preceitos civís aliam-se intimamente aos religiosos em virtude do princípio teocrático aludido; por conseguinte o sacerdote participa do poder judiciário e executivo. Esta literatura legalista tem importância exclusivamente histórica.

h) Deve-se finalmente fazer alusão a algumas formas narrativas menores que se nos deparam na coleção bíblica do Antigo Testamento e que, pela forma exterior, têm alguma semelhança com o nosso gênero novelesco (Livro de Ester; Livro de Rute; Livro de Tobias) e que, embora narrando fatos e circunstâncias reais, têm da novela a desenvoltura de movimento, o frescor do colorido e a variedade graciosa de contornos.

PROSPECTO DOS LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO CLASSIFICADOS CONFORME O GÊNERO LITERÁRIO A QUE PERTENCEM.

GÊNERO NARRATIVO

HISTÓRIA (com elementos de entoação épica).	Livro do Gênesis » do Êxodo » dos Números (*genealogias*) » de Josué » dos Juizes	Estes livros contem tambem grande parte dos *preceitos legalistas*, cujo *corpus* se completa com o *Levítico* e o do livro do *Deuteronômio* (segunda lei)

2 livros de Esdras 2 livros dos Macabeus	*de índole cronológica, posteriores ao exílio babilônico.*

Analística — 2 livros de Samuel (Vulgata, I e II dos Reis) / 2 » dos Reis (Vulgata, III e IV dos Reis) / 2 » dos Paralipómenos ou Crónicas)

Formas narrativas menores — Livro de Ester / » de Rute / » de Tobias / » de Judite

4 Profetas Maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel).
12 Profetas Menores (Oséias, Joel, Amos, Abdias, Miquéias, Jonas, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias)

Gênero Lírico

Salmos Davídicos

Gênero alegórico-simbólico

Cantico dos Canticos
Poema de Jó

Gênero Gnômico

Provérbios
Sabedoria
Eclesiastes
Eclesiástico

4) — Uma outra parte da Bíblia é de feitura e de origem mais recente e de feição não exclusivamente semítica. É a que se chama *Novo Testamento* e contem:

a) a vida e os discursos de Jesús, expostos por quatro narradores diversos;

b) as vicissitudes dos primeiros discípulos de Jesús (Apóstolos);

c) um certo número de Epístolas (21) que, nos primeiros anos da história cristã, se trocaram entre as comunidades dos que aderiam à nova fé;

d) um livro de índole e conteudo profético-apocalíptico (*Apocalipse de João*), que descreve simbolicamente a perseguição de Roma contra os sequazes de Jesús (Igreja christã, do grego ἐκκλησία, reunião).

Os livros que contem a vida e os discursos de Jesús chamam-se *Evangelhos* (do grego εὐαγγέλιον boa nova, feliz anúncio). O livro que narra os primeiros feitos dos apóstolos (especialmente de S. Paulo), intitula-se *Atos dos Apóstolos*. As cartas do grupo espistolar que seguem o livro dos Atos recebem o nome o o título da comuni-

dade ou da pessoa privada a que se dirigiam, p. ex.: *Carta de S. Paulo aos Romanos*, *Cartas a Timóteo*, etc.

5) — Os autores dos livros do Antigo Testamento não são todos conhecidos, enquanto do Novo Testamento o são. Assim os quatro *Evangelhos* foram escritos: o primeiro, por Mateus (apóstolo; o segundo, por Marcos (discípulo do apóstolo Pedro); o terceiro, por Lucas (discípulo e companheiro de viagens do apóstolo Paulo); e o quarto, por João (apóstolo) (1). Os *Atos dos Apóstolos* foram escritos por Lucas, autor do terceiro Evangelho; as *Epístolas* são, na maior parte, obras de Paulo (catorze, se bem que um antigo autor não lhe atribuisse a endereçada « aos Hebreus »); duas de Pedro; três de João; uma de Tiago e uma de Judas, ambos apóstolos; o Apocalipse (Revelação) é, por tradição comum, referido a João.

6) — Os livros do Novo Testamento, com excepção do Apocalipse de João, são de índole exclusivamente *narrativa, exortativo-preceptiva* e *didascálica;* pertencem às seguintes formas literárias:

a) Histórica (Evangelhos, Atos dos Apóstolos);
b) Epistolar (Cartas);
c) Profético-apocalíptica (Apocalipse de João).

7) — Formas poéticas propriamente ditas não aparecem no Novo Testamento.

A Poesia dos Evangelhos, tão simples e tão profunda, aquela fascinação que suas páginas tem sempre exercitado não só nas mentes cultas mas tambem parvas, procedem não da grandeza de concepção e finura de linguagem, mas tão só da novidade e sublimidade da moral, em confronto com a ingenuidade primitiva da exposição. O Evangelho, como todos os livros que não estão na literatura, mas sim na vida, tem em si o segredo duma poesia sem precedentes e inegualavel. Nos Evangelhos, particular atrativo tem o uso semítico de representar plasticamente a substância dum preceito moral positivo ou negativo mediante uma ou mais « parábolas », contos breves e vivos de acontecimentos fictícios, não, porem, fora da realidade, antes, tirados geralmente do ambiente e das usanças contemporâneas.

8) — O Antigo Testamento é de origem semítica e foi redigido quasi totalmente em língua hebraica, mais ou menos pura conforme a idade de cada uma das partes, enquanto o Novo Testamente foi, na sua forma originária, redigido em grego; não no grego clássico literário, mas no grego vernáculo do século I da era vulgar. O tipo dialetal mais afim à língua grega do Novo Testamento é-nos fornecido pelos numerosos documentos descobertos ultimamente nos papiros egípcios.

---

(1) Os três primeiros Evangelhos, a saber, os de Mateus, Marcos e Lucas, chamam-se *Evangelhos sinópticos* pela afinidade de conteudo e de procedimento que neles se manifesta. O Evangelho de João tem diferenças notaveis na feição geral, na disposição dos fatos e no estilo da narração .Este costuma-se designar com o título de *quarto Evangelho*.

2. — A Bíblia vulgata e os seus principais caracteres linguísticos

512. — *1)* — Quando os Hebreus se dispersaram pelas várias partes do mundo helênico-romano, sentiram necessidade de verter para o grego o Antigo Testamento; e essa tradução se fez no maior centro de cultura helênica, em Alexandria, sob os auspícios dos Tolomeus. Alí os Hebreus constituiam um núcleo fortíssimo e religiosamente bem organizado; por isso, a versão que alí se empreendeu, no curso do terceiro século, para uso da litúrgia das sinagogas, recebeu o nome de Versão Alexandrina (1). No entanto o Novo Testamento saía num idioma bastante afim ao grego; e a difusão do Cristianismo, que relacionava histórica e espiritualmente as suas origens com a *Revelação* que se continha na Bíblia hebraico-alexandrina, fez que as duas coleções, antiga e nova, formassem um único complexo: a Bíblia cristã.

2) — Esta Bíblia cristã difundiu-se com o Cristianismo em todos os paises do Ocidente romano, onde o grego ou não era conhecido ou o era muito pouco, como na Gália, na Espanha e na Bretanha; por isso, bem depressa (já no correr do século II da era vulgar), apareceram numerosas traduções parciais latinas, mais ou menos extensas, e provavelmente, nalgum centro (p. ex. na África Romana), se elaborou, nos primeiros três séculos, uma versão latina de quasi toda a Bíblia grega (2). Estas várias versões em latim arcaico vieram-nos só por fragmentos notaveis separados e pelas numerosíssimas citações dos escritores cristãos latinos anteriores ao século IV. Mas não se deve confundí-las com a atual Bíblia latina chamada Vulgata, que é do fim do século IV e foi obra de S. Jerónimo (3). Este personagem, que a tal empresa dedicou quasi a vida toda, o seu engenho grande e poderoso, a sua erudição vastíssima, propôs-se dar uma tradução latina, fiel quanto possivel, do texto oficial que corria pelas mãos dos Hebreus do século IV (o atual texto hebraico foi fixado mais tarde pelos Rabinos). Com esse intuito, trasladou-se de Roma à Palestina, onde aprendeu, de viva voz, o hebraico, e

---

(1) Chama-se tambem Versão dos setenta (comumente: LXX) intérpretes, pois, segundo uma tradição, fora este justamente o número dos tradutores.

(2) Em Roma e nos principais centros da África Romana, conhecia-se universalmente e falava-se o grego juntamente com o latim; mas o vulgo, ao qual chegava a nova do Evangelho, dificilmente participava dessa cultura *bilingue;* não entendia senão o próprio idioma vulgar, a linguagem dos seus humildes ministérios e da sua vida cotidiana. Para esses incultos fazia-se mister a versão do grego para o latim itálico e provincial; e tal era a urgência, que não só nos paises exclusivamente latinos, mas tambem nas cidades grego-latinas e em vivo contato com o helenismo, como Cartago, já existia elaborada, no fim do século II, parte da Bíblia latina e era amplamente usada na didascalia cotidiana das comunidades cristãs.

(3) Dentre as várias versões, prejeronimianas foi muito difundida, no século III e IV, a que S. Agostinho designou com o nome de *Ítala*, provavelmente feita pela comunidade cristã de Roma e usada pela cristandade antiga da Itália. Sobre esta versão, o mesmo S. Agostinho proferiu um juizo breve e sintético (de doctrina christiana, II, 16): *in ipsis autem interpretationibus Itala ceteris praeferatur: nam est verborum tenacior cum perspicuitate sententiae.*

assim refez a maior parte do Antigo Testamento (1). No *Novo* corrigiu apenas as antigas versões latinas, afim de as polir e assim torná-las menos desagradaveis aos ouvidos enfastiados dos retóricos e dos doutos cristãos. De fato este foi o fim que se propôs S. Jerónimo na sua tradução: de apresentar a Bíblia num latim mais polido e menos tosco que o das versões.

3) — O latim destas versões não era o literário, mas o vulgar, *sermo vulgaris, plebeius, cotidianus, rusticus*, dos quais nos dão notícias copiosas os escritores latinos, como Varrão (*De língua latina*, VIII), Cícero (*Fam*, I, 1; II, 11 etc.), Quintiliano (I, 5, 10), Sêneca e outros (2). Os caracteres deste idioma patenteiam-se muito numa passagem dum autor cristão do começo do século IV, Arnóbio: « Quid officit, o quaeso... utrumne quid grave an hirsuta cum asperitate promatur, inflectatur quod acui, an acuatur quod oportebat inflecti ? aut qui minus id quod dicitur verum est si in numero pecetur, aut casu, praepositione, participio, conjunctione ? (Adversus Gentes, I, 15) ». Tambem S. Agostinho proclama a necessidade de expor a catequese cristã e a Bíblia na linguagem mais acessivel ao povo: « Plerumque loquendi consuetudo vulgaris utilior est significandis rebus quam integritas litterata » (de dotrina christiana, III, 3); e noutro lugar: « vulgi autem more sic dicitur (verbum) ut ambiguitas obscuriasque vitetur; non sic dicatur ut a doctis, sed potius ut ab indoctis dici solet. Si enim non piguit, dicere interpretes (3) nostros » (Psal. 15. 4); « Non congregabo conventicula eorum de sanguinibus » quoniam senserunt ad rem pertinere ut eo loco pluraliter enuntiaretur hoc nomen quod in latina lingua tantummodo singulariter dicitur, cur pietatis doctorem pigeat imperitis loquentem, ossum potius quam os (Psal. 158, 15) dicere ? »

4) — Contudo a linguagem das versões latinas prejeronimianas afastava-se da jíria cotidiana pelo colorido semítico que o grego alexandrino conservava em muitos pontos e, por conseguinte, tambem o latim da tradução feita sobre o texto grego. Portanto,

---

(1) O trabalho de tradução e correção executado por S. Jerónimo abraça três períodos: no ano 383, por encargo do pontífice S. Dâmaso, reviu e corrigiu a versão latina do Saltério (assim se chama o livro dos salmos com respeito ao seu uso litúrgico), dos Evangelhos e dos outros livros do Novo Testamento. No ano seguinte (384), depois da morte do papa Dâmaso S. Jerónimo deixou Roma e seguiu rumo do Oriente. Chegado a Cesaréia, alí permaneceu e efetuou, naquela celebre Biblioteca, acurada revisão dos livros do Antigo Testamento, fundando-se no texto grego dos Hexaplos (Bíblia em seis línguas) de Orígenes. Daí, tendo ido à Palestina e aprendido a língua hebraica, pelo ano 390, meteu mãos à versão do hebraico para o latim de todos os livros do Antigo Testamento, à exeção de alguns que são: Sabedoria, Baruc, Eclesiástico, I e II dos Macabeus, dos quais se limitou provavelmente a retocar o antigo texto latino.

(2) Chamava-se tambem *língua vulgata*, donde veio o nome de *vulgata* dado à tradução latina da Bíblia. Portanto esta denominação compete mais diretamente aos textos prejeronimianos. Com efeito, S. Jerónimo cita com o nome de *vulgata* (*vulgaris, communis*) *editio*, os textos antigos latinos e, às vezes, tambem o texto grego. Ao depois, esta designação passou por analogia para a versão jeronimiana.

(3) Isto é, os tradutores anónimos latinos prejeronimianos.

muitas vezes, ao giro de frase e ao vocábulo se mesclava tambem, cá e acolá, a construção de cunho hebraico; alem disso, a conexão paratática, por si mesma tão comum, em maior ou menor escala, a todo idioma vulgar, resultava certamente mais acentuada pela dependência, indireta, mas palpavel, de um texto semítico, no qual a parátaxis é o carater dominante. Estas circunstâncias davam ao latim da Bíblia prejeronimiana uma fisionomia toda própria.

5) — S. Jerónimo procurou ainda afinar o latim bíblico, mas, neste trabalho, não foi alem de certos limites assaz restritos. E bem errados andariamos se supusessemos que este grande gênio se deixasse iludir pensando de nos dar uma Bíblia na linguagem de Cícero ou de Sêneca. Muito bem conhecia o hebraico e, no seu contínuo trabalho de crítica textual, penetrara bem a fundo a vitalidade estilística e o ambiente de idéias de que regorgitava a linguagem bíblica nas suas várias épocas. E, como Tertuliano, S. Cipriano, Arnóbio e S. Agostinho, tambem ele via a necessidade de se conservar no nivel da mentalidade popular, pois a nova do Evangelho não era um privilégio de raça ou de academia, mas herança comum e vastíssima de povos e patrimônio de toda idade e toda cultura. Por isso é que a Bíblia latina vulgata jeronimiana tem no seu complexo quasi os mesmos caracteres e a mesma fisionomia linguística dos textos prejeronimianos, embora se tenham eliminado muitos dos mais crassos barbarismos e solecismos, onde era possivel, sem prejudicar a clareza, a fidelidade de interpretação e, especialmente, a popularidade.

6) — Uma exposição metódica, se não completa, das propriedades léxicas, morfológicas e sintáticas da Vulgata latina não é possivel nem oportuna nesta breve notícia. Apraz, todavia, apontar um número de formas e fenómenos gramaticais caraterísticos, bastante, ao menos para dar um conceito aproximativo desse latim, mandando para ulteriores conhecimentos a trabalhos mais extensos(1).

7) — Quanto ao fundo léxico, o latim da Vulgata, como o *sermo vulgaris*, abunda em formas mais cheias e sonoras, preferindo nos substantivos e adjetivos sufixos como *-mento, -monio, -ario, -orio, -bili*, e semelhantes, em lugar de outros usados na linguagem literária. O substantivo vem amiude plasmado sobre o verbo, ou vice-versa. Nos verbos é comum o uso de preposições sós ou tambem aglutinadas, sem, contudo, modificar o significado do verbo. Elucidaremos, com alguns exemplos, o que acabamos de dizer:

a) Substantivos:

em *-mentum*.

adjuramentum — aeramentum — assumentum (*satura:* nos textos prejeronimianos tambem: insumentum) — deliramentum

(1) Alem dos trabalhos estrangeiros mais conhecidos (Ronsch, Burktt, Kaulen), indicamos o trabalho do Dr. Dalpane, revisto por Felice Ramorino; «*Nuovo lessico della Bibbia Volgata com osservazioni morfologiche e sintatiche*. Florença, Livraria Editora Florentina, 1911.

— figmentum —inquinamentum —involumentum — juramentum — operimentum — tutamentum etc.

em *-men*.

cogitamen — genimen — linteamen — spiramen —vitulamen (rebanho), boiada, Sabed. IV, 3).

S. Jerónimo eliminou quasi todos estas formas; nos fragmentos prejeronimianos encontram-se: novamen (frequentíssimo em Tertuliano) — nullificamen — ostentamen — pinguamen — ebriamen — generamen — sputamen.

em *-monia, -monium, -ium, -eum*.

alimonia — gaudimonium — capitium (collar; Jó XXX, 18) — cremium (sarmentos secos para arder, Ps. CI, 4) sanctificium — calcaneum — cellarium — cucumerarium — pulmentarium — improperium — refrigerium — exceptorium (tanque, Eccles. XXXIX, 22) emenctorium — propitiatorium — reclinatorium etc.

em *-culum, -bulum*.

habitaculum — offendiculum — pinnaculum — signaculum — spiraculum — fundibulum.

em *-ura*.

apertura — capillatura — creatura — fixura — incastratura — ligatura — paratura — praedatura — pressura — rasura — tornatura — tortura.

em *ela*.

loquela — medela. — Nos textos prejeronimianos encontra-se *monela, suadela*.

em *-ntia*.

concupiscentia — extolentia — fraudulentia — honorificentia — sufficientia.

em *-tas*.

longiturnitas — nimietas — nugacitas — otiositas —possibilitas — praeclaritas sospitas — speciositas — supervacuitas —religiositas.

em *-tor, -sor, -trix*.

acceptor — adnuntiator — adorator — ascensor — belligerator — clusor — communicator — donator — exterminator — inventor — salvator — apostatrix —adversatrix—doctrix—provocatrix etc.

em *-do, -go.*

disertitudo — grossitudo — habitudo — nigredo — pigredo — rectitudo — putredo — tabitudo — aurugo — alburgo — similago etc.

em *-io.*

abbreviatio — absconsio — abominatio — acquisitio — adapertio — adinventio — compunctio — confractio—corrogatio — coruscatio etc.

em *-a.*

extensa (*extensio*) — catta (gato, Baruch, VI, 21), calvaria — refuga — polenta — torta — sporta etc.

em *-us.*

carrus — grossus — qualus — binatus — ducatus etc.

São frequentes as formas diminutivas, por exemplo: humerulus — leunculus — linteolum — mergulus — auricula — casula — catenula — domuncula — mansiuncula — sorbitiuncula — buccella — areola — geniculum etc.

São frequentes os adjetivos substantivados, p. ex.: infernus — salutaris (*salvator*) — vernum — subjugale — salutare (*salus*) — spiritale — arida — ficulnea — natatoria — pascua — altilia etc.

b) Adjectivos:

O sufixo *-bili* (*-ili*) é característico pelo grande número de adjetivos que forma. Não apresentamos exemplos porque facilmente se encontram em qualquer página do texto. Outros sufixos se encontram com certa frequência, por ex.:

Sufixos *-ario, -orio.*

avietarius — armentarius — auricularius — scenofactorius — deprecatorius etc.

c) Advérbio:

Nos advérbios é mais frequente a forma com o sufixo em *ter*, por exemplo: fiducialiter — duriter — jugiter — mendaciter — sinceriter — indesinenter etc.

d) Verbo:

São frequentes as formações verbais derivadas de substantivos, adjetivos e advérbios, por ex.: aeruginare — buccinare — sagittare — sponsare — sublimare — vivificare etc.

Na Vulgata jeronimiana, porem, foram quasi todas eliminadas; as mais características se encontram nos textos prejeronimianos.

Como acima notamos, alem do abuso das preposições em composição com o verbo, o latim vulgar apresenta formas compostas com duas preposições, por exemplo, na vulgata encontram-se as seguintes formas: adimplere — adincrescere — adinvenire — coadunare — condelectari — conresuscitare — insufflare — pertransire — superinduere — superelevare — subinferre etc.

8) — Na *Flexão* apresentavam muitas e graves anomalias os textos prejeronimianos, em cujos fragmentos (chegados até nós), não raro se nos antolha a mudança de gênero, de declinação, de número, e, no verbo, semelhantes irregularidades de conjugação. Na Vulgata jeronimiana, estes idiotismos do *sermo vulgaris*, que mais sobressaiam, foram elididos; de modo que, sob este aspeto, a Vulgata aparece suficientemente correta e polida. Nisto pode S. Jerónimo exercitar um rigor bem maior que no substituir os vocábulos, porque, enquanto o elemento léxico não podia, às vezes, mudar ou alterar-se sem dano para o significado, as anomalias de flexão podiam muito bem ser corrigidas sem que a expressão sofresse alguma perda ou mundança de valor (1).

9) — No texto jeronimiano encontram-se ainda *helenismos* característicos, que bem se podiam substituir por termos latinos. S. Jerónimo eliminou um certo número de palavras gregas dos textos latinos preexistentes, mas não tratou de substituí-los todos. Na Vulgata, alem dos grecismos mais comuns, como: chaos — propheta — prophetissa — pythonissa — plasmare etc., ocorrem: aporiari — collyrida — stibinus — apostatare — cataplasmare — ut quid (*cur;* em grego ἵνα τί) — agonia — brabium — grabatus — herodius etc.

Quanto aos *hebraismos*, excetuando os nomes próprios de pessoas ou de lugar, os termos hebraicos existentes na Vulgata reduzem-se a: geenna — sicera — amen — halleluia — hosanna — racha — chodchod (espécie de pedra preciosa, *Ezequ.*, XXVI, 16); nem eram mais numerosos nas versões latinas prejeronimianas. Os outros hebraismos pertencem todos à sintaxe.

10) — Finalmente, com respeito à *sintaxe*, devem-se relevar dois fenómenos que caracterizam, pela frequência, o elóquio da Vulgata latina. Tais são: 1. a *conexão paratática* em vez da coordenação hipotática. A língua hebraica é desprovida de organização lógica nas partes do período, cujos membros se juxtapõem com o tenuíssimo nexo da conjunção simples. Este carater fundamental, refletindo-se na língua latina, dá-lhe uma fisionomia própria e muito notavel, que contrasta violentamente com a índole nativa da língua romana, essencialmente dominada pela subordinação hipotática. O período latino não existe mais na linguagem da Vulgata; e isso não se deve atribuir só ao carater popular, mas tambem, e em modo

(1) Note-se que os nomes hebraicos da Vulgata latina são, às mais das vezes, indeclinaveis.

especial, ao influxo do texto hebraico. Justamente por este motivo, a parátaxis, no nosso caso, torna, muitas vezes, dificil a intelecção do texto, porque as relações e os nexos entre uma e outra série de pensamentos não se tornam evidentes com a subordinação sintática: com uma simples conjunção, passa-se sem preparação e de chofre duma ordem de idéias para outra inteiramente oposta. Mas tal procedimento de juxtaposição não depende só da simplicidade da sintaxe hebraica: deriva tambem dum carater estético próprio desta língua, que, mormente no estilo poético, não cura das passagens intermédias e salta rapidamente para pensamentos de feição contrária, a relação dos quais mui vagamente se percebe ou antes se vê, em força da comoção estética suscitada pela robustez da poesia. Outro fato sintático, notadamente popular, é o uso da conjunção *quod* (*quia, quoniam*) para a proposição dependente no discurso indireto, em lugar da construção com o infinito. E nisto, alem da tendência vulgar, pode ter influido tambem o testo grego, em cuja sintaxe é comum esta construção e os exemplos de tal fenomeno são inúmeros. Digna de menção especial é a desconexão vulgar (*anacoluto*) em virtude da qual as partes do período carecem de nexo, não por parátaxis, mas porque inadvertidamente, conforme a índole do linguajar vernáculo, se passa duma construção para outra, no curso da mesma proposição ou do mesmo período. Há exemplos típicos como este: « *Aut quis ex vobis homo, quem si petierit filius suus panem, numquid lapidem porriget ei?* (Math., VII, 9) ».

APÊNDICE II

CALENDÁRIO ROMANO

I

513. — O ano romano originariamente começava com *Março*, denominação tirada de Marte, deus da guerra, pai e protetor dos Romanos. Os meses chamavam-se: *Martius, Aprilis, Majus, Junius, Quintilis, Sextilis, September, October, November, December, Januarius, Februarius.* Os nomes dos quatro primeiros meses originavam-se de divindades e de festas especiais, os outros do lugar que ocupavam na série: *Quintilis*, o quinto mês, *October*, o oitavo, etc. *Quintilis* foi depois chamado *Julius* em honra de Júlio Cesar; *Sextilis*, *Augustus* em honra de Otávio-Augusto.

514. — Os latinos não contavam os dias dos meses como nós numa série contínua desde o primeiro dia até o fim; mas tinham três datas fixas com nome próprio, das quais, com cálculo regressivo, tiravam a designação dos outros dias.

As datas fixas eram:

a) **Kalendae**, no primeiro dia de cada mês.

b) **Nonae** { no dia 5;
no dia 7 nos meses de *Março, Maio, Julho, Outubro.*

c) **Idus** { no dia 13;
no dia 15 nos meses de *Março, Maio, Julho, Outubro.*

515. — Para indicar o dia que precede cada uma destas datas fixas usa-se *pridie* com o acusativo da data fixa, p. ex.:

Kalendis Januariis = *1 de Janeiro.*
Pridie Kalendas Januarias = *31 de Dezembro.*
Nonis Januariis = *5 de Janeiro.*
Pridie Nonas Januarias = *4 de Janeiro.*
Idibus Januariis = *13 de Janeiro.*
Pridie Idus Januarias = *12 de Janeiro.*

4. — Os dias compreendidos entre as *calendas* e as *nonas* determinavam-se contando para trás, a partir das *nonas*, incluindo no cálculo o ponto da partida e o de chegada (*terminus a quo* e *terminus ad quem*). Por exemplo:

3 de Janeiro: As nonas caem no dia 5; portanto o dia 3 é o terceiro antes das *nonas*: *die tertio ante nonas Januarias* ou, subentendendo-se **die ante**: *tertio nonas Januarias.*

4 de Outubro: As *nonas* caem no dia 7; portanto o dia 4 é o quarto antes das *nonas*: *die quarto ante nonas Octobres* ou *quarto nonas Octobres.*

Do mesmo modo indicam-se os dias compreendidos entre as *nonas* e os *idos*; entre os *idos* e as *calendas* sucessivas. Por exemplo:

9 de Janeiro: Os *idos* caem no dia 13; portanto o dia 9 é o quinto antes dos *idos* de Janeiro: *die quinto ante idus Januarias* ou *quinto idus Januarias.*

19 de Junho: As *calendas* sucessivas caem no primeiro de Julho; portanto 19 de Junho é o décimo terceiro dia antes das *calendas* de Julho, *die decimo tertio ante Kalendas Julias* ou *decimo tertio Kalendas Julias.*

10 de Março: Os *idos* caem no dia 15; portanto 10 de Março é o dia sexto antes dos *idos* de Março: *die sexto ante idus Martias* ou *sexto idus Martias.*

516. — Por estes exemplos vê-se que em latim o nome dos meses é sempre um adjetivo que concorda com o substantivo *mensis* ou com os nomes que indicam as três datas fixas: *Kalendae* — *Nonae* — *Idus* (cf. pág. 57, observação 2).

517. — A expressão **die sexto ante idus Martias** é a gramaticalmente certa mas não é a forma mais usada. Geralmente faz-se preceder **ante** e o resto põe-se no acusativo: **ante diem sextum idus Martias,** *10 de Março;* **ante diem decimum tertium Kalendas Julias,** *19 de Junho;* **ante diem quartum Nonas Octobres,** *4 de Outubro* etc.

Observação. A forma **ante diem** era considerada como uma palavra só, razão por que, às vezes, se lhe antepunham as preposições **in** ou **ex**, dando origem a algumas frases, p. ex.: **differre aliquid in ante diem XV Kalendas Novembres,** *adiar qualquer cousa para o dia 18 de Outubro;* **ex ante diem III Nonas Junias usque ad pridie Kalendas Septembres,** *desde 3 de Junho ate 31 de agosto.*

518. — **Regra prática.** — Se o dia que se deve determinar está entre as *calendas* e as *nonas* ou entre as *nonas* e os *idos*, aumenta-se de uma unidade o número das *nonas* e dos *idos*, e da soma subtrai-se o do dia determinado, p. ex.:

3 de Abril $= 5+1=6$; $6-3=3$: *ante diem tertium nonas Apriles.*

10 de Maio $= 15+1=16$; $16-10=6$: *ante diem sextum idus Majas.*

8 de Setembro $= 13+1=14$; $14-8=6$: *ante diem sextum idus Septembres.*

Se o dia que se deve determinar está entre os *idos* e as *calendas*, aumentam-se de dois os dias do mês, e subtrai-se da soma o número do dia determinado, p. ex.:

19 de Julho $= 31+2=33$; $33-19=14$: *ante diem decimum quartum Kalendas Augustas.*

20 de Agosto $= 31+2=33$; $33-20=13$: *ante diem decimum tertium Kalendas Septembres.*

21 de Setembro $= 30+2=32$; $32-21=11$: *ante diem decimum primum Kalendas Octobres.*

8. — No ano bissexto, o dia, que se deve intercalar, não se insere como nós fazemos depois do dia 28 de Fevereiro, mas depois do dia 24, e como o dia 24 era o *sextus dies* antes das calendas de Março, aconteceu que o dia a intercalar fosse chamado *bis sextus dies*, donde a denominação de *ano bissexto.*

	I. Januarius (Augustus December)		II. Februarius
1	**Kalendis Januariis,** etc.	1	**Kalendis Februariis.**
2	Quarto (subent. *die*) ante Nonas.	2	IV a. Nonas.
3	Tertio ante Nonas.	3	III —
4	Pridie Nonas.	4	Pridie Nonas.
5	**Nonis Januariis,** etc.	5	**Nonis Februariis.**
6	Octavo ante Idus.	6	VIII ante Idus.
7	Septimo —	7	VII —
8	Sexto —	8	VI —
9	Quinto —	9	V —
10	Quarto —	10	IV —
11	Tertio —	11	III —
12	Pridie Idus.	12	Pridie Idus.
13	**Idibus Januariis,** etc.	13	**Idibus Februariis.**
14	Undevicesimo ante Kalendas Februarias, etc.	14	XVI a. Kal. Martias.
15	Duodevicesimo a. Kal. Feb.	15	XV — —
16	Septimo decimo a. Kal. Feb.	16	XIV — —
17	Sexto decimo a. Kal. Feb.	17	XIII — —
18	Quinto decimo a. Kal. Feb.	18	XII — —
19	Quarto decimo a. Kal. Feb.	19	XI — —
20	Tertio decimo a. Kal. Feb.	20	X — —
21	Duodecimo a. Kal. Febr.	21	IX — —
22	Undecimo a. Kal. Febr.	22	VIII — —
23	Decimo a. Kal. Febr.	23	VII — —
		[24]	bis VI — —
24	Nono a. Kal. Febr.	24	[25] VI — —
25	Octavo a. Kal. Febr.	25	[26] V — —
26	Septimo a. Kal. Febr.	26	[27] IV — —
27	Sexto a. Kal. Febr.	27	[28] III— —
28	Quinto a. Kal. Febr.	28	[29] Pridie Kal. —
29	Quarto a. Kal. Febr.		
30	Tertio a. Kal. Febr.		
31	Pridie Kalendas Februarias.		

	III. Martius (Majus, Julius, October)		IV. Aprilis (Junius, September, November)
1	**Kalendis Martiis,** etc.	1	**Kalendis Aprilibus,** etc.
2	Sexto ante Nonas.	2	IV ante Nonas
3	Quinto —	3	III —
4	Quarto —	4	Pridie Nonas.
5	Tertio —	5	**Nonis Aprilibus,** etc.
6	Pridie Nonas.	6	VIII ante Idus.
7	**Nonis Martiis,** etc.	7	VII —
8	Octavo ante Idus.	8	VI —
9	Septimo —	9	V —
10	Sexto —	10	IV —
11	Quinto —	11	III —
12	Quarto —	12	Pridie Idus.
13	Tertio —	13	**Idibus Aprilibus,** etc.
14	Pridie Idus.	14	XVIII a. Kal. Majas, etc.
15	**Idibus Martiis,** etc.	15	XVII — —
16	Septimo decimo ante Kalendas Apriles. etc.	16	XVI — —
17	Sexto decimo a. Kal. Apr.	17	XV —
18	Quinto decimo a. Kal. Apr.	18	XIV — —
19	Quarto decimo a. Kal. Apr.	19	XIII — —
20	Tertio decimo a. Kal. Apr.	20	XII — —
21	Duodecimo a. Kal. Apr.	21	XI — —
22	Undecimo a. Kal. Apr.	22	X — —
23	Decimo a. Kal. Apr.	23	IX — —
24	Nono a. Kal. Apr.	24	VIII — —
25	Octavo a. Kal. Apr.	25	VII — —
26	Septimo a. Kal. Apr.	26	VI — —
27	Sexto a. Kal. Apr.	27	V — —
28	Quinto a. Kal. Apr.	28	IV — —
29	Quarto a. Kal. Apr.	29	III — —
30	Tertio a. Kal. Apr.	30	Pridie Kal. Majas, etc.
31	Pridie Kalendas Apriles, etc.		

II

DATAS MEMORAVEIS DA HISTORIA ROMANA

519. — Antes de Cristo

753 — FUNDAÇÃO DE ROMA. (Comemorada aos 21 de Abril). *Primeiros Reis.*
509 — EXPULSÃO DE TARQUÍNIO, o Soberbo. INSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA. CRIAÇÃO DOS CÔNSULES.
496 — Tito Lárzio, 1.º ditador, ganha a batalha do Lago Regilo.
494 — Apólogo de Menênio Agripa. Criação dos Tribunos do Povo.
457 — L. Quíncio Cincinato é feito ditador.
451 — Criação do Decenvirato.
450 — Leis das XII Táboas.
396 — Queda da cidade de Veios.
390 — OS GAULESES, SOB O COMANDO DO BRENO, INVADEM ROMA. (*Vae victis!*)
340 — 338 — Guerra Latina: Roma domina o centro da Itália.
321 — A humilhação das *Forcas Caudinas.*
280 — Derrota em Eracléia, frente a Pirro, rei do Epiro.
276 — Os Romanos derrotam completamente a Pirro, em Benevento.
260 — PRIMEIRA GRANDE VITORIA NAVAL ROMANA: C. DUILIO ANIQUILA A ESQUADRA CARTAGINESA EM MILAZZO (*Mylae*).
255 — Expedição de Atílio Régulo à Africa.
218 — Anibal vence às margens do Ticino e do Trébia.
217 — Batalha junto ao lago Trasimeno.
216 — O GRANDE DESASTRE DE CANAS (*2 de Agosto*).
207 — Vitória contra Asdrubal, no Metauro.
202 — A GRANDE VITÓRIA DE PÚBLIO CORNÉLIO CIPIÃO CONTRA ANIBAL, EM ZAMA.
190 — Os dois irmãos Lúcio e Públio C. Cipião vencem o rei Antíoco, em Magnésia.
183 — Morrem os tres grandes generais: Anibal, P. C. Cipião, o Africano, e Filopêmenes.
146 — A GRÉCIA É REDUZIDA A PROVÍNCIA ROMANA.
146 — DESTRUIÇÃO DE CARTAGO. PREDOMÍNIO ABSOLUTO DE ROMA NO MEDITERRANEO.
133 — Queda de Numância e conquista final da Espanha.
133 — Conquista da Ásia Menor.
121 — Morte de Caio Graco.
111 — 105 — Guerra contra Jugurta, rei da Numídia (Norte da África).
106 — Em Arpino nasce Marco Túlio Cícero, o grande orador.
101 — Caio Mário bate os Cimbros em *Vercelli* (30 de Julho).
100 — Nasce Caio Júlio Cesar, o futuro conquistador das Gálias.
88 — 86 — Guerra civil entre Cila e Mário.
85 — Um recenseamento atribue a Roma 463.000 cidadões.

82 — 79 — Cornélio Cila ditador.
73 — 71 — Revolta dos gladiadores sob a chefia de Espártaco.
70 — Perto de Mântua nasce Vergílio Marão, o grande poeta (15 de Novembro).
63 — Fim da guerra contra Mitridates, rei do Ponto. Pompeu Magno entra em Jerusalem. Conjuração de Catilina.
62 — Batalha de Pistóia e morte de Catilina.
60 — Primeiro Triunvirato: Cesar, Crasso e Pompeu.
59 — O historiador Tito Lívio nasce em Pádua.
58 — 51 — CAIO JÚLIO CESAR CONQUISTA AS GÁLIAS.
53 — Derrotado pelos Partos, morre em Carrhes, na Ásia, Licínio Crasso.
52 — Lutas partidárias entre Clódio e Milão.
49 — JÚLIO CESAR ATRAVESSA O RUBICÃO (13 de Janeiro. — « *Alea jacta est* »).
48 — Em batalha decisiva, Júlio Cesar vence Pompeu em Farsália. (9 de Agosto).
45 — Cesar vence Farnaces, filho de Mitridates. (*Veni, vidi, vici!*)
45 — Reforma do Calendário.
44 — MORTE DE JÚLIO CESAR (15 de Março).
43 — Morte de Marco Túlio Cícero (7 de Dezembro).
31 — BATALHA DE ACTIUM (2 de setembro). FIM DA REPÚBLICA.
30 — Morrem Marco António e Cleópatra; o Egito é feito província romana.
17 — Festas centenárias em Roma; *Carmen saeculare* de Horácio.
8 — O imperador Otaviano Augusto fecha o templo de Jano, anunciando a paz ao mundo *sob o domínio de Roma.*
— NASCIMENTO DE N. S. JESÚS CRISTO

520. — Depois de Cristo

9 — Exílio de Ovídio — Derrota de Varo.
13 — Novo recenseamento dá 4.137.000 habitantes a Roma.
14 — MORTE DO IMPERADOR AUGUSTO.
17 — Morre Públio Ovídio, poeta lírico.
37 — FIM DO REINADO DE TIBÉRIO CESAR: SOB SEU GOVERNO ENSINOU, MORREU E RESSUSCITOU NOSSO SENHOR JESÚS CRISTO.
46 — A POPULAÇÃO DA CAPITAL DO IMPÉRIO ROMANO É CALCULADA EM 6.844.000 HBS.
67 — Primeira perseguição geral aos Cristãos, sob Nero. Martírio de São Pedro, primeiro Papa.
70 — Assédio e destruição de Jerusalem.
79 — TERRIVEL ERUPÇÃO DO VESÚVIO DESTRÓI POMPÉIA E OUTRAS CIDADES.
106 — O imperador Trajano ocupa a Dácia.
161 — 180 — Governo de Marco Aurélio, o imperador filósofo.
247 — MILENÁRIO DE ROMA, SOLENIZADO COM GRANDES FESTEJOS.
303 — Décima perseguição geral aos Cristãos, sob Diocleciano.

312 — 337 — Constantino Magno, primeiro imperador cristão.
313 — EDITO DE MILÃO: TRIUNFO DO CRISTIANISMO.
324 — Remodelação do império.
325 — Concílio de Nicéia.
361 — 363 — Breve reinado de Juliano, o Apóstata.
394 — TEODÓSIO, O GRANDE, REUNE NOVAMENTE O IMPÉRIO.
429 — Genserico, rei dos Vândalos, invade a África.
430 — Morre Santo Agostinho, insigne latinista cristão.
451 — ÚLTIMO BRILHO GUERREIRO DA HISTÓRIA ROMANA: O PATRÍCIO ÉZIO DERROTA ÁTILA, REI DOS HUNOS, NOS CAMPOS CATALÁUNICOS.
452 — São Leão Magno, papa, salva Roma da destruição pelos Bárbaros.
476 — Rômulo Augusto, último Imperador do Ocidente, é deposto. Desde sua fundação até Rômulo Augusto (1229 anos) foi Roma governada por 7 Reis, 483 pares de Cônsules e 73 Imperadores.
527 — 565 — Justiniano, no Império do Oriente, revivendo as glórias de Roma na capital fundada por Constantino, rechassa os Bárbaros e lega à posteridade dois grandiosos monumentos: a igreja de Santa Sofia e o CORPUS JURIS CIVILIS.

APÊNDICE III

PROSÓDIA E MÉTRICA

PROSÓDIA

521. — **Prosódia** (palavra grega que significa acento) é a parte da gramática que ensina a conhecer bem a quantidade ou o acento das sílabas nas palavras, não só em relação à pronúncia, como em relação aos versos latinos

Dividiremos este estudo em dois capítulos: no primeiro trataremos da quantidade das sílabas nas palavras; no segundo trataremos do verso latino, e por último exporemos as principais espécies de versos e os principais gêneros de composições poéticas

CAPÍTULO I

1. — Da quantidade das sílabas.

522. — Chama-se quantidade das sílabas o maior espaço de tempo gasto na prolação de umas sílabas em relação a outras do vocábulo. As sílabas dividem-se em duas classes principais: **breves** e **longas**. A diferença fundamental destas duas classes de sílabas consiste em que a longa era considerada como o duplo da breve, ainda que a proporção não fosse sempre absolutamente rigorosa. A breve valia uma unidade de duração (*mora*), isto é, 1/8 de compasso ordinário, a longa normalmente duas.

A *breve* marca-se com o sinal ⏑ p. ex.: **bŏnus** ;

A *longa* com o sinal — p. ex.: **nāvis**, quase **naavis**.

Algumas sílabas podem ter uma ou outra quantidade e dizem-se *comuns*.

A sílaba comum marca-se com o signal ⏓ ou ⏒, por exemplo: **tenēbrae** e **tenĕbrae**.

Observação. — Nem as sílabas longas tinham a mesma duração, especialmente nos versos que deviam ser cantados. Havia sílabas longas que valiam duas, três, quatro, cinco unidades de duração. As sílabas de dois tempos indicavam-se com o signal —; a sílaba de três tempos com o sinal ⏗ ;a sílaba de quatro tempos com o sinal ⏘ ; a sílaba de cinco tempos com o sinal ⏙ .

E se atribuirmos à sílaba breve o valor de 1/8 de compasso ordinário, a longa de dois tempos terá o valor de 2/8, a longa de três tempos terá o valor de 3/8, a longa de quatro tempos de 4/8, e a longa de cinco tempos de 5/8.

Todas as sílabas na palavra têm a sua quantidade; algumas, porem, são breves ou longas por natureza e isto aprende-se pelo uso, e conhece-se pelos dicionários e fraseologias poéticas; as outras são ou podem ser breves ou longas segundo algumas regras que passamos a expor.

2. — Regras gerais.

523. — *a)* Todo ditongo e todas as sílabas compostas de duas vogais são sempre *longas por natureza*, p. ex.: **āurum, praēda, pāena**, etc.

Excetua-se o ditongo **prae**, que se torna breve quando for seguido de outra vogal, p. ex.: **prăeire, prăeest**, etc., e o ditongo na palavra **Māeotis**, que é comum.

b) A vogal resultante de contração é sempre *longa por natureza*, p. ex.: (**cōgo** de **cŏăgo**), **nīl** (de **nĭhĭl**), **nēmo** (de **ne homo**), **mālo** (de **mavolo**), etc.

c) A vogal seguida de duas consoantes ou das duplas **x** ou **z** ou da consoante **j (i)** é sempre *longa por posição*, por exemplo: **cārmen, hōstis, nōx, māximus, gāza, mājus, pējus**, etc.

Observações. — *1)* Quando das duas consoantes a primeira é muda, e a segunda **l** ou **r**, se a vogal que precede é breve, no verso pode temtem tornar-se longa, como **volŭcris** e **volūcris, tenĕbrae** e **tenēbrae, assēcla** e **assĕcla**; mas nunca se poderá fazer breve se já for longa por natureza ou se a muda faz silaba com a primeira vogal, assim sempre **mātris, arātrum, ābluo, ābrado, ōbrepo**, etc.

2) Quando uma palavra termina em vogal breve, esta não se faz longa ainda que a palavra seguinte comece por duas consoantes ou por uma dupla, como p. ex.: **terră proeul, mollĭă strata, altă Zacinthos**, etc., mas, se termina por consoante e a palavra seguinte começa por cosoante, torna-se longa, como: (**ăd**) **ād te**, (**pĕr**) **pēr freta**, etc.

3) O **i** é vogal e faz silaba em **tenŭĭă, ĭens**, (cf. n. 1, *a*, excepção, pág. 9).

d) Vogal antes de vogal, na mesma palavra, é sempre *breve*, ainda mesmo que seja interposto um **h**, como em **Dĕus, pŭer, vĕho, trăho**, etc

Excepções. — 1) E' *longo* o e posto entre dois **ii** nos nomes da quinta declinação, p. ex.: **diēi, speciēi** (cf. nota, pág. 45).

2) São *longos* o **a** e o **e** no vocativo e genitivo dos nomes próprios em **aius** e **eius**, p. ex.: **Cāi, Pompēi**; assim como no dativo plural **Cīrcēis**.

3) E' *longo* o a no genitivo arcaico em **ai** da primeira declinação, p. ex.: **aulāi, pietāi, terrāi** (Cf. n. 20, *a*, pág. 26).

4) O **i** é *longo* nas vozes do verbo **fio**, quando este não tem r, exceto em **fĭt**, p. ex.: **fīo, fīebam, fīam**; mas **fĭeri, fĭerem**, etc.

5) E' *longa* a primeira vogal em **āer, dīus, ēheu.**

6) E' *comum* o **i** nos genitivos em **ius**, menos em **alterĭus** que é quasi sempre breve (cf. nota, pág. 81), e em **alīus** e **neutrīus**, que é sempre longo.

7) E' ainda *comum* a primeira vogal em **ohe, Diana, Io** (nome próprio).

Nas palavras gregas a vogal seguida de outra vogal conserva a quantidade que tem em grego, p. ex.: **herōes, Aenēas, Darīus.**

e) As sílabas radicais nas palavras derivadas conservam as mais das vezes a quantidade que tem a palavra de que derivam, como se vê em **ămor, ămicus, ămicitia** de **ămo; līber, lībertas, līberalis,** etc.

Exceções. — Algumas sílabas mudam a quantidade e de longas tornam-se breves ou de breves tornam-se longas, p. ex.: **dŭcis** de **dūco, fĭdes** de **fīdo, lŭcerna** de **lūceo, hūmanus** de **hŏmo, hūmor** de **hŭmus, rēgis** e **rēgula** de **rĕgo, vōcis** de **vŏco,** etc.

f) As palavras compostas conservam quase sempre a quantidade das simples, mesmo quanda se dá mudança na vogal, p. ex.: **adscrībo** de **scrībo, occĭdo** de **cădo, occīdo** de **caedo.**

Exceções. — Todavia são breves **dejĕro** e **pejĕro, pronŭbus, nĭhĭlum, maledĭcus, veridĭcus,** ainda que vindos de **jūro, nūbo, nē-hĭlum, dīco;** assim **cognĭtum, agnĭtum** de **nōtum;** pelo contrário é longa e sílaba **be** em **imbēcillis,** proveniente de **băculus;** comum em **connubium** de **nūbo.**

Observações. — *1)* Quando as preposições e as particulas inseparaveis entram em composição, conservam a sua quantidade, a não ser que a devam mudar por efeito da posição ou compensação, como em: **(ăb) ăbigo, (ăd) ădeo, (ŏb) ŏbeo, (ĭn) ĭneo, (dē) dēmitto; āverto, ēduco, dīmitto,** (**ăb, ŏc, dĭs** alongaram-se por compensação da consoante final); **(ŏb) ōmitto.**

2) **Prō (prōd)** antes de consoante é quase sempre *longo,* é todavia *breve* em **Prŏmetheus, prŏlogus, prŏpheta, prŏfanus, prŏfari, prŏfecto, prŏfestus, prŏficiscor, prŏfiteor, prŏfugio, prŏfugus, prŏfundus, prŏcella, prŏnepos, prŏpinquus** e **prŏtervus,** etc.

3) **Rĕ (rĕd)** é *breve,* p. ex.: **rĕdeo, rĕfero;** mas **re** em **rēfert,** *importa,* é sempre *longo,* porque ablativo de **res.**

4) A partícula negativa **ne** é *breve* em **nĕc, nĕfas, nĕque, nĕqueo, nĭsi, nĭhil;** longa em **nēve, nēdum, nēquis.**

3. — Regras particulares. — Quantidade dos monossílabos.

524. — *a)* Todos os monossilabos que terminam em vogal são **longos: sī, tū, mē, tē, nē** (= que não) **ā, ē, dē, ō,** etc.

Contudo são breves as partículas enclíticas **quĕ, vĕ, nĕ (visnĕ), cĕ (hicĕ), tĕ (tutĕ), ptĕ (suoptĕ).**

b) São **longos** os substantivos monossílabos terminados em consoante: **jūs, lāc, ōs (ōris), sōl, tūs, vās (vāsis), vēr, vīs,** etc.; semelhantemente os substantivos que têm o radical breve; **bōs (bŏvis), pēs (pĕdis), sāl (sălis), lār (lăris), mās (măris), sūs (sŭis).**

Excetuam-se apenas: **vĭr, mĕl, fĕl, cŏr, ŏs (ōssis), văs (vădis).**

c) Os monossílabos não substantivos que terminam em consoante são em geral **breves,** como: **ăb, ŏb, sŭb, ĭn, pĕr, ăd, cĭs, sĕd, ăt, ăn, ĕt, ŭt, vĕl, nĕc, ĭs, ĭd, quid, quĭs, quŏd, quŏt, tŏt, dăt, stăt, ĭt, scĭt.**

Todavia são **longos: ēn, quīn, nōn, crās, cūr, sīc, hāc, hōc, hūc, ĕs** (= tu és) é breve; **ēs** (= **edis** é longo); **hic** pronome, é comum, **hīc,** advérbio, longo.

4. — Sílabas finais que terminam em vogal.

525. — *a)* O a final é **longo**:

I) No ablativo singular da primeira declinação, p ex.: **mensā, vitā, poëtā**, etc.

II) No imperativo ativo da primeira conjugação, p. ex.: **amā, laudā**, etc.

III) No vocativo dos nomes gregos em **as**, genitivo **ae** ou **antis**, p. ex.: **Aeneā, gigā** de **gigas, gigantis.**

IV) Nas preposições, nos numerais e advérbios: **circā, infrā, intrā, suprā; trigintā, quadragintā, quinquagintā**, etc.; **intereā, posteā, frustrā.**

E' pelo contrário **breve**:

I) No nominativo e vocativo singular da prime;ra declinação: **mensă, poëtă, vită**, etc.

II) Nos três casos iguais do plural neutro, p. ex.: **bonă, tempoă, cornuă**, etc.

III) No acusativo dos nomes gregos em **ea**, p. ex.: **Orpheă, Nereă.**

IV) Em **quiă, ită, heiă.**

b) O e final em regra é **breve**, p. ex.: **altarĕ, facilĕ, tempo-rĕ**, etc.

E' **longo** todavia:

I) No ablativo singular da quinta declinação, p. ex.: **rē, diē, faciē.**

II) Na segunda pessoa do singular do imperativo ativo da segunda conjugação: **docē, vidē, monē**, etc.

III) Nos advérbios em e derivados dos adjetivos da segunda declinação, p. ex.: **doctē, sanctē, aegrē**, etc., e tambem em **ferē, fermē, ohē**; — porem, é breve em **benĕ, malĕ, temerĕ, infernĕ, supernĕ.**

IV) Nos nomes gregos que terminam em **e**: **Anchisē, Niobē, Tempē.**

c) O **i** final é ordinariamente **longo**: **audī, filī, nolī, dicī**, etc.

E' breve:

I) Em **nisĭ, quasĭ, necubĭ, sicubĭ**; em **cuĭ** dissílabo (mas **cuī** monossílabo).

II) No vocativo dos nomes gregos em **is**, p ex: **Alexĭ, Daphnĭ, Amaryllĭ.**

III) Nos dativos singulares e plurais dos nomes gregos: **Palladĭ, heroisĭ.**

E' **comum** em **mihi, tibi, sibi, ibi, ubi.**

d) O **o** final é ordinariamente **longo,** p ex: **dominō, ideō, serō, ergō;** sempre **longo** nos dativos e ablativos singulares da segunda declinação; — é **breve** em **egŏ, duŏ, citŏ, illicŏ, imŏ, modŏ** (advérbio), **quandŏ, quomodŏ, octŏ.** E' **comum** na primeira pessoa do indicativo presente: **amo, peto, volo,** etc, e no nominativo das palavras dissílabas, p ex: **homo, leo, sermo,** etc.; as mais das vezes é **breve** em **virgŏ, origŏ, ordŏ.**

e) O **u** final é sempre **longo: currū, noctū, auditū, lectū, diū,** etc.

f) O **y** final é breve: **móly.**

5. — Sílabas finais de palavras polissílabas terminadas em consoante.

526. — Queremos aquí falar da última sílaba de uma palavra que termina por uma só consoante; pois, se terminar por duas ou mais consoantes ou por uma dupla é por natureza **longa;** assim é sempre **longa** a sílaba final que termina por uma única consoante, ainda que breve por natureza, se a palavra seguinte começar por consoante, como ficou dito no número 416, *c*, obs. 2, pág. 300.

a) Todas as silabas finais das palavras polissilabas que terminam em consoante, que não seja **s,** são **breves; apŭd, illŭd, exsŭl, semĕl, procŭl, carmĕn, puĕr, capŭt, audĭt, laudăt,** etc.

Excetuam-se os compostos de **pār: compār, dispār, impār;** alguns nomes gregos: **aēr, aethēr, Titān, Amphiōn** e alguns nomes estrangeiros, p. ex.: **Jacōb, Davīd, Daniēl.**

b) Relativamente às palavras terminadas em **s,** pode-se estabelecer que:

I) A final **as** é **longa.**

Excetuam-se **ănas, ănatis,** *adem,* e o nominativo dos nomes gregos em **adis** ou **ados: Arcăs, Pallăs, Iliăs,** e o acusativo plural dos nomes gregos da terceria declinação: **Troăs, herōăs, Arcădăs.**

II) A final **es** é **longa,** p ex: **Anchisēs, deciēs.**

Excetuam-se o nominativo e vocativo dos nomes em **es,** genitivo **ĭtis** ou **ĕtis** ou **ĭdis: divĕs (ĭtis), segĕs (ĕtis), praesĕs (ĭdis),** (são sempre longos **abiēs, ariēs, pariēs);** o nominativo e vocativo plural dos nomes gregos: **Arcădĕs, Troadĕs, daemonĕs,** a preposição **penĕs** e as vozes compostas de **es (sum): abĕs, adĕs, potĕs.**

III) A final **is** é **breve**, p ex : **patrĭs, legĭs, satĭs.**

Excetuam-se todos os casos plurais em **is**: **rosīs, armīs, virīs, nobīs, omnīs** (por **omnes**), **forīs, gratīs** (por **gratiis**); os nomes gregos em **is**, genitivo **inis, ītis** e **entis**: **Salamīs, Quirīs, Simoīs** (**entis**); a segunda pessoa do indicativo presente dos verbos da quarta conjugação: **audīs, venīs**, e os subjuntivos em **is**: **sīs, possīs, velīs, malīs**; e **vīs, quamvīs, mavīs**. — A final *ys*, própria dos nomes gregos, é ordinariamente **breve.**

IV) A final **os** é **longa : flōs, honōs, miserōs.**

Excetuam-se **compŏs, impŏs**, e os nomes gregos terminados em **os** no nominativo ou genitivo: **Delŏs, Rhodŏs, Argŏs, chaŏs, melŏs, Arcadŏs** (genitivo), **Palladŏs** (genitivo).

V) A final **us** é **breve : Deŭs, bonŭs, tempŭs.**

E' longa no nominativo singular dos nomes da terceira declinação que conservam o **u** no genitivo singular, p. ex.: **palūs (palūdis), virtūs (virtūtis), tellūs (tellūris)**, mas não em **pecŭs (pecŭdis)**; no genitivo singular, nominativo, vocativo e acusativo plurais dos nomes da quarta declinação, p. ex.: **sensūs**; no nome **Jesūs**, e nos nomes gregos que terminam em **us**, genitivo **untis** ou **ŏdis**: **Opūs (untis), tripūs (ŏdis).**

6. — Quantidade nos perfeitos.

527.— *a*) **E' longa** a primeira sílaba dos perfeitos dissílabos e das vozes que o mesmo tempo forma, p ex : **īvi, vēni, lēgi, īvero, vēnissem, lēgeram.**

E' **breve** em **bĭbi, scĭdi, fĭdi** (de **findo**), **dĕdi** (de **do**), **stĕti** (de **sto**), **stĭti** (de **sisto**), **tŭli** (de **fero**).

b) São **breves** as duas primeiras sílabas dos perfeitos que têm reduplicação: **cĕcĭdi (de cado), pĕpĕri, tĕtĭgi, pĕpŭli.**

A segunda sílaba em **pĕpēdi** (de **pedo**) e em **cĕcīdi** (de **caedo**) é longa; na segunda sílaba é tambem longa naqueles verbos em que se lhes seguem duas consoantes, p. ex.: **fĕfēlli, mŏmōrdi, tĕtēndi, spŏpōndi.**

c) A primeira sílaba dos perfeitos polissílabos conserva a quantidade da primeira sílaba do presente: **vŏcavi** (de **vŏco**), **mŏnui** (de **mŏneo**), **clāmavi** (de **clāmo**).

Excetuam-se **gĕnui** (de **gĭgno**), **pŏsui** (de **pōno**).

7. — Quantidade nos supinos.

528. — *a*) A primeira sílaba dos supinos dissílabos e das vozes que se derivam dele é **longa : vīsum, cāsum, mōtum, vīsus, vīsurus.**

E' breve nos seguintes supinos: **cĭtum** (de **cieo**), **dătum** (de **do**), **lĭtum** (de **lino**), **ĭtum** (de **eo**), **quĭtum** (de **queo**), **rătum** (de **reor**), **rŭtum** (de **ruo**), **sătum** (de **sero**), **sĭtum** (de **sino**), **stătum** (de **sto**), **stĭtum** (de **sisto**).

b) A primeira sílaba dos supinos polissílabos é igual à primeira do presente, p ex : **ămatum** (de **ămo**), **mŏnitum** (de **mŏneo**), **clāmatum** (de **clāmo**).

Excetuam-se **gĕnitum**, **pŏsitum**, **sŏlutum** e **vŏlutum**, de **gīgno**, **pōno**, **sōlvo** e **vōlvo**.

c) A penúltima sílaba dos supinos polissílabos é **longa**: **amātum**, **delētum**, **petītum**, **audītum**, **minūtum**.

Excetuam-se os supinos em **ĭtum** dos verbos que não têm o perfeito em **ivi**, p. ex.: **monĭtum**, **tacĭtum**, **perdĭtum**; mas é longa em **recensītum** que no perfeito faz **recensui**.

8. — Quantidade das sílabas de aumento.

529. — *a*) *Aumento* é o acréscimo de sílabas que uma palavra sofre na sua flexão, isto é, na sua conjugação, se for um verbo; ou na sua declinação, se for um substantivo ou adjetivo

b) Para contar este aumento de sílabas, nos verbos, parte-se da segunda pessoa do indicativo presente ativo (ou suposto ativo, se for de forma passiva), e nos nomes parte-se do nominativo singular, p ex : nas vozes **amat**, **amant**, que contam tantas sílabas como na segunda do singular **amas**, não há aumento; assim não há aumento em **musis**, **musam**, porque têm tantas sílabas quantas o nominativo **musa**, pelo contrário há aumento de uma sílaba em **amamus**, de duas em **amabamus**, de três em **amabimini**; assim há aumento de uma sílaba em **musarum** e em **sermonis** (do nominativo **sermo**), de duas em **sermonibus**.

c) Note-se, contudo, que não é considerado como aumento a sílaba final, e que a sua quantidade é dada pelas regras ou leis sobre as sílabas finais. Consideram-se, porem, como sílabas de aumento a *vogal temática* (ou copulativa nos verbos da terceira conjugação) e a *sílaba* ou as *sílabas de sufixo* postas entre esta vogal e a sílaba final, p. ex.: em **amamus** a sílaba **ma**, em **amabamus** as sílabas **ma-ba**, em **amabamini** as sílabas **ma-ba-mi** são aumento.

Observação. — A quantidade das sílabas de sufixos é marcada nos parágrafos de declinação e conjugação; e a quantidade da vogal temática (ou copulativa nos verbos da terceira conjugação) é dada por certas leis sobre os aumentos, que aquí vamos expor.

9. — Aumento nos verbos.

530. — *a*) O aumento em **a** nos verbos é sempre **longo**: **amābam**, **creābat**, **stābat**, **amābāmus**.

Mas é sempre breve todo o primeiro aumento de **do** e dos seus compostos, p. ex.: **dăbam**, **dăbāmus**, **circumdăbāmus**, **circumdăbo**, **circumdăbit**.

b) O aumento em **e** é **longo : amēmus, tacēmus, legēmus,** etc.

Todavia é **breve :**

I) Nas desinências **ĕram, ĕrim, ĕro,** como nas demais pessoas.

II) No primeiro aumento do presente e imperfeito da terceira conjugação: **legĕris** ou **legĕre** (tu és lido) **legĕre** (ler ou sê tu lido), **legĕrem, legĕreris ;** mas diz-se **legērunt** ou **legēre,** perfeito; e **legēris, legētur** futuro.

c) O aumento em **i** é **breve,** p. ex.: **perpendĭtis, legĭtis.**

E' todavia longo no primeiro aumento da quarta conjugação: **audīmus** venīmus, etc.; em **sīmus, velīmus** e mais pessoas e seus compostos; no primeiro aumento dos perfeitos em **ivi,** p. ex.: **audīvi, petīvi,** dtc.

d) O aumento em **o** é **longo : estōte, legitōte,** etc.

e) O aumento em **u** é **breve,** p. ex.: **sŭmus, possŭmus, volŭmus.**

E' contudo longo no particípio em **urus : amatūrus, lectūrus,** etc.

10. — Aumento nos substantivos.

531. — *a)* A primeira, a quarta e a quinta declinação não têm sílaba de aumento no singular. No plural a primeira tem **longo** o seu aumento em **a,** p. ex.: **rosārum, filiābus ;** a quarta tem **breve** o seu em **i** ou em **u : exercitĭbus, portŭbus ;** a quinta **longo** o seu em **e : rēbus, diēbus.**

b) O aumento dos nomes em **er, ir** e **ur** da segunda declinação é **breve : puer, puĕri ; vir, vĭri ; satur, satŭri,** etc.

Excetuam-se **Iber** e **Celtiber** que o têm longo : **Ibēri** e **Celtibēri.**

c) Nos nomes da terceira declinação, em regra é:

I) **Longo** o aumento em **a,** p. ex.: **pax, pācis, pietas, pietātis, ferax, ferācis.**

Excetuam-se os masculinos em **al** e **ar : Hannibal, Hannibălis ; Amilcar Amilcăris ; par, păris ;** os neutros **hepar, ătis ; bacchar, ăris ; nectar, ăris ; jubar, ăris ;** e **anas, anătis ; lar, lăris ; mas, măris ; vas, vădis** (mas **vas, vāsis**) ; — assim tambem é breve nos nomes em **s** precedido de consoante: **trabs, trăbis ; arabs, arăbis ;** e nos nomes em **ax,** p. ex.: **anthrax, anthrăcis ; climax, climăcis ; dropax, dropăcis ; fax, ăcis ;** mas **pax, pācis ; Siphax, Siphăcis.**

II) **Breve** o aumento em **e : grex, grĕgis ; carcer, carcĕris ; pulvis, pulvĕris ; vulnus, vulnĕris.**

Excetuam-se os nomes que terminam o genitivo em **ēnis : ren, rēnis ; Siren, Sirēnis ;** os nomes **alec** ou **halex, alēcis ; Iber, Ibēris ; heres, herēdis ; lex, lēgis ; merces, mercēdis ; locuplex, locuplētis ; quies, quiētis ; rex, rēgis ; seps, sēpis ; Ser, Sēris ; ver, vēris ;** e os nomes estrangeiros em **el, es, er,** p. ex.: **Michaël, Michaēlis ; crater, cratēris : soter, sotēris ; spinther, spinthēris ; lebes, lebētis ;** mas **aër, aĕris ;** e **aether, aethĕris.**

III) **Breve** o aumento em **i : calix, calĭcis ; stipes, stipĭtis ; chlamys, chlamўdis ; homo, homĭnis ; virgo, virgĭnis ; carmen, carmĭnis.**

Excetuam-se **dis, dītis ; glis, glīris ; lis, lītis ; Quiris, Quirītis ; Samnis, Samnītis ;** e os nomes gregos em **in,** genitivo **īnis : delphin, delphīnis ; Salamis, Salamīnis ;** assim tambem **perdix, perdīcis ; felix, felīcis.**

IV) **Longo** o aumento em **o : sermo, sermōnis, sol, sōlis ; vox, vōcis ; ferox, ferōcis ; lepor, lepōris ; dos, dōtis.**

Excetuam-se os neutros com o genitivo em **oris,** p. ex.: **decus, decŏris ; frigus, frigŏris ; tempus, tempŏris,** etc., (mas não **os, ōris**) ; os nomes **arbor, arbŏris ; lepus, lepŏris ; bos, bŏvis ; compos, compŏtis ; memor, memŏris ; ops, ŏpis ;** assim tambem os nomes de origem grega: **Hector, Hectŏris ; rhetor, rhetŏris,** etc.

V) E' **breve** o aumento em **u : consul, consŭlis ; dux, dŭcis ; murmur, murmŭris, turtur, turtŭris.**

Excetuam-se os nomes **fur, fūris ; frux, frūgis ; lux, lūcis ;** os nomes que terminam o nominativo em **us** com o genitivo em **udis, uris** ou **utis ; palus, palūdis ; jus, jūris ; tellus, tellūris ; salus, salūtis ; virtus, virtūtis ;** — Todavia é breve em **pecus, pecŭdis ; Ligus, ligŭris.**

CAPITULO II

METRICA

1) Teoria do verso.

532. — *a*) **Métrica** é a ciência da versificação grega e latina Chama-se métrica porque entre estes povos a versificação funda-se sobre a medida do tempo (*metrón = medida*), ao passo que entre os modernos funda-se sobre uma série regular de sílabas acentuadas. A poesia dos Gregos e dos Romanos chama-se *quantitativa,* a dos povos modernos baseia-se na *acentuação.* A métrica compreende o complexo das regras que ensinam distinguir os versos latinos, estudar-lhes a estrutura, os caracteres distintivos e as diferentes combinações que resultam do emprego das suas várias espécies.

b) Os versos latinos por conseguinte não têm rima, nem se compõem de um número determinado de sílabas, mas resultam de combinações especiais de sílabas breves ou longas de cuja ordenada sucessão resulta um ritmo, isto é, um motivo musical.

c) Estes membros ou estas combinações de sílabas longas, ou breves chamam-se **pés** (*) ou *medidas,* e os versos dizem-se *dímetros*

(*) O verso latino, como ficou dito, não abrange uma série regular de sílabas acentuadas; mas encerra uma série de compassos, que em linguagem métrica se chamam *pés,* talvez assim chamados porque antigamente na dança marcava-se com os pés a divisão dos compassos.

ou de duas medidas, se compostos de dois pés; *trímetros*, se compostos de três; *tetrâmetros*, se de quatro; *pentâmetros*, se de cinco; *hexâmetros*, se de seis.

d) Com relação ao número das sílabas e dos pés, os versos dividem-se em *acatalécticos* ou completos, se têm o número exigido de sílabas, isto é, se tiverem todas as suas sílabas; *catalécticos*, se carecerem de uma, tendo o último pé incompleto; *braquicatalécticos*, se carecerem de um pé; *hipercatalécticos*, se tiverem um pé ou uma sílaba a mais. — Dizem-se ainda versos *simples*, se constam de pés ou medidas do mesmo *ritmo* (cadência); *compostos*, se constam de pés de *ritmo* diverso.

2) Dos pés.

533. — *a*) O *pé* é uma parte do verso composta de duas ou mais sílabas.

Os *pés* dividem-se em *próprios* e *impróprios*. *Próprios* são os pés que constam de sílabas de diversas espécies (breves e longas) como o jambo (◡—), o troqueu (—◡), o dátilo (—◡◡), etc. — *Impróprios* os que constam de sílabas da mesma espécie, como o espondeu (— —).

Os *pés impróprios* não formam uma espécie determinada de versos, mas substituem os *próprios* da mesma duração, podendo-se substituir em lugar de uma sílaba longa duas breves e vice-versa, p. ex.: o espondeu (— —), pé impróprio, pode substituir um dátilo (—◡◡), pé próprio, porque a segunda sílaba longa do espondeu equivale as duas sílabas breves do dáctilo, p. ex.: *nōbīs*=*pōnĕrĕ*.

Nos *pés próprios* a *sílaba longa*, que, como a mais importante, se pronuncia com uma elevação de voz mais forte do que nas outras, chama-se **arsis**; a sílaba breve (ou as sílabas breves) na qual a voz sofre uma depressão, chama-se **tesis,** p. ex.: no infinito *pōnĕrĕ* a sílaba *pō* é a arsis as duas breves *nĕrĕ* a tesis — em *rĕgūnt*, *rĕ* a tesis, *gūnt* a arsis — em *mātrĕ*, *mā* a arsis e *trĕ* a tesis (*).

Os pés que procedem da arsis para a tesis chamam-se *descendentes*, p. ex.: *tēmpŏră;* os que procedem da tesis para a arsis chamam-se *ascendentes*, p. ex.: *sŏnĭtū*.

Comparem-se estes dois versos e na leitura sentir-se-á o ritmo diverso:

Árma virúmque canó, Troiaé qui prímus ab óris
Beátus ílle quí procúl negótiís.

(*) Este o valor de *arsis* e *tesis* na métrica latina. Na grega era o contrário. Entre os Gregos o ponto fundamental das duas partes do compasso métrico era dado na dança pelo levantar ou abaixar do pé. — Abaixava-se quando o coro pronunciava as sílabas que deviam ser mais fortemente entoadas, levantava-se quando pronunciava as sílabas do acento secundário, razão por que as palavras *arsis* e *tesis* entre os Gregos significam exatamente o contrário do que entre os Romanos. *Arsis* para aqueles era o tempo fraco, *tesis* o tempo forte; ao passo que para estes (Romanos) *arsis* era o tempo *forte*, e *tesis* o tempo *fraco*.

Observações. — *1*) Em algumas edições a arsis marca-se com o acento agudo ('), p. ex.: *árma virúmque canó, Troiaé quí prímus ab óris.* O sinal da tesis é o acento grave (`), mas menos usado do que o agudo nas sílabas em arsis.

2) Para conhecer-se sobre qual sílaba caia a arsis e sobre qual a tesis num *pé impróprio* é preciso ver qual dos *pés próprios* ele substitue, porque, se por exemplo, um espondeu (— —) faz as vezes de um dátilo (—◡◡) terá a arsis na primeira sílaba; mas se substitue um anapesto (◡◡—) a arsis cairá na segunda.

b) Muitas são as espécies de pés que foram usados nos versos latinos; os mais importantes são:

1) O **Espondeu** = duas longas **ōmnēs.**
2) O **Troqueu** ou **Coreu** = uma longa e uma breve **ārmă.**
3) O **Dáctilo** = uma longa e duas breves **cōrpŏră.**
4) O **Jambo** = uma breve e uma longa **vĭrōs.**
5) O **Pirríquio** = duas breves **bĕnĕ.**
6) O **Anapesto** ou **Antidáctilo** = duas breves e uma longa **căpĭūnt.**
7) O **Tríbaco** = três breves **tĭmĭdŭs.**
8) O **Molosso** = três longas **lēgērūnt.**
9) O **Coriambo** = uma longa, duas breves e uma longa (*) **cōmmĕmŏrās.**
10) O **Proceleusmático** = quatro breves **ăbĭĕtĕ.**

c) **Escandir** um verso é decompô-lo em seus pés; por exemplo, leiam-se os versos a seguir apoiando a voz na arsis com uma pequena pausa depois de cada pé.

ārmă vĭ | rūmquĕ că | nō Trō | iae quī | prīmūs ăb | ōrīs
ītălĭ | ām fā | tō prŏ fŭ | gūs Lā | vīnăquĕ | vēnit | (*Verg.*)

3) Da cesura.

534. — *a*) Escandindo-se um verso vê-se que as mais das vezes o fim de um pé não coincide com o fim da palavra, mas esta divide-se e parte fica com o pé antecedente e parte com o pé seguinte. Este corte da palavra toma o nome de **cesura,** de *caedĕre,* cortar.

b) Mas a **cesura** *propriamente dita* é a cesura do verso que consiste em uma pausa ou divisão que se deve fazer no mesmo verso.

c) Esta pausa pode cair no fim de um pé ou no mesmo pé.

Se a pausa cair no verso coincidindo o final da palavra com o fim do pé diz-se **dieresis:**

Dīc mĭhĭ, Dāmoetā, cūjūm pĕcŭs? || an Mĕlĭboei?

(*) Pé composto de um trofeu ou coreu (—◡) e de um jambo (◡—), igual a um coriambo: —◡◡—.

Se cair no *pé* e depois da *arsis* (sílaba longa) chama-se **cesura forte** ou **masculina :**

Incidit in Scyllām || qui vult vitare Charybdim.

Se cair depois da *tesis* (sílaba breve) **cesura fraca, feminina** ou **trocaica :**

Obstupuit simul ipsĕ ||, simul percussus Achates.

d) As *cesuras* conferem muita elegância e harmonia aos versos latinos. Um verso sem cesura propriamente dita torna-se duro e pesado. Comparem-se, por exemplo, os seguintes sem cesura:

Aura | scribis | carmina | Juli | maxime | vatum (*Marcial*)

Sparsis | hastis | longis | campus | splendet et | horret (*Ênio*)

com os seguintes de Vergílio que têm cesura:

Infan | dum re | gina ju | bes reno | vare do | lorem!
Felix | qui potu | it re | rum co | gnoscere | causas!
Tantae | molis e | rat Ro | manam | condere | gentem!
Gratior | est pul | chro veni | ens in | corpore | virtus.

e) A cesura deve em regra cair sobre uma sílaba longa: ela tem em si tão grande força, que, quando, por exceção rara, cair sobre uma sílaba breve por natureza, esta em virtude de cesura alonga-se, p. ex.: a segunda sílaba de ămŏr alonga-se em:

Omnia | vincit a | mōr || ēt | nos ce | damus a | mori.

4) Das figuras ou licenças poéticas.

535. — Escandindo os versos é necessário conhecer e observar certas modificações de sílaba ou de quantidade que são chamadas *figuras*. As principais são: a *elisão*, a *sinalefa*, a *sinérese*, a *diérese*, a *sístole*, a *diástole*, a *síncope* e a *tmese*.

a) Dá-se a *elisão* quando a sílaba final de uma palavra, que termina em *m*, encontrando-se com a vogal (mesmo precedida de *h*) da palavra seguinte, se contrai com esta formando uma única sílaba, por exemplo, nos seguintes versos:

O curas hominum, o quantum est in rebus inane! (*Pers.*)

Vilius argentum est auro, virtutibus aurum! (*Hor.*)

Orandum est ut sit mens sana in corpore sano (*Juv.*)

pronuncia-se: *homino, quantumst, argentumst, orandumst;* do mesmo modo *supremum audire laborem*, pronuncia-se *supremaudire laborem*.

b) A *sinalefa* dá-se quando a vogal final de uma palavra fica como absorvida pela vogal inicial da palavra seguinte, p. ex.

Cōntĭcŭēre omnēs īntēntīque ōră tĕnēbant.

Observação. — As interjeições *ah, heu, o,* não estão sujeitas à sinalefa, p. ex.: :

Ō pătĕr, ō hŏmĭnŭm, dīvūmque aetērnă pŏtēstas.
Āh ĕgŏ nōn pōssūm tāntă vĭdērĕ mălă.

c) A *sinérese* dá-se quando duas vogais, que formariam uma sílaba, se contraem em uma, p. ex.:

Sēu lēntō fŭĕrīnt ālvĕārĭă vīmĭnĕ tēxta (*Verg.*)

onde na palavra *alvearia* as duas vogais se contam por uma só.

d) A *dierese* dá-se quando uma sílaba ou um ditongo se divide em duas sílabas, p. ex.: *vitae* em *vitai; insuētus* em *insŭētus; silvae silŭae.*

Aūlāī in mĕdĭō lībābānt pōcŭlă Bācchī (*Verg.*)

e) Dá-se a *sístole* quando, por necessidade do metro, se faz breve uma sílaba longa, p. ex.: *stetĕrunt* por *stetērunt; tulĕrunt* por *tulērunt.*

Mātrī lōngă dĕcēm tŭlĕrūnt fāstīdĭă mēnsēs (*Verg.*)

f) Dá-se a *diástole* quando se faz longa uma sílaba breve por natureza, p. ex.: *Prīamides* por *Prĭamides.*

Tanto a *sístole* como a *diástole* são figuras raríssimas e por isso não se devem imitar.

Entre as licenças poéticas recordamos ainda a *síncope* que consiste na eliminação duma vogal breve no meio da vocábulo, p. ex.: *calfacio* em vez de *calefacio,* e a *tmese* que decompõe as palavras compostas nos seus elementos, p. ex.: *quo me cumque rapit tempestas* por *quocumque me.*

A última sílaba de um verso tanto pode ser breve como longa.

5) Principais espécies de versos.

536. — A denominação dos versos latinos faz-se pelo número dos metros que têm, acrescentando-se-lhe uma especificação relativa ao gênero dos pés que neles dominam, p. ex.: *trímetro jâmbico; tetrâmetro trocaico ou anapéstico; hexâmetro* e *pentâmetro dactílico,* etc.; — outros distinguem-se pelo nome do autor o *asclepiadeu,* o *alcaico,* o *arquilóquio,* o *alcmânio,* o *faléucio,* o *ferecrácio,* etc.

Aquí trataremos só dos versos principais e especialmente do hexâmetro e pentâmetro porque foram os que tiveram mais emprego na língua latina.

a) Do **Hexâmetro.** — O *hexâmetro* chamado tambem épico ou heróico, porque próprio da poesia épica, consta de seis pés dáctilos ou espondeus, exceto o quinto, que deve ser um dáctilo, e o sexto espondeu ou troqueu:

Dūm vī | rēs ān | nīquĕ sĭ | nūnt, tŏlĕ | rātĕ lă | bōrēs (*Ovídio*),
Cōnscĭă mēns rēctī fāmae mēndācĭă rīdĕt (*idem*).
Gūttă căvāt lăpĭdēm, cōnsūmĭtŭr ānŭlŭs ŭsū (*idem*).
Quī stŭdĕt ōptātām cūrsū cōntīngĕrĕ mētăm,
Mūltă tŭlīt fēcītquĕ pŭĕr, sūdāvīt ĕt ālsĭt (*Horácio*).

Observações. — *1*) Às vezes no quinto pé há um espondeu em lugar de um dátilo, mas então o dátilo encontra-se no quarto pé, e o verso diz-se **espondaico**, p. ex.:

Cōnstĭtĭt, ātque ŏcŭlīs phrȳgĭa āgmĭnă cīrcūmspēxĭt (*Verg.*).

2) Em geral nos hexâmetros muitos dáctilos exprimem rapidez e vivacidade, p. ex.:

Quādrŭpĕdāntĕ pŭtrēm sŏnĭtū quătĭt ūngŭlă cāmpum (*Verg.*).
Jāmquĕ făcēs ĕt sāxă vŏlānt, fŭrŏr ārmă mĭnīstrat.

3) Ao invés, muitos espondeus exprimem gravidade, lentidão ou dificuldade, p. ex.:

Īllī intēr sēsē māgnā vī brāchĭă tōllūnt (*Verg.*).
Āppārēnt rārī nāntēs īn gūrgĭtĕ vāsto.

4) O hexâmetro não termina bem com um monossílabo, a não ser que se queira exprimir cousa inesperada ou harmonia imitativa, p. ex.:

Parturiunt montes, nascetur rīdĭcŭlūs mus (*Horácio*).
Sternitur, exanimisque tremens procūmbĭt hŭmī bos (*Verg.*).

5) Às vezes o hexâmetro tem no fim uma sílaba a mais (verso hipercatalético). Neste caso a sílaba a mais termina em vogal breve ou em *m*, e a primeira sílaba do verso seguinte começa por vogal ou por *h*, dando-se a elisão entre as duas sílabas, p. ex.:

Omnia Mercurio similis, vocemque coloremque.
Et crines flavos et membra decora juventa.
Imprecor, arma armis: pugnent ipsique nepotesque.
Haec ait et partes animum versabat in omnes.

Principais cesuras masculinas do verso hexametro

I) A *triemímera* ou *terciária* (=3 meias partes ou 1 pé e ½). cai depois da arsis do segundo pé:

Ille autem || "Causas nequiquam nectis inanes".

II) A *pentemímera* ou *quinária* (cinco meias partes ou 2 pés e ½), cai depois da arsis do terceiro pé:

His amor unus erat || pariterque in bella ruebant.

III) A *heftemímera* ou *setenária* (7 meias partes ou 3 pés e ½), cai depois da arsis do quarto pé:

Nisus erat portae custos || acerrimus armis.

IV) A *cesura feminina* ou *trocaica* não tem valor no verso hexâmetro, salvo se cair depois da primeira breve do terceiro pé:

Oderunt peccārĕ || bŏni virtutis amore.
Accŏlet imperiūmquĕ || păter romanus habebit.

A cesura mais importante do verso hexâmetro é a *pentemímera*; se faltar, em geral, compensam-na a triemímera e a heftemímera.

b) Do **Pentâmetro.** — O *pentâmetro* consta de cinco pés. isto é, de quatro pés e de duas cesuras, e divide-se em duas partes: a primeira consta de dois dáctilos ou espondeus e de uma cesura longa; a segunda de dois dáctilos e de uma cesura livre. — Segundo outros, o pentâmetro consta de seis pés e carece da tesis no terceiro e no sexto pé. A cesura é a quinária:

Cāndĭdă | pāx hŏmĭ | nēs, || trūx dĕcĕt | īră fĕ | rās (*Ovid.*)
Flōrĕt ŏ | dōrā | tīs || tērră bĕ | nīgnă rŏ | sīs (*Tib.*)
Vīncūn | tūr mōl | lī || pēctŏră | dūră prĕ | cĕ (*idem*).

Dístico elegíaco. — O pentâmetro não se usa só, mas alternado com o hexâmetro, e esta combinação forma o *dístico elegíaco*, porque usado na elegia, forma simples e primitiva da poesia lírica. O dístico elegíaco tornou-se em seguida a expressão mais apropriada dos pensamentos simples e dos sentimentos ternos e afetuosos. Ênio foi o primeiro que se serviu do dístico elegíaco; em seguida foi aperfeiçoado por Catulo, Propércio' Tibulo, e com Ovídio alcançou a perfeição já pela espontaneidade, já pela harmonia, p. ex.:

Prīncĭpĭīs ōbstā, sērō mĕdĭcīnă părātur,
  Cūm mălă pēr lōngās īnvălūērĕ mŏras (*Ovid.*)
Donec eris felix, multos numerabis amicos,
  Tempora si fuerint nubila, solus eris (*idem*).
Dum vires annique sinunt, tolerate labores;
Jam veniet tacito curva senecta pede (*idem*).

O pentâmetro para ser verdadeiramente harmonioso deve terminar por palavra dissílaba ou tetrassílaba, raramente trissílaba quase nunca em monossílaba, exceto se for *es* ou *est* em elisão.

c) O *Asclepiadeu*, de Asclepíades, poeta alexandrino, divide-se em *maior* e *menor:*

I) O *menor* ou *comum* consta de um espondeu, de dois coriambos e de um pirríquio:

Maēcē | nās ătăvīs | ēdĭtĕ rē | gĭbŭs (*Horácio*)

Outros dizem-no composto de um espondeu, de um dáctilo, de uma cesura longa e de dois dáctilos no fim:

Maēcē | nās ătā | vīs | ēdĭtĕ | rēgĭbŭs.

II) O *maior* é semelhante ao *menor*, tendo, porem, mais um coriambo; ou, como outros querem, consta de um espondeu, de dois dáctilos cada um com cesura longa, e de dois dáctilos no fim:

Tū nē | quaēsĭĕrīs | scīrĕ nĕfās | quēm mĭhĭ, | quēm | tĭbĭ (*Hor.*)

ou

Tū nē | quaēsĭĕ | rīs | scīrĕ nĕ | fās | quēm mĭhĭ, | quēm tĭbĭ.

d) O *Alcaico*, de Alceu, pode ser *maior* ou *hendecassílabo*, e consta de dois jambos, uma cesura longa e dois dáctilos, por exemplo:

Vĭdēs ūt āl | tā stēt nĭvĕ cāndĭdŭm (*Horácio*)

e pode ser *decassílabo*, e consta de dois dáctilos e dois troqueus:

Flūmĭnă | cōnstĭtĕ | rĭnt ă | cūto (*Horácio*)

e) O *Arquilóquio*, de Arquíloco, poeta grego, pode ser *menor*, se constar de dois dáctilos e uma sílaba no fim, como a segunda parte de um pentâmetro. p. ex.:

Pūlvĭs ĕt | ūmbră sŭ | mus (*Horácio*)

O *maior* consta de quatro dáctilos e de três troqueus; mas os três primeiros dáctilos podem ser substituidos por espondeus, p. ex.:

Sōlvĭtŭr | ācrĭs hĭ | ēms grā | tā vĭcĕ | vērĭs | ēt fă | vōni (*Hor.*)

f) O *Alcmânio*, de Alcman, consta de quatro pés: dois dáctilos ou espondeus, o terceiro é dáctilo, o quarto um espondeu:

Aūt Ĕphĕ | sūm bĭmă | rīsvĕ Cŏ | rīnthi.
Sīc trī | stīs āf | fātŭs ă | mīcos.

g) O *Ferecrácio*, de Ferécrates, poeta grego, consta de três pés: um dáctilo entre dois troqueus ou espondeus, p. ex.:

Grātō | Pўrrhă sŭb | āntro.
Quāmvīs | pōntĭcă | pīnus (*Horácio*)

h) O *Falêucio*, de Falcuco, composto de cinco pés, um espondeu, um dáctilo e três troqueus, p. ex.:

Pāssēr | mōrtŭŭs | ēst mĕ | āē pŭ | ēllae (*Catulo*)

Este verso se diz tambem *hendecassílabo*.

i) O *Sáfico,* assim chamado de Safo, poetisa, e o *Adónio,* assim chamado porque usado nas festas de Adonis as mais das vezes combinam entre si de modo que depois de três sáficos se encontra um adônio, formando deste modo as odes sáficas, p. ex.:

Īntē | gēr vī | tae scĕlĕ | rīsquĕ | pŭrus
Nōn ĕ | gēt Maū | rīs jăcŭ | līs nĕ | que ārcu
Nec venenatis gravida sagittis.
Fūscĕ, phă | rētra.

Sive per Xyrtes iter aestuosas
Sive facturus per inhospitalem
Caucasum vel quae loca fabulosus
Lāmbĭt Hy | dāspes (*Horácio, livro primeiro, ode viges. seg.*)

O *sáfico* consta de cinco pés: de um troqueu, um espondeu, um dáctilo e dois troqueus, e o *adónio* de um dáctilo e um espondeu.

j) O *Jâmbico,* assim chamado porque composto especialmente de jambos, tem sempre os pés em número par. E' quase sempre *quaternário, senário* e *octonário,* e usa-se só ou unido com outros, especialmente com hexâmetros e trocaicos. — Diz-se *puro* se constar unicamente de jambos; *mixto,* se houver tambem outros pés.

I) O *quaternário* (=duas dipodias) pode ter outro pé no primeiro e terceiro lugar:

ūt prī | scă gēns | mōrtā | līūm (*Horácio*)

Toma o nome de *anacreôntico* se carecer da última sílaba, por exemplo:

ō tēr | quătēr | quĕ fē | lix

II) O *senário* (=três dipodias) pode ter outro pé (espondeu, dáctilo, anapesto ou tríbraco) nos lugares pares e ímpares, mas deve terminar com um jambo, tais são os versos das fábulas de Fedro,

Aesō | pŭs aū | ctōr quām | mātĕrĭ | ām rēp | pĕrit,
Hānc ĕgŏ | pŏlī | vī vēr | sĭbūs | sēnā | rĭīs (*Fedro*)

Os senários puros são mais harmoniosos e fluentes, p. ex.:

Bĕā | tŭs ĭl | lĕ, quī | prŏcŭl | nĕgō | tĭīs (*Horácio*)
Phăsē | lŭs ĭl | lĕ, quēm | vĭdē | tĭs hō | spĭtēs (*Catulo*)

A cesura ordinária é a quinária.

O jâmbico senário foi usado por Catulo, Horácio, Fedro, mas especialmente pelos cómicos. E estes serviram-se dele com tanta liberdade que muitas vezes do jambo só ficou o último pé.

Na poesia burlesca em lugar do último jambo usa-se um troqueu ou espondeu, tomando então o verso o nome de **jambo escazonte** ou *coliambo*. O seu esquema é pois o do jambo senário que termina num troqueu ou espondeu em vez de um jambo; o quinto pé, porem, é sempre um jambo.

Sūffē | nŭs ī | stĕ, Vā | rĕ, quēm | prŏbē | nōstī,
Hŏno ēst | vĕnū | stŭs ēt | dĭcāx | ĕt ūr | bānus (*Catul.*)

Chamava-se *escazonte* ou *coliambo*, isto é, claudicante, porque a repentina mutação de ritmo no sexto pé lembrava alguem que tropeçasse de modo que o verso tinha efeito cómico e só se usava nas poesias satíricas e burlescas. Catulo e Marcial deixaram-nos vários exemplos.

III) O *jâmbico octonário* pode ter outros pés (dáctilo, espondeu, anapesto), e pode-se dividir em dois quaternários, por exemplo:

Pĕcū | nĭam īn | lŏcō | nēglĕgĕ || rĕ mā | xĭmum īn | tērdum
ēst | lŭcrum (*Terên.*)

k) O *Trocaico*, assim chamado porque composto especialmente de troqueus, pode admitir espondeus ou dáctilos nos pés pares, e pode ser *quaternário*, *senário* e *octonário*, *puro* ou *misto*, *perfeito* ou *falto* de uma sílaba. — O octonário pode-se escrever todo numa linha ou em duas, por exemplo:

Āppĕ | tēntĕ | vērĕ | prīmō | cūm tĕ | nēr vĭ | rēscĭt | ānnus;

ou

Appetente vere primo
Cum tener virescit annus.

l) O *Glicónio* é composto de três pés, um espondeu ou troqueu e dois dáctilos; ou, segundo outros, de um espondeu, um choriambo e um jambo, e diz-se *choriâmbico trímetro acataléctico;* ordinariamente combina-se com o asclepiadeu, p. ex.:

Sīc tē | Dīvă pŏ | tēns Cypri;

ou

Sīc tē | dīvă pŏtēns | Cypri;
Sīc frā | trēs Hĕlĕnae | fūlgĭdă sī | dĕra.

6) Gêneros de composições poéticas.

537. — Uma composição poética latina, comumente chamada *carmen*, pode ser composta de uma única espécie de versos ou de mais espécies. Se for composta de uma única espécie de versos, diz-se *carmen monocolon;* se de duas, *carmen dicolon;* se de três, *tricolon;* se de quatro, *tetracolon*.

A união ou agrupamento de dois, de três, ou de quatro versos, ordinariamente de espécie diversa, alternando-se com a mesma ordem, forma a *estrofe* e chama-se *dístico*, se for de dois versos; *trístico*, se de três; *tetrástico*, se de quatro.

Uma composição ou uma estrofe que consta de dois versos e de diferente espécie diz-se *carmen disticon dicolon;* se de três versos e de duas espécies, *carmen tristicon dicolon;* se de três espécies, *tristicon tricolon;* se de quatro versos e de três espécies, *tetrasticon tricolon*.

I) Composições ou estrofes de uma só espécie de versos.

538. — As composições ou estrofes de uma única espécie (*monocolon*) são geralmente compostas:

a) Só de *hexâmetros*, como os poemas heróicos, p. ex.: a *Eneida* de Vergílio:

b) Só de *jâmbicos senários*, por exemplo, o epigrama quarto de Catulo, que começa:

Phaselus ille, quem videtis, hospites,

e todas as fábulas de Fedro.

c) Só de *jâmbicos escazontes*, por exemplo, o epigrama vigésimo segundo de Catulo, que começa:

Suffenus iste, Vare, quem probe nosti.

d) Só de *falêucios*, por exemplo, o epigrama terceiro de Catulo:

Lugate, o Veneres Cupidinesve.

e) Só de *asclepiadeus*, por exemplo, a odeprime ira do livro primeiro de Horácio, que começa do seguinte modo:

Maecenas atavis edite regibus.

II) Composições de duas espécies de versos com estrofes de dois versos.

539. — As composições com estrofes de dois versos podem constar:

a) De *um hexâmetro* e *um pentâmetro*, é o dístico de que já falamos. Tais, por exemplo, são as muitas elegias de Ovídio.

b) De *um hexâmetro* e *um jâmbico senário*, p. ex.: a ode décima sexta do livro quinto de Horácio:

Altera jam teritur bellis civilibus aetas,
Suis et ipsa Roma viribus ruit.

c) De *um hexâmetro* e *um jâmbico quaternário*, p. ex.: a ode décima quinta do livro quinto de Horácio:

Nox erat et caelo fulgebat luna sereno
Inter minora sidera.

d) De *um hexâmetro* e *um arquilóquio menor*, p. ex.: em Horácio a ode sétima do livro quarto:

Diffugere nives, redeunt jam gramina campis
Arboribusque comae.

e) De *um hexâmetro* e *um alcmânio*, p. ex.: em Horácio a ode sétima do livro primeiro:

Laudabunt alii claram Rhodon aut Mitylenen
Aut Epheson bimarisve Corinthi.

f) De *um jâmbico senário* e *um quaternário*, p. ex.: Horácio, épodo segundo:

Beatus ille, qui procul negotiis,
Ut prisca gens mortalium.

g) De *um trocaico* e *um jâmbico catalécticos*, p. ex.: Horácio, ode décima oitava, livro segundo:

Non ebur neque aurum
Mea renidet in domo lacunar.

h) De *um glicônio* e *um asclepiadeu*, p. ex.: Horácio, ode terceira, livro primeiro:

Sic te Diva potens Cypri
Sic fratres Helenae fulgida sidera.

III) Composições de várias espécies de versos com estrofes de três ou quatro versos.

540. — As composições de várias espécies de versos com estrofes de três versos são raras; em Horácio só se encontra uma espécie, composta de *um jâmbico senário*, de *um arquilóquio menor* e de *um jâmbico quaternário*, p. ex.: o épodo décimo primeiro:

Petti, nihil me sicut antea juvat
Scribere versiculos
Amore perculsum gravi.

Pelo contrário, as compostas de estrofes de quatro versos são muitas e geralmente compreendem:

a) *Três sáficos* e *um adônio*, como em muitíssimas odes de Horácio, entre as outras a que acabamos de mencionar à pág. 423, *i*,

b) *Três asclepiadeus* e *um glicônio*, p. ex.: em Horácio a ode vigésima quarta, livro primeiro:

Quis desiderio sit pudor aut modus
Tam cari capitis? Praecipe lugubres
Cantus, Melpomene, cui liquidam pater
Vocem cum cythara dedit.

c) *Dois asclepiadeus*, *um ferecrácio* e *um glicônio*, p. ex.: em Horácio a ode décima quarta do livro primeiro:

O navis, referent in mare te novi
Fluctus! Oh! Quid agis? Fortiter occupa
Portum: nonne vides ut
Nudum remigio latus?

d) *Dois alcaicos maiores*, *um jâmbico arquilóquio* e *um alcaico menor*, p. ex.: em Horácio a ode primeira do livro terceiro:

Odi profanum vulgus et arceo:
Favete linguis; carmina non prius
Audita Musarum sacerdos
Virginibus puerisque canto.

6) — Metros clássicos usados pela Igreja na sua hinologia.

541. — *a*) Só *hexâmetros*, p. ex.: na antífona:

Alma Redemptoris Mater, quae pervia caeli.

b) *Dísticos dactílicos*, p. ex.: nas antífonas:

Fac nos innocuam Joseph, decurrere vitam
Sitque tuo semper tuta patrocinio.
Hic vir despiciens mundum et terrena, triumphans
Divitias caelo condidit ore, manu.

c) *Jâmbicos quaternários*, p. ex.: nos hinos:

O gloriosa Virginum (*B. Mariae Virg.*)
Caelestis urbs Jerusalem (*Dedic. Eccl.*)
Quicumque certum quaeritis (*SS. Cord. Jes.*)
Veni, Creator Spiritus (*Pent.*)
Vexilla regis prodeunt (*Inv. S. Crucis*)

d) *Jâmbicos senários*, p. ex.: nos hinos:

Beate pastor, Petre, clemens accipe (*SS. Ap. Petri et Pauli*).
Opus decusque regium reliqueras (*S. Elisabeth Reg.*)

e) *Trocaicos octonários catalécticos*. Estes versos podem-se tambem dividir em dois quaternários: o primeiro perfeito, o segundo cataléctico, p. ex.:

O quot undis lacrymarum — quo dolore volvitur (*B. M. Virg. Dol.*)
Pange lingua gloriosi — lauream certaminis (*S. Crucis*)

de só três pés:

Ave maris stella (*B. M. Virg.*)

f) *Odes sáficas*: *três sáficos e um adônio*, p. ex.:

Iste Confessor Domini colentes (*Comm. Confess.*)
Ut queant laxis resonare fibris (*S. Joan. Bapt.*)
Plaude festivo, pia gens, honore (*B. M. Virg. Cons.*)
Virginis proles, opifexque matris (*Comm. Virg.*)

g) *Odes asclepiadéias: três asclepiadeus e um glicônio*, por exemplo:

Te, Joseph, celebrent agmina caelitum (*S. Joseph*)
Custodes hominum psallimus Angelos (*SS. Ang. Cust.*)

dois asclepiadeus, um ferecrácio e um glicônio, p. ex.:

Regali solio fortis Iberiae (*S. Hermenegildi*)

Da poesia métrica de tipo clássico, baseada na quantidade, paulatinamente passou-se à poesia com assonâncias e rimas, como, por exemplo, o são muitas *sequências* da liturgia, em seguida à com acentuação, que deu origem à poesia moderna baseada no número das sílabas e na sucessão dos acentos.

APÊNDICE IV

PEQUENAS NOTAS FILOLÓGICAS SOBRE AS DECLINAÇÕES E O VERBO LATINO

CAPÍTULO I

NOTAS FILOLÓGICAS SOBRE AS DECLINAÇÕES

Introdução.

542. — Ficou dito no número 16, *b*, pág. 21 que todo substantivo e adjetivo consta de dois elementos: **tema** e **desinência**. A parte final variavel de qualquer substantivo e adjetivo chama-se **desinência**; a outra parte fixa e invariavel chama-se **tema**. Acha-se o tema eliminando-se a desinência do genitivo que lhe corresponde. Do exposto se deduz que em *rosa, rosae* da primeira declinação; em *dominus, domini,* da segunda; em *virtus, virtutis* e *vulpes, vulpis* da terceira; em *sensus, sensus* da quarta; em *dies, diei* da quinta, os temas são respectivamente: *ros-, domin-, virtut-, vulp-, sens-, di-*.

Este método é exclusivamente prático. De acordo, porem, com os princípios científicos deve-se dizer que o tema só se acha eliminando-se a desinência do caso genitivo plural **-rum** nos substantivos da primeira, segunda e quinta declinação e **-um** nos da terceira e quarta: *rosa*-**rum**, *domino*-**rum**, *virtut*-**um**, *vulpi*-**um**, *fructu*-**um**, *die*-**rum**, assim os temas serão: *ros***a** *domin***o**, *virtut*, *vulp***i**, *fruct***u**, *di***e**. Razão por que

a 1.ª declinação compreende os temas em **a**, gen. *-ae;*
a 2.ª » » » » **o**, gen. *-i;*
a 3.ª » » » » **consoante** e em **i**, gen. *-is;*
a 4.ª » » » » **u**, gen, *-us;*
a 5.ª » » » » **e**, gen. *-ei;*

PRIMEIRA DECLINAÇÃO

543. — A primeira declinação compreende todos os substantivos cujo tema termina em **a**, por exemplo: *rosa*.

a) Esta vogal **a**, que originariamente era longa, é breve no *nom.* e *vocativo sing.* rosă, ao passo que é longa no *ablat. sing.* rosā, no *genitivo* e *ac. plurais*: rosārum, rosās.

b) O *gen. sing.* terminava em *ās*, desinência que no latim clássico só se encontra no substantivo *familia* com os nomes *pater,*

mater, *filius* e *filia* (*pater familias*, *mater familias*, etc., cf. n. 20, *a*, pág. 26).

Em seguida à vogal temática **a** acrescentou-se a desinência **i** da segunda declinação: *āī* em lugar de *ăī*, por ex.: rosā-ī por rosăeī. A vogal **i** tornou-se posteriormente **e**, formando com a vogal temática a o ditongo **ae**, por ex.: ros*ae*, nos casos *gen.* e *dat. sing.*; *nom.* e *voc. plurais* (cf. n. 20, segunda alínea, pág. 26).

c) No *ac. sing.* acrescentou-se à vogal temática breve *ă* a consoante **m**: rosă-*m*.

d) O *ablat. sing.* terminava em **d**: *rosa-d*, consoante que mais tarde desappareceu, donde rosā.

e) A desinência do *gen. plural* era **sum** (antigamente *som*): rosa-*sum*. O **s** entre duas vogais tornou-se **r** (rotacismo) rosa-*rum*.

f) O *ac. plural* formava-se acrescentando-se **s** ao acusativo singular: rosă-*m-s*; caiu o **m**, donde rosā-*s*, com o *ā* (longo), alongamento de compensação.

g) No *dat.* e *abl. plurais* acrescentou-se a desinência **is** :rosa-*is*, e por contração rosī*s*.

Os mesmos princípios que acabamos de expor aplicam-se tambem aos adjetivos femininos da primeira classe em **a**.

Esquema

Tema *rosa*, f., a rosa.

Singular

Nom.	*rosă*
Gen.	*rosa*+i = *rosa*+e = *ros*ae
Dat.	*rosa*+i = *rosa*+e = *ros*ae
Ac.	*rosa*+m = *ros*ăm
Voc.	*rosă*
Abl.	*rosa*+d = *ros*ā.

Plural

Nom.	*rosa*+i	= *rosa*+e = *ros*ae
Gen.	*rosa*+*sum*	= *ros*ārum
Dat.	*rosa*+is	= *ros*īs
Ac.	*rosa*+m+s	= *ros*ās
Voc.	*rosa*+i	= *rosa*+e = *ros*ae
Abl.	*rosa*+is	= *ros*īs.

SEGUNDA DECLINAÇÃO

544. — A segunda declinação compreende todos os substantivos com o tema em **o**: *discipulŏ, pirŏ, pratŏ.*

a) Para a formação do *nom.* e *ac. sing. masculinos* e *femininos* acrescentaram-se as consoantes **s** e **m**: nom.: discipulŏ-*s*, pirŏ-*s*; ac.: discipulŏ-*m*, pirŏ-*m*; acrescentou-se **m** ao mesmo tema para formar os casos *nomin., ac.* e *voc. sing. neutro*: pratŏ-*m*. Em seguida a vogal **o** tornou-se **u**: discípulŭ-*s*, discipulŭ-*m*, discípulo; pirŭ-*s*, pirŭ-*m*, pereira; pratŭ-*m*, prado.

b) O *gen.* e *dat. sing.* formam-se acrescentando-se ao tema a vogal **i**: discipulŏ-ī, pirŏ-ī, pratŏ-ī. No genitivo as vogais *o-i* deram *ī*: no dativo, por causa da queda do *i*, *ō*: discipulī, discipulō, pirī, pirō; pratī, pratō.

c) No *voc. sing. masc.* e *feminino* a vogal temática **o** abrandou-se em **e**: discipulĕ, pirĕ.

d) O *abl. sing.* terminava em **d**, consoante que desapareceu mais tarde: discipulo*d*, discipulō, piro*d*, pirō; prato*d*, pratō.

e) O *nom.* e *voc. plur. masc.* e *femininos* formaram-se acrescentando-se à vogal temática **ŏ** a vogal **i**, contraindo-se em **ī** como no genitivo singular: discipulŏ-*i*=discipulī; pirŏ-ī=pirī. O *nom., ac.* e *voc. plurais neutros* formaram-se acrescentando-se a vogal **a** e as duas vogais *ŏ-ă* produziram *ă*: pratŏ-*ă*=prată.

f) O *ac. plural masc.* e *feminino* formou-se acrescentando-se a consoante **s** ao acusativo singular, desaparecendo em seguida a consoante **m**: discipulŏ-*m-s*=discipulō*s*, pirŏ-*m-s*=pirō*s*, em que a vogal **o** é longa (*ō*) para compensar a queda do **m**.

g) No *gen. plural* a desinência era **sum**: discipulo-*sum*, piro-*sum*, prato-*sum*. O **s** entre duas vogais tornou-se **r** (como na primeira declinação): discipul*ōrŭm*, pir*ōrŭm*, prat*ōrum*.

h) O *dat.* e *abl. plur.* formaram-se com a desinência **is**: discipulŏ-*is*, pirŏ-*is* e por contração: discipul*īs*, pir*īs*, prat*īs*.

545. — Com respeito aos substantivos terminados em **er, ir** note-se que tambem estes terminavam em os, logo: puer*ŏs*, agr*ŏs*, vir*ŏs*, com os temas puerŏ, agrŏ, virŏ. Em seguida ,por causa da queda da vogal *o* de *os*, teve-se no nominativo *puers*, donde *puer*, em que se conservou a vogal *e*, como parte integral do tema (*e* temático); *vir*, em que ficou a vogal *i*, e assim em seus compostos *duumvir*, duúnviro; *triumvir*, triúnviro; *decemvir*, decênviro; *levir*, cunhado; ao passo que nos substantivos em que a vogal **e** se oblitera adiante de *r*, acrescenta-se *e* tão somente no nom. e voc. sing., como, por exem-

plo, em *ager*, porque o *r*, precedido da consoante (*agr*) teria dificultado a pronuncia, neste caso o *e* chama-se *eufónico* (1).

O que se diz dos substantivos em *us*, *er*, *um* aplica-se tambem aos adjetivos em *us*, *er*, *um*. A estes acrescenta-se o adjetivo *satur* (m., farto, saciado), *satŭrum* (n.,) (*satŭra*, f., que segue a primeira declinação) que deriva de *saturos*, *saturom*.

Esquema

Tema *discipulo*, m., o discípulo.

Singular

Nom.	discipulo+s	=*discipul*ŭs
Gen.	discipulo+i	=*discipul*ī
Dat.	discipulo+i	=*discipul*ō
Ac.	discipulo+m	=*discipul*ŭm
Voc.	discipulo	=*discipul*ĕ
Abl.	discipulo+d	=*discipul*ō

Plural

Non.	discipulo+i	=*discipul*ī
Gen.	discipulo+sum	=*discipul*ōrŭm
Dat.	discipulo+is	=*discipul*īs
Ac.	discipulo+m+s	=*discipul*ōs
Voc.	discipulo+i	=*discipul*ī
Abl.	discipulo+is	=*discipul*īs.

Tema *prato*, n., o prado.

Singular

Nom.	prato+m	=*prat*ŭm
Gen.	prato+i	=*prat*ī
Dat.	prato+i	=*prat*ō
Ac.	prato+m	=*prat*ŭm
Vov.	prato+m	=*prat*ŭm
Abl.	prato+d	=*prat*ō

Plural

Nom.	prato+a	=*prat*ă
Gen.	prato+sum	=*prat*ōrum
Dat.	prato+is	=*prat*īs
Ac.	prato+a	=*prat*ă
Voc.	prato+a	=*prat*ă
Abl.	prato+is	=*prat*īs.

1) Outros autores explicam este mesmo fato mofológico de maneira diferente.

TERCEIRA DECLINAÇÃO

546. — A terceira declinação compreende duas espécies de substantivos:

A) todos os que terminam o tema em **consoante,**

B) todos os que terminam o tema na **vogal i,** e a estes se acrescentam dois temas em **u:** *su, gru,* nom. *sus* (m. e f.), porco, porca; *grus* (f), grou.

A) TEMAS EM CONSOANTE

547. — Os temas em consoante podem terminar: **I)** em *muda* ou **II)** em *semivogal.*

I) Os temas em **consoante muda** subdividem-se em temas em	1) *gutural;* **c, g;** 2) *labial:* **p, b;** 3) *dental:* **t, d.**
II) Os temas em **semivogal** subdividem-se em temas em	1) *líquida:* **l, r;** 2) *nasal:* **m, n;** 3) *sibilante:* **s.**

I) TEMAS EM CONSOANTE MUDA

1) *Temas em* **gutural: c, g.**

Singular

548. — *a)* O *nom.* e *voc. sing.* dos temas em gutural formam-se acrescentando-se aos temas a desinência **s**, que, unindo-se às guturais **c, g,** produzem a consoante dupla **x**, por exemplo: tema *reg,* nom. e vo.: **reg+s** =*rex*; tema *voc,* nom. e voc.: **voc+s** =*vox.*

b) Genitivo. Forma-se acrescentando **is**: *voc*-**is**, *reg*-**is.**

c) Dativo. Acrescenta-se **i**: *voc*-**i**, *reg*-**i.**

d) Acusativo. Forma-se acrescentado a consaonte **m**, que se une ao tema por meio da vogal unitiva **e**: *voc*-**e-m**, *reg*-**e-m.**

e) Ablativo. Acrescenta-se a vogal **e** (do antigo caso instrumental que se perdeu): *voc*-**e**, *reg*-**e.**

Plural

a) Nom. e *voc.* Formam-se acrescentando **es**: *voc*-**es**, *reg*-**es.**

b) Genitivo. Forma-se com a desinência **um**: *voc*-**um**, *reg*-**um**

c) Dat. e *abl.* acrescenta-se a desinência **bus**, precedida da vogal unitiva **i**: *voc*-**i-bus**, *reg*-**i-bus.**

d) Acusativo. Acrescenta-se ao acus. sing. a desinência s, que provoca, como na primeira e segunda declinação, a queda da consoante **m**: *voc-e-m-*s, *reg-e-m-*s = *voc-e-*s, *reg-e-*s.

Observações. — *1)* Todo o substantivo que termina o nominativo singular em x terá o genitivo em *cis* ou *gis* e todo o substantivo que adiante das desinências dos casos apresenta as consoantes *c* ou *g* terá seu nominativo em x.

2) Nos temas polissílabos a vogal temática *i*, que aparece no genitivo sing. adiante da gutural, torna-se *e* no nom. singular: jud*i*c-is, gen. = nom. jud*e*x, juiz; rem*i*g-is = nom. remēx, remador. Excetua-se o genitivo calĭc-is, nom. calĭx, calice. O substantivo *niv-is*, gen. faz o nominativo *nix*, neve (tema *niv* por *nigv*).

2) *Temas em* **labial**: p, b.

549. — O *nom.* e *voc. sing.* dos temas em *labial* formam-se acrescentando-se ao tema a desinência **s**: temas *princep* (principe) = nom. e voc. *princep-*s; tema *trab* (trave) = nom. e voc. *trabs*. A formação dos demais casos é idêntica à dos temas em gutural: gen. *princip-***is**, *trab-***is**, etc.

Observações. — *1)* Nos temas polissílabos a vogal temática *i*, que aparece no genitivo sing. adiante da labial, torna-se *e* no nominativo singular: princĭp-is, gen. = nom. princeps; caelĭb-is, gen. = nom. caelēbs, solteiro.

2) O substantivo aucŭpis, gen. faz o nominativo sing. aucēps, caçador de aves.

3) *Temas* em **deantal**: *t*, d.

550. — O *nom.* e *voc. sing.* dos temas em dental formam-se acrescentando-se ao tema a consaonte s, adiante da qual se elidem as consaontes **t, d**: tema *virtut* = nom. e voc. *virtut-*s = *virtus*, virtude; tema *custod* = nom. e voc. *custod-*s = *custos*, guarda. A formação dos demais casos é idêntica à dos temas em gutural e labial: gen. *virtut-***is**, *custod-***is**, etc.

Observações. — *1)* Nos temas polissílabos a vogal temática i, que aparece no genitivo sing. adiante da dental, se torna *e* no nominativo singular: equĭtis, gen. = nom. equĕs, cavaleiro; obsĭdis, gen. = nom. obsĕs, refem.

2) Os substantivos neutros *lac, lactis*, n., leite; *cor. cordis*, n., coração; *caput, capĭtis*, n., cabeça (em que a vogal *ĭ* se torna *ŭ* no nominativo) e todos os substantivos gregos neutros em *ma*, por exemplo *poēma, poēmătis*, poema, não recebem s no nominativo e este caso é igual ao tema, dando-se, porem, a queda das consoantes que não podem ser finais na língua latina Cf., n. 32, pág. 38, e pág. 40).

3) Nos substantivos *pēs, pĕdis*, m., o pé; *abĭēs, abĭĕtis*, f., abeto; *arĭēs, arĭĕtis*, m., carneiro e *parĭēs, parĭĕtis*, m., ĕ (breve) temático tornou-se ē longo no nominativo, por compensação da dental que desapareceu.

II) TEMAS EM SEMIVOGAL

1) *Temas em* **líquida**: **l, r.**

551. — O *nom.* e *voc. sing.* dos temas em *líquida* são iguais ao próprio tema: *consul*, m., o consul (tema e nom.); *dolor*, m., a dor (tema e nom.). A formação dos demais casos é idêntica à dos temas já estudados: gen. *consul-***is**, *dolor-***is**, etc.

Observações. — 1) Alguns temas em *or*, para formarem o nom., mudam o *ŏ* em *ŭ*: ēbŏris, gen. = ebŭr, nom., o marfim; robŏris, gen. = robŭr, nom., a força.

2) Os temas em *tr* (originariamente *ter*) inserem entre as consoantes *t* e *r* a vogal *e* para a formação do nom. e voc.: *patris*, gen. = pater, nom. e voc., o pai; *matris*, gen. = mater, nom. e voc., a mãe; *fratris*, gen. = frater, nom. e voc., o irmão. — Assim o tema *imbr*, gen. *imbr-is*, faz o nominativo imber, a chuva. Ao passo que alguns opinam que *imber*, *imbris*, chuva; *uter*, *utris*, odre; *linter*, *lintris*, barco, têm o tema em vogal *i*: imbr*i*, utr*i*, lintr*i*.

2) *Temas em* **nasal: m, n.**

552. — O *nom.* e *voc. sing.* dos temas que terminam em *nasal* **n** formam-se eliminando a dita nasal: tema *sermon* = nom. *sermo;* tema *legion* = nom. *legio*. Para a formação dos demais casos acrescentam-se as mesmas desinências, logo: gen.: *sermon*-**is**, *legion*-**is**; dat.: *sermon*-**i**, *legion*-**i**; ac.: *sermon*-**em**, *legion*-**em**, etc.

Observações. — *1*) Os temas em *ōn* (*ō* longo) conservam em todos os casos a vogal *ō*, ao passo que os em *ŏn* (*ŏ* breve) mudam a vogal *ŏ* em *ĭ*, tema *homon* = *homin*, genitivo hom*i*n-is, nom. *homo*, o homem; tema *ordon* = *ordin*, genitivo ordĭn-is, nom. *ordo*, a ordem; tema *virgon* = *virgin*, genitivo virgĭn-is, nom. *virgo*, a virgem. Notem-se *caro*, *carnis* (por *carĭnis*) a carne e *Anio*, *Aniēnis*, o Anieno (rio).

2) Os temas em *ēn* (com o *ē* longo) têm o nominativo igual ao tema: tema e nom. *rēn*, gen. *renis*, o rim; os em *ēn* (com *ĕ* breve) têm tambem o nominativo igual ao tema, mas nos outros casos mudam o *ĕ* em *ĭ*: tema nomĕn = nom. nomĕn, n., o nome, gen. nomĭn-is; tema tubĭcĕn = nom. tubĭcĕn, m., trombeteiro, gen. tubicĭn-is; tema flumĕn = nom. flumĕn, n., o rio, gen., flumĭn-is; tema pectĕn = nom. pectĕn, m., o pente, gen. pectĭn-is.

3) Os únicos temas em nasal que recebem o s no nominativo sing. são *hiem-s*, hiĕm-is, f., o inverno e *sanguis*, sanguĭn-is, m., de *sanguin-s*, o sangue.

3) *Temas em* **sibilante : s.**

553. — O *nom. sing.* dos substantivos que terminam em s é igual ao tema: tema *mos* = nom. *mos*, m., o costume; tema *os* = nom. *os*, n., a boca; tema *mas* = nom. *mas*, m., o macho; tema *jus* = nom. *jus*, n., o direito. Nos demais casos, excetuando-se naturalmente o voc. sing. masculino e feminino e o nom., ac. e voc. neutro, a consoante s, achando-se entre duas vogais, torna-se **r**: **mor-is**, **or-is**, **mar-is jur-is.**

Observações. — *1*) Alguns temas terminados em **os**, que se torna **or**, fazem o nominativo em **us**: tema *corpos* = *corpor* = nom. corpŭs, n., o corpo, gen. corpŏr-is; tema *frigos* = *frigor* = nom. frigŭs, n. o frio, gen. frigŏr-is.

2) Alguns temas terminados em **is** têm o nominativo igual ao tema, enquanto nos demais casos, alem da mudança do s em **r**, mudam a vogal *ĭ* em *ĕ*: tema *pulvis* = nom. *pulvĭs*, m., o pó gen. pulvĕr-is; tema *cinis* = nom. *cinĭs*. m. (e f.), cinza, gen. cinĕr-is.

3) Alguns temas terminados em **es**, que se torna **er**, fazem o nominativo em **us**: tema *genes* = *gener* = nom. genŭs, n., gênero, gen. genĕr-is; tema *opes oper* = nom. opŭs, n., obra, gen. opĕr-is.

4) Os temas terminados em **ss**, **rr**, **ll** perdem no nominativo uma consoante: tema *oss* = nom. *os*, n. osso gen. *oss-is;* tema *farr* = nom. *far*. n., escândea, gen. *farr-is;* tema *mell* = nom. *mel*, n., o mel, gen. *mell-is*.

B) TEMAS EM VOGAL

Vogal: i

Singular:

554. — *a*) O *nom.* e *voc.* dos temas em **i** formam-se nos substantivos *masculinos* e *femininos* acrescentando-se-lhes a desinência **s**: tema *colli* = nom. *colli-s*, m., oiteiro; tema *avi* = nom. *avi-s*, f., ave. Algumas vezes a vogal abranda-se em **e**, razão por que o nominativo em alguns substantivos termina em **es**: tema *vulpi* = nom. *vulpe-s*, raposa. Pode-se considerar uma exceção o substantivo *senex*, *senis*, o velho.

Os *neutros* mudam sempre o **i** em **e**: tema *mari* = nom. *mare*, n., o mar. Nos temas polissílabos em *ălī* e *ărī* elide-se a vogal *e* do nom. e o *ā* longo abrevia-se em *ă* breve: tema animālī, exemplārī = nom. *anĭmăl*, *exēmplăr* em lugar de animāle, exemplāre.

b) O *gen.* e *dat.* formam-se acrescentando-se ao tema as desinências **is**, **i**, com as quais se contrai a vogal temática **i**: tema *colli*, gen. *colli* + *is* = *collis*; dat. *colli* + *i* = *colli*; tema *avi*, gen. *avis*, dat. *avi*; tema *mari*, gen. *maris*, dat. *mari*; tema *animali*, gen. *animalis*, dat. *animali*.

c) O *ac. masc.* e *fem.* forma-se com a consoante **m**, mudando quase todos a vogal temática **i** em **e**, poucos são os substantivos que a conservam: tema *colli* = ac. coll*e-m*; tema *avi* = ac. av*e-m*; tema *siti* = ac. sit*i-m*, a sede; tema *buri* = ac. bur*i-m*, a rabiça do arado. Note-se do tema *viri* o ac. *vi-m*, com o tema abreviado e o nominativo *vis*, a força. Nos substantivos *neutros* o acusativo é igual ao nominativo.

d) O abl. formou-se acrescentando-se a consoante **d**, que se obliterou em seguida, e nos substantivos masculinos e femininos a vogal temática **i** mudou-se em **e**, continuando inalterada nos outros: tema *colli* = *collid* = coll*e*; tema *vulpi* = vulp*e*; tema *avi* = av*e* (e *avi*); tema *mari* = mar*i*; tema *animali* = animal*i*; tema *exemplari* = exemplar*i*.

Plural:

a) O *nom.* e *voc. masculino* e *feminino* formam-se acrescentando-se **es**, que se contrai com o **i** temático. Estes mesmos casos do gênero *neutro* formam-se com a desinência **a**: tema *colli* = nom. e voc. *colli-es* = coll*es*, tema *avi* = av*es*, tema *vulpi* = vulp*es*, tema *mari* = mari-*ă*, tema *animali* = animali-*ă*, tema *exemplari* = exemplari*ă*.

b) O genitivo forma-se com a desinência **um**: tema *colli* = colli-*um*, *avi* = avi-*um*, *vulpi* = vulpi-*um*, *mari* = mari-*um*, *animali* = animali-*um*, *exemplari* = exemplari-*um*.

c) O *ac. masc.* e *fem.* forma-se acrescentando-se ao ac. singular a desinência **s**, o que provoca a queda da consoante **m**; nos substan-

tivos *neutros* acrescenta-se a desinência **a**: tema *colli* = *colle-m-s* = = colle-*s*, *mari* = mari-*a*. O acusativo plural pode tambem terminar em **is**: coll*is*, host*is*, fin*is*. O substantivo *vis* faz no nom. ac. e voc. plur. *vir-es* de *vis-es* do tema *vis* por *vir* de *viri* com rotacismo.

d) O *dat.* e *abl.* formam-se com a desinência **bus**: tema *colli* = colli-*bus*, *avi* = avi-*bus*, *vulpi* = vulpi-*bus*, *mari* = mari-*bus*, *animali* = animali-*bus*, *exemplari* = exemplari-*bus*.

Os mesmos princípios aplicam tambem aos adjetivos da segunda classe.

Vogal: u.

555. — Só dois substantivos pertencem aos temas terminados em **u**: *sus* (m. e f.), porco, porca, tema **su**; *grus* (f.) grou, tema **gru**.

Formam o *nom. sing.* acrescentando-se-lhes s ao tema: *su*-s, *gru*-s. A formação dos demais casos é igual à que acabamos de estudar: gen. *su-is, gru-is;* dat. *su-i, gru-i;* ac. *su-em, gru-em,* etc. Notem-se o dativo e ablativo plur.: *su-bus,* melhor que *su-i-bus.*

Esquema

Tema *colli*, m., o oiteiro.

Singular

Nom.	colli+s	= *coll*ĭs	Ac.	colli+m	= *coll*ĕm
Gen.	colli+is	= *coll*ĭs	Voc.	colli+s	= *coll*ĭs
Dat.	colli+i	= *coll*ī	Abl.	colli+d	= *coll*ĕ

Plural

Nom.	colli+es	= *coll*ēs
Gen.	colli+um	= *coll*ĭum
Dat.	colli+bus	= *coll*ĭbus
Ac.	colli+m	= colle+m+s = *coll*ēs
Voc.	colli+es	= *coll*ēs
Abl.	colli+bus	= *coll*ĭbus.

Tema *mari*, n., o mar.

Singular			Plural		
Nom.	mari	= *mar*ĕ	Nom.	mari+a	= *mar*ĭa
Gen.	mari+is	= *mar*ĭs	Gen.	mari+um	= *mar*ĭum
Dat.	mari+i	= *mar*ī	Dat.	mari+bus	= *mar*ĭbus
Ac.	mari	= *mar*ĕ	Ac.	mari+a	= *mar*ĭa
Voc.	mari	= *mar*ĕ	Voc.	mari+a	= *mar*ĭa
Abl.	mari+d	= *mar*ī	Abl.	mari+bus	= *mar*ĭbus.

556. — QUADRO ESQUEMATICO

das principais terminações do nominativo e genitivo singular da terceira declinação

	NOMINATIVO	TEMA	GENITIVO	SIGNIFICAÇÃO
Gutural	*dux, m.*	duc	*ducis*	comandante
	judex, m.	judic	*judĭcis*	juiz
	radix, f.	radic	*radīcis*	raiz
	calix, m.	calic	*calĭcis*	cálice
	pax, f.	pac	*pacis*	paz
	falx, f.	falc	*falcis*	foice
	rex, m.	reg	*regis*	rei
	remex, m.	remig	*remĭgis*	remador
	nix, f.	niv por *nigv*	*nivis*	neve
Labial	*trabs, f.*	trab	*trabis*	trave
	princeps, m.	princip	*princĭpis*	príncipe
	auceps, m.	aucup	*aucŭpis*	caçador de aves
Dental	*virtus, f.*	virtut	*virtūtis*	valor
	eques, m.	equit	*equĭtis*	cavaleiro
	caput, n.	capit	*capĭtis*	cabeça
	lac, n.	lact	*lactis*	leite
	civitas, f.	civitat	*civitātis*	cidade
	obses, m., f.	obsid	*obsĭdis*	refem
	poēma, n.	poëmat	*poëmătis*	poema
	nox, f.	noct	*noctis*	noite
	cor, n.	cord	*cordis*	coração
	mons, m.	mon (monti)	*montis*	monte
	dens, m.	dent (denti)	*dentis*	dente
	ars, f.	art (arti)	*artis*	arte
	frons, f.	frond(frondi)	*frondis*	fronde
Liquida	*consul, m.*	consul	*consŭlis*	consul
	sol, m.	sol	*solis*	sol
	mel, n.	mell	*mellis*	mel
	doctor, m.	doctor	*doctōris*	mestre
	scriptor, m.	scriptor	*scriptōris*	escritor
	marmor, n.	marmor	*marmŏris*	mármore
	guttur, n.	guttur	*guttŭris*	garganta
	ebur, n.	ebor	*ebŏris*	marfim
	cadaver, n.	cadaver	*cadavĕris*	cadaver
	pater, m.	patr	*patris*	pai
	imber, m.	imbr	*imbris*	chuva
	far, n.	farr	*farris*	escândea

	NOMINATIVO	TEMA	GENITIVO	SIGNIFICAÇÃO
Nasal	*sermo, m.*	**sermon**	*sermōnis*	discurso
	ordo, m.	**ordin**	*ordĭnis*	ordem
	caro, f.	**carn**	*carnis*	carne
	ratio, f.	**ration**	*ratiōnis*	razão
	nomen, n.	**nomin**	*nomĭnis*	nome
	splen, m.	**splen**	*splenis*	baço
	pecten, m.	**pecten**	*pectĭnis*	pente
	sanguis, m.	**sanguen**	*sanguĭnis*	sangue
	hiems, f.	**hiem**	*hiĕmis*	inverno
Sibilante	*mos, m.*	**mos**	*moris*	costume
	arbor, f.	**arbos**	*arbŏris*	árvore
	os, n.	**os**	*oris*	boca
	labor, m.	**labos**	*labōris*	trabalho
	robur, n.	**robos**	*robŏris*	força
	mas, m.	**mas**	*maris*	macho
	pulvis, m.	**pulvis**	*pulvĕris*	pó
	crus, n.	**crus**	*cruris*	perna
	corpus, n.	**corpos**	*corpŏris*	corpo
	genus, n.	**genes**	*genĕris*	gênero
	os, n.	**oss**	*ossis*	osso
	as, m.	**ass**	*assis*	asse
Vogal	*vitis, f.*	**viti**	*vitis*	videira
	caedes, f.	**caedi**	*caedis*	matança
	vallis, f.	**valli**	*vallis*	vale
	tribunal, n.	**tribunali**	*tribunālis*	tribunal
	lacunar, n.	**lacunari**	*lacunāris*	teto
	monile, n.	**monili**	*monīlis*	colar
	grus, f.	**gru**	*gruis*	grou
	sus, m. f.	**su**	*suis*	porco, porca
Labial-Dental	*bos, m. f.*	bov	*bovis*	boi, vaca

QUARTA DECLINAÇÃO

557. — A quarta declinação compreende todos os substantivos cujos temas terminam em **u**.

Singular:

a) Nominativo. Forma-se acrescentando-se ao tema a consoante s para o *masc.* e *fem.*; o nom. *neutro* não recebe desinência,

mas alonga o ŭ breve em ū longo: tema *fructŭ* nom. fructŭ-*s*, o fruto; tema *manŭ* = nom. manŭ-*s*, tema *cornŭ* = nom. cornū.

b) *Genitivo*. Acrescenta-se à vogal temática a desinência **is**: ŭ+ĭs=ūs: fructŭ-*is*=fructūs; manŭ-ĭs=manūs; cornŭ-ĭs=cornūs.

c) *Dativo*. Acrescenta-se **ī** aos substantivos *masculinos* e *femininos*. O dativo *neutro* é igual ao nominativo: fructŭ-ī, manŭ-ī, cornū.

d) *Acusativo*. Fórma-se com a consoante **m** nos substantivos *masculinos* e *femininos*. O ac. *neutro* é igual ao nominitivo: fruct*u-m*, man*u-m*, cornū.

e) *Vocativo*. E' sempre igual ao nominativo: fructŭ-*s*, manŭ-*s*, cornū.

f) *Ablativo*. Originariamente acrescentava-se a desinência **d**, que desapareceu ao depois: fructŭ-*d*=fructū, manŭ-*d*=manū, cornŭ-*d*=cornū.

Plural:

a) *Nom*. e *voc*. *masc*. e *fem*. A terminação ūs do nominativo e voc. é o resultado da contração da vogal temática ŭ com a desinência ēs: fructŭ-*es*=fructūs, manŭ*es*=manūs. A desinência do *neutro* é ă: cornŭ-ă.

b) *Genitivo*. A desinência do genitivo é **um**: fructŭ-*um*, manŭ-*um*, cornŭ-*um*.

c) *Dativo* e *ablativo*. Formam-se estes dois casos com o sufixo **bus**, abrandando-se quase sempre a vogal temática ŭ em ĭ: fructŭ-*bus* = fructĭ-*bus*, manŭ-*bus*=manĭ-*bus*, cornŭ-*bus*=cornĭ-*bus*.

d) *Acusativo*. Com os substantivos *masc*. e *fem*. acrescenta-se a *consoante* s ao *ac*. *sing*. o que provoca a queda do **m**. Forma-se o ac. *neutro* plural acrescentando-se ao tema em ŭ a vogal ă: fructŭ-*m-s*=fructū-*s*, manŭ-*m-s*, =manū-*s*, cornŭ-ă.

Esquema

Tema *cantu*, m., o canto.

Singular

Nom.	cantu+s	=*cant*ŭs
Gen.	cantu+is	=*cant*ūs
Dat.	cantu+ī	=*cant*ŭī
Ac.	cantu+m	=*cant*ŭm
Voc.	cantu+s	=*cant*ŭs
Abl.	cantu+d	=*cant*ū

Plural

Nom.	cantu + ēs	= *cant*ūs
Gen.	cantu + um	= *cant*ŭum
Dat.	cantu + bus	= *cant*ĭbus
Ac.	cantu + m + s	= *cant*ūs
Voc.	cantu + ēs	= *cant*ūs
Abl.	cantu + bus	= *cant*ĭbus.

Tema *genu,* n., o joelho.

Singular

Nom.	genū
Gen.	genŭ + is = *gen*ūs *ou* *gen*ū
Dat.	genū
Ac.	genū
Voc.	genū
Abl.	genŭ + d = *gen*ū

Plural

Nom.	genŭ + a	= *gen*ŭa
Gen.	genŭ + um	= *gen*ŭum
Dat.	genŭ + bus	= *gen*ĭbus
Ac.	genŭ + a	= *gen*ŭa
Voc.	genŭ + a	= *gen*ŭa
Abl.	genŭ + bus	= *gen*ĭbus

QUINTA DECLINAÇÃO

558. — A quinta declinação compreende todos os substantivos cujo tema termina em *ē*.

Singular:

a) *Nom.* e *Voc.* Formam-se acrescentando-se à vogal temática *ē* a consoante **s** : tema *diē* = nom. diē-*s*, tema *rē* nom. rē-*s*.

b) *Genitivo* e *dativo*. Estes dois casos formam-se com a desinência *ī*: diē-*ī*, rĕ-*ī*.

c) *Acusativo*. Acrescenta-se a desinência **m** : die-*m*, re-*m*.

d) *Ablativo*, Formamva-se com a desinência **d**, que desapareceu em seguida: *die-d* = di*ē*, *re-d* = r*ē*.

Plural:

a) *Nominativo* e *vocativo*. Acrescenta-se a desinência **es**, que se contrai com a vogal temática em *ēs*: *die-es* = di*ēs*, *re-es* = r*ēs*.

b) *Genitivo*. A desinência era **sum**. O *s* entre duas vogais tornou-se *r* (rotacismo): *die-sum* = die-*rum*, *re-sum* = re-*rum*.

c) *Acusativo*. Acrescenta-se s ao acusativo sing. o que provoca a queda da consoante **m** : *die-m-s* = di*ēs*, *re-m-s* = r*ēs*.

d) *Dativo* e *ablativo*. Formam-se acrescentando-se **bus** à vogal temática e: di*e-bus*, r*e-bus*.

Esquema

Tema *die*, m., o dia.

Singular			Plural		
Nom.	die+s	=*di*ēs	Nom.	die+es	=*di*ēs
Gen.	die+i	=*di*ēi	Gen.	die+sum	=*di*ērum
Dat.	die+i	=*di*ēi	Dat.	die+bus	=*di*ēbus
Ac.	die+m	=*di*em	Ac.	die+m+s	=*di*ēs
Voc.	die+s	=*di*ēs	Voc.	die+es	=*di*ēs
Abl.	die+d	=*di*ē	Abl.	die+bus	=*di*ēbus

Tema *re*, f., a cousa

Singular			Plural		
Nom.	re+s	=*r*ēs	Nom.	re+es	=*r*ēs
Gen.	re+i	=*r*ĕi	Gen.	re+sum	=*r*ērum
Dat.	re+i	=*r*ĕi	Dat.	re+bus	=*r*ēbus
Ac.	re+m	=*r*em	Ac.	re+m+s	=*r*ēs
Voc.	re+s	=*r*ēs	Voc.	re+es	=*r*ēs
Abl.	re+d	=*r*ē	Abl.	re+bus	=*r*ēbus

Observação. — Antigamente havia um caso especial que só servia para o complemento de *lugar onde*, que se chamava **locativo** e outro para o complemento de *instrumento*, que se chamava **instrumental**. Do antigo locativo, que terminava em **i**, ficaram uns poucos exemplos, p. ex.: *domi*, em casa; *humi*, em terra; *ruri*, no campo. O locativo fundiu-se com o genitivo, o outro com o ablativo. Cf. n. 179, *b*, pág. 185; n. 181, pág. 186; n. 295, *2*, pág. 238.

CAPITULO II

NOTAS FILOLÓGICAS SOBRE O VERBO LATINO

Introdução.

559. — Dizíamos no número 84 pág. 91 que os tempos *primitivos* ou *principais* do verbo são quatro, a saber; *1*) o *presente* do *indicativo*, *2*) o *perfeito* do *indicativo*, *3*) o *supino* e *4*) o *infinito presente*. Observamos agora que este último se considera como tempo principal unicamente por razões práticas, cientificamente tambem ele forma-se do tema do presente.

Elementos constitutivos do verbo.

560. — Em todo o verbo latino deve-se distinguir: *1*) o *radical* ou *tema verbal geral; 2*) o *tema temporal; 3*) *a desinência pessoal.*

1) RADICAL OU TEMA VERBAL GERAL

O *radical* ou *tema verbal* geral (que em toda a conjugação fica inalterado ou quase), indica a idéia genérica e indeterminada do verbo; e as mais das vezes forma-se do infinito presente, tirando-se *are* na primeira conjugação, *ēre* (longo) na segunda, *ĕre* (breve) na terceira e *ire* na quarta, p. ex.:

de *laudāre* forma-se o tema verbal geral *laud;* de *monēre, mon;* de *legĕre, leg;* de *audīre, aud.*

2) TEMA TEMPORAL

O *tema temporal* une à idéia genérica do verbo uma determinação de tempo; e forma-se do tema verbal geral acrescentando-se-lhes uns sufixos que pelas suas funções chamam-se sufixos *temporais*.

Todo tempo tem seu sufixo particular.

1) **O tema temporal do presente.**

561. — O tema temporal do presente forma-se do tema verbal geral, acrescentando-se *ā* na primeira conjugação, *ē* na segunda e *ī* na quarta. Estas vogais chamam-se vogais características das mesmas conjugações.

A vogal **a** na primeira pessoa do indicativo presente da primeira conjugação com a desinência *o* se contrai em **o,** p. ex.:

do tema v. geral	**lau+a**	forma-se o tema temp.	**lauda** e o pres. laudo(=laudao);
»	» **mon+e**	»	»	**mone** e o pres. moneo;
»	» **aud+i**	»	»	**audi** e o pres. audio.

Nota. — *I*) A *terceira conjugação* não tem vogal *caraterística,* mas tem uma vogal *unitiva* — **i, e, o, u,** — que une o tema à desinência, p. ex.:

de **leg** forma-se o presente *ativo leg-o, leg-i-s, leg-i-t, leg-i-mus, leg-i-tis, leg-u-nt;* o *passivo*: *leg-o-r, leg-e-ris, leg-i-tur, leg-i-mur, leg-i-mini, leg-u-ntur.*

Nota. — *II*) Em muitos verbos da terceira conjugação, o tema do presente forma-se do tema verbal geral:

1) acrescentando-se, *l, n, t, u, sc, isc* ou *esc,* p. ex.:

do tema v. geral	pel+l	forma-se o tema do pres.	**pell**	e o pres.	**pello ;**
»	» tem+n	»	»	**temn**	»	**temno ;**
»	» flec+t	»	»	**flect**	»	**flecto ;**
»	» disting+u	»	»	**distingu**	»	**distinguo ;**
»	» no+sc	»	»	**nosc**	»	**nosco ;**
»	» ingem+isc	»	»	**ingemisc**	»	**ingemisco ;**
»	» flor+esc	»	»	**floresc**	»	**floresco.**

2) Antepondo-se *n* ou *m* à última consoante, p. ex.:

do tema v. geral **vic** forma-se o tema do pres. **vi-n-c** e o pres. **vinco**;
» » **rup** » » **ru-m-p** » **rumpo**.

3) antepondo-se a *primeira consoante* do tema e a vogal *i* (*redobro do presente*), p. ex.:

do tema v. geral **st** forma-se o tema do pres. **si-st** e o pres. **sisto**;
» » **gn** » » **gi-gn** » **gigno**.

Observação. — Praticamente o tema do presente forma-se do infinito presente, tirando-se a sílaba re nos verbos da primeira, segunda e quarta conjugação e ere nos da terceira.

2) O tema temporal do perfeito.

562. — *a*) O tema temporal do perfeito as mais das vezes forma-se do tema verbal geral.

I) acrescentando-se a vogal característica e a consoante *v* (isto é, *av*, *ev*, *iv*), ou *u* ou *s**, por exemplo, do tema verbal geral:

laud forma-se o tema do perf. **laud-a-v** e o per. **laudavi**;
del » » **del-e-v** » **delevi**;
aud » » **aud-i-v** » **audivi**;
mon » » **mon-u** » **monui**;
man » » **man-s** » **mansi**;
scrib » » **scrib-s** » **scripsi**;
duc » » **duc-s** » **duxi**;
reg » » **reg-s** » **rexi**;
claud » » **claud-s** » **clausi**;
quat » » **quăt-s** » **quassi**;
concut » » **concŭt-s** » **concussi**.

II) alongando-se a última vogal do tema (que, se for **a**, pode mudar-se em **ē**), p. ex.:

de **vĭdeo** tema **vid** forma-se o perfeito **vīdi**;
» **lĕgo** » **leg** » » **lēgi**;
» **căpio** » **cap** » » **cēpi**;
» **ăgo** » **ag** » » **ēgi**.

III) antepondo-se o redobro, que consta da *primeira consoante* do tema e da vogal *e*, ou da *primeira consoante* e *primeira vogal* do tema p. ex.:

de **cado** tema **cad** forma-se o perfeito **ce-cidi**;
» **tango** » **tag** » » **te-tigi**;
» **mordeo** » **mord** » » **mo-mordi**;
» **curro** » **cur** » » **cu-curri**.

(*) A *labial* **b** antes de s muda-se em **p**; as *dentais* **t** e **d** elidem-se antes de s, ou — *se a vogal que precede for breve* — mudam-se em s.

b) Em alguns verbos o tema do perfeito é igual ao tema verbal geral, p. ex.:

vērt é o tema do presente *vērto* e do perfeito *vērti;*
mĕtu » » *mĕtuo* » *mĕtui.*

3) O tema temporal do supino.

563. — O tema temporal do supino forma-se do tema geral, acrescentando-se o sufixo *tum* ou *sum*. — Os verbos da primeira, segunda e quarta conjugação antepoem a *tum* a vogal característica, e os da segunda com o perfeito em *ui* antepõem *ĭ* em lugar de *e*.

Antes de *t*, **b** muda-se em **p**, e **g** e **h** em **c**; as consoantes **t** e **d** elidem-se antes de **s**, p. ex.:

de	**laudo** tema	*laud*	forma-se o supino	*laud-a-tum;*
»	**deleo**	*del*	» »	*del-e-tum;*
»	**moneo**	*mon* (perf. *monui*)	» »	*mon-ĭ-tum;*
»	**audio**	*aud*	» »	*aud-i-tum;*
»	**scribo**	*scrib*	» »	*scrip-tum;*
»	**lego**	*leg*	» »	*lec-tum;*
»	**traho**	*trah*	» »	*trac-tum;*
»	**evado**	*evad*	» »	*eva-sum.*

4) O tema temporal do infinito.

564. — O tema temporal do infinito forma-se do *tema do presente*, acrescentando-se *re* na primeira, segunda e quarta conjugação, e *ere* na terceira, p. ex.:

de **laudo, moneo** e **audio** o tema do presente é *lauda, mone, audi*, e o infinito é *lauda-re, mone-re, audi-re;* de **lego**, o tema é *leg*, e o infinito **leg-ere.**

Nota. — *I*) Os sufixos para a formação dos outros tempos e modos são os seguintes:

1) **Indicativo:** imperfeito *ba;* mais que perfeito *er-a;* futuro imperfeito *bo* na primeira a segunda, *a* (e *e*) na terceira e quarta conjugação; futuro perfeito *er-o*.

2) **Subjuntivo:** presente *e* na primeira, *a* nas outras conjugações; imperfeito *re;* perfeito *er-i;* mais que perfeito *sse*.

3) **Imperativo:** presente sem sufixo, futuro *to*.

4) **Particípio presente** *nt*, que no nominativo se muda em *ns*.

5) **Gerundivo** e **gerúndio**, *ndo:* o gerundivo no nominativo muda o *o* em *u*, toma *s* e termina em *ndus, nda, ndum;* o gerúndio no genitivo termina em **ndi.**

Nota. — *II*) Os verbos da *terceira* e *quarta conjugação* recebem *e* antes de *ba* do imperfeito do indicativo, do *nt* do particípio presente e de *ndus* do gerundivo. Todos os verbos recebem *i* antes da desinência *sse* do mais que perfeito do subjuntivo, p. ex.:

de **lego**, tema *leg*, formam-se **legebam, legens, legendus, legissem;** de **audio**, tema *audi*, formam-se **audiebam, audiens, audiendus, audivissem.**

5) DESINÊNCIA PESSOAL

565. — A *desinência pessoal* indica a pessoa que pratica ou padece a ação ou se acha no estado que o verbo exprime.

Eis o *quadro* das desinências pessoais:

pessoa	número	INDICATIVO E SUBJUNTIVO		IMPERATIVO			
				ativo		passivo	
		ativo	passivo	presente	futuro	presente	futuro
1.ª	Sing.	*o* ou *m*	*r*				
2.ª	»	*s*	*ris* ou *re*	nenhuma	*to*	*re*	*tor*
3.ª	»	*t*	*tur*		*to*		*tor*
1.ª	Plur.	*mus*	*mur*				
2.ª	»	*tis*	*mĭni*	*te*	*tote*	*mini*	
3.ª	»	*nt*	*ntur*		*nto*		*ntor*

Nota. — O *perfeito ativo* do indicativo tem a desinência *sti* na segunda pessoa do singular, *stis* na segunda do plural e *erunt* ou *ere* na terceira do plural.

APÊNDICE V

ABREVIATURAS EPIGRAFICAS — MOEDAS PESOS E MEDIDAS DOS ROMANOS

a) Principais abreviaturas latinas.

566. — As principais abreviaturas que os Romanos chamavam *notae* e mais tarde *sigla*, dizem respeito:

a) Aos nomes próprios de pessoa;
b) às fórmulas publicas das atas civis e dos cargos;
c) ao estilo epistolar;
d) às medidas;
e) as inscrições ou epígrafes, às dedicatórias e certas locuções particulares.

Quanto às abreviaturas dos nomes de moedas, cf. n. 567, *3*, pág. 448.

1) As princiapais abreviaturas das fórmulas públicas das atas civís e dos cargos são as seguintes: *Aed.* = *aedilis; Cos.* = *consul; Coss.* = *consules; Cur.* = *curulis; D.* = *divus; Des.* = *designatus; Eq. R.* = *eques romanus; F.* = *filius; Imp.* = *imperator; Leg.* = *legatus* ou *legio; N.* = *nepos; P. R.* = *populus romanus; P. S.* ou *Ps.* = *plebiscitum; P. C.* = *patres conscripti; Pont. M.* = *pontifex maximus; Praef.* = *praefectus; Prae.* = *praetor; Proc.* = *proconsul; Ouir.* = *Qquirites; Q. B. F.F. S.* = *quod bonum faustum felixque sit; Resp.* ou *R .P.* = *respublica; S.* = *senatus; S. C.* = *senatus consultum; S. P. Q. R.* = *senatus populusque romanus; S. P. P. Q. R.* = *senatus polulusque plebsque romana; Trib. Pl.* = *tribunus plebis.*

2) As do estilo espistolar são: *D. data* (subent. *epistula*); *S. D.* = *salutem dicit; S. P. D.* = *salutem plurimam dicit; S. V. B. E. E. V.* = *si vales, bene est; ego valeo; S. V. B. E. E. Q. V.* = *si vales, bene est; ego quidem valeo; S. V. G.* = *si vales, gaudeo.*

3) As abreviaturas das epígrafes, dedicatórias e de outras locuções usadas mais tarde, são: *A.* = *anno; A. c.* = *anni currentis; A. pr.* = *anni praeteriti; A. D.* = *anno Domini; A. M.* = *anno mundi; A. U. C.* = *anno urbis conditae; A.* (*P.*) *C. n.* = *ante* (*post*) *Christum natum; D. O. M.* = *Deo optimo maximo; Ictus* = *jurisconsultus; L. S.* = *loco sigilli; L. B.* = *lectori benevolo; l. c.* = *loco citato; D. D.* = *dono dedit; D. D. D.* = *dono dedit, dicavit; D. S. P.* = *de suo posuit; D. S. P. P.* = *de sua pecunia posuit; J. O. M.* = *Jovi optimo maximo; D. M. S.* = *Diis Manibus sacrum; F. F. F.* = *felix, faustum, fortunatum; F. C.* = *faciendum curavit; A. O. F. C.* = *amico optimo faciendum curavit; F. S. et S.* = *fecit sibi et suis; H. S. E. S. T. T. L.* = *hic situs est, sit tibi terra levis.*

b) Moedas, pesos e medidas.

I. — Medidas de valor ou moedas.

567. — O uso das moedas entre os Romanos remonta, segundo alguns, à época dos Decênviros (aproximadamente em 303 de Roma); segundo outros a Sérvio Túlio que teria amoedado cobre ou bronze do peso de uma libra com o cunho de um animal (*pecus*, donde o nome de *pecunia*).

1) A unidade de medida das moedas era o *asse* (*as, assis, m.*), que originariamente pesava uma libra (*as libralis* ou *librarius*); era de cobre donde *aes grave*.

Os submúltiplos eram:

dextans.................. = 10 onças.
semis ou *semissis* ou *semiassis* = 6 onças ou ½ libra.

2) O *asse* sofreu em seguida várias reduções: de uma libra-cerca de xxx réis (câmbio da Caixa de Conversão 16 dinheiros) de nossa moeda, foi reduzida a ½ libra ou a 6 onças; em seguida a 4, e, ao terminar a primeira guerra púnica, equivalia a 2 onças, e depois, pelo ano 587 de Roma, a uma onça; na época de Cicero a meia onça e o seu valor era de 30 réis, pouco mais ou menos.

3) Depois da introdução das moedas de prata (cerca de 268 anos antes da vinda de Cristo), as quantias de dinheiro computaram-se em sestércios=*sestertii*. O *nummus sestertius* era uma moeda de prata do valor de 2½ asses ou de 2½ libras, pouco mais ou menos, e marcava-se com a sigla *HS* (de *LLS*, quase *libra libra semis*) e equivalia a pouco mais de 120 réis. Quatro *sestertii* formavam o dinheiro, *denarius*, igual a 498 réis, tambem ele de prata.

4) Tambem as grandes quantias exprimiam-se por *sestertii*, diziam: *mille sestertii* ou *mille sestertium* (por *sestertiorum*) = 1.000 sestércios=122$700; *duo milia sestertium*, 2.000 sestércios, etc.

Bem cedo, porem, a palavra *sestertium* tornou-se um substantivo neutro indicando a quantia de 1.000 sestércios, e dizia-se *duo sestertia, tria sestertia*, em lugar de *duo milia sestertium*, etc. Neste caso, mais frequentemente, usavam os distributivos: *bina, terna, centena sestertia*, etc., 2.000, 3.000, 100.000 sestércios, etc.; *decies centena milia sestertium*, ou simplesmente *decies centena* e tambem *sestertium decies* 1.000.000 de sestércios; *sestertium vicies*, 2.000.000; *quinquies centena* ou *sestertium quinquies*, 5.000.000, etc.

5) As moedas de ouro não foram quase usadas antes do império. Um *aureus* (*nummus*) equivalia a 25 dinheiros, cerca de 12$270.

b) Eram tambem usadas as seguintes moedas gregas:

Obŏlus cerca de $090 *Philippus* cerca de 11$010
Drachma cerca de $558 *Mina* cerca de 54$960
Talentum cerca de 3:300$

2. — Medidas de comprimento, superfície, capacidade e peso.

a) Medidas de comprimento.

568. — As medidas de comprimento eram as seguintes:

Pes (unidade de medida), igual a 4 palmos, valia cerca de metros			0,29
Digitus, 1/16 do pé	»	»	0,018
Uncia, 1/12 do pé	»	»	0,024
Palmus, ¼ do pé	»	»	0,066
Cubĭtus, 6 palmos	»	»	0,44
Passus, 5 pés	»	»	1,49
Decempĕda, 10 pés	»	»	2,97
Stadium, 125 passos, 1/8 de milha	»	»	184,37
Actus, 120 pés	»	»	354,00
Miliarium, 1000 passos	»	»	1475,00

À beira das estradas, fora da cidade, a cada mil passos colocavam-se colunazinhas ou pedras, *marco miliário* (*lapis miliarius*), que marcavam a distância da cidade, p. ex.: *ad tertium lapidem ab urbe* ou *ad tertium miliarium ab urbe* = ao terceiro marco, isto é, a três milhas da cidade (cf. n. 226, *b*, pág. 206).

b) Medidas de superfície.

569. —

Jugerum (unid. de medida) = 28,800 pés quad. valia cerca de ares			24,68
Clima	»	»	3,08
Actus, ½ jeira	»	»	12,34
Heredium 2 jeiras	»	»	49,36
Centuria 100 herédias	»	»	4936,00
Saltus, 4 centúrias	»	»	19774,00

e) Medidas de capacidade.

570. — Das medidas de capacidade abaixo algumas serviam para líquidos outras para sólidos:

Cyăthus	cerca de litros	0,045
Quartarius	» »	0,137
Hemīna, 6 cíatos	» »	0,275
Sextarius, 2 êminas	» »	0,55
Cngius, 12 êminas	» »	3,25
Modius, 32 êminas	» »	8,70
Semodius, ½ módio	» »	4,35
Amphŏra, 8 conjos	» »	26,00
Urna, ½ ânfora	» »	13,00
Cadus, 1½ ânfora	» »	39,00
Medimus, 2 ânforas	» »	52,00
Culleus, 20 ânforas	» »	520,00

d) Medidas de peso.

571. — Principais medidas de peso:

Libra (*as* ou *pondo*), 12 onças, valia	cerca de grs.	327,187
Uncia 1½ da libra	» »	27,265
Sextans, 2 onças	» »	54,530
Qudrans, 3 onças	» »	81,797
Triens, 4 onças	» »	109,062
Quincunx, 5 onças	» »	136,328
Semissis ou *semi assis*, 6 onças	» »	163,593
Septunx, 7 onças	» »	190,859
Bes ou *bis triens*, 8 onças	» »	218,125
Dodrans (*dempto quadrante*) 9 onças	» »	245,390
Dextans (*dempto sextante*), 10 onças	» »	272,656
Deunx (*dempta uncia*), 11 onças	» »	299,922
Dipondo, 2 libras	» »	654,374
Trepondo, 2 libras	» »	981,560
Quadrussis, 4 libras	» »	1308—
Quincussis, 5 libras	» »	1636—
Decussis, 10 libras	» »	3272—
Talentum, 80 libras	» »	26175—
Centussis 100 libras	» »	32718—

Havia tambem os submúltiplos da onça, a saber: *semiuncia*, ½ onça; *sextŭla*, 1/6 da onça; *drachma*, 1/8 da onça; *semisextŭla*, 1/12 da onça; *scriptŭla*, 1/24 da onça.

APENDICE VI

DOS NOMES PROPRIOS DOS ROMANOS

572. — Os Romanos tinham três nomes próprios para distinguir a pessoa, a saber: *Prenome, Nome* e *Cognome.* Acrescentavam às vezes um quarto: o *Agnome.*

Para compreender exatamente o uso destes vários nomes, tornam-se necessárias as seguintes premissas:

A sociedade Romana dividia-se em *tribus, cúrias,* e *gentes.*

As *tribus,* em número de três, eram formadas dos povos incorporados no principio à família romana: os Romanos ,os Sabinos e os Etruscos. Cada *tribu* estava subdividida em dez distritos, chamados *cúrias.* Essa divisão era politica, militar e religiosa. As *cúrias* constavam de certo número de *gentes* ou grupos de famílias patrícias que reconheciam um antepassado comum.

Cada *gens,* p. ex.: *gens Cornelia, gens Julia, gens Fabia,* constava por sua vez de mais famílias, p. ex.: a *gens Cornelia* compreendia a familia dos Cipiões, dos Lêntulos, dos Cetegos, dos Cinas, dos Dolabelas, dos Silas; a *gens Claudia* compreendia as famílias dos Neros, dos Pulcros, dos Marcelos, e cada indivíduo de cada família tinha um nome que servia para distinguí-lo dos outros da mesma família, p. ex.: *Gaius, Lucius, Titus,* etc. Daí:

1) O *prenome* (posto antes do nome) servia para distinguir entre si os diversos membros da mesma família; corresponde, no papel que desempenhava, ao nosso nome de batismo.

O prenome precedia a todos, e conforme o dizer de Varrão, os prenomes eram pouco mais de trinta, e portanto conhecidos de todos, escreviam-se quasi sempre abreviados, alguns com uma só letra, outros com duas e outros com três, p.ex.: *A. = Aulus; C. = Gaius; D. = Decimus; K. = Kaeso; L. = Lucius; M. = Marcus; M. = Marius; N. = Numerius; P. = Publius; Q. = Quintus; T. = Titus; Ap. = Appius Cn. = Gneus; Sp. = Spurius; Mam. = Mamercus; Ser. = Servius; Sex. = Sextus.*

2) O *nome* (*nomen*) servia para designar a *gens* à que pertencia o indivíduo; assim os membros da *gens Julia* foram chamados *Julii.* Estes nomes são propriamente adjetivos e terminam em *-ius* p. ex.: *Corneilius, Fabius, Tullius, Octavius,* etc. Punham-se depois do prenome, e indicavam que o indivíduo pertencia à *gens Cornelia, Fabia, Tullia, Octavia,* etc.

3) O *cognome* (*cognomen quia nomini conjungitur*) distinguia as diversas familias de uma mesma *gens.* Punha-se em terceiro lugar, p. ex.: *Publius Cornelius Scipio* designava um indivíduo da gente Cornélia, da família dos Cipiões, chamado Públio; do mesmo modo *Gaius Caesar* indicava uma pessoa da gente Júlia, da família dos Césares, chamado Caio.

4) O *agnome* (quase *accidens nomen*) exprimia apelido tomado de algum sucesso ou circunstância especial, p. ex.: *Publius Cornelius Scipio Africanus*, porque se celebrizou por seus feitos na África: *Quintus Fabius Maximus Cunctator*, foi chamado *Cunctator* (temporizador) pela sua tática especial contra Anibal.

Observações. — *1*) Quando alguem, por adoção, entrava numa familia, tomava o nome e cognome do adotante, acrescentando na forma de adjetivo o nome da própria gens ou o cognome da própria família, p. ex.: *M. Julius Brutus*, tendo sido adotado por Q. Servílio Cepião Agalão, tomou todos os nomes dele e conservou o seu cognome de familia *Brutus*, e chamou-se *C. Julius Caepio Agalo Brutus;* ao invés, Otávio, adotado por Júlio Cesar, chamou-se *C. Julius Caesar Octavianus*, trocando *Octavius* en *Octavianus*.

2) As *mulheres* usavam um *prenome* que tinha a sua razão de ser em alguma qualidade das mesmas ou na analogia com o do marido. Quintiliano observa que o prenome marcava-se com as iniciais viradas para que se compreendesse que se tratava de mulher, p. ex.: Ɔ., Ꞁ., =Caia ou Cecília, Luzia.— As *filhas* tinham o *nome* (*nomen*) com desinência feminina e o conservavam tambem depois do casamento, p. ex.: *Tullia* (diminutivo *Tulliola*), *Terentia*, *Sempronia*, etc.

Quando numa família havia só duas filhas, a mais velha chamava-se *major*, a mais moça *minor;* se havia mais, distinguiam-se pelo número progressivo *Prima* (*Prisca*), *Secunda*, *Tertia*, *Quarta*, etc., que tambem tinham os seus diminutivos *Priscilla*, *Secundilla*, *Tertilla*, *Quartilla*, etc.

3) Os *escravos*, pelos seus senhores eram chamados *pueri*, e pelos outros com o acréscimo do prenome do dono, p. ex.: *Lucĭpor* (=*Lucii puer*); *Marcĭpor* (=*Marci puer*), ou com um nome que recordava o lugar de nascimento ou qualquer circunstância da vida, p. ex.: *Afer*, *Syrus*, *Davus*, *Geta*, *Tyro*, etc.

Forros ou libertos, tomavam o *prenome* e o *nome* do próprio amo, p. ex.: o liberto de Cícero, cujo nome era *Tyro*, foi chamado *Marcus Tullius Tyro*.

APÊNDICE VII

573. — ALGUNS NOMES DE ORTOGRAFIA NOTAVEL

A

Adolescens, participio de *adolesco.*
Adulescens, substantivo não *adolescens,* participio.
Adulescentia, adulescentulus, não *adol.*
Aetherius, não *aethereus.*
Aliquotiens, melhor que *aliquoties.*
Amoenus, não *amenus.*
Appenninus, melhor que *Apenninus.*
Arbor, não *arbos.*
Auctor, não *autor.*
Auctoritas, não *autoritas.*

B

Baliares, Baliaricus, melhor que *balear,*
Belua, não *bellua.*
Benedicere e **bene dicere.**
Benefacere e **bene facere.**
Bosporus, não *Bosphorus.*
Britannia, Britannus, não *Britt.*
Brundisium, não *Brundusium.*
Bucina, bucinator, não *bucc.*

C

Caecus, não *coecus.*
Caelebs, não *coelebs.*
Caeles, caelitis }
Caelicola, caelifer } não *coel.*
Caelum }
Carthago e **Kartago.**
Causa, melhor que *caussa.*
Cena, não *coena.*
Ceteri, não *caeteri.*
Clipeus, melhor que *clupeus.*
Condicio, (rad. dic.), não *conditio.*
Contio, (contração de conventio), não *concio.*
Conubium, não *connubium.*
Cotidie e **cottidie,** não *quotidie.*
Cum (conjuncção e preposição), não *quum.*
Cumque=et cum, não *cunque.*

D

Danuvius, não *Danubius.*
Dareus, melhor que *Darius,*
Dicio, não *ditio.*
Drachma, não *dracma.*

E

Elegea e **elegia.**
Elephas, não *elephans.*
Epistula, melhor que *epistola* — por causa da modificação latina do som *ó* em *u.*

F

Faenerator, faeneratrix, não *foen-*.
Faenero, não *foen-*.
Faenum, não *foenum* ou *fenum*.
Faenus, oris, não *foenus*, encontra-se tambem *fenus*.
Fames, não *famis*, nominativo singular.
Formidulosus, melhor que *formidolosus*.
Futtilis, melhor que *futilis*.

G

Genetrix, não *genitrix;* mas *genitor*.

H

Hadria, Hadriaticus, Hadrianus, *adr-*.
Halicarnasus e Alicarnasus, mas sempre com um só *s*.
Hamilcar, não *Amilcar*.
Hannibal não *Annibal*.
Hice, haece, hoce, não *hicce, haecce, hocce*. (Cf. n. 70, *d*, pág. 75)

I

Ii, iis plural de is. (Cf. n. 70 (pág. 77) pronome *is, ea, id*).
Ilico, melhor que *illico*.
Inclitus ou **inclutos,** não *inclytus*.
Indutiae, melhor que *iuduciae*.
Infitiae, infitiatio, inficiator, infitior, não *infic-*.
In primis e **imprimis.**
Intellegentia, intellego, não *intelligentia, intelligo*

J

Juppiter, melhor que *Jupiter*.
Juri dativo de **jus,** mas a antiga desinencia em *e* conserva-se ainda na idade imperial na formula *jure dicundo*=juri dicendo. (Cf. n. 105, *c*, pág. 106).

L

Littera, melhor que *litera*.

M

Magno opere e **magnopere.**
Marmor, não *marmur*, genitivo *marmoris*.
Masinissa, e **Massinissa.**
Mauretania, não *Mauritania*.
Mercennarius, não *mercenarius*.
Mille, singular; plural **milia,** melhor que *millia* (Cf. n. 63, *a, b*, pág. 70).
Multa, não *mulcta*.
Multare, não *mulctare*.

N

Nomisma, não *numisma*.
Nubes, não *nubis*, nom. sing.
Nummus, não *numus*.
Nunquam, melhor que *numquam*.
Nunquis, como **nunquam.**
Nuntio, nuntius, não *nuncio, nuncius*.

O

Oboedio não *obedio*.
Obscenus, melhor que *obscaenus,* não *obscoenus*.

P

Paene, não *pene,* nem *poene*.
Paenitet, não *poenitet.*
Parricida, parricidium, não *pari-*. (forma arcaica),
Patricius, não *patritius,*
Paulus, paulum, paululum, paulisper, paulatim, melhor que *paull-*.
Paullus, melhor que *Paulus,* nome proprio.
Percontatio e **percontator,** não *percunct-*.
Percontor, não *percunctor,*
Pretium, não *precium,* nem *praetium*.
Pubes, melhor que *pubis,* nom. sing.

Q

Quattuor, melhor que *quatuor*.
Quem ad modum ou **quemadmodum**
Quicumque, melhor que *cunque*.
Quintius, Quintia, Quintus, Quintilis, Quintilianus, formas mais recentes, *Quinct,* formas da idade republicana.
Quotiens, melhor *quoties*.
Quotienscumque, melhor que *cunque*.

R

Recipĕro e **recupĕro,** é preferivel a primeira forma.
Redemptor, não *redemtor*.
Refero, perfeito rettuli, não *retuli*.
Renuntiare, não *renunciare*.
Repello, perfeito **reppuli,** não *repuli,*
Reperio, perfeito **repperri,** não *reperi*.
Res publica, melhor que *respublica*.
Robur, roboris, não *robor*.

S

Saeculum, não seculum.
Sardanapallus, melhor que *Sardanapalus*.
Satura e **satira,** a primeira é forma mais antiga, esta mais recente, não *satyra*.
Scaena, scaenicus, não *scen-*.
Sepulcrum, melhor que *sepulchrum*.
Secutus, não *sequutus*.
Sequuntur, não *secuntur*.
Solacium, não *solatium*.
Sollemnis, não *sollennis,* nem *solennis*.
Sollers, sollertia, não *soler-*.
Stilus, não *stylus*.
Suebi, não *Suevi*.
Sulpicius, não *Sulpitius*.
Sumptus, não *sumtus*.

Supellex, não *suppellex.*
Supplex, supplicium, supplĭco, não *supl-.*
Syllaba, não *sillaba.*

T

Tabes, não *tabis,* nom. sing.
Taeter, não *teter,* nem *taetrus* ou *tetrus.*
Tamquam e **tanquam.**
Tanto opere e **tantopere.**
Tantundem, não *tantumdem.*
Totiens, melhor que *toties.*
Trasumennus, Tarsumennus. Trasimennus, melhor que *Trasimenus, Trasumenus.*
Treceni (= 300 cada um), melhor que *triceni.*—Triceni (= 30 cada um).
Tribunicius, não *-tius.*
Tricesimus e **trigesimus.**
Triumpho, triumphus, não *triumpo, triumpus.*
Tropaeum e **trophaeum.**

U

Ubicumque, não *ubicunque.*
Ulixes, não *Ulysses.*
Umerus, não *humerus.*
Umidus, não *humidus.*
Umor, não *humor.*
Utcumque, não *utcunque.*
Utrimque, não *utrinque.*
Utrumque, não *utrunque.*

V

Vates, não *vatis,* nom. sing.
Venum do e **venundo.** (Cf. n. 6. observação *2.ª*, pág. 12).
Venum eo e **veneo.** (.Cf n. 132, pág. 138, nota IV, pág. 141).
Vergiliae, Vergilius, Verginius, não *Virg-.*
Vicesimus, melhor que *vigesimus.*
Vilicus, não *villicus.* ainda que se diga *villa.*
Volcanus, não *Vulcanus.*
Volsci, Volscus, Volsiniensis, Voltumno, Volturnus, melhor que *Vul-.*
Vulgus, vulnus, vultur, vultus, não *vol-.*

APÊNDICE VIII

PRONUNCIA ROMANA DO LATIM

Noi stimiamo al massimo grado il disegno di invitare chi é soggetto alla vostra giurisdizione a pronunziare il latino all'uso romano. Non contenti quindi di imitare l'esempio dei nostri Predecessori di felice memoria Pio X e Benedetto XV, approvando la pronuncia romana del latino, Noi esprimiamo il desiderio vivissimo che tutti i vescovi a qualunque nazione appartengono, abbiano a cuore di adottarla nel compimento delle Cerimonie Liturgiche».

Pio XI em carta ao Cardial Dubois. de París.

574. — Vogais e ditongos:

Todas as vogais se pronunciam sempre qualquer que seja a posição que ocupem na palavra.

o **a** como na palavra protuguesa *pá*, p. ex.: *a*lt*á*re, *á*nim*a*;
o **e** quase como na palavra portuguesa *credo*, p. ex.: D*e*us, or*e*mus;
o **i** e o **y** como na palavra portuguesa *mira*, p. ex.: án*i*ma, but*y*rum;
o **o** como na palavra portuguesa *ópera*, p. ex.: *o*rémus, h*ó*ra;
o **u** como na palavra portuguesa *uva*, p. ex.: Dómin*u*s, l*u*x.

Nos ditongos, cada vogal conserva o som que lhe é próprio, menos em **ae** e **oe**, que, com relação a pronúncia, equivalem à vogal **e**, p. ex.: c*ae*lum = c*e*lum, p*oe*na = p*e*na (cf. n. 2, obs. *1*, pág. 10).

Observação. — Evite-se cuidadosamente o defeito de dar, como se faz em português, às vogais **átonas**, som fechado ou mudo, especialmente ao e e ao o, p. ex.:

Dómino, não dóminu.
Virtute, não virtuti.

575. — Consoantes:

As consoantes pronunciam-se sempre, qualquer posição ocupem na palavra.

Ao contrário do que se dá no português, as duplas devem pronunciar-se ambas: stella, não stela; o*ff*ero, não o*f*ero.

As consoantes e grupos de consoantes pronunciam-se como em português, menos nos seguintes casos:

1.

a) o **c** diante dos sons **e** e **i** tem o som do **c** italiano diante de **e** e **i**, e quivale quase a *t***ch**: Cicero = *t*chi*t*chero.
b) O grupo **cc** soa **t*t*ch**: ecce = et*t*che.
c) O grupo **ch** soa sempre como **k**: brachium = brákium.

2.

a) **g** antes de **e** e **i** pronuncia-se **dg**: genu = *dg*enu; agit = a*dg*it
b) **gn** soa sempre **nh**: agnus = a*nh*us.

3.

h é letra muda, nunca aspirada. Não se pronuncia, menos em: **mihi, nihil**, e compostos em que o **h** tem o som de **k**: mihi = miki nihil = nikil.

4.

j para os efeitos de pronúncia vale sempre **i**. Nunca, portanto, tem o som de *j* português: ejus = é-*i*uss.

5.

a) **s** soa sempre como dois **ss**: nos = nóss e não nóz.
b) entre vogais é ligeiramente sibilante brando quase **z**: Jesus = i = é*z*uss.
c) **sc** ante de **e** e **i** é igual a **ch** (chapéu): descendit = de*ch*endit.

6.

ti precedido de uma letra qualquer, que não seja s, x ou t e seguido de uma vogal, soa **tci**: patientia = pa*tci*én*tc*ia (cf. n. 1, *d, II*, pág. 9).

7.

a) **x** depois de vogal (que não seja o **e**) soa **kç**: axis = ak*ç*iss.
b) **x** depois de **e** vale **kz**: exaudi = ek*z*audi.
c) **xc** diante de **e** e **i** vale **kch**: excelsis = ek*ch*élsiss.

8.

z = **dz**: zelus = *dz*éluss.

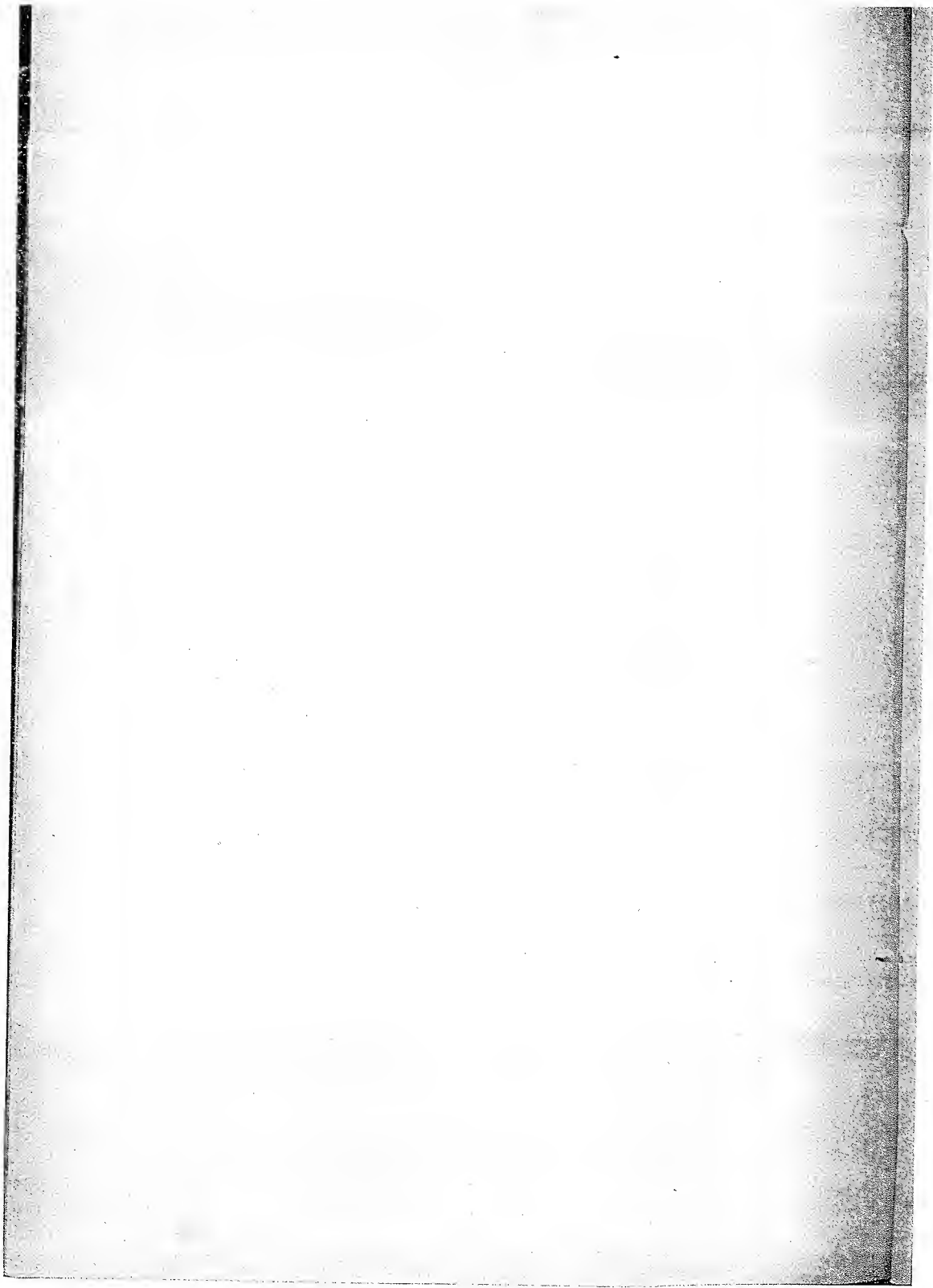
Observação. — Evite-se todo o som *nasal*, que não existe na pronúncia romana:

a) *rosam*: o **am** final não deve soar como na 3.ª pess. do plural: eles amam.
b) *vitutem*: não como em português: eles devem.
c) *magnus* = má—nhuss e não mã—nhuss.

APÊNDICE IX

Compêndio da história da Literatura Latina (*)

pelo DR. JOÃO MASERA,
professor no R. Ginásio M. D'Azeglio de Turim

(*) Turim—Sociedade Editora Internacional

Compêndio da história da Literatura Latina

INTRODUÇÃO

Os romanos não eram um povo inclinado à cultura das letras e das artes; não possuiam a flexibilidade e versatilidade do pensamento, nem o poder de imaginação tão própria dos antigos gregos; a virtude deles consistia especialmente na moderação viril, na energia prática, na constância, as quais os tornaram capazes de se fazerem grandes, como estadistas, como legisladores e como guerreiros. A arte e as letras não exerceram nos romanos atrativo algum, até que o contato definitivo como os gregos despertou neles o espírito de emulação, excitando o desejo artístico. A mesma religião era por natureza simples e primitiva, incapaz de encher a imaginação de lindos mitos e de lendas que, ao invés, eram a vida e o fundamento da poesia grega. Na verdade não tiveram os romanos mitologia enquanto não adotaram a dos gregos. As únicas formas do saber, que tem algum valor aos olhos dos antigos habitantes de Roma, são o conhecimento das leis, as tradições lendárias e a facilidade de falar em público. E é por isto que os primeiros escritores latinos foram na maioria estrangeiros (não nascidos em Roma) e escravos libertados que lutavam com a pobreza; como são os seus trabalhos bem se pode calcular, tendo-se em conta que se devia satisfazer o gosto primitivo e rudimentar de cultura dos ouvintes e dos leitores.

Toda a produção literária dos primeiros 500 anos após a fundação da cidade foi exclusivamente de carater nacional e não sofreu o influxo estrangeiro. Faltam-nos meios para julgar em que condição de desenvolvimento se achou a língua de Roma na época geralmente aceita da fundação da cidade. Restam-nos poucas orações ou fórmulas deprecativas de data remotíssima, expressas em linguagem dificil de entender; não é possivel, porem, dizer quantas e quais alterações tenham sido introduzidas por quem as transcreveu posteriormente. Somente depois de 513 encontramos algum vestígio da literatura que mais tarde foi tida como tal no seu verdadeiro significado, e que se expandiu completa e livrementes só quando as letras gregas tinham passado a idade brilhante e perdido quase toda a força de produção original.

DIVISÃO CRONOLÓGICA EM PERÍODOS

Dividimos a história da literatura latina nos seguintes períodos, a saber:

I PERÍODO

Dos tempos mais remotos à idade de Lívio Andronico. (Até 240 a. C.)

II PERÍODO

O sexto século depois da fundação de Roma. (240-150 a. C.)

III PERÍODO

O sétimo século depois da fundação de Roma. (150-80 a.C.)

IV PERÍODO

Idade de Cícero e de Augusto (80 a. C.–14 p. C.)
Idade de Cícero (80–43):
a) até o consulado (80–63).
b) até sua morte (63–43).
Idade de Augusto (43 a. C.–14 p. C.)

V PERÍODO (IMPERIAL).

Da morte de Augusto à morte de Justiniano (14–565 p. C.)
1º. Século — Da morte de Augusto ao advento de Nerva (14–96).
2.º » — Do advento de Nerva a Caracala (96-211).
3.º » — Do advento de Caracala à abdicação de Deocleciano (211–305).
4.º » — Da abdicação de Deocleciano ao definitivo desmembramento do império (305–395).
5.º » — Do definitivo desmembramento do império à queda do império ocidental (395–476).
6.º » — Da queda do império ocidental à morte de Justiniano (476–565).

PRIMEIRO PERÍODO

Dos tempos mais remotos à idade de Lívio Andronico (Até 240 a. C.)

O pouquíssimo que deste período existe mal se pode considerar como pertencente à literatura propriamente dita. São escassos fragmentos, alguns em prosa, outros em verso, que tem certo interesse, principalmente sob o aspecto glotológico.

Resíduos literários em forma métrica. Foram todos compostos no verso chamado saturnino, metro muito antigo, que esteve por muito tempo ainda no uso popular dos romanos depois que se tornaram familiares aos metros gregos. Cada verso saturnino se divide em duas partes, tendo cada uma ritmo diferente. Os estudiosos não concordam ainda sobre as regras que regiam a formação do saturnino, de que se costuma citar geralmente o seguinte exemplo:

« *Dabunt malum Metelli Naévio poetae* ».

Os mais antigos traços de literatura poética consistem numa espécie de poesia religiosa, isto é, em orações ou fórmulas

deprecatórias dirigidas a alguma divindade. Os que chegaram até nós são: 1.º) o *carmen Saliorum*, 2.º) o *carmen Fratrum*, 3.º) os *carmina Vatum*, 4.º) as formas rituais contidas nas *tabulae Eugubinae*.

Produções sem carater religioso: os *carmina convivalia, triumphalia*, as *neniae*, etc.

As outras tentativas poéticas dos primitivos Romanos tem o carater de representações cênicas ou dramáticas. São os *Fescennini versus*, as *Fabulae Attellanae* e as *saturae*. Estas últimas aperfeiçoadas e elevadas em cena, mais tarde serviram para encerrar o espetáculo.

Resíduos literários em prosa. A prosa entre os Romanos, como entre os outros povos, desenvolveu-se depois da poesia e não se conhece nenhum escrito em prosa até o fim deste período. Tudo o que conhecemos dos séculos anteriores se reduz a simples crônicas, listas de magistrados e sacerdotes, tratados com os povos limítrofes e leis. Mas desde que (excetuadas as leis que na realidade não passavam de antigos costumes), todo o resto deve tambem ter sido escrito desde aquele tempo, apresenta-se espontânea a pergunta de quem tenham os Romanos aprendido a arte de escrever, em que época terá sido introduzida entre eles.

Admitem todos que os Romanos esta arte a aprenderam dos Gregos estabelecidos na Itália meridional e na Sicília. Os alfabetos latino e grego são quase idênticos. Mas quanto ao tempo em que se introduziu a escritura variam as opiniões. Alguns afirmam que foi levada à Itália pelo mítico Evandro de Arcádia, e lembram-se documentos escritos da idade de Rômulo. Tais informações são, porem, erradas, quanto são fabulosas as histórias de Evandro e Rômulo, e nada provam. Mas uma cousa é certa e é que no reino de Sérvio Túlio o censo não se poderia ter feito sem a escritura, e pode-se pois com bom fundamento deduzir que ela era conhecida e praticada em Roma muito tempo antes da instituição da República. É igualmente certo que no princípio e por certo tempo não foi usada para fins literários, mas somente para as necessidades comuns da vida, para conservar a memória de acontecimentos importantes, para fazer tratados com povos vizinhos; coisas todas que em rigor não se podem considerar produções literários, mas que se não devem tambem desprezar quando se quer fazer a história da literatura da qual foram de certo modo *substractum* rudimentar.

O primeiro trabalho literário em prosa deve-se considerar uma oração de Ápio Cláudio Ceco, pronunciada por ele no Senado em 280 a. C.

Quanto ao que foi escrito antes desta data, para guardar lembrança do passado temos notícia dos

1.º) *Annales maximi*, assim chamados porque eram compilados pelo pontífice máximo, e por isto tambem se chamaram *Annales Pontificum*.

2.º) *Commentarii magistratuum* (tambem chamdos *libri lintei* porque escritos em pano de linho), listas anuais dos magistra-

dos, que provavelmente depois da instituição da República sempre se compilaram.

3.º) *Privata monumenta*, crônicas de famílias privadas, escritas para recordar acontecimentos de interesse privado, e às vezes de interesse público; para tal fim serviam tambem as *laudationes* (discursos fúnebres).

4.º) *Tratados*, entre os quais se distinguem os concluidos com Cartago nos primeiros tempos da República, com Porsena, reis dos Estruscos, com a cidade de Árdea, etc.

5.º) *Leges regiae*, ordens e decisões dos reis de Roma recolhidas por SEXTO PAPÍRIO, de quem a coleção recebeu o nome de *jus Papirianum*.

6.º) *Leis das doze tábuas*.

7.º) *Legis actiones*, chamadas em conjunto *jus Flavianum* por causa de GNEO FLÁVIO, escrivão de Ápio Cláudio, que as tinha recolhido.

SEGUNDO PERÍODO

O sexto século depois da fundação de Roma (240–150 a. C.)

É este o período no qual os Romanos começaram a ter uma verdadeira literatura, mas esta esteve no princípio e continuou a ficar sob a influência da Grega, que assim retardou o desenvolvimento de formas literárias nacionais. Após a sujeição dos Gregos da Itália, e mais ainda depois da conquista da própria Grécia, a religião antiga e simples dos Romanos foi substituida pela mitologia grega, mais artraente, e caiu no esquecimento. As divindades gregas foram identificadas com os deuses de Roma, e os mitos de uma religião passaram para a outra. Foi talvez neste tempo que os numerosos Gregos vindos a Roma de todas as partes afagaram tanto a vaidade dos conquistadores, a ponto de lhes fazer crer serem descendentes de algum dos heróis da Ilíade, e inventar a lenda de Enéias, e da sua vinda à Itália, tão zelosamente mantida e acreditada pelos Romanos.

Todos os Romanos cultos deste período escreveram e falaram grego; os primeiros historiadores escreveram em grego a história de sua terra, quer porque achavam o próprio idioma ainda muito rude e imperfeito, quer porque sentiam orgulho em fazer conhecer aos gregos a grandeza da pátria.

Considerando tudo isto, não nos devemos admirar se, mal terminada a primeira guerra púnica, se fizeram traduções e adaptações de dramas gregos para o teatro romano, e se foram recebidos com grande entusiasmo.

A influência da literatura grega começada assim, continuou para sempre, e os romanos nunca mais conseguiram livrar-se dela. A língua latina e sua ortografia se fixaram definitivamente neste período, após várias tentativas para se introduzir a uniformidade

sistemática. Cada escritor seguia, antes, um método particular ao por a linguagem escrita em correspondência com a falada. Assim se diz que Ênio foi quem por primeiro usou as consoantes duplas e que L. Ácio indicou as vogais longas duplicando-as segundo o sistema encontrado tambem em algumas inscrições arcaicas. O mais importante monumento literário deste período, do ano 186 a. C. descoberto em 1640 perto de Catanzaro e conservado em Viena: há tambem algumas das descrições sobre os túmulos dos Cipiões, que foram descobertas nas redondezas de Roma nos anos de 1616 e 1780, pertencem provavelmente a este período.

POETAS DO SEGUNDO PERÍODO

Lívio Andronico. Foi certamente o maior dos poetas de seu tempo. Grego de nascimento, foi feito prisioneiro na tomada de Tarento, no ano de 272. Parece que foi levado a Roma como escravo de Lívio Salinator que, ao descobrir-lhe o talento, lhe confiou a educação dos próprios filhos e lhe deu a liberdade. Viveu ensinando grego e latim e para uso dos discípulos traduziu a Odisséia em metro saturnino. Esta tradução foi por muito tempo um dos livros comumente usados nas escolas de Roma, embora, se julgarmos pelos poucos fragmentos chegados até nós, pecasse por defeito de elegância e até por falta de esmero. Entre os versos saturninos ocorrem alguns hexâmetros que demonstram que o poeta tentou ocasionalmente imitar o original.

Traduziu tambem do grego e publicou dramas, participando tambem das representações.

Gneo Névio. Era natural da Campânia, mas provavelmente latino, se bem que não fosse cidadão romano. Combateu na primeira guerra púnica e representou o seu primeiro trabalho dramático em Roma, no ano 235 a. C.

Como poeta, seguiu em geral o exemplo de Lívio Andronico, mas preferiu a comédia à tragédia; como Campânio parece que foi de certa altivez e independência de carater, indiferente e pouco se importanto com os que ele poderia melindrar com a argúcia do seu engenho. Por isto granjeou a inimizade dos orgulhosos pratrícios romanos, principalmente dos Metelos que ofendeu com o seguinte verso:

Fato Metelli Romai consulas fiunt.

Foi, por isto, antes encarcerado, depois mandado para o exílio e morreu em Útica, na África, no ano 199 a. C.

Névio, animado do espírito nacional, introduziu na literatura dramática o gênero das tragédias, e influiu tambem mais tarde sobre o das comédias, conhecidas respectivamente com os nomes de *pretextas* e *togatas*, em que os caracteres eram romanos, isto é, nacionais, sendo chamdas em oposição às comédias *paliatas*, (chamadas tambem *rintonicas* quando davam desenvolvimento cômico a sujeitos trágicos), onde os caracteres eram gregos e se reduziam o mais das vezes

a traduções ou adaptações do grego, (*contaminationes*). Por causa deste sentimento de nacionalidade, difundido tambem nas obras dramáticas derivadas do grego, suas obras conservaram-se populares e com muita razão, se julgarmos pelos fragmentos que chegaram até nós. Conhecem-se os títulos de 7 tragédias e umas 36 comédias atribuidas a ele.

Nos últimos anos Névio escreveu um poema épico sobre a primeira guerra púnica (de *bello punico*) em metro saturnino dividido mais tarde pelos gramáticos em 7 livros, dos quais os dois primeiros conteem a história primitiva de Roma, os outros 5 a narração da Guerra Púnica.

T. Mácio Plauto. Nasceu em Sársina, pequena cidade da Úmbria, mais ou menos em 254 a. C., de pais livres, mas de condição humilde. Indo a Roma, esteve primeiro adido ao serviço do teatro, depois, entregando-se a especulações comerciais, perdeu todas as economias e trabalhou por certo tempo num moinho. Narra-se que desde então escrevia comédias a cuja composição se consagrou mais tarde inteiramente e com êxito grandíssimo. Esforçou-se sobretudo para dotar caracteres gregos do teatro romano (*paliatas*), *maxime* os da chamada comédia nova em que se tinham distinguido Dífilo, Filomão e Menandro. Morreu em Roma em 184 a. C.

Plauto só escreveu comédias que, diz-se, não foram menos de 130, das quais 20 chegaram até nós, algumas incompletas. Conhecemos, porem, os títulos de um número muito maior, mas mesmo entre os antigos muitas eram consideradas espúrias.

As 20 comédias de Plauto que ainda subsistem são:

1.º) *Amphiturno*, a única de assunto mitológico.

2.º) *Asinaria*, de carater burlesco, cheia de brio e de vivacidade cômica.

3.º) *Aulularia*, representa o carater de um avarento nas mais variadas circunstâncias, e com o melhor resultado; infelizmente falta a última parte.

4.º) *Bacchides*, uma das melhores comédias plautinas, tanto pelo enredo, como pelos caracteres. Faltam, porem, as últimas cenas.

5.) *Captivi*, comédia sentimental com belas cenas e interessantíssima pelo carater de parasita.

6.º) *Curculio*, assim chamda pelo nome do parasita.

7.º) *Casina*, comédia um tanto extravagante, da qual nos falta o final. Belíssimo o retrato do velho enamorado.

8.º) *Cistellaria*, da qual se perdeu quase a metade; tem um desenvolvimento semelhante ao do

9.º) *Epidicus*, que é entretanto mais rica em comicidade e complicado o enredo.

10.º) *Mostellaria*, de vivacidade exuberante, com caracteres bem definidos.

11.º) *Menaechmi*, talvez a mais brilhante de todas; mostra os equívocos divertidíssimos a que dá lugar a semelhança quase perfeita de dois irmãos.

12.º) *Miles gloriosus*, caricatura do soldado fanfarrão.

13.º) *Mercator*, desenvolve um argumento semelhante ao da *Casina*.

14.º) *Pseudolus*, comédia agradavel e bastante correta no desenvolvimento e na forma.

15.º) *Poenulus*, não é isenta de defeitos graves, mas é notavel porque entre as personagens é introduzido um cartaginês falando fenício.

16.º) *Persa*, comédia interessante, em que o protagonista é um escravo.

17.º) *Rudens*, mais atraente pela vivacidade das cenas do que pelo enredo.

18.º) *Stichus*, imitação rigorosa de uma comédia de Menandro.

19.º) *Trinummus*, descreve cenas familiares, sem caracteres femininos; e moderada no enredo e no colorido.

20.º) *Truculentus*, cheia de situações estranhas e vivas; uma coretesã representa a parte mais importante.

Pelo que sabemos, quase todas estas comédias foram escritas em Roma, entre 200 e 189 a. C., mas de algumas não conhecemos exatamente a data, e podem ter sido escritas antes ou depois.

Plauto tem todas as boas qualidades e todos os defeitos que se podem esperar de um poeta popular daqueles tempos e daquele povo. É verdade que tomou os sujeitos da comédia nova dos gregos, mas põe a agir e a falar suas personagens como verdadeiros romanos. A linguagem das comédias plautinas esteve em grande admiração entre os antigos Romanos, mas no tempo de Augusto aqueles caracteres de feição arcaica, tinham cessado de atrair os homens de fina cultura. Na « vis comica » Plauto não foi mais superado, e suas comédias por muito tempo predominaram no teatro de Roma; a maior parte, porem, dos prólogos que temos, foram compostos para a representação durante o último século da República.

Q. Ênio. Nasceu no ano 239, em Rúdias, na região dos Peucécios, onde se falava tanto grego como osco.

Durante a segunda guerra púnica, quando M. Pórcio Catão era pretor na Sardenha, Ênio militou sob suas ordens, como soldado, e ao voltar Catão para Roma em 204 a. C., levou consigo Ênio, que daí por diante viveu, parece, numa pequena casa sobre o Aventino, consagrando-se ao ensino do grego e à tradução do grego para o teatro romano. Com tais meios granjeou a amizade de alguns nobres, e principalmente de Cipião o Africano, o Maior. Em 189 a. C. acompanhou o consul M. Fúlvio Nobílior na guerra contra os Etólios, e mais tarde celebrou-lhe a vitória num poema. Algum tempo depois o filho de Fúlvio Nobílior, nomeado « Triumvir » coloniae deducendae », obteve para Ênio o direito de cidadão

romano e lhe doou um fundo em Potência no Piceno. O poeta, que muito sofria de gota, morreu em 169 a. C., foi sepultado no túmulo dos Cipiões, e representado no mármore.

Pode-se chamar o verdadeiro fundador da literatura latina: a introdução do hexâmetro é obra sua, e não há poeta da antiguidade que tenha mostrado poder de engenho de modo tão variado como Ênio, e, em muitos casos, com resultado mais feliz. Gozou, em vida, da admiração dos concidadãos e até os últimos tempos do império foi reconhecida a singular excelência da sua mente vigorosa. O próprio Horácio reconhecia-lhe os grandes méritos.

As obras de Ênio são em parte originais, em parte imitações ou traduções de escritos gregos. Eis as principais:

1.º) *Annales*, que é a maior e talvez a última em ordem de tempo. Era este um poema em 18 livros nos quais, em hexâmetro, se celebrava a história de Roma, segundo a tradição, desde a chegada de Enéias à Itália até os tempos do poeta. Os fragmentos que ainda possuimos (cerca de 600 entre versos e hemistíquios) encerram passagens de grande valor.

2.º) *Tragaediae*, em grande parte traduções livres de Eurípides, o qual por sua natureza filosófica e pela maneira retórica parece tenha exercido sobre Ânio um atrativo maior do que Ésquilo e Sófocles.

Conhecemos os títulos de umas 26; eram ainda lidas e admiradas nos tempos de Cícero, mas sobram apenas poucos fragmentos. Escreveu tambem duas outras *pretextas*, e algumas *togata*, mas neste gênero foi menos feliz e tambem dessas pouco nos resta.

3.º) *Saturae*, coleção de composições variadas em metros diferentes, divididas em 6 livros. Uma de tais composições tinha por título *Scipio*.

As sátiras de Ênio foram, sem dúvida, diversas das já mencionadas, que tinham forma dramática. E desde que é lembrado por Horácio como inventor da sátira, deve-se dizer que este gênero tenha sido por ele cultivado do mesmo modo que mais tarde por Lucílio e por Horácio mesmo.

M. Pacúvio. Filho de uma irmã de Ênio, nasceu em Brindes, em 220 a. C. Tendo acompanhado até Roma seu tio, adquiriu aí grande reputação como pintor e ainda mais como escritor de tragédias. Tornou-se amigo de Lélio e de Cipião Africano, o Menor, e ocupou-se sobretudo em traduzir composição dramáticas gregas até a avançada idade de 80 anos, quando a saude precária o forçou a retirar-se em Tarento onde morreu, perto dos 90 anos. Ainda vivo, e por muito tempo gozou da fama de um dos melhores trágicos: traduziu quase que exclusivamente de Sófocles, e restam-nos os títulos de 12 tragédias, algumas das quais são talvez composições originais.

Cecílio Estácio. Contemporâneo de Pacúvio, nasceu mais ou menos em 219 a. C. na região dos Insúbrios e foi conduzido a

Roma como prisioneiro de guerra ou como escravo lá pelo ano 200. Depois de libertado, tornou-se amigo de Ênio, a quem sobreviveu por poucos anos, pois faleceu em 116 a. A.

Que educação tenha recebido não sabemos, nem como tenha chegado a aprender o grego. Devia, porem, conhecer-lhe bem a literatura, porque muito traduziu da comédia ática de Menandro principalmente seguindo no princípio o estilo e o modo de Plauto.

Cícero que cita muitas vezes versos dele diz que foi o mais insigne dos poetas cômicos, mas embora o estime grandemente chama-lhe *malus auctor latinitatis*, pela linguagem pouco correta por causa do lugar de nascimento, não sendo Cecílio, nem grego, nem romano.

P. TERENCIO. Nasceu em Cartago (daí o sobrenome de *Afer*, Africano) e foi para Roma em tenra idade, comprado ou capturado. O senador Terêncio Lucano, seu patrão, fê-lo adotar e educar como se tivesse nascido livre, e depois lhe concedeu a liberdade. Deveu provavelmente à sua origem africana a familiaridade que teve com Cipião Africano, o Menor, com C. Lélio e com outros ilustres romanos. Estas relações de amizade deram origem à voz espalhada por seus rivais (especialmente pelo poeta LÚCIO LANUVINO) que Cipião ou Lélio tenha sido o verdadeiro autor das comédias que levam o nome de Terêncio. Após ter composto suas comédias, ultimadas quais foram os *Adelphos*, foi à Grécia com o escopo evidente de estudo, mas durante a viagem de volta morreu em 159 a. C., tendo completado apenas 25 anos. O lugar da morte é incerto: segundo alguns ele pereceu num naufrágio; segundo outros faleceu na Arcádia, de doença, agravada pelo pesar da grave perda, sofrida num naufrágio, de inúmeras traduções de comédias gregas.

As comédias compostas por ele são:

1.º) *Andria*, representada nas « Ludi Megalenses » no ano 166 a. C., que é redução de uma comédia de Menandro, com o acréscimo de outra do mesmo autor. O edil que presidia aos jogos, quando Terêncio apresentou esta comédia, quis lê-la para Cecílio Estácio, afim de conhecer-lhe o parecer. Cecílio manifestou grande admiração, e assim o trabalho foi bem aceito.

2.º) *Eunuchus*, composta tambem com duas comédias de Menandro, e representada nas festas Megalenses de 161.

3.º) *Heautontimorumenos*, o punidor de si mesmo. E imitação de uma comédia de Menandro de mesmo título.

4.º) *Phormio*, imitando uma comédia grega de Apolodoro de Caristo, e tem por título o nome de um parasita, protagonista. A ação é viva, os caracteres tem muita variedade e estão bem tratados. Foi representada no mesmo ano em que o *Eunuchus*, nos « Ludi Romani ».

5.º) *Hecyra*, a sogra, imitação de uma comédia de Apolodoro, representada em 165 a. C. Mais que um verdadeiro enredo encerra um estudo de caracteres bem definidos. Foi a menos feliz

das comédias de Terêncio, pois, a representação foi interrompida duas vezes e só na terceira vez, em 160, poude ser realizada.

6.º) *Adelphos*, os irmãos, derivada da homônima comédia de Menandro, com introdução de uma cena de Dífilo. Foi representada em 160, e marca sem dúvida o maior sucesso de Terêncio. O enredo é simples mas gracioso, os caracteres bem delineados, e todo o trabalho é cheio de vivacidade e argúcia.

Estas 6 comédias de Terêncio são *paliatas*, e o fato de ter ele às vezes fundido numa duas comédias de outro autor (pela *contaminatio* já mencionada) ou introduzido nos seus trabalhos algumas cenas de outros pareceria demonstrar nele certa deficiência de faculdade inventiva. Soube contudo, unir tão habilmente entre si os vários originais gregos, que, sem o auxílio de seu comentador Donato não conseguiríamos distinguí-los. Usou particularmente de prólogos para defender-se dos ataques dos mal intencionados; são, porem, nele notaveis a correção e a elegância; de fato os caracteres de suas comédias se não possuem por um lado nem a força e nem a vivacidade das que Plauto, não lhes tem, por outro, a rudeza. Enfim parece que tinha em vista agradar o grupo mais elevado da sociedade romana, de preferência à grande multidão: a linguagem é doce e suave, como podemos crer a empregassem os romanos de classe mais elevada, e a versificação mais correta e regular.

Alem de TITÍNIO, que cultivou somente a *togata*, e TURPÍLIO, que não escreveu senão *paliatas*, cita-se L. ÁCIO, nascido em 170 em Pêsaro (onde se fundara uma colônia no ano 174) de pais libertos. Viveu em Roma em relações íntima com D. Júnio Bruto (consul em 138), que adornou entradas de templos e monumentos com versos de seu Ácio. Levam este nome ao menos 37 *tragédias*, na maior parte reduções do grego, mas parece que duas eram originais e feitas sobre cenas da Ilíada. Descreveu ainda caracteres romanos como o sacrifício do jovem Décio Mure e o episódio de Bruto, vingador da tirania real. Compôs finalmente:

Didascalica, espécie de história da poesia grega e romana em tetrâmetros trocaicos.

Pragmaticon libri, no mesmo metro relativo à história de arte.

Parerga, de assunto relativo à agricultura.

Annales, em não menos de três livros e em metro trágico.

Parece que usava de todo o cuidado na parte formal da língua, empregando frequentemente a aliteração, rejeitando o uso do Y e do z, indicando a duração das vogais duplicando-as, etc.

PROSADORES DO SEGUNDO PERÍODO

Já notamos que os primeiros historiadores romanos escreveram suas obras em grego.

Os mais importantes entre eles são: Q. FÁBIO PICTOR e L. CÍNCIO ALIMENTO.

Q. FÁBIO PICTOR. Floresceu no tempo da segunda guerra púnica e, depois da batalha de Canas, no ano 216 foi enviado como embaixador a Delfos para consultar o oráculo. Escreveu uma história de Roma, desde Enéias até os seus dias, contendo a narração da segunda guerra púnica. E várias vezes mencionado por Políbio, como tambem por Lívio e outros, e sua veracidade não deixa dúvidas. Desde que os trechos de sua obra são citados em latim, é provavel que mais tarde se tenha feito uma tradução latina, sendo porem duvidoso que a tenha realizado ele mesmo; talvez se deva atribuir a F. MÁXIMO SERVILIANO, consul em 142 a. C.

L. CÍNCIO ALIMENTO. Contemporâneo de Fábio Pictor foi pretor em 210 a. C. Deixou escrito que foi prisioneiro de Anibal lá pelo ano 208.

Como Fábio Pictor, compôs em grego « os anais dc Roma » (citados frequentemente por historiógrafos posteriores). Tratou do período primitivo muito brevemente, mas foi muito minucioso em expor os acontecimentos contemporâneos.

No meio das tendências helenísticas que ameaçavam abafar toda tentativa de espontaneidade surgiu, M. PÓRCIO CATÃO, o mais estrênuo defensor de tudo o que tivesse caracter de nacional na vida e na literatura romana.

É geralmente chamado censor ou Censório para distinguí-lo de Catão Uticense, contemporâneo de Cesar. Pertencia à gente Pórcia, plebéia: nasceu em Túsculo, em 234 a. C., obteve a questura em 204, a edilidade em 184. Viveu até idade muito avançada e morreu em 149.

Catão era verdadeiro tipo do romano antigo, e em política ninguem possuia patriotismo mais sincero do que ele. Embora a princípio mostrasse pouco respeito pelos literatos de qualquer gênero, mais tarde ele mesmo tornou-se o escritor mais fecundo dos contemporâneos; tornou-se até o verdadeiro criador da prosa latina. Segundo Quintiliano foi ao mesmo tempo grande general, filósofo, orador, historiador, jurista e muito versado em agricultura.

Compôs por primeiro e em grande número obras em prosa. Convem até notar que o ardente defensor do espírito nacional levou para Roma a Ênio que difundiu entre os romanos o gosto pelas letras gregas.

Catão interessou-se sumamente por todos os negócios públicos até o fim da vida; e, apesar de ser opositor irredutivel do helenismo, aprendeu o grego em idade avançada, e teve de mostrar o seu talento oratório. Suas obras literárias são:

Orações. Se não se levar em conta a célebre oração de Ápio Cláudio contra Pirro e uns poucos elogios fúnebres, as orações de Catão foram as primeiras escritas e publicadas.

Cícero conhecia mais de 150: nós temos notícia de umas 80, parte por fragmentos ainda existentes, parte pela ocasião em que foram pronunciadas. Delas algumas são juridiciárias, outras polí-

ticas, e o que resta demonstra uma eloquência natural sempre oportuna, cheia de vida, de força, de sarcasmo.

Orígenes. É o título da mais notavel entre as obras de Catão, em 7 livros, dos quais o primeiro compreendia a história dos reis de Roma, o segundo e o terceiro a narração das origens das cidades e populações da Itália, o quarto a primeira guerra púnica, o quinto a segunda, e os restantes livros narravam as guerras sucessivas até o ano 149 a. C.

Orígines, intitulavam-se provavelmente os três primeiros livros quando foram publicados, mas a denominação foi estendida a todos os outros, acrescentados mais tarde. A obra, conhecida tambem com o nome de *historia* ou de *annales*, continha ainda algumas orações do autor.

Os *Praecepta ad filium* foram escritos para educação do filho.

A rica e variada experiência punha Catão em condições de dar uteis ensinamentos e conselhos sobre a agricultura, a saude, a milícia, as coisas legais. Visavam a guiar o jovem romano em todas as contingências da vida; com o mesmo intento dirigiu Catão ao filho várias *cartas* e um *carmen*.

Facete dicta, coleção de ditos chistosos e mordazes.

De re rustica, sobre a agricultura, com consideração especial pela cultura de videira e da oliveira. É a única das obras que chegou inteira até nós. A primeira parte encerra ensinamentos sistemáticos sobre a plantação da videira e da oliveira, mas é seguida de uma série de preceitos dados desordenadamente sobre a administração da casa, alguns dos quais são interessantíssimos, por exemplo, quanto à maneira de fazer as compras, sobre as entradas, os sacrifícios, a cura das doenças. O estilo é conciso e aforístico, mas a linguagem com dificuldade é que se sente o carater arcaico que se esperaria encontrar no escrito de Catão: por isso crê-se geralmente que o texto, como o temos, tenha sido modificado original.

Os oradores mais célebres, contemporâneos de Catão são:

A. Fábio Máximo, o Temporizador, Q. Cecílio Metelo, Cipião Africano, o Maior, etc.

Tambem o estudo das leis começou a ser cultivado nesse período.

Entre os juristas mais eminentes merece citação S. Hélio Peto, o primeiro autor de um livro sobre leis, intitulado *Tripertita*, que continha entre outras cousas, um comentário das leis das dozes tábuas.

A história continuou a ser escrita em grego até os tempos de Sila, que, diz-se, narrou nesta língua as memórias de sua vida.

Os historiadores dignos de nota são:

C. Acílio, cuja narração foi traduzida em latim e continuada por Cláudio Quadrigário, até as guerras civís, A. Postúmio Albino e P. Cipião Nasica.

Pelo ano 230 o liberto SP. CARVÍLIO foi um dos primeiros a abrir uma escola pública em Roma, e parece ter introduzido a letra *g* rejeitando definitivamente o *z*. O alfabeto, modificado assim, continha 21 letras.

TERCEIRO PERÍODO

O sétimo século depois da fundação de Roma. (150-80 a. C.)

Durante este período a literatura latina alcançou seu completo desenvolvimento.

Cartago fora destruida e a Grécia submetida. Os Gregos que foram em grande número para Roma contribuiram para fazer triunfar seus costumes, pensamentos e sentimentos sobre a antiga vida nacional romana.

« *Graecia capta ferum victorem cepit* », disse Horácio.

Aumentou a imoralidade e mostrou seus efeitos perniciosos na guerra contra Numâncio e na outra contra Jugurta. O rude Mário podia ufanar-se de não compreender o grego, que naquele tempo era geralmente conhecido; de sorte que as representações dramáticas em grego se realizavam em Roma com frequência. Os escritores, reconhecendo a superioridade daquela literatura, esforçavam-se para imitar-lhe a correção, a elegância; pouquíssimos, apenas, como Lucílio, recusaram-se seguir os gregos nestas qualidades literárias.

Já desde 145 a. C. erigia-se anualmente um teatro grego completo de madeira: o primeiro teatro estavel de pedra foi construido por Pompeu em 55 a. C.

No campo da poesia predominam ainda as composições dramáticas; mas, como as *paliatas* foram substituidas cedo pelas togatas, atelanas pelos mimos, evidente é que os espetáculos populares assumissem, cada vez mais, o carater de farsas vulgares; as outras formas poéticas ficaram quase abandonadas, mas a prosa, particularmente na história, na jurisprudência, na oratória, fez progressos extraordinários.

POETAS DO TERCEIRO PERÍODO

T. QUÍNCIO ATA, de cuja vida nada sabemos, é, com Afrânio, o mais importante escritor de *togatas*, e os títulos de onze, que conhecemos, são todos genuinamente romanos. Os antigos apreciavam nele especialmente a perícia em tratar os caracteres, principalmente os femininos.

L. AFRANIO, superior mesmo a Ata, nasceu perto de 144 a. C., de modo que a maior operosidade de sua vida, se pode colocar pelo ano de 160. É notavel não só pelo número das composições, mas tambem pelo valor artístico das mesmas. Conhececem-se títulos

de mais de 40 de suas comédias, que foram representadas nos teatros de Roma até aos tempos de Nero. Afrânio estava enfartado de cultura grega, mas tem evidentemente dos gregos tambem a depravação moral: tomou por modelo a Menandro, restringindo-se, porem, a sujeitos romanos, refletindo de maneira mais peculiar a vida da classe média.

C. LUCÍLIO. Nasceu em Sessa Aurunca, na Campânia, em 148, de família equestre: uma sua irmã foi avó de Pompeu. Muito jovem acompanhou a Cipião Africano, o Menor, na guerra contra Numância, e em seguida teve com ele e com Lélio relações de grande familiaridade, o que exerceu grande influência sobre o seu desenvolvimento intelectual. Viveu em Roma numa casa construida para o filho do rei Antíoco, que aí fora detido como refem.

Foi muito versado na literatura grega e romana e tomou bastante interesse nos acontecimentos contemporâneos.

Que tenha tido muitos inimigos e amigos percebe-se pelos fragmentos de seus trabalhos poéticos, chegados até nós; soube, porem, manter a independência do carater, tambem em meio à corrupção do seu tempo.

Morreu em Nápoles no ano 103 a. C., aos 46 anos e teve a honra de um funeral feito a expensas públicas.

A única obra escrita por Lucílio era uma coleção de *Saturae* em 30 livros, a maior parte em hexâmetros, algumas tambem em metro jâmbico e trocaico.

Espressou com a maior liberdade seu pensamento sobre tudo que via, ouvia e lia, e exercitou o espírito crítico sobre a política, os costumes, a literatura, com tanto destemor como nenhum outro escritor de sátiras antes e depois dele; porquanto atacou muitos dos seus contemporâneos, nomeando-os e não teve escrúpulos de agredir todos os cidadãos.

Os fragmentos que possuimos revelam profunda educação de mente, perspicácia e agudeza de engenho, moralidade rigorosa, esmero, ordem, mas juntamente muita negligência de estilo e de versificação, defeitos notados por Horácio, que nele entretanto reconheceu um grande mestre.

Os outros poetas desta idade (PÓRCIO LICÍNIO, Q. LUTÁCIO CÁTULO, etc.), são geralmente autores de epigramas eróticos, de pouco mérito, imitados dos livros alexandrinos.

No fim, porem, dois poetas L. POMPÔNIO de Bolonha e NÓVIO adquiriram fama, dando à antiga atelana, uma verdadeira forma literária.

O primeiro, que foi talvez mais original ou ao menos mais fecundo, viveu pelo ano 90 a. C.: temos fragmentos de 65 de suas atelanas, enquanto 43 apenas nos restam de Nóvio. Tanto uns como outros fazem supor que frequentemente se descia a uma linguagem trivial e obscena, contanto que se conseguisse popularidade.

Podem ainda ser lembrados ÓSTIO, autor do poema *Bellum Histricum;* LÉVIO, de um *Carme erótico*, e algum outro.

PROSADORES DO TERCEIRO PERÍODO

A) Durante os primeiros 20 anos não houve abundância de bons oradores, embora alguns (SÉRGIO SULPÍCIO GALBA, M. LÉPIDO) fossem lidos e admirados por Cícero, e uma oração de Q. METELO MACEDÔNICO tenha sido recitada por Augusto no Senado.

B) No tempo dos Gracos, de 133 a 119 a. C., pelo contrário, a oratória teve grande oportunidade de mostrar o seu poder nas lutas de partido, mas ninguem se distinguiu mais do que CAIO GRACO, de cuja eloquência poucos exemplos ainda existentes mostram quanto fosse justificada a admiração que tiveram por ele os contemporâneos. Entretanto não foi ele o único orador. Entre seus amigos e adversários havia homens de autoridade não comum que sabiam fazer-se ouvir.

A) Os historiadores dos primeiros 20 anos seguiram os exemplos dos antigos analistas, escrevendo, porem, em latim, como já fizera Catão; são conhecidos:

CÁSSIO HEMINA, autor de *Historiae*, chamadas tambem *Annales*, em não menos de 5 livros.

L. CALPÚRNIO PISÃO FRUGI, que, como Hemina, começou dos primeiros tempos e continuou a história de Roma até os seus dias.

Q. FÁBIO MÁXIMO SERVILIANO, eminente jurista e escritor de *Annales*, de que é lembrado o primeiro livro.

Enquanto a história estava ainda, pode-se dizer, na sua infância, o estudo e o comentário das leis faziam grandes progressos. Os mais importantes juristas do tempo foram: M. JÚNIO BRUTO, P. MÚCIO CÉVOLA (que, diz-se, aboliu o antigo costume pelo qual o pontífice máximo realizava os públicos anais), o filho QUINTO C. P. LICÍNIO CRASSO.

B) Cedo, porem, o rápido progresso em cada ramo da ciência prática teve influência tambem sobre os historiadores, de modo que, nesta época, algumas personagens doutas escreveram sobre história contemporânea.

C. FANIO, discípulo do filósofo grego *Panécio*, narrou (com grande elegância, a juizo de Cícero, e com grande veracidade) os acontecimentos do seu tempo, em oito livros.

L. CÉLIO ANTÍPATRE, contemporâneo dos Gracos, escreveu as vicissitudes da segunda guerra púnica, de que parece tenha feito largo uso T. Lívio.

P. SEMPRÔNIO ASELIÃO, que fora tribuno militar sob Cipião na guerra numantina, deixou 14 livros de história, dos quais o quinto continha a narração da morte de T. Graco.

C. SEMPRÔNIO TUDITANO, consul em 129, uma das inteligências mais cultas, foi escritor elegante de assuntos contemporâneos.

Ainda merece ser lembrado OTÁVIO LAMPADIÃO, como comentador do poema histórico de Névio.

C) Os anos entre a violenta surpressão dos Gracos e de seu partido até o 100 a. C., são aqueles durante os quais C. Lucílio

e Afrânio desenvolveram a maior atividade literária. Outros escritores contemporâneos são:

P. RUTÍLIO RUFO, que deixou uma relação da vida passada no exílio, em Smirna, e

Q. LUTÁCIO CÁTULO, já citado, autor de uma *Autobiografia* e de uma *Communis historia*.

Os estudos gramaticais tiveram um grande cultor em L. HELIO PRECOCINO ESTILÃO, de Lanúvio, seguidor da filosofia estóica, que lançou as bases do estudo regular da língua latina, com exemplos tirados dos mais antigos monumentos.

Temos notícia de seus *Comentários* ao « *Carmen saliorum* » e às *leis das doze tábuas*.

D) Nos 20 anos decorridos de 100 à ditadura de Sila, cheios de comoções políticas, surgiram cultores insignes tanto da oratória, como da jurisprudência: a história assume um carater retórico e serve a escopos de partidos.

A oratória e a jurisprudência são representadas, alem de por C. LÉLIO, por M. ANTÔNIO e por L. LICÍNIO CRASSO; o primeiro, capaz de conquistar os ouvintes com a veemência natural, com a poderosa imaginação, e com eficacíssima expositiva; Grasso, homem de talento privilegiado, mas não feito para dominar com certo poder o auditório.

Entre os históriadores merecem nota, os seguintes:

Q. CLÁUDIO QUADRIGÁRIO, nascido pelo ano de 150, sobrevivendo, parece, à morte de Sila (ano 78 a. C.). Da vida nada sabemos, mas sua história lembrada com o nome de *Annales*, de *Historiae* ou de *Rerum Romanorum*, em 23 livros, começando da tomada de Roma por obra dos Galos, até os tempos do autor. Este, conciso na primeira parte, extendia-se em particularidades que se aproximamvam dos acontecimentos contemporâneos. É citado muitas vezes por Lívio.

VALÉRIO ANCIATE, é o historiador mais extenso antes de Lívio, pois sua obra em 75 livros, remonta até aos tempos mais antigos, e vai com narração minuciosa até Sila. Temos dela notícia pelos fragmentos e frequentes citações feitas por Lívio, que para os primeiros livros, parece tenha aceitado sem contestação a autoridade do Anciate, não assim, porem, para os últimos.

CORNÉLIO SISENA, nascido mais ou menos em 119, foi pretor em 78 e morreu em Creta em 67 a. C., lugar-tenente de Pompeu durante a guerra contra os piratas. Filósofo, orador, distinguiu-se mais como históriador, e nas *histórias*, em 12 livros, descreveu a guerra social e a civil entre Sila e Mário, inserindo cartas e orações.

C. LICÍNIO MACRÃO, pai do poeta e orador Licínio Calvo, foi contemporâneo e amigo de Sisena. Sua história, criticada por Cícero, pela verbosidade, começa dos tempos mais remotos, mas não sabemos nem de quantos livros constasse, nem até onde tenha chegado.

L. CORNÉLIO SILA, escreveu em latim (outros dizem que em grego) a sua *biografia*, dedicada a Luculo.

L. Licínio Luculo, famoso pelas riquezas, escreveu em grego uma história sobre a guerra Mársica.

Como se sabe, no princípio do século primeiro a. C., em Roma e em outras partes da Itália, foram instituidas escolas para o ensino da gramática, da retórica e da filosofia. Esta contudo não era ainda muito cultivada, embora em geral os oradores adotassem os princípios da nova academia e da escola peripatética, e os juristas professassem a doutrina estóica. Mas quem tomava parte na vida pública preferida o epicurismo.

Há enfim uma obra de retórica que por algumas alusões parece ter sido escrita durante a ditadura de Sila, ou pouco depois de sua morte. Leva o título *Rhetorica ad Herennium*, em 4 livros, e contem um sistema completo de retórica. Costumou-se imprimí-la com as obras retóricas de Cícero, mas um trecho de Quintiliano faz ao invés supor que seja de Q. Cornifício.

QUARTO PERÍODO

Idade de Cícero e de Augusto.
(80 a. C. — 14 p. C.)

Pode-se chamar a idade áurea da literatura latina, tanto pela forma como pela substância.

Durante a primeira metade deste período, caraterizado por Cícero, a prosa atingiu a máxima perfeição, ao passo que a poesia teve a maior florescência nos tempos de Augusto.

Da ditadura de Sila à batalha de Ácio os acontecimentos políticos sucederam-se com uma frequência e gravidade maior do que no passado. Por consequência a literatura de indole política continua a predominar, mas em particular a oratória toma forma mais acentuada sob a influência da literatura grega. O número daqueles que, com Varão procuram manter vivo o espírito nacional na vida e nas letras vai-se rareando sempre mais; a corrente da influência torna-se agora irresistivel. Os gregos encontram-se em cada casa como mestres, como leitores, como secretários ou como companheiros de vida, que se esforçavam por granjear a benevolência dos seus patrões, para conseguir certa comodidade e fartura no viver; de aí o nome de Grego « Graeculus » foi usado como termo de desprezo.

Aos poucos tornou-se o costume dos jovens romanos, passar certo tempo em Atenas, Rodes, Mitilena, para estudar retórica e filosofia.

Grande quantidade de obras literárias gregas, como tambem de obras de arte, fora já introduzida na Itália, depois da submissão da Grécia, e quando Atenas foi tomada por Sila em 86, a preciosa biblioteca de Apélico, contendo a coleção completa das obras aristotélicas, foi transportada para Roma.

Mas tambem, então, como precedentemente, os Romanos não escolheram para imitar os grandes modelos antigos, estando fascinados pela produção literária mais recente. Assim, os oradores não tomaram por guia Demóstenes, mas os retóricos da Ásia Menor; os poetas seguiram os Alexandrinos em vez de os modelos clássicos, porque se deixavam atrair pelas finuras da língua e do estilo.

A) Da ditadura de Sila ao consulado de Cícero. (80-63 a. C.)

O mais importante e fecundo escritor deste tempo é M. TERÊNCIO VARRÃO REATINO, nascido em Rieti, na Sabina, no ano 116, de antiga família senatória, mas educado em Roma na escola de L. HÉLIO PRECONINO ESTILÃO. Sendo do partido dos otimates, tornou-se íntimo de Pompeu, de Ático, de Cícero, obteve o tribunato da plebe, a edilidade curul, e a pretura. Serviu como legado sob o comando de Pompeu, durante as duas guerras contra os piratas e contra Mitridates, na primeira das quais se distinguiu ao ponto de ser condecorado por Pompeu com a « corona navalis ». Em 49 a. C. militou na Espanha com Afrânio e Petreio, lugares-tenentes de Pompeu, mas quando uma das legiões se revoltou, ele se entregou a César e pelo seu grande saber foi posto à frente da biblioteca pública, que justamente então era instituida em Roma. Desde esta época, não tomou mais parte ativa na vida pública. M. Antônio que lhe tinha confiscado parte das propriedades foi por César obrigado a lhas restituir; mais tarde as retomou e fez inserir na lista dos proscritos o nome de Varrão que teve salva a vida, mas perdeu muito de sua rica biblioteca e de suas vastíssimas propriedades. Viveu retirado os últimos anos, dedicando-se inteiramente às pesquisas literárias, até 27 a. C., quando morreu quase nonagenário. Varrão teve um profundo sentimento da pátria, integridade de carater e fez todo o possivel para preservar o espírito nacional.

Como escritor foi de uma fecundidade maravilhosa, tendo tratado de argumentos os mais variados. De suas 74 obras, em 620 livros, os que nos poderiam dar uma idéia exata do homem e dos seus tempos, infelizmente se perderam, e de muitas apenas os títulos conhecemos. Possuimos apenas 2, mas estas tambem apresentam muitas lacunas e mutilações.

As obras poéticas foram quase todas compostas na juventude; podem-se mencionar as *pseudo-tragédias*, em 6 livros, e as *sátiras menipéias*, muito mordazes, em 150 livros, escritos em prosa e parte em verso, e assim intitulados por serem uma imitação do cínico grego Menipo; tambem 4 livros de *sátiras a maneira de Lucílio*. As obras em prosa abrangem todos os ramos do saber e podem ser divididas em duas grandes categorias: 1ª., *de história e de antiguidades;* 2ª., *de literatura e de história literária.*

Enfim uma com o título *Disciplinarum libri IX;* era uma espécie de enciclopédia, o primeiro trabalho de tal gênero aparecido entre os Romanos.

As honras que ainda subsistem por inteiro ou parcialmente são, pois:

1.º) *De língua latina*, escrita em 25 livros, dos quais restam, porem, incompletos, os livros do 5º ao 10º, tentem não só o resultado dos estudos de Varrão sobre o material linguístico arcaico, mas ainda as investigaçõcs dos autores.

2.º) *De re rustica* ou *rerum rusticarum libri tres*, conservada inteira, salvo uma lacuna no princípio do 2º livro. O primeiro livro trata de agricultura, o segundo da criação do gado, o terceiro dos pássaros e dos peixes. A obra tem a forma dialógica, e nos lembra os escritos filosóficos de Cícero. O estilo é desordenado, como tambem o do livro *De lingua latina*.

3.º) Uma coleção de sentenças em número de 160, intitulada mais comumente *Sententiae Varronis*.

O orador mais célebre entre os contemporâneos de Cícero foi Q. Hortênsio Hórtalo, nascido em 114 a. C. Dotado de extraordinária memória, por isto, e pela elegância da forma, foi considerado como orador príncipe, até quando apareceu Cícero, oito anos mais jovem, de quem ele reconheceu a superioridade. Pronunciou um número de orações sem conta, algumas das quais foram por ele publicadas.

Durante o primeiro período da vida de Cícero, não se conhecem escritores insignes, nem de história nem de filosofia. Contudo entre aqueles que se entregaram aos estudos históricos, o mais conhecido é o amigo de Cícero, T. Pompônio Ático, de família equestre. Não tomou parte ativa na vida pública e deixou, alem de brevíssima história de Roma com o título *Annalis*, uma narração em grego sobre o consulado de Cícero.

O mais eminente cultor da jurisprudência foi, neste tempo, S. Sulpício Rufo, que exercitou em tal gênero de estudos uma influência sentida por muitos séculos e teve por discípulo muito estimado A. Ofílio.

M. Túlio Cícero, nasceu em 106 a. C., em Arpino, de família equestre. Com o irmão Quinto foi educado em Roma, onde na primeira adolescência teve ocasião de ouvir os mais ilustres oradores, retores e filósofos. Na idade de 17 anos começou a frequentar um habil jurisconsulto, o insigne *Q. Múcio Cévola*, para preparar-se à vida pública, e depois da morte do áugure, tornou-se assíduo do pontífice *Q. Múcio Cévola*. Além do estudo das leis e da retórica atendeu ao da filosofia, e talvez as relações com o poeta grego Árquias despertaram nele o sentido poético. Aos 25 anos entrou no certame oratório defendendo P. Quíncio numa causa privada; aos 26 defendeu S. Róscio Amerino, acusado de parricídio. Todos os amigos o dissuadiam de assumir tal tarefa, temendo o poderosíssimo ditador L. Sila, de cujos favoritos um estava implicado no processo, mas Cícero corajosamente aceitou a defesa e salvou o seu cliente. A oração, embora apresente muitas imperfeições, é contudo uma nobre prova de coragem cívica. Em seguida viajou 3 anos na

Grécia e na Ásia Menor, talvez por motivo de saude, mas procurando em toda a parte aumentar a própria cultura, ouvindo oradores, retores e filósofos. Os estudos realizados por ele durante aquela viagem exercitaram grande influência sobre toda a sua carreira oratória, pois ele soube unir a elegância da eloquência asiática à sobriedade e simplicidade dos oradores e filósofos atenienses.

Depois de sua volta para Roma, foi eleito questor no ano 75 a. C., e com tal ofício foi mandado para a Sicília; em 69 foi feito edil curul, em 66 pretor urbano, em 63 obteve o consulado, a mais alta dignidade a que o quis elevar a pátria, embora fosse ele « homo novus ».

A repressão da conjuração de Catilina, tramada durante seu consulado, forneceu aos adversários pretexto eficaz para acusá-lo por meio de P. Clódio, em 58, e fazê-lo mandar para o exílio, que ele passou especialmente em Tessalonica. No ano seguinte, porem, lhe foi concedido voltar para a pátria onde seus concidadãos o acolheram com as maiores honras. Em 51 foi enviado como proconsul a administrar a província de Cilícia, e quando voltou a Roma no ano seguinte viu que estava iminente a luta entre Cesar e Pompeu. Depois de ter em vão aconselhado a paz, alcançou Pompeu em Dirráquio, onde permaneceu enquanto se combatia a batalha decisiva de Farsália, em 48; daí passou para Brindes à espera de Cesar vencedor, confiando lhe fosse permitido entrar de novo em Roma. Alcançada tal permissão, pôs-se a levar vida privada, empregando os anos 46 e 45 em escrever muitas e variadas obras, com atividade realmente maravilhosa. O assassínio de Cesar, em 44, arrastou de novo Cícero à vida pública.

Suas investidas contra Antônio nas orações, ditas « filípicas » atrairam-lhe ódio implacavel do triúnviro, que em 43 mandou colocar o nome dele nas listas de proscrição. Foi morto a 7 de dezembro daquele ano.

Poucos homens foram como Cícero, de um modo estranho tão louvados e censurados; pois, enquanto alguns críticos recentes, parecem comprazer-se em negar-lhe todo o merecimento, salvo o do magistério da língua, os críticos passados, atraidos pelas belezas e pelas graças do seu estilo, o colocaram acima de Platão e de Demóstenes.

Cícero era por natureza dotado de grandes e variadas aptidões que soube cultivar com admiravel constância. Ele mirou sempre o bom e o honesto, e tem certamente direito ao nosso respeito e admiração, tanto mais se o compararmos com a maior parte dos homens do seu tempo, que a outra cousa não aspiravam senão a satisfazer ao amor próprio e ao desejo de acumular tesouros. Mas era tambem de índole excessivamente sensivel e sentia-se profundamente ofendido quando encontrava o obstáculo da oposição imerecida e da ingratidão. Por isto não podia ser justamente um grande homem de estado, não tendo suficiente conhecimento de si mesmo, para mostrar-se sagaz, nem suficiente flexibilidade para agir de conformidade com a sua própria índole.

Todavia, se não podemos considerá-lo como um forte caracter, devemos tambem admitir que muitas circunstâncias e muitas razões concorreram para fazê-lo julgar com benevolência.

Possuia a maravilhosa faculdade de reproduzir em linguagem facil e ornada tudo o que aprendia, de modo que pode enriquecer a literatura latina de muitas novas formas, e tornar-se o criador da prosa, a qual em beleza e correção não foi mais superada. Teve o talento do verdadeiro orador e a este gênero literário pertencem suas melhores produções. Alem disto o absoluto domínio da língua, a força da memória, a voz sonora, a expressão nobre lhe granjearam reputação de orador grandíssimo, apenas segundo a Demóstenes. As suas obras devem assim classificar-se:

a) ORAÇÕES

Possuimos 57 e alguns fragmentos de mais umas 20. Restam as seguintes, dispostas em ordem cronológica:

1.º) *Pro Quinctio*, 2.º *Pro S. Roscio Amerino*, 3.º) *Pro Q. Roscio Comoedo*, 4.º) *Pro M. Tullio*, 5.º) *Divinatio in Caecilium*, 6.º-11.º seis orações *in Verrem*, divididas em duas *actiones*; destas a primeira é como uma introdução à acusação; a *actio secunda* contem cinco orações escritas mas não pronunciadas, isto é, *de praetura urbana*, de *jurisdictione siciliensi, de frumento, de signis, de suppliciis;*

12.º) *Pro L. Fonteio*, 13.º *Pro Caecina*, 14.º *de imperio Pompei*, (*Pro Lege Manilia*), em defesa da proposta de lei feita pelo tribuno Manílio, para que o comando da guerra mitridática fosse conferido a Pompeu; 15.º) *Pro A. Cluentio*, 16.º-18.º) três orações *de lege agraria;*

19.º) *Pro C. Rabirio*, 20.º-23.º) quatro orações *in L. Catilinam*, das quais a primeira foi pronunciada no senado, a segunda no dia seguinte diante do povo, para irnformá-lo da partida improvisa de Catilina, a terceira é dirigida ao povo sobre a captura dos conjurados, a quarta, recitada no senado a 5 de dezembro, trata da pena a infligir-se a estes; 24.º) *Pro L. Murena*, 25.º) *Pro P. Cornelio Silla*, 26.º) *Pro Archia*, acusado de ter usurpado a cidadania romana; 27.º) *Pro L. Valerio Flacco*, 28.º)31.º) quatro *post reditum*, com a primeira das quais Cícero agradece ao senado, com a segunda ao povo por ter sido chamado do exílio, com a terceira (*pro domo sua*), reivindica a posse de sua casa, com a quarta retoma a questão já tratada na precedente;

32.º) *Pro P. Sestio*, 33.º) *in P. Vatinium*, 34.º) *Pro M. Caelio*, 35.º) *De provinciis consularibus*, 36.º) *Pro L. Cornelio Balbo*, 37.º) *in L. Pisonem*, 38.º) *Pro Cn. Plancio*, 39.º *Pro C. Rabirio Postumo*, 40.º) *Pro T. Annio Milone*, assassino de Clódio, 41.º) *Pro M. Marcello*, 42.º) *Pro Q. Ligario*, 43.º) *Pro rege Deiotaro*, 44.º-57.º) quatorze *orationes Philippicae* contra M. Antônio, pronunciadas nos anos 44 e 43 no senado e diante do povo.

b) OBRAS RETÓRICAS

Restam-nos as seguintes, ordenadas cronologicamente, e na maior parte em forma de diálogo:

1.º) *Rhetorica* ou *de inventione*, em 2 livros;

2.º) *De oratore*, em 3 livros, dos quais o primeiro discute sobre a educação do orador, o segundo diz respeito ao modo de tratar os vários argumentos; o terceiro considera a forma da oração e o modo de pronunciá-la.

3.º) *Brutus* ou *de claris oratoribus*, história da oratória romana;

4.º) *Orator ad M. Brutum*, o ideal do orador;

5.º) *Partitiones oratoriae* ou *de partitione oratoria;*

6.º) *Topica ad C. Trebatium*, exposição da obra aristotélica, do mesmo nome;

7.º) *De optimo genere oratorum*, introdução a orações traduzidas de Demóstenes, de Ésquines e de outros.

c) OBRAS FILOSÓFICAS

(quase todas em forma dialógica)

1.º) *De republica;* era de 6 livros mas se conservou apenas um terço. Parte do sexto livro, isto é, o chamado *Somnium Scipionis*, chegou-nos por meio de Macróbio; todo o resto é devido à descoberta feita pelo cardial Ângelo Mai em 1822;

2.º) *De legibus*, em 6 livros; dos quais apenas os 3 primeiros, e não sem lacunas, chegaram até nós;

3.º) *Paradoxa*, explicação retórica de 6 sentenças de filosofia estóica;

4.º) *Consolatio* ou *de lucto minuendo*, escrita pela morte da filha Túlia;

5.º) *Hortensius*, ou *de philosophia;*

6.º) *De finibus bonorum et malorum*, em 5 livros;

7.º) *Accademica*, composta antes em 2 e depois em 4 livros, mas restam apenas 2.

8.º) *Tusculanae disputationes*, em 5 livros;

9.º) *Timaeus*, tradução do diálogo homônimo de Platão;

10.º) *De natura deorum*, em 3 livros;

11.º) *Cato maior* ou *de senectute*, dedicada a Ático;

12.º) *De divinatione*, em livros, espécie de complemento à obra *de natura deorum;*

13.º) *De fato*, num só livro;

14.º) *Laelius* ou *de amicitia*, dedicada a Ático;

15.º) *De officiis*, em 3 livros;

por fim as seguintes, hoje perdidas:

16.º) *De gloria*, em 2 livros;

17.º) *De virtutibus*, quase suplemento a *De officiis;*

18.º a tradução do *Econômico* de Xenofonte e do

19.º) *Protagoras*, de Platão;

20.º *De auguriis*, em 3 partes.

d) OBRAS HISTÓRICAS

(perdidas ou de que restam raros fragmentos)

Foram começados o *Commentarius consulatus sui*, escrito antes em grego, *Anecdota e Miranda*.

e) CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR

Durante o período mais importante de sua vida, Cícero teve uma ativa correspondência com Ático, e com uma longa fileira de amigos políticos e literários. É uma fonte inexaurivel de informações sobre a história do tempo, e, em muitas cartas enviadas aos mais íntimos, Cícero abre sem reservas sua alma. Restam 5 coleções das cartas:

1.º) *Ad Atticum*, em 16 livros, que abrangem o período de 68 a 43.

2.º) *Ad Familiares*, em 16 livros, de 63 a 43.

3.º) *Ad Quintum Fratrem*, em 3 livros, de 60 a 54.

4.º) Alem disso *a correspondência entre Cícero e M. Bruto*, em 2 livros.

f) OBRAS POÉTICAS

Parece que Cícero tenha adquirido certo gosto poético, estudando sob a direção do poeta Árquias. Suas tentativas, porem, neste campo, não passaram de exercícios juvenís de versificação, na qual teve facilidade pouco comum.

Conhecem-se entre outros os seguintes poemas épicos, de que possuimos poucos fragmentos:

De meo consulatu, em 3 livros, *De meis temporibus*, tambem em 3 livros, alem da tradução dos *Phoenomena* de Arato.

Resta-nos falar de QUINTO, irmão de Cícero, mais jovem do que ele, e de TIRÃO, seu liberto, ambos de certo talento literário.

Q. TÚLIO CÍCERO, nascido em 102, foi legado de Pompeu na Sardenha, de Cesar na Gália, na Bretanha, e de seu irmão na Cilícia. Escreveu uma obra histórica *Annales* e muitas tragédias, traduções, talvez, do grego. Nada, porem, ou muito pouco resta.

Como tambem de M. TÚLIO TIRÃO, liberto e amigo de Cícero, que a este sobreviveu muitos anos e mostrou seu afeto pelo grande orador, escrevendo-lhe a biografia em 4 livros, ao menos, e publicando-lhe as cartas. Compôs, alem disso, outras obras originais, e conquistou grande fama pela invenção de uma espécie de estenografia, conhecida pela denominação de *Notae Tironianae*.

DÉCIMO LABÉRIO, cavaleiro romano, nascido em 105, fez dos *mimos* um gênero de literatura cômica, unindo todas as formas antigas de comédias, a grega, paliata, a romana togata, e as licenciosas atelanas. Conhecemos títulos e possuimos fragmentos de tais mimos, cujo sujeito era tomado da vida comum, e a linguagem era a vulgar, da plebe, embora Labério tivesse adquirido na Grécia uma fina cultura.

C. Melisso, de Espoleto, tentou a antiga comédia togata referindo-se à ordem dos cavaleiros, e chamando-a *trabeata*, por causa de sua veste (trabes).

Públilio Siro, liberto de origem siríaca, distinguiu-se como escritor de mimos, e no ano 45 venceu com estes todos os competidores, inclusive Libério. Os seus *mimos* eram celebrados pela riqueza de máximas formosas: perderam-se todos, mas resta uma coleção de *sententiae* extraidas deles.

M. Fúrio Bibáculo, de Cremona, nascido em 103, alem do poema *de bello galico*, escreveu invetivas em versos jâmbico, especialmente contra aqueles que estavam nas graças dos governadores.

B) Do consulado de Cícero até sua morte.
(63—43 a. C.)

A mais eminente figura depois de Cícero, é C. Júlio Cesar, filho de C. Cesar, nascido a 12 de julho do ano 100.

Perdeu, aos 16 anos o pai, e sendo parente de Mário, grande adversário de Sila, esteve em perigo de vida. Em 75 foi a Rodes, aperfeiçoar-se na oratória, sob Apolônio Molão; em 67 obteve a questura na Espanha ulterior, 2 anos mais tarde, a edilidade e em 63 o pontificado máximo. Foi eleito consul em 59, após ter concluido o triunvirato com Pompeu e Crasso e consumido todos os seus bens para por-se à frente do partido popular.

Entre 58 e 50 teve, como proconsul, a administração da Gália, que submeteu completamente, granjeando ao mesmo tempo o afeto do exército: com este atingiu o sumo poder do estado, do qual se tornou senhor absoluto com o ofício de ditador; mas uma terrivel conjuração tramada contra ele, lhe tirou a vida no Senado, a 15 de março do ano 44.

Júlio Cesar é um dos maiores homens lembrados na história, grande não só como general, mas outrossim como orador e como estadista. Como orador foi inferior a Cícero, contudo ele só se valeu desta faculdade para alcançar seus fins políticos. Apesar da extensão das empresas a que pôs mão, encontrou ainda tempo para ocupar-se e escrever sobre argumentos gramaticais e astronómicos.

De suas *orações*, apenas restam fragmentos, como tambem da obra *De analogia*, em 2 livros, escrita durante seu proconsulado na Gália e dedicada a Cícero, e do *De astris*, ao qual ele muitas vezes se reporta.

Quando da morte de Catão Uticense, Cícero lhe publicou o elogio, mas Cesar lhe opôs 2 livros, que não possuimos mais, intitulados *Anticatones*. Não resta igualmente o poemeto descritivo *Iter*, composto enquanto se dirigia a combater os Pompeanos na Espanha.

Restam-nos pelo contrário inteiros:

1.º) *Commentarii de bello gallico*, em 7 livros, contendo a história dos primeiros sete anos da guerra gálica, no fim da qual,

em 51, foram publicados. São uma espécie de memorial, não se podendo chamar verdadeira história, diligentemente composta; mas, apesar de ser a forma simples e isenta de qualquer artifício, cada expressão é cuidadosamente ponderada. O autor, sem jamais adulterar os fatos, os dispõe de modo a serem vistos sempre sob um aspecto provavel, e, onde tal não é possivel, passa alem.

2.°) *Commentarii de bello civili*, em 3 livros, inspirados no mesmo princípio. Conteem a narração da guerra civil entre Cesar e Pompeu, até a guerra alexandrina.

Morto Cesar, os amigos puseram-se a narrar os fatos de que ele não deixara nenhuma lembrança: os relativos ao último ano do seu governo nas Gálias, às 3 guerras: Alexandrina, Africana e Hispânica. Daquele e da guerra alexandrina, a narração é devida a um homem culto, A. Írcio, amigo e legado de Cesar, de quem tentou e conseguiu imitar bastante o estilo.

As histórias *De bello Africano* e *De bello Hispanico*, que foram por muito tempo atribuidas a C. Ópio, não podem ter saido da mesma pena. Não é improvavel tenham sido esboçadas a pedido de Írcio, por algum oficial de grau inferior, que em tais guerras tinha tomado parte, e de tal material se tenha servido depois o próprio Írcio.

Cornélio Nepos, oriundo da Itália superior, viveu em intimidade com Cícero, Ático e Catulo; nasceu provavelmente pelo ano 94 e morreu durante o governo de Augusto, mais ou menos em 24 a. C. Dele não conhecemos outros particulares, a não o de ter perdido em 44 um filho, ainda criança. Intelectualmente inferior aos seus grandes contemporâneos, sabe-se que compôs *carmes eróticos*, uma *chronica*, *exempla*, *a vida de Catão*, *de Cícero*, e tambem uma obra histórica, em 16 livros, de que subsiste apenas um, conhecido comumente sob o título *Vitae excellentium imperatorum*. São biografias de capitães gregos, breves traços dos reis persas, macedônios, de Hamilcar, Aníbal, Catão, e com alguns particulares, a vida de Ático. A obra, julgando do que possuimos, não corresponde a um plano preestabelecido, mas parece feita às pressas, e escrita com pouca preparação. O autor gosta de narrar o que é apenas anedótico, em vez do que tem real importância histórica.

P. Nigídio Fígulo, nasceu em 90 a. C., pretor em 58, foi, como partidário ardente de Pompeu, exilado por Cesar, e morreu em 45. Em filosofia seguiu a escola pitagórica e era reputado homem de grande saber. As obras de que se possuem fragmentos são:

Commentarii grammatici, talvez em 30 livros, que tratavam de questões gramaticais.

De extis, sobre o significado das vísceras nos sacrifícios.

De diis, em, ao menos, 19 livros, *de ventis*, etc.

Por primeiro escreveu sobre zoologia e ciências físicas.

De gramática e de poética, ocupou-se tambem Valério Catão, que é tambem autor dos *carmes eróticos e mitológios Lídia*, *Diana*, e talvez das agressivas *Dirae*.

T. Lucrécio Caro. As únicas notícias que dele temos são: — que nasceu em 95 e foi por uma poção amorosa reduzido à loucura; que compôs o seu grande poema durante algum intervalo de lucidez; se suicidou aos 44 anos, em 51. Ele mesmo declara ter nascido em Roma, mas não se sabe onde recebeu a educação que lhe fez conceber tamanho entusiasmo pela filosofia epicurística, exposta depois no poema. Diz-se que Cícero corrigiu este poema, mas se isto fosse verdade Cícero não teria deixado de fazer menção, ao passo que raramente menciona a Lucrécio, e embora admitindo que é homem de talento, o julga de cultura artística deficiente.

Lucrécio escreveu apenas o poema didascálico *De rerum natura*, em 6 livros, chegados completos até nós e dedicados a C. Mênio Gemelo. Nele expõe as teorias de Epicuro, sobre a natureza, sobre a psicologia, sobre a ética, com muito maior exatidão, do que o fizeram outros escritores; o escopo do poema é até o de convencer os leitores da verdade das doutrinas epicuréias e assim, libertá-los do temor absurdo dos deuses e da morte. A matéria do poema é tomada de Epicuro, mas no desenvolvê-la, Lucrécio segue a Empédocles e, na forma, os Anais de Ênio. O estilo e a língua são um tanto da idade arcaica, talvez porque o modo de escrever da sua idade lhe parecia pouco adatado ao sujeito. Apesar da aridez do argumento, o engenho poético de Lucrécio soube tratá-lo com o interesse mais vivo, ao ponto de não só deixar uma profunda impressão nos contemporâneos, mas tambem exercer grande influência sobre os poetas da geração seguinte. Assim, diz-se que Vergílio tomou frases e até versos inteiros, e Horácio mostra em muitos pontos a grande familiaridade com a obra de Lucrécio.

C. Salústio Crispo, nascido em Amiterno, em 87, foi tribuno da plebe em 52, depois teve parte no Senado, do qual 2 anos depois foi expulso, por intrigas de partidos.

Cesar, portanto, de quem Salústio era sequaz, contribuiu para fazer elegê-lo questor.

Em seguida obteve a pretura e, sempre por obra de Cesar, o procónsulado na África, onde se sabe que acumulou grandes riquezas. Voltando para Roma adquiriu uma Vila perto de Tívoli, e construiu jardins esplêndidos sobre o Quirinal (*Horti Sallustiani*). Depois da morte de Cesar, retirando-se à vida privada, dedicou-se todo à literatura e à história em particular: morreu em 35. Os antigos escritores que falam de Salústio salientam unanimente o contraste entre os princípios expostos em suas obras e a vida levada por ele.

1.º) *De Catilinae conjuratione*, é talvez a primeira por ele escrita e publicada depois da morte de Cícero. Nela esforça-se o autor para ser imparcial, mas não consegue ocultar sua simpatia por Cesar.

2.º) *Bellum Jugurthinum*. Salústio pôs-se a narrar este acontecimento pelos conhecimentos que tinha dos lugares, porem, mais porque lhe oferecia ocasião de mostrar a imoralidade dos otimates, os quais desde a morte dos Gracos, tinham alcançado o máximo

grau de insolência e de arrogância. Este propósito manifesta-se em toda a obra e com maior evidência nas orações de Mêmio e de Mário; campeão da parte democrática. Trata-se, enfim, de uma bela e imparcial monografia, composta com grande diligência, pois a narração é completa, o estilo mais fluente e elegante do que na « Conjuração de Catilina ».

3.º) *Historiae*. Começavam de 78, ano da morte de Sila, e foram continuadas até 67; parece que fossem em 5 livros, mas apenas possuimos fragmentos, isto é, 4 orações (de Lépido, L. Filipe, C. Cota, L. Macrão) e 2 cartas (uma de Pompeu, e outra de Mitridates).

Restam 2 outras cartas dirigidas a Cesar, *de ordinanda republica*, que pelo conteudo não se pode classificar de Salústio, a quem foram atribuidas.

Salústio tomou por modelo a Tucídides, e, como ele, escreveu sobre fatos de seu tempo, pelo que havia perigo se deixasse arrastar por vistas e sentimentos pessoais. Convem contudo reconhecer, em geral, soube manter-se afastado da injusta parcialidade.

Foi de fato o primeiro a tratar a história como gênero de arte literária, e, sem adotar o estilo corrente, formou para si um próprio, seguindo o modo de escrever de Catão Censor, de preferência ao dos contemporâneos; de aí o colorido arcaico que carateriza suas obras.

Q. Hélio Tuberão, adquiriu maior fama como historiador, que como orador. Uma obra sua intitulada *Historiae*, em 14 livros, no mínimo, conservada em fragmentos, extende-se dos tempos mais antigos até o fim das guerras civís entre Cesar e Pompeu.

Entre os poetas desta época, os quais se conservaram afastados da política partidária, ou ao menos disto não deixaram traços no que deles nos resta, merece nota:

P. Terêncio Varrão Atacino, assim chamado pelo lugar (Átax) da Gália meridional onde nasceu e provavelmente morreu. É autor do poema *de Bello Sequanico*, *de uma tradução livre do « Argonautica » de Apolonio Ródio*, e ainda de *sátiras*, que no dizer de Horácio, não obtiveram grande favor.

No número dos opositores de Cesar alguns conseguiram real importância literária.

O mais insigne foi talvez M. Júnio Bruto, um dos assassinos do triúnviro, que obteve grande reputação pela habilidade oratória e como autor de alguns escritos filosóficos *De Virtude*, *De patientia*.

Seguidor de idênticas idéias políticas era:

C. Élvio Cina, amigo de Catulo, que parece ter morrido entre 44 e 39. Dele é lembrado um poema épico intitulado *Smyrna*.

Muito melhor poeta foi C. Licínio Calvo, nascido em 82 e morto antes de 47 a. C. Filho do analista Licínio Macrão mereceu a estima de Cícero pela facilidade na oratória, que, se tivesse vivido muito, lhe teria alcançado um posto eminente entre os grandes

romanos. Em poesia procurou conciliar a excelência da forma dos Alexandrinos com a paixão e veemência de Catulo, com quem se parece sob vários aspectos.

O maior lírico deste período e de toda a literatura latina é VALÉRIO CATULO.

Nasceu em Verona em 87 e morreu com pouco mais de 30 anos. Tendo recebido a educação literária em Roma, tornou-se íntimo de Cícero, Cornélio Nepos e outros, mas não tomou parte nos negócios políticos, embora possuisse uma discreta fortuna. (Alem da vila de família na península Sirmião, sobre o lago de Garda, possuia outra perto de Tívoli).

Amou, chamando-a Lésbia, uma mulher cujo nome verdadeiro era Clódia, irmã do famigerado Clódio, à qual dirigiu as composições poéticas mais quentes e apaixonadas, até que compreendeu que o seu ideal de amor era um ser vituperavel. Parece que a princípio nutria rancores contra Cesar, amigo de seu pai; mais tarde, porem, tambem ele cultivou essa amizade. Possuimos 116 composições de Catulo, nas primeiras das quais, especialmente no *poemeto* de natureza épica *para as núpcias de Peleu e Tetis*, seguiu o exemplo dos Alexandrinos; depois a multíplice experiência da vida e amor por Lésbia desenvolveram nele a genialidade do pensamento que se manifestou em forma diferente ao tratar os mais variados argumentos. Ele não viveu bastante para atingir a perfeição máxima, e revela ímpeto e entusiasmo juvenil, tanto no amor como no ódio; mas soube exprimir com simplicidade e expontaneidade de linguagem os sentimentos mais profundos e delicados; dando às suas líricas uma fascinação que não se encontra em outros poetas.

Por todo este período, enquanto o estado se achava dividido em dois campos hostís, os partidos não se agrediam com públicas arengas, mas ainda com um gênero de composições políticas em que os escritores davam livre curso às suas idéias. Fornecia ocasião propícia a tais declarações o uso de se pronunciarem discursos (*laudationes*) nos funerais e de publicá-los. Assim quando Catão Uticense se suicidou para não viver sob o regime monárquico, muitas *laudationes* foram publicadas por Cícero, M. Bruto e outros; da mesma forma, a morte de Cesar proporcionou aos amigos a oportunidade para exaltar-lhe a política.

Um ramo especial de literatura, comparavel aos nossos jornais, começou a ser cultivado em 59, quando, por proposta de J. Cesar, o senado decretou que todas as suas deliberações (*acta senatus*) e aquelas tomadas pelo povo (*populi acta diurna*) fossem publicadas. As primeiras continuaram a ser escritas até a idade mais avançada do império; foi-lhes só proibida a publicação por Augusto. Os *acta populi diurna* eram ditos mais simplesmente *acta diurna, acta urbana, acta urbis, diurna* (de aí jornal), ou simplesmente *acta.*

Esta instituição que, como dissemos, contunuou por largo tempo, era de grande utilidade para aqueles romanos que, vivendo fora da cidade se interessavam por quanto aí se fizesse. As *acta*

eram publicadas sob direção oficial e numerosos escrivães eram encarregados de tirar cópias a serem enviadas às várias partes do império e a serem depositadas no arquivo (*tabularium*). Não possuimos fragmentos genuinos senão dos *acta senatus*.

C) Da morte de Cícero à morte de Augusto. (43 a. C. — 14 p. C.)

A passagem da república para o regime monárquico, realizada depois da batalha de Ácio, exerceu grande influência sobre a literatura e sobre toda a vida política e social dos Romanos. A liberdade desapareceu e aqueles que experimentaram fazer valer no senado ou no foro os antigos direitos, correram perigo de exílio ou de morte e foram considerados pela maioria dos cidadãos como utopistas.

A literatura que costumava ser uma distração para o espírito dos homens que tinham consagrado suas energias à vida pública, tornava-se agora um artifício. O favor gozado pela poesia na classe mais alta da sociedade romana gera um verdadeiro exército de poetas e poetastros; o mesmo se pode dizer da filosofia. Os espíritos nobres procuravam um conforto na doutrina dos estóicos, enquanto os demais seguiam, mas deformadas, as teorias de Epicuro que pareciam oferecer, como maior bem, uma vida de prazeres e de gozos. A prosa latina, após ter conseguido a perfeição com Cícero, pouco a pouco vai degenerando numa forma de declamação retórica.

Entre os representantes da literatura neste período, alguns que assistiram à ruina da República, mostram nos seus escritos um sentimento de tristeza pela liberdade perdida, outros, nascidos já sob a nova forma de governo, gozam sem saudades a paz e prosperidade de que é ela portadora.

AUGUSTO. Alem de ter sido um orador excelente, por elegância, clareza e concisão, ocupou-se da poesia. Escreveu um poema em hexâmetros intitulado *Sicília* e uma coleção de *epigramas*. Mas as obras mais importantes foram por ele escritas em prosa, e consistem em 3 livros (*volumina*): o primeiro, das disposições dadas para o seu funeral; o segundo, relativo às suas empresas (*index rerum a se gestarum*), do qual foi encontrada em 1544 uma tradução em grego; o terceiro contem, entre outras cousas, uma estatística dos homens aptos para as armas, o montar do tesouro público, etc.

C. CÍLNIO MECENAS, conselheiro de Augusto, cujo nome por antonomásia, veio a significar protetor das letras, nasceu em 69 a. C. e morreu no ano 8 a. C.

Augusto servia-se dele frequentemente para as missões diplomáticas, quando era necessária a ação conciliativa de um intermediário, pois Mecenas foi homem de exquisita gentileza e inclinado à paz; nunca tomou parte ativa nos negócios públicos, e sua fama é devida mais à sua intimidade com Augusto e com os maiores poetas da época, que aos seus méritos literários.

M. Vipsanio Agripa, nasceu em 63 a. C. e foi, desde a juventude, amigo de Augusto, cuja filha desposou. Habilíssimo general, tanto de terra como de mar, dirigiu a medição geral das terras do império e morreu em 13 a. C.; tinha escrito os *comentários* da distribuição das águas em Roma e a própria *biografia*, em 2 livros, ao menos.

Asínio Polião, defensor de Cesar durante as guerras civís, depois da morte deste último, uniu-se a António. Era consul em 40, mas, caindo António, sendo um espírito por demais independente para aproximar-se de Augusto, retirou-se da vida pública, entregando-se todo às letras e à oratória (na qual seguiu o « *genus medium* », isto é, o ródio, entre o asiático e o ático), e morreu em 5 p. C., numa vila perto de Túsculo.

Compôs: 1.º) *Tragédias* que foram consideradas dignas de Sófocles.

2.º) *Historiae*, sua obra maior, que narrava em 3 livros as guerras civís, desde o primeiro triunvirato à batalha de Filipos.

3.º) *Orações*, de carater judiciário e político. Sobre seu valor como orador discutiu mais tarde o filho Asínio Galo em *De comparatione patris et Ciceronis*.

4.º) *Criticismo*. Recorda-se deste escrito um trecho em que o autor censura a Salústio e acusa Lívio de « patavinitas ».

Instituira em Roma uma biblioteca pública, sob cujo modêlo Augusto fundou duas, uma dita Otaviana pelo pórtico de Otávio, a outra, palatina, anexa ao templo de Apolo sobre o Palatino.

M. Valério Messala Corvino, nasceu no ano 58, e, embora estivesse ausente de Roma quando Cesar foi morto, tambem o seu nome foi posto na lista de proscrição do ano 43. Após a batalha de Filipos aproximou-se de António, em seguida passou-se para Augusto que o recebeu com benevolência, e lhe obteve o consulado em 31, em substituição a António. Foi celebrado como orador, compôs *bucólicas* do gênero vergiliano, e escreveu sobre assuntos gramaticais.

L. Vário Rufo, verdadeiro poeta, admirador de Cesar e de Augusto, é autor de poemas épicos sobre a morte de Cesar (*de morte Caesaris*), sobre as empresas de Augusto e de Agripa, como tambem de uma tragédia *Tieste*. Apresentou Horácio a Mecenas, e publicou com Tuca a *Eneida* de Vergílio.

De Emílio Macrão, de Verona, amigo tambem ele de Vergílio, conhecemos os títulos de alguns poemas didascálicos, *Ornithogonia, Therriaca, De herbis*.

Desse mesmo tempo é conhecido Rabírio, por causa de um poema épico sobre as lutas civís entre Otaviano e António, que tiveram epílogo na batalha de Ácio.

P. Vergílio Marão nasceu em Andes, vila perto de Mântua, a 15 de outubro do ano 70. Recebeu a primeira educação em Cremona, e recebida a toga viril, passou para Milão, depois para Roma e Nápoles, onde foi instruido no grego por Partênio. Tendo-se

dedicado inteiramente aos estudos de filosofia, junto com Vário, aplicou-se ao epicurismo sob Siro, embora o sistema epicureu não o atraisse muito, e preferisse a doutrina de Platão e dos estóicos. Um dos seus primeiros ensaios poéticos desse tempo foi, sem dúvida, o *Culex*.

Morto Cesar, voltou à terra natal, e no sossego da vida campestre, concebeu o desígnio de imitar os idílios de Teócrito; no meio, porem, dessas tranquilas ocupações, foi molestado pelas consequências da guerra civil. Com efeito, depois da batalha de Filipos (42 a. C.), querendo Otaviano compensar os seus veteranos com entrega de terrenos, fez ocupar uma grande porção de território, na região de Mântua, que não o tinha sustentado durante a guerra. Em tal circunstância, Vergílio perdeu sua pequena herdade; queixando-se desse tratamento, rehouve os poucos bens, por intercessão de Asínio Polião, governador da Gália transpadana, e exprimiu sua gratidão a Augusto com a primeira égloga.

Novas perturbações, porem, surgiram por causa da guerra de Perusa, e Vergílio correu novo perigo de ser despojado dos bens. Foi então forçado a ir a Roma, onde compôs a nona égloga, e obteve a restituição das terras, graças à interposição de Mecenas.

Desta época em diante parece que tenha vivido sempre em Roma, entrando na íntima amizade de Mecenas, a quem apresentou Horácio; dois anos depois acompanhava a Mecenas na viagem a Brindes.

Já antes tinha determinado escrever as Geórgicas, que terminou em Nápoles no ano 30 a. C., depois de sete anos de trabalho.

Após longa preparação pôs-se a escrever a *Eneida,* no ano 25, e em 23 pode ler a Augusto o 2.º, o 4.º e o 6.º livro.

Em 19 decidiu ir à Grécia e à Ásia, e empregar três anos na revisão e publicação do poema. Mas tendo encontrado em Atenas a Augusto que voltava do Oriente, quis acompanhá-lo até Roma; quando, durante a viagem por mar, se agravou o mal de que sofria e morreu poucos dias depois da chegada a Brindes.

Pressentindo o seu fim, queria destruir a Eneida, por não ter podido revê-la completamente; mas, apesar desse desejo explícito, Augusto não permitiu a destruição, e encarregou Vário e Tuca, amigos de Vergílio, de publicar o poema sem acréscimos e sem alterações.

Vergílio manifestava a vontade de ser enterrado em Nápoles, onde ainda hoje se lê o epitáfio, a ele atribuido, sobre um túmulo que se presume ser o dele.

Era de estatura alta, de aspecto um tanto rude, e de saude precária. A nobre e tranquila suavidade difundida em todas as suas obras é um reflexo da alma pura e serena do poeta; isto nos explica a perfeição alcançada por ele no idílio e na poesia sentimental em que descreve o amor, a vida doméstica e campestre.

Não era por temperamento apto para compor um poema épico, da grandeza da *Eneida,* a que pôs mão somente por insistência

de Augusto; possuia, porem, a inteligência e a arte de suprir a deficiência dos grandes dotes naturais. Antes dele os poetas romanos consideravam a veste de suas obras como cousa de importância secundária; ao invés, Vergílio, e mais tarde tambem Horácio, consideraram a poesia como arte que não admite ofensa nem à eufonia, nem às leis da linguagem. Por esta perfeição formal, a língua e o estilo de Vergílio serviram de modelo aos poetas posteriores, do mesmo modo que a prosa de Cícero aos escritores das idades seguintes. Contudo, Vergílio deixa a desejar quanto à originalidade, ao poder criativo, ao frescor, e à simplicidade, e, seja qual for a doutrina e o artifício usados em sua obra principal, nós sentimos frequentemente a falta de veia poética e genuina. Escreveu:

Bucólica. 10 églogas (a última dedicada ao amigo CORNÉLIO GALO, insigne poeta elegíaco), ou composições pastorais à imitação de Teócrito, entre 42 e 37. Tornaram-se populares pelas frequentes alusões a pessoas e circunstâncias do tempo e a contingências da vida do poeta.

Geórgica, em 4 livros, compostos entre 37 e 30. O primeiro trata da agricultura, o segundo das árvores, o terceiro da criação do gado, o quarto das abelhas. Não se sabe se a obra foi escrita a pedido de Mecenas, ou se foi concebida espontaneamente pelo poeta; é certo, porem, que apesar da esterilidade do argumento, Vergílio soube tratá-lo com calor e entusiasmo, que derivavam de sua experiência pessoal e do grande amor pelo próprio argumento. O fim não era propriamente ensinar a agricultura mas induzir os seus concidadãos a interessar-se por ela, o que tinha a máxima importância num tempo em que muitas regiões da Itália eram devastadas e desoladas pela guerra civil.

Eneida, poema em 12 livros, começado no ano 30 e ainda não terminado, na morte do poeta, que não teve o tempo de limá-lo e nem mesmo de completar o desenho, pois que o último livro que termina com a vitória sobre Turno, não contem o definitivo estabelecer-se de Enéias no Lácio, ou a sua morte, que deviam evidentemente fazer parte do sujeito. Este fora tratado antes por Névio e Ênio, mas imperfeitamente: por outro lado, todos os escritores da idade augustana faziam o possivel por difundir a crença de que os Romanos fossem descendentes dos Troianos, para ligar a gente Júlia a Júlio, filho de Enéias, neto de Venus, estabelecendo assim origem divina para a pessoa de Augusto. Foi portanto facil a Vergílio tirar disto partido; e, quanto à falta de faculdade criativa, suprir com o estudo profundo da história e das antigas tradições itálicas. Por este medo foi produzida a obra prima que supera todos os poemas épicos precedentes, e teve sempre tal favor que nenhuma crítica pode diminuir.

Poemas menores: *Culex,* dedicado a Otávio, em 412 hexâmetros; contem a história de um mosquito que punge e desperta um pastor, salvando-lhe a vida; morto, porem, por ele, aparece-lhe em sonho pedindo-lhe honrosa sepultura.

Ciris, descreve em 540 hexâmetros a transformação de Cila, princesa de Mégara, no pássaro Ciris, por ter atraiçoado o pai Niso.

Moretum, gracioso idílio, em 124 hexâmetros; encerra a descrição do camponês que se levanta, prepara o pão, uma torta (*moretum*), e vai para o trabalho.

Copa (a estalajadeira), breve elegia em forma e estilo inteiramente vergilianos.

Catalecta, coleção de 12 poemetos em verso jâmbico e elegíaco, sobre assuntos variados.

Q. Horácio Flaco. Nasceu em Venosa, a 8 de dezembro do ano 65 a. C., de pai liberto, possuidor de uma pequena herdade. Foi levado para Roma e educado pelos melhores mestres (ele mesmo recorda o gramático Orbílio). Em 45 foi a Atenas completar a cultura sob os filósofos Teomnesto e Cratipo. Em 44, após o assasínio de Cesar, chegou a Atenas, Bruto que atraiu para a própria causa todos os jovens romanos que aí estavam estudando, e tambem a Horácio que o acompanhou na guerra com o grau de « *tribunus militum* ». Em 42, após a derrota dos republicanos em Filipos, Horácio fugiu com todos os outros, mas não se uniu a nenhum partido.

Aproveitando-se da anistia, voltou a Roma, e quando, pela distribuição das terras aos verteranos, ficou privado de suas propriedades, pediu e obteve o ofício de secretário, junto ao questor. A remuneração mesquinha deste emprego, como ele mesmo afirma, determinou sua carreira poética. Vergílio e Vário o apresentaram a Mecenas, que no princípio de 38 o admitiu no círculo dos amigos e o quis como companheiro em sua viagem a Brindes. Alguns anos depois Horácio obteve de Mecenas uma vila perto de Tívoli, e com o apoio dele e de Asínio Polião tornou-se familiar de Augusto. Este desejava fazê-lo seu secretário, mas Horácio recusou a oferta e assim não perdeu a independência pessoal. Sua amizade com Mecenas durou até o fim da vida do munífico protetor dos literatos, que ao morrer o recomendou com afeto a Augusto. Mas o poeta morreu quase imediatamente depois, no ano 8 A. C. tão improvisamente que teve apenas o tempo para declarar que deixava tudo a Augusto. Foi sepultado no Esquilino, perto do túmulo de Mecenas.

Horácio era de estatura baixa, tinha os olhos e cabelos escuros, e durante os últimos anos esteve com frequência adoentado e às vezes hipocondríaco. Não se casou e nas sátiras nos informa sobre o seu modo de vida. Quanto ao carater, podemos resumí-lo dizendo que era homem conhecedor do mundo e da própria natureza e não se deixando nunca dominar pelo sentimento, soube constantemente manter aquela moderação por ele expressa na frase « Nihil admirari ». Amou a própria independência e por isso não se sentia à gosto entre

o tumulto da cidade; evitou toda incumbência oficial que pudesse obstacular-lhe a liberdade, e por isso mesmo preferiu o celibato ao matrimônio. A acusação de imoralidade com frequência levantada contra ele não é só a ele que se aplica mas ao tempo em que viveu. Não foi nem herói nem um grande homem, nem mesmo se preocupou para ser tal. Nos primeiros anos seguiu a teoria filosófica de Epicuro; no último período da vida inclinou-se para o estoicismo, o qual lhe deu a princípio apenas argumento de riso e motejo, e acabou por não adotar nenhum dos dois sistemas.

Iniciou a carreira literária como escritor de sátiras, mas os acontecimentos políticos muito recentes e a parte que neles tomara impediram-lhe tratá-los diretamente, por isso preferiu fixar-se em questões sociais e literárias. Às vezes desenvolve argumentos de natureza diferentes que na aparência nenhuma relação tem entre si; um exame mais atento, porem, demonstra que a composição responde a um desenho bem definido. Muitas das sátiras do segundo livro estão escritas em forma dialógica e revelam uma grande fineza artística superior à encontrada no primeiro.

Os *épodos* parecem ter sido escritos quase ao mesmo tempo que as sátiras, às quais se aproximam pela juvenil veemência e agressividade; enquanto, porem, esses tem em mira ferir pessoas, as sátiras atingem uma classe toda ou uma condição de cidadãos.

Horácio adota nos épodos os metros líricos gregos, mostrando-se livre imitador de Arquíloco; mais tarde, quando tinha adquirido maior perícia técnica resolveu tornar conhecida a seus concidadãos a métrica de Alceu e de Safo nas odes (Carmina); este propósito ele o realizou em 7 anos de trabalho, que tiveram por fruto os primeiros três livros das *odes*. Nessas encontramos a mesma reflexão, o mesmo criticismo já notado nas sátiras, como tambem a intenção de censurar de vários modos a avareza, as extravagâncias, a licença desenfreada do tempo e vemos que o poeta goza moderadamente dos prazeres da vida. O quarto livro das odes acrescentado mais tarde, é o mais perfeito e mostra no poeta uma genialidade suma. De resto, toda a atividade lírica de Horácio, pode ser dividida em três estádios: do exercício sobre modelos gregos; da imitação destes; do desenvolvimento original dos argumentos tomados da vida que o cerca, ou mesmo do seu modo de pensar e de sentir.

As epístolas chamadas, por Horácio *sermones*, como as sátiras, são semelhantes a essas na métrica (hexâmetros) e no número dos livros (2), na substância, na forma; pertencem, porem, a uma idade mais madura, revelam maior seriedade e esmero no estilo e na versificação, e contem o fruto de uma longa experiência adquirida com a calma e serena percepção da vida. A mais longa e importante epístola é a dirigida aos irmãos Pisões e intitulada por Quintiliano *liber de arte poetica*. Nela Horácio, sem pretender dar uma teoria completa da composição poética, discute um grande número de questões literárias, sobretudo em relação ao drama.

Domício Marso, — outro amigo de Mecenas, pode ser consederado como o precursor de Marcial por uma coleção de epigramas.

Álbio Tibulo, — o mais célebre escritor de alegias na idade de Augusto, era de ordem equestre e natural de Roma, mas é incerto o ano do nascimento. O que sabemos com certeza é que morreu jovem, logo depois de Vergílio. Era íntimo de Valério Messala Corvino, a quem, parece, seguiu na batalha de Ácio, e certamente acompanhou na guerra contra os Aquitanos, porem, depois do ano 27, é provavel que não mais se tenha movido da Itália. É-nos descrito por Horácio como homem generoso e amavel, possuidor de grandes bens de fortuna.

Nas elegias (quatro livros, dos quais só os dois primeiros são tidos inteiramente genuinos) seguiu os poetas alexandrinos, tratando exclusivamente de assuntos eróticos. Com profundidade, calor de sentimento, em linguagem simples e espontânea. As melhores são dirigidas à amante Délia; as outras o poeta não as poude evidentemente retocar como queria, porque a morte o surpreendeu de improviso.

Sexto Propércio, quase contemporâneo de Tibulo, escreveu como este elegias. Nascera na Umbria pelo ano 50 e embora em suas composições nenhuma alusão exista a fatos acontecidos depois do ano 16, isto não nos autoriza a fixar o ano da morte.

Tendo na infância perdido o pai, e ficando entregue aos cuidados da mãe que lhe secundava os instintos frívolos, chegado apenas à juventude, abandonou-se aos prazeres e à moleza da capital. Aí dedicou-se inteiramente às musas, aos amigos e aos amores por Cíncia e outras mulheres; depois da publicação de alguns ensaios poéticos conquistou a amizade de Mecenas e viveu perto dele no Esquilino, embora, sendo mais jovem, não estivesse na sua intimidade como Horácio e Vergílio.

Foram longamente discutidas a ordem cronológica e a divisão das poesias de Propércio, em 4 em vez de 5 livros (como preferiria hoje a crítica).

O amor é elemento dominante da sua natureza: abandona-se ao sentimentalismo mesmo onde o amor o não exige, e disto podemos talvez encontrar a razão na sua fraca saude, de que faz frequentes acenos. Tomou como modelos os Alexandrinos, mas os superou no carater passional.

Públio Ovídio Nasão — nasceu em Sulmona, cidade dos Pelignos no ano 43 antes de Cristo e era o segundogênito de um pai abastado. Em companhia de seu irmão estudou em Roma com insignes mestres e por vontade do pai atendeu aos estudos retóricos, tendo tambem grande inclinação para a poesia. Foi tambem a Atenas e à Asia para completar a cultura; depois de voltar deveu por algum tempo dedicar-se aos negócios públicos e teve o ofício de « triumvir capitalis », tornando-se conhecido ainda jovem pelos seus escritos

eróticos. Tinha já mais de 50 anos quando por Augusto foi relegado para Tomos no mar Negro, sendo, porem, isto uma relegação e não um exílio, conservou a posse de seus bens. Foram-lhe causas, como ele afirma, « *carmen et error* ».

Por « carmen » sem dúvida deve-se entender a *ars amandi* que Augusto considerava nociva à moral; o próprio Ovídio fez alusão procurando justificar-se. A segunda causa, isto é, o erro não é bem conhecida, mas de várias partes de suas obras certa crítica quereria deduzir que Ovídio tenha assistido a algo de desagradavel para a família imperial, e caisse na suspeita de cumplicidade no adultério de Júlia, neta de Augusto.

No outono do ano 9 p. C. chegou ao lugar de relegação, de onde escreveu as mais humildes e chorosas cartas para Roma, rogando lhe fosse permitida a volta ou ao menos mudada aquela triste demora. Por fim o imperador, ou comovido ou cansado pelas contínuas instâncias, teve a lembrança de fazê-lo voltar, mas foi surpreendido pela morte no ano 14. O sucessor de Tibério não deu ouvidos às súplicas do poeta, que morreu em Tomos no ano 17.

Ovídio foi um dos mais fecundos poetas da sua idade e possuiu em grau maravilhoso a facilidade de versejar. Ele mesmo chamou-se o quarto escritor romano de elegias, e foi de fato esta a sua aptidão especial (tinha, entre outros gêneros literários, experimentado tambem a tragédia, escrevendo uma *Medea*, hoje perdida), pois justamente na elegia erótica é que manifesta o peculiar de seu engenho. Embora fosse sensibilíssimo, nunca tem sentimentos profundos; por isto mais que o produto de elaboração artística e de estudo diligente, deixou-nos a florescência espontânea de uma férvida imaginação.

Suas obras, em ordem provavelmente cronológica, são:

1) *Amores*, em três livros, série de quadros eróticos e sensuais que se relacionam com o nome de Corina;

2) *Epistolae*, tambem chamadas *Heroides*, 21 cartas de amor que se supõem escritas por antigas heroinas aos seus amantes que estão longe;

3) *Medicamina faciei*, fragmentos de 100 versos sobre o toucado feminino;

4) *Ars amatoria*, ou *ars amandi*, em 3 livros; contem ensinamentos para os amantes de ambos os sexos;

5) *Remedia amoris*, o livro de conselhos sobre os meios para acalmar a paixão do amor;

6) *Metamorfoses*, em 15 livros, narrativa fantástica das transformações dos seres da natureza, desde o caos até a metamorfose de Cesar em constelação celeste;

7) *Tristia*, 5 livros de cartas escritas em metro elegíaco durante a viagem e a longa permanência em Tomos; as 2 mais belas e comoventes são dirigidas a Augusto e à mulher;

8) *Epistolae ex Ponto,* em 4 livros, da mesma natureza que os *Tristia,* sendo que as pessoas às quais se dirigem são nomeadas no princípio de cada carta, ao passo que nos Tristia não se mencionam;

9) *Ibis,* composição elegíaca em que o poeta investe contra um inimigo seu. (Durante a relegação Ovídio escreveu versos, hoje perdidos, sobre o triunfo de Tibério, e o poema didascálico *Halieutica,* de que restam 130 hexâmetros).

10) *Fastos,* que deviam ser compostos em 12 livros; ao invés apenas uma metade foi deixada em condições tais de se poder publicar depois da morte do poeta. São uma espécie de calendário em que se descrevem os fenômenos celestes de cada mês e as festas históricas e arqueológicas do poema, ao contrário das astronômicas, foram tratadas com o máximo cuidado e tem por fundamento as obras de Varrão e de outros. Alguma indicação é tambem tomada de tradições populares.

Alguns amigos de Ovídio cultivaram com êxito a poesia épica.

Podem ser lembrados:

PÔNTICO, que compôs uma *Thebais;*

MACRÃO (que pode talvez ser identificado com POMPEU MACRÃO preposto por Augusto à reorganização das bibliotecas), que contou os acontecimentos anteriores à ira de Aquiles (*Antehomerica*) e os fatos sucessivos à Iliada (*Posthomerica);*

CORNÉLIO SEVERO, de cujo poema *De bello Siculo* existem fragmentos;

JÚLIO ANTÔNIO e PEDÃO ALBINOVANO, que celebraram um a *Diomedes,* o outro a *Expedição marítima de Germânico* e a *Teseida.*

Merecem ainda menção os poetas didascálicos:

GRÁCIO FALISCO, autor do poema *Cynegetica* e M. MANÍLIO do *Astronomicon* em cinco livros.

Entre os prosadores do período de Augusto, tem maior importância os historiadores: e de todos o mais insigne é

TITO LÍVIO, — nascido em Pádua em 59 a. C., quando esta cidade já gozava do privilégio da cidadania romana, e morto no ano 17 p. C., quarto do reino de Tibério. Sua juventude coincide com as guerras civís e seus anos melhores com o governo de Augusto. Entregou-se antes aos estudos de retórica e filosofia, mas os da história o atrairam de um modo todo especial.

Parece que entre os anos 27 e 25 tenha posto mãos à grande empresa de narrar a história de Roma desde as origens até a morte de Druso, em 142 livros, e é até provavel que pretendesse continuá-la até a morte de Augusto em 150 livros, a serem divididos em 15 décadas.

Sua narração leva o título *Annales* e tambem *Res romanae ab urbe condita,* ou mais simplesmente *ab urbe condita libri.* Só 35 destes livros chegaram a nós, isto é, os da primeira década, aqueles que vão de 21 a 45; de alguns outros possuimos fragmentos. (A todos

os livros perdidos procurou suprir no século XVII o professor I. Freinsheim de Ulma imitando o estilo de Tito Lívio). Temos em compensação um breve sumário devido a um autor desconhecido, mas geralmente atribuido a *Floro*. A grande reputação gozada por Lívio em vida é atestada pelo fato de um estrangeiro ter ido a Roma de Cadiz, só para conhecer o famoso historiógrafo, e Augusto, embora o chamasse Pompeano, teve por ele sentimentos de verdadeira amizade.

A história no conceito de Lívio tem a tarefa não tanto de recordar os fatos, quanto de tornar-se um meio de ilustração e de emulação, e ele narrou os acontecimentos de Roma justamente porque entre todos lhe pareciam os mais ricos de exemplos dignos de imitação. Poucos historiadores tiveram a visão dos grandes caracteres como Lívio, que se revela ao mesmo tempo narrador fascinante e orador eficacíssimo. O escopo de escrever uma história agradavel e instrutiva foi pelenamente alcançado; mirando só isto, o autor não atendeu muito a laboriosas pesquisas e ao estudo dos documentos, nem teve o cuidado de visitar os lugares onde tinham acontecido os fatos. Contentou-se com aceitar e repetir as asserções dos predecessores Fábio Pictor, Políbio e outros de menor autoridade; mas é inegavel que se propusera dizer sempre a verdade e nunca a violou propositadamente. Na língua e no estilo dele encontramos algumas vezes falta de classicismo puro, todavia a expressão é animada e adatada ao assunto. Que fosse a «*patavinitas*» que lhe criticava Asínio Polião não nos é dado saber.

POMPEU TROGO, descendia de uma família da tribo gálica dos Vocôncios, mas seu avô, tendo militado com Pompeu, recebera a alforria tomando o nome deste, e o pai recebera de Júlio Cesar muitas incumbências.

Nada mais sabemos de P. Trogo, que escreveu em 44 livros uma história com o título *Historiae Philippicae* em que se narravam especialmente as vicissitudes da Macedônia e dos sucessores de Alexandre Magno. Tambem esta obra se perdeu, mas subsiste um compêndio de JUSTINO que viveu no tempo dos Antoninos pela metade do século 2.° p. C.

Os outros historiadores da época são:

FENESTELA, cuidadoso indagador de histórias e antiguidades romanas; escreveu *Annales*.

M. VÉRIO FLACO, que compôs os *Fastos* e uma espécie de dicionário *De verborum significatione* em ordem alfabética, rica fonte de notícias para o que se refere à língua e às antigas memórias de Roma. Possuimos um compêndio parcial feito por POMPEU FESTO do 3.° século p. C., e outrossim, dos *Fastos* foram descobertos importantes fragmentos em Preneste em 1770.

Ocuparam-se igualmente de lexicografia SANTRA e GÁVIO BASSO, de arqueologia SÍNIO CAPITÃO.

JÚLIO HIGINO, liberto de Augusto, que viveu entre o 64 e o 17 a. C., era natural da Espanha e julga-se ter sido levado a Roma

por J. Cesar depois da tomada de Alexandria: foi posto à frente da biblioteca palatina instituida em 28. De suas numerosas obras históricas, como *De urbibus italicis, De familiis troianis* etc., restam fragmentos; temos ainda, atribuidas a ele, as *Fabulae* (livro escolástico contendo 277 fábulas) e *Poeticon astronomicon libri quatuor.*

Resta-nos falar dos escritores de matérias científicas, embora esses dessem maior importância ao assunto que ao estilo e às qualidades literárias. O mais eminente arquiteto foi

VITRÚVIO POLIÃO, que dedicou a Augusto a obra *De architectura* em 10 livros, cada qual precedido de um prefácio em que o autor se dirige ao imperador com muita deferência. A obra ainda subsiste, mas se perderam as plantas que lhe estavam anexas.

Entre os juristas merecem registo, alem de C. HÉLIO GALO (autor da obra *De significatione verborum quae ad jus civile pertinent*):

M. ANTÍSTIO LABEÃO, discípulo de *C. Trebácio Testa* (autor do *De religionibus*). Foi jurisconsulto ilustre e recusou o consulado oferecido por Augusto, preferindo viver seis meses do ano em Roma entre as consultas legais e outros seis meses na vila ocupado inteiramente na composição especialmente de obras legais. Os sequazes de sua escola chamaram-se Proculianos, de *Próculo,* principal fautor.

C. ATEIO CAPITÃO, consul no ano 5 p. C. e em seguida « *curator aquarum* », isto é, superintendente dos aquedutos, conservou este ofício até a morte. Brilhou na jurisprudência civil, sobre a qual deixou 10 livros, não menos consultados que os de Labeão. Foi tambem ele chefe de uma escola, e de MASÚRIO SABINO, ou de CÁSSIO LONGINO discípulo deste, chamaram-se Sabinianos ou Cassianos os seus sequazes.

Os estudos filosóficos, espécie de epicureismo, eram cultivados pela classe mais elevada de Roma, por diletantismo mais que com intenções sérias e profundas. À oratória no último período da vida de Augusto se dedicaram:

T. LABIENO, o qual não somente foi grande orador segundo o conceito antigo, mas historiador de preço, e como tal demonstrou tanta liberdade e independência de pensamento que o Senado decretou a supressão de suas obras. A oposição audaz a Augusto e aos amigos do imperador lhe mereceram o alcunha de Rabieno.

CÁSSIO SEVERO, orador atrevido e violento, e por isso mesmo exilado.

Os únicos retóricos, dos quais possuimos os escritos, são:

P. RUTÍLIO LUPO e M. ANEU SENECA. Este nascido em Córdova na Espanha, foi a Roma durante o império de Augusto para lá ouvir os melhores oradores. Voltando à patria, casou-se com Élvia da qual teve três filhos: L. Aneu Sêneca, o filósofo, Aneu Mela, pai do poeta Lucano, e Aneu Novato. Pertencia à família abastada de ordem equestre e foi homem da velha têmpera de romano, admirador de Cícero. Nos últimos anos publicou uma coleção de *Controversiae* em dez livros e destes, com algumas lacunas,

possuimos o primeiro, o segundo, o sêtimo, o nono e o décimo e uma obra intitulada *Suasoriae*. Estas obras escritas num estilo, porquanto era possivel, Ciceroniano, constituem uma fonte preciosa para a história da retórica nos tempos de Augusto e Tibério. Alem disso, compôs uma obra histórica, que se extende das guerras civís até o fim de sua vida; mas essa, infelizmente, perdeu-se toda.

QUINTO PERÍODO (IMPERIAL)

Da morte de Augusto à morte de Justiniano. (14 — 565 p. C.)

Morto Augusto, a monarquia instituida por ele torna-se um verdadeiro despotismo, que gradualmente sufoca, tanto em política como em literatura, toda a aspiração de liberdade e de independência. Por isto se apaga a faculdade inventiva e as melhores produções literárias não fazem mais que imitar as obras primas da idade clássica.

O primeiro século da era cristã. Da morte de Augusto ao advento de Nerva. (14 — 96 p. C.)

O servilismo e a adulação para com o imperador foram neste século os meios únicos para tornar seguras a vida e a propriedade. Vespasiano e Tito pareceu que prometessem dias melhores, mas era tarde; o feroz imperador Domiciano voltou a atirar o estado em piores condições, que o brando governo de Nerva e de Trajano apenas conseguiu tornar mais sensiveis. Ninguem podia aventurar-se a esprimir impunemente os próprios sentimentos e o seu modo de pensar: em literatura tudo que era simples e espontâneo se considerava medíocre; assim o maneirismo e a afetação assumiram o aspecto de força e de vigor natural.

Não faltaram, é verdade, homens como Quintiliano, que tiveram conciência clara de tais defeitos; mas, em vez de remediá-los, foram eles mesmos incapazes de evitá-los. As escolas e os numerosíssimos mestres poderiam ser indícios de certo desenvolvimento da cultura literária; trata-se porem de cousa de todo superficial. A correção métrica seguida já nos tempos de Augusto, continuou a ser considerada indispensavel, mas a língua se ia corrompendo; as formas poéticas eram empregadas na prosa, cunhavam-se novos vocábulos e se descuidava o vigor sintático das construções.

DURANTE O IMPÉRIO DE TIBÉRIO (14–37) as declamações retóricas sobre sujeitos reais ou imaginários substituiram a verdadeira oratória; aos historiadores só era lícito narrar sem perigo os fatos que não tivessem relação com a vida contemporâneo, a menos que não se pejassem de aviltar-se com a mais vulgar bajulação. Só os gramáticos e os juristas podiam atender aos seus estudos sem temor, enquanto as fontes da poesia se iam tornando quase exaustas.

Alguns membros da família imperial imitando o exemplo de Augusto cultivaram as letras: TIBÉRIO (que escreveu os comentário de sua vida) e GERMANICO (do qual temos ainda uma *tradução em hexâmetros dos « Fenomenos » de Arato*).

A. CREMÚCIO CORDO tinha escrito *Anais* de história romana mas, perseguido por Seiano, suicidou-se e a obra foi queimada por ordem do Senado.

AUFÍDIO BASSO é autor de uma história que vai das guerras civís ao ano 47 p. C., continuada depois por *Plínio o Velho*. Não se sabe se a narração da guerra com os Germanos (*libri belli germanici*) era separada de todo o resto ou se fazia parte da obra; os fragmentos que nos conservou Sêneca mostram um estilo um tanto artificioso e afetado.

M. VELEIO PATÉRCULO. Nascido provavelmente no ano 20 a. C., foi tribuno militar e com este grau acompanhou Tibério, ficando por oito anos quase sempre com ele durante as expedições na Germânia, Panônia e Dalmácia.

Voltando para Roma em 15 p. C., viveu privadamente, compondo *Historiae Romanae ad M. Vinicium consulem libri II*, chegados até nós mas um pouco mutilados. O primeiro, que tem muitas lacunas e está sem o princípio, é um breve resumo de história geral até a destruição de Cartago. O segundo, completo, difunde-se em particulares à medida que se aproxima aos tempos do autor e contem esclusivamente fatos da história romana. Quanto Veleio fala de Augusto ou de Tibério é exagerado nos elogios ou, para falar melhor, não está isento da adulação servil.

VALÉRIO MÁXIMO, contemporâneo do precedente mas inferior a ele em engenho, o supera na adulação a Tibério. Escreveu, para uso dos oradores e das escolas de retórica, uma coleção de de anedotas, ainda existentes, com o título *Factorum dictorumque memorabilium libri IX*, dedicados ao imperador. Cada capítulo está dividido em duas partes: a primeira contem os exemplos tirados da história romana, a segunda os de outros paises.

Um dos escritores mais notáveis pela variedade dos argumentos é

A. CORNÉLIO CELSO, conhecido especialmente por um tratado de medicina, mas escreveu tambem sobre retórica, leis, filosofia e agricultura. A grande obra em que se descorria de todas estas matérias parece que era uma espécie de enciclopédia em 20 livros, intitulada *artes* ou *de artibus*, dos quais os oito que ainda ficam sobre a medicina representam o único escrito no gênero, que nos oferece a literatura romana.

O único poeta do império de Tibério é FEDRO, liberto, nascido em Macedônia. Publicou 5 livros de fábulas esópicas em senários jâmbicos, com provaveis alusões aos acontecimentos de sua vida. Foi perseguido por Seiano, mas sobreviveu à queda do infame ministro imperial.

Os IMPERADORES CLÁUDIO, NERO e AGRIPINA, mãe de Nero, são dignos de lembrança como cultores de estudos literários.

CLÁUDIO, antes da ascensão ao trono e tambem depois, ocupou-se ativamente de questões gramaticais e de história; mas não temos dele senão um fragmento de oração pronunciada no Senado para recomendar que fossem admitidos aos altos cargos do estudo os nobres da Gália.

AGRIPINA escreveu comentários, e NERO cultivou com verdadeiro entusiasmo a poesia, lendo os seus trabalhos não só aos amigos na corte, mas no teatro público. Compôs, entre outras coisas, um poema épico sobre a guerra troiana.

L. ANEU SÊNECA, nasceu no ano 4 a. C. e morreu em 65 p. C., de modo que, o tempo melhor de sua atividade literária coincide com os anos de Tibério, Galígula, Cláudio, Nero. Tendo acompanhado o pai a Roma, entregou-se aos estudos de oratória e filosofia, não descurando a vida pública.

No princípio do reino de Cláudio, quando Júlia Livila, por ele amada, foi relegada para Córsega, tocou-lhe a mesma sorte, e somente em 49, por desejo de Agripina, voltou a Roma para encarregar-se da educação de Nero. Sob o império deste, Sêneca foi por certo tempo o governador virtual do estado; mas em 65, acusado de ter tomado parte na conjuração de Pisão, foi condenado à morte, e como fora deixada à sua escolha a execução da sentença, abriu-se as veias no banho e morreu com a calma e resignação realmente dignas de um filósofo. Possuia facilidade grandíssima para a composição, mas demonstrou às vezes vã ambição e servilismo, vícios que estão em aberto contraste com as opiniões que confessa nas suas obras.

Desenvolveu muitos e variados argumentos em prosa e em versos com tendência marcadamente contemplativa: sua base filosófica é o estoicismo, porem corrigido e temperado por outros sistemas.

Entre as prosas de índole filosófica conservadas, merece um aceno especial: 1° *De ira* em três livros; 2° os três distintos escritos *De consolatione* a Políbio, a Márcia, à mãe Élvia; 3° *Quare bonis viris mala accidant cum sit providentia,* em que se recomenda o suicídio como remédio para os males da vida; 4° *De constantia sapientis;* 5° *De animi tranquillitate;* 6° *De beneficiis* em sete livros compostos nos últimos anos; 7° *Epistolae ad Lucilium,* coleção de 124 cartas distribuidas ora em 20 e ora em 22 livros; 8° *Quaestionum naturalium libri VII,* muito populares na idade média, onde o autor segue as teorias dos estóicos, valendo-se tambem de Aristóteles e de Teofrasto.

Quintiliano fala ainda de orações escritas por Sêneca o qual certamente terá composto algumas para Nero. Seus trabalhos poéticos mais importantes são: *Ludus de morte Caesaris,* sátira menipéia bem amarga contra o imperador Cláudio; as *tragédias: Hercules furens, Thyestes, Phoedra, Oedipus, Troades* (ou *Hecuba*), *Medea, Aga-*

memnon, *Hercules Oetaeus* e duas cenas duma *Thebais*. (A pretexta *Octavia* cujo sujeito pertence à história recente e que traz o nome de Sêneca é geralmente considerada de idade posterior). Hesitou-se por certo tempo em atribuir essas tragédias a Sêneca, o retórico, mas a crítica demonstrou que nem pelo estilo nem pelo pensamento são incompativeis com o que conhecemos do filósofo. Existe aí a mesma verbosidade, o mesmo fundamento retórico e sentencioso das obras em prosa, sendo que todos estes defeitos aparecem exagerados. A versificação é correta, mas monótona.

Q. CÚRCIO RUFO, escreveu a história de Alexandre Magno (*Historiae Alexandri Magni*) em 10 livros, dos quais se perderam os dois primeiros. Nada mais se sabe do autor, o que proporcionou largo campo para conjecturas relativas ao tempo em que a obra foi composta; mas o estudo cuidadoso de alguns passos revela bastante claramente que é posterior à morte de Calígula. O estilo e a língua são modelados sobre os de Lívio, porem o trabalho tem algo de retórico, e possue a aparência mais de romance que de verdadeira história.

L. JÚNIO MODERADO COLUMELA, coetâneo e compatriota de Sêneca, nasceu em Cadiz e compôs *De re rustica* em 12 livros.

O escrito *De arboribus*, que nos resta, parece que era parte de um outro trabalho sobre o mesmo argumento e serve de explicação ao quinto livro *De re rustica*. Columela, bem compenetrado da importância do sujeito, esforça-se para tratá-lo dignamente; escreveu até o 10° livro em excelentes hexâmetros, à imitação das Geórgicas de Vergílio, ao qual contudo ficou muito inferior.

Q. ASCÔNIO PEDIANO, natural talvez de Pádua e viveu, parece, durante o império de Cláudio e foi contemporâneo do famoso gramático Q. RÊMIO PALESMÃO. Escreveu as biografias de Salústio e de Pérsio alem de um discurso contra os detratores de Vergílio. Alem destes trabalhos de valor, porem, preparou um comentário histórico precioso a todas as orações de Cícero, que subsiste ainda parcialmente. Todavia o comentário que leva o nome dele, como ilustração das Verrinas, não possue nem o estilo e nem a importância histórica para poder ser atribuido a ele, e talvez pertença a algum gramático do quarto século.

POMPÔNIO MELA, espanhol de Tingentera, fez em três livros a descrição do mundo antigo, dando-lhe o título *De situ orbis*. É um breve manual, conservado inteiro, que começando da África (província), se ocupa sucessivamente do Egito, da Arábia, da Síria, da Ásia Menor, etc., isto é, de todos os paises da costa do Mediterrâneo. O autor não se limita às notícias de índole geográfica, mas acrescenta, interessantes indicações sobre os usos e costumes dos vários povos em forma um tanto retórica, que nos faz lembrar o estilo de Sêneca.

Parece estranho que os Romanos, apesar de suas grandes conquistas não tenham antes de então produzido obras geográficas, e, embora mais tarde não tenham faltado, Pompônio Mela passa na literatura latina pelo melhor e mais perfeito geógrafo.

Eruditíssimo entre os gramáticos foi M. VALÉRIO PROBO de Berito, o qual parece que tenha vivido até o tempo de Domiciano. Fez por Vergílio o que os Alexandrinos fizeram por Homero, isto é, propôsse, estabelecer a correção dos poemas Vergilianos. Publicou, alem disso, os textos de Horácio, de Lucrécio, de Terêncio, com os respectivos comentários.

Os filósofos deste período adotaram geralmente o sistema estóico, sendo convicção dos melhores engenhos que só ele ensinasse a viver honesta e corajosamente, mas o estoicismo foi raramente pelos Romanos de qualquer epoca cultivado na sua forma genuina. Entre os mais ilustres sequazes são lembrados:

A. PÉRSIO FLACO, nascido em Volterra de família equestre no ano 34 p. C. Ainda criança, tendo perdido o pai, foi com a mãe e uma irmã para Roma onde foi instruido em gramática, retórica e no estoicismo por Cornuto. Este deixou um vestígio muito profundo no ânimo jovem de Pérsio que ficou afeiçoado a ele como a um pai até a morte que o colheu aos 28 anos apenas. Entre seus escritos teem particular importância *seis sátiras*, chegadas até nós; só a primeira, porem, se pode considerar como tal e é dirigida contra o mau gosto dos poetas e do público de seu tempo: as outras são declamações poéticas sobre os preceitos da filosofia estóica que ele recomenda aos leitores como meio de vida feliz. Os caracteres, as imagens e mesmo o fraseado se ressentem com frequência. Todavia, como homem, Pérsio mereceu ser admirado por seriedade, gentileza e moralidade de costumes.

M. ANEU LUCANO, sobrinho do filósofo Sêneca, nascido em Córdova, no ano 39, foi instruido tambem ele por Cornuto e tornou-se amigo de Pérsio. Como havia cativado a admiração universal recitando em público (segundo o uso do tempo) suas composições poéticas, Nero por inveja proibiu-lhe continuar tais recitações. Declarado cúmplice na conspiração de Pisão e condenado a morrer abriu as veias em 65, na idade de 26 anos. Depois de Vergílio é o mais eminente poeta épico da literatura latina. Sua faculdade creativa deveu sêr poderosa, se se considera o número dos obras compostas durante sua brevíssima vida; infelizmente perdeu-se tudo, salvo *um epigrama* e o grande poema épico, *Farsália*, em 10 livros, incompleto porque evidentemente o livro 10º não está terminado. Desenvolve a guerra civil entre Cesar e Pompeu, da qual são expostos não só cronologicamente, mas com fidelidade histórica, todos os acontecimentos desde o princípio até o cerco de Alexandria. As qualidades poéticas aparecem sobretudo nas cenas sentimentais e na descrição dos caracteres; alem disso o poeta, como verdadeiro estóico, evitando toda vulgaridade, demonstra ter escolhido aquele assunto porque lhe oferecia ocasião de expor seu pesar pelo desaparecimento da liberdade. O estilo é vigoroso, não sem colorido retórico, porem Quintiliano considera a « Farsália » uma história mais que um verdadeiro poema.

CÉSIO BASSO, que se diz ter perecido na erupção do Vesúvio no ano 79, é lembrado por Quintiliano como autor de líricas: seu

nome está intimamente ligado ao de Pérsio de quem publicou as sátiras. Escreveu provavelmente *um poema didascálico sobre os metros*.

C. PETRÔNIO ÁRBITRO. Suas *sátiras* (conhecidas tambem sob o nome de *Satiricon*) são uma espécie de romance cômico, em 20 livros, dos quais o mais longo fragmento contem a descrição da ceia de Trimalcião. A obra é em prosa, intercalada ,porem, de muita poesia à imitação das antigas sátiras menipéias e contem preciosas notícias sobre os costumes, a moralidade e sobre a língua do tempo. Admite-se geralmente que o autor viveu no tempo de Nero, já que Tácito fala de um famoso cortesão, C. Petrônio, grande amigo de Nero, dizendo dele coisas que parecem apontá-lo como apto para compor um tal gênero de trabalho. De onde lhe tenha advindo a C. Petrônio o sobrenome de Árbitro, não é bem conhecido.

Do império de Nero são ainda, o poeta bucólico T. CALPÚRNIO SÍCULO, do qual nos restam *sete églogas* compostas à imitação de Teócrito e de Vergílio; e o poeta didascálico LUCÍLIO MENOR, amigo de Sêneca, ao qual pertence provavelmente o poema *Aetna*.

O IMPERADOR VESPASIANO, promoveu em certo modo as letras fixando um estipêndio aos mestres de retórica gregos e latinos, mas expulsou de Roma os filósofos porque os julgava republicanos e nocivos à paz interna do império. Durante seu governo e no de Tito se assinalaram:

C. PLÍNIO SEGUNDO, chamado comumente PLÍNIO o VELHO. Tinha 56 anos quando morreu na erupção do Vesúvio e era natural de Como. Em 52, interrompido o serviço militar, alternou a sua estada entre Roma e a cidade natal, dedicando-se todo aos estudos. Em 57 o encontramos procurador na Espanha, antes da morte é recordado como comandante da frota em Miseno, e foi vítima do amor pela ciência durante a erupção vulcânica de 79.

Entre os muitíssimos escritos o único que ficou é a *Naturalis Historia* em 37 livros, o primeiro dos quais contem o sumário de toda á obra, como tambem uma dedicatória ao imperador Tito. Esta gigantesca compilação de mais de 2.000 volumes é uma espécie de enciclopédia em que Plínio recolheu com o escopo de cultura tudo aquilo que julgava digno de ser conhecido. Seu sobrinho (Plínio o Jovem) chamou-a « Opus diffusum, eruditum nec minus varium quam ipsa natura », embora em algumas partes o autor se revele mais diletante que verdadeiro cientista.

De C. VALÉRIO FLACO, autor do poema épico *Argonautica*, sabe-se apenas que morreu lá pelo ano 89. O poema chegou até nós em 8 livros, mas não se pode dizer completo e é considerado como imitação livre do grego de Apolônio Ródio, sem ostentação de doutrina, com maior elaboração das cenas efetivas e dos caracteres dos heróis.

Outros poetas, que se dedicaram, porem, ao drama, foram POMPÔNIO SEGUNDO, CURIÁCIO MATERNO, de cujas tragédias *Medea, Thyestes, Cato* e *Domitius* se conhecem só os títulos, como tambem das tragédias de FAUSTO *Tereus, Thebae, Atreus.*

O IMPÉRIO DE DOMICIANO e sua brutal tirania suprimiram toda nobre aspiração na vida moral e intelectual dos Romanos.

Os principais escritores do tempo são:

C. SÍLIO ITÁLICO, de família distinta, nascido no ano 25, que adquiriu reputação como orador e como poeta. Elevado por Nero à dignidade consular em 68, foi mandado em seguida a administrar a província da Ásia. Após a volta, retirou-se dos negócios públicos e gozou de suas riquezas na tranquilidade de uma vida luxuosa, consagrada ao culto da poesia; mas em 101, cansado ou desgostoso da vida, deixou-se perecer de inédia. Possuimos dele o poema *Punica*, sobre a segunda guerra púnica, em 17 livros, aos quais servem de fundamento a história de T. Lívio: contudo, apesar disto, abundam os acenos mitólogicos.

P. PAPINO ESTÁCIO, filho do insigne gramático napolitano do mesmo nome, pelo qual foi cuidadosamente educado, nasceu pelo ano 45. Mesmo antes da morte do pai (ano 80) tornara-se conhecido como poeta extemporâneo e recitando em Roma uma parte do seu poema « Tebaide ». Sempre que acena a Domiciano, mostra a mais desagradavel adulação; mas sendo de carater tímido e fraco, não revela com precisão seu pensamento: com efeito, enquanto censura Calígula e Nero, mortos, adula a Domiciano, ainda vivo, de modo indigno. Na língua, como na versificação tomou como modelo a Vergílio e escreveu: *Thebais*, que trata epicamente a luta entre os dois irmãos Etéoclo e Polinício, em 12 livros, os primeiros 10 são difusos, os dois últimos, ao invés, são conduzidos sumariamente. *Achilleis*, em 2 livros, outro poema épico, inacabado, que se interrompe com a cena na qual Aquiles é descoberto por Ulisses. *Silvae*, em 5 livros, coleção de 32 breves composições poéticas escritas em várias ocasiões.

M. VALÉRIO MARCIAL, nasceu em Bílbiles na Espanha pelo ano 40. Tendo ido para Roma na idade de 22 anos, podia ter-se assegurado uma vida honrada e independente; preferiu tornar-se adulador dos ricos e solicitar dons dos poderosos. Frequentemente alude à própria pobreza e implora auxílios dos amigos, embora alguma vez fale com desprezo daqueles que adotam tal procedimento. De Domiciano, que foi segundo ele, um modelo de sabedoria, recebeu honras e títulos, como Estácio, julga com desinteresse só a quem não está mais em vida, censurando Nero e louvando muito a Árria e Trásea Peto, de modo pessoal dele. Como poeta ocupa, porem, um lugar eminente, escreveu 15 livros de *epigramas* (o primeiro dos quais, sobre os espetáculos, leva o título de *Liber Spectaculorum*) relativos à vida social dos Romanos contemporâneos, que pinta em todo o seu servilismo imoral.

Os versejadores, frequentemente ineptos abundaram durante o império de Domiciano, quando justamente estavam em grande uso as citações poéticas nas reuniões privadas e públicas. Poucos merecem lembrança, entre os quais:

L. ARRÚNCIO STELLA, napolitano, escritor de elegias eróticas.

Entre os prosadores tem o primado M. FÁBIO QUINTILIANO, nascido em Calaorra da Espanha no ano 35, e educado em Roma onde teve oportunidade de ouvir excelentes oradores e retóricos insignes, entre os quais DOMÍCIO AFRO, JÚLIO SEGUNDO, etc. Em 61 acompanhou Sérgio Galba na Espanha, tendo voltado com ele em 68, pôs-se a exercitar a eloquência forense (subsistem ainda os seus ensaios oratórios); sobretudo conseguiu fama como mestre de retórica e foi o primeiro a receber com tal ofício estipêndio do estado. Teve como discípulo Plínio o Jovem, e o sobrinho de Domiciano que lhe conferiu tambem a dignidade consular. Com o ensino conseguiu uma fortuna consideravel, pelo que poude retirar-se depois de 20 anos e morreu antes de 106. Para não falar do livro *De Causis corruptae eloquentiae* (que não se deve confundir com o *Dialogus de oratoribus* de Tàcito) perdido, a sua obra maior, em 12 livros, chegada até nós leva o título de *De institutione oratoria*. Escrita depois do seu retiro, em 8 anos, compreende o resultado de uma longa esperiência didática e é um completo sistema de preparação para o futuro orador, com preceitos exemplificados e com acenos sobre a educação em geral. É recomendado de modo particular o estudo diligente dos escritores gregos e latinos, o que induziu o autor a fazer no 10º livro um breve resumo das duas literaturas. No fixar os princípios da oratória serve-se essencialmente de Cícero, mas sobre essa base ele sabe construir uma teoria independente, ampliada pelos seus conhecimentos práticos. Teve percepção clara do mau gosto de sua idade e mpenhou-se para evitar-lhe os defeitos, não conseguindo, porem, escapar inteiramente ileso; com efeito se o seu estilo está livre de exageros e adornos retóricos comuns, resente-se da influência do tempo na dureza da expressão, na construção complexa e pouco elegante do período.

S. JÚLIO FRONTINO, nascido em 40 foi o mais nobre carater de toda esta idade, pois coube levar-se às maiores honras unicamente pelos seus méritos. Em 70 era pretor urbano, em 74 procunsul na Bretanha, em seguida tomou parte na guerra contra os Catos na Germânia. Depois de voltar viveu tranquilamente numa propriedade nas costas da Campânia, ocupando-se de letras e de ciências. Nerva tornou a chamá-lo à vida pública em 97, promovendo-o ao consulado e confiando-lhe contemporaneamente o ofício de « Curator aquarum ». Morreu provavelmente em 103. Sua autoridade é limitada a assuntos de índole técnica e profissional em que tinha adquirindo muita prática. Escreveu:

1.º — *De agrorum qualitate, De controversiis, De limitibus:*

2.º — *De re militari Romanorum* (expunham-se os preceitos de tática e discorria-se de outros assuntos militares);

3.º — *Strategematon* libri IV (inclusive um apêndice onomástico), coleção de estratagemas militares: a obra subsiste inteira, embora com muitas interpolações, como tambem o

4.º — *De aquis urbis Romae* num só livro, que trata de tudo o que diz respeito aos planos, à construção e à manutenção

dos aquedutos, e está escrito num estilo simples e claro. Tem por isto muita importância na história da arquitetura antiga.

Por último mencionaremos EMÍLIO ASPRO, excelente comentador de Vergílio, de Salústio, de Terêncio, e ESCRIBÔNIO LARGO, médico do imperador Cláudio, que nos deixou um receituário de medicina: *Compositiones medicamentorum.*

O segundo século da era cristã
Do advento de Nerva a Caracala
(96 — 211 p. C.)

Com o advento de Nerva começa a nova vida, mas seu governo foi de demasiado breve duração para produzir efeitos notaveis: o sucessor Trajano, ocupado em guerras externas, não poude exercer grande ação sobre a literatura. Sob o seu governo e o dos imperadores seguintes, parece que todo o traço de originalidade se perde, pois, na maioria os escritores desprovidos de gosto, adotam um estilo que é, pode-se dizer, uma mistura de todos os estilos e procuram avidamente tudo o que é raro, arcaico, artificioso. Assim aconteceu sobretudo no tempo de Adriano, quando um pedante do tipo de Frontão foi considerado um mestre em literatura. A erudição torna-se comum, e, para facilitar a aquisição de facil doutrina, fazem-se sumários e compêndios para aqueles que não tem tempo ou aptidão para estudar as obras antigas. A oratória degenera sempre mais em declamação pomposa, mas as ciências práticas como a medicina e as leis, continuam a ser cultivadas com seriedade e successo, pois que os escritores se conservam nesta campo imunes dos efeitos estilísticos do tempo.

O introduzir-se do Cristianismo dá certo impulso à vida intelectual; de fato aqueles que ainda pendiam para a Religião antiga e se opunham à nova com todas as forças, industriaram-se para demonstrar que nada havia nesta que já não estivesse naquela, enquanto os advogados do Cristianismo faziam todo o esforço e sacrifício para promover-lhe a difusão.

A língua latina teve que sofrer alterações notaveis especialmente na província da África, onde a chamada latinidade africana é representada por alguns escritores importantes.

O melhor poeta dos TEMPOS DE TRAJANO é o satírico D. JÚNIO JUVENAL. Nasceu em Aquino provavelmente pelo ano 54 e era filho de um liberto bem arranjado. Recebida em Roma a primeira educação, dedicou-se à retórica, mas em 94, tendo ofendido a Domiciano, teve que dirigir-se ao Egito com algum comando militar, de onde lhe foi permitido voltar depois do assassínio daquele imperador.

Antes de então não escreveu ou ao menos não recitou nenhuma de suas sátiras, que continuou a compor sob Trajano e Adriano.

Não conhecemos a data exata de sua morte, mas parece que sobreviveu ao advento de Antonino Pio (138 p. C.), morrendo com cerca de 80 anos. Foi amigo de Estácio e conheceu Quintiliano. As sátiras de Juvenal são 16, distribuidas em 5 livros, mas as duas últimas não possuem nem a força nem o frescor das outras e deixam a impressão de um trabalho senil. Foi levado a escrevê-las, como ele mesmo afirma, pela indignação contra o vício e a atrocidade de que fora testemunha durante o império de Domiciano, embora então estivesse constrangido ao silêncio. Os sujeitos são escolhidos de modo a apresentar o lado mais sombrio da vida social e política, e o autor manifesta um amplo conhecimento do mundo, da natureza humana, ou antes da parte pior desta. Ocasionalmente encontra-se algum gracioso quadro da vida privada, mas é, em geral, descrita sem contraposições a triste realidade. Quanto à forma e à estrutura poética, Juvenal não se pode dizer sumo: e ainda as numerosas alusões ao tempo do autor deixam a custo compreender o pensamento do poeta.

O primeiro lugar entre os prosadores da IDADE DE NERVA E DE TRAJANO cabe a CORNÉLIO TÁCITO, nascido em Interamna (Terni), ou em Roma, em 54, do cavaleiro romano de mesmo nome. Tambem Tácito, como Juvenal, passou o melhor de sua vida em um forçado silêncio sob o império de Domiciano. Em 78 desposou a filha J. Agrícola, e talvez acompanhou o sogro na Bretanha, pois deste país revela um conhecimento que não podia adquirir sem o ter visitado. Em 88, quando foram celebrados em Roma os «jogos seculares», Tácito era pretor e investido do ofício sacerdotal do quindecênviro, mas no ano seguinte teve que abandonar Roma com a mulher, talvez para subtrair-se à inveja de Domiciano; voltou em 94 depois da morte de Agrícola.

No ano 97, primeiro do império de Nerva, foi elevado ao consulado em substituição ao defunto Vergílio Rufo, do qual pronunciou um eloquentíssimo elogio fúnebre. Incerta é a data de sua morte, mas se esta, como parece, deve ser colocada no tempo de Adriano, teria acontecido em 120.

Como outros pensadores, ele estava convencido que a monarquia fosse então a única forma possivel de governo para os Romanos contemporâneos: apesar disto em teoria e idealmente almejava uma república aristocrática.

Historiador, teve o máximo cuidado de acertar-se dos fatos com o auxílio das fontes mais autorizadas, exercitando o espírito crítico da escolha e expondo-lhe sem reserva os resultados. Refere concienciosamente os acontecimentos às causas, mas na análise psicológica dos homens nem sempre é sereno; na narração se mostra sério, triste, algumas vezes amargo; sabe, porem, evitar todo exagero retórico e passional, pouco conveniente à dignidade de historiador. A princípio pareceu que seguisse o estilo dos clássicos predecessores; mais tarde adotou o estilo do tempo, não sem colorido poético e argúcia de antítese; a qual unida à concisão epigramática, a certa

novidade e ousadia, induz o leitor a pensar, a refletir. A dificuldade da leitura de Tácito depende sobretudo da brevidade, não tendo ele usado nunca palavras amais que as absolutamente necessárias.

Em religião pensa que os Deuses são indiferentes às coisas dos homens ou indignados com eles, e que o mundo esteja a mercê do destino. Nem parece que professasse um sistema filosófico particular, por mais que em moral penda para o estoicismo. As obras de Tácito, na ordem em que foram compostas, são as seguintes:

1.º *Dialogus de oratoribus*. Nele se confrontam as condições da oratória contemporânea com a do tempo passado, e se fixam as causas da decadência desde a instituição do império. O estilo é mais facil e fluente que nos escritos posteriores sem traço daquela amargura já mencionada para a história, quer por ser obra juvenil do autor quer por representar a transcrição de um diálogo realmente havido e por ele ouvido quando era *juvenis admodum*.

2.º *De vita et moribus Julii Agricolae liber*. O autor escreveu esta biografia quase prenúncio de uma obra histórica maior, destinada a conter as lembranças da servidão passada e a atestar a felicidade presente. O verdadeiro estilo Tacitiano não está ainda bem desenvolvido, mas encontramos equanimidade e um quente afeto.

2.º *De origine, situ, moribus, ac populis Germanorum*, ou mais simplesmente *Germania:* é um tratado etnográfico da Germânia e dos seus habitantes, que Tácito se induziu a compor pelo grande interesse que o argumento despertava entre os Romanos, tendo tido provavelmente ocasião de visitar uma parte daquela região quando o pai estava investido na Bélgica dum cargo oficial. Põe em contraste a rude simplicidade dos Germanos com o luxo e a decadência de Roma.

4.º *Historiae*. Compreendiam em 14 livros as vicissitudes políticas do tempo de Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano, isto é, a história romana contemporânea de 69 a 96. Em idade adiantada o autor queria acrescentar as notícias relativas ao império de Nerva, mas lhe impediu a morte. Restam apenas os primeiros 4 livros e uma parte do quinto, correspondentes aos anos 69 e 70.

5.º *Annales* ou *ab excessu divi Augusti*. Terminadas as *Historiae* empreendeu a narração dos acontecimentos de Roma desde a morte de Augusto ao princípio daquelas, abrangendo os impérios de Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, de maneira que as duas obras formassem uma continuação até à morte de Domiciano. Dos 16 livros de que se compunha a obra, subsistem os primeiros quatro com parte do 5º e do 6º, e os últimos do 11º ao 16º, mas do 11º perdeu-se o princípio, do 16º o fim.

Vem depois de Tácito, C. PLÍNIO CECÍLIO SEGUNDO, comumente chamado PLÍNIO O JOVEM, filho de L. Cecílio que tinha desposado uma irmã de Plínio o Velho. Nasceu em Como em 62. Educado pelo tio e na escola de Quintiliano, serviu como tribuno militar na Síria, e, voltando para Roma, teve sucessivamente o ofício de questor, de tribuno da plebe, de pretor. Sob Nerva obteve a

« praefectura aerarii », em 100 o consulado, e nesta ocasião compôs o *panegírico:* dez ou onze anos depois foi encarregado do governo de Bitínia, e, neste cargo, manteve ativa correspondência com Trajano. Não se sabe com exatidão nem quando, nem onde morreu.

Foi em vida amigo das mais ilustres personagens do seu tempo, mostrando-se de ânimo generoso especialmente para com a sua terra natal, Como, onde fundou uma biblioteca e banhos públicos. Teve o defeito da vaidade e dele se disse justamente que não foi grande em nada, embora amasse tudo o que era bom e nobre. Escreveu aos 24 anos uma tragédia e mais tarde uma elegia: publicou 16 orações, mas não nos chegou inteiro senão o panegírico dirigido a Trajano para agradecer-lhe o consulado. Encontra-se nele uma descrição do governo imperial, que tem historicamente grande importância, mas a forma é pesada pelo estilo afetado, e pelos estranhos elogios prodigalizados ao soberano.

Após o advento de Nerva, Plínio escreveu uma série de cartas com a intenção que fossem publicadas: chegaram até nós em nove livros aos quais foi acrescentado um décimo para a correspondência com o imperador Trajano. O estilo, no qual o autor procura imitar a Cícero, é simples e correto; falta-lhe contudo e inteligência e a genialidade de Cícero.

Pela correspondência de Plínio chegamos a conhecer muitos oradores do tempo, alguns dos quais publicaram as suas orações. Resta-nos um interessante fragmento da dissertação *Vergílius orator an poëta* devida ao retórico P. ÂNIO FLORO. Como tambem subsistem dois tratados *De orthographia* dos gramáticos FLÁVIO CAPRO e VÉLIO LONGO.

O IMPERADOR ADRIANO, que reinou de 117 a 138, foi cultor apaixonado de todo o gênero literário e seu reino teve alguma influência sobre a literatura, embora seja dificil determinar se para vantagem ou para dano. Pouquíssimos cultivaram a poesia e só por diletantismo, não excluindo ANIANO a quem se devem as tentativas dramáticas *Ludicra carmina* e *Fescennini.*

E deste período C. SUETÔNIO TRANQUILO, nascido provavelmente antes do 75. Advogado durante o reino de Trajano, parece que era amigo de Plínio o Jovem em cujo epistolário é repetidas vezes mencionado. Numa carta escrita pelo 105, Plínio o estimula a publicar seus livros, e algum ano mais tarde lhe obtem de Trajano o tribunato militar. Em seguida foi por Adriano feito seu secretário particular, mas pelo procedimento moralmente suspeito foi despedido. Então começou a dedicar-se exclusivamente às letras.

É autor de muitas obras, em parte conhecidas só por extratos e sumários:

1.° *De viris illustribus,* ampla coleção biográfica de poetas, oradores, historiadores, filósofos, gramáticos, retóricos, desde os tempos mais antigos ao fim do reino de Domiciano. Temos desta obra um sumário;

2.° *Prata*, 3.° *De regibus*, 4.° *De rebus variis*; destes escritos existem fragmentos;

5.° *Vitae Caesarum* em oito livros, a única obra conservada inteira; (falta porem o princípio da vida de Cesar). A vida dos seis primeiros imperadores, de Cesar a Nero, é narrada respctivamente nos primeiros 6 livros, a de Galba, Otão e Vitelio, no 7°, de Vespasiano, Tito e Domiciano no 8.°. Suetônio buscou informações nas fontes mais autorizadas, usando diligência e discernimento, mas descuida a cronologia e revela pouco conhecimento da natureza humana e das coisas políticas. Compraz-se com anedotas, em cuja escolha nem sempre revela gosto muito fino; nunca acontece, porem, qua altere ou cale a verdade, nem se faz adulador de Domiciano ou de algum outro tirano desprezivel.

JÚLIO FLORO, de cuja vida nada sabemos, é o autor de um *Epitome bellorum omnium annorum DCC*, em dois livros, que se extendem dos tempos mais remotos à paz concluida com os Partos durante o império de Augusto. A obra pode ser definida uma apologia dos Romanos tendo por fim não tanto descrever as guerras combatidas, quanto exaltar as suas virtudes. Num estilo transbordante de artifícios retóricos, deplora-se a crescente decadência do povo atribuindo-se a culpa à perniciosa influência dos tribunos da plebe.

Entre os juristas do tempo de Adriano são dignos de nota:

SÁLVIO JULIANO, que escreveu um *Edito Perpetuo* e *Digesta* em 90 livros, muitos dos quais foram incorporados nos *Digesta* de Justiniano.

SEXTO POMPÔNIO, que publicou, entre outras coisas, uma *história do direito romano* e vários tratados juridicos frequentemente citados na mesma coleção.

Os mais celebrados gramáticos foram:

Q. TERÊNCIO SCAURO, compilador de uma gramática latina que não chegou, até nós, e de comentários, tambem perdidos.

CALPÚRNIO FLACO, sob cujo nome existe um *tratadozinho de ortografia*, que é redução de uma obra maior do Scauro.

Menciona-se ainda CÉLIO AURELIANO da Numídia, por causa de *dois tratados sobre as doenças*.

O IMPÉRIO DE ANTÔNIO PIO DE 138 A 161 teria sido eminentemente favoravel às letras, mas os Romanos haviam perdido toda a faculdade creativa. Havia tal perversão no gosto que as afetações pedantescas de Frontão foram por muito tempo reputadas modelos de eloquência, e ele considerado fundador de uma escola que dele tomara o nome, (*Frontonianos*, por todos os quais basta recordar. *C. Aufídio Vitorino*, genro de Frontão).

M. CORNÉLIO FRONTÃO, geralmente indicado pelos escritores dos séculos imediatamente sucessivos com o nome de *orator*, e considerado pelos contemporâneos como segundo só a Cícero, nasceu em Cirta na África, pelo ano 90.

Completada a educação literária, talvez em Alexandria, foi para Roma onde produziu logo profunda impressão como orador

forense, vivendo ainda Adriano, o qual formou logo um altíssimo conceito de suas habilidades. Antonino manteve esta confiança, elevando-o ao consulado e encarregando-o da instrução de Marco Aurélio e Lúcio Vero. Não poude Frontão aceitar o governo da província da Ásia por sofrer de gota; parece contudo que mesmo estando em Roma chegou à posse de muitas riquezas: era com efeito dono dos jardins de Mecenas e de várias vilas; gastou ainda grandes somas para edificar esplêndidos banhos. Morreu provavelmente no ano 168, durante o império de M. Aurélio, porque nenhuma de suas cartas é de data posterior; e o afeto amigavel, que nunca cessou entre o mestre e o discípulo, demonstrou a brandura de ânimo de ambos. Frontão foi admirador de M. Aurélio, quase até a adulação, embora às vezes não deixasse de dizer-lhe com franqueza verdades pouco agradaveis.

Os escritores, que ele tinha em maior consideração pela língua e recomendava, eram arcaicos ou arcaicizantes: como Ênio, Plauto, Catão, Lucrécio, Graco, Labério, Salústio. Louva a Cícero principalmente quando precisa de sua autoridade para demonstrar as vantagens da oratória; de outra forma, dele fala com um meio encoberto desprezo, e declara preferir as cartas às orações dele. Até o século passado conhecia-se por inteiro de Frontão só o tratadozinho *De differentia vocabulorum*, mas em 1814 A. Mai descobriu um palimpsesto contendo parte da correspondência com Antonino Pio, M. Aurélio, L. Vero, e outros amigos. Posteriormente foi encontrada uma outra parte, editada em 1823, e essas descobertas fizeram conhecer tambem muitos fragmentos de obras frontonianas sobre sujeitos variados: porem, tais escritos são de conteudo tão frívolo e de estilo tão afetado que os doutos ficaram desiludidos nas suas expectativas. Eis os títulos das principais: *De Bello Parthico, De eloquentia, De orationibus, Principia historiae,* alem das *Epistolae* a M. Cesar em 5 livros, a Antonino Imperador em 2 livros, a Vero imperador, num só livro, aos amigos em 2 livros.

Os historiadores geralmente escreveram em grego, exceto dois, os quais é incerto se pertencem a esta época:

L. Ampélio e C. Granio Liciniano, autor, o primeiro de um *Liber memorialis,* o segundo duma *história de Roma republicana.*

A produção poética é quase insignificante: há todavia um poema com o título *Pervigilium Veneris* de 93 elegantes versos trocaicos, talvez do tempo de Antonino Pio. Venus é descrita como força vivificadora, honrada nas festas florais da primavera.

As doutas disquisições gramaticais, feitas em público e em privado começaram a divulgar-se e a estar por assim dizer, na moda entre os Romanos.

Alguns gramáticos, como C. Sulpício Apolinário, um dos mestres de A. Gélio, ocuparam-se tambem de questões métricas, outros dissertaram só sobre gramática. Entre esses o mais importante é A. Gélio, romano.

Sua vida, parece, durou de 115 a 165: foi educado em Roma onde poude aproveitar-se dos mais ilustres mestres: após se ter demorado não menos de dois anos em Atenas, voltou à pátria, atendendo aos estudos e à escola. Nos últimos anos voltou a Atenas e aí pôs mão à composição da obra *Noctes Atticae* em 20 livros, nos quais recolheu diligente e concienciosamente tudo o que aprendera dos livros e das conversações com os doutos, sobre a língua e a literatura dos séculos passados, sobre filosofia, direito, ciências.

A obra foi talvez compilada entre 150 e 160 e é para nós de grandíssimo interesse, dando-nos ela uma idéia exata das condições intelectuais do tempo, embora não escrita por um grande engenho e não isenta de preconceitos pedantescos. Cada capítulo contem a tradução daquele sujeito que ao autor pareceu digno de estudo, mas a ordem é puramente acidental, sem nenhum traço de conexão: a forma, simples, está interpolada de arcaismos.

Falta o livro 8.º; há porem um índice para os vários capítulos. O que torna as *Noctes Atticae* tão preciosas são os numerosos extratos de obras hoje perdidas, feitos com o máximo cuidado e por isto mesmo muito dignos da atenção.

Juristas insignes e escritores de obras tomadas por modelo nas idades sucessivas, são:

Terêncio Clemente, Volúsio Marciano, Úlpio Marcelo; nenhum, porem tem a importância de *Gaio*, da Ásia Menor. Este estabeleceu morada definitiva em Roma no reinado de Adriano e dedicou-se exclusivamente ao ensinamento e a escrever sobre assuntos jurídicos. Temos ainda dele (descobertos por Niebuhr num palimpsesto de Verona) *Institutiorum commentarii quatuor* que logo se tornaram textos nas escolas imperiais e serviram de norma e, em certa medida, foram usados na compilação das instituições de Justiniano.

Os estudos filosóficos especialmente o sistema estóico se difundiram quando o jovem M. Aurélio começou a se apaixonar por eles, mas foi um estoicismo bem diverso daquilo que fora na origem. Tornou-se, cada vez mais, uma forma de sabedoria prática sem originalidade de pensamento, e seus cultures pareceram limitar-se ao ensinamento e às declamações, faltando inteiramente os escritores dessa matéria.

Durante o império de M. Aurélio as letras gozaram de mais ampla liberdade, mas nem assim escaparam da maléfica orientação de Frontão; muitos são recordados como grandes oradores, os quais não produziram entretanto cousa digna de menção.

O mesmo M. Aurélio, dirigido nos estudos por aquele retórico, por um certo tempo seguiu os conselhos dele, fazendo extratos e coleções de sentença, de figuras retóricas, etc.; mas quando reconheceu a vaidade e inutilidade de tais exercícios, consagrou-se à filosofia estóica, fruto da qual são os *12 livros de meditações e recor-*

dações, escritos em grego segundo o costume dos filósofos do tempo, onde se revela um dos mais nobres caracteres, digno ornamento do trono.

A produção poética continuou a ser escassa e mesquinha como no passado: o único escritor digno de nota é um africano L. APULEIO de Madaura, na África. De uma sua oração *De magia* se deduz que nasceu entre o 125 e 130 de família abastada. Passou para Atenas para adquirir sólida cultura e depois de uma viagem dispendiosa no Oriente e uma estadia em Roma de data incerta, voltou à África, onde conheceu a viuva Pudentila e a desposou. Este matrimônio causou-lhe muitas aflições, porque lhe foi movido um processo sob a acusação de ter causado a morte do enteado Ponciano, embora fosse notório que Apuleio o tinha sempre tratado com extrema liberalidade. Foi ainda acusado de magia ao qual delito estava cominada a pena de morte, mas obteve absolvição tambem desta, como já obtivera da outra acusação.

Os discursos pronunciados em defesa própria foram por ele mais tarde elaborados e publicados com o título *Apologia* ou *Pro se apud Claudium Maximum Proconsulem de magia liber*. Em seguida foi a Cartago, onde adquiriu grande fama com suas orações e declamações. Outra coisa não nos é dado saber, dele a não ser, que, dotado de maravilhosa fecundidade literária, tratou grandíssima variedade de sujeitos em prosa e em verso, em grego e em latim. Suas obras conservadas inteiras ou em parte, são: 1.° A *Apologia* já mencionada, 2° *Florida* em 4 livros, 3° *De deo Socratis*, 4° *De Platone ejusque dogmate libri III*, 5° *De mundo*, 6° *Metamorphoseon libri XI*, o mais célebre.

É uma novela satírica, protagonista é um jovem grego, Lúcio de Patras, cuja curiosidade de aprender algo das artes mágicas o induziu a visitar a Tessália, onde por engano é transformado em asno, conservando contudo a faculdade cognoscitiva do homem. Refere mui graciosamente as vicissitudes passadas na sua natureza bestial até o dia em que reconquistou a forma humana. O argumento é tomado todo do « Lúcio » de Luciano, menos a conclusão que é de Apuleio. Na narração são interpoladas aventuras de ladrões, de espíritos, e a conhecidíssima história do Amor e Psiqué constitue o episódio mais divertido.

O estilo é frequentemente rebuscado e retórico, mas às vezes tambem fluente e animado; a língua, que o autor deveu aprender, é usada sem dextreza e sem nenhum domínio das suas belezas. Como quer que seja, tal novela gozou de muita popularidade nos tempos posteriores.

O IMPERADOR CÔMODO, o indigno filho de M. Aurélio, não teve o menor sentimento do belo e do bom; o breve IMPÉRIO DE PÉRTINAX e de DÍDIO JULIANO não poude exercitar nenhuma influência sobre a literatura, não assim, porem, o do valoroso e ativo SETÍMIO SEVERO, que compôs uma autobiografia em què se defende da acusação de crueldade. (Notaremos de passagem que o seu com-

petidor Clódio Albino escreveu *novelas milésias* de carater gracejador, quase lúbrico). Sob seu governo a jurisprudência continuou seu caminho ascendente e o Cristianismo teve seus primeiros defensores.

O grande jurista Emílio Papiniano era amigo de Setímio Severo; teve o ofício de prefeito do pretório, e foi um verdadeiro gênio no campo do direito, conquistando a admiração constante de muitas gerações.

Importantíssimas são as suas *Quaestiones* em 37 livros e os *Responsa* em 19. Severo entregou a seus cuidados os dois filhos Geta e Caracala, mas apenas eleito imperador, este último o pôs à morte porque se mantivera fiel a Geta.

A mais antiga obra cristã escrita em latim e chegada até nós, é o diálogo *Octavius* de M. Minúcio Felix. Lembra na forma os diálogos de Cícero e são principais interlocutores Cecílio Natal e Otávio Januário, o primeiro, apóstata da religião de seus maiores, como acusador dos Cristãos, o segundo como defensor e afirmador da superioridade do Cristianismo sobre o politeismo.

Encontram-se trechos de verdadeira eloquência; e embora o estilo apareça às vezes retórico, revela em complexo mais frescor e naturalidade que outras obras do tempo.

Q. Setímio Florente Tertuliano, o grande apologista do Cristianismo, tinha, antes da conversão, tratado argumentos jurídicos nas *Questiones*, no *Liber de castrensi peculio;* e tambem nos escritos Polêmicos de natureza teológica a sua perícia de homem de leis é evidentíssima. Diz-se que morreu em 217 na avançada idade de 80 anos. Nascera em Cartago e era filho de um centurião romano.

Tertuliano é escritor imaginoso e digno de nota especialmente pelo *Apologeticon* escrito em 199 e dirigido aos governadores do povo romano.

Os ataques aos adversários são severos e acres, o estilo é retórico mas original e ressente-se muito da latinidade africana.

Entre os gramáticos, os seguintes pertencem ao Império de Setímio Severo: Helênio Acrão, comentador de Terêncio, de Horácio e talvez tambem de Pérsio; Pompônio Porfirião, escoliaste de Horácio; Dositeu, autor de uma gramática com exercícios latinos e gregos e alguns outros.

O terceiro século da era cristã
Do advento de Caracala à abdicação de Diocleciano

A atividade intelectual é maior nas províncias do que na Itália e a língua latina usada pelos escritores nascidos no Oriente, na África, na Gália, na Espanha, é corrompida e recheada de barbarismos.

Os mais eminentes juristas deste período, alem de Erênio Modestino são:

DOMÍCIO ULPIANO, de Tiro, onde sob Caracala e Alexandre Severo foi prefeito do pretório e nesse cargo foi morto por haver tentado restabelecer a disciplina militar. Recordam-se dele os *Regularum liber singularis* e os *Institutiones* existentes ainda hoje.

JÚLIO PAULO tambem prefeito do pretório, muito influente, sobreviveu talvez a Ulpiano e deixou *cinco livros de sentenças*, dos quais se conserva um resumo.

Da primeira metade do século merecem mencionados alguns gramáticos. CENSORINO, ATÍLIO FORTUNACIANO, e um historiador muito verboso, mas veraz, dos imperadores desde Nerva até Heliogábalo, MÁRIO MÁXIMO ao qual se segue mais tarde uma longa fileira de continuadores e imitadores conhecidos com o nome de « Scriptores historiae augustae » (ESPARCIANO, VOLCÁCIO, GALICANO, TREBÉLIO, POLIÃO, do tempo de Diocleciano, FLÁVIO VOPISCO, HÉLIO LAMPRÍDIO, JÚLIO CAPITOLINO, durante o império de Constantino).

Escritores cristãos dignos de nota são considerados:

1.º T. CECÍLIO CIPRIANO, nascido na África, antes mestre de retórica depois sacerdote cristão e por fim bispo de Cartago. Admirador de Tertuliano, não teve nem a originalidade, nem a versatilidade dele; escreveu porem as suas obras apologéticas em estilo mais claro, mais calmo, e desapaixonado embora não isento de artifícios retóricos.

2.º NOVACIANO, que reduziu e abreviou alguns escritos de Tertuliano.

Entre os versejadores bastante numerosos, que não merecem contudo o nome de poetas, podem ser lembrados: Q. SERENO SAMÔNICO, autor de uma composição didascálica *De medicina praecepta;* M. ANTÔNIO GORDIANO, que compôs imitando a Eneida vergiliana, *Antoninias;* COMODIANO, autor de dois trabalhos poéticos *Instructiones* e *Carmen apologeticum adversus Iudaeos et gentes*, compostos metricamente segundo o acento tônico; M. AURÉLIO OLÍMPIO NEMESIANO, cartaginês o qual cantou a caça (*Cynegetica*) com muitas reminiscências de poetas antigos e especialmente de Vergílio. A todos estes se podem acrescentar REPOSIANO pelo *De concubitu Martis et Veneris*, e VESPA pelo *Judicium coci et pistorsis judice Vulcano.*

Da última metade do século os retóricos e os gramáticos assaz notaveis, são: ÁQUILA ROMANO, a quem se deve um breve e superficial tratado *De figuris sententiarum et elocutionum* ,completado depois por JÚLIO RUFINIANO; MÁRIO PLÓCIO SACERDOTE, que desenvolveu em três livros a *Ars gramatica;* JUBA de Mauritania, autor de um tratado de métrica em 8 livros, E ainda C. JÚLIO SOLINO, a quem é devida uma coleção de notícias geográficas e históricas (*Collectanea rerum memorabilium*) expostas com muita afetação de estilo; MÔNIO MARCELO talvez africano, autor de um confusa e desordenada compilação (*Compendiosa doctrina per litteras*) dividida em 19 partes.

A estes escritores de índole técnica podem-se acrescentar: Gargílio Marcial, a quem se atribue um tratado de agricultura e veterinária, cujos fragmentos tiveram o título de *De oleribus et pomis;* Terenciano Mauro, compilador de um breve tratado *De litteris, syllabis, pedibus et metris;* Arnóbio da Numídia, retórico bastante ilustre do império de Diocleciano, do qual só conhecemos que foi mestre de Latâncio e escreveu *Adversus nationes* para justificar sua passagem para o Cristianismo.

Latancio Firmiano, nascido talvez na Itália, professou antes retórica, demorando-se em Nicomedia, contemporaneamente a Diocleciano; depois convertendo-se à religião cristã passou para a Gália onde foi preceptor de Crispo filho de Constantino. Distingue-se de todos os outros correligionários pela pureza e fluidez de estilo, formado sobre os exemplares clássicos, especialmente sobre Cícero, pelo que foi chamado o Cícero Cristão. Seus escritos são em parte retóricos (aos quais nada nos resta), em parte poéticos (aos quais pertence o *Phoenix*), em parte teológicos e entre estes últimos tem grandíssima importância os *libri VII Institutionum divinarum.*

A arte retórica e declamatória era cultivada em toda a parte do império, mas nesta época muito mais na Gália que em outra parte. Por fluidez e maior correção de estilo a escola gálica supera a africana; alem disso, por causa do cerimonial de corte introduzido por Diocleciano, aí a oratória florescia sobretudo nos panegíricos dirigidos ao soberano, procurando aproximar-se de Cícero.

A estes devem sua fama no fim do século e no princípio do seguinte os retóricos Eumênio, Nazário, Cláudio Mamertino, Drêpanio Pacato.

O quarto século da era cristã

Da abdicação de Diocleciano ao definitivo desdobramento do império.

(305 — 395 p. C.)

Dois grandes acontecimentos o caraterizam: o Cristianismo tornando religião do estado, e Bizâncio feita capital do império com o nome de Constantinopla. Roma teria por mais tempo conservado as antigas instituições se as relações com o Oriente não tivessem vindo faltar; contudo por todo o século, Cristianismo e Paganismo vivem um ao lado do outro em igualdade de condições.

Apesar dos esforços feitos pelos defensores do antigo culto, este perdera toda a popularidade e a nova religião ganhava sempre maior terreno. A vida do pensamento se enrobustece no conflito das duas crenças, mas com pouca vantagem para a produção literária que se reduz cada vez mais a comentários ou a análises das grandes obras antigas. A retórica continua a ser geralmente cultivada, mas sem produzir notaveis frutos; a gramática segue os caminhos do

passado; a história (feitas pouquíssimas reservas) é todo um intenso trabalho de compêndios e de epítomes, a poesia um artifício, tornado mais dificil pela árdua necessidade de unir as formas antigas às idéias novas.

O IMPERADOR CONSTANTINO, em nada contrário à cultura literária, fez-se até seu protetor, mas somente com intentos dinásticos e por ambiciosos fins políticos, escutando com prazer os panegíricos dos retóricos que lhe exaltavam as virtudes e as empresas.

Citam-se entre os retóricos SULPÍCIO VITOR pelas *Institutiones oratoriae*, C. JÚLIO VITOR por um *ars rhetorica* chegada até nós.

Os últimos juristas, citados nos *Digesta* de Justiniano, são do tempo de Constantino, mas, como todos os outros escritores, ocuparam-se geralmente em compendiar dos seus predecessores.

Assim fez HERMOGENIANO no seu *Epitome juris*, mais conhecido sob o nome de *Codex Hermogenianus*. Fírmico Materno, nascido na Sicília, exercitou primeiro o patrocínio forense, depois, aborrecido com a profissão, se dedicou aos estudos de astrologia e escreveu *Matheseos libri VII* que encerram um sistema completo de astrologia, segundo os princípios do misticismo neoplatônico, e revelam no autor o esforço de dar à sua ciência uma base ética em forma solene, quase religiosa. Temos tambem de um certo FÍRMICO MATERNO uma obra de caracter cristão, absolutamente oposta àquela e por isso mesmo não pode ser atribuida à mesma pessoa.

A filosofia predominante é o neoplatonismo, que teve sede principal em Atenas, mas teve sequazes tambem em Roma, sendo considerado o melhor meio para suster o desenvolvimento do Cristianismo.

Os Romanos eram de engenho demasiado prático para abraçar princípios tão fantásticos, e em filosofia permaneceram os mesmos ecléticos dos tempos de Cícero.

Alem de Materno deve ser contado entre os neoplatônicos tambem C. MÁRIO VITORINO.

Nasceu na África; assinalou-se como retórico e gramático dedicando-se em Roma ao ensinamento, e tornou-se cristão em idade muito avançada. Homem de extensa cultura, na sua juventude escrevera sobre retórica, filosofia e métrica: depois da conversão dedicou-se a comentar as cartas de S. Paulo e a defender a ortodóxia. Dele nos restam:

1.º *De orthographia et de metrica ratione.*

2.º *Três tratados* de argumentos afins ao precedente, talvez atribuidos sem razão a ele.

3.º Um comentário do « De inventione » de Cícero (devido talvez a M. FÁBIO VITORINO).

De HÉLIO DONATO, que ensinou retórica e gramática pela metade do IV século, só sabemos que teve entre os discípulos S. Jerônimo. Escreveu:

1.º *Ars grammatica*, chegada até nós em duas formas: uma mais breve (ars minor) que trata só das partes do discurso, a outra mais ampla em três livros.

Entre os antigos a gramática de Donato divulgou-se muitíssimo, embora, sob certos aspectos, seja inferior àquela de CARÍSIO e de DIOMEDES (os dois melhores gramáticos do império de Juliano, que trataram o mesmo sujeito de modo quase idêntico, atingindo a fontes comuns).

2.º Um apreciado *comentário às comédias de Terêncio*, do qual entretanto falta a parte que se refere ao « Heautontimorumenos ». O comentário, como o temos, não está conservado na forma original, mas revela o trabalho de três compiladores, dos quais o melhor, sem dúvida, é Donato.

3.º Um *comentário de Vergílio*, em parte perdido.

Ao século de Constantino pertencem igualmente *14 livros de agricultura* de PALÁDIO RUTÍLIO; uma *Gramática*, conservada em parte, de FLÁVIO CARÍSIO; e vários itinerários como:

1.º Os dois *Itineraria Antonini* (das estradas através das províncias do império).

2.º *Itinerarium Burdigalense* (de Bordeus a Jerusalem).

3.º *Itinerarium Alexandri*, descrito talvez com o auxílio da Anábasis de Arriano.

4.º Dois elencos das *Regiones urbis Romae*, em que Augusto tinha dividido a cidade.

5.º *Descrição da cidade de Roma*.

Escritores de história ou, para falar melhor, de compêndios históricos, foram:

SEXTO AURÉLIO VITOR, que, recorrendo aos historiadores antigos, compôs breves biografias dos imperadores de Augusto a Constâncio (*De Caesaribus*), às quais foi mais tarde acrescentada, num estilo pobre, a história biográfica da república, com o título *De viris illustribus*, e por último, para tornar a narração mais completa, numa forma muito desleixada, tambem um *Origo populi romani*.

EUTRÓPIO, contemporâneo do IMPERADOR VALENTE, dedicou-lhe um *Breviarium historiae romanae*, compilado com acertado critério e imparcialidade, escrito em linguagem simples e facil de modo que se difundiu rapidamente nas escolas e foi traduzido tambem em grego.

Tambem a SEXTO RUFO devemos um *Breviarium rerum gestarum populi romani*, muito inferior ao de Eutrópio, e a JÚLIO OBSEQUENTE uma coleção *De prodigiis* extraida da obra original de T. LÍVIO, ou de um epítome. A retórica florescente na Gália, continuou a produzir eminentes panegiristas, dos quais o mais célebre, CLÁUDIO MAMERTINO, teceu o elogio do IMPERADOR JULIANO (orador e escritor em língua grega) num discurso de agradecimento pela assunção ao consulado.

Na segunda metade do século, surge, após tanta penúria de gênios, um verdadeiro poeta, RÚFIO FESTO AVIENO, proconsul

da África em 366 e da Acaia em 372. Em Roma, onde viveu (tinha nascido na Estrúria em Volsínio), compôs poemas, quase todos de índole didascálica, animando, porem, a aridez dos sujeitos com o sopro da inspiração, quanto lhe foi possivel subtrair-se à influência do tempo.

São eles:

1.° *Tradução dos « Phaenomena » de Arato* em hexâmetros, superior a todas as precedentes por fidelidade e por estarem incluidos passos interessantes de outros astrônomos e filósofos;

2.° *Orbis terrae* ou *Descriptio orbis terrae*, tambem em hexâmetros, imitação do grego trímetros jâmbicos, de que restam 703 versos contendo a descrição das costas do Mediterrâneo, do estreito de Gibraltar a Marselha, enquanto na obra completa estavam descritas as costas de todo o Mediterrâneo, do Euxino, e do Cáspio. De Avieno existem ainda alguns poemetos menores.

Outro poeta de mérito consideravel foi D. MAGNO AUSÔNIO de Bordéus, que nasceu no princípio do século e viveu até perto de 390. Mestre de gramática e de retórica na cidade natal, foi pelo imperador Valentiniano escolhido como preceptor do filho Graciano com muitas honras. Do mesmo Graciano, quando imperador, recebeu a prefeitura da Gália com o consulado, e lhe dirigiu de Treves, onde residia, um panegírico de agradecimento, que ainda subsiste. Morto Graciano, voltou a Bordéus para entregar-se com ardor às letras. A sua produção, exceto o panegírico mencionado, é toda poética e excelente quanto à forma, embora a versificação se apresente em algum ponto defeituosa.

De Ausônio, portanto, alem de 146 epigramas, e 26 epitáfios restam: 1.° *Idylia*, 20 poemetos episódicos; célebre o que descreve a viagem sobre o Mosela; 2.° *Eglogarum liber*, de assunto astronômico; 3.° *Epistolae* (25); 4.° *Parentalia*, 30 poemetos elegíacos por ocasião da morte de parentes e de amigos; 5.° *Commemoratio professorum Burdigalensium;* 6.° *Ludus septem sapientium*, porfia filosófica ou gnômica dos sete sábios.

Registamos por último C. VÉCIO AQUÍLIO JUVENCO, sacerdote espanhol, que reduziu em hexâmetros os quatro Evangelhos.

No findar-se do século o IMPERADOR TEODÓSIO esforçou-se com todo o empenho para destruir os últimos restos do paganismo e da heresia ariana, para consolidar a ortodoxia estabelecida no concílio de Nicéia; o que teve por efeito a circunscrição sempre maior do culto da religião e da literatura antiga; pelo que, feita exceção de dois ou três nomes ilustres, os escritores são agora todos cristãos.

De aqueles poucos foram:

a) Q. AURÉLIO SÍMACO, nascido pelo 350 e morto depois de 420. Apesar de sua grande afeição pelo paganismo, foi elevado a altos cargos, e ao consulado no ano 391. O nobilíssimo carater granjeou-lhe estima dos próprios opositores cristãos: foi igualmente reconhecida a sua eloquência facil, elegante, modelada sobre os clás-

sicos. Possuimos fragmentos, descobertos por A. Mai, de nove orações das quais, três escritas na juventude são panegíricos a Valentiniano I e a Graciano. As *cartas* de Símaco em 10 livros possuem tambem importância grandíssima. Como as de Plínio, foram certamente escritas para serem publicadas e revelam a índole gentil e generosa do autor; mas, despertando embora interêsse pela vida privada deste, não nos dão senão escassas notícias de liberdade e de independência, embora o estilo seja um pouco amaneirado.

Por Símaco são lembrados os retóricos Quírio Fortunaciano (que fez em três livros uma exposição de retórica escolástica, apoiada em exemplos de Cícero e Quintiliano), e Mésio Arrusiano (colecionador de exemplos ilustrativos para cada discurso nos *Exempla elocutionum*).

b) Amiano Marcelino que nasceu em Antioquia em 330: militou no exército do Oriente combatendo com o imperador Juliano contra os Alemanos e os Persas. Por fim, estabelecendo-se em Roma pôs-se a continuar as histórias de Tácito, de Nerva em diante, em 31 livros, (*Rerum gestarum libri XXXI*), dos quais os primeiros 13, talvez brevíssimos, se perderam; os outros 18, por causa dos acontecimentos contemporâneos, do 353 à morte de Valente (378 p. C.), são de grande valor, pois que neles teve parte o próprio autor que, ao narrá-los, se impôs conservar-se fiel à verdade. A língua é quase ininteligivel, cheia de arcaismos, de noelogismos com superabundância de construções afetadas.

c) Dois gramáticos dos quais subsistem escritos e que sob vários aspectos são importantíssimos; isto é: Sérvio Mauro Honorato, autor de um excelente *comentário aos poemas Vergilianos* e de outras obras pequenas entre as quais uma *métrica Horaciana;* T. Cláudio Donato que deixou tambem um *comentário à Eneida de Vergílio.*

d) Alguns escritores técnicos de matérias especiais; Flávio Vegécio Renato, que escreveu em 4 livros um *Epítome institutionum rei militaris*, precioso se não pela excelência do estilo ao menos pela substância.

P. Vegécio, denominado Veterinário, que tratou justamente *De arte veterinaria* em seis livros.

Marcelo, chamado Empírico ao qual se atribue um tratado *De medicamentis* para toda a espécie de doenças.

Ao fim do século pertencem ainda, entre os pagãos:

a) Um poeta épico que possuia tanta familiaridade com as formas e os metros da antiguidade clássica, de modo a aplicá-los com muita facilidade e liberdade. Foi este, Cláudio Claudiano de Alexandria do Egito, que em Roma granjeou a amizade e o favor do vândalo Estilicão. Os acontecimentos celebrados por ele são em grande parte contemporâneos e tendem quase todos a exaltar os seus amigos, especialmente Estilicão e Honório, e a deprimir os inimigos

como Rufino e Eutrópio. Alem de 15 poemetos de tal natureza, compôs alguns outros de índole mitológica (*De raptu Proserpinae e Gigantomachia*).

b) AVIANO, fabulista, compôs 42 fábulas esópicas dedicadas a Teodósio. Tem a linguagem e o estilo puros, métrica correta e às vezes até elegante.

c) MARCIANO MINEU FELIX CAPELA de Madaura. Compilou uma espécie de enciclopédia em 9 livros, intitulada *De nuptiis Philologiae et Mercurii*, parte em prosa e parte em versos, que trata das sete artes liberais. O centro do desenvolvimento é o matrimônio de Mercúrio com a virgem Filologia, em que intervem as artes formando o cortejo de Mercúrio.

d) MACRÓBIO AMBRÓSIO TEODÓSIO. Nada de certo sabemos sobre as suas vicissitudes pessoais, a não ser que descendia de família ilustre e que não era natural da Itália. As três obras que ainda possuimos com seu nome são:

1.° *Commentarius in somnium Scipionis*, onde antes de tudo destaca a relação em que se acham o « De republica » de Cícero e a « Politica » de Platão, e se fazem as glosas do ponto de vista neoplatônico.

2.° *Saturnalium conviviorum libri septem*, diálogos que se supõe acontecerem nos três dias das saturnais, parte antes e parte durante os banquetes. O conteudo lembra o das « Noctes atticae » de A. Gélio, mas se refere sobretudo às qualidades de Vergílio.

3.° *De differentiis et societatibus graeci latinique sermonis*, de pouco valor.

Passando para os autores cristãos, nos encontramos primeiro com S. AMBRÓSIO, bispo de Milão, natural da Gália. Viveu de 340 a 397 e é considerado o maior carater cristão da época, habil, enérgico e afavel ao mesmo tempo. No promover e firmar o triunfo do Cristianismo foi incansavel e é designado com razão como o general da Igreja militante, porque trabalhou em grau eminente. Alem de suas *Cartas* e pelas *Orações fúnebres*, na morte de Valentiniano e de Teodósio, adquiriu celebridade pelos *Hinos Sagrados* (já tentados com bom êxito pelo Papa *Dâmaso*) onde se aproximou o mais possivel das formas clássicas. Estes, em número de 12, são compostos em dímetros jâmbicos e muitas vezes rimados; as outras obras tem finalidades teológicas e forma polêmica.

S. JERÔNIMO, doutíssimo defensor do Cristianismo, pensador e dialético profundo, nasceu em Stridão no limites entre a Dalmácia e a Panônia e foi instruido por Mário Vitorino, Donato, e em Constantinopla por Gregório Nazianzeno. Muito versado em grego, hebraico e latim, escreveu num convento perto de Belem, onde se retirara e morreu, um número extraordinário de obras das quais transparece a sua atividade realmente excecional. Muito notaveis entre elas:

1.º *Tradução do antigo e novo Testamento.*

2.º *Tradução e continuação* para outros 50 anos, isto é, até 378, *da crônica de Eusébio.*

3.º *De viris illustribus,* biografias dos escritores cristãos.

4.º *Cartas.*

TURANIO RUFINO, contemporâneo e amigo do precedente, nasceu em Aquiléia e ocupou-se sobretudo em traduzir do grego para o latim as obras teológicas.

AURÉLIO PRUDÊNCIO CLEMENTE, espanhol, o mais eminente poeta cristão da época. Teve completo domínio da língua, e, alem dos *hinos religiosos,* tratou sujeitos abstratos com tal perícia e arte ao ponto de torná-los cheios de movimento e interesse.

MERÔPIO PÔNCIO ANÍCIO PAULINO, bispo de Nola. Antes de converter-se ao cristianismo foi panegirista e versejador, tendo recebido uma esmerada educação retórica. Temos dele muitas cartas e um grande número de composições em vários metros.

AURÉLIO AGOSTINHO (S.) Nasceu em Tagaste da Numídia. Foi educado nas letras em Madauro e Cartago, onde levou vida bastante dissipada; em seguida foi mestre de retórica em Cartago, em Roma, de onde foi mandado para ensinar em Milão, então sede episcopal de S. Ambrósio. Por influência deste abraçou a ortodoxia; voltando à África, tornou-se bispo de Ipona e morreu nesse cargo durante o sítio feito à cidade pelos Vândalos. Nele encontramos unida a imaginação viva do poeta ao acume do filósofo, o ímpeto do orador às subtilezas do gramático, a grandeza do sentimento ao zelo do apóstolo. Deu à teologia um impulso mais prático, ao mesmo tempo que com inexoravel severidade combateu as heresias predominantes. Entre suas obras chamam especialmente a atenção: *Confessiones* e *De civitate Dei.* Esta última, diz-se que foi composta para refutar as asserções dos pagãos, segundo as quais as calamidades acontecidas a Roma durante a invasão Gótica eram efeito da adoração do Cristianismo.

SULPÍCIO SEVERO, sacerdote, contemporâneo de S. Agostinho, natural da Aquitânia, na Gália, é conhecido particularmente por uma croniccazinha com o título *A mundi exordio libri II.* Percebe-se na língua a imitação de Salústio e sobretudo de Tácito, de cuja autoridade o autor se valeu para narrar a guerra judaica; e, se não se pode dizer uma história crítica, é todavia um livro de leitura agradavel.

O quinto século da era cristã
Do definitivo desdobramento do império à queda do império ocidental
(395 — 476 p. C.)

Representa o esfacelo progressivo do império do ocidente: as províncias, uma após outra, caem em poder dos bárbaros, e, não só a Itália mas a própria Roma é campo de suas invasões, até que

Odoacre assumiu o governo da Itália. A língua latina, continuou sendo falada, corrompendo-se, porem, cada vez mais, e a literatura cultivada, ao menos até certo limite; mas desde que a cultura intelectual se torna agora um privilégio do clero, que dela se servia para os seus fins particulares, quase todas as produções literárias assumem um carater teológico. Algumas cortes teutônicas, como a dos Visigodos, dos Burgúndios e mais tarde a dos Francos são o único refúgio para o que resta do espírito e da literatura de Roma antiga. A única disciplina que conserva traços da vitalidade é a jurisprudência, à qual dava renovado impulso à constituição das novas nacionalidades, e se manifesta na coleção das leis antigas e na sua adaptação ao novo estado de coisas.

Entre os poetas lembraremos:

RUTÍLIO NAMACIANO, de quem subsiste o poema *Itinerarium* ou *De reditu suo in patriam libri II*, descrição de sua viagem de volta de Roma à terra natal na Gália, com muitos e variados episódios. MEROBAUDE, retórico espanhol, autor do poema *Laus Christi*. — M. CLÁUDIO VITOR, versificador do Gênesis. SEDÚLIO, que escreveu em hexâmetros a história do antigo e novo Testamento.

Entre os historiadores: o sacerdote PAULO ORÓSIO, espanhol, que em sete livros *Adversus Paganos*, para dissipar a opinião de que o Cristianismo fosse causa de calamidades, escreveu uma história da criação do mundo, valendo-se tambem da autoridade de T. Lívio e de S. Jerônimo, história que se tornou popularíssima na idade média.

Entre os teólogos e moralistas:

PRÓSPERO DE AQUITANIA, admirador e sequaz de S. Agostinho, que, alem de continuar a história de S. Jerônimo, compôs 106 epigramas incluindo sentenças dogmáticas de seu mestre, e um poema didático moral *De ingratis*. Leão I, Papa, fundador da jerarquia romana, o qual se revela pensador profundo e escritor castigado, nos *Sermões* e nas *Epístolas*.

Entre os juristas: os compiladores e comentadores do código teodosiano. O ano 438 é memoravel na história da jurisprudência pela publicação feita em Constantinopla desse código, a que atendeu por oito anos uma comissão de doutos juristas. Antes ainda da morte de Teodósio II, imperador do Oriente (450) foi tambem publicada, com o título *Consultatio*, a coleção das consultas legais e dos pareceres expressos a tal propósito pelos juristas do tempo.

Entre os retóricos: G. SÓLIO APOLINÁRIO SIDÔNIO, que, nascido em 430 de família ilustre, bispo de Clermont nos últimos tempos de sua vida, pertenceu à escola gálica e deixou 24 composições poéticas, escritas algumas em hendecassílabos (metro que começava então a ser preferido), alem de *9 livros de cartas*.

Entre os gramáticos: FÁBIO PLANCÍADE FULGÊNCIO. Floresceu pelo ano 500 e deixou: 1.º *Mythologicon* (libri III) absurda e arbitrária explicação dos mitos antigos: 2.º *Virgiliana continentia* alegoria da Eneida vergiliana, 3.º *De abstrusis sermonibus*, explica-

ção de 63 palavras desusadas ou raras. Houve tambem um outro FULGÊNCIO, bispo de Ruspe na África, autor de numerosos escritos teológicos, ainda existentes, com o nome do qual há 14 livros de uma história *De aetatibus mundi*, Pela semelhança do estilo ao do gramático *Fulgêncio*, foi por alguns suposta obra deste.

O sexto século da era cristã
Da queda do império ocidental à morte de Justiniano
(476 — 565 p. C.)

Sob Teodorico, sucessor de Odoacre, a Itália gozou de uma próspera paz por trinta anos, durante os quais se salientam alguns representantes da literatura latina, como Boécio e Cassiodoro. Com a morte de Teodorico, porem, desapareceram os últimos vestígios de atividade intelectual não só na Itália, mas em todos os paises ocidentais.

ANÍCIO MANLIO TORQUATO SEVERINO BOÉCIO, nasceu em Roma entre 475 e 480. Unindo à nobreza da família uma profunda cultura, foi elevado aos mais altos cargos por Teodorico que se serviu muitas vezes do talento dele. Quando Justino I, imperador do Oriente, começava insurgir-se contra os arianos, Boécio defendeu o senador Albino acusado de correspondência insidiosa, dando ocasião aos seus adversários de excitar contra ele a suspeita do rei. As várias acusações eram reforçadas, alem do seu espírito de independência, pelo grande patriotismo, e pelos sentimentos republicanos; de modo que Teodorico, para intimidar os senadores suspeitos o mandou prender e encerrar em Pavia, mais tarde, em 524, o senado o condenou à morte sem nem sequer julgá-lo. Durante a prisão escreveu os 5 livros *De consolatione philosophiae* em forma de dialogo, com muita poesia e numa língua não de todo isenta de maneirismo, temperado porem por um justo critério. A filosofia, que aparece no cárcere a Boécio e o conforta na desventura, aduz razões puramente filosóficas, tiradas dos grandes pensadores e não dos escritores cristãos. Boécio compôs outrossim muitas obras de retórica, de filosofia, de matemática e lhe foram no passado atribuidas, sem fundamento, tambem obras teológicas.

MAGNO FELIX ENÓDIO, bispo de Pavia, é autor de um *Panegírico* a Teodorico, de um *Epistolário* e de trabalhos poéticos, em 2 livros, de conteudo e de metro variado.

PRISCIANO, gramático muito celebrado, nasceu em Cesaréia da Mauritânia, mas viveu, ensinando, em Constantinopla durante o império de Anastácio I (491–518) A sua obra maior, intitulada *Institutiones grammaticae* em 18 livros é o mais completo e sistemático tratado sobre a matéria que tenha chegado a nós, de antiguidade, com influência grandíssima e duradoura sobre todos os trabalhos congêneres, e tem especial valor pelas frequentes citações dos clássicos. Prisciano se afasta um tanto de seus predecessores latinos, atendo-se de preferência aos gramáticos gregos, e em par-

ticular a Apolônio Díscolo. Por toda a idade média a sua gramática foi julgada um modelo no gênero, frequentemente copiada e resumida. São ainda tratados gramaticais de Prisciano: 1.° *De duodecim versibus Aeneados principalibus;* 2.° *De accentibus,* que talvez se deva atribuir a autor mais recente; 3.° *De figuris numerorum et de numis vel ponderibus;* 4.° *De metris Terentii aliorumque comicorum;* 5.° *De Praeexercitamentis rhetoricae,* tradução do grego de Hermógenes. Finalmente citamos dele uma tradução de Dionísio, com o título *De orbis situ* em 1086 hexâmetros, e um *Panegírico* ao imperador Anastácio.

EUTIQUES, discípulo de Prisciano, é conhecido por alguns trabalhos de índole gramatical, compostos, durante a vida do mestre, um dos quais, *Ars de verbo,* ainda subsiste.

M. AURÉLIO CASSIODORO. Nasceu de ilustre e abastada família de Brúcio em 480 e assinalou-se não só pelos grandes méritos pessoais e por sua cultura, mas tambem pelos cargos públicos aos quais foi sucessivamente elevado por vários soberanos. Obteve o consulado de Teodorico e, como seu ministro, teve por certo tempo a administração de todos os negócios políticos. Após a queda de Vitige, retirou-se num mosteiro de Brúcio (Vivarium) que ele mesmo fundara e onde morreu em 757 em idade muita avançada. A produção literária de Cassiodoro deve ser dividida em dois períodos, conforme pertencer ao tempo anterior ou posterior à sua vida pública. Do primeiro período são:

1.° *Chronica,* história do mundo desde as mais remotas origens; 2.° *Historia Gothorum,* da qual infelizmente apenas possuimos um epítome feito por *Jordanis* (historiador godo da metade do 6.° século); 3.° *Variorum* (livri XII) onde se encontram documentos e atos oficiais do reino de Teodorico e o espitolário do autor. E do segundo período: 1.° *Lectiones divinae;* 2.° *Institutiones divinarum et saecularium literarum;* 3.° alguns *tratados de gramática e de ortografia.*

Vários escritores, seguindo o exemplo de Cassiodoro, compuseram histórias especiais; entre esses GREGÓRIO DE TOURS, (nobre da Alvérnia que morreu bispo de Tours em 594), a *História dos Francos* (libri X) GILDAS (Bretão), da segunda metade do século, a *História da Bretanha* desde a chegada dos Saxões.

VENANCIO FORTUNATO, bispo de Poitiers, cultivou a lírica e a épica sacra, o panegírico; o PAPA GREGÓRIO I (MAGNO) deixou hinos e promoveu o canto eclesiástico.

ISIDORO DE SEVILHA. É o último escritor do qual faremos menção pois que nasceu talvez nos últimos anos do império de Justiniano, se não depois, e mesmo não possuindo vastos conhecimentos e profundo espírito crítico, fez, contudo, muito para a conservação e difusão da antiga literatura. Dos seus numerosos escritos o mais importante é o intitulado *Origines* (libri XX) espécie de enciclopédia que trata de muitos e variados argumentos e que supre, com seu

conteudo, as obras perdidas. Com Isidoro, portanto, se encerra o nosso breve estudo da literatura latina, a qual cessa quando a linguagem falada difere substancialmente da escrita.

Resta-nos lançar um olhar às condições da jurisprudência, que fora já fulgidíssima glória de Roma, como tambem ao código justiniano. A necessidade de recolher um corpo de leis fizera-se sentir nos paises do ocidente mesmo antes que nos do império do Oriente; não só porque no Ocidente, apesar das invasões bárbaras, a jurisprudência sempre tivera cultores, mas ainda porque as condições dos vencedores e dos vencidos deviam ser definidas em via legal. E foram tentativas o *Edito de Teodorico*, a *Lex romana Visigothorum*, a *Lex Burgundiorum*.

No Oriente no ano 528 o IMPERADOR JUSTINIANO encarregou uma comissão de eminentes jurisconsultos, presidida pelo célebre TRIBONIANO, de compilar o que foi chamado *Corpus juris*, do qual o *Codex Justinianeus* contem as disposições imperiais, os *Digesta* (Pandetas) o espírito da legislação romana antiga; as *Institutiones* encaminham para o estudo das leis as *Novellae* compreendem os acréscimos. Justiniano teve em mira tornar imortal o seu nome, e por termo às controvérsias dos juristas, com uma legislação absolutamente uniforme.

INDICE ALFABETICO DOS AUTORES

E

F

G

H

I

J

L

M

T

U

V

ÍNDICES

I

ÍNDICE MORFOLÓGICO

DOS

SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS QUE APRESENTAM ALGUMA PARTICULARIDADE NA DECLINAÇÃO

E DOS

PRONOMES

O primeiro algarismo indica o número marginal progressivo dos parágrafos. A abreviação *pág.*, que às vezes o precede, por exceção, designa a *página*, que deve ser consultada.

Os outros algarismos ou as letras do alfabeto assinalam as subdivisões dos parágrafos.

II

ÍNDICE VERBAL

MORFOLÓGICO E SINTÁTICO

I. — MORFOLÓGICO

O primeiro algarismo indica a página, o segundo o número progressivo dos parágrafos marginais ou da lista verbal dos verbos irregulares; as letras do alfabeto indicam as suas subdivisões.

ABREV.: c = (*verbo*) *composto*.

II. — SINTÁTICO

As citações em grifo, que veem depois da letra S. (=Sintaxe), referem-se às construções sintáticas. O primeiro algarismo indica o número marginal progressivo dos parágrafos. As letras do alfabeto ou os algarismos as suas subdivisões.

III

ÍNDICE ALFABÉTICO

DAS

PRINCIPAIS CONSTRUÇÕES SINTÁTICAS CONTIDAS NESTA GRAMÁTICA

O primeiro algarismo indica o número progressivo dos parágrafos. As letras do alfabeto ou os algarismos as suas subidivisões.

Observação final

E' a primeira vez que nossa gramática se apresenta na ortografia oficial. Com relação à mesma devemos lamentar tão somente alguns deslizes aquí e alí.

Com relação ao Latim propriamente dito, até o presente só encontramos os seguintes erros tipográficos que mereçam reparos.

Última linha do n. 256, *a*, pág. 221; onde se lê
te interroga *leia-se* **te interrogabo**.
Última linha da pág. 240, n. 297, *d*; onde se lê
o substantivo indo *leia-se* **indo o substantivo**

Esse mesmo n. e letra deveriam terminar (pág. 241) com as palavras **Pythagoras in Italiam venit.** As palavras que vêm em seguida: *depois de ter enviado* etc., é a continuação da tradução da observação *1* do n. 298 *...três partes, depois de ter enviado na frente...* etc. Foi uma infeliz transposição pela qual autor e corretores pedem a benevolência dos bons amigos.

N. 409, *a*, obs. *1*, onde se lê **cognovi**=*conheci-me* leia-se *conheci*.
A citação do n. 526, pág. 411; onde se lê n. 416, *c*, obs. *2*, pág. 300, *leia-se* n. 523, *c*, obs. *2*, pág. 408.

Os nossos agradecimentos a quantos nos foram generosos de suas luzes e auxílios.

DEIPARAE VIRGINI
CHRISTIANORUM ADJUTRICI
TOT BENEFICIORUM MEMOR
ET QUAS
PRO HIS
DEBEO GRATIAS
PERSOLVO
ET HUNC
TIBI
QUALEMCUMQUE LIBRUM
DEDICATUM VOLO

ADULESCENTIUM
PATRI ET MAGISTRO
SANCTO JOANNI BOSCO

LORENAE, IN BRASILIA SANCTI PAULI, ANNO MILLESIMO NONGENTESIMO TRICESIMO NONO, ANTE DIEM SEXTUM IDUS DECEMBRES.

ÍNDICE GERAL

PRIMEIRA PARTE — FONOLOGIA

SEGUNDA PARTE — MORFOLOGIA

TERCEIRA PARTE — SINTAXE

CAPITULO I — SINTAXE DAS CONCORDANCIAS

CAPITULO II — SINTAXE DOS COMPLEMENTOS

CAPITULO III — SINTAXE DOS CASOS

CAPITULO IV — SINTAXE DOS ADJETIVOS

CAPITULO V — SINTAXE DOS PRONOMES

CAPITULO VI — SINTAXE DOS NUMERAIS

CAPITULO VII — SINTAXE DO VERBO

APÊNDICES

ÍNDICES